

ANDRE
VIANCO

BENTO

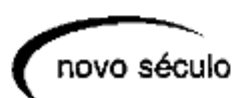
HERÓI HUMANO
INIMIGO VAMPIRO



André Vianco

BENTO

HERÓI HUMANO
INIMIGO VAMPIRO



Digitalização e revisão: Isis Maat



www.portaldetonando.com.br/forum/portal.php



Copyright © 2003 by Novo Século
Mediante contrato firmado com o autor

Direção Geral *Luiz Vasconcelos*
Supervisão Editorial *Silvia Segóvia*
Assistente Editorial *Livia Wolpert*
Editoração Eletrônica *Sergio Gzeschnik*
Capa *Christian Pinkovai*
Revisão *Érika Moraes*
Maria Rosa Kushnir

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vianco, André	
Bento : "Herói Humano, Inimigo Vampiro" / André Vianco. Osasco, SP : Novo Século Editora, 2003.	
1. Ficção	I. Título.
03-6107	CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura Brasileira 028.5

2005

Proibida a reprodução total ou parcial.
Os infratores serão processados na forma da lei.
Direitos exclusivos para a língua portuguesa cedidos à
Novo Século Editora Ltda.
Av. Aurora Soares Barbosa, 405 – 2º andar – Osasco – SP – CEP 06023-010
Fone (11) 3699-7107
www.novoseculo.com.br
editor@novoseculo.com.br



Agradeço à amiga Martha Argel pelas dicas de impacto ambiental. Grande garota! Agradeço também a todos os leitores que entraram em contato via e-mail cobrando um novo livro. (Aqui está, gente!) Agradeço a todos que vêm lendo e comentando sobre os livros deste escritor para os amigos, parentes, professores e todo ser que anda e lê sobre a terra.

Beijão e abraços para todos.

Este livro é dedicado aos meus tios: Negão (Zélio) e Del (Vandélio).

Olhando de perto... nossa vida é bem feia.

Capítulo 1

Abriu os olhos. O lugar estava escuro. Só isso sabia. Que estava num lugar escuro. Flexionou os dedos, sentindo e ouvindo-os estralar. Os braços estavam estendidos, rentes ao corpo. A garganta seca. As costas doloridas, como se tivesse dormido mais do que de costume. Precisava levantar e tomar água. Quis erguer os braços, mas estava fraco. Dor. Confusão mental. Onde estava? O estômago ardia e a garganta seca incomodava mais uma vez. Não estava em sua casa... Uma sensação estranha. Como aquelas de infância quando vamos dormir no sítio do tio e acordamos assustados de manhã, olhando para o teto, encontrando um cenário tão diferente do nosso habitual. Nessas horas a gente leva um instante para lembrar... Lembranças. Sentiu medo. Tentou levantar-se novamente, mas a fraqueza impedia. Sentiu espasmos musculares nas pernas e braços. Cãibras. Dor. Solto um gemido entre dentes. Tentou pedir ajuda, mas a voz não saiu. O estômago queimava. Tinha alguma coisa espetada no braço. Uma agulha! Não podia ver, mas sabia que tinha uma agulha enfiada no braço. O medo novamente. Os olhos arregalaram e os globos dançaram nervosamente. Onde estava? Não era seu quarto! Sabia que não era! Não estava em sua casa! Respirou fundo repetidas vezes, com o peito subindo e descendo, parando de retorcer-se de dor e desespero por um momento. Tentava lembrar-se... mas não conseguia. Como eram os móveis em seu quarto? Não conseguia se lembrar de sua casa, mas sabia que estava longe de lá. Em sua casa não estaria com uma agulha espetada no braço! A mente clamou por calma. Tentava recuperar o controle da respiração. O coração batia disparado. Talvez estivesse amarrado. Por isso não conseguia mexer-se. Estava amarrado. Respirou fundo. Onde estava? Deus do céu! O que tinha acontecido com sua casa? O que tinha acontecido consigo? — perguntava-se atropeladamente. — Seqüestro? Doença? Onde estava a luz? Desespero. Os olhos começaram a lacrimejar intensamente, a ponto de ter lágrimas escorrendo pelos cantos dos olhos, descendo em direção dos ouvidos, posto que se encontrava deitado. Não conseguia nada além de flexionar os dedos doloridos das mãos. Os artelhos estralaram e também doeram na primeira flexão. Fechou os olhos. Abertos ou cerrados era indiferente. Nada tinha além da escuridão absoluta e do desprazer da consciência. Uma única coisa diferia com os olhos fechados. Uma ponta de segurança. O medo diminuía. Era como mergulhar num canto seguro. Imaginar proteção. Voltava a um lugar conhecido. Voltava para dentro de sua cabeça. O peito doía. Tentou lembrar-se da noite passada. O que tinha feito antes de dormir? O que tinha comido? Pizza da *Tomanik*? Um *Tchê Filet*? O medo voltava a crescer. Desespero. Não conseguia lembrar. Não conseguia. Não tinha memória! Não tinha vida!

Despertou depois de algumas horas. Tinha tido um pesadelo horrível. Tentou levar a mão à testa. Realidade terrível. As mãos continuavam atadas à cama. E aquela dor aguda no braço. Algo na vena... vena? Não. Confusão. A palavra certa era veia, não vena. Dor de cabeça. Tossiu. Garganta seca e dolorida. Fome. Uma fome do cão. Uma fome dos infernos. Sede. Precisava de água. Puta merda! Dor nos músculos. Queria ficar de pé. Chacoalhou-se na cama. Um barulho. Passos. Um facho de luz. Fez um barulho. Um som gutural escapou da garganta... o que deveria ser um pedido de socorro soara como um resmungo. Precisava de ajuda. Calou-se. Conteve a saliva na garganta, evitou engolir. Pensou. E se aqueles passos não viessem de um amigo? Poderia ter sido seqüestrado. Podiam ser os pés do inimigo. O responsável por estar preso e com uma coisa espetada no braço. Os músculos doíam tanto. Não devia ter se chacoalhado. Agora tudo doía. Virou a cabeça e apurou os ouvidos. Passos e vozes. Eram dois ao menos. Fechou os olhos. Fingiria dormir. Talvez passassem por ele sem incomodá-lo. Precisava descobrir onde estava e o que fizera na noite anterior. Relembrar os últimos passos. Mas aí o medo voltava. O pavor. Não se lembrava de nada. Nada! Onde morava? O que fazia? Deus! Amnésia. Só podia ser isso. Não conseguia lembrar. Lembrava a droga do termo médico, mas não lembrava o nome do modelo de seu carro. Carro... Aquietou-se. Fuxicavam. Podia ter sido um acidente de carro. Falavam baixo para que ele nada ouvisse. Quem seriam? Aproximavam-se. Fechou os olhos. Sabia que estavam parados ao seu lado. Fingir-se-ia de morto. Mas e se fossem a salvação? A resposta para as perguntas? Sentiu dedos forçando sua pálpebra. Abriam-lhe os olhos contra a vontade. Um facho de luz cegante. Explodiu num grito.

— Falei que este aqui também tava.

A mão forçou o olho mais uma vez. A luz encheu e queimou o globo. Um gemido em protesto. Um pigarro seco.

Abriu os olhos. Dois homens com aventais brancos. O mais baixo anotava numa prancheta. O mais alto, de bigode, ajustava um estetoscópio na orelha e colocava o espelho frio em seu peito; na outra mão trazia uma lanterna.

— Me ajudem... — gemeu a voz fraca do homem deitado e amarrado.

Os homens pareciam ignorá-lo. Nenhuma palavra de amparo.

— O que você acha que ele é?

— Como vou saber? Ele acabou de acordar. Demora uns dias.

— Ah... — exclamou o outro, como se fosse novo no serviço. O de bigode estalou os dedos junto ao tímpano do examinado.

O homem assustou-se e virou os olhos para ele rapidamente.

— Reflexos bons. Está ouvindo, pelo menos. Tem cada um. — disse, enfadonho. — Anota aí. O mais baixo obedeceu.

O de bigodes olhou para o examinado. Fitou-o por uns segundos.

— Sabe teu nome? Lembra-se de alguma coisa?

O paciente meneou a cabeça negativamente. Engoliu a seco, semicerrando os olhos, atordado pela luz. Deus do céu! Não lembrava nem de seu próprio nome.

— Anota aí.

— Me ajuda. — clamou o recém-desperto. — Onde estou?

— Eles vêm te buscar em algumas horas. Tu e o outro. Vão explicar tudo pra ti. Tenta relaxar. Boa sorte.

Quis reclamar, mas a voz não saiu.

Os homens deixaram o lugar. O facho de luz desapareceu. Escuridão.

"Eles vêm te buscar em algumas horas."

Fechou os olhos. Respirava profundamente. Deixando o peito magro encher completamente e depois esvaziar até o último litro. O que estava acontecendo? Sufocou-se com um engasgo involuntário. Lágrimas descendo pelo rosto. Droga! Não lembrava do próprio nome.

Capítulo 2

Acordou com barulho novamente. Passos aproximando-se. Fatos de luz dançando no seu campo de visão. Luz de lanterna. Fatores de risco. Pensava em fatores de risco. Tentou manter os olhos abertos. Alcoolismo? Ninguém era trouxa de preencher esse campo com um sim. Ano da habilitação? Família? Apertou os olhos. As luzes perto. Moveu a cabeça, estirando-a completamente para trás. A pele do pescoço tesa. O gogó saliente. O cabelo crispado contra o leito. Tentava ver quem vinha. Pareciam dois. Dois homens. Podia ver, de ponta-cabeça, a luz batendo nas paredes. Pareciam recobertas por azulejos brancos. Do chão ao teto. Um hospital? Só podia ser. Não ouvia vozes desta vez. Eles vinham em silêncio. Seriam os mesmos homens de antes? Possivelmente. Lembrou-se que o modelo era importante. O ano. As vezes, o modelo diferia do ano, então alterava o valor. Apertou os olhos. Por que pensava nisso agora? Modelo? Ano? Tinha que se concentrar nos homens chegando. Tinha que se concentrar. Duas lanternas em seu rosto. Não conseguiu manter os olhos abertos. A claridade incomodava absurdamente. Não eram os mesmos homens. Usavam os mesmos aventais, mas não eram os de antes. Eram mais altos e mais fortes. Usavam óculos grossos... óculos de segurança, todo feito em acrílico. E tinham máscaras para respirar. O paciente voltou a respirar rapidamente, aflito. Estavam tão protegidos, tomavam tantos cuidados... logo, só podia estar doente. Só podia ser isso. Tinham os olhos diferentes. Olhos verdes. Sentiu a cama ser deslocada. Era uma maca com rodas. Passou a deslizar pela sala. Podia ver outras macas. Deus! Sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha. Apesar da penumbra... podia estar certo. Pouca luz vazando do foco das lanternas, mas podia ver outros corpos! Mais gente... parecia gente morta. Quantas camas existiriam? Passou por dezenas. Dezenas. E a luz das lanternas era tão fraca, não conseguia ver muito, não conseguia ter certeza de muita coisa. Os olhos voltaram-se para o teto. Nenhuma lâmpada. As luminárias estavam vazias. Não estavam apagadas. Estavam vazias. A luz nunca chegava ali. Só por aquelas lanternas daqueles homens estranhos. Para onde estava sendo levado? Pigarreou, preparando a garganta seca e teimosamente dolorida.

— Onde estou?

Os homens olharam ligeiramente para o recém-desperto. Voltaram a prestar atenção no caminho.

— Pelo amor de Deus, não me ignorem. — reclamou o homem, pigarreando novamente. — Onde estou? O que aconteceu comigo?

— Não podemos falar. Ainda não é hora.

— Só queria saber onde estou... por que não podem me dizer?

— Você não está preparado. Calou-se.

Continuou sendo conduzido por um extenso corredor, igualmente recoberto por azulejos brancos. Luz. Fechou os olhos. Dali em diante havia luz. Surgiram intercaladas uma luminária acesa e duas sem lâmpadas. Quando passava pela iluminação mais abundante era obrigado a espremer as pálpebras. Os olhos arredios rejeitavam a claridade. Dor de cabeça. O corpo fraco. Sede. Pôde ver sua pele pela primeira vez. Impressionou-se com a magreza dos braços e a brancura da derme. Estava doente, visivelmente doente. Podia ver seus ossos!

— O que eu tenho? Estou doente?

— Fica quieto que é melhor. Depois a gente fala.

— Eu vou morrer?

Os dois riram, sem parar de conduzir a maca. Não falaram mais com o desperto, não responderam as perguntas. Apertaram um botão. Viram o paciente girar os globos oculares em todas as direções.

Por que tinham parado? O que era aquele botão luminoso. Barulho escapando detrás da porta. Sede e dor. O estômago queimando.

— Preciso de água. Pelo amor de Deus! Só um gole. Os homens ignoraram.

O barulho aumentou atrás da porta. A porta dividiu-se, abrindo passagem. Um cômodo apertado esperava do outro lado. Entraram com a maca. Girou os olhos. Um painel com oito círculos numerados. O mascarado escolheu um deles. O cômodo balançou. Sensação estranha na barriga. Sabia o nome daquilo. Elevação... elevativo... não... elevador. Um elevador. Os homens tiraram as máscaras. Estranhou. Se estava doente, se precisavam de máscaras lá embaixo... por que estavam tirando agora?

O elevador abriu a porta novamente. Mais uma vez a maca trafegou por um corredor. Pararam. Uma porta foi aberta. Havia luz na sala toda. A maca foi conduzida até o centro do ambiente. Um dos condutores, sem aviso ou preparo, puxou a extensa agulha do braço do desperto. Um pouco de sangue vazou na dobra interna do cotovelo esquerdo. O homem acordado soltou um gemido breve. Estava agitado, com a cabeça girando para lá e para cá, com os olhos apertados por causa da claridade, mas tentando ver tudo.

O quarto de azulejos brancos de cima a baixo era amplo, com paredes de cinco metros em cada face. Vigorosamente iluminado. Uma das paredes comportava um vidro grosso, formando uma espécie de janela larga. Simples. Sentiu a agulha sair do braço. Gemeu. O outro libertava seus braços e pernas das cintas de couro que o mantinha imobilizado. Respirou fundo. Que raio de hospital era aquele? Que doença ele tinha? Por que não se lembrava direito das coisas?

Os homens de avental e máscaras cirúrgicas penduradas no queixo saíram, deixando o recém-desperto a sós. Agora era com ele.

Ele tentou levantar-se. A cabeça parecia que ia explodir. Estava indignado com o tratamento. Por que não lhe explicavam as coisas? Por que era assim? Piscou. Os olhos

acostumavam-se paulatinamente com a luz. Sentia-se fraco. Conseguiu apoiar-se nos cotovelos, deixando o tronco elevado. Sentiu tontura. Muita tontura. Veio o enjôo. Teria sido envenenado? Como podia ter ficado tão mal de um dia para o outro? Como podia ter passado uma noite tão mal dormida? Não fazia sentido. Exceto se... um calafrio ao imaginar uma terrível possibilidade. Exceto se não estivesse naquele hospital por um dia apenas. Podia estar ali há uma semana. Um mês! Teria acontecido algo com sua cabeça? Acidente. Talvez. Acidente vascular cerebral. Talvez. Não conseguia se lembrar do próprio nome... inspirou fundo. Tinha se lembrando de amnésia, da AVC, mas não lembrava a porra do nome. Sorriu nervoso. Palavrão lembrava, mas o nome, não. Olhou para a grande janela. Forçou a cabeça para frente, sentando-se no fino colchonete da maca hospitalar. As costas doeram. Estendeu as mãos diante dos olhos. Mal estar. A pele estava estranha. Impressionantemente empalidecida. As unhas pareciam grossas e estavam mais compridas do que costumava deixar. A mão era pele e osso. Horrível. Alterou o ritmo da respiração. As unhas dos pés também estavam compridas e arroxeadas. Fazia tempo que não as cortava. Estava nu. Não tinha percebido por causa da claridade, mas o lençol que cobria a parte baixa de seu corpo tinha sido levado com os carregadores de maca. Os pêlos negros sobre o peito pálido destacavam-se. A barriga afundava, juntando-se à pélvis, onde mais pêlos negros brigavam com a alvura cutânea. Tontura. Via bolinhas flutuando diante dos olhos. Alguma reação do corpo por colocar-se subitamente de pé. Tocou o chão com a planta dos pés. Um frio intenso subiu pelas pernas. Sentiu até mesmo o saco escrotal retrair-se abruptamente. Choques nos nervos. Cambaleou e não se conteve, caindo no piso branco de lajotas azulejadas. O corpo todo gelou. Engatinhou até a parede. Ia vomitar. Estava zozinho. A vista turvou. Os lábios tinham rachado com o esforço. Não em um ponto apenas. Ao menos três cortes em cada lábio. Viu adiante um catre preso por correntes finas à parede. Apoiou-se no catre acolchoado e sentou-se à beira. Não conteve o suco gástrico que verteu ralo, azedando-lhe o paladar e deixando a boca ácida. Pelo menos a boca fora umedecida. Deitou-se um instante na cama, esperando que o quarto parasse de girar e que os espasmos estomacais abandonassem seu corpo. Não queria mais vomitar. Não estava bem. Queria entender o que se passava. Que doença havia lhe acometido? Onde estava e, principalmente, quem era? Lágrimas molharam a face do homem. Ele não se lembrava da própria identidade e isso lhe desesperava.

Capítulo 3

Adriano retirou o capacete de cima da poltrona. Passou a mão pelo curto cavanhaque. Olhou-se no espelho e benzeu-se. Deus! Sabia que a próxima missão não seria fácil. Já tinha feito muitas cruzadas. Muitas empreitadas como aquela. Mas sempre tinha medo. Muito medo. Faltavam poucos minutos para o nascer do sol. Teriam todo o dia para cruzar a estrada até a próxima cidade. O próximo forte. Tinha informações novas a levar. Informações para o plano. Estavam chegando perto de uma nova arma para combater o mal noturno. Precisava deixar Nova Luz naquele alvorecer. As coisas tinham que seguir em frente, independente de seus temores. Temia, porque sabia o que acontecia quando as coisas saíam errado na estrada. O mundo era outro desde a Noite Maldita, como ficara conhecida a noite daquele funesto evento. Trinta anos passaram-se desde então. Adriano era um moleque na ocasião. Um menino que queria aprender a andar de *skate* como o irmão mais velho. O irmão que se tornara um daqueles malditos. O irmão que nunca mais fora visto. O pai caíra em um sono profundo e a mãe tornara-se uma espécie de louca. Crescera como muitos da sua idade. Aprendendo a se virar com os sobreviventes. Arrastando a mãe para as fortificações e fugindo dos malditos durante a noite. Crescera um soldado. Um soldado bravo. Agora era peça importante na luta contra os noturnos. Era um dos escolhidos. Um dos poucos soldados a conhecer o plano. A saída alternativa para derrubar os malditos da noite.

Pegou a mochila colocada em cima da cama. A esposa, Carina, ainda dormia. Essa era a vantagem de ser um soldado importante. Tinha a casa constantemente vigiada e, com esse luxo, podia dormir a noite toda em paz. Mesmo assim não dispensava armamento pesado deixado ao lado do leito. Outro luxo. Armas de fogo carregadas. Não eram todos que as tinham hoje em dia. Munição era um artigo valioso.

Adriano vestiu uma jaqueta *jeans*. Apesar do ar morno àquela hora da madrugada, o trajeto até São Vitor seria feito em motos. Uma jaqueta sempre era proteção a mais.

Beijou a mulher que dormia e deixou a casa. O céu já não estava mais tão escuro. Uma claridade fraca tornava-o roxo-alaranjado. Nuvens cruzavam baixas e velozes.

O mundo estava tão diferente que, às vezes, era difícil de acreditar que se vivia no mesmo planeta. Vida: só experimentavam durante o dia, durante as horas de sol. Durante a noite, fechavam-se, protegiam-se como podiam. Defendiam-se dos malditos noturnos. Dos monstros das trevas. Fechavam-se em comunidades como aquela. Cercadas por muros altos e vigias noturnos. Olhos abertos. Só relaxavam quando o sol nascia. Mas tremiam quando o astro rei deitava no horizonte. Sabiam que a luz era a única defesa inabalável. A escuridão era a chave que libertava o mal sobre a Terra. Durante as horas noturnas, eles corriam pelas florestas, pelas

matas que tomavam as cidades antigas. Os grandes centros não existiam mais. Ao menos para a humanidade. Lá os noturnos tinham se instalado, formando gigantescos e perigosos covis. Durante as noites, eles destruíam estradas. Eles destruíam hidrelétricas. Minavam as forças dos sobreviventes. Vinham para as comunidades e invadiam os recantos, atravessando os muros fortificados, buscando os vivos para deles tomarem a vida ou criarem novos escravos. Caçavam. Buscavam os adormecidos. Tramavam. Queriam os adormecidos. A força das criaturas noturnas crescia. Selvagens, comiam a tecnologia conquistada. Impediam que os sobreviventes se unissem, dificultavam estratégias conjuntas, ampliavam a separação. Não havia mais telefonia. Não havia mais rede de computadores. Não havia mais eletricidade. Raros eram os lugares seguros. Atacavam em bandos. Tomavam sangue. Tomavam vidas. A chegada da noite era o terror dos sobreviventes. Chamavam-se assim, sobreviventes, pois era o que eram. Sabiam que daqui para o fim dos dias era assim que se sentiriam. Meros sobreviventes. Gente que escapou do grande mal que dizimou o mundo conhecido. Eram agora como ratos acuados com medo de gatos gigantes. Gatos insanos, com presas afiadas e compridas, com sede de sangue. Tinham medo. A cada alvorecer oravam agradecidos ao céu por estarem vivos, por estarem sãos. A cada anoitecer muitos sucumbiam à loucura. Choravam desesperados. Com medo ou das criaturas noturnas ou de que caíssem no sono e não mais se levantassem. E se essa noite se repetisse, tinham medo de acordar feito malditos, loucos pela escuridão e com medo do sol. Era difícil acreditar naquele mundo... uma fantasia tirada de livros antigos, de filmes perversos.

Adriano adentrou o pátio. O chão de terra batida exalava um cheiro agradável produzido pelo evaporar do orvalho. Oito motos estavam em pé, lado a lado, esperando por seus cavaleiros. Adriano olhou para seu time. Eram bons homens. Apenas um novato. Um soldado em formação. Não importava quão estúpido parecesse o iniciado, era sempre recebido como um irmão. Poucos tinham coragem de se unir à missão dos cavaleiros. Ligar as cidades. Continuar a comunicação. Uma tarefa perigosa. Para ser cavaleiro era preciso ter coragem. E eram tão poucos os que se dispunham a cruzar as estradas que, por essa razão, aceitavam o alistamento tanto de homens quanto de mulheres.

Adriano fez um sinal ao homem em cima do muro. Rodeou os companheiros e olhou para Paraná, em cima da moto, do lado esquerdo, enquanto prendia o capacete. O soldado de Nova Luz trazia um saco de lona, com mensagens e alguns presentes de pessoas da fortificação para o velho Bispo, o místico de São Vítor. Ia também com ele a lista de nomes de parentes e conhecidos adormecidos nos porões do Hospital Geral de São Vítor (HGSV). Paraná acionou a partida elétrica da moto. Adriano olhou para a moto à direita. Gaspar estava de cabeça baixa, olhos fechados, com os dedos pressionando as pálpebras, concentrado e movendo os lábios. Estava rezando. O asfalto esperava. A rodovia começava imediatamente após o portão. Menos nuvens cobrindo o céu. As estrelas perdendo o brilho com a chegada da manhã. Adriano

respirou fundo. Apertou a presilha da mochila que vinha nas costas e checkou a bainha do facão preso à cintura. Guardou o rifle no coldre especialmente preso à moto. Uma moto esportiva, mil e duzentas cilindradas. A vermelhidão persistia no horizonte. Luz do sol. Olhou para os sete acompanhantes. Sorriu-lhes. Montou na moto e deu partida. Os soldados também ligaram os motores, todos potentes. Adriano colocou o capacete e repetiu o aceno ao guarda postado em cima do muro da fortificação. O portão começou a deslizar, dando aos homens a visão tão costumeira que tinham do terreno imediato à cidade. Nova Luz era cercada por Mata Atlântica, tão cerrada e repleta de altas árvores que a luz tardava a penetrar e chegar ao asfalto negro. Os oito cavaleiros aceleravam de maneira agressiva. Mantinham a embreagem puxada para que as motos não saíssem antes do motor esquentar um segundo. Adriano era o "puxador". Somente depois que ele cruzasse o portão, iriam atrás. Adriano olhava fixamente para o soldado do muro. Lá do alto, o colega observava a mata com um binóculo. Checkou o posto de vigia, trezentos metros a frente. O vigia acenou, a estrada estava livre. Do alto do muro o soldado fez um sinal positivo para o motoqueiro líder. Adriano soltou a embreagem e disparou pelo asfalto umedecido pelo orvalho. Os motores roncaram e, um a um, formando uma fila, correram atrás do puxador. O tempo era tudo. As paradas seriam escassas. Tinha que comer chão e chegar na cidade destino, São Vítor, antes do anoitecer. Suas orações, antes de dormir, tinham durado, pelo menos, uma hora e meia de intensa concentração, pedindo uma coisa: estrada segura. Ao menos durante as horas de sol não precisavam se preocupar com os malditos noturnos, mas precisavam de caminho livre para chegar em São Vítor, não existia outra fortificação naquela rota. Oitocentos e noventa quilômetros até São Vítor. Saindo da estrada, cruzando a floresta, poderiam chegar a outros abrigos... mas motos não cruzavam florestas. Diacho de posto isolado o que foram escolher para morar! Não poderiam parar. Só assim para cobrir todo o trajeto sem cair no risco de ficarem na estrada durante as horas de escuridão. Com o sol recém-desperto, o ar ainda estava fresco e agradável. A estrada estendia-se sob as sombras das árvores abundantes. Folhas secas valsavam conforme a passagem feroz das máquinas velozes. Pelo retrovisor Adriano contou, ao menos, mais quatro de seus acompanhantes. Os demais vinham mais atrás, escondidos pela curva. Os faróis das máquinas ainda eram mantidos acesos. O coração do "puxador" estava acelerado. A adrenalina sempre ia às alturas quando deixava Nova Luz para uma missão. Era sempre uma aventura incerta percorrer a gigantesca distância que separava o lar fortificado da próxima vila protegida. O medo sempre o colocava alerta. Mas sempre vinha aquela energia. Aquela energia que o fazia sorrir. Uma satisfação quase masoquista em colocar-se em perigo, em fazer o sangue ser bombeado mais rápido nas veias. Uma gratidão expressa pelos hormônios quando colocava o corpo, e a vida em risco. Era um viciado nas estradas. Um viciado na aventura. Sabia que contra isso nada podia fazer. Era um soldado. Um cavaleiro.

Capítulo 4

Acordou. A sala de azulejos brancos continuava a fazer parte de sua realidade. O homem que anotava ainda estava lá, atrás da grande janela. Olhou com atenção. Era outro. Estavam se revezando para vigiá-lo. Anotando coisas em papéis. Sentia-se um experimento.

Sentou-se no catre. Sentia frio. Quando lhe dariam algo para vestir? Mais que cobertura, queria água. Mal havia acordado e a sede transtornava-o. Esfregou os músculos doloridos das coxas e dos braços e sentiu físgadas nas costas enquanto olhava para o maldito colchão fino, culpado de tanto desconforto. Já a palidez mórbida não o assustava, estava se acostumando com a pele branca, não se enojava tanto pela própria aparência. Há quantas horas estava sendo vigiado ali? Mais de um dia? O estômago queimava. A boca estava seca e ainda recendia o gosto azedo do vômito. Sentia-se engaiolado como um rato de laboratório. Pela primeira vez um sorriso brotou na face. Encarou o homem que olhava atrás do vidro, enquanto uma ardência chata lembrava que tinha estourado os lábios ressecados. O homem pareceu anotar mais alguma coisa. O engaiolado sorria porque se lembrava da expressão "rato de laboratório", mas não conseguia se lembrar do primeiro nome.

Agora, mais lúcido, analisava melhor o quarto. Além da ampla janela de vidro, existiam três portas. Uma ao lado do catre e a outra na parede oposta, de frente para a primeira. A última ficava de frente para a janela de vidro, centralizada na parede. Achava que tinha entrado por ali. Então, passando aquela porta, chegaria ao corredor por onde viera. Parou de divagar e voltou a examinar as portas. Eram todas brancas, como os azulejos, mimetizando-se às paredes. A luz forte, vinda do teto, parecia refletir em todo o ambiente. Esperava sair dali logo. Parecia uma jaula de hospício. Se ficasse ali mais um dia, se ainda não estivesse, acabaria louco.

Reparou em outra coisa. O chão, onde tinha vomitado; estava limpo. A maca, que fora deixada no meio do cômodo; tinha desaparecido.

Respirou fundo. Procurou acalmar-se. Pensava. Tentava lembrar. Lembrava-se da sala de sua casa. Uma televisão de 21 polegadas. Um tapete azul. Mas não se lembrava de muitas coisas. O endereço... morava em São Paulo, mas não se lembrava do nome da rua. Lembrava de árvores em frente ao prédio, de orelhões públicos... mas não se lembrava do nome da bendita rua. Lembrou-se de um comercial da Casa do Pão de Queijo... depois de uma revista. Revista Veja. Colocou a mão na boca. Um carro cinza veio-lhe à mente. Qual era o nome daquele modelo? Esforçava-se... os nomes. Parecia que o problema era esse. Lembrava-se de algumas coisas, mas não se lembrava dos nomes de todas as coisas. Flutuava nas frações de lembranças quando notou batidas na porta. Não na porta de frente para a janela, vinham da porta de frente ao catre. Primeiro, três batidas curtas. Levantou-se. Ainda nu. Cruzou o quarto. Novas batidas.

Voltou ao catre e sentou-se, cobrindo o sexo com as mãos. Depois de "vestir-se", pigarreou e pediu que a pessoa entrasse. Silêncio. Ninguém entrou. Novas batidas. Ele olhou para o homem do outro lado do vidro. O mesmo lhe observava, silencioso... quase pôde perceber certa curiosidade no olhar do espectador. Levantou-se, mais uma vez, e foi até a porta. Novas batidas, agora em ritmo. Respondeu batendo com o punho contra a porta. Ela era feita de metal. Parecia oca. Bateu mais algumas vezes, respondendo aos batiques do outro lado. Por que não abriam aquela porta? Olhou para o observador. O homem anotava. Foi até o grande vidro e encostou o rosto na peça transparente, tentando ver mais à direita. Procurava por outro homem observador. Isso significaria que a pessoa que batia ao lado também era analisada. Que era um vizinho. Um irmão na condição. Sorriu. Viu outro homem de avental branco do outro lado. Sua suposição era certa, então. De repente, viu seu rosto refletido no vidro. A janela tinha se transformado, gradativamente, num espelho. Afastou-se do vidro. Voltou para sua cama. Quando acabava de se deitar, ouviu um chiado vindo do teto. Um chiado agudo. Desses que escapam de alto-falantes. Microfonia. Uma voz metálica. — Levante-se.

Ele obedeceu. Olhava curioso para o teto, A luz fluorescente incomodava, fazendo apertar as pálpebras. De onde vinha a voz? Seria o observador?

— Encoste-se na parede, entre a cama e a porta branca.

Ele sorriu. Havia alguma porta de outra cor? Falador idiota. Só tinham portas brancas naquela droga de gaiola de merda. Obedeceu, encostando-se à parede. Um barulho atrás da cabeça. Uma garra metálica enroscou seu pescoço. Assustou-se. O que era aquilo? Mais barulho e dois grilhões envolveram seus punhos. Estava preso. A garra apertou e puxou seu pescoço e deixou-o colado ao azulejo frio em suas costas nuas. Se não ficasse imóvel e encostado à parede sufocaria.

Depois de minutos intermináveis, a porta de frente ao espelho abriu-se. Uma mulher de bata branca entrou. Ele a viu com o canto dos olhos. Ela trazia uma bandeja metálica. Era uma médica?

— Bom dia. Sou a Dra. Ana. — disse a mulher, ficando de frente para o homem.

Ele viu que a médica usava óculos de proteção, iguais aos dos homens que o trouxeram daquele lugar escuro. Aquele plástico... tinha um nome... um material plástico... no entanto não se lembrava do nome daquele produto... tinha lembrado quando viu aquilo pela primeira vez... mas agora...

— Vim colher sangue para alguns exames. Você já lembrou seu nome?

O homem olhou nos olhos da doutora. A boca da mulher... achou-a bonita. Fechou os olhos por um instante, como se fizesse um esforço. Estava pelado. Não poderia ficar excitado. Que vergonha...

— Lembrou teu nome? — repetiu a doutora.

— Não. Não lembro dos nomes... nem do meu, nem de nada. Lembro do nome de algumas coisas... quase nada. Lembrei do meu carro, mas não lembro o nome do modelo. Lembrei do nome do que são feitos os óculos que vocês usam, mas agora eu esqueci.

A doutora sorriu enquanto amarrava uma tripa de borracha no braço do paciente.

— É assim mesmo.

— O que eu tenho, doutora?

— Vamos descobrir, já, já.

— Que hospital é esse?

— Hospital Geral de São Vitor.

— São Vitor? Não me lembro desse hospital... — balbuciou o homem. — Esta cidade...

Ele sentiu uma fisgada no braço. Seu sangue enchia um tubo de ensaio. Uma etiqueta numerada envolvia o tubo. Sobre a cama, com o canto dos olhos, viu outro tubo, já cheio de sangue e também etiquetado. Aquilo confirmava suas suspeitas. Realmente tinha um vizinho.

— Pronto. Já tenho o suficiente. Doe? — perguntou com um sorriso.

— Não, senhora.

A médica retirou a agulha. Manipulou o tubo, colocando-o junto com o outro na bandeja.

— Abra a boca.

Ana examinou os dentes do paciente, examinou a garganta jogando luz pela cavidade bucal. Depois examinou os olhos, virou a cabeça do rapaz, segurando-o pelo queixo com a mão enluvada e examinou também os canais auriculares.

— Você teve enjôos?

O homem limitou-se a confirmar com a cabeça.

A doutora colocava agora um estetoscópio em seu peito.

— Por que estou tão pálido, doutora?

— Falta de sol.

O homem ficou quieto por um instante, ruminando hipóteses, então tornou:

— Quanto tempo estou internado aqui?

Ana olhou-o demoradamente nos olhos. Ele identificou alguma coisa naquele olhar. Um calafrio percorreu seu corpo. Parecia que aquela mulher estava com pena dele.

— Ainda não é hora de falar disso, Lucas. Vamos ver esses exames primeiro. Você tem que ficar nesse quarto por mais alguns dias até poder sair e saber toda a história. Tem muito fogo e fumaça pela frente.

O homem ficou estranhamente quieto, olhando-a. Ana notou quando os olhos dele encheram-se de lágrimas.

— Bem, eu vou indo. Volto amanhã para te ver.

— Você me chamou de Lucas...

Ana ficou sem graça. Não era hora de ter lhe dito o nome. Ela olhou sem graça para o grande espelho. Tinha cometido um engano. Não dos graves, do tipo que a faria ser chamada à sala do diretor, mas tinha pisado na bola. Era bom quando eles lembravam sozinhos das coisas mais básicas. O empurrãozinho viria depois.

— É esse o meu nome...

Aquilo não soou como uma interrogação, tampouco como uma afirmação. As palavras saíram incertas, como se estivesse buscando no interior de sua mente alguma intimidade com o nome revelado. Alguma simpatia pela palavra. Uma confirmação... luz para um homem que não se lembrava do próprio nome.

— Foi um acidente que me deixou assim?

Ana já estava na porta de frente ao vidro. Bateu duas vezes. Olhou de volta para o paciente preso.

— Não, Lucas. Não foi um acidente. A porta abriu-se.

— Posso perguntar uma última coisa, Ana?

A mulher sorriu. Diferente dos outros, aquele homem a tratava pelo nome, com intimidade, como se fossem amigos de longa data. Estava quase certa de que ele não era um deles.

— Se eu puder responder...

O homem, com lágrimas descendo pelo rosto, ainda emocionado pela revelação do nome, olhou profundamente para a mulher. Ficou em silêncio.

Depois de alguns segundos, com a porta aberta, Ana tornou:

— Pergunte. Mas desembuche. Não posso ficar aqui o dia todo. O homem prendeu os lábios e passou a língua na pele fina, como querendo umedecê-los.

— Por que vocês têm medo de mim, Ana?

A médica ficou quieta por um breve momento. Os olhos dançavam nas órbitas. Ela procurava palavras.

— Não é medo, Lucas. É prevenção. Você vai acabar entendendo.

A médica saiu com a bandeja e a porta fechou-se automaticamente pelas suas costas.

Os grilhões libertaram Lucas.

O homem cambaleou para frente. Olhou para o espelho. Sabia que o observador estava lá.

— Estou com sede! — gritou. Silêncio nos alto-falantes.

— Estou com sede, porra! — falou mais baixo.

Lucas foi até o catre e deitou-se no colchão fino. Os olhos varreram o teto branco. Repetia infinitamente o próprio nome, ainda perseguindo a intimidade com a alcunha. Quem era Lucas? Apertou os olhos, tentando afundar nas lembranças. Ouvia agora o nome na boca de vários rostos. Gente apertando sua mão e dizendo "Lucas". Mulheres falando "Oi, Lucas". O nome repetido e repetido. Suspirou. Sua própria voz soando no arquivo de lembranças: "Prazer, Lucas."

"Qual é sua graça?" Tinha que se acostumar. Tinha que aceitar. Mas, finalmente, voltara a ser dono de um nome. De uma identidade a se apegar na beira daquele precipício que o conduziria à loucura. Lucas.

Capítulo 5

Já tinham ultrapassado a metade do caminho. Adriano enxugou o suor da testa. As motos estavam estacionadas no acostamento, onde existia uma grama rasteira que, gradativamente, avançava para a pista. Sinatra, sentado numa rocha lisa, começava a desfiar seu repertório exclusivo de *flashbacks* para os parceiros de estrada. Todos gostavam da voz do cantor do grupo que embalara muitos acampamentos na estrada, distraindo um pouco o medo. Os soldados tomavam água numa bica natural, que transbordava à beira do asfalto, ouvindo *Sonífera Ilha*, dos Titãs. A bica formava ali um tanque cristalino, com uma circunferência de quatro metros, aproximadamente. Apesar de pequeno, o lago era imensamente lindo. As pedras ao fundo podiam ser vistas, mas não chamavam tanta atenção quanto a Mata Atlântica ao redor. Não raro viam-se animais silvestres pulando entre as árvores, caçando frutas que eram encontradas com fartura naquela época do ano. A voz de Sinatra era acompanhada pelo guincho dos macacos e o piar de vários tipos de aves. O planeta todo sofrera gigantesca alteração nas últimas décadas. Sem a interferência maciça da raça humana, destruidora, a Terra respirava aliviada e retomava sua exuberância com o passar dos anos. As matas e florestas voltavam com força. Excluindo aquelas que serviam de caça para fins de alimentação. Os animais cresciam e espalhavam-se naturalmente, lutando exclusivamente contra seus predadores silvestres. Nem os homens, nem os malditos noturnos, interessavam-se pelas criaturas das florestas. As aves voltavam a reinar no céu. Alguém que tivesse vivido há trinta anos estranharia imensamente aquelas novas paisagens. Eram lindas demais... em mais de um sentido.

Adriano também tomou água gelada da fonte natural e abasteceu seu cantil. Ainda tinham muito asfalto para comer até São Vítor. Restavam cerca de trezentos quilômetros, o que consumiria quatro horas, em virtude das condições da estrada. Até ali já haviam se deparado com cinco árvores na pista. As novas e de tronco fino eram ceifadas e davam passagem para as motocicletas. Mas, três delas eram imensas, o que consumiu mais tempo para transpor o obstáculo. Todas pareciam ter ido ao chão, em razão de tempestades com ventos avassaladores. Nenhuma parecia ter sido derrubada pelos noturnos, mas eles bem seriam capazes de plantar aqueles percalços no trajeto. Eram criaturas astutas, perversas, donas das maldades. Capazes de truques como aqueles ou piores. Tudo para prender na estrada os que se aventuravam de uma fortificação a outra. Queriam que os incautos viajantes ficassem desprotegidos na noite, que fossem presas fáceis longe dos conglomerados cercados por muros altos e vigiados por soldados acostumados a suas artimanhas. Quitutes para jogos noturnos. Sim, afinal de contas, um grupo de oito soldados não servia para o caçador ganhar prestígio no covil. Um grupo de oito soldados servia de exercício. Sabiam que os noturnos curtiem sangue dos acordados. Tinha mais sabor,

mais buquê. E não eram fáceis de agarrar. Lutavam, atiravam, tornavam o sangue mais apetitoso. Que graça tinha em beber dos adormecidos? Mas, os adormecidos eram o alvo principal dos noturnos. Sim. Os caçadores da escuridão buscavam Rios de Sangue, lugares abandonados onde ainda existiam adormecidos aos montes, ou buscavam invadir fortificações que serviam de postos de armazenamento e monitoração dessa gente inanimada.

Adriano olhou para o novato. O rapaz lavava as mãos na água fria. Parecia calmo. Talvez fosse bom na luta. Talvez viesse a ser um bom soldado. Os demais eram velhacos da estrada. Eram duros na queda. Apesar de velhos cavaleiros, só mais um sabia do plano. Gaspar sabia a razão da viagem. Conhecia os papéis que Adriano carregava junto ao peito. Os papéis continham instruções para o chamado "Grande Plano B". Uma "inteligência" formara-se na última década e, sorrateiramente, tentando crescer sem o conhecimento tanto dos noturnos quanto dos sobreviventes, buscava criar uma estratégia para eliminar os noturnos em seus ninhos. Poucos recebiam detalhes ou sequer imaginavam que um time trabalhava em busca de uma solução definitiva, uma arma letal, caso as predições do velho Bispo um dia falhassem.

O novato chamava-se Marcel. Seu rosto de feições juvenis e cheias de vida fazia com que aparentasse por volta de vinte anos.

Adormecera na Noite Maldita, quando tinha dez anos de idade. Despertara dez anos atrás, encontrando o mundo de pernas pro ar. Adriano pouco sabia dele. Apenas que crescera na Nova São Paulo e que há três anos tinha se mudado para Nova Luz, buscando um lugar menor. Apesar de não saber muito do rapaz, sabia que era boa gente e também pouco perguntava quando encontrava alguém disposto ao alistamento, disposto a colocar o pescoço em perigo em prol do grupo. Procurava saber mais do sujeito durante as missões, durante as viagens. Dali para diante ficariam muitas horas juntos. Dormiriam algumas noites juntos. Haveria tempo mais que suficiente para entender se o novato dava ou não para o serviço de soldado. Além de Gaspar e Marcel, vinham mais cinco soldados, compondo o time básico de saída, com oito integrantes. Raul era um deles. Muito amigo de Adriano e também um soldado extremamente experiente. Adriano aproximou-se deste último. Um vento constante murmurava entre os galhos das árvores, fazendo barulho e salpicando a rodovia deserta como folhas que se desprendiam das copas.

— Já estou na reserva. Vou colocar meu galão sobressalente, não podemos deixar de parar no quarto posto.

— Temos que ir ligeiro. Já vai dar uma hora. Estamos com o horário justo. Aquelas árvores no caminho tomaram muito tempo. — disse Raul, dando uma cuspidinha na grama e secando a boca nos pelos do braço.

— Vamos sair agora. Sair e rezar para que não haja mais obstáculos pela frente. Mais demora e corremos o risco de ficar para fora.

— Valha-me Deus! — retrucou o amigo, benzendo-se. Adriano assobiou, chamando a atenção do resto do grupo.

— Vamos agora. Temos que parar no posto quatro. Vocês também devem estar ficando sem combustível.

— O meu tá no fim. — juntou Paraná. — Se não pararmos no posto, não chego.

— Vamos parar, não tem jeito. — disse Adriano.

Os homens montaram nas motos e deram partida, quebrando o mágico silêncio da mata.

Uma revoada de araras-azuis decolou do arvoredo próximo à piscina de água natural.

Adriano tomou a liderança, puxando a fila de motoqueiros. Tinham muito chão para comer e muita reza para entoar. Tinham que estar em São Vitor antes do sol baixar. O puxador enrolou o cabo na manopla até o limite, fazendo a moto disparar na reta. Se Deus quisesse, em duas horas estariam no posto quatro e as motocicletas e seus reservatórios sobressalentes seriam, mais uma vez, reabastecidos. Depois era só chegar à fortificação, entregar os papéis e dormir o sono dos justos.



Adriano freou bruscamente, assustando o grupo. Uma armadilha. Logo depois da curva havia um galho estendido no meio da pista. Se estivesse distraído, chocar-se-ia contra os galhos e o acidente poderia ser fatal. Não podia se dar ao luxo de morrer antes de entregar os papéis e assegurar que mais um passo fora dado para acabar com aquelas criaturas que cultuavam a escuridão. Desejava do fundo do seu ser acabar com aqueles demônios sanguinários. Por isso, benzeu-se e agradeceu a Deus por ter lhe dado olhos e faro de guerreiro. Por ter soprado em seu ouvido que precisava frear. Não era uma árvore de caule muito espesso, mas demasiadamente frondosa. Adriano apeou da moto irritado, retirando nervosamente o capacete da cabeça. Enquanto os outros estacionavam, ele já circulava o obstáculo procurando uma passagem. Não podiam perder tempo. Cada obstáculo daquele colocava cada vez mais a travessia em risco. O sol ainda estava longe do horizonte, mas, como soldado experiente e vivido, sabia que era necessário chegar com folga de luz à fortificação. Queria ter tempo de sobra, não sentir a urgência queimando sua cabeça.

A árvore tinha galhos espalhando-se por toda a pista e acostamento. Teriam que parti-la. Adriano já tinha retirado seu facão da guarnição quando Marcel, o novato, chamou-lhe. Dizia que podiam passar as motocicletas por cima do caule, onde ficava mais baixo num determinado ponto. Acabaram todos concordando, mas, mesmo assim, a tarefa requeria tempo e despenderia esforço do grupo. As máquinas eram potentes, portanto mais pesadas do que a média. E tinham de fazer o serviço com cuidado para não danificar nenhuma das motocicletas e prosseguirem viagem sem mais nenhum percalço.

Os homens juntaram-se para erguer as motocicletas e atravessá-las por cima dos galhos. O equipamento extremamente quente dificultava tremendamente o manuseio, mas estava fora de cogitação aguardar que os motores resfriassem para fazer a operação. Tinham que se virar, evitar queimaduras, mas trabalhar. Não perder o precioso tempo. As horas de luz. Primeiro passaram a moto do novato. Depois, veio a moto de Gaspar. Como eram pesadas aquelas coisas! Muito pesadas. Todo cuidado era pouco. Escapamento pelando de quente. Motor irradiando calor. Sorte que todos usavam luvas de couro.

Marcel, já do outro lado da estrada, viu que muita gente lidava com uma moto por vez e percebeu que mais atrapalhava do que ajudava. Então, afastou sua moto para o meio do asfalto e, curioso com a paisagem, resolveu caminhar.

O sol atravessando a folhagem das copas e chegando em graciosos fachoas ao chão negro montava uma imagem calma e preguiçosa. É pena que tinham que correr o trajeto todo, sem poderem desfrutar das agradáveis paisagens e locais de imensurável beleza e encantamento. O esplendor com que a Mata Atlântica desenvolvia-se chegava a invadir-lhe com o louco desejo de deixar a fortificação e fazer morada numa daquelas magníficas clareiras. Mas Marcel sabia que aquilo seria impossível. Continuou a caminhar. Estava no meio da pista. A curva em que haviam entrado continuava, portanto a floresta tapava completamente o restante do cenário. Sabia que os homens perderiam, ao menos, mais quinze minutos até atravessarem os outros veículos. Caso alguém questionasse, diria que estava fazendo reconhecimento de área. Trazia na cintura uma pistola. Balas banhadas em prata. Sabia que aquilo era veneno contra os Funestos caçadores noturnos e também servia muito bem contra os nulos. Crescera fugindo daquela raça sanguinária. Decidira alistar-se voluntariamente para ajudar o time que um dia daria um basta naquela situação. Perdera incontáveis amigos em ataques sofridos pelos miseráveis sanguessugas da escuridão. Perdera a mãe e duas irmãs. Viveram fugindo, buscando fortificações onde o trabalho da família fosse útil. Conseguir vaga numa fortificação nem sempre era fácil. Comida e água não abundavam. E, principalmente faltava espaço. Mas alguém disposto a montar guarda nos postos externos, diga-se, algum maluco disposto a entrar na boca do leão, era sempre bem-vindo e acolhido.

Marcel terminou a curva. Sua bota estalava contra os pedriscos da estrada. A reta pela frente era longa. A paisagem, como sempre, de tirar o fôlego. Chegavam a uma região elevada do planalto, onde passariam a ver a imensidão daquele mar verde estendendo-se até o horizonte. Marcel divisou o que seria o começo de uma ponte. Pena ela estar tão distante, não teria tempo de chegar até ela e debruçar-se para observar o rio lá de cima. Certamente por causa das árvores no caminho. Os homens passariam por ela a todo vapor, ávidos por alcançarem o posto quatro e zarparem, sem paradas, para São Vitor. Marcel sentiu o sangue gelar nas veias. O que era aquilo no meio da ponte? Seus olhos estariam lhe pregando uma peça? Só podia ser. Correu em direção

à plataforma. Deus! Adriano precisava ver aquilo. Um bolo formou-se no estômago. Nunca chegariam a São Vitor antes do anoitecer.

Passavam a última motocicleta pelo tronco da árvore quando ouviram o som das botas de Marcel vindo pela estrada. O homem estava escondido pelas árvores que se erguiam na beira do asfalto, eclipsado pela curva que se estendia por mais de cinquenta metros. O silêncio da mata permitia ouvir longe. Assim que conseguiram pôr a motocicleta no chão, colocaram-se de frente para a curva e sacaram suas armas. Problemas. Viram o novato surgir na estrada, pálido como um maldito noturno. Novatos assustavam-se facilmente, mas a cara de Marcel preocupava. Era coisa séria. Talvez alguma fera selvagem em seu encalço. A população de onças tinha explodido sem a intervenção humana. Até mesmo gorilas eram encontrados nas matas brasileiras, oriundos de zoológicos abandonados após a Noite Maldita. Mas, se fosse o caso, Marcel estaria com a pistola pronta para atirar...

Os homens mantiveram as armas nas mãos até o rapaz aproximar-se.

— O que foi, Marcel? Se acalma!

— A ponte, Adriano... A ponte não está lá. Os homens trocaram olhares de apreensão.

Raul montou em sua máquina e disparou pelo asfalto negro. Marcel falava com dificuldade, arfando, em virtude da corrida.

— Foram eles, Adriano. Os malditos noturnos. Eles destruíram a ponte. Não vamos chegar a tempo em São Vitor.

— Calma, Marcel.

— O que vamos fazer, Adriano? É meu primeiro trabalho. Não quero morrer na floresta, no escuro.

— Calma, moleque, vamos ver a coisa de perto. Pode não estar tão ruim como você pensa.

Marcel ficou parado, estava assustado. Os homens partiram, deixando-o sozinho na estrada. O rapaz passou a mão pelo cabelo encaracolado. Sua pele negra ainda estava arrepiada, por causa do susto. Entendia que Adriano só estava falando daquele jeito para acalmá-lo, pois conhecia a estrada de cor e salteado, sabia que a ponte logo à frente passava por cima de um rio volumoso. Sem a ponte, atravessá-lo com as motos seria impossível.

Adriano estacionou na entrada da ponte. Seu rosto refletia todo o desânimo que era possível demonstrar. Deixou o capacete cair de sua mão, escutando-o rolar no chão.

— Puta que o pariu! Cambada de filhos de uma puta! — gritou Paraná.

Os soldados entendiam a gravidade da situação. Raul estava estacionado no meio da ponte, na borda da seção destruída. Seu rosto personificava a apreensão em pessoa.

— Que horas são? — perguntou Joel, outro dos soldados. Joel, como Marcel, era um homem negro e forte, um excelente guerreiro nas horas de aperto. A diferença residia na idade,

sendo o primeiro mais velho, tendo cerca de trinta e cinco anos. Adriano também estimava muito esse soldado pois era o que ficava mais calmo nas horas de maior pressão.

— Cinco para uma. — respondeu Gaspar.

A moto de Marcel chegava, enchendo o ar com o característico ronco surdo.

Adriano ainda estava agitado. Ficar com os papéis na floresta, durante a noite, não ia ser nada bom. E além dos papéis era responsável pela vida de mais sete homens. Agitado, debruçou-se sobre o parapeito da ponte. A descida era bem íngreme, mas, pelo menos, para facilitar um pouco, não havia árvores nas ribanceiras. Eram feitas de barro vermelho e moitas de mato.

— Cinco para uma, Gaspar. Não vamos chegar em São Vítor nem a pau. — retrucou Raul.

— Vamos voltar para Nova Luz então.

— Não dá tempo, Gaspar. Já estamos pra lá da metade do caminho. Tem também aquelas árvores na estrada. Também não chegamos em casa antes do pôr-do-sol. Temos que dar outro jeito. Temos que atravessar o rio. — explicou Adriano.

— Como vamos atravessar? Como vamos descer? — perguntou Marcel, preocupado, também debruçando-se sobre a ponte e vendo a descida escarpada.

Raul voltou à seção quebrada.

— E se colocarmos uns galhos aqui? As motos passam por cima... quantos metros são?

Adriano, acompanhado da turma, foi até à beira da parte destruída. Dava mais de trinta metros.

— Não dá tempo de construir essa ponte, Raul. E a queda é bem grande para arriscar. — disse, olhando para o rio, vinte metros abaixo. — Qualquer desliz, já era.

— Mas se a gente ficar aqui à noite, na mata, já era do mesmo jeito. Eles virão nos pegar. Isso aqui é uma armadilha!

Ouvindo as palavras de Raul, Marcel arregalou os olhos. Há anos não dormia fora de uma fortificação. Há anos não se deparava com um faminto noturno. Só de aventar aquela hipótese, a pele negra voltava a se arrepiar. Caso fossem pegos, Santo Deus! Era melhor que enfiassem uma bala na cabeça do que ficar a mercê daquelas criaturas.

— Esperem aqui. Joel e Raul, desçam comigo. Gaspar, cuide dos outros. Esta é uma ponte estratégica. Os malditos são espertos, mas nosso grupo também é. Vamos ver o que encontramos lá embaixo.

Capítulo 6

Lucas sentiu uma leve tontura. Talvez porque tivesse comido rápido demais. Comido? Bem, tinha se servido daquela sopa rala e insípida. Mas até que o estômago parecia bem cheio. Tinha bebido toda a água também. Um copo. Agora parecia sofrer os efeitos do desjejum. Além da refeição, continuava a saborear seu nome. Buscava insistentemente a familiaridade que haveria naquelas cinco letras. Absorto nesses pensamentos, foi pego de surpresa quando a porta de frente para a sua cama abriu-se. Lembrou-se imediatamente das batidas naquela porta de metal. Tinha alguém na sala vizinha. Pôde ver pela abertura entre as duas salas um catre igual ao seu do outro lado da nova sala. Assustou-se quando viu surgir um homem de cabelos longos e grisalhos pela passagem. Lucas sentou-se e cobriu o pênis nu. O visitante vestia uma calça azul-clara e uma camisa da mesma cor com as iniciais HGSV, serigrafadas em letras grossas num tom de azul-marinho.

— Tem uma pra você. Aí debaixo da cama. — disse o homem. Lucas, ressabiado, demorou a desviar o olhar e baixar a cabeça para conferir embaixo de seu catre. Sobre o chão branco encontrou duas peças iguais as que o "vizinho" envergava. Vestiu a calça enquanto o homem de cabelos brancos e ondulados desviava o olhar, na tentativa de diminuir o desconforto da situação. Lucas não tinha se sentido tão nu quando Ana fizera-lhe a visita. Talvez, o fato da mulher representar o ofício de médica fizesse soar mais natural a nudez. Talvez fosse também um protesto mudo, expor o corpo nu, para os que o mantinham cativo naquela cela de hospital.

— Qual o teu nome? — quis saber o vizinho.

— Lucas.

O cabeludo meneou a cabeça, agora olhando-o diretamente.

— Você comeu tudo?

— Comi.

O homem aquiesceu novamente. Andou até o espelho e mexeu no cabelo despenteando, tentando colocá-lo no lugar, assentando os fios com as mãos.

— Você ainda está com fome? O cabeludo voltou a olhá-lo.

— Tô morrendo de fome. Fome e sede. Parece que está faltando alguma coisa aqui dentro. — disse, apontando para o estômago.

Lucas notou que o homem também estava excessivamente pálido. As unhas tinham as mesmas cores horrorosas que as suas. Estava magro, exibindo as costelas. Era bem mais velho. Talvez tivesse uns cinqüenta anos. Deduziu que o homem sofria do mesmo mal que lhe afligia. Deveria estar no hospital nas mesmas condições.

— E o teu nome?

— Gabriel.

— Você lembrou teu nome?

O homem balançou a cabeça afirmativamente. Parecia calmo, apesar da situação estranha em que estava envolvido. Lucas também se calou por um instante, olhando para o espelho. O que estariam anotando agora aqueles observadores? Por que tinham juntado eles dois?

— Você também está doente?

— Doente? Não sei se estou doente. Estou preso. Isso, sim.

— Sabe como veio parar aqui?

— Não lembro de nada que fiz ontem, nem anteontem. Acho que como você, simplesmente, acordei aqui.

— Você não acha isso estranho?

Gabriel não respondeu. Ergueu os ombros.

— A gente dormiu em casa e acordou aqui. Preso numa maca, com os braços e pés amarrados e somos tratados feitos ratos de laboratório.

Gabriel sentou-se no chão de frente para Lucas, continuando a ouvi-lo.

— Sem contar essa falta de memória. Não consigo lembrar de nada.

— Eu lembrei do meu nome. Mas não consigo lembrar do nome da minha esposa. — lamentou o cabeludo, fazendo uma pausa e encarando mais uma vez o interlocutor. — Eles devem ligar pra casa... ela virá me buscar. — respirou fundo e meneou a cabeça negativamente. — Você era casado?

Lucas ficou quieto, pensando. Sentiu um calafrio. Não sabia se era casado. Uma mulher. Havia uma mulher em sua lembrança. Medo. Um rosto surgiu em sua mente. Mulher bonita, morena jambo. Depois, viu-se entrando em casa e abraçando a mulher. Mais rostos. Outras pessoas.

— Não sei. Acho que não era casado... mas eu tinha alguém. Alguém que cuidava de mim... — balbuciou, com os olhos cerrados, como forçando a cabeça para lembrar. Pinçou o lábio inferior com os dedos, esticando-o e puxando-o para frente repetidas vezes.

— A médica veio tirar seu sangue?

— Veio. — Lucas estendeu o braço, mostrando o esparadrapo prendendo um pedaço de algodão.

— Eu não estou doente... acho que estou maluco ou tendo o sonho mais estranho da minha vida.

— Ana me disse que estamos no Hospital Geral de São Vitor. — disse Lucas, puxando o beijo novamente. — Eu nunca ouvi falar nessa cidade... São Vitor.

Gabriel ficou silencioso, digerindo a última revelação.

Ficaram quietos por mais de dois minutos, tempo que parece interminável numa situação como aquela.

Depois de algum tempo Gabriel acabou levantando-se, reclamando de dormência na perna e dizendo que estava louco para voltar para casa e rever sua família. Deu uma volta pela cela de Lucas.

Lucas também se levantou, sem colocar sua camisa azul. Foi até o vidro espelhado.

— Não sei o porquê, mas eles têm medo da gente. Muito medo.

— Medo?

— Quando a médica veio, eles me prenderam antes dela entrar. — queixou-se Lucas, passando a mão no pescoço, vendo no espelho que existia ali um fino hematoma. — Apertaram minha garganta, meus braços.

— Comigo também... mas eu não tinha pensado nisso.

— Por que amarram os animais? Amarram quando têm medo.

— Medo dos loucos. Será que a gente está maluco?

Lucas sorriu para o vizinho. Ergueu os ombros.

— Pode ser. Pra eu não me lembrar dos meus últimos dias fora daqui. A gente está há muito tempo aqui, sabia?

Gabriel meneou a cabeça negativamente.

— É. Olha a cor da nossa pele. Estamos brancos. Não tomamos sol há muito tempo. Olha para suas unhas. Estão amarelas e compridas. Quanto tempo leva para ficarem desse tamanho? Meses.

Gabriel olhava para as unhas dos pés.

— Estou ficando com medo, cara. Acho que estamos aqui há mais tempo do que imaginamos.

— Mas, se fosse assim, tanto tempo... por que não estamos barbudos?

Lucas encolheu os ombros. Não sabia responder. Uma boa observação.

— Tem outra. Nossos músculos... a gente não conseguiria andar sem fisioterapia... isso se estivéssemos há meses numa cama... Uma vez um cunhado meu teve um derrame, ficou quatro meses de coma. Quando ele acordou precisou de fisioterapia, os músculos estavam atrofiados. Os nossos estariam também. Acho que no máximo estamos aqui há alguns dias. Estamos magros e fracos... os músculos estão menores, mas funcionam... acho que é alguma doença mesmo.

— E as unhas?

— Remédios. Remédios as deixam dessa cor... e podem fazer crescer mais rápido.

Lucas calou-se. Olhou para o vizinho. O homem estava com a cabeça abaixada e os cabelos caindo por cima do rosto. Parecia um bicho. Sentiu um calafrio. Que homem estranho!

As horas avançaram e eles preencheram o tempo com conversas que traziam lembranças à tona. Depois cada um deitou em sua cela. O sono veio. Nenhuma pessoa apareceu. Em ambas as salas, as vidraças eram grandes espelhos. A ansiedade aumentava em cada um deles. O desejo de sair daquela sala branca crescia, acentuado, talvez, pelas conversas que faziam lembrar o mundo lá fora. Lucas não se lembrava de ter uma família para rever, mas tinha amigos, tinha seu apartamento. Queria ver suas coisas. Lembrar de sua vida. Seu emprego. Lembrava-se que trabalhava. Terno e gravata. Papéis. Propostas. Não se lembrava exatamente o que fazia ou qual cargo ocupava, mas ganhava bem. Lembrava-se do carro. Um carro bonito, importado. Gostava de cinema. Queria ir ao *shopping*, ver o que estava passando. Comer uma cocada. Sanduíche da rede *Tchê's*, seus prediletos... nada de *fast-food*. O slogan da nova campanha da rede era: "*Slow food and Relax*, de norte a sul do Brasil". As lembranças só aumentavam a ansiedade... e aquele ambiente branco, sem respostas, fazia perder a noção do tempo. Sabia que muito tempo tinha se passado desde a última refeição, pois voltava a sentir fome e sede e a lembrar de lanchonetes. Levantou-se do catre e caminhou até a porta da cela do vizinho. Gabriel cochilava na cama. O rosto encoberto pelos cabelos. Não sabia o porquê, mas uma crescente antipatia por aquele sujeito ia enraizando-se em seu coração. O homem exalava um cheiro ruim. Apertou os olhos. Uma imagem. Fogo e fumaça. Abriu os olhos e afastou-se dois passos. O homem inspirava repulsa. Não lhe tinha feito nada, mas esse era o fato. Antipatia nata. Rezava para que a doutora Ana aparecesse. Ele precisava de respostas. Precisava dar o fora dali antes de terminar louco como aquele vizinho cabeludo.

Capítulo 7

Adriano chegou primeiro à base da ponte. Ouvia o barulho produzido por Joel e Raul, descendo o barranco, estalando os galhos das poucas árvores que se erguiam ao pé do morro. O rio descia tão vagaroso que suas águas pardacentas quase não faziam barulho. Era largo. Um rio soberbo. Uma travessia de quarenta metros. Mesmo com a correnteza suave, seria tarefa de risco levar as máquinas.

— Raul, veja a profundidade do rio na área. Veja se há alguma chance de passarmos as bichonas por aqui.

Adriano caminhou até o barranco. Revirou o mato em busca de alguma pista. Como os soldados sabiam que os noturnos costumavam atacar certos pontos estratégicos das estradas, destruindo pontes e produzindo crateras no asfalto, deixavam material para o contra-ataque em alguns trechos. Adriano procurava uma embarcação. Talvez uma balsa. Assim, com algum esforço, conseguiriam atravessar as motocicletas a tempo de chegarem em São Vítor com luz do dia. Não queria nem pensar na possibilidade de ficar na mata durante a noite. A região era rica em cavernas, o que aumentava as chances de um encontro com os noturnos durante a noite. Ainda estavam longe demais de algum posto de observação, onde, mesmo em menor proporção que uma fortificação, teriam, ao menos, um pouco mais de estrutura para um combate.

Com ajuda de Joel vasculhou todo o mato na base da ponte e na margem do rio. Não encontrou nada. Procurou Raul com os olhos. Viu-o cerca de duzentos metros, rio acima. O soldado continuava buscando uma passagem possível para as motos. Vez ou outra podia ouvir as vozes dos homens lá em cima. Apesar do problema que encaravam, a região exalava uma serenidade envolvente. A natureza tinha um poder impressionante.

— Vamos atravessar o rio.

— Vai você, Adriano. Eu não sei nadar.

Adriano examinou a margem. Apesar da água barrenta e de não poder ver o fundo, Adriano arriscou:

— Acho que não é fundo.

Tirou as botas, a calça e a jaqueta jeans. Saltou de camiseta dentro da água. Afundou até a cintura, soltando um gemido em protesto contra a água fria.

— Acho que perdi minhas bolas! Que gelo! Joel riu.

Raul voltava, o barulho de alguém caindo na água tinha lhe chamado a atenção.

— Não é fundo pra gente, mas é fundo demais pras motos. E com o peso, elas afundariam no leito... é muito lamacento aqui embaixo. — explicou, sentindo certo asco por causa da impressão que o fundo barrento do rio lhe passava.

Levou quatro minutos para atravessar. Apenas em um trecho de dez metros, a água não dava pé. Joel teria de superar seu medo, pois tinham que atravessar.

Chegou à outra margem. Ao ouvir braçadas, olhou para trás. Raul vinha para ajudá-lo.

O vento que desceu pelo cânion esculpido pelo rio bateu em seu corpo. A água gelada quase o petrificou, obrigando-o a passar as mãos nos braços, procurando manter-se aquecido. Tirou a camiseta e torceu, tirando dela parte da água fria. Passou a revirar o terreno do lado oposto da ponte. Ali havia mais grama e pedras no chão. Algumas eram pontiagudas e obrigavam a caminhar com mais cuidado. Não podia se ferir. Ainda mais com a terrível possibilidade de ter de organizar o pernoite na mata, longe de uma fortificação. Ferido, sangrando, no escuro contra os noturnos. Um quadro sombrio. Chances reduzidas de assistir a próxima alvorada. O cheiro do sangue atraía aquelas criaturas como as fêmeas no cio atraem os machos na mata.

Adriano vasculhou uma touceira e um sorriso acendeu sua face.

— Você achou? — perguntou Raul, aproximando-se, arfante.

— Achei.

Com a ajuda do amigo, Adriano conseguiu remover uma rede coberta por mato e galhos que servia para esconder um amontoado de tábuas. Uma jangada.

— É uma jangada! Vamos conseguir atravessar! — vibrou Raul. Adriano voltou a ficar sério. Já estava examinando com os olhos o achado. As cordas pareciam velhas...

— Vamos tirá-la daqui e colocá-la no sol. Preciso ver se agüenta. Raul fez força de um lado.

Adriano tentou mover o outro lado.

Arquejantes, conseguiram erguer um lado da embarcação. Era grande e pesada, obrigando os bíceps dos homens intumescerem.

— Não vai dar para arrastar! É muito pesada! — reclamou Raul. — Precisa de mais gente.

Soltaram ao mesmo tempo. Com o peso da queda, as vigas, que estavam na lateral da balsa, soltaram-se e as ripas transversais desarranjaram-se.

— Merda! — protestou Adriano.

— As cordas estão podres.

— Puta merda.

Adriano debruçou-se sobre a parte danificada da balsa. Uma das cordas tinha rompido. Olhou para cima. Um fecho de luz escorria pela seção destruída da ponte, vindo colorir o rio logo abaixo.

— Estamos fodidos, Raul. Não vai dar tempo de substituir essa corda e chegar a tempo em São Vitor. Vamos dormir pra fora.

— Dá tempo de chegar ao posto pelo menos? Adriano balançou a cabeça.

— Não sei. Quanta munição você trouxe?

— O de sempre. Três caixas para a doze. Três caixas para a pistola, mais dois municia­dores de dezoito tiros.

— Prata?

— Só a munição da pistola.

Ouvindo a resposta, Adriano girou em torno de si mesmo, passando a mão na testa.

— Deus do céu! A gente na mata... tem o novato. Ele vai pirar. Vai dar trabalho.

— Não pode pirar, cara. Ele sabia onde estava se metendo. Tem que ser homem, porra. Tem que encarar.

— Vamos chamar os outros para ajudar. Vamos arrumar essa jangada... ainda é mais rápido que providenciar a ponte que você falou.

Raul concordou com o líder e os dois voltaram para o rio. A água parecia ainda mais fria. Fizeram a travessia em silêncio. Cada qual remoendo seus temores. Por mais experientes que fossem nas coisas da estrada, ficar desprotegido durante a noite nunca era tarefa fácil. Até os mais valentes calavam-se, até os mais valentes oravam fervorosamente. Caso fossem farejados pelos noturnos nunca mais veriam o sol nascer.

Joel ajudou os companheiros a saírem da água. Pela cara de Adriano sabia que a situação não era a das melhores. Quando o líder ficava calado era sinal de problemas muito sérios pela frente.

Levaram mais de cinco minutos para subir. Apesar da escalada não ser tão íngreme, o terreno era instável. Os pés escorregavam ou a terra cedia. Sem contar que a distância até o topo era longa e o esforço tremendo.

Sinatra, o soldado cantor, foi quem percebeu Adriano aproximando-se. Chamou a atenção dos demais, que conversavam animadamente. Fizeram uma roda em torno do líder.

— Vou precisar de todo mundo lá embaixo. Depois a gente desce as motocicletas.

— Vamos prosseguir então? — perguntou Gaspar.

— Primeiro temos que consertar uma balsa que encontrei. As cordas parecem estragadas. Tragam suas mochilas. Quem trouxe corda pode trazer, vamos precisar.

— A gente pode cortar cipós também, dá pra quebrar um galho. — juntou Sinatra.

Os homens apanharam as coisas e começaram a descida.

Marcel olhou para os amigos que já avançavam morro abaixo. Sabia que as coisas não estavam indo bem. Sabia que já tinham perdido tempo demais com árvores caídas no caminho. Agora aquela enrascada. Torcia para que Adriano surgisse com uma solução. Seria muito azar passar a primeira noite em missão fora de uma fortificação.



Juntos, com cuidado, tinham conseguido colocar a balsa na água. Joel, por causa do medo da água, era o único seco.

Com a balsa do outro lado do rio, começaram a trabalhar nos reparos. Caso colocassem uma motocicleta em cima das ripas soltas, corriam o risco de ficar sem o veículo. O cuidado com as amarras já tinha comido quase duas horas de sol, com isso chegavam perto das três da tarde. Os braços trabalhavam rápido, executando coordenadamente as instruções de Adriano. Estavam todos calados. Só trabalhavam. Tiveram de substituir as cordas dos dois bordos da jangada improvisada. Rezavam para que aquelas velhas madeiras suportassem as motocicletas de mil e duzentas cilindradas. Apesar das péssimas condições das amarras, as madeiras, ao menos, pareciam secas, firmes e longe da podridão. Alguma sorte no final das contas. Olhavam-se e em todos os olhos encontravam a mesma coisa. Medo. Circunstância. Pressa. Todos sabiam que o sol trasladava inexorável, alheio às súplicas e à necessidade de mais tempo por parte daqueles bravos guerreiros. O salvador tornava-se carrasco. Ia permitir a escuridão. Ia libertar os noturnos. As criaturas donas da noite. Os caçadores de sangue. Os assassinos cruéis. O sol não se abalava por nada. O sol não sabia ser o que regia a hora da vida e a hora da morte na face da Terra. Ia embora em sua marcha contínua e inabalável. Implacável. Pregando aflição aos homens que lidavam com as cordas numa frágil balsa na superfície iluminada do planeta. Ele ia embora sem sequer notar a existência de oito soldados na margem do rio. Os homens, ignorados, sabiam que, por mais que orassem, o sol continuaria a mover-se. Sabiam que as mãos deviam superar o desespero e fixar as madeiras umas nas outras. Que teriam de correr na estrada. Que teriam de providenciar abrigo. E continuar rezando. Rezando para escaparem do olfato apurado das criaturas. Dos noturnos.

Depois que terminaram as amarras, Adriano comandou o teste. Pediu que erguessem a balsa. Mesmo com sete homens lhe ajudando, era dificultoso o transporte. Parecia firme o suficiente. Devolveram o amontoado de madeiras ao rio. Uma corda prendeu o barco.

— Tragamos as motos agora.

O destacamento de Nova Luz voltou a subir o morro. Quanto tempo mais perderiam para descer as motos? Quanto tempo levariam para atravessá-las, uma a uma? Uma por vez, pois a balsa e o bom senso não permitiam mais que isso.

Enquanto subiam, apesar da tensão geral, Sinatra fez valer seu apelido e começou uma canção. Um clássico "pré Noite Maldita". Talvez, se o velho mundo ainda existisse, Sinatra conseguisse um bom contrato com uma daquelas imponentes gravadoras ou seria figurinha fácil no programa do Raul Gil.

Joel sorriu quando a música lhe chegou aos ouvidos. Era fã daquela banda antes do evento. Sinatra cantava *Infinita Highway*, dos Engenheiros do Havai. Uma banda que fizera

sucesso no Brasil inteiro e em outros rincões do mundo. Logo, juntou-se ao amigo nos trechos mais conhecidos.

Minutos depois, quando atingiram o topo, com o suor escorrendo em bicas e sem tempo para descansar, começaram a estudar a melhor forma de descer os monstros metálicos.

Pensaram que em três seria possível começar a descida. Apesar da maior parte do terreno não ser tão íngreme, ele era escorregadio e as motocicletas, consideravelmente pesadas. Em três não era possível. Precisariam de cinco homens para descer cada moto com segurança. Dois de cada lado e mais um atrás, fazendo força contra a descida para manter a moto equilibrada e fazendo descer sobre as rodas, o que facilitaria enormemente a descida. Um deles ia controlando o freio dianteiro para que não fosse perdido o controle da operação. Apesar de ser possível descerem com segurança, a apreensão só fazia aumentar. Oito motos. Oito viagens. Depois atravessá-las no rio. Subir e descer aquele morro desafiador mais sete vezes. Isso ia consumir muito tempo, muitíssimo tempo. Era isso que ia na cabeça de todos. Tinham que achar um jeito de fazer aquilo mais rápido.

— E se fizéssemos uma rampa antes do buraco na ponte? Estas motos são esportivas, a gente podia saltar para o outro lado. — sugeriu Marcel.

Gaspar, olhando para os amigos que desciam vagorosamente metros abaixo, passava a mão no queixo. Caminhou até a pista e olhou para a ponte. Era uma idéia. Mas as motos continuariam inteiras quando batessem do outro lado? E se alguém falhasse? O rio não era fundo o suficiente para se salvar. E, daquela altura, a água lá embaixo não seria exatamente um colchão macio. Quando o corpo batesse na água, no primeiro instante, seria como cair numa tábua. Depois, a profundidade não seria suficiente para absorver todo o impacto. Poderiam perder uma moto... ou um amigo. Mas era uma hora de desespero. Tudo tinha que ser considerado. Até mesmo uma maluquice sugerida por um novato. Gaspar caminhou pela ponte, chegando à beira do abismo produzido pelos inimigos. Vendo o hiato de perto, a coragem diminuía. Cerca de quarenta metros. De quanto seria o recorde mundial de salto com motos? Quarenta metros era muita coisa. Não era um salto. Era um voo. Loucura. Mas talvez o recordista mundial não tivesse tido a mesma motivação que eles tinham com o sol descendo. Saltar pela vida. Gaspar meneou a cabeça.

— Impossível, Marcel. Você é um cabra muito macho se tentar, mas nem tenta para economizar tempo e vida. Se quiser arriscar me deixa as suas coisas. Sua munição, suas armas. Vou fazer bom proveito delas quando os noturnos chegarem.

— Cê acha que eles vão encontrar a gente escondido?

— Você acha que não?

— Vai ser uma noite só, Gaspar. Seria muito azar.

— Azar e sorte se aplicam à gente, filho. Cê é novo no negócio. Se ficarmos na rua, oitenta por cento de chance de sermos encontrados antes do sol raiar. Eles sentem nosso cheiro, filho. Ainda bem que não veio nenhuma mulher.

— Por quê?

— Porque ela poderia estar "nos dias". Quando tem sangue na parada, então, é cem por cento de chance deles nos acharem. Teríamos que nos esconder uns dez quilômetros longe da mulher "de chico" e deixá-la sozinha. Se ela conseguisse, sorte a dela.

— Sêrio?

— Já tive que enfiar bala na cabeça de mulher chorando, filho. É de partir o coração, mas ou é ela, ou é a gente.

Marcel calou-se. Tinha assumido uma responsabilidade quando se alistara. Tinha ficado verdadeiramente feliz em poder ajudar o restante da Inteligência montada para combater os noturnos. Estava lutando por uma causa. Pela salvação dos sobreviventes. Mas agora sentia medo. Trilhava a estrada com homens capazes de tudo para manterem-se vivos, para manterem-se longe dos noturnos.

— Não é medo de morrer, Marcel. Morrer todo mundo morre um dia, filho. Mas eu não preciso dizer como esses bichos são. Você os conhece tão bem quanto eu. O cagaço é de morrer nas garras desses perversos, filho. Já ouvi cada coisa.

Marcel continuou calado. Gaspar voltava para o acostamento, de onde podia acompanhar o progresso da descida da primeira motocicleta.

Gaspar sentiu um calafrio quando viu os homens descendo com dificuldade, ainda na metade do caminho. Ainda estavam descendo a primeira moto! Deus! A noite chegaria e ainda estariam no pé da ponte. Coçou o rosto com a barba por fazer. Estava apreensivo. Cultivava alguma esperança em encontrar um posto de observação, um esconderijo seguro. No fundo do peito achava que conseguiriam chegar em São Vitor. Mas, como? Já eram três da tarde. Impossível! Tinham quase trezentos quilômetros pela frente. Mesmo com estrada boa acabariam chegando depois do pôr-do-sol. Inquietação. Tinha descido e subido aquele morro. Só os primeiros dez metros eram escarpados, difíceis; mas, em compensação, era o terreno mais firme. Depois a descida melhorava. Deus! Suor descendo na testa. Andou do acostamento para a pista, da pista para o acostamento, uma dezena de vezes. Escutava o som dos pedriscos prensados pela bota. Impaciência. Olhou para o extremo oposto da ponte. Aflição. Outro calafrio. Todo aquele trabalho para descer aquelas motos, depois teriam que subi-las do outro lado. Vai demorar. Fechou os olhos. A rampa era loucura, mas, talvez, se conseguisse o que pensava... ganhariam muito tempo. Julgava-se um bom motoqueiro. Era bom de equilíbrio. Talvez fosse o melhor do bando. Tinha que arriscar. A chave da moto em cima do peito, presa à uma corrente

prateada. A água já tinha secado completamente. Gaspar, só de cuecas, montou no couro quente de sua motocicleta.

Os cavaleiros desciam em marcha lenta. Cuidadosos. Tinham que chegar com a máquina inteira. Faltava metade da descida. Estavam compenetrados quando ouviram o ronco do motor poderoso. Alguém lá em cima estava impaciente. O ronco crescia e diminuía repetidas vezes conforme a manopla era impulsionada. Depois ouviram um ronco contínuo e crescente. Estacaram. Uma moto em disparada. O que pretendia o motoqueiro? Boquiabertos, viram uma moto cruzar a borda do abismo, atirando-se no ar e vindo bater no barranco. Montado na máquina, descia Gaspar, com as pernas estendidas, dominando a moto reluzente, lutando por equilíbrio, como um vaqueiro no couro de um cavalo chucro. Aquilo era loucura. Gaspar venceu os primeiros dez metros, o trecho mais inclinado. Ouviam o motor acelerando, buscando equilíbrio depois de uma inclinação. Pedras. Gaspar desviou. Freou, dominou a motocicleta. Avançava. Descia rápido. Corajoso. Bravo. Estava cometendo um ato extremado em nome do grupo. Ganharia tempo precioso. Dava esperança. Obstáculos. Mais pedras. Os pés descalços buscando o chão. Desequilíbrio. Ouviram o motor gritar quando a roda traseira girou em falso no ar. O pneu dianteiro travado por uma rocha. Gaspar arremessado sobre o guidão. A moto desceu rolando, atropelando o condutor. Gaspar gritou e desceu o resto do barranco rolando. A moto arrastou-se sobre o barro levantando uma nuvem de poeira vermelha.

Adriano largou a moto e desceu aos saltos para socorrer o parceiro. Raul também soltou a traseira, num ato impensado, obrigando os três restantes a agarrarem a máquina com maior firmeza, arfantes.

Gaspar abriu os olhos. O mundo estava de ponta cabeça. Poeira chovia do céu. Olhos ardendo. Puta que o pariu! Que merda! Quase tinha conseguido. Doía quando respirava. A nuvem de poeira descendo. Ouvia Adriano gritando. Sempre correndo para ajudar algum dos soldados. Não era à toa que o amigo era o líder do grupo. Gaspar bufou. Suas costas estavam ardendo Dor. Tinha quebrado alguma coisa. Sabia que tinha quebrado! Não estava bem. Sabia disso também. Merda! Tinha quase conseguido. Puta que o pariu! Tomara que não estivesse sangrando. Tudo menos isso. Ouviu cascalhos deslizando quando o amigo eclipsou o sol e parou sobre ele.

— Cê tá legal?

— Quebrei alguma coisa... tenho certeza.

A poeira assentou. Adriano crispou os lábios. Problemas.

— Puta merda, Gaspar! O que te deu, homem?

— Estou sangrando?

— Você é esperto, velho. O mais esperto. Por que fez isso?

— Fala logo! Estou sangrando.

Adriano deixou os olhos pairarem sobre os dois gravetos espetados na barriga do amigo.

— Dois buracos...

Gaspar soergueu a cabeça. Respirava com dificuldade. Os olhos viram os gravetos enfiados na barriga. Começou a bufar de dor e ansiedade.

— Merda, cara. Merda. Tô fodido.

— Fica deitado. Recupera o fôlego. Vou ver o que a gente faz. Mais essa agora.

— Desculpa, irmão. Juro que conseguia... foi azar... aquela pedra, aquele inferno de pedra. Ia ganhar tempo pra gente.

— Fica quieto um pouco, porra. Descansa. Vamos ver se quebrou alguma coisa. Cê ta todo fodido, cara.

Adriano afastou-se, chutando os pedriscos no chão. Mais essa agora! Queria esganar o amigo. O companheiro que compartilhava o segredo do plano. O amigo mais velho do grupo. Sabia que o desespero motivara aquela ação. Não podia culpá-lo de todo. Ninguém era culpado em tentar salvar-se dos noturnos. Mas Gaspar tinha terminado de foder tudo! Não tinha expressão polida para extravasar, Foder com tudo! Puto duma figa! Não encontrava jeito melhor para definir a circunstância. Gaspar tinha ferrado tudo. Adriano respirou fundo e olhou para os homens. A cabeça do líder estava a mil. Marcel chegava ao pé do morro agora. Apesar da pele negra, o novato tinha empalidecido.

— Eu não pude fazer nada. O cara é louco.

Adriano aquiesceu. O que o novato faria para deter Gaspar? Teria tomado um murro no meio da boca se tivesse tentado. Olhou para o morro. Os três agarrados à motocicleta desciam metro a metro, passo a passo. Raul voltava para ajudá-los. Três e meia da tarde. Não iriam escapar daquele buraco com luz do dia na cabeça nem a pau. Estavam condenados.

Capítulo 8

Lucas mordeu o meio pão que lhe fora servido. A refeição resumia-se a um pedaço daquela espécie de broa, mais um prato da mesma sopa rala e um copo de água. Tinha chegado em boa hora. Estava faminto e sedento. A sede era o que mais incomodava. Olhando através da porta aberta viu que Gabriel continuava dormindo, sem dar trela ao prato de comida. Estranhou, o homem tinha comentado que estava com sede e fome também. Talvez devesse acordá-lo. Porém, antes de levantar-se, desistiu. Para que se importar com aquele desconhecido? Nem sabia quem era o vizinho de cela. Foda-se. Talvez fosse um ex-presidiário. Talvez um maluco qualquer. Só não entendia por que, sendo ali um hospital, era tratado daquela forma. Feito um bicho. Ainda mais ter de compartilhar o tempo com aquele cabeludo estranho. Lucas meneou a cabeça. Esfriou o fluxo de pensamentos. Recapitulou suas últimas concatenações, toda aquela maçaroca de maus pensamentos. Por um segundo não se reconheceu. Por que a antipatia crescia tanto contra o vizinho? Não conseguia entender. Só de olhar para aquele amontoado de cabelos dormindo crescia uma irritação desconcertante. O homem não tinha lhe feito nada. Mas alguma coisa tinha. Por que tanta repulsa? Lembrou de uma sala de aula. Um rosto. A mesma impressão. Antipatia imediata. Um ex-colega de escola. Às vezes, somos acometidos dessas coisas. Como se tivéssemos vivido vidas passadas ao lado daqueles supostos estranhos. Desentendimentos além vida. Lucas sorriu dos pensamentos. Fechou os olhos engolindo mais um pedaço de pão. Era religioso? Não se lembrava. Tentava ver uma igreja. Lembrar-se da bíblia. Devia seguir alguma religião. Por que ainda não lembrava das coisas? Tinha que falar de novo com a Dra. Ana. Estava cheio de dúvidas e, principalmente, de vontade de sumir daquele quarto de loucos. Aquele cabeludo só podia ser um maluco. Só podia. Se chegasse muito perto tomaria um safanão. Podia ser um daqueles psicopatas. Ficam quietos na cama, como o amontoado de cabelos estava agora, mas, de repente, levantavam-se como loucos e saíam estrangulando meio mundo. Terminou a sopa. Olhou para a colher de metal. Se aquele doente mental viesse para sua cela, veria o que era bom para tosse. Talvez conseguisse retorcer a colher, torná-la pontiaguda. Gabriel não perdia por esperar. Fogo e fumaça. Ouviu um barulho. Explosões. Algo como rojões. Um daqueles de seis tiros de canhão. Caramuru. Caramuru? O que significaria isso? Os rojões... tinha ouvido mesmo, ou o disparo fora em sua cabeça? Lucas fechou os olhos e inspirou barulhenta e longamente. Vontade de ver uma janela. Onde estaria? Onde ficava o Hospital Geral de São Vitor? Em São Paulo? Qual bairro? E o que mais atormentava era não descobrir quanto tempo estava ali. Precisava saber. Queria ver uma janela. Ver o mundo. Ver onde estava. Ibirapuera? Moema? Piqueri? Queria voltar para casa. Ligar para aquela mulher que aparecera em sua cabeça. Quem era ela? Se fosse para casa, se visse suas coisas, seus móveis, suas

fotografias, lembraria de mais coisas... lembrar-se-ia dela. Seria ela sua irmã? Seria ela sua namorada? Casado não era. Olhou para o dedo anular esquerdo. Frio na espinha. Não tinha anel nenhum, nem mesmo a marca natural que se desenvolve com o uso da aliança. Ficou segurando a mão esquerda, passando o dedo sobre a falange do anular. Não era casado. Sentado na cama, fechou os olhos mais uma vez e tocou a testa no joelho. Ela podia ser sua irmã. Uma amiga. Matar o desgraçado. Passou a mão na cabeça. Levantou-se irritado. Foi para perto do vidro espelhado. Teria alguém do outro lado?

— Quero uma janela! — gritou, batendo no vidro.

Deu uma volta pelo quarto. Gabriel não acordou com o grito. O desgraçado dormia despreocupadamente, como se merecesse estar ali. Homem idiota. Devia estar de pé para poderem unir forças para escapar dali.

Lucas voltou ao vidro.

— Quero ir embora! Vocês estão me deixando louco!

Lucas apanhou o prato metálico e arremessou contra o vidro espelhado. Tremia. Estava agitado. E Gabriel dormindo. Como ele conseguia? Lucas deixou um olhar insano abater-se sobre o vizinho. Como podia dormir?! A sala estava tão quente. Iria acordá-lo!

Os malditos homens atrás do vidro pareciam ler seus pensamentos, pois quando decidiu ir até o catre de Gabriel a porta que unia as celas foi fechada rapidamente. Lucas bateu contra a folha metálica, fazendo estardalhaço. Estava fora de controle. Queria acordar Gabriel. Queria espancar o vizinho. Caiu no chão, com as costas nuas tocando a parede. Estava chorando. Por que queria matar Gabriel? Era isso. Queria matar o vizinho! Estava louco! Aquilo não era um hospital comum. Era um hospício. Um manicômio para desequilibrados. Merecia estar trancafiado. Estava doente da mente. Era isso. Um doido varrido. Estava ali há muito tempo, afastado da sociedade. Devia ser isso. Devia estar vivendo à base de remédios. Alienado. Estava agora tendo um surto de lucidez... relembrando coisas, parecendo normal, com uma colher e uma faca na mão. Os remédios fazem isso. Queimam nossas lembranças. Assustou-se quando a voz metálica invadiu a sala.

— Fique de pé. Lucas resistiu.

— Por favor, senhor. Fique em pé e encoste-se na parede, entre a cama e a porta branca.

— Quero sair daqui. Quero olhar por uma janela. Quero ver lá fora... — murmurou.

— Fique de pé, senhor. Encoste-se na parede, entre a cama e a porta branca.

Lucas levantou-se.

— Aqui só tem porta branca, seu escroto redundante! Só tem porta branca! Filho da puta!

— Encoste-se na parede, senhor. Vamos ajudá-lo.

Lucas, como um zumbi, obedeceu. Encostou-se nos azulejos brancos. Como da primeira vez, um barulho surgiu atrás de sua cabeça. Uma garra fechou-se no pescoço. Lucas sentiu

medo. Iriam matá-lo. Como fora tolo em encostar-se na parede. Tinha lágrimas descendo pelo rosto. Grilhões prendendo os punhos. Era um escravo da instituição. Iam matá-lo. A porta principal foi aberta. Viu a Dra. Ana surgindo. Lucas reparou nos olhos da médica. Eram cinzas. Sempre gostara daquele tom de olhos. Ela tinha os cabelos em tom de areia... quase loiros. Ela era linda. Ela aproximou-se com a bandeja metálica. Injeções.

— Não me mate, doutora. Eu não sou um lunático. Eu não queria matar o Gabriel. Não me mate.

A médica parou na frente do paciente. Seus olhos pareceram ausentes, como o de uma máquina, cumprindo mecanicamente seu trabalho.

— O que estão fazendo comigo, doutora? Por que eu estou aqui? Ana pareceu compadecer-se. Seus olhos e gestos perderam o ar mecânico com o qual entrou na sala. Sua mão vacilou sobre a bandeja. Soltou a seringa que a mão em luvas brancas de borracha tinha apanhado.

— Já está terminando, Lucas. Tudo vai ser explicado.

— Tudo o quê, doutora? O que está terminando?

— O processo, Lucas. Tenha calma. Vocês dois precisam passar por isso.

Ana passou um algodão embebido em álcool no braço direito de Lucas. Depois passou uma borracha pouco abaixo da axila, prendendo a circulação. Passou o algodão em outro lugar.

— Feche a mão, por favor.

Assim que o paciente obedeceu viu uma veia intumescer.

— Eu quero olhar por uma janela. Quero saber onde estou. Por que fiquei louco?

— Você não está louco, Lucas. Está passando por uma fase. Encare dessa forma. É uma fase que está acabando.

— Que fase, doutora? Quero entender minha condição. O que o sangue lhe mostrou? O que é que eu tenho?

— Nada, Lucas. Não tem nada.

A médica ficou muda um instante, enquanto a agulha despejava a medicação dentro do corpo do paciente.

— Durma um pouco, Lucas. Você precisa descansar. Só o tempo vai lhe dar respostas. A gente vai te contar um monte de coisas, mas essa fase precisa passar.

— A senhora fala, fala, mas não diz nada. Me diz uma coisa, me dá uma informação. Que dia é hoje? Que horas são? É dia, é noite? Preciso me situar... sou um homem perdido. Não sei onde estou. Estou em São Paulo?

— É dia. Quatro da tarde. Por isso que seu quarto está tão quente. Por isso que você está tão agitado. Já servimos água e sopa. Daqui a pouco anoitece. Você não vai comer mais nada. Só vai beber mais um copo de água. Precisa passar essa fase primeiro.

— Quatro da tarde? Por que o Gabriel está dormindo? Como ele consegue? Está um calor...

— Ele está cansado. Cada um reage de um jeito a essa fase.

— Doutora, deixe o quarto, por favor. — ordenou a voz metálica.

— Quem são eles, doutora? Por que têm medo de mim? Eu sou um psicopata?

— Não Lucas. Tenha calma.

— Doutora. Deixe a sala imediatamente. Não diga mais nada. Lucas tentava olhar para o espelho. A garra apertada sobre o pomo de adão lhe engasgava, sufocava. Precisou inspirar fundo. Ana afastou-se do paciente. Tinha o olhar triste.

— Você vai ter as respostas em breve, Lucas. Durma um pouco.

Lucas aquiesceu. A droga que circulava em suas veias era poderosa. Estava zozinho. Quando os grilhões foram soltos, não conseguiu se manter de pé. Não alcançou a cama. Apagou no chão frio. Com a calça azul e sem camisa.

Capítulo 9

Adriano deu um graveto para Gaspar. Os homens estavam em volta. Todos silenciosos. O único barulho existente era o som da água descendo e dos gemidos intermitentes do velho soldado ferido.

Gaspar colocou o graveto entre os dentes, mordendo-o firmemente. Sabia que Adriano ia tentar minimizar os ferimentos. Não traziam anestésicos... ia doer.

Adriano via dois gravetos cravados no abdome firme de Gaspar. Provavelmente tinha atravessado a pele, os músculos abdominais e afundado para dentro. A cada respiração, o sangue esvaía pelas bordas das lacerações. Com um golpe só arrancou o primeiro pedaço de galho. Gaspar contorceu-se. O sangue jorrou abundante. Adriano balançou a cabeça. Aquilo não era bom. Com a mesma frieza arrancou o segundo. O amigo gemeu e protestou, esmagando o máximo que podia o graveto nos dentes. Mais sangue escorrendo pela barriga. Adriano tirou um pano da mochila e limpou as feridas do amigo. O subir e descer da barriga bombeava sangue para fora. Estaria sofrendo uma hemorragia? Passava uma artéria importante próximo ao umbigo? Não conseguia lembrar. Não era médico. Nenhum médico no grupo. Olhou para os soldados. Estavam com os semblantes preocupados. O tempo correndo. Novamente lembrando do tempo. Tinha que se preocupar em construir um abrigo para a noite. Tinha que pensar nisso agora. Ainda mais com esse novo contratempo. Levar um homem ferido não era fácil. Olhou para os homens. Tinha que dar abrigo para os guerreiros. Vasculhou a mochila e apanhou gazes. Retirou um estojo. Agulha e linha. Costurou os pequenos cortes para bloquear o sangramento. Os buracos eram pequenos, mas pareciam profundos. Rezar para que parasse de sangrar. Rezar para que Gaspar não morresse até o nascer do sol. Dois pontos em cada abertura. Estava fazendo a coisa certa? Era bom quando tinham um médico no grupo ou alguém que entendesse de medicina, do corpo humano. Se Francis estivesse com ele, talvez, o ferido tivesse melhores chances. Pediu que levantassem Gaspar e o apoiassem pelas axilas, afastando os braços de seu tronco. Enrolou as bandagens com firmeza, formando uma faixa de um palmo. Gaspar ainda arquejava, parecia não estar pronto para ficar de pé sem ajuda. Adriano notou que o ombro direito do soldado estava bastante inchado e que filetes de sangue também corriam nas costas esfoladas. Os fios de sangue estavam marrons, pois o corpo de Gaspar estava coberto por bastante poeira.

— Vamos levá-lo ao rio. Lavar essa sujeira toda. Deixe-o tentar andar sozinho.

Aos poucos, soltaram Gaspar.

— Eu consigo. Pode deixar. Só tô um pouco tonto.

Gaspar curvou-se e, mancando, tentou aproximar-se do rio. O corpo doía. Que besteira! Droga de pedra! Tinha quase conseguido. Agora estava com aqueles buracos na barriga. Olhou para trás, Adriano o acompanhava. Os outros começavam a subir o morro para trazer mais uma das motocicletas. Gaspar, com dificuldade, deixou o corpo escorregar pela beira do barranco, caindo na parte mais rasa do rio, não chegando a molhar as bandagens.

— Não molhe o curativo. — advertiu Adriano. — Lave os braços e vá deitar no sol. Procure descansar um pouco e ver como reage. Temos que ver se esse sangue pára de vazar, senão não sei como vai ser a noite. Você não pode ficar sangrando, cara.

— Eu sei. Eu sei, porra. Sei até no que você está pensando, Adriano.

O líder estendeu a mão para trazer o soldado para fora da água. Era melhor poupá-lo de esforços. Apoiou-o pelo braço para conduzi-lo até um gramado banhado pelo sol. Estavam no meio do caminho, entre gemidos e arrastamento de perna, quando Adriano assustou-se mais uma vez ao olhar para o soldado. Gaspar tinha a perna, da altura do joelho para baixo, lavada de sangue.

— Seu joelho... Gaspar parou para olhar.

— Merda! Puta merda! Sabia que tava doendo demais. Chegaram ao gramado e Adriano deitou o amigo. Correu até onde tinham juntado as mochilas procurando pelas bandagens oferecidas pelos companheiros. Pegou o estojo mais uma vez. Precisava fechar aquela ferida. Procurou pelo graveto mordido, limpou e refez a corrida até o parceiro.

— Morde isto aqui. Vou ter que costurar isto também.

— Porra, já tá doendo pra caralho. Eu não agüento mais.

— Só mais essa. É melhor do que ficar sangrando e virar isca de noturnos.

Gaspar fechou os olhos e respirou fundo.

— Vou ter que tomar um trago, cara. A seco não vai dar. Olha o tamanho desta merda. — reclamou, apontando para o corte aberto no joelho.

Adriano olhou calado para a ferida. Dava repugnância.

— O que é esse treco branco?

— Acho que é sua rótula, cara.

— Não vou conseguir, velho. Toca o barco com os caras, me larga aqui. Me descola um trago.

— A gente não trouxe cachaça, Gaspar. Não dava. Tinha que trazer gasolina, não pinga. A gente toma um bagulho quando chegarmos em São Vitor.

— Quem você está querendo enganar? — resmungou o ferido, colocando o graveto na boca. — Mmm... que não emmm...

Adriano limpou a ferida com uma gaze. Um corte extenso e também profundo, bem no joelho. Um rasgo. Ele tinha batido aquilo numa pedra e a pele não tinha suportado. Começou a

costurar, com o joelho semi flexionado e tendo de forçar para a pele se juntar. Gaspar gemia, mas evitava mexer no ferimento. Estava agüentando. Adriano não podia esquecer de pedir um novo suprimento de analgésicos injetáveis para a Dra. Ana no Geral de São Vitor. Depois de dar os pontos, cortou a linha do carretel e enrolou faixas na altura do joelho. Gaspar parecia estar mais calmo ou ter desmaiado, uma vez que estava extremamente quieto e de olhos fechados. Como o homem respirava, Adriano não o fez acordar. Deixou Gaspar para trás. Não podia parar também. Um homem a menos já era muita coisa, que dizer dois... Colocou-se morro acima. Os homens desciam com mais uma motocicleta. Só vinte minutos mais tarde, com seis homens descendo a motocicleta é que parou para examinar a de Gaspar. Ela estava com os retrovisores quebrados, a carenagem danificada e mais uns tantos arranhões. Colocou-a de pé e deu partida. Pegou na primeira. Ao menos parecia boa para rodar. Baixou o apoio e deixou-a de pé junto às outras duas. Faltavam cinco. Olhou para o céu. O sol descendo, já próximo das árvores. Olhou ao redor. O vento frio se intensificando. A noite não tardaria chegar. A voz de Sinatra puxando mais um *hit* do passado chegou aos ouvidos. Era impressionante como aquele cara conseguia manter a calma nas horas mais complicadas. Por que Gaspar não estava ajudando a descer a primeira moto ao invés do Sinatra? Sinatra não teria pulado como um louco lá de cima? Não teria. Teria cantando mais um sucesso das bandas desaparecidas após a catástrofe, uma do Barão Vermelho, do Aerosmith ou do Plantação. Não teria descido aquele morro e acabado todo estropiado feito o Gaspar. Enxugou o suor da testa com os pêlos do braço.

— Não subam ainda. Vamos encontrar um lugar para passar a noite.

Os homens encararam-no silenciosos, como que recebendo a confirmação dura do que não queriam ouvir. Passariam a noite na estrada. Passariam a noite expostos aos vampiros. Os malditos noturnos.

— Vocês três, procurem deste lado do rio. — disse, Adriano, referindo-se a Joel, Raul e Paraná. — Vou com o novato e os outros procurar do outro lado. Estejam aqui, impreterivelmente, em quarenta minutos.

Sinatra, Marcel e Zacarias atravessaram o largo rio a braçadas rápidas. O líder Adriano era o que demorava mais, pois levava o facão amarrado na cintura e também tomava cuidado com duas armas de fogo. Essas expedições inesperadas invariavelmente eram entremeadas por surpresas, quase sempre desagradáveis. Os últimos anos tinham dado vigor à mata. Não era difícil deparar-se com onças ou matilhas de cães famintos e raivosos, oriundos dos grandes centros urbanos abandonados. Perigo era o que não faltava.

Até mesmo o novato sabia o que estavam procurando. Um abrigo... isso significava que tinham pouco mais de vinte minutos para localizar uma pequena gruta, ou algo que os mantivesse protegidos e cercados, para tentarem sobreviver aquela noite. Uma manilha larga, um cômodo escavado por sobreviventes, qualquer coisa. Sobreviventes do passado faziam aquilo.

Escavavam cômodos nos morros. Faziam paredes de pedra com uma pequena abertura para o interior. Em geral, esses cômodos perdidos nas florestas tinham uma única entrada, um único caminho para serem atacados e defenderem-se durante a noite. Caso um noturno encontrasse o abrigo, dificilmente você escaparia vivo. Mas, se quisesse tentar, teria de estar acordado. Por isso convinha que uma sentinela passasse a noite toda acordada e, se você estivesse no relento sozinho, nem pensar em cochilar. Os vampiros eram ardilosos. Chegavam sem barulho. Eram caçadores eficientes. Assassinos rápidos. Vinham do céu, pelas árvores. Macacos do inferno. Pisavam nas folhas secas sem que elas estalassem. Muita gente morria sem se dar conta de que caía nas garras das criaturas. Zás... uma garganta cortada. E os bichos da noite alimentavam-se daquilo que jorrava das artérias. Sangue vivo. Sangue humano. Diziam que podiam até subsistir com sangue de outras espécies, mas também diziam que não era a mesma coisa para eles. O sangue humano era mais saboroso. Mais poderoso. Farejavam no ar, a centenas de metros de distância. Um sangramento durante a noite e pronto. Estavam ferrados. Eles viriam. Tão certo quanto o pio da coruja. Diziam também que os vampiros caçadores, os que saíam para as florestas durante a noite em busca de sangue fresco, eram os piores. Os caçadores eram mais fortes. Mais violentos. Eram os noturnos mais preparados. Conheciam as matas. Conheciam os esconderijos. Eram os que derrubavam árvores na estrada. Colocavam explosivos nos caminhos. Sem contar as armadilhas. Armadilhas perfurantes, que faziam a vítima sangrar. Faziam a vítima deixar um rastro. Caso o azarado tivesse que dormir na estrada, estava acabado. Diziam que os vampiros mais fracos ficavam nas tocas, nas cavernas, nos túneis gigantescos, que abrigavam uma população daquelas criaturas. Os noturnos tomavam as velhas cidades desabitadas. Contavam que a extinta cidade de São Paulo abrigava um sem número de tocas e tribos, pois os noturnos dividiam-se em tribos. Ocupavam prédios inteiros. Selavam as janelas, impedindo a entrada do sol. Escravizavam seres humanos para fazer deles sentinelas diurnos. Humanos traidores, que abriam fogo contra as tropas que buscavam desinfetar a Terra daquela raça maldita, surgida do dia para noite, sem mais nem menos. Criaturas que apareceram depois da Noite Maldita, do Evento.

Zacarias, o soldado mais baixo e mais gordo do grupo, foi quem lembrou:

— Depois dessa ponte não tem aquela lanchonete abandonada? Adriano refletiu um instante:

— É, tem.

— Por que a gente não procura abrigo por lá? A gente fortifica uma sala. Fica todo mundo junto. Se aparecer alguém durante a noite, a gente manda bala.

— Na mata é mais seguro. — replicou o líder.

— Claro que é mais seguro, mas se a gente não achar nada em meia hora, acho melhor não perdermos mais tempo e começarmos a preparar nosso acampamento lá na lanchonete. Como é mesmo o nome daquele lugar? Rei da Pamonha?

— Rancho. — consertou Sinatra. — Rancho da Pamonha. Zacarias sorriu. Uma imagem de infância. O pai sempre parava na estrada para fazerem um lanche no Rancho da Pamonha. Tinha um *playground* imenso, era muito divertido. O sorriso sumiu. Outra imagem. A casa invadida por vampiros. O pai atirando contra as criaturas. A mãe escapando com ele pelas escadas. Gritaria. Estavam invadindo o prédio todo. Zacarias apertou os olhos.

Adriano, que ia à frente atento ao caminho, divisou uma picada dentre o mato alto. Chamou a atenção dos companheiros. Podia ser uma isca. Uma armadilha. Os noturnos eram foda. O facão ampliava a abertura. Talvez terminasse num cômodo de concreto, criado pelos soldados em passagens anteriores. Aquela luta era antiga. Uma guerra sem trégua.

Sinatra começou a cantar o maior sucesso de Armstrong. *What a Wonderful World* encheu a mata.

Adriano arrependeu-se de não ter trazido seu par de botas. Entrar na floresta descalço era coisa de amador. Aquela região era rica em serpentes.

Marcel era o que tinha a expressão mais tensa. Era a primeira que vez que se preparava para passar a noite na floresta. Desde que ele, ainda criança recém-desperta, e a mãe foram aceitos na fortificação de Nova São Paulo nunca precisara passar um dia fora dos muros. Já tinha entrado em confronto dezenas de vezes contra os noturnos, mas dentro dos muros de Nova Luz a coisa era diferente. Apesar de cercado por mais sete amigos, ali fora, sentia-se sozinho, desprotegido. Tinha ouvido muita história sobre Adriano e seu grupo, sabia que o líder era um guerreiro experiente, mas isso não estava fazendo diferença naquele exato minuto. Com o coração acelerado, rezava por um milagre. Torcia para acordar sobressaltado e descobrir-se na cama, respirando aliviado por despertar de um pesadelo ultra desconfortável.

Adriano chegou ao final da trilha. Acabava numa rocha. Praguejou. Picou mais um pouco para a direita, depois para a esquerda. Balançou a cabeça. O expedicionário que estivera ali antes dele tinha desistido quando chegou naquela rocha. A picada não chegava em lugar algum. Nenhuma gruta. Nenhum cômodo preparado com uma passagem estreita. Nada.

— Vamos voltar. Estamos perdendo tempo aqui.

— Vamos tentar o Rancho?

Adriano só resmungou, o que bastava para os veteranos saberem que a resposta era positiva.

Em cinco minutos chegaram à beira do rio mais uma vez. Subiram em direção a ponte. Devia aproximar-se das quatro da tarde. O sol, insistente, dava um aspecto rajado à folhagem atlântica, intercalando o verde com luz e sombra.

Chegando à ponte, Adriano foi informado que faltavam cinco minutos para completar os trinta. Tinham descido bastante. Talvez fosse precipitado decidir pelo Rancho da Pamonha, pois nem tinha vasculhado rio acima. Mas a incerteza de encontrar abrigo na mata ditava a alternativa. Não podiam arriscar perder mais tempo. Caso arriscassem, quando se dessem conta de que não tinham um canto mais seguro para pernoitar, já estariam perto das cinco da tarde, não tardaria o coaxar dos sapos e a imersão na sombra. Teriam de esconder-se na mata, tendo como proteção as árvores e a fé em Deus. Por outro lado, talvez a outra equipe tivesse tido mais sorte e viesse com a boa nova de um abrigo perfeito, impossível de ser penetrado por um noturno. Partilhou os pensamentos com os acompanhantes. Deixaram as armas de fogo e o facão na margem do rio e voltaram nadando para a outra margem.

Enquanto os homens aqueciam-se com os braços, Adriano foi até o gramado onde Gaspar permanecia adormecido. Secou a mão nas próprias pernas e, depois, tocou a testa do amigo. Estava frio. Olhou para as ataduras. Estavam limpas. Livres de sangue. Era bom que fosse assim. Gaspar era seu segundo homem. Não queria deixá-lo para trás. Era, além de um bom soldado, um amigo. Além de um amigo, era o segundo no grupo que conhecia a missão. Conhecia os planos da Inteligência do grupo superior que lutava para construir a estratégia definitiva contra os noturnos. Gaspar não poderia ser deixado para trás. Era valioso demais. Infelizmente tinha sofrido um surto de desespero aquela tarde.

Depois de dez minutos, avistaram o grupo de Raul descendo o rio. Vinham em silêncio. Cabisbaixos. Ao que parecia tinham tido a mesma sorte. Nenhum abrigo inexpugnável, nenhum combustível para a esperança que minguava à medida que o sol descia.

— Encontramos uma gruta escavada em pedra... — começou Raul. Marcel deu um tapa ligeiro no braço de Sinatra. Esperança.

— ... mas é muito pequena. Bastante para um homem, dois, se apertar... não vai dar para todo mundo.

O sorriso que enfeitava o rosto negro do novato desapareceu.

— O Zacarias lembrou que depois da ponte tem aquele Rancho da Pamonha. Acho que podemos adaptar uma sala para passar a noite.

— Dá uns seis quilômetros até lá, uns três minutos de estrada. — emendou Joel.

— Se não tiver nenhuma árvore no caminho... — resmungou Marcel.

— Mas tô com Adriano e não abro. Se ficarmos aqui discutindo, anoitece. Vamos mexer o esqueleto e correr para o Rancho da Pamonha.

— Temos que atravessar duas motos. Temos três aqui embaixo. Vamos esconder as outras no mato. Vampiro fareja sangue, não fareja óleo. A gente dorme no Rancho e amanhã volta para buscar o resto. Vamos subir logo essas máquinas e arrumar um canto para dormir, organizou o líder.

Uma hora e vinte minutos depois estavam em cima do morro, do outro lado da ponte, com duas motocicletas de motores ligados.

Marcel olhou para barranco vermelho que terminava em árvores novas e touceiras altas. Tinham demorado para subir com as motocicletas, pesadas demais e difíceis de elevar. Podia ver do outro lado do rio um corpo estirado numa parte gramada da depressão. Gaspar ficaria para trás. Tinha uma arma ao seu lado. Um reflexo luzia no metal da pistola devido a incidência do sol.

Estavam em sete homens no topo do morro. O asfalto negro guardando o destino do pelotão.

Raul e Joel tomaram o guidão das motos.

— Zacarias e Marcel, vão primeiro. Dêem uma olhada no lugar. Verifiquem se vai ter como montarmos um quarto para o pernoite. Estando tudo ok, voltem para pegar a gente.

Acomodaram o máximo de bagagens com o primeiro quarteto. Se a estrada estivesse limpa, chegariam em poucos minutos, três, quatro no máximo, ao velho e abandonado Rancho da Pamonha.

Ficaram na beira do morro o líder Adriano, o cantor Sinatra e também Paraná. Paraná era o homem mais velho do grupo. Um senhor na casa dos cinquenta anos, mas de complexão invejável. Tinha o cabelo cortado à máquina e olhos vivos. Apesar da idade era soldado há apenas quatro anos e estava no grupo de Adriano há menos de dois anos. Tinha servido em outro pelotão, que fora exterminado pelos noturnos numa batalha no *front*. Diziam que Paraná se alistara depois de ter visto a família dizimada após a invasão dos noturnos à uma fortificação. Foram pegos de noite. As sentinelas não tiveram tempo de dar aviso com rojões. Um massacre.

Adriano cofiava o cavanhaque, olhando para o corpo estirado de Gaspar. Os motoqueiros não poderiam demorar, pois planejava ir até a lanchonete abandonada para inspecioná-la com os próprios olhos e depois retornar para levar Gaspar até a gruta encontrada pelo grupo de Raul.

Sinatra cantarolava qualquer coisa, enquanto Paraná estava debruçado na amurada da ponte, olhando para a paisagem rio abaixo.

O sol continuava sua marcha cadente trazendo o inferno.

Depois que Sinatra calou-se, um silêncio avassalador abateu-se sobre o trio. Cada um capturado por seus pensamentos. Minutos escorreram para o passado quando foram despertados pelo som grandioso de uma revoada de araras-azuis e tucanos que cruzaram a ponte, descendo o rio. Quando o som dos pássaros afastou-se, o som dos motores chegou. Meio minuto até que avistassem as motos na rodovia. Marcel e Joel traziam as motocicletas. Capacetes reluzentes rebatendo o pouco do sol que chegava ao asfalto. O astro rei tocava a copa das árvores e o tom azul do céu começava a transformar-se. Quando os homens chegaram e retiraram os capacetes puderam ver os sorrisos.

— O Raul achou o lugar perfeito! Disse que vamos sobreviver esta noite! — explodiu o jovem Marcel.

Adriano resmungou, montando na garupa e pedindo a Marcel que ficasse o mais para frente possível para que Sinatra pudesse subir. A moto deles iria levar três passageiros.

Joel e o corpulento Paraná dividiram o segundo veículo e carregaram o resto das mochilas. Dispararam no asfalto.

Quatro minutos depois, as máquinas reduziam a velocidade.

Adriano ergueu os olhos. O grande complexo da lanchonete estava coberto por um tipo de trepadeira, feito um cobertor herbal. Gastou um minuto olhando para o lugar. Jamais consideraria aquele lugar sombrio um abrigo, mas a ocasião não lhe permitia muito critério. Entrou no Rancho da Pamonha. Caixas registradoras, balcões, displays com o logotipo da empresa espalhavam-se pelo amplo salão, igualmente recoberto por aquela hera. Ouvia as vozes de Raul e Zacarias vindas do fundo do salão. Estavam rindo. Ao menos a tensão do grupo parecia dissolver-se. Confiantes, venceriam aquela noite. Adriano percorreu o salão. Lembranças furtando-lhe a atenção. Via seu pai retirando um litro de suco de milho de uma das geladeiras. Sua mãe costumava pedir curau. Ele detestava. O irmão mais velho... ele pedia sorvete de milho ou gritava por moedas em frente as *vending-machines*. Sorriu. Voltou à realidade com Paraná pedindo que fosse até a porta de onde Raul surgira.

— Venha ver, Adriano. Acho que vamos nos virar bem por aqui. Dá até para morar aqui.

Adriano seguiu o amigo. Passaram por uma cozinha industrial, um labirinto de corredores, velhas salas frigoríficas. Chegaram a um corredor bem estreito. Perfeito. Só passava um homem por vez. Depois uma sala com espaço suficiente para passarem uma noite. Uns quinze metros quadrados. Não era nenhuma suíte, mas serviria. Raul mostrou-lhe a grande vantagem. A sala era selada por uma espessa porta metálica que corria sobre trilhos, sem mais nenhum acesso. Era resistente.

— Para uma noite, basta. — disse Raul. Adriano meneou a cabeça positivamente.

— Limpem isso aqui. Vamos nos alojar por aqui mesmo. Já são mais de cinco da tarde, logo escurece, não temos mais escolha. Vamos orar. Seja o que Deus quiser! Eu vou cuidar do Gaspar.

Os homens olharam para o líder.

— Vou levá-lo para a gruta que vocês encontraram. Não vou largar ele naquele gramado. Também preciso que dois de vocês vão para lá e escondam as motocicletas.

Marcel e Raul ofereceram-se.

— Vocês, depois de limpar este canto, vasculhem este lugar, de cabo a rabo, vão aos fundos, procurem indícios. Não quero dormir na boca do leão. Se isto for um ninho de noturnos, não vamos durar dois minutos depois do sol cair.

Joel tinha explicado bem para Adriano como chegar até a diminuta gruta. O líder dos soldados respirava com dificuldade. Trazia, apoiado em seu ombro, o soldado ferido. Gaspar estava lúcido, mas gemia a cada passo avançado. Tinha piorado. Talvez estivesse com algum osso quebrado, uma hemorragia interna. Adriano trazia ainda nas costas a espingarda do soldado e sua mochila. Os voluntários encarregavam-se de esconder as motocicletas e tinham ordens expressas de não esperá-lo. Adriano dissera que poderia até mesmo passar a noite junto de Gaspar, para não deixá-lo completamente desamparado, sozinho na mata. A decisão de deixar Gaspar separado dos demais surgira no fato das ataduras, tanto abdominais quanto as do joelho, apresentarem grandes manchas de sangue. Gaspar representava um perigo potencial ao grupo e sabia que era medida básica de sobrevivência separar do grupo os soldados feridos nas horas escuras. Os noturnos viriam em busca do sangue. Alguém sangrando era isca para tubarões.

Adriano rangeu os dentes, içando o corpo de Gaspar para o topo de uma rocha. Um tronco de árvore ajudava na subida. Segundo Joel, logo depois daquele ponto, na continuação da rocha, escondido pelo mato alto, encontraria um buraco escavado no duro mineral. Um abrigo improvisado, meia boca. Realmente constatava que mal dava para duas pessoas. Tinha que se esgueirar até o fundo e torcer para que os vampiros não encontrassem aquele buraco. Sem sangue até que seria possível. Estava no meio da mata. Seria muito azar ser encontrado.

Adriano empurrou Gaspar pela abertura. Já estava escuro no fundo da gruta. O céu também perdia rapidamente a claridade. Mosquitos notívagos começavam a dar o ar da graça. Adriano estava preocupado. Será que os outros dois já tinham terminado a tarefa de esconder as motos? Tomara que sim. Tomara que já tivessem zarpado rumo a lanchonete-abrigo. Olhou para Gaspar. As faixas enroladas no abdome e no joelho já não bastavam para o sangue. Do joelho escorria um fino filete escarlate, descendo até a bota do soldado. Ele seria achado. Seria pego pelos malditos noturnos.

Adriano recuou um passo. Apanhou a espingarda calibre doze e colocou-a no chão, fora da gruta. Gaspar não ia precisar daquilo. Seria pego pelos vampiros. Na melhor das hipóteses, seria morto. Num contexto mais sombrio, poderia ser feito escravo, poderia ser torturado e obrigado a dizer tudo o que sabia sobre o Plano B, sobre a trama para o extermínio dos noturnos, para o remédio. Adriano abaixou-se e abriu a mochila de Gaspar. Retirou documentos do homem e enfiou nos bolsos de sua jaqueta. Retirou a munição. Balas banhadas em prata. A coisa mais eficiente na luta contra os vampiros depois dos bentos. Quando atingiam a cabeça do inimigo,

colocavam-no fora de combate. Se atingissem um inimigo fraco, podiam até matá-lo definitivamente. Bastante munição. Seria mais útil no Rancho da Pamonha do que ali, naquele buraco escavado na pedra. Adriano tirou sua pistola da cintura. Transpirava pela testa. O coração batia rápido. Os olhos ardiam. Era um líder. Líderes tomavam decisões difíceis como aquela. Tinha que matar Gaspar. Matar seu melhor soldado. Seu amigo. Gaspar sangrava muito. Jamais passaria incólume aquela noite. Se tivesse tempo e certeza de que alcançaria São Vitor no dia seguinte, enterraria o amigo, não o largaria ali, naquele buraco de pedra. Mas o sol já descia no horizonte. A luz começava a faltar e logo aqueles malditos estariam soltos na terra mais uma vez. Adriano ergueu o braço. Gaspar respirava com dificuldade e, apesar do silêncio, estava acordado. Cerrou os lábios. Sabia o que Adriano queria. Sabia por que Adriano fazia aquilo. Sabia que não adiantava protestar. Era a lei. Teria de fazer o mesmo se estivesse do outro lado da pistola. Mas não queria morrer. Não queria morrer naquele dia. Daquele jeito. Morrer por causa de uma decisão precipitada. Por um erro idiota. Tinha sobrevivido a tantas batalhas. Sorriu. Lembrava quando tinha enfiado um escopeta carregada de prata no rabo de um vampiro. Tinha feito o desgraçado cagar prata. Tinha dado cabo de tantos deles. Não era justo. Ele e Adriano eram unidos. Não era justo. Não queria morrer. Tinha acordado aquele dia sem suspeitar que seria o último dia de sua vida. Tinha acordado sem receber aviso. Um dia comum. Ordinário. Um azar na estrada. A cabeça cansada. Medo da noite. Dos noturnos. Mas sabia que o amigo não podia arriscar. O homem ferido poderia ser pego. Ser obrigado a abrir o bico. Era melhor que fosse assim. Certeza de estar calado quando os sanguessugas chegassem. Certeza de que o segredo não seria proferido ao inimigo. Deus! Mesmo sabendo de tudo isso, não era fácil. Não era fácil despedir-se da vida. Faltou ar no peito. Ergueu a mão, como se pedisse um momento. Talvez tivesse como contornar aquilo. Mundo maldito! Mundo das trevas! Por que Deus tinha deixado aquilo acontecer? Os demônios escaparem pela porta do inferno e tomarem conta do planeta! Não era fácil morrer, droga! Não era fácil! Lágrimas descendo no rosto. Encostou-se o mais ao fundo que pôde, arrastando-se, fodidamente machucado. A porra do joelho doendo. Sangrando. Fodidamente sangrando. Sangrando e condenando. Maldito sangue! Gaspar respirou fundo. Via os olhos do amigo também cheios de água.

— Até mais parceiro. — disse Gaspar, com a voz embargada.

Adriano passou rapidamente as costas da mão que segurava a pistola sobre os olhos. Não podia fraquejar agora. Santo Deus! Como era difícil fazer aquilo com um amigo... um parceiro. Merda de inferno!

— Atira logo, porra! Atira, filho da puta!

Adriano voltou a fazer pontaria. Coração ou cabeça? Porra...

— Eu não quero morrer... não tô pronto. Me leva com você, cara. Me leva... — choramingou o soldado.

Gaspar prendeu a respiração. Uma explosão. Expirou. O peito pesado. O céu ficando mais escuro. Adriano, seu amigo... puxando mais uma vez o gatilho. Dor de cabeça. Silêncio. O ar não entrava mais. A garganta ardendo. Frio, dor e solidão. Tristeza... muita tristeza tomando o coração. Lágrimas descendo pelo rosto. Não podia se mexer. Não conseguiu falar. Agulhas. Sentia milhares de agulhas perfurando o peito. Um barulho desconexo escapou pela boca. Queria não ter implorado pela vida. Fora tão bravo em tantas lutas... agora morrendo como um rato... tinha implorado pela vida. Tentou, mas o ar não veio. Escuro. Tudo escuro... acabado.

Adriano descia correndo, rente ao rio. Enxugava pela terceira vez as lágrimas do rosto. Pensava no sol. O sol sumindo. O sol danando sua vida. Corria mais. O peso da munição de Gaspar batendo no peito. O coaxar dos sapos chegando em seu ouvido, anunciando o anoitecer. A luz, difusa, perdida no meio das árvores. O céu vermelho. O tempo acabando.

Chegou na altura da ponte. A merda da balsa do outro lado. Tirou a jaqueta. A camiseta ainda estava úmida. Tirou as botas e as meias. Tinha que ir rápido. Os noturnos deveriam estar abrindo os olhos em suas tocas fedorentas naquele exato momento. Entrou no rio, procurando os pontos mais rasos. Estava difícil manter as armas e as roupas secas. A pressa atrapalhava tudo. Ao menos a munição tinha que passar incólume.

Deixou o rio. A calça ensopada. Vestiu a jaqueta às pressas. balas caíram. Sem tempo de parar para juntá-las. Enfiou a pistola na cintura. Segurou a espingarda com a outra. Subiu o mais rápido que pôde o morro rente ao pé da ponte. Parou no meio do caminho ofegante. Frio. O sol escondido pelas montanhas. Lusco fusco. Urgência. Terminou a escalada com o pulmão parecendo querer sair pela garganta. Pensou em largar a arma mais pesada... resistiu. A pior parte já tinha passado. O cricrilar dos insetos vindo da mata. O escuro ganhando força. A moto parada na beira da estrada. Correu mais um pouco e montou na motocicleta. Ligou. O motor falhou. A luz da reserva acesa. Deus! Essa não. A gasolina! Não podia ter acabado. Seis quilômetros até a lanchonete. Quanto tempo a pé? Andando rápido, um homem caminha cerca de três quilômetros por hora. Seria bem mais de uma hora de caminhada. O céu estaria totalmente escuro quando chegasse... se chegasse. Apertou o botão de *start* mais uma vez. O motor funcionou. Deus! Que a gasolina não acabasse até estar lá! Acelerou. Torceu o cabo. Acendeu os faróis. Medo. Puta que o pariu! Crepúsculo. Por que os noturnos faziam isso com os homens? Bastava escurecer para que todos se tornassem arremedos de sobreviventes, marionetes aparvalhadas. Para que se tornassem criancinhas com medo do bicho papão. Os mais bravos, os mais destemidos, como os soldados que rodavam de cidade em cidade, levando e trazendo as boas e más notícias, também se rendiam à falta de sol. Mesmo os mais bravos fechavam os olhos e oravam do fundo do coração, esperando que a luz do astro incandescente voltasse e tornasse a terra imune àquela praga mortal.

Adriano gritou emocionado quando divisou os contornos do Rancho da Pamonha. A perna estava gelada, com o frio catalisado pelo *jeans* molhado, exposto ao vento, trazido pela velocidade da máquina. A espingarda vinha na coronha ajustada à carenagem. Uma descida longa. Uns trezentos metros. A escuridão avançando. O sol desaparecido atrás da serra. O roxo sucumbindo à noite. Crepúsculo. Estrelas infinitas tomando conta do firmamento. A lua minguante clamando sua parte. A noite instalando-se. A noite chegando. A noite trazendo pela mão um filhote... um filhote feito uma aberração que tinha uma palavra grafada a ferro quente em seu couro descarnado. Quando aquele bicho passava, todos liam: Danação.

Os homens tinham ajeitado o cômodo escolhido. Tiraram o amontoado de bagunças empoeiradas abandonadas naquela sala e providenciaram escoras para a porta corrediça. Caso fossem encontrados, teriam que dificultar a passagem de qualquer invasor.

Paraná tirou de sua bolsa de lona três garrafas de água benta e depositou-as no canto que reservara para cochilar.

Ficaram preocupados vendo o sol descer no horizonte e o líder não retornar. Talvez ele tivesse decidido mesmo ficar junto de Gaspar e encarar a escuridão.

Reuniram-se no salão principal da velha lanchonete. Estavam famintos e com medo. Não poderiam acender fogo para fazer carne. Teriam que se virar com os enlatados, jantar frio. Fumaça chamava a atenção dos noturnos. O último rastro de sol que enfeitava o salão esmaeceu lentamente até desaparecer por completo. Marcel benzeu-se. Raul repetiu o gesto, logo todos estavam fazendo o sinal-da-cruz.

— Canta alguma coisa, Sinatra. Canta alguma coisa para espantar o medo. — pediu Joel.

Sinatra pigarreou.

O salão em silêncio. Marcel ouviu primeiro o som do motor.

Todos viraram-se para o imenso vidro da frente e, apesar da sujeira grossa que resistira a tentativa de limpeza, viram o farol surgir na estrada. Olhavam para Adriano aproximando-se, quando a voz do amigo cantor encheu o salão com uma deliciosa canção antiga:

— *When the night has come, and the land is dark, and the moon is the only light we 'll see... No, I won't be afraid. No, I won't be afraid... Just as long as you stand. Stand by me... So darling, darling, stand by me, oh, stand by me, oh, stand, stand by me, stand by me...*

Capítulo 10

Lucas acordou no piso frio. A impressão de ouvir um sinal sonoro. Impressão. A imagem da Dra. Ana veio à sua cabeça. Estava no chão por causa de uma injeção. Por causa de um ataque. A porta que separava o quarto vizinho continuava aberta. Piscando os olhos podia ver a cama de Gabriel. Ele não estava lá. Não estava em seu campo visual. Lucas engatinhou até seu catre. Deitou-se no colchão. O pescoço dolorido. Onde estava Gabriel? Já teria sido libertado daquela gaiola de loucos? Provavelmente. Ficou deitado um tempo, esperando a tontura passar. Seria dia ou seria noite? Sentia muito sono, o que deveria ser efeito da medicação. Estava perdido sensorialmente. Notou que a calça azul estava empapada de suor. O que seria aquilo? Outro efeito da droga? Apanhou a camisa hospitalar debaixo da cama e passou sobre o peito. Estava todo suado. Ouviu um ranger. Ergueu a cabeça. Não viu nada. O ranger continuou, como um dispositivo mecânico acionado. Sentou-se e olhou para o grande vidro. Viria de trás daquele espelho? Não. Não vinha. Vinha da parede, ao lado do catre. Onde costumava se recostar para ser preso pela garganta e braços. Havia surgido ali um braço mecânico. Uma garra que sustentava uma espada curta. Que porra era aquela agora? Uma espada?! Para quê? O mecanismo parou de ranger, mantendo a espada de pé, presa num encaixe de borracha. Lucas olhava compenetrado para aquele novo personagem em sua louca aventura naquela cela de hospício. Um sinal sonoro contínuo, como os alarmes emitidos nos corredores das escolas na troca de aulas. Tomou tamanho susto que quase caiu da cama. O suor escorria em bicas. Estava sentado. As espáduas retas e tesas. Ouviu uma risada vinda do quarto ao lado. Uma risada macabra. Assombrada. Olhou para a espada presa na garra. Olhou para o vidro espelhado. O que estava acontecendo? A voz de Gabriel chegou ao seu ouvido.

— Eles deram uma para você também? Há!Há!Há! Eles estão deixando a gente louco, sabia? Seu maluco! — gritava o vizinho.

Lucas apertou os olhos. Aquela voz. A imagem de Gabriel vindo na sua cabeça. O vizinho estúpido. O ódio queimando no peito. Cara idiota. Lucas levantou. Gabriel surgiu na porta. Trazia uma espada curta.

— Não pega essa faca. — advertiu o vizinho.

Lucas parou. O cabelo desgrenhado do vizinho parecia formar uma auréola no topo da cabeça de Gabriel. Um santo. São Gabriel. Lucas rilhou os dentes.

— Não pega essa faca, senão eu te furo com a minha. Ameaça. Lucas continuou imóvel. O suor descendo pelo rosto.

— Cadê a Dra. Ana? Esse homem precisa de remédio. Ele está louco! — gritou para o espelho.

Nenhuma resposta.

Gabriel avançava em direção à espada da cela de Lucas com sua lâmina em riste, pronta para atacá-lo.

Lucas não queria arriscar-se. Mantinha uma distância segura daquele maluco. Um sorriso sarcástico tomou seus lábios finos. Quem era louco? Ele próprio? Gabriel? Ou os homens atrás do espelho? Aquilo era um *reallity show*? *Big Crazy Brother*?

O ódio de Lucas triplicou. Odiava Gabriel. Odiava aquele maldito quarto branco. E agora aquele maluco estava lhe apontando uma espada e aproximando-se de outra. A que deveria ser a sua. A sua espada para defender-se. A sua espada para cortar a garganta daquele lunático. A espada para arrancar as tripas daquele cabeludo irritante. O adversário. Lucas apertou mais uma vez os dentes. O maxilar parecia que ia estourar e os dentes voarem da boca, tamanha a tensão que se apoderara de seu corpo. Um Lucas menor ainda lutava para manter a sanidade do ser, mas o Lucas maior e louco era mais forte. O Lucas menor ficava questionando-se, consumindo um resquício de lógica. Por que tinha tanto ódio daquele homem que nem conhecia?... Um Lucas tentando encontrar a razão. O Lucas maior pouco importava-se. O Lucas maior queria agarrar aquele homem pela garganta, com espada ou sem espada e arrancar sangue da sua pele. Fazer o vizinho cair morto. Ou melhor... torturá-lo. Tomar a espada e cortá-lo. Deixá-lo debater-se numa hemorragia letal, vendo o sangue sumir do corpo. Lucas sorriu... quase rindo. Estava doido. Era isso. O Lucas menor dizia isso. Estava doido. Por que matar um desconhecido? E talvez o desconhecido passasse pela mesma experiência. Ou talvez o desconhecido estivesse com medo dele. Será que as pessoas conseguem ver em nossa cara nossa loucura? Lucas escondeu o sorriso. E se ele percebesse que ele estava louco? Não queria que os outros soubessem... porque o Lucas menor não tinha certeza de estar louco. Só o Lucas prevaiente era que queria matar o vizinho. O Lucas menor, o verdadeiro Lucas, tentava manter o controle. O pequeno Lucas achava que se saísse daquele doentio quarto branco poderia tornar-se soberano e tornar-se o Lucas maior e acabar com aquele Lucas demente. O sorriso doente voltou sem avisar. Lucas piscou. O suor descendo pelo rosto. As drogas estavam fazendo aquilo. Só podia ser isso. As drogas criavam aquela dicotomia interna. As drogas colocavam os Lucas para brigar. Ele não se lembrava de sua vida antes daquele hospital... mas sabia que não era um louco, um pinel. Não era! Dodecaedro. Lucas sorriu. Que merda era aquela agora? Dodecaedro. O que aquilo significava? Um desenho geométrico formando-se em sua mente. Fechou os olhos. Estava louco. Estava louco. Abriu os olhos. Gabriel estava pegando a segunda espada. Gabriel, o velho cabeludo, com duas espadas. Lucas sem espada. Lucas recuou até encostar-se na parede oposta ao espelho. Será que tinha alguém lá atrás do vidro? Talvez estivessem de folga. Talvez fosse domingo e agora estavam sozinhos. Gabriel iria matá-lo. Matá-lo naquele instante. Lucas cerrou os dentes e manteve os olhos abertos, atentos. A cabeça esvaziou a loucura que o

atordoava. Só via Gabriel e as espadas. Uma em cada mão, dançando na frente do peito do oponente. Gabriel, praticamente encostado na parede com o vidro, arfava cada vez mais rápido. Ia atacar.

Lucas sentia algo mudando em seu medo. Não estava com medo de Gabriel. Nem das lâminas. Estava com medo do tempo. Com medo do combate demorar muito. Estava ansioso para começar. Ansioso para ter um bom motivo para tomar aquelas espadas do oponente e arrancar-lhe a cabeça. Se fizesse aquilo depois de um ataque, não seria culpado. Ninguém lhe acusaria. Estava defendendo-se.

Gabriel grunhiu. Ergueu as espadas. Abriu a boca e soltou um rugido.

Lucas assustou-se, mas manteve-se em posição de defesa, pronto para o combate. O homem tinha rugido. Estava louco ou via dentes pontiagudos escapando pelos lábios de Gabriel?

Gabriel escancarou a boca mais ainda e seus olhos negros brilharam, tornando-se vermelhos cintilantes.

Lucas teve certeza de estar diante de um monstro. Um monstro com dentes pontiagudos e olhos vermelhos. Seu coração pareceu pegar fogo. Não havia mais dicotomia. Era um só. Uma vontade de agarrar o oponente pelo couro e arrancar-lhe a carne, virando-o do avesso com as unhas. Uma vontade de pintar aquelas paredes de vermelho. Vermelho-sangue. Aquilo na sua frente não era Gabriel. Era um monstro. Um monstro que queria lhe atacar, que precisava ser eliminado a qualquer custo. Um bicho que soltava um cheiro. E aquele cheiro era atraente. Era irresistível. Cheiro do mal. Cheiro de fera pedindo para ser abatida. Lucas não podia resistir. Algo mudava em sua natureza. As narinas eram aprisionadas por aquela essência, sua mente entrava a dois mil por hora num terreno novo. Tinha que agarrar aquele bicho e estrangulá-lo. Apertá-lo contra as unhas, feito pulga. O Lucas menor tinha ido embora. Só havia o Lucas louco, que abriu a boca ameaçadoramente também. Gritou. Antes que Gabriel esboçasse reação, Lucas correu em sua direção. Gabriel até tentou atingir o vizinho com uma das lâminas... mas foi impossível. Lucas passou pela guarda de Gabriel e agarrou sua garganta, jogando a cabeça da criatura contra o vidro da parede. O impacto fez com que Gabriel soltasse as espadas e que o espelho fosse trincado. Lucas chutou cada uma das lâminas em direção a um canto do quarto.

— Vamos brincar sem essas faquinhas, vizinho.

Gabriel rugiu mais uma vez. Parecia um bicho. Os olhos brilharam de novo e os caninos pareceram alongarem-se ainda mais. Foi sua vez de atacar. Fechou as mãos sobre as orelhas de Lucas que, surpreso, soltou-o. Atirou-se contra o vizinho, preocupado em recuperar as espadas.

Lucas foi ao chão com o peso do corpo de Gabriel. Bateu a cabeça no piso. Acidente de percurso. Procurou o adversário. Gabriel debruçava-se sobre uma das espadas. Lucas levantou-se com agilidade e partiu com gana ao encontro do oponente. Gabriel, de costas e debruçado

para apanhar o objeto do chão, não viu Lucas chegando. Gabriel foi empurrado pela camisa e pelas ancas até bater com o topo da cabeça na parede.

Lucas ouviu um "crac" depois de jogar o adversário contra o obstáculo. Viu um azulejo rachado. Gabriel parecia atordoado. Aproveitou para cair com os joelhos em torno do pescoço do oponente para imobilizá-lo. Começou uma série de socos certos contra o rosto da criatura. O ódio consumia seus pensamentos. Queria acabar com ele. Queria matá-lo. Aquilo não era humano. Não merecia viver. Era uma peste. Era um bicho. Uma ameaça. Tinha que acabar com ele. Socou até não agüentar mais erguer o braço. Transpirava em bicas. Saiu de cima do corpo com o rosto deformado. Estranhamente, não tinha sangue escorrendo dos cortes. Era um monstro esquisito. Foi até o catre e apanhou sua camisa azul. Passou o tecido grosso na testa e no peito. O suor ainda escorria. Retomava o controle da respiração. Foi até o canto oposto e pegou sua espada. Olhou para Gabriel. Algo dizia que devia fazer aquilo. Continuar. Caminhou até o corpo inerte. Respirou fundo. Nunca tinha feito aquilo. Mirou o peito. Enterrou a espada no coração da criatura. Só então Gabriel grunhiu e um fio de sangue quase negro escapou-lhe da camisa do hospital.

— Morre, bicho dos infernos!

Lucas deu as costas para Gabriel e foi até a cama. Agora que tinha acabado com o adversário, sua calma parecia voltar ao corpo e à mente. Queria sair dali. O que estavam fazendo ali em São Vítor? Criando assassinos?

Levantou-se e foi ao encontro do vidro espelhado.

— O que vocês querem de mim?! O que querem?! Deixem-me sair daqui!!! Filhos da puta!!!

Lucas calou-se e tocou o vidro trincado com a testa. Respirou fundo. Afastou a testa uns dez centímetros e abriu os olhos. Um vulto repetido nas frações do espelho. Virou-se imediatamente. Por mero reflexo desferiu um chute potente contra a barriga de Gabriel e, ao mesmo tempo, agarrou o cabo da espada e a retirou do coração da criatura. Uma criatura que resistia a uma espada no peito!

Lucas gritou e não deu tempo ao monstro de dentes longos refazer-se. O golpe no coração não o tinha matado, mas o tinha debilitado enormemente, pois Gabriel já não exibia vigor nos músculos e mal se mantinha de pé. Lucas deixou para entender mais tarde. Avançou com a lâmina pronta para o golpe. Desenhou um arco no ar que foi seguido por um barulho grave. Um passo para trás a tempo de desviar-se da cabeça de Gabriel que se descolava do pescoço e ia ao chão. O corpo, decapitado, cambaleou e tombou para trás feito um tronco de árvore decepado caindo de uma vez só. Lucas olhou para aquele corpo bizarro. Um pouco de sangue escapou pelo pescoço aberto. Achava que um ferimento daquele faria uma cascata escarlata banhar o chão. Tinha alguma coisa de errado com o corpo de Gabriel. Tinha matado uma coisa, não uma pessoa. Isso servia para acalmar um pouco. Abaixou-se e repetiu uma série de golpes. Sua pele

sujou-se daquele sangue escuro, que acabou se espalhando pelas paredes. Quando se levantou o corpo não tinha mais braços ou pernas presas ao corpo. Tinha sido retalhado de forma selvagem.

Mais uma vez, Lucas foi até o catre e usou a camisa azul para sua higiene. Limpou também a espada curta, deixando-a originalmente reluzente. Procurou a segunda espada e juntou-as. Deitou-se, colocando-as ao seu lado. Eram suas. Nenhum bicho daqueles poria as mãos nele novamente. Fechou os olhos. A calma voltava à medida que o cheiro daquele bicho desaparecia. Queria descansar um pouco. Não tinha entendido nada. Não sabia se aquilo fora um pesadelo ou uma alucinação causada pela droga administrada pela Dra. Ana. Só tinha entendido uma coisa... que tinha que descansar, pois se voltasse a sentir aquele cheiro iria perder o controle de novo. Iria acabar com a raça daquele bicho dos infernos.

Capítulo 11

Escuridão. A noite instalada. A criatura pálida abriu os olhos, despertando do transe. Estava no fundo de sua toca, Noite abençoada. Hora de sair. Hora de caçar na mata. Buscar alimento para a sociedade. Alimento para o organismo. A toca era uma confusa sucessão de corredores e galerias escavadas na rocha. Cantarzo conhecia o labirinto. Aquela tumba fétida era sua casa. Incrustados nas paredes, muitos dos seus ainda mantinham os olhos fechados, ainda tomados pelo transe que os libertava, aos poucos, do torpor. Caminhou por mais três corredores íngremes, dirigindo-se à superfície. Aproximando-se da boca da toca, grunhiu irritado. Ergueu a narina e inspirou demoradamente. Alguém passando distraído por ali assustar-se-ia com o brilho emitido pelos olhos vermelhos da criatura. Era amedrontador. O som da noite. O vampiro adorava aquilo. Seu ambiente. Conhecia os cheiros. Os animais. Saiu sozinho, preferia assim. Cantarzo habitava uma toca distante dos grandes centros vampíricos. Procurava por Rios de Sangue no interior das florestas. Seu trabalho era perseguir velhos centros rurais onde pudesse haver adormecidos. No momento, os adormecidos ainda eram a fonte de sangue mais cobiçada pelas cidades de vampiros. Depois da Noite Maldita, quando a humanidade afundara-se no desespero tentando entender o que acontecia, muitos dos sãos começaram a juntar os adormecidos. Chegavam a estocar milhares de corpos empilhados em prédios abandonados, em salões de igreja. Tentavam descobrir o que acontecia com aquelas pessoas, qual a doença que devastara a população, tirando-lhes o ânimo e a consciência. Os adormecidos não estavam mortos. Não estavam vivos. Tinham sido colocados em modo de espera. Hibernavam. Belas adormecidas. Alguns humanos sobreviventes chamavam os adormecidos de "os sortudos". Pois os acordados tinham que lutar contra eles. Combater os noturnos. Os malditos bebedores de sangue. Cantarzo sorriu. Correu, tomando velocidade. Adorava ser um vampiro. Adorava seus poderes sobrenaturais. Sortudos eram eles, os noturnos, os filhos da noite. Eles é que eram eternos. Eles é que tinham força sobre-humana e graça. Viviam do sangue dos humanos e eram temidos, temidos como pragas, temidos como o demo. No topo da cadeia alimentar, sem envelhecer um único dia. Cantarzo saltou. Parecia voar. Seu corpo agarrou-se ao tronco de uma frondosa árvore. Esgueirou-se para cima até alcançar um galho. Saltou para a árvore seguinte. O par de brasas vermelhas percorrendo a mata, voando dentre a folhagem. Cantarzo parava eventualmente. Farejava o ar. Buscava o cheiro. Cheiro de sangue. Uma pista. A toca tinha plantado armadilhas nos últimos dias. Vinha o cheiro do sangue de animais silvestres... faltava o aroma favorito. Sangue humano, o ópio dos vampiros. Subiu mais alguns metros. Os galhos finos começavam a ficar suscetíveis à carga da criatura. Cantarzo não demorava, saltando antes que o galho arrebentasse. Parecia voar. Um bicho sem peso. Um predador perigoso. Iria até a

estrada. Dias atrás tinha explodido a ponte. Sabia que, cedo ou tarde, os soldados teriam de passar por ali, pois sempre iam ou vinham do centro que chamavam de São Vitor. Com alguma sorte teriam se acidentado. Teriam sofrido com as árvores tombadas, perdendo tempo e ganhando burrice à medida que o desespero consumia-lhes a sanidade. Um teria despencado da ponte, arrebatando-se contra o rio. Alguém poderia ter se cortado atravessando os morros. Por isso, visitar a estrada e a ponte era obrigação de toda noite.

Cantarzo saltou para um imponente jequitibá. Trinta anos sem interferência humana na mata tinham feito bem à floresta. O vampiro escalou a árvore gigantesca que se erguia além das demais. Farejou. Grunhiu. Um vento forte bateu contra seu corpo. Agarrou-se mais firme ao tronco da árvore, colocando-se de pé sobre o galho forte. Passou a língua pelos caninos afiados. Sua roupa, esvoaçando, tremulava com a passagem do vento. Cerca de quatrocentos metros à frente, viu um grupo de brasas ardendo. Olhos de vampiro. Um grupo de caçadores saídos de uma toca vizinha. O grupo de Raquel. Uma das melhores caçadoras da região. Guerreira. Forte. Poderosa. Mas a mulher adorava cercar-se de bajuladores. Cantarzo achava que o bom caçador deveria sair sozinho. Não caía no jogo de disputar a liderança. Odiava cortejar vampiros antigos. Era um caçador solitário. Chamava o grupo de noturnos somente na hora necessária. Quando encontrava um Rio de Sangue. Ou quando encontrava muita gente escondida, gente viva que se arriscava a cruzar o interior durante a noite. Gente que apostava que a mãe sorte não os deixaria e faria dos olhos experientes do caçador, olhos cegos. Gente que se enganava e que esperneava quando as mãos, donas de unhas pontiagudas e afiadas, fechavam-se sobre suas gargantas, interrompendo a vida. Gente que chorava e clamava por perdão por desafiar os noturnos. Gente que antes de morrer oferecia-se para tornar-se um mulo, um escravo de vampiros.

Cantarzo saltou do galho, descendo em queda livre. Vinte metros. Pousou no galho áspero de uma mangueira. O grupo de Raquel avançava rápido. Avançava em direção ao rio. Cantarzo grunhiu. Acelerou a marcha. Alternava entre as árvores e o chão, veloz, tornando-se um vulto não detectável para olhos humanos.

O vampiro continuou. Era uma criatura tão sutil e perigosa que nem mesmo seus semelhantes notaram a aproximação. Cantarzo rumou para galhos mais altos. Não permitia que a folhagem fizesse barulho, esgueirando-se como lontra na água. Os olhos do bicho brilharam num vermelho mais intenso. Olhou para baixo. O grupo de Raquel também tinha parado. Eles também tinham sentido. O cheiro. Vinha de longe, trazido pelo vento, contudo dificilmente perderiam a pista. Quantos quilômetros? Dificil precisar. O vampiro continuou contra o vento. A direção sugerida pelo odor dizia que, finalmente, a armadilha da ponte surtira efeito.

Cantarzo tinha deixado o grupo de Raquel passar. Queria observar. Hora de recreação. Raquel trazia alguns novatos. Dois mulos convertidos e uma vampira desperta no fundo do covil.

Além destes três, vinham dois vampiros originais. Os originais eram vampiros surgidos na Noite Maldita. Pessoas que, de uma hora para outra, tinham se tornado doentes, adquirindo aversão terrível ao sol, fraqueza e uma melancolia devastadora. Morriam em poucos dias, abrindo os olhos tristes depois da morte. Gente que vagava pelos cemitérios, tentando entender o que acontecia e o porquê de não poderem mais com o sol ou o porquê de não terem direito à tumba. Gente que vomitava tudo quando, enganados pela sensação de sede, tentavam alimentar o estômago morto com pão e carne. Andarilhos da noite, para quem a vida e a morte eram proibidas. Gente que achava consolo no sangue pulsante das veias humanas. Droga. Força. Alegria. Assassinos. Logo uma legião desses monstros começou a organizar-se e entender que, para sobreviver, tinham que caçar durante a noite e esconder-se nas horas de luz. Bichos das trevas. No começo havia muito choro. Famílias separadas, vidas separadas. Filhos que viravam feras, pais que se tornavam bestas. Gente que se escondia de noite e combatia os vampiros, vampiros que fugiam na hora do sol e que combatiam as pessoas "comuns". Uma confusão danada. Uma série de suicídios. Ninguém entendia o que tinha acontecido e, até hoje, perguntas para as razões da Noite Maldita continuam sem respostas. Entregam ao divino a realização de algo tão poderoso e inexplicável. Cantarzo era um original. De sua família, só ele tornara-se um vampiro, o que não chegava a ser raro. Mas, tinha visto famílias inteiras sucumbirem às trevas. Talvez fosse até melhor assim, ou tudo na luz, ou tudo na escuridão. Ao menos a família permaneceria unida. Depois que ele próprio falecera como mortal, nunca mais pudera juntar-se aos que amava. Ajudara a mulher e filhos, dando cobertura à graciosa criatura e às três crianças até uma primeira fortificação. Seu irmão, apesar da busca louca nos primeiros meses, jamais vira novamente... Depois tornara impossível os encontros com os "vivos" amados. Vampiros não podiam transpor os muros das fortificações, nem humanos arriscavam-se nas trevas. As feras eram numerosas e a loucura tremenda. Um vampiro, por mais sentimental que fosse, jamais conseguiria manter vivo os laços humanos fora das fortificações. Uma ditadura. Vampiros cá, humanos lá. Os humanos, por vezes, teimavam buscar os seus parentes vampiros... teimavam querer retorná-los ao seio familiar, atribuindo aquela loucura pelo sangue à uma doença passageira... mas a doença não passava e os vampiros, depois de um tempo, nunca buscavam a família. Os vampiros aprendiam a não confiar em si mesmos. Quando a sede invadia a lucidez... pronto! O sangue tornava-se tudo e o passado esfarelava-se, virando um nada. Quando a sede instaurava-se no vampiro, era como se a criatura entrasse em sintonia com o lado perverso de sua comunidade. Atendia aos da sua espécie. Tornava-se um ser bizarro, formiga gigante, dotada de caninos pontiagudos. Procurava levar o maior número de humanos para os covis, paras as tocas, e guardava-os feito rebanho. Os adormecidos eram disputados. Sangue eterno, ao menos enquanto durasse aquele sono mágico. Durante os primeiros meses pós-Noite Maldita, Cantarzo vira histórias maravilhosas desenrolarem-se. Histórias heróicas e apaixonadas, verdadeiros

romances, épicos. Gente que não queria deixar seus parentes e amigos vampiros para trás e vampiros que tentavam permanecer junto dos seus ao redor das fortificações. Nunca terminavam bem esses casos. Nunca. Os vampiros, como dito, suscetíveis à loucura do sangue, perdiam a razão. Quando queriam sangue, aquela gente era outra. Precisavam do sangue para continuar a viver. Era repugnante para os humanos. Era perigoso. Quantos pais haviam matado os filhos? Quantos filhos tinham afugentado os pais? Cantarzo perdera a conta. Muitos. Quando tinham os filhos enrolados nos braços, quentes e cheios de sangue nas veias... muitos perdiam a cabeça. O estômago queimava, os olhos ardiam feito brasas e os dentes surgiam. O filho deixava de ser filho e passava a ser comida. Desgraça. Desespero. Desesperado... talvez o adjetivo explicasse também sua busca pelo irmão desaparecido. Sabia que irmão não tinha se tornado um noturno. Teria o encontrado, caso assim fosse. O irmão estava perdido. Talvez fosse mais um daqueles que dormiam sem nunca saber o que acontecia. Assim sendo, como a mulher e as crianças que ajudara, tinha ido para sempre. Era melhor assim. Vampiros para cá, humanos para lá. Era mais seguro.

O grupo de Raquel andava devagar, mesmo àquela distância, com o cheiro tão forte trazido pelo vento, andava devagar. Raquel deveria estar explicando coisas aos novatos. Só podia ser. Cantarzo teria percorrido aquela distância em meia hora, mas o grupo numeroso da vampira levou duas. Só podia estar ensinando as trilhas e os segredos aos novatos. Contando causos. Gabando-se. Dizendo que muita coisa mudava depois que os olhos mudavam. A noite não era mais a mesma. Era estranho adaptar-se ao mundo da noite sem escuridão. Os olhos de vampiro viam as coisas com mais clareza. Viam as sutilezas escondidas na matéria. Alguns, poucos na verdade, podiam ver até os espíritos da floresta. Realmente os novatos tinham muito que aprender. Cantarzo ergueu o nariz. Era difícil resistir. Pelo cheiro sabia que a caça já estava morta, mas o sangue ainda estava fresco. Uma refeição ligeira. Mas não era o lanche que interessava. Talvez houvesse outros com ele. Amigos tentando guardar o cadáver para os rituais fúnebres. Eles ainda tinham essa mania. Os grupos de soldados costumavam sair em oito. Então, por certo, encontraria, ao menos, mais sete homens próximos ao corpo.

Cantarzo cruzou o ar em direção à outra árvore. Subiu o máximo. Novamente, o vento lambendo seus cabelos longos, amarrados em tiras de couro. Avistou o reflexo da lua batendo nas águas do rio. O cheiro ficava mais forte à medida que se aproximava da ponte. Apressou seus saltos aéreos, com a roupa negra esvoaçando. Pousou num galho firme, ao lado de uma coruja que demorou em notar a presença do vampiro. Cantarzo desceu. Estava numa área rochosa. Mesmo assim, as árvores eram abundantes. O cadáver estava logo abaixo. Uma gruta escavada na pedra. Cheiro forte. Desceu até a abertura. Um homem apenas. O cadáver vestia uma jaqueta, estava de botas, mas sem calça. Talvez devido àquele inchaço em seu joelho sangrento. Ergueu as narinas e farejou. Só aquele sangue. Mais nada. Olhou a trilha aberta

pelos soldados. Poucos metros para frente avistou algo de suma importância, uma caixa de munição caída no chão. Apanhou o objeto. Balas de prata. Retirou uma e devolveu a caixa ao seu lugar didático na trilha. Cantarzo virou-se repentinamente. Um barulho. Animais da noite. Voltou até a boca da gruta artificial. O rosto do defunto tornou-se vermelho devido ao espectro luminoso que escapava dos olhos da fera. Cantarzo viu as bandagens molhadas pelo sangue morto. Um buraco no peito e outro na cabeça. Raquel aproximava-se. Aninhou-se no topo da rocha escondido na folhagem. Deixou os olhos brasis abrandarem até desaparecer o brilho vermelho completamente. A noite tornou-se escura para a criatura. Esperaria Raquel incógnito. Gostava de observar a vampira, seus métodos canhestros, suas peculiaridades. A bela Raquel era uma criatura vil, um ser que criava situações, que semeava discórdia, cheia de sortilégios. Um tipo, decididamente, perigoso.

Os vampiros aproximaram-se em silêncio. O cheiro do sangue era forte. Raquel tinha explicado que aquele cheiro diferente vinha do sangue de um morto. Sangue vivo era mais envolvente, irresistível.

Os novatos estavam silenciosos, limitando-se a acompanhar a veterana. Tinham medo quando ela demorava com o sinistro olho vermelho em cima de um deles. Ela parecia pronta a pular na garganta de um e acabar com sua existência. Até os dois veteranos que escoltavam o grupo de novatos tratavam-na com deferência. Raquel tinha uma aparência sinistra. Um tapa-olho de couro preso ao crânio, com a tira superior passando por cima da orelha esquerda e a inferior abaixo da orelha direita. Longos cabelos ruivos e lisos cobriam-lhe os ombros e parte das costas e revoavam com os movimentos ágeis da dona. Era uma mulher de quase um metro e oitenta. O corpo seria sedutor a um homem. Esbelta, com pernas grossas e seios deliciosamente delicados. Talvez o medo começasse quando observassem bem as unhas daquela criatura. A vampira tinha unhas longas, negras e pontiagudas, como de feras rapineiras. Olhando de perto notariam que eram estranhamente grossas, muito mais grossas que unhas comuns. Pareciam unhas de bicho. Afiadas, cortantes, fatais. Mas a atração física dos mais tolos acabaria quando encarassem o rosto de Raquel. Tinha a pele excessivamente branca, como a de qualquer vampiro veterano. Tinha traços delicados e femininos, lutando com veias escuras e repugnantes. Chegando perigosamente perto de seu rosto, um mortal notaria um corte costurado com linha preta brotando e escondendo-se logo abaixo do tapa-olho. Um ferimento no passado, resultado de uma contenda raivosa, obrigava que usasse aquele tampão sobre o olho direito, emprestando-lhe aquele manjado ar de pirata psicopata. Quando sorria, calafrios percorriam os novatos... pois os lábios espichavam-se e deixavam escapar os pontiagudos caninos, ferramenta letal quando posta em uso. E ela era rápida. Raquel era muito rápida. Sumia-lhes das vistas num piscar de olhos. Quando percebiam, ela estava no topo de uma árvore e no instante seguinte já tinha voltado ao

chão forrado de folhas úmidas. Demorariam a se acostumar. A vampira tinha os braços fortes. Tinham visto ela esmagalhar a cabeça de um fugitivo num golpe só, empurrando o crânio do humano contra a rocha da caverna. Selvagem. Mortal. Assustadora. A coleção de adjetivos para cercá-la, invariavelmente, seguiria esses moldes.

Gerson, um dos vampiros originais, e que, junto com Anaquias, sempre escoltava Raquel nas saídas, aproximou-se do rio primeiro. Ergueu as narinas. Muitos cheiros estranhos, mas o do sangue do morto sobrepunha-se a tudo naquele instante. Franziu o cenho, expondo os caninos. Os olhos vermelhos intensificaram o brilho e o vampiro pôde ver com maior clareza. Olhou para o chão. Um rastro de sangue. Aquilo não seria preciso para determinar a posição do cadáver. Bastaria aquele cheiro para, até mesmo os novatos, darem com ele. Gerson abaixou-se, tocando o chão com um joelho. Raspou o dedo numa porção do sangue estagnado e levou até à boca. Estalou a língua. Olhou para as árvores. O grupo saía da floresta e aproximava-se da margem do rio. Eram mais cinco vampiros. Gesticulou para Raquel, que se aproximou. Subiram a trilha. Entraram numa picada. Um caminho curto. Uma rocha. Raquel saltou e alcançou o topo sem esforço, um humano não faria aquilo. Percebeu a presença de Cantarzo, mas nada disse aos outros. Se aquele abelhudo estava ali para arranjar confusão, servi-lo-ia de um copo cheio.

Raquel aproximou-se da gruta escavada na rocha. Seus olhos observaram o corpo despojado de vida. Um soldado. Viu as bandagens molhadas de sangue estagnado. A pele do homem estava cinza. Um buraco na testa e outro no peito deixava claro que a *causa mortis* não havia sido hemorrágica. Tinham liquidado ele. A vampira de cabelos vermelhos e tapa-olho virou-se e gesticulou para o grupo. Deu passagem a Anaquias. Os vampiros novatos acotovelaram-se para poder enxergar através da boca daquela diminuta gruta. Muitos inspiravam rapidamente e de maneira afetada. Novatos eram assim, cheios de medos e agonias.

— Era um soldado importante, por isso foi morto e abandonado pelos colegas. — disse a vampira encarando o grupo.

A única pessoa que fez cara de pouco entender foi Tatiana, a vampira recém-desperta. Os dois mulos sabiam o que aquilo queria dizer. Tempos atrás eram sobreviventes refugiados em algum centro fortificado e, somente agora, depois de tantos anos como escravos, eram feitos vampiros. Sabiam que aquele soldado era um dos que conheciam o plano. Caso fosse um soldado qualquer, talvez ainda estivesse vivo naquele buraco. Os companheiros permitiriam que ele tentasse a sorte, arriscasse a pele sangrenta cruzando a noite e rezando para que o sol viesse. Aquele cara sabia demais para arriscar ser pego vivo pelos vampiros. Tinha que ser calado. Talvez o comandante do grupo tivesse dado cabo da vida dele ou, aquele ali no buraco, fosse o próprio comandante do grupo e tivesse pedido que fosse abatido e largado para trás.

— Vai, Tatiana. Entra no buraco e toma um pouco do sangue. — ordenou Raquel.

A vampira novata deixou os olhos chamejarem e grunhiu levemente.

Os mulos recém-convertidos agitaram-se e também grunhiram dando um passo em direção à gruta, porém, antes de darem outro, a vampira encarou-os, drenando-lhes a coragem.

Tatiana aproximou-se do corpo frio. Passou a mão pelo rosto cinza de Gaspar e subiu levemente os dedos até a ferida na cabeça, trazendo a mão suja de sangue até a boca. Era a primeira vez que tomava sangue de um defunto. O sangue morto não era tão saboroso quanto ao dos corpos vivos, nem tão cheiroso, mas servia para alimentação. Rasgou as ataduras abdominais e aproximou os lábios dos ferimentos do morto. Precisou sugar com vontade para fazer o sangue coagulado verter para sua boca. O ardor estomacal arrefeceu.

— Saia.

Tatiana ouviu a voz da vampira vindo pela boca da gruta, mas o desejo de sugar até a última gota era poderoso, não poderia atendê-la.

Raquel meneou a cabeça para Gerson. O vampiro aproximou-se do buraco e estendeu o braço para agarrar o calcanhar da novata. Arrastou-a para fora, ouvindo grunhidos de protesto. Tatiana avançou as unhas pontudas para a mão do vampiro. Gerson puxou com mais força e suspendeu a garota, deixando-a de ponta-cabeça. Gerson era alto e forte. Tatiana era pequena e de aparência frágil. Contudo, debatia-se ferozmente, ora tentando libertar o pé, ora tentando alcançar o agressor, tentando feri-lo. Gerson cansou da brincadeira e, num movimento rápido, ergueu Tatiana, agarrando-a também na altura do peito e arremessando-a brutalmente contra a rocha.

Tatiana caiu sobre os braços. A cabeça doía. Os olhos apagaram-se. O cheiro do sangue diminuía em suas narinas. Ajoelhou-se respirando rapidamente... não que lhe faltasse ar, mas estava agitada. Olhou para Gerson e mostrou-lhe os caninos.

Gerson riu, desviando o olhar e encarando os dois mulos. Fez um sinal para que entrassem.

A passagem era estreita, mas os dois espremeram-se enlouquecidos. Queriam logo pousar a boca no sangue do maldito cadáver e fazer aquele ardor no estômago abandonar o corpo. Arranhavam-se e empurravam-se, procurando uma posição melhor para tomar o sangue morto, soltando grunhidos, feito cães raivosos.

Tatiana limpou os lábios sujos com as costas das mãos. Estava mais calma, mas sempre que percebia Gerson olhando para outro lugar media o soldado grandalhão. Ficava imaginando um jeito de ir à forra. Como faria para aquele vampiro dobrar os joelhos e beijar o chão? Iria descobrir, cedo ou tarde.

Raquel fez outro sinal e seu soldado agarrou os pés dos vampiros novatos, colocando-os para fora abruptamente.

Ambos protestaram, rugindo ameaçadoramente, mas não tentaram voltar para a gruta, nem mesmo atracar-se contra o vampiro poderoso. Diferente de Tatiana conheciam a fama de Gerson. Logo, os olhos apagaram-se e os caninos foram recolhidos.

Raquel tinha se posicionado num ponto mais alto que os demais, em cima de uma pedra, ao lado da entrada da gruta. Olhou para o grupo. Também tinha fome, mas sabia que depois de três novatos terem visitado aquele corpo não existiria sangue o bastante para ela. Farejou profundamente. Um vento entrando pela gruta, agora leve, batia em seu rosto. Não sentia cheiro de mais sangue. A mata estava limpa por quilômetros. Poderiam voltar para a toca e abastecerem-se com sangue dos adormecidos, mas não era a mesma coisa. O sangue caçado, de gente escondida, era mais saboroso. Talvez porque o medo da morte iminente injetava hormônios na corrente sangüínea, o que temperava a "comida"; talvez porque a caça permitia que exercitassem seus poderes vampíricos. Mas, o fato é que sangue de gente viva e escondida era melhor do que o dos mortos e adormecidos.

— Vamos andar, esse cara não estava sozinho. — disse a líder, saltando para a trilha. — Talvez estejam por...

— Talvez?

Os vampiros assustaram-se, virando-se repentinamente para a boca da caverna. Os novatos viam um homem parado em frente da gruta. Raquel grunhiu nervosamente e balbuciou:

— Cantarzo...

— Já que incumbiram você de ensinar os novatos, não pode deixá-los sair daqui com um "talvez", Raquel.

— Não se intrometa, Cantarzo. — grunhiu a mulher.

Cantarzo saltou para a trilha também, ficando próximo à Raquel e Anaquias, tendo o cadáver seminu pelas costas. Via Gerson atrás dos novatos. Sorriu rapidamente para o grandalhão, voltando a encarar os dois na sua frente. O olho bom da vampira parecia querer queimá-lo como um raio de sol vermelho.

O vampiro abriu caminho empurrando os dois pelo peito. Estava seguro, sabia que na frente dos novatos seria mais difícil de Raquel querer esquartejá-lo. A vampira era vaidosa demais para perder a pose na frente de iniciantes. Só os mais velhos conheciam a ferocidade escondida por trás das garras da vampira ruiva caolha. O vampiro impertinente passou pelos novatos e também por Gerson, parecendo que abandonaria o grupo sem maiores explicações ou interrupções.

— Ensine-os a observar melhor. — disse subitamente, abaixando-se para colher algo no chão.

Cantarzo exibiu uma caixa. Jogou-a para um dos mulos. O rapaz agarrou a pequena caixa, que produzia um som metálico em resposta a movimentos bruscos. Levando em consideração as dimensões, o objeto era bem pesado.

Raquel identificou imediatamente a caixa e o tilintar característico. Munição.

— O que há com você, Cantarzo? Só porque a toca não quer você com novatos resolveu desmoralizar os que estão aqui para ensinar.

Cantarzo sorriu.

— Ensinem direito, pois não.

Gerson ergueu os ombros olhando para Raquel. Queria permissão para atacar o intruso. Raquel negou com um rápido meneio. Apesar de odiar Cantarzo, o vampiro era importante para a toca... tinha que aguardar um momento melhor. Não poderia atacá-lo na frente dos novatos. Gerson abriu a boca exibindo os dentes pontiagudos e voltou a olhar para Cantarzo... espantou-se. O vampiro não estava mais lá.

Anaquias tomou a munição da mão do mulo. Era uma caixa com balas de prata.

— Os soldados estão por perto. Se fosse vocês botava esses narizes para fungar. Eles não estão longe daqui. — tornou a voz de Cantarzo, vinda do alto das árvores.

Os novatos procuravam-no com os olhos sem encontrar.

— Como sabe? — perguntou Gerson.

— A munição, brutamontes idiota.

Devido ao insulto, Gerson olhou de volta para a vampira, queria a autorização. Grunhiu nervoso quando Raquel negou mais uma vez.

Raquel sorriu. Sabia que estava ganhando mais um aliado para ajudá-la a acabar com a raça de Cantarzo. Apesar do jeito falastrão e esquivo do caçador, sabiam que Cantarzo era páreo duro na hora da contenda. Era ágil e fazia uso letal de seus atributos vampíricos.

— A munição é do morto! — gritou a líder.

— Vocês são cegos? O soldado foi assassinado. O assassino deixou o local depois da execução. Não existem armas com o defunto... Por que deixaria munição para trás?

— Estava com pressa... Não tinha tempo para voltar e apanhá-la... — murmurou Tatiana.

— Bravo! — berrou o caçador, com a voz forte vindo de outra direção.

Raquel fulminou a vampira com o olho bom. Aproximou-se e murmurou:

— Se der mais um pio, arranco seus braços.

Tatiana estremeceu da cabeça aos pés. Sabia que Raquel não estava brincando.

— Ei, Raquel! Deixe a novata assumir a liderança. Ela pensa mais rápido que vocês três juntos! — gritou o intruso, explodindo numa gargalhada provocativa.

Raquel via o vampiro no topo de uma árvore. Era um bravateiro. Gritava insultos de uma distância segura. Sabia que o vampiro era rápido e competente. Se tentasse alcançá-lo, ele desapareceria em segundos. Conhecia como ninguém aquelas matas.

— Por que ao invés de ficar gritando asneiras, você não nos diz onde os soldados estão, caçador?

— Porque é preciso encontrá-los, Raquel. E garanto que estão por perto. Balas de prata são preciosas demais para estarem soltas no barro. Prata é o único material que nos cria feridas. Explique isso aos novatos, Raquel... mostre o seu machucadinho para eles.

Raquel grunhiu baixinho. Cantarzo estava esgueirando para um terreno perigoso. Para tudo existe um limite. Olhou para Gerson, que salivava aguardando um sim.

— Vamos fazer um joguinho! Uma brincadeira fora da toca... — continuou Cantarzo. — Vimos procurar os soldados, quem achar primeiro toma mais sangue e ganha o coração dos novatos, no bom sentido, é claro.

Os novatos entreolharam-se. Ele estava falando sério?!

Os veteranos também trocaram um ligeiro olhar. Raquel aquiesceu.

— Ótimo! — gritou de volta o vampiro de cima das árvores. Antes que dissessem outra coisa, os veteranos puderam ver Cantarzo evadindo o local e começando sua caçada. Já os novatos, lentos demais, não conseguiam ver o vampiro.

— Anaquias, você vai com os novatos. Vou com Gerson para ganhar tempo.

— Vamos realmente fazer esse jogo? — perguntou Anaquias surpreso, erguendo as mãos.

— Vamos, Anaquias. Vamos jogar com Cantarzo. Vá. Anaquias curvou-se, reverenciando a líder, e saiu com os aprendizes de vampiro.

Raquel olhou para Gerson e, no instante seguinte, saltou para o tronco de uma árvore. Cravou suas unhas afiadas no tronco, soltando lascas quando saltou mais para cima. Num segundo, saltou para outro tronco de árvore. Com dois movimentos ligeiros estava no topo de um eucalipto com cerca de vinte metros de altura. A ponta da árvore balançava suavemente, movida pelo vento. Nem um segundo passou para que Gerson estivesse ao seu lado.

— Deixe Anaquias brincar com os novatos, Gerson. Nós vamos atrás de Cantarzo. Assim que ele encontrar o esconderijo dos soldados, acabamos com sua raça. Esse maldito vai pagar pela falta de respeito.

Enquanto isso, logo abaixo, Anaquias continuava caminhando pela trilha.

— Onde vamos começar a procurar, Anaquias? — perguntou Natan, um dos mulos.

Depois de alguns passos em silêncio, Anaquias respondeu:

— Vamos terminar essa trilha. Acho que dá naquela ponte. — apontou para a construção que cruzava bem acima do leito do rio. — Depois vamos para a estrada.

— Estrada?

— É. Para a estrada.

— Por quê?

— Porque aquele soldado estava com roupa, jaqueta e botas de motoqueiro. Esses aí só andam nas estradas e não conhecem a mata. Quando se escondem, é perto da estrada. Morrem de medo da floresta durante a noite. Vamos para o asfalto.

Capítulo 12

Uma luz forte nos olhos. Lucas levantou-se agitado. Tão repentinamente que a doutora assustou-se, dando passos desequilibrados para trás.

Lucas, de pé, passou a encará-la com os olhos arregalados. Respiração rápida, ofegante. Aproximou-se repentinamente da médica, segurou-a firme entre os braços. Cheirou os cabelos e a pele da médica. Sem cheiro. Os olhos agitados vagaram pelo cômodo branco. Tudo limpo. Nenhum corpo, nenhum sangue no chão. Teria sofrido uma alucinação?

— Cadê o Gabriel?

A doutora Ana abaixou as mãos, recuperando-se do susto.

— Você... eles já o tiraram daqui.

— Morto? Ana aquiesceu.

Lucas passou a mão no cabelo ondulado.

— Pensei que aquilo tivesse sido um pesadelo...

— Não foi. Você teve alta. Só estava fazendo uns exames...

— Alta?

Ana não respondeu, aproximando-se e voltando a examinar os olhos do paciente.

— Eu mato um cara e tenho alta? Por que não me disseram antes? Tinha acabado com ele no primeiro encontro... já não ia com a cara dele mesmo.

— Vista as roupas limpas que estão debaixo da cama. Eles virão te buscar para falar com o doutor.

— Doutora...

Ana olhou nos olhos de Lucas.

— Eu quero uma janela. Ana sorriu.

— Você vai sair daqui, Lucas, hoje ainda. Prometo. — respondeu, indo em direção a porta.

— Doutora?

A médica reteve-se já no corredor, voltando-se para olhar o paciente.

— Diga.

Lucas manteve-se em silêncio um instante. Parecia relutar em falar.

Ana sorriu para o rapaz.

— Quando vou te ver de novo? — ele perguntou.

Ana abriu ainda mais o sorriso. Abriu mais os olhos, parecendo deixá-los mais verde-acinzentados. Por fim soergueu os ombros.

— Não sei, Lucas. Não sei.

A porta deslizou, separando médica e paciente. Ana mordiscou o lábio e caminhou pelo corredor. O paciente estava com uma aparência horrível, sangue cobrindo sua calça e tórax. Magro, em consequência da inanição, cabelos maltratados, unhas horrorosas... mas tinha um brilho nos olhos... um furor. Balançou a cabeça negando aquele frio na barriga. Não era à toa que Lucas era o que era. Talvez só estivesse impressionada. Heróis sempre impressionam.

Dentro da cela branca, assim que a médica saiu, Lucas obedeceu, trocando a roupa suja pela roupa limpa. Os olhos procuravam nos azulejos indícios do combate com aquele bicho que se apossara do vizinho. Não encontrou nem sangue, nem espadas.

Terminando de vestir-se, Lucas sentou-se na cama, tirando os pés do chão e abraçando os joelhos. Sorriu ao lembrar que tinha deixado a médica sem graça.

Meia hora mais tarde, dois homens de aventais brancos entraram no quarto. Lucas colocou-se de pé. Instintivamente aproximou-se e farejou o ar ao redor dos homens. Os dois trocaram um olhar curioso. Lucas afastou-se, esperando que se pronunciassem.

— Vamos ver o doutor, senhor Lucas. O senhor teve alta. Conduziram Lucas para o corredor. O chão estava frio para os pés descalços do paciente. Lucas passou em frente a incontáveis portas. Seriam celas habitadas como a sua estivera há pouco? Subiram e desceram escadas. Um labirinto de azulejos brancos.

De repente, Lucas sentiu o coração acelerar. O corredor logo à frente... havia uma faixa de luz solar cobrindo parcialmente o chão. Aquilo só podia significar uma coisa. Uma janela! Adiantou-se e correu até o meio do corredor, recebendo o sol na pele. Um formigamento delicioso cobriu seu braço à medida que era esquentado pela luz do astro-rei. A luz forte ofuscou seus olhos por um breve momento. Aos poucos, a escuridão foi dissolvendo-se e os olhos adaptando-se à luz. Só então pôde contemplar a paisagem. Sorriu. Um sorriso largo. Que lugar lindo! Estava numa cidade, mas era diferente de todas que tinha visto! Nunca tinha olhado para um horizonte tão verde e exuberante. Alguma coisa diferente. Estranhamente diferente. O sorriso desfez-se. Os olhos analisavam e tentavam estabelecer uma lógica. Tantas árvores! O lugar era realmente impressionante. Pássaros! Inúmeros deles revoando em bandos. O céu limpo como nunca vira. Lindo! Um azul tão magnífico que assustava. Notou que os enfermeiros aproximavam-se. Não interromperam sua contemplação. Lucas continuou observando. Alguma coisa estranha. Estava no interior? Deveria estar bem longe de São Paulo. Em São Paulo o céu era cinza e marrom. E nem no Jardim Botânico encontraria árvores tão belas. Percebeu que estava numa espécie de passarela. Era a conexão entre dois grandes prédios. Um hospital imenso. Como nunca ouvira falar de São Vítor? Uma cidade com um complexo daquele tamanho deveria ser bastante avançada. No entanto, os olhos teimavam em dizer que estava numa legítima área rural. Olhando para o asfalto percebia que faltava algo. Onde estavam os carros? Continuaría minutos

a fio contemplando e arregimentando perguntas, contudo os homens fizeram um sinal para prosseguir.

Ao final do corredor havia uma porta de ferro. Bateram. Uma escotilha foi aberta para que alguém do outro lado pudesse observar. A porta foi destrancada e abriu, correndo lateralmente sobre rodízios. Bastante barulho. Os enfermeiros ficaram para trás, no azulejo branco. A porta foi fechada e Lucas viu-se deixado com dois soldados. Ficou quieto. Deduziu que eram soldados, pois portavam rifles e vestiam um uniforme escuro. Ali não havia a ditadura do branco. O chão tinha um carpete fino e marrom. As paredes eram marrom-claro. Um ambiente totalmente monocromático, não fossem as bromélias que brotavam em xaxins alojados em quatro grandes vasos. Estava numa sala ampla que dava acesso a três corredores. Um logo em frente, como se fosse continuação daquele pelo que viera, outro à esquerda e o último à direita.

— O doutor te espera no final do corredor. Bata na porta. — disse o soldado da direita apontando o respectivo corredor. — Estamos contentes por você ter despertado, bento.

Lucas olhou-o por um instante. Havia inalado forte. Eles não tinham o cheiro. Estavam limpos. Afastou-se, tentando entender o contentamento do soldado. O que ele tinha a ver com aquelas armas? Por que o sorridente homem das armas tinha trocado o seu nome?

Bateu na porta de madeira ao final do corredor. Escutou uma voz rouca do outro lado ordenando que entrasse. Abriu vagarosamente a folha de madeira maciça e pesada. O carpete marrom continuava sala adentro. Quadros nas paredes. Persianas fechadas. Penumbra. Parecia mais um escritório do que um consultório.

— Venha rapaz. Sente-se. — convidou a voz rouca. Diplomas fixados nas paredes. Um médico experiente. A mesa estava limpa. Madeira clara. Lucas tentou lembrar-se do nome daquele tipo de madeira... mas a informação não se consolidava em sua mente. Sobre o tampo havia apenas um bloco de notas e uma caneta. Atrás de tudo isso, um senhor que aparentava mais de oitenta anos, com papadas imensas e uma respeitável coleção de rugas.

— Seja bem-vindo a São Vítor. Imagino que você ainda esteja um pouco confuso com toda esta confusão.

Lucas arregalou os olhos numa caricatura e estalou os lábios. Sentou-se numa poltrona confortabilíssima. Dava para passar uma vida inteira com a bunda naquele assento.

O médico tirou algo da gaveta. Acendeu um isqueiro. Um charuto. De outra gaveta tirou uma garrafa oval. Dois copos. Lucas notou também as rugas na mão do interlocutor.

— Se quiser um trago é só se servir, você terá tudo o que quiser. — ofereceu o médico, derramando um bocado no próprio copo.

— Doutor... o que aconteceu comigo? Que doença eu tenho?

— Tinha, filho. Tinha. — ruminou o médico, dando uma longa baforada e enchendo o ambiente ao redor de fumaça.

O médico fez uma pausa. Percebendo que Lucas inquietava-se na poltrona, fez um sinal para que esperasse enquanto puxava mais fumaça para a boca.

— Aposto que você está totalmente confuso. — disse, fazendo dois pilares de fumaça escaparem das narinas ao final da frase. — Não conhece este lugar. Estas pessoas. Tenho certeza que não conhecia nem mesmo este hospital. Nem faz idéia de quanto tempo passou aqui, certo?

Lucas balançou a cabeça negativamente.

— Vamos por partes. O mundo mudou muito desde que você adoeceu, filho. Mudou muito.

— O que eu tenho?

— Teve. Teve. Você sofreu do mal da Noite Maldita. À noite em que tudo começou a mudar.

— Tudo o quê?

— Como pode perceber, respostas simples não cabem nesta sala. Cada par de olhos que confronto aqui é a mesma situação.

— O que aconteceu, doutor? O que mudou? — insistiu Lucas.

— Tudo, filho. A vida. A Terra. Quando você olhou por aquela janela... tenho certeza que parou lá por uns instantes, não parou? Não percebeu nada de estranho?

— O céu. O céu estava tão bonito...

— Só isso?

— As ruas... limpas, desertas...

— Sem carros. Você viu algum carro, filho? Lucas meneou negativamente a cabeça.

— Você tem idéia de quanto tempo está aqui ? Você se lembra do seu último dia acordado, antes de abrir os olhos neste hospital?

Lucas repetiu o gesto negativo.

— Lucas, você deveria trabalhar num escritório ordinário como a maioria das milhões de pessoas fazia. Teve uma jornada cansativa naquele fatídico dia. Ao final do trabalho, ou pegou o metrô lotado para casa, ficando espremido como sardinha, ou ficou mofando no banco do carro, preso num congestionamento recorde e ouvindo o tamborilar da chuva no capô. Provavelmente, sintonizado na Jovem Pan, rezando para que trânsito andasse e que chegasse em casa antes da Voz do Brasil. Lembra, Heitor Villa Lobos? — o médico fez uma pausa para uma nova tragada e baforada. — E quando chegou ao seu apartamento? O que você fez, irmão Lucas? Ligou o computador, verificou os e-mails. Livrou-se daquele terno barato comprado na Colombo. Tomou um banho quente. Ficou encurvando o pescoço para aliviar a tensão do dia, relaxar a musculatura do pescoço. Colocou um congelado no microondas aguardando pelo jantar instantâneo...

Enquanto o médico falava, Lucas via-se nas circunstâncias descritas, como se o médico pudesse ler sua mente. Como se o médico tivesse assistido seu passado, suas últimas horas de lucidez, antes de acordar naquele hospital.

— ... com o prato feito, foi para frente da TV de vinte e nove polegadas. Ligou com o controle remoto. Amarrou um pano de prato no pescoço para que o molho não sujasse a camisa. O que estava passando? O que passava na sua época?

Lucas, mudo, arrepiou-se. O que ele queria dizer com "na sua época"?

— Naquela época vocês costumavam assistir o quê? Com um prato de lasanha preparado no microondas, os olhos grudados na TV... você deve ter assistido o Ratinho... a Grande Família... uma novela da Glória Perez. — jogou, erguendo os ombros. — Todo mundo gostava dessas coisas. Perdiam horas na frente da TV Se fosse uma quarta-feira, talvez, vocês estivessem vendo um dos jogos do torneio Rio - São Paulo. Que time você torce? — perguntou o médico, num tom retórico, olhando para a parede ao lado, sem olhar nos olhos de Lucas, divagando, dando continuidade às descrições — Aí veio o sono. Dia cansativo. Colocou o prato na pia. Tomou água. Escovou os dentes. Foi para a cama e dormiu. Dormiu como nunca havia dormido antes. Veio a Noite Maldita e te apanhou no meio do sono. O evento. À noite em que o mundo mudou. Muita gente desapareceu. Famílias se desfizeram e vocês, adormecidos sortudos, foram poupados. Não viram o desespero quando, após a Noite Maldita, Deus deixou nossa terra e libertou as feras da noite. Os malditos. Os noturnos. Todos sofremos, criatura. Todos. Mas, inexplicavelmente, vocês foram poupados. Dormiam enquanto nós reconstruíamos o mundo...

— Quanto tempo?

O médico puxou fumaça para a boca e soltou uma nuvem condensada, que escondeu seu rosto por um instante.

— Você dormiu trinta anos.

Lucas sentiu a pele arrepiar. Não dava para acreditar.

— Dormiu trinta anos, Lucas. Trinta anos sem ver o que acontecia ao seu redor. Trinta anos em suspensão. Sem envelhecer como envelhecemos. Sem enlouquecer como enlouquecemos. Protegido contra os vampiros dentro dos muros de São Vitor. Vocês, os adormecidos, são parte do fenômeno da Noite Maldita, como batizamos aquele dia.

O doutor fez uma pausa grave, deixando Lucas digerir as últimas palavras.

Lucas ficou calado por um bom tempo também. Procurava entender. Trinta anos era muito tempo. Ele deveria estar com quase sessenta anos agora. Mas havia passado boa parte dos últimos tempos de frente para um grande espelho. Tirando a palidez e as unhas, diria que estava com o mesmo rosto de quando adormeceu. Juntou as costas das mãos olhando-as demoradamente, procurando rugas ou alguma imperfeição. Não havia. Estava, dentro do possível, normal.

O médico, vendo o auto-exame do rapaz, prosseguiu:

— Vocês não envelheceram. Como um milagre, um oásis, no meio de tanta tragédia. Suas unhas crescem lentamente. Em alguns os cabelos crescem bastante também. Os seus músculos

não atrofiam. Seu sistema nervoso entrou em pausa. Os tecidos... tudo num estado de suspensão. Quando acordam conseguem até caminhar. Como? Não sei, filho. Este pobre médico não sabe. Ninguém sabe. Uma pessoa comum que acordasse de um coma vinte anos depois precisaria de muita fisioterapia para voltar a andar normalmente, se é que conseguisse um dia. Um milagre. Mas o milagre não pára por aí, filho.

Lucas ergueu os olhos, acompanhando a voz rouca do médico.

— Naquela noite, filho, como você, bilhões entraram nesse sono misterioso. Bilhões. E, durante a noite, muitos, sem saber, se tornaram algo pior. Tornaram-se monstros.

— Gabriel...

— Sim. Ele também era um deles. Logo chegaremos nele. Mas quero que tenha uma idéia do mundo que vai encontrar fora desse hospital. O motivo de você estar na minha sala agora é ser uma peça importante para nossa salvação.

— Salvação?! — o espanto não abandonava Lucas.

O doutor levantou-se e andou pela sala. A luz intermitente entrando pelas frestas das persianas emprestava um ar sombrio àquele escritório de tons marrons. Voltou até a mesa e tomou mais uma dose de seu *bourbon*.

— Nossa salvação, Lucas. Você é nossa salvação. Nosso libertador. Naquela noite, e pode apostar que eu me lembro muito bem como foram aquelas horas de terror, minha esposa e filhas já estavam dormindo. Eu estava navegando na extinta *internet*, buscando complementação para um trabalho literário. Quando dei por mim a manhã já vinha chegando. Ouvi gritos no apartamento do vizinho. Depois, batidas na minha porta. A mulher estava desesperada. De camisola, despenteada, gritava, dizendo que sua família estava morta. Chamava-me porque sou médico. Atendi a velha amiga entrando em sua casa e indo para o quarto de seus filhos. Dormiam. O despertador tocando estridente, com aquele "béééé-béééé" repetido. Os garotos tinham cerca de dezoito anos, a mãe tentava acordá-los para irem à faculdade. Tinha gritado, chacoalhado, batido e nada. O marido estava na mesma condição. Veio o desespero. A certeza de que estavam mortos. Apesar de não ter sentido cheiro de nada diferente no ar eu corri até a cozinha. O gás estava desligado. Perguntei o que tinham jantado. Frango, batatas. Ninguém tomava narcóticos. Acalmei a mulher quando constatei que os três estavam com a pressão regular, tinham batimentos cardíacos... abaixo da média, mas o coração funcionava. Disse que teria de levar todos para o hospital, para internação e exames clínicos. Ligamos para o 190 para chamar uma ambulância. O telefone estava ocupado. Tentei o telefone do hospital. Ocupado. Deus, que noite!

O doutor abaixou a cabeça e pôs o dedão na testa, parecia sofrer ao reviver a situação.

— Decidi levá-los pessoalmente. Pedi um minuto e voltei ao meu apartamento. Chamei minha esposa para avisá-la do ocorrido, para que não se assustasse. Ela não respondeu. Não

respondeu. Balancei minha mulher. Lembro até hoje do arrepio percorrendo meu corpo, eriçando os cabelos que eu ainda tinha. Ela nunca mais falou comigo, Lucas. Ela também estava tomada pelo sono. — o médico chupou o charuto mais uma vez, sem tragar a fumaça. — Fui até o quarto de minha filha adolescente. Júlia estava dormindo... profundamente. Chacoalhei-a pelos ombros e ela despertou assustada. Senti um alívio momentâneo enquanto a abraçava. Depois a lembrança de minha esposa, dos meus vizinhos, todos tomados por aquele mal. Com a ajuda da vizinha e de minha filha fomos descendo os adormecidos até o subsolo. Coloquei-os no meu carro, uma Grand Silverado.

— Seguro caro. — interrompeu Lucas.

— Fomos para o hospital, notando que havia muita confusão nas ruas. O trânsito estava um inferno. Havia fogo em alguns prédios, bombeiros, ambulâncias. Um caos. Não desconfiávamos do quadro geral, ainda. Não vimos relação até chegarmos ao hospital. Um alvoroço na entrada. Confusão. Sem vagas. Gente jogada pelo corredor. Os colegas me diziam que um tipo de epidemia tinha tomado conta da cidade durante a madrugada. Falavam em armas químicas. Mas como uma arma química ia escolher um e deixar o outro? É verdade que tem gente que é mais suscetível que outra... Mas o que imperava naquele momento era o pânico, Lucas, o pânico. Quem teria atacado nosso Brasil com armas químicas?

O médico parou para outro trago e mais uma baforada.

— O mundo acabou, Lucas. Acabou naquela maldita noite. Com a chegada do amanhecer percebemos que as surpresas não acabavam naquele fenômeno. Os adormecidos estavam por todos os lugares. Não fora um efeito regional. Os casos, aos poucos, foram sendo contados de todo o mundo. No dia, na hora, ligamos o rádio em busca de notícias na CBN, só chiado. A TV não funcionava. Sabíamos que a doença estava se espalhando pelo planeta porque algumas pessoas conseguiam ligações de telefone fixo para fora do país. Do outro lado da linha, desespero. Gente dormindo com aquela doença por todo o planeta. Com a chegada do anoitecer ninguém queria dormir. Muníamos-nos de drogas que bloqueavam o sono. Ninguém queria se tornar mais um adormecido. E realmente isso veio a acontecer com uns poucos. Quando dormiam, nunca mais abriam os olhos. Na manhã seguinte, Júlia começou com uma estranha sensibilidade ao sol. A pele queimava, os olhos ardiam. Ela ficava descontrolada quando exposta à luz. De noite, minha filha morreu. Nunca mais voltou a ser minha pequena Júlia. Ela, como milhares dos acordados, foi levada para o mundo da escuridão. Júlia abriu os olhos e não era a mesma.

Para meu assombro, o coração dela não pulsava. Era um bicho, uma aberração. Em nosso apartamento, junto com a vizinha que se uniu a nós, cuidávamos de nossos adormecidos, enquanto eu tentava cuidar também de Júlia. Entender que mal se abatera sobre minha menina. Os olhos dela se tornaram vermelhos e ela não parava de chorar. Me senti impotente. Perdido.

Minha filha estava tremendamente doente e minha medicina não valia de nada. Vândalos começaram a destruir a cidade. Estavam todos loucos. As ruas ficaram perigosas. As noites passaram a ser horas terríveis, quando Júlia era tomada por uma espécie de demência. Demorou algumas semanas até entendermos o que estava acontecendo com os nossos filhos. Eles pareciam ser consumidos por um tipo de loucura. Júlia, apesar de meu carinho, tentava me atacar com objetos cortantes ou com dentes pontiagudos e afiados. Tornou-se tão perigosa que foi impossível mantê-la comigo. Acho que essa foi a hora mais triste. A hora em que tivemos que nos separar...

O médico fez uma nova pausa enquanto era visitado pelo passado. Sorveu mais um gole do *bourbon*. Os olhos baços.

Lucas, tenso com o desenrolar da narrativa, segurava firme nos encostos para os braços da confortável poltrona. O que o doutor lhe dizia era algo inacreditável.

— Essa doença... essa loucura que acometeu metade da população livre do sono bizarro... nunca foi possível quantificar com precisão quantos adoeceram, pois não tivemos tempo de saber nem quantos sobreviveram ao sono... essas pessoas infectas, elas passaram a nos caçar, viraram nosso maior tormento. O que evitou nossa completa extinção foi o horror que estes seres têm do sol.

— Vampiros...

— Isso mesmo, Lucas. Vampiros. Nos caçam durante a noite. Tomam nosso sangue. Têm dentes malditos. Mas morrem no sol, nosso salvador... nosso algoz. Quando a noite chega, ninguém ousa ficar nas ruas. Quando a noite chega, ninguém fica fora da fortificação. Quando a noite chega, tudo o que fazemos é orar antes de fechar os olhos. Orar e esperar pelo nascer do sol. Essas bestas que caminham no escuro tentam, noite após noite, liquidar com nossa existência. Noite após noite, tentam acabar com nossas vidas. Caçam os hospitais. Tentam tomar os adormecidos. Com os adormecidos confinados em suas tocas eles têm sangue garantido por muito tempo. Durante o dia é o nosso turno de jogo, caçamos nas velhas cidades por depósitos de gente que ainda existem por aí. Quanto menos sangue deixarmos para trás, mais enfraqueceremos o inimigo. Durante a noite é novamente a vez deles. Tentam vencer nossas cidades. Acabar com o que resta de nossa organização. Querem nos ver loucos. Acabaram com praticamente tudo o que nossa ciência ergueu... vê algum telefone em minha mesa, Lucas?

O homem olhou para o tampo liso de madeira. Nenhum telefone.

— Vê algum telefone nessa sala? Algum telefone nesse prédio? Lucas balançou a cabeça.

— Não viu e nem verá. Eles destruíram nossas redes de comunicação. Destruíram nossas estradas. Bloqueiam os caminhos. Evitam que nos reagrupemos. São Vitor, um dos maiores centros brasileiros da atualidade, é um dos alvos preferidos dos exércitos mais organizados

desses malditos. Eles têm medo de nossa união. Sabem que essa será a chave para nossa liberdade. Não querem que juntemos vocês, os abençoados. Atacam nossas muralhas, noite após noite. Eles conhecem a profecia. Eles têm medo. Mas mesmo assim somos nós quem teme mais. Somos nós que não podemos andar livres durante a noite. Eles estão por todos os cantos. Estão em todas as florestas. Criaturas demoníacas.

O doutor colocou o charuto na boca. Mais um instante de silêncio.

Lucas permanecia tenso. O estômago oco. Fome.

— Você é um homem especial, Lucas. É o mais aguardado dos libertadores. Um Salvador. Um Messias.

Lucas arqueou as sobrancelhas. A boca abriu sem conseguir dizer nada. A cabeça estava confusa. A história incrível que o médico lhe contara convergia para um ponto escuro... o que ele pessoalmente tinha a ver com toda aquela calamidade que tomara o planeta? Lembrou-se de Gabriel morto no chão branco. O que um homicida maluco podia trazer de bom? Então, outra lembrança veio-lhe à mente. Os olhos sinistros de Gabriel. Os dentes pontiagudos. Gabriel era um vampiro!

— Você é um dos bentos.

— Bentos?

— Sim... um homem bento. Um libertador. Lucas balançou a cabeça, sem compreender.

— Você, Lucas, é um enviado. Um escolhido... como será chamado por muitos, o trigésimo. Será muito bem-vindo. E, segundo a profecia, o mais especial deles. É o que completa o número. O pelotão dos bentos. Livrarão a gente do medo da escuridão. Levarão os números. Irão trazer o dedo de Deus para a Terra e varrerão os noturnos do planeta. Serão celebrados vila após vila, vitória após vitória, em sua marcha de salvação. Tudo isso já era esperado... eu só não esperava viver o suficiente para vê-lo acordar.

— Não entendo... eu... eu...

— Você dormiu como um vendedor de seguros, Lucas, e acordou como um messias! Nem eu acreditaria, mas é isso que você é.

— Um vendedor de seguros? O médico da voz rouca sorriu.

— Não, filho. Um messias.

O médico completou o copo com a bebida de cor escura e encheu um segundo copo, arrastando-o na direção do rapaz.

— É melhor você tomar um gole.

Capítulo 13

Zacarias foi quem ouviu primeiro. Olhou para Raul que estava de sentinela. A porra do sentinela estava cochilando!

— Raul! — sussurrou com urgência na voz.

Raul abriu os olhos, assustado, e ergueu os ombros como uma interrogação.

Zacarias levou o dedo erguido para a frente do nariz, tocando os lábios e pedindo silêncio. Balançou a cabeça duas vezes no sentido da porta e apontou para o ouvido.

Raul anuiu. Ficou calado, a respiração pesada, assustado, olhos bem abertos, ouvidos atentos. Porra! Tinha cochilado!

Zacarias olhou para o resto do cômodo. Todos dormiam. Sinatra roncava, embalado em sono pesado. Com o pé, sem sair de seu canto, cutucou o ombro de Adriano. Antes que o líder acordasse, estacou, o sangue gelou nas veias. Passos no corredor. Santo Deus! Tinha escutado passos no corredor! Que não fossem os vampiros! Ficou quieto, olhando Raul nos olhos. Raul acabava de engolir um bocado de saliva. Segurou com firmeza o rifle nas mãos. Levou a mão até a trava da arma. O barulho indesejado repetiu-se. Alguém andando do lado de fora. Ficaram mudos. Sinatra parou de roncar, virando de lado, mas continuava dormindo. Adriano abriu os olhos. Zacarias repetiu o gesto com o dedo no nariz pedindo silêncio. Adriano colocou-se sentado. Também ouviu o barulho. A porta estremeceu. Zacarias continuou nervosamente pedindo silêncio para Raul. Talvez o intruso fosse embora.

Insistiu na porta. Ela tremeu. Estava bem presa e uma porção de caibros firmemente encaixados impediria que a porta deslizesse com facilidade. Só passariam destruindo aquela porta.

Um golpe mais forte contra o metal fez os outros colocarem-se de pé, sobressaltados. Os três acordados anteriormente gesticulavam pedindo calma e silêncio. Talvez a coisa fosse embora. Ninguém ali dentro estava sangrando. Não havia cheiro. Talvez tivessem encontrado as motocicletas escondidas pelo mato e desconfiassem que estariam escondidos ali. Os homens prepararam as armas. Antes de dormir já tinham substituído a munição comum por balas de prata.

Adriano empunhou seu facão prateado e manteve os olhos na porta metálica. Sabia que, fossem quantos fossem do outro lado, somente um vampiro investia contra a porta. O esconderijo era bom e antes daquela porta havia um corredor por demais estreito... só dava para um maldito por vez. Seriam picados um a um. O líder dos soldados sentiu o coração bombeando freneticamente. A pressão arterial deveria ter subido ao ser invadida por uma dose generosa de adrenalina. Adorava o combate... mas o medo era impossível de controlar. Alguém mais fraco

poderia borrar as calças numa situação dessas. Gostava de decepar aqueles malditos, mas temia, cedo ou tarde, cair nas garras daqueles monstros e servir de comida para os dentes afiados dos vampiros. Por que não tinham um bento no grupo? Tinham água benta nas mochilas, poderiam produzir um falso bento. Bastava pegar as garrafas de água benta e encharcar a roupa. Se entrassem em combate e se atracassem com um vampiro, estando com a roupa encharcada de água benta, facilitava as coisas. Bastava abraçar o monstro e vê-lo se debater ao contato com a água venenosa.

Os golpes aumentaram de intensidade. A porta de ferro resistia corajosamente. A cada pancada contra o obstáculo, uma nuvem de poeira despencava do teto, deixando as cabeças dos soldados cobertas por um pó esbranquiçado.

Adriano passou os olhos sobre os homens. Estavam tensos. Olhos arregalados. Marcel tinha lágrimas descendo pelo rosto, mas não ousava soltar um pio.

Depois de três minutos de golpes ininterruptos, os soldados engoliram a seco quando perceberam o ferro envergando e a parede começando a rachar, com pedaços de cimento despregando no contorno do batente. A preocupação cresceu e os olhares convergiram para Adriano. Queriam saber do líder o que fazer. Paraná sacou do peito o crucifixo e beijou a peça com ternura. Deixou-a para fora, sobre o peito. Os homens benzeram-se e em seguida destravaram as armas. Mais poeira descia do teto a cada batida tornando o ar espesso e difícil de respirar.

Cantarzo tinha encontrado mais uma caixa de munição na outra margem do rio, próxima ao pé da ponte, há alguns minutos. Aquilo só tinha confirmado que a caça estava nas cercanias. Os soldados buscariam esconderijos perto da estrada. Não conheciam a mata. Teriam medo de arriscar. Tinham fugido próximo ao pôr-do-sol, senão não teriam deixado tantas balas de prata para trás. Foi Cantarzo que, após vasculhar as pequenas grutas conhecidas na região, lembrou-se da velha lanchonete. Grunhiu baixinho escalando árvores e cruzando o ar de galho em galho, ora parecendo um macaco ágil, ora parecendo uma ave de rapina. A boca salivava. Sabia que chegaria ao local antes de Raquel e seu bando. Parou no topo de uma árvore e farejou. Nada. Nem sangue, nem nada. Nenhum deles estava sangrando... ou talvez o vento noturno não estivesse ajudando, carregando para longe o cheiro da caça. Soldados eram especiais. Além de serem cheios de sangue como qualquer ser humano vivo, eram os inimigos mais perigosos nesse jogo de gato e rato. Faziam parte do time dos poucos que ousavam resistir. Talvez, por isso, tornavam-se mais saborosos e mais valiosos. Valiosos porque era sempre bem visto pelo ninho a captura de soldados. Algumas vezes, quando os encontravam em bando, após liquidar com a maioria, guardavam um ou dois vivos para tortura. Isto, às vezes, valia alguma revelação interessante. Às vezes, descobriam os passos dos humanos em busca de uma solução final para a ameaça vampírica. Tentavam sempre capturar o líder. Este sabia mais segredos. Era torturado,

levado ao extremo do sofrimento. Depois era degolado e servido aos mais antigos do ninho de vampiros. Foi depois de sucessivas sessões de torturas, muitos anos atrás, que perceberam ser necessário começar a destruir todas as ligações das vilas. Destruir estradas. Derrubar linhas elétricas. Destruir os cabos telefônicos restantes, antenas... tudo que pudesse permitir a união de informações, a comunicação rápida. Se os deixassem tramar e conspirar livremente, sabiam que os humanos logo conseguiriam construir alguma estratégia para combater mais habilmente os vampiros. Por isso, vampiros como Cantarzo eram treinados para procurar Rios de Sangue para manter o ninho abastecido de sangue fresco e também para vigiar as florestas e estradas em busca de soldados impetuosos, que pudessem carregar mensagens de uma fortificação a outra. Qualquer soldado fora dos muros deveria ser encontrado e atacado, torturado e morto.

Levou algum tempo até aproximar-se da lanchonete abandonada. Cantarzo apurou o olfato, mas não conseguiu sentir cheiro de sangue. Contudo, mesmo de longe, do topo daquela árvore, conseguiu ver algumas trilhas de motocicleta saindo do acostamento em direção ao local recoberto de plantas. Os olhos da criatura cintilaram. Os soldados estavam ali.

Cantarzo desceu ao solo. Grunhiu demoradamente. Caminhou até o asfalto, vasculhando o ambiente com os olhos. Não conseguia ver as motos utilizadas pelos humanos. Nem sinal de fumaça ou fogo. Mas estavam escondidos ali dentro, isso era certo. Atravessou a rodovia. As botas *Timberland* começaram a estalar contra os pedriscos do acostamento. Poderia regular a pressão do corpo, para que não fizesse barulho algum, mas estava concentrando em olhar tudo, não se preocupando de imediato com o ruído. Só depois de perceber não haver nenhum indício externo dos soldados e decidir entrar no salão da lanchonete é que se concentrou em tornar-se uma criatura silenciosa. Olhou para trás, para as árvores. Sabia que Raquel e Gerson vinham atrás, mas não pôde ver dali os olhos vermelhos dos concorrentes. Subiu o primeiro degrau e já pôde vislumbrar parte do salão do que fora o Rancho da Pamonha. Quantos seriam? Talvez estivessem acordados, vigiando, esperando o primeiro vampiro surgir na porta. Olhou de novo para a estrada e depois para a mata. Nem sinal dos vampiros. Cantarzo era valente, mas ainda mais prudente. Talvez fosse melhor aguardar os outros. Estava desarmado. Gostava de caçar assim. Achava que as mãos nuas causavam ainda mais medo à caça. Sabia que poderia lançar mão de sua velocidade de vampiro e das garras afiadas para fazer sangrar as vítimas, mas poderia aproveitar a oportunidade e esperar os outros. Raquel, Anaquias e Gerson, além de trazer armas de fogo no grupo, tinham experiência na caçada de motoqueiros, compondo excelente reforço. Poderiam capturar um número maior de soldados vivos e levá-los ao ninho para a obtenção de segredos. Por outro lado, Cantarzo pensava em tirar partido de seu poder pessoal, de sua capacidade superior de assimilar o sangue ingerido. Se houvesse ali um líder, um motoqueiro veterano, poderia tomar seu sangue e absorver dele as habilidades. Envolto nessas ponderações, rodou sobre os próprios pés voltando ao chão arenoso do lado de fora.

Desceu de cabeça baixa, analisando as pegadas de botas deixadas no chão, indo até a escadaria frontal. Quando ergueu os olhos, pôde ver dois vampiros parados no acostamento.

— Ora, ora, ora. Não é que o bom Cantarzo venceu a aposta. — murmurou Gerson.

Raquel deu um passo em direção ao vampiro de cabelos longos e presos por aquelas ridículas tiras de couro. Grunhiu nervosa e mostrou-lhe os dentes.

— TPM... — balbuciou Cantarzo.

— Do que você está falando, cara? — perguntou Gerson.

— Não sabia que vampira também sofria de TPM.

Raquel voou em direção ao vampiro. Cantarzo desviou e desferiu uma cotovelada na nuca da vampira, fazendo-a ir de rosto ao chão.

Gerson investiu. Cantarzo abaixou-se e agarrou o oponente pelas costas, arremessando-o contra os degraus da lanchonete. Recolocou-se em guarda e procurava Raquel com os olhos quando sentiu o braço da vampira agarrá-lo pelas costas, imobilizando-o pelo pescoço. Ela foi hábil ao tirar-lhe o centro de equilíbrio, diminuindo assim sua força e capacidade de reação.

— Se eu fosse você, pararia enquanto ainda tem um olho bom. Raquel grunhiu irritada com a provocação.

Gerson, feito, aproximou-se dos vampiros. Estava furioso, os olhos pareciam duas brasas prontas para incendiar o inimigo.

— Você chega e me humilha na frente dos novatos... estou farta de seu jeito desrespeitoso comigo, Cantarzo. Acha que é o queridinho do ninho, Cantarzo? Acha que já capturou soldados o suficiente para agradar aos velhos vampiros? Você sabe que o respeito é tudo que nos resta nesta vida maldita. — grunhiu a vampira no ouvido do inimigo.

Cantarzo tinha parado de debater-se. Guardava energia para uma oportunidade concreta de livrar-se do braço forte de Raquel e ter tempo ainda de atingir Gerson, antes de ser novamente agarrado. O grandalhão era forte, mas não era tão rápido quanto ele. Precisava ganhar tempo.

— Este lugar está cheio de soldados. Por que você não engole esse orgulho besta e não me ajuda a levar um bom número deles vivos para o ninho? Se conseguirmos arrancar bons segredos, quem sabe vocês dois também não gozem de alguns privilégios e tornam-se os novos queridinhos do covil?

— Não preciso de seus conselhos para ser bem-vista pelos velhos, Cantarzo. Tenho meus próprios trunfos.

Apesar do tom ríspido que soou a frase, o vampiro, preso pelo pescoço, sentiu a oponente vacilar.

— São, pelo menos, sete soldados. Balas de prata... espadas... água benta. Sabe que o seu amigão aí é forte, mas não é tão rápido quanto nos. Será que ele vai garantir que você saia com o pescoço inteiro lá de dentro?

Sentiu o braço afrouxar mais um pouco. Ela estava ponderando. Se Gerson chegasse um pouco mais perto...

Gerson grunhiu e olhou para a vampira. Queria desfiar Cantarzo com as unhas. Fechou a boca numa expressão amarga. Raquel não estava autorizando o ataque. A maldita estava dando ouvidos à ladainha daquele vampiro imbecil.

Raquel afastou-se de Cantarzo e usou sua velocidade vampírica.

Cantarzo virou-se rapidamente. Raquel...

Antes que pudesse localizar a vampira, desprevenido, tomou um golpe poderoso no tórax e foi arremessando contra o peito largo de Gerson, que o agarrou pelos ombros. Raquel, a mulher ruiva com o tapa-olho negro, surgiu na sua frente e apontou-lhe ameaçadora-mente o dedo indicador. Cantarzo grunhiu de dor. As unhas de Gerson pareciam atravessar o couro de seu sobretudo negro e a pressão parecia a ponto de esmigalhar seus ossos. O dedo em riste de Raquel tocou-lhe o nariz.

— Vamos entrar e acabar com a raça deles... mas eu juro que esta foi sua última chance, vampiro. Não quero ser sua amiga e nem busco sua consideração, não quero falar com você e nem cruzar com seus olhos, mas exijo respeito e edificação diante dos meus pupilos. Você é uma lenda dentre nossa raça, um exemplo. Falo muito bem de você aos iniciantes, quero ser tratada da mesma forma. Se fizer gracinhas na frente de meus soldados, não vou cair mais na sua conversinha de vampiro agonizante. Cerco-te, Cantarzo... com um, com dez vampiros... você não é indestrutível e tem que se lembrar disso. — Raquel disse com a voz rouca e sensual, afastando o dedo do nariz do oponente e dirigindo a unha afiada ao rosto do vampiro, abrindo-lhe um rasgo no lado esquerdo da face.

Cantarzo ficou livre das mãos de Gerson. Calado por um instante, levou a mão ao ferimento. Precisaria tomar mais cuidado com aqueles dois dessa noite em diante. Sabia que ambos estavam com o orgulho ferido e só o tinham libertado para terem um par de garras a mais dentro daquela lanchonete. Num ambiente fechado como aquele, sem terem tido a oportunidade de observar o grupo antes de abordá-lo, sabiam que podiam esperar de tudo dos soldados, menos deixá-los seguir impunes pela estrada. Os humanos eram cheios de artimanhas e armas carregadas com a maldita prata. Um vacilo e pronto! Você estaria liquidado. Era isso que Cantarzo mais gostava. Do perigo.

Raquel fez outro sinal para Gerson. O vampiro foi na frente. Raquel queria dizer suas reais intenções para o parceiro, mas daquela distância, certamente Cantarzo ouviria. Raquel deixaria Cantarzo ajudá-los, mas, assim que tivessem dominado alguns dos soldados, acabaria com a raça do vampiro. Cantarzo não sairia inteiro daquela caçada, não retornaria à caverna para colher os louros da captura daqueles soldados. O orgulho da vampira falava mais alto e ainda mostrava-se muito machucado. Vingança. Primeiro os soldados, depois a vingança.

Gerson vasculhou com os olhos o primeiro salão. Caixas registradoras, *displays* da *Elma-Chips*, velhos expositores refrigerados. O chão e o teto cobertos por um tipo de trepadeira de caule grosso. Chamou com a mão os outros dois. Passou para a segunda parte do salão. Os amplos vidros que davam para a estrada estavam cobertos de poeira. Apenas dois deles pareciam ter sido limpos muito recentemente. Naquela parte havia uma grande área do chão sem vegetação. Pegadas no piso empoeirado. Botas. Nenhum cheiro de sangue. Se alguém estivesse olhando o salão naquele instante teria a impressão de ver cinco brasas vermelhas flutuando fantasmagoricamente. Os vampiros vasculhavam o salão procurando por indícios dos soldados. Gerson chegou a um corredor estreito depois de atravessar a cozinha. As pegadas deixadas ali eram muitas e indicavam trânsito recente. Continuou em frente. Apurou os ouvidos, dotados de capacidade auditiva muito superior a dos humanos. Nada ouviu. Talvez uma pista falsa. Talvez o presunçoso Cantarzo estivesse errado. Os soldados poderiam até ter passado por ali, mas podiam estar a quilômetros de distância. Cantarzo presumia que os soldados estariam por perto por culpa de uma caixa de balas de prata. Talvez o homem tivesse sido descuidado, só isso. Humanos eram patéticos e cometiam burrices como aquela. Contava os dias para ser chamado para o ataque a São Vítor. O exército de vampiros não lograra êxito nas tentativas de invasão anteriores, mas Gerson tinha certeza que faria a diferença. São Vítor era um centro estratégico. Por meio dos humanos capturados e torturados sabiam que lá ficava o maior Rio de Sangue da atualidade. Para lá destinavam a maioria dos adormecidos. Não, não encontrariam Rios de Sangue dentro daquela fortaleza, mas um verdadeiro Mar de Sangue. Adormecidos em número suficiente para nunca mais precisarem lutar pelo sangue da alimentação. Daí para frente seria apenas questão de tempo até a extinção dos humanos rebeldes. Dali para frente lutaria pelo sangue do prazer. O prazer dos gritos de horror. O prazer da matança. Os escravos seriam marcados feito gado. Uma encenação gigante de João e Maria, onde seriam presos em jaulas e alimentados para um estoque de volume nunca visto de sangue pulsante. Gerson chegou ao final do corredor. Terminava em uma porta metálica de cor bege. Olhou para o teto. As trepadeiras acabavam ali. Rente a porta, o caule grosso em alguns ramos havia sido decepado. Inspirou profundamente. Cheiro de seiva fresca. Recuou. As botas estalando contra pedriscos. Os olhos vermelhos intensificaram o brilho, chamando silenciosamente os outros dois. Raquel e Cantarzo surgiram na cozinha. Gerson gesticulou, revelando a desconfiança. Raquel aproximou-se, passou por seu parceiro com certa dificuldade. Diacho de corredor estreito! Abaixou-se rente a porta. Empurrou-a cuidadosamente da primeira vez, mas não se moveu. Empregou mais força na segunda tentativa. Era uma porta de deslizar. Estava emperrada ou... bloqueada. Afastou-se. O corredor era apertado e não dava para dois vampiros tentarem juntos vencer o obstáculo. Deu lugar a Gerson que era o mais forte. O vampiro golpeou o metal. Os ouvidos do trio vampiro ouviram nitidamente o engatilhar de várias armas. Uma confirmação afinal! Os vampiros

grunhiram. Gerson aumentou a investida, golpeando incessantemente a porta. Derrubaria se fosse preciso, mas colocaria as mãos naqueles malditos soldados.

Cantarzo acalmou-se. O corredor era estreito e nada poderia fazer até aquela porta ir abaixo. Quantos soldados seriam? Se o morto fosse membro dessa expedição estariam em sete no mínimo. Um número irrisório para três vampiros experientes. Cantarzo recolheu às presas. Sabia que, depois do confronto, depois de acabarem com os soldados e capturarem alguns para levarem ao covil, talvez fosse alvo da fúria da dupla Raquel e Gerson. Tocou novamente a ferida. Eles estavam excitados. Raquel salivava e não via hora de atravessar aquela porta. Estavam doentes de sede. Cantarzo sorriu, aproximou-se de Raquel.

— Vou procurar alguma coisa para arrombar essa porcaria. Raquel mal deu atenção ao vampiro. Olhava fixamente para a porta que era esmurrada e empurrada pelo enlouquecido vampiro Gerson.

Cantarzo atravessou novamente a cozinha e, depois de algumas portas, estava mais uma vez no salão principal. Parou na entrada da casa. O alpendre do estabelecimento era decorado de modo rústico, com muita madeira e enfeites de milho de modo a combinar com o nome da marca. Cantarzo foi até o acostamento da estrada. Olhou para o céu, onde as nuvens bailavam ligeiras ao sabor do vento. A lua já havia descido e, em um par de horas, o sol despontaria no horizonte. Raquel e Gerson estavam muito ocupados para lembrarem-se disso. Lembrarem-se que estavam longe do covil. Estavam longe de um abrigo seguro. Cantarzo sorriu mais uma vez. Não seria ele que daria o alerta. Que fizessem bom proveito da investida. Quando se preparava para disparar com velocidade vampírica para dentro da mata do outro lado da estrada, Anaquias e seu grupo de novatos aproximaram-se. Perguntou o que Cantarzo fazia ali.

— Encontramos os soldados.

— Encontramos? — estranhou o parceiro de Raquel.

— Sim. Raquel e Gerson estão tentando arrombar uma porta fortificada. Vim procurar um outro acesso... ou algo para arrombar aquela passagem.

— Você tem granadas. Por que não usa?

— Queremos pegá-los vivos. Vá lá para dentro e mostre aos novatos uma manobra de invasão. Apesar de serem humanos, com soldados motoqueiros, todo cuidado é pouco.

— Se assim quer...

Anaquias não perdeu mais tempo com o vampiro, conduzindo para dentro do Rancho da Pamonha os seguidores. Sem sombra de dúvidas, era uma ótima oportunidade para aprenderem algo de útil.

Assim que os viu desaparecer no salão, Cantarzo disparou para o outro lado da rua e saltou para cima de um eucalipto. Em segundos estava a mais de vinte metros de altura, viajando como o vento, buscando o covil, correndo contra o tempo. Mesmo com sua habilidade sobrenatural, na

melhor da hipóteses, levaria, ao menos, uma hora e meia para chegar à boca da caverna. Raquel, cercada de novatos e dois capangas bobocas, só perceberia o erro tarde demais. Com alguma sorte morreria tostada pelos primeiros raios de sol. Cantarzo sabia que isso seria sorte demais, pois Raquel encontraria algum canto escuro para salvar seu rabo... mas entenderia o recado. Entenderia que jamais deveria ter rasgado sua face. Entenderia que Cantarzo era um vampiro dos melhores, cheio das virtudes e dos defeitos reservados às criaturas da noite... defeitos como aquele; deslealdade suficiente para abandonar os semelhantes à própria sorte sem peso algum sobre o peito.

Gerson golpeava a porta há mais de dez minutos. Raquel percebera a aproximação de Anaquias e pediu silêncio. O corredor estava tomado por uma nuvem de poeira que descia do teto. A vampira notou que a parede trincava ao redor do batente. Mesmo assim, a tarefa levaria tempo e o barulho havia terminado com qualquer chance de surpresas. A prontidão dos soldados seria um problema, mas criassem as artimanhas que fossem, jamais escapariam daquele beco vivos. Os vampiros estavam em franca superioridade agora, pois contavam com três novatos, que por mais novatos que pudessem ser, eram vampiros. Na retaguarda ainda existiam os veteranos. Raquel olhou para Anaquias e procurou Cantarzo com o olho bom. O vampiro não estava mais lá. Urrou nervosa. Tirou Tatiana de seu caminho com um empurrão enraivecido. A novata esparramou-se no chão da cozinha com as presas expostas. Raquel alcançou o salão, seguida por Anaquias.

— Onde está Cantarzo? — vociferou a vampira.

— Ele saiu para procurar outra entrada para encurralar os soldados...

— Não há outra entrada, Anaquias! Você conhece este lugar melhor que eu!

Raquel agarrou-se às trepadeiras que subiam pela fachada da casa comercial. Correu pelo telhado até alcançar o ponto mais alto. Farejou nervosamente. Saltou do telhado, pousando nos pedriscos de frente do alpendre sem fazer barulho algum, como se não tivesse peso. Urrou mais uma vez com a boca voltada para o céu.

— Ele fugiu, Anaquias. Cantarzo nos largou aqui!

— Mas...

Raquel agarrou Anaquias pelo pescoço e suspendeu-o no ar.

— Não tem "mas", Anaquias! Ele nos deixou aqui para morrer! Os mulos convertidos em vampiros surgiram no alpendre, deixando o salão principal.

Raquel soltou Anaquias no chão de terra.

— Chame Gerson. Temos que voltar para a toca agora.

— E os soldados?

— Vão viver. Graças a Cantarzo, vão viver.

— Podemos destruir aquela porta, Raquel. Usaremos o esconderijo deles durante as horas de sol.

— Podemos até conseguir derrubar a porta que aqueles homens bloquearam, mas isso vai levar tempo. Tempo que não temos. — Raquel olhou para a mata na tentativa vã de encontrar rastros de Cantarzo ou até mesmo seus olhos vermelhos. — Cantarzo evadiu porque sabia que depois dos soldados seria sua vez. Quero mais aquele vampiro do que esse bando de humanos.

— Podemos vencer aquela porta. — insistiu Anaquias, ainda sentado no chão de terra, olhando para cima para encarar a líder.

— Vai levar tempo, vampiro. Já falei. Gerson esmurrou aquilo... e se ele não a levou abaixo, teremos que nos esforçar mais. Tempo. Se ficarmos, perco Cantarzo... e talvez não tenhamos tempo de voltar ao covil.

— Se não tivermos tempo, teremos, ao menos, tomado o sangue desses andarilhos, Raquel. Poderemos fazer desse abrigo, nosso abrigo para as horas de sol.

— Você está com algum problema, Anaquias? — perguntou a mulher, estendendo a mão para tirá-lo do chão, tirá-lo daquela posição humilhante diante dos novatos. — Você é um dos mais espertos do covil. Como sugere tamanha asneira? Esse lugar é rota de soldados. Se eles eram esperados com data marcada na próxima cidade, provavelmente teremos uma patrulha buscando esses infelizes amanhã... se chegarem aqui nas horas de sol, acabam com nossa raça em dois tempos.

Raquel andou pelo pátio, fazendo seu traje negro esvoaçar. Estava arisca, cega pela raiva. Cantarzo havia gorado seu plano. Queria que o vampiro os ajudasse a capturar os soldados com vida. Sem essa possibilidade não lhe interessava aqueles desgraçados. Se saíssem agora, talvez, ainda tivesse chance de deitar os braços no vampiro. Sabia que seria difícil, ainda mais servindo de ama seca para aqueles novatos. Grunhiu irritada. Cantarzo pagaria. Pagaria caro por aquela humilhação.

Anaquias obedeceu a líder e foi buscar Gerson. Em instantes, o bando de Raquel estava embrenhado na mata e os novatos aprendiam com urgência uma importante lição. Brigar contra o poderoso deus Chronos. Saltar com velocidade e força vampírica, agarrando-se no galho mais alto e voando para o seguinte, metros adiante, com graça e agilidade. O prêmio? Encontrar o covil e esconder-se do sol e, assim, zelar pelo dom dos malditos noturnos... o dom da vida eterna.

Os homens viram-se obrigados a controlar as emoções. O coração parecendo que ia explodir parecia atrapalhar a audição. A poeira não mais caía do teto. O som das pancadas tinha cessado. Minutos intermináveis tinham se arrastado. O único som no momento era o choro descontrolado de Marcel. O novato estava sentando no canto da sala e tinha abandonado a arma

aos pés de Paraná. O lenço que trazia amarrado na cabeça estava agora na boca, entre os dentes, tentando aplacar o pranto. Zacarias voltou a estender o dedo indicador diante do nariz, clamando por silêncio. Os homens entreolhavam-se nervosamente. Adriano fez um sinal para Paraná, que se voltou para o novato descontrolado. Paraná curvou-se e pediu silêncio duas vezes. Como o rapaz não conseguia conter as lágrimas nem o soluço, Paraná acabou esbofeteando-o até fazê-lo calar-se. Ninguém pensou em conter a selvageria do parceiro, nem mesmo de fazer graça com o desespero do outro. A maioria estava a um triz de cair no mesmo descontrole. Sabiam o que os aguardava do outro lado daquela porta. Conheciam a maldade encerrada nos corpos gelados dos malditos noturnos. Sabiam como rasgavam a carne humana com facilidade, simplesmente, passando-lhes as unhas. A maioria deles não chorava, mas a maioria das armas era sustentada por mãos trêmulas, que mantinham os dedos instáveis longe dos sensíveis gatilhos. Estavam com medo. Todos eles. Estavam com medo.

Capítulo 14

Há algumas horas as investidas contra a porta de ferro já tinham cessado. Os soldados, num esforço hercúleo de relaxar, no máximo haviam sentado. Marcel, o novato, era o mais calado. Com certeza muito envergonhado por causa de seu descontrole no primeiro encontro com os vampiros. Temia que fosse largado em São Vitor e destituído do posto de soldado que tanto almejava. O que faria então? Voltaria a ser horteiro? Horteiro era o jeito que chamavam os homens incumbidos das plantações para o abastecimento do povoado. A função de horteiro não era ruim, nem depreciativa, de modo algum, mas ele queria ser soldado. Entretanto, não sabia o que fariam com um soldado chorão.

Adriano olhou para o relógio. Dez para as sete da manhã. Não havia dúvidas de que a luz solar já cobria as matas... mas o susto passado durante a madrugada pedia cautela. Fez um sinal para o seu amigo com traços de índio. Raul soltou a arma e foi até a porta. A folha metálica estava completamente distorcida por causa das pancadas recebidas. O soldado foi retirando os caibros colocados antes do anoitecer. Precisou de um bastão para servir de alavanca e conseguir retirar os mais resistentes. Graças àqueles caibros, a porta não tinha corrido pelo trilho e dado passagem aos assassinos noturnos. Após retirar o último, precisou da ajuda do grandalhão Paraná para fazer a porta deslizar. Sua estrutura havia sido completamente comprometida. Dificilmente o Rancho da Pamonha serviria como esconderijo de pernoite no futuro.

Raul ajeitou seu cabelo liso que lhe caía nos olhos. Passou pelo corredor estreito com os olhos arregalados. Podia ver a claridade batendo fracamente no salão, mas ali na cozinha existia escuridão suficiente para manter um vampiro vivo. A arma pronta para o disparo acompanhava seus olhos. Um passo de cada vez. O resto do pessoal continuou no cômodo apertado. Tomavam coragem para sair. Raul atravessou a cozinha sem problemas. Com um movimento rápido da mão, disse que o caminho estava livre. A luz do sol entrava timidamente pelo salão principal. Não haveria ali nenhum vampiro. Tinham conseguido. Tinham sobrevivido a um ataque. Não sabia por que os monstros tinham ido embora antes de derrubar aquela bendita porta, mas graças a Deus tomaram aquela decisão.

Zacarias, o mais baixo e gordo do grupo (só não era o mais velho por causa do Paraná), surgiu atrás de Raul. Também empunhava uma espingarda calibre doze, com balas de prata. Até que seria bom encontrar com os bastardos malditos que fizeram a visita da madrugada. Agora, com o sol forte brilhando lá fora, eram eles, os soldados, que mandavam. Atravessou o salão principal. Nem sinal dos noturnos. Saiu para o alpendre e desceu os degraus. O sol banhava o asfalto e o dia começava a esquentar.

— Manda todo mundo sair, Raul. A barra tá mais do que limpa. Vamos pôr o comboio na estrada, não quero ficar mais uma noite me borrando nas calças.

Zacarias foi até o esconderijo das motocicletas. Deu graças por encontrá-las intactas. Alguma coisa tinha perturbado os visitantes noturnos, do contrário encontrariam os veículos inutilizados... noturnos não costumavam dar esse boi. Com a ajuda de Marcel, que trouxe as chaves, levou as motocicletas para a frente do rancho. Trouxeram uma mangueira para passarem um pouco de gasolina para o tanque quase vazio da moto de Adriano. Suspirou. Tinham ali outro problema. Falta de combustível.

Sinatra resolveu colaborar para a elevação dos ânimos e a descontração entoando a versão brasileira de *Patches*, de Clarence Carter, na voz dos imbatíveis Titãs. Logo a apropriada voz de barítono de Joel uniu-se à do cantor e, em instantes, pelo menos quatro dos soldados, enchiam a mata com o refrão: *"Marvin, agora é pra valer, eu fiz o meu melhor e o seu destino eu sei, de cor"*.

Quando Raul sugeriu que acendessem o fogo para preparem um café da manhã, pois estava faminto, foi Paraná quem elevou a voz, pedindo que se apressassem nos preparativos para voltar à margem do rio.

— Além das motos temos que ver como vai nosso parceiro. Gaspar foi deixado naquele buraco e deve estar com fome como todos nós. Acho melhor prepararmos o café da manhã lá no rio. — sugeriu o grandalhão, olhando para Adriano que se aproximava do grupo do lado de fora pela primeira vez.

Os demais olharam para o líder que, de forma incomum, estava deixando as decisões nas mãos dos soldados, calado e sem demonstrar o entusiasmo costumeiro quando obtinham sucesso mesmo nas menores vitórias. Sobreviver ao ataque de um bando de vampiros era uma vitória e tanto, contudo assistiam a um guia atípico, com um ar desmotivado e olhos entristecidos.

— Não precisam se apressar por causa de Gaspar. Se quiserem acender o fogo agora, fiquem à vontade. Se quiserem fazer a refeição na beira do rio será mais vantajoso porque o novato prepara o rango e a gente desce as motos que estão faltando. Vocês decidem o que querem fazer, não tô muito legal hoje, não. Só me avisem o que decidirem porque quero ir na primeira moto... mas não precisam se apressar por causa do Gaspar, ele não vai tomar café da manhã com a gente... — Adriano passou a mão no cavanhaque louro e deu as costas ao grupo voltando ao Rancho da Pamonha. Fez uma pausa nas palavras com notória emoção. — ... puseram a mesa do velho Gaspar em outro lugar essa manhã.

Tinha conseguido arame suficiente. A cruz, mesmo que mal alambreada, serviria para o cumprimento dos ritos. Tinha lido em algum lugar na infância que o ser humano era o único animal no planeta que sepultava o semelhante. Secou o suor da testa, o sol do meio-dia

castigava o cocuruto. Tinha carregado bastantes pedras. O estômago queimava de fome, quase vinte e quatro horas sem alimento, mas decidira não comer nada, comungar com o irmão que não tinha tido direito a uma última refeição. Estava valendo a pena toda essa abnegação? Poderia estar em Nova Luz neste exato momento, do lado da mulher que amava, ocupando-se de algo diferente do que cruzar as estradas e tentar manter os centros unidos, as notícias indo e vindo e, principalmente, fazendo parte do grupo que tentava pôr o plano de libertação em andamento. Não poderiam esperar eternamente pela vinda de mais um bento. Demorava meses sem fim para um bento despertar e sempre quando se aproximavam da concretização da profecia, um ataque avassalador dos malditos noturnos acabava por azedar o andamento da carruagem, levando a vida de um bento ou dois. Os bentos eram duros na queda. Eram selvagens e destemidos. Davam cabo de mais vampiros em uma única batalha do que um simples soldados daria em toda sua carreira. Tanto sacrifício para isso: acabar dando um tiro no peito de um amigo em nome de um segredo, em nome de um plano suicida. Decididamente, não poderiam esperar pela concretização da profecia, mas valeria a pena? E se jogasse tudo para o alto e aceitasse as palavras do Bispo? O velho dizia que o que havia acontecido ao mundo era uma benção, não um mal. Adriano levantou-se e ficou calado olhando para a cova. O som do rio descendo moroso e o sol batendo no gramado seriam a companhia do parceiro de agora para todo o sempre. Chamou os soldados. Os sete homens cercaram a cova uma última vez e puxaram um pai-nosso e uma ave-maria. Despediram-se de Gaspar e desceram a margem do rio até onde aguardava a balsa. Chegando à outra margem repetiram o que tinham feito os últimos soldados que estiveram ali. Retiraram a jangada da água e a esconderam ao pé da ponte. A motocicleta de Gaspar também foi escondida debaixo da ponte, encoberta por mata e galhos frondosos. A gasolina havia sido retirada e seria repartida entre as máquinas restantes.

Adriano, no topo do morro, olhou para baixo fixando na cruz de madeira, demarcando o sepulcro. Baixou a cabeça. Para que o sacrifício do amigo não fosse em vão sabia exatamente o que teria de fazer. Para fazer valer a pena teria que deixar toda a tristeza e incerteza para trás, na beira daquele rio. Apesar de abalado, não colocaria em xeque sua certeza na luta contra as feras noturnas. Teria de unir-se para reforçar o time de libertação. Acenou um tchau para o amigo e montou em sua moto. Deu partida e assumiu a ponta. Nos primeiros trinta segundos seguiu em baixa velocidade, depois soltou um grito e reassumiu sua função de puxador, enrolando o cabo do acelerador e rasgando o asfalto em alta velocidade. Faltavam quatro horas de estrada até São Vitor, seria mais um dia de horário apertado.

Capítulo 15

Lucas tinha sido conduzido até um dormitório. Diferente da cela branca azulejada, o dormitório lhe parecia um tanto mais aconchegante. A cabeça girava com as informações recentemente adquiridas. Parecia dentro de um sonho ruim. Dentro de um roteiro de filme de ficção. Mesmo assim não pôde deixar de sentir aconchego naquele quarto médio. A luz do sol entrando pela janela e desenhando um trapézio no chão de madeira enchia o ambiente abstrato com uma sensação de realidade. Sol, chão, móveis. Barulho de crianças brincando. Lucas ficou de pé. Olhou a cama com o lençol desarrumado apenas onde estivera repousando o traseiro. Não sabia exatamente o que fazer. O doutor dissera apenas que teria de esperar o alfaiate. Coçou a cabeça. Dar-lhe-iam um terno? O doutor dissera que ele seria preparado para conhecer alguém. Usara uma palavra que não se lembrava agora... torcia para não ser outro médico, afinal de contas, depois de desperto, só havia conhecido médicos. A Dra. Ana e o "doutor". Tinha lido o nome do doutor num dos diplomas. Parecia um daqueles nomes eslovacos, que não se lembrava agora. Sua cabeça estava uma merda. Não conseguia se lembrar de muita coisa. O passado, principalmente. O passado estava submerso numa névoa tênue, mas suficiente para bloquear os detalhes cruciais para uma lembrança clara da vida. O doutor comentara que ele fora corretor de seguros de automóveis. Lucas aproximou-se da janela. Viu duas crianças brincando num pátio. O dormitório ficava num pequeno prédio de três andares e localizava-se, justamente, no último deles. Podia ver muitos pássaros, muito mais do que o habitual. O peito apertou-se. Tristeza. Nostalgia. O que seria habitual agora? Seria comum encontrar uma onça-pintada no meio da rua? E aquela história de vampiros? Mais uma vez passou a mão pela cabeça. Ah! Como queria acordar daquele sonho ruim! A cabeça doía toda vez que a voz do doutor repetia a história em seu cérebro. Mas não tinha como negar aquela realidade. Não podia duvidar sobre vampiros. Seu ex-companheiro de cela tinha lhe saltado para cima com dentes compridos e rugidos monstruosos. Gabriel tinha transformado-se num bicho... num vampiro. Não tinha como duvidar. Mas e todo o resto? Seria também verdade? Encostou a testa no vidro da janela. As duas crianças tinham sumido do seu campo de visão. O céu estava limpo e vestido num azul nunca visto. Lindo. Sorriu. Ouviu passos no corredor. Tentou enxergar quem vinha pelo vidro. Sem conseguir, foi até a porta e saiu para o corredor. A luz do sol chegava ao chão vermelho e cobria sua pele, causando um repentino formigamento. Ouviu vozes. Quem vinha, não vinha sozinho. Os olhos teimavam em procurar gente, mas a luz quase cegava. Lucas apoiou-se no balaústre. Apesar de três andares, o complexo de dormitórios era baixo. Deixando-se guiar pelo barulho dos passos, pôde divisar algumas cabeças subindo a escada. Instintivamente, Lucas ergueu as narinas e começou a inspirar rapidamente. Alguma coisa por dentro lhe dizia que não

precisava preocupar-se com aqueles que chegavam... eles não tinham "o cheiro". Os visitantes atingiram seu andar e logo estavam vindo em sua direção. Notou que eram seis homens e que se ajudavam carregando alguns baús de madeira que pareciam pesados, talvez por isso não o tivessem notado parado ali, no piso vermelho encerado do corredor. Quando um deles viu Lucas, estacou. A parada brusca fez com que um dos baús fosse ao chão. Os homens olharam para o rapaz parado no corredor, depois em direção ao quarto do recém-acordado. O mais alto e forte, e que parecia ser o líder dos visitantes, aproximou-se primeiro.

— Você é o bento?

Lucas franziu a testa. Não estava acostumado com a alcunha.

— Você é o recém-desperto, não é? Lucas? — insistiu o homem.

— Sim. Sou eu.

Os homens benzeram-se e o líder, com passos estudados, aproximou-se ainda mais de Lucas. Chegou bem perto e colocou-se de joelhos. Fez uma reverência com a cabeça.

— Eu sou o alfaiate, senhor. Os que me seguem são meus auxiliares. Viemos prepará-lo para o encontro com o Bispo.

— Não precisa ajoelhar-se para falar comigo.

O homem levantou a cabeça para Lucas, estava visivelmente emocionado.

— Desculpe, senhor, mas se o senhor é quem dizem ser, isso é o mínimo que posso fazer para agradecer tua vinda.

— Dizem que sou quem?

Um dos auxiliares aproximou-se ajoelhando-se enquanto falava:

— Você é o salvador, senhor. Você veio para unir os bentos para a libertação dos humanos.

O alfaiate virou-se e deu uma vigorosa bofetada no rosto do auxiliar.

— Não diga nada, imbecil! Quer assustar o salvador?! Ele será preparado pelo Bispo.

— Levantem-se! Não fiquem conversando comigo de joelhos. Os homens puseram-se de pé.

Nesse instante Lucas pôde ter uma impressão melhor do tamanho do líder. O alfaiate era realmente forte, mais alto que ele... seria mais natural vê-lo como um soldado do que como um costureiro, lidando com dedais, agulhas e linhas delicadas.

— Vamos para dentro, senhor. Não temos tempo a perder. O Bispo lhe espera e seu aparato é um tanto demorado de ajustar.

Dentro do quarto, um dos auxiliares pediu que Lucas sentasse numa cadeira dobrável, trazida no baú. Não entendeu por que o homem não usou a que estava em seu quarto. Assim que se acomodou, um outro auxiliar cobriu seu peito nu com um avental branco, como aqueles usados em salões de cabeleireiros.

— Depois que um adormecido acorda, senhor, as coisas vão voltando a funcionar. O cabelo volta a crescer e a barba também. — explicou o assistente que prendia o avental no pescoço de Lucas.

— Por isso vou fazer sua barba. Não queremos que o Bispo tenha uma má impressão... sabe como é, a primeira impressão é a que fica.

Lucas passou a mão pelo rosto. Realmente podia sentir a pele áspera por causa da barba começando a despontar.

O alfaiate olhou com reprovação para o auxiliar.

— Onde já se viu dizer uma coisa dessas? Como o Bispo poderia ter uma má impressão com nosso salvador? Vamos ajudá-lo a se arruinar porque essa é nossa função. Parem de falar asneira! "A primeira impressão é a que fica"... bah! Essa é boa!

Lucas sentiu um lampejo na cabeça. Uma lembrança. Uma mulher ajustando sua gravata e passando a mão carinhosamente sobre a lapela de seu terno. Ela dizia o mesmo ditado: "a primeira impressão é a que fica". O tempo poderia ter passado, mas os velhos ditados continuavam lá, cada vez mais velhos.

— Cada macaco no seu galho! — berrou Lucas, com um sorriso nos lábios.

Os homens entreolharam-se. Depois de uns segundos, responderam ao sorriso do bento, voltando aos afazeres, mesmo sem entender o que o desperto queria dizer.

Lucas viu o alfaiate abrir alguns dos baús. Peças reluzentes de metal. Peças de couro. Que diacho estavam preparando?

Em poucos minutos Lucas viu-se de barba feita e cabelos castanhos ondulados aparados. Tudo realizado com muita habilidade e cuidado. Agora alguém cuidava das unhas de seus pés. Estava até que gostando daquele cuidado todo. Tinha dormido um "Zé Ninguém" e acordado como um rei. Não sabia se isso era bom, mas até agora estava gostando.

Depois de ter as unhas dos pés aparadas, Lucas estendeu as mãos para o auxiliar. As unhas compridas como as de mulher e amareladas como se estivesse doente lhe causava asco. Contudo, o auxiliar fez um leve meneio, negando-se a cortá-las.

— Não convém apará-las, senhor. — disse o auxiliar.

Foi colocado de pé e, sem ser advertido, um dos auxiliares baixou suas calças, deixando-o completamente nu.

— O que é isso? Vão me dar banho também, vão? — perguntou, constrangido, tentando desembaraçar a situação.

O alfaiate olhou-o da cabeça aos pés. Estendeu a mão direita para um auxiliar.

— Tudo de volume dois. Depressa!

O auxiliar abriu um baú que estava no chão e estendeu-lhe uma peça branca. O alfaiate, por sua vez, passou a peça para Lucas.

Lucas desdobrou o pedaço de pano. Era uma cueca de algodão. Detestava cuecas brancas, mas parecia que não estava ali para escolher, e sim para ser vestido. Vestiu o primeiro item e logo recebia uma nova peça. Uma camiseta branca de mangas longas, parecia também ser de algodão. O cheiro era bom. Cheiro de roupa nova. Do terceiro baú, o auxiliar tirou uma peça escura. Quando recebeu em suas mãos, demorou examinando-a. Parecia uma daquelas meias-calças de mulher, mas era de tecido bem grosso, quente. Vestiu. A peça terminava em alças, que iam presas aos calcanhares. Um segundo ajudante abaixou-se e colocou-as no lugar. O próximo item era um colete de couro cru e de grossa espessura, recoberto por pêlos curtos, pardacentos, e cheio de ilhoses nas costas. Pelos orifícios passavam tiras resistentes feitas do mesmo material e, ao vestir o colete, as tiras foram puxadas e ajustadas pelos assistentes. Lucas soltou o ar dos pulmões com o aperto e sentiu o tórax enrijecer. O colete tinha golas altas, que foram abotoadas na frente. Essa gola não apertava, mas causava certo desconforto ao roçar seu queixo. Colocaram-lhe meias grossas e calçaram seus pés com um par de coturnos negros. Veio então um saiote escuro, que lhe pareceu de cor preta na primeira olhadela, mas depois notou ter a tintura puxada para o verde-escuro, quase preto. Era largo e parecia com aquelas peças que via nos filmes épicos de soldados romanos, ou como nos santinhos de Santo Expedito. Lucas lamentou não ter um espelho para olhar-se. Certamente, aquela fantasia estava impagável, primeiro lugar em qualquer baile de carnaval. Até onde aqueles malucos iriam? Estavam aprontando-o para um baile a fantasia? Seria aquele Bispo interno de algum manicômio?

Um barulho como o de correntes sendo levantadas rapidamente tirou o sorriso do seu lábio. O alfaiate deu passagem a dois assistentes que lhe traziam uma cota prateada. O alfaiate observou-a sem tocá-la, logo aquiescendo. Um terceiro auxiliar fez com que Lucas se curvasse para receber a nova parte da vestimenta. Diferente do colete, essa peça era bastante pesada, provida de mangas longas e uma espécie de touca feita do mesmo metal. Lucas sorriu. A blusa de metal acabava em seus punhos e, após um dos assistentes cobrir-lhe a cabeça, sentiu o metal frio em sua testa.

— O que é isso?

— Acho que é uma das peças mais importante de sua veste, senhor. É uma cota de prata. Vai proteger seu pescoço, seus braços e seu coração. — respondeu o alfaiate.

— Mas o que é tudo isso? Tudo isso para quê? — repetiu o recém-desperto, inquieto, abandonando os braços e enchendo o quarto de barulho ao mover-se com a roupa de metal.

— É para não ser ferido em combate pelos vampiros, senhor. — interveio o assistente que tentava alcançar seu braço para adicionar mais alguma coisa ao traje.

Lucas ficou quieto, olhando para o alfaiate, que por sua vez fulminava com os olhos o assistente linguarudo.

— O Bispo falará sobre os vampiros, senhor... e sobre a benção da prata em seu uniforme de batalha.

A essa altura os braços de Lucas tinham sido capturados pelos assistentes e dois deles enrolavam tiras de couro em seus punhos.

Quando terminaram a tarefa, Lucas percebeu que aquelas tiras reduziam bastante o incômodo barulho que era produzido pela cota de prata ao mexer os braços. Agora era um "barulhinho", perto do que fazia instantes atrás. Notou que a cota descia até sua virilha e agora um terceiro assistente passava uma nova tira de couro em alguns elos maiores presos ao extremo da peça. Funcionaria como um cinto aparentemente também para conter o barulho.

— Vocês mataram quantas vacas para colocar tanto couro em mim?

Alguns dos assistentes riram. O alfaiate estalou os dedos.

— Tragam o peito.

Os homens afastaram-se do bento e abriram o baú maior. Puseram de pé uma armadura prateada. Era impressionante o polimento do artefato que reluzia vigorosamente ao mais tímido contato com luz solar. Pelo formato, Lucas entendeu que a peça destinava-se a cobrir exclusivamente o tórax, uma espécie de colete rígido. Ficou em silêncio, admirando a cruz dourada fixada em relevo no centro da peça, enquanto os auxiliares exibiam a peça ao alfaiate. Notou também que nos cantos superiores, onde seriam os ombros, havia dois enfeites dourados, parecendo duas cabeças de animal. Depois do líder aprovar, dirigiram-se ao homem, dividindo a peça em duas partes, posterior e anterior, encerrando o tórax do guerreiro dentro da proteção. A armadura torácica era unida com facilidade, presa por seis travas de pressão. Lucas teve a impressão de que conseguiria tirar e recolocar a peça sem precisar da ajuda de terceiros. Ao contrário de quando foi apertado o colete de couro, não houve desconforto algum. A peça parecia ter sido forjada sob encomenda para seu corpo magricelo, em consequência da atrofia originada pelo sono prolongado.

O alfaiate rodeou Lucas, olhando a indumentária de cima a baixo. Nas costas do guerreiro agarrou a armadura pelas aberturas axilares e chacoalhou a prata. Estava justa e firme.

— Perfeito! Parece que foi feita para você!

Os assistentes fechavam os baús. Restava apenas um lacrado. Era o mais comprido e estreito de todos.

O alfaiate parou de frente para Lucas olhando-o nos olhos.

— Fiz o meu melhor, senhor. Vendo o senhor nas vestes de um bento estou certo de que as profecias são de fé. O senhor transpira paz e tranquilidade. É certo que será um bom guerreiro, nosso salvador. — o homem tinha agora os olhos marejados.

Lucas precisava erguer um pouco o rosto para encarar o alfaiate. Estava quieto e tenso. Não seria possível que todos fossem malucos. Estavam falando a verdade. O mundo todo tinha

mudado e agora buscavam um jeito de vencer a guerra contra os vampiros. Aqueles vampiros que estava acostumado a ver na televisão, no cinema. Aqueles chupadores de sangue que moravam na Transilvânia. Deus do céu! E ele era um dos guerreiros! Nunca tinha servido nas Forças Armadas. Nunca tinha dado um tiro em ninguém. Sentiu o estômago embrulhar. O único homem que tinha matado até hoje fora aquele Gabriel... um ato de loucura, uma lembrança que ocupava um canto escuro de seu cérebro. Um ato que mais parecia lembrança de um pesadelo do que lembrança de um momento. Estava encarcerado na cela branca do hospital. Estava desesperado... e Gabriel é quem tinha lhe atacado em primeiro lugar. Defendera-se instintivamente. Não era um guerreiro...

— Qual é seu nome, alfaiate?

— Meu nome é Paulo, senhor.

Lucas pousou a mão no ombro do forte Paulo.

— Olhe para mim, Paulo. Eu... eu sou só um homem que esteve doente... não sei o que andaram dizendo por aí... mas eu nunca lutei... estou sendo honesto com vocês porque vejo que depositam uma confiança exagerada em mim. Eu nunca disparei com uma arma de fogo... não sei como vou salvar vocês dessa enrascada... eu... eu...

Paulo olhou para a mão de Lucas em seu ombro.

— Desculpe, senhor. Como pudemos esquecer? — bateu palmas fazendo com que seus auxiliares aprumassem-se. — Tragam-me as luvas do senhor Lucas.

Um dos assistentes já tinha o par de luvas nas mãos. Estendeu ao alfaiate.

Paulo apressou-se em ajudar Lucas a calçá-las. Rapidamente, para que ninguém percebesse, enxugou uma lágrima que descia.

— Não se preocupe, senhor. O senhor vai ficar pronto para a batalha. Sei que está confuso. Todos os que eu vesti estavam confusos antes de falar com o Bispo. É assim mesmo, senhor Lucas. Mas, depois de falar com o homem santo, o senhor vai entender e a confiança irá voltar. Eu... eu sei que é difícil... acordar e encontrar o mundo assim. Eu também fui adormecido, sabia? Quando a gente acorda tem um choque... mas o senhor é um bento. Vai entender o que eu estou dizendo.

Lucas murmurou algo, mas não teve tempo de responder.

— Eu acordei faz doze anos. Nossa, que horror! Eu não queria aceitar. Imagine o senhor que quis até fugir da fortificação! Que tolice a minha. Quase fui comido pelos malditos noturnos. Mas, graças ao bento Francis, fui salvo. O senhor conhecerá o bento Francis, senhor. — o alfaiate deu um tapa nos ombros de Lucas ao terminar de ajustar as luvas. — Não precisa se preocupar. Sua vocação vai se revelar e a profecia irá se cumprir. Seremos salvos, senhor.

Lucas abria e fechava as mãos ajustando as luvas.

Paulo sinalizou para o assistente que guardava o último baú.

O rapaz abriu e ele tirou um cinto de couro negro. Passou-o ao alfaiate que, por sua vez, atou-o na cintura de Lucas, que permanecia calado. Em seguida, Paulo foi até o baú e retirou um bastão envolto em tecido vermelho.

— O senhor não precisa se preocupar com armas de fogo, senhor. O senhor não vai atirar em ninguém. O senhor vai usar isto.

Lucas, curioso, viu o alfaiate desenrolar um tecido que acabou por revelar uma espada reluzente. Era linda! Não era muito comprida, como imaginava as espadas de cavaleiros medievais. A lâmina teria, no máximo, sessenta centímetros, era grossa e dotada de uma ponta aguda. A empunhadura era revestida em couro e, antes de começar a lâmina, havia uma haste de ferro negro cruzando a espada, com uns dez centímetros para cada lado e suavemente inclinada para cima em direção aos gumes afiados, fazendo a espada formar uma espécie de letra "T".

O alfaiate ofereceu-a ao guerreiro estendendo-a em sua palma para que Lucas a apanhasse pelo cabo.

O bento ergueu-a e mirou seu reflexo na lâmina. Podia ver-se quase que com perfeição. Não era tão pesada quanto supusera. Ergueu-a e baixou-a seguidas vezes, como descrevendo golpes e defesas imaginárias. Os assistentes em volta sorriram para o alfaiate. Todos os bentos faziam aquilo quando deitavam a mão em sua espada pela primeira vez. Era incrível!

Assim que Lucas encarou o alfaiate novamente, este lhe indicou a bainha presa ao cinto recém adicionado à cintura. Lucas admirou não ter percebido esse item quando o cinto foi atado. A espada deslizou suavemente pela abertura e repousou na proteção.

O alfaiate aproximou-se de Lucas mais uma vez. Retirou uma corrente do próprio pescoço. E passou-a pela cabeça do guerreiro.

— Para que o senhor não tema o bom combate. Leva contigo a imagem do bento dos bentos.

Lucas aparou a medalhinha na palma da mão enluvada. Não fora um católico fervoroso, mas reconheceu prontamente na figura do cavaleiro subjugando o dragão a imagem de São Jorge.

— Obrigado, Paulo. Agradeço de coração. — disse, soltando a imagem e deixando-a guarnecer seu peito.

— Agora, o toque final.

O alfaiate tomou da mão do assistente, que aguardava, o pesado manto vermelho onde a espada viera enrolada. Com a ajuda de mais dois, prendeu a capa vermelha sobre as costas do cavaleiro e as pontas do tecido foram engolidas pelos dois dragonetes que enfeitavam a armadura, um em cada ombro. Dessa forma, a capa foi presa à vestimenta.

Paulo ajeitou o tecido, espalhando-o uniformemente e encobrindo parcialmente a frente da figura do guerreiro. Estalou o dedo mais uma vez e um dos baús foi reaberto, donde os auxiliares

tiraram três pedaços vítreos que, juntos, compunham um espelho quase de igual altura ao recém-desperto.

Lucas fitou demoradamente o homem desconhecido que se apresentava no reflexo de sua imagem. Aquele não era ele. Ele era um vendedor de seguros de carro, não um guerreiro bento. Passou até a respirar de modo diferente, com certa dificuldade. A cabeça estava encoberta pela touca de prata que emoldurava seu rosto e descia pelo pescoço, desaparecendo dentro da couraça prateada. No queixo via uma ponta do colete de couro. No meio do peito destacava-se a cruz dourada em relevo e a pequena medalha de São Jorge. Os braços estavam igualmente protegidos pela cota de metal, terminando nas luvas de couro. Apesar do sol que brilhava do lado de fora, não sentia calor ou desconforto dentro do inusitado uniforme. O saiote verde-escuro, quase negro, confundia-se com a grossa malha escura, que protegia suas pernas e estava longe de criar constrangimento, uma vez que parecia dentro do contexto. A capa vermelha cobria todo seu corpo, chegando a arrastar no chão. Na extremidade inferior, o tecido vermelho era revestido por uma faixa marrom. Era por inteiro feita de um tecido grosso e pesado.

— Vamos, senhor?

Lucas assentiu.

O espelho foi desmontado e recolhido e os baús empilhados no dormitório.

Capítulo 16

Lucas desceu os três andares do prédio de dormitórios acompanhado pelo alfaiate e seus assistentes. Ao chegarem ao pátio, recoberto por granito, os homens trataram de cercar o guerreiro. Paulo vinha à sua esquerda e indicava o caminho. Teriam que caminhar um bocado até chegar à residência do Bispo.

Lucas acostumava-se ao aspecto imposto pelo traje. O colete de couro dificultava que as costas fossem arqueadas, obrigando-o a assumir uma postura ereta, ativa. Sem perceber, a mão direita foi ao cabo da espada, fazendo com que a bainha não chacoalhasse tanto. A capa vermelha ocultava ambos os braços. Lucas estava impressionado com a pureza do ar. Nada de fumaça, nenhum traço do céu marrom-cinza de São Paulo. Observou que caminhavam sobre uma alameda larga e prédios de poucos andares, medianos, ocupavam a paisagem espaçadamente, nada daqueles prédios empilhados, um colado ao outro, como no centro urbano. Ao redor dos prédios havia bastante gramado, poucas pessoas cruzavam os caminhos cimentados. Ao que parecia, todo o conceito arquitetônico conhecido tinha sido abolido após o traumático evento que o doutor lhe descrevera. Com o colapso da sociedade, em meados do século XXI, a superpopulação planetária havia desaparecido e agora espaço não parecia ser grande problema. Como os sobreviventes tinham se virado até então? Queria era ter a sorte de encontrar com um conhecido e sentar num bar para tomar chope a madrugada inteira, perguntar tudo. Ouvir da boca de um amigo, alguém em quem pudesse acreditar, tudo o que havia se passado enquanto dormia. Uma história fabulosa, certamente. Lucas percebeu que a alameda estendia-se por centenas de metros e, na distância onde seus olhos começavam a falhar, podia ver um borrão escuro subindo ao céu. O que seria aquele prédio maior que os outros?

— Isso aqui era o campus de uma universidade federal décadas atrás. — comentou o alfaiate, como lendo o pensamento do guerreiro. — A maioria dos grandes centros foram abandonados. Você era de São Paulo, não era?

— Hum-hum.

Silêncio. Os passos dos homens ecoando.

— As principais metrópoles foram abandonadas. São Paulo, Florianópolis, Rio de Janeiro, viraram redutos de malucos e de vampiros. Praticamente não dá para passar uma noite com vida nesses lugares. Sorocaba, Presidente Prudente, Salvador, Aracaju, Ribeirão Preto, Belo Horizonte, Campinas, Niterói, Campo Grande... todos esses lugares e tantos nomes quanto você possa lembrar... já eram. Viraram cidades fantasmas.

— O que é aquele prédio no final da rua?

Os homens olharam adiante. Paulo respondeu:

— Não é um prédio, senhor. Aquilo é um muro. Se olhar ao redor do campus, verá que ele é completamente cercado, murado. Agora, para sobreviver, é assim. Os vampiros acabaram com tudo. Os sobreviventes foram empurrados para pequenos povoados. Os primeiros meses foram difíceis de acostumar, senhor. Tem gente traumatizada até hoje. A gente se juntava em lugares menores que as grandes cidades, como esses, e erguíamos muros. Tivemos que aprender a combatê-los, senhor.

— Por que não ficaram nas cidades, mesmo? Por que não...

— Como iríamos passar um muro em volta de Sorocaba inteira, senhor?

— Não é isso... quis dizer, por que não fortificaram hospitais, escolas por lá mesmo?

— Aqueles dias eram pesadelos vivos, bento Lucas... e essa luta é eterna. Iríamos viver enjaulados em pequenos espaços? Ficaríamos doidos. Bem aventurado os que tiveram a inspiração de buscar centros afastados. Se ficarmos quietos, esvaziarmos a mente, até temos, dentro desses muros, a impressão de estarmos em liberdade. Ao menos, não ficamos todos claustrofóbicos. Vê... o muro está tão afastado que até podemos esquecer dele um pouco. — Paulo parou e colocou a mão em concha na altura da sobancelha, calou-se por um segundo e molhou os lábios com a língua. — Mas basta passar das três da tarde para essa fantasia de liberdade ir por água abaixo. Quando o sol vai caindo no horizonte, senhor, só nos resta rezar... Mas, graças a Deus, o senhor veio e há de se cumprir o que foi profetizado.

— O que foi profetizado?

— Isso o Bispo é quem lhe dirá. — rebateu o alfaiate, pondo a mão no ombro do guerreiro e fazendo-o voltar a andar.

Depois de cinco minutos de caminhada, tomaram uma rua à direita. Lucas pôde ver o que parecia ser uma grande praça com chão de concreto queimado. Tinha habituado-se ao caminho quase deserto, estranhando o volume de gente passando por ali. Não demorou um minuto até que uma senhora parasse no meio da praça e, mesmo atrapalhada por um grupo de rapazes que empurravam um carroção repleto de hortaliças, apontasse em sua direção. Pôde ouvir a voz aguda da mulher crescer em euforia fazendo com que dezenas dos passantes parassem para olhar. A mulher soltou duas sacolas pesadas de *nylon* colorido e correu em sua direção. Lucas olhou para Paulo, querendo entender. Antes que o alfaiate pudesse dizer alguma coisa, a senhora, com impressionante agilidade e pressa, alcançou o homem de capa vermelha e prostrou-se aos seus pés.

— Bendito seja Deus que te enviou para nos salvar! — gritou a mulher, levantando o tronco, permanecendo de joelhos e tomando a mão de Lucas para beijá-la. — Orei dia e noite para que esse dia chegasse, mas nem acredito que estou diante do senhor. É ele, não é? — perguntou insistente tornando os olhos para o alfaiate.

— É ele, senhora. Estamos levando-o para ser visto e abençoado pelo Bispo.

— Nem posso acreditar que o trigésimo despertou aqui! Em nossa cidade! Em São Vitor! — continuou a velha, eufórica, levantando-se com rapidez e abraçando inadvertidamente a armadura do guerreiro.

Lucas permaneceu calado. Estava zozinho. Era coisa demais para um dia só. Olhou para a praça. Todos tinham parado seus afazeres, abandonado suas coisas e vinham cercar o grupo de Paulo. Se a multidão tentasse alguma coisa seriam poucos para ajudá-lo. As pessoas chegavam com sorrisos e olhos brilhantes, muitos queriam tocá-lo e, realmente, foi preciso a intervenção enérgica do gigante Paulo.

— Precisamos levá-lo ao Bispo agora! — gritou. — Por favor, abram passagem. Não toquem na capa, ela é novinha. Pelo amor de Deus, não estraguem meu serviço.

Como se não pudesse ouvir a voz de trovão do alfaiate, uma criança teimosa venceu a barreira e puxou repetidamente a capa do cavaleiro. Lucas, que mirava um pouco além da praça e observava uma nova face da muralha que protegia o povoado, voltou a cabeça por causa dos puxões. Sorriu e pousou a mão enluvada na cabeça da menina. Parecia ter uns onze anos. A garota de pele morena abriu também um sorriso. Lucas admirou a beleza da criança. A menina estendeu-lhe um dente-de-leão. Lucas apanhou a flor e agradeceu a menina que se retirou em desabalada carreira, provavelmente muito envergonhada de estar sendo observada por tanta gente. Lucas soprou gentilmente o dente-de-leão fazendo com que os corpúsculos desprendessem da extremidade da planta e esvoaçassem ao sabor da brisa. Paulo gesticulou para que voltassem a caminhar. Um corredor formou-se com a passagem do grupo e, cada vez mais, curiosos surgiam e engrossavam a multidão da praça.

Ao terminar a praça, o grupo pôde caminhar com mais folga, mas não deixou de ser seguido por um bom número de pessoas que queriam ver mais um pouco se era verdade o que corria de boca em boca, que o bento salvador tinha chegado.

Lucas notou, quando passavam junto a um prédio cercado e protegido por um grosso muro de pedra e mais duas sentinelas em extremidades diferentes, um bom número de motocicletas. Uma delas foi acelerada naquele instante, como se um mecânico operasse algum tipo de teste. Perguntou a Paulo do que se tratava e lhe foi explicado que aquele prédio sediava a base militar de São Vitor. Soube também que um bom número de soldados estava fora naquela hora, fazendo patrulhas de rotina, procurando indícios de atividade vampírica na redondeza e um outro tanto estava fora em missões em outras cidades. Paulo comentou também que os soldados estavam muito empenhados numa espécie de plano secreto para tentar pôr fim à ameaça dos vampiros antes mesmo que os bentos o fizessem. Sorriu ao falar a palavra "secreto". Todo mundo sabia que os soldados buscavam uma solução, mas os danados eram bons em esconder qual era o objetivo. Diziam que o alvo deveria ser mantido em sigilo. Quanto menos gente soubesse o

segredo, menos chance os vampiros teriam de gorar o intento. Paulo explicou que, em geral, os soldados eram homens de boa índole, mas a corporação contava com um ou dois carrancudos, que, às vezes, pareciam agir com "mau caratismo". Os soldados diziam que estavam fartos de esperar pela solução divina, por isso buscavam uma alternativa. Ao que tudo indicava, parecia que caminhavam para algum avanço.

— Vocês sofreram demais no começo, não foi? — interferiu Lucas, compadecido do tom de voz do amigo.

— Como disse, temos traumas até hoje, senhor. Só de lembrar daquelas primeiras noites, tenho calafrios. É um pesadelo.

— Ao menos, as crianças que vieram estão livres desses pesadelos...

— Crianças que vieram?

— Sim. Crianças que nasceram depois do começo de tudo, dos piores dias...

— Não existem mais crianças nascendo, senhor.

Lucas parou de caminhar mais uma vez. Baixou a touca de metal que cobria sua cabeça. A caminhada estava fazendo-o transpirar demais. Passou a luva na testa. Não sentia calor excessivo, mas suave.

— Como não, Paulo? E a garotinha que me deu aquela flor? Também vi crianças brincando no pátio do prédio dormitório...

— Eram como você, senhor. Eram adormecidos que despertaram e damos graças ao céu por isso ainda ser possível, senhor.

— Desde aquela noite maldita, senhor, as mulheres não engravidam mais. Parece que a vontade de Deus é que não nasçam mais crianças.

Lucas olhou para o chão. Depois ergueu a mão que ainda trazia entre os dedos a haste do que fora um dente-de-leão. Suspirou ainda mais entristecido.

— Não sei o porquê, Paulo, mas tenho a impressão de que a sessão de más notícias não está nem na metade.



— Lucas ficou parado no meio da sala. Cortinas pesadas encerravam as janelas de modo que um mirrado fio de luz invadia o ambiente. Sombras. Sentia-se estranho, parado em cima daquele tapete vermelho. Tinha pré-concebido uma imagem diferente do local de encontro com o tão reverenciado Bispo. Imaginava-se recebido no átrio luminoso de uma imponente catedral, depois conduzido pelo corredor central de um salão luxuoso. Que ficaria encarando os clássicos vitrais com a paixão de Cristo enquanto aguardava o homem santo ser apresentado. Que ficaria admirando a nave da igreja e pudesse rezar de frente a uma cruz bem-feita apropriadamente

elevada no altar. No entanto, a caminhada parou em frente a uma casa pequena e sem nada de imponente. Era até feia na verdade.

A pintura em tom de areia descascada e o piso da diminuta varanda mostrava-se já bem gasto, como muitas outras coisas dentro daquela velha casa, como pôde notar o guerreiro.

Lucas tentava entender se a sala era muito pequena ou atulhada demais com móveis e bugigangas a ponto de tudo parecer espremido naquele cômodo. A estante tinha tanta coisa que parecia incapaz de conter um alfinete a mais. Retratos, brinquedos, peças de artesanato nordestino, infinitas quinquilharias. As paredes eram forradas com tapeçaria de gosto duvidoso e mais um tanto de enfeites típicos dos estados do Ceará, Pernambuco e região. A mesa à sua esquerda, que poderia tocar se estendesse a mão, estava recoberta por uma visível camada de poeira. Provavelmente o tal do Bispo não vivia ali. À sua direita, também ao alcance de sua mão, estava a porta fechada que lacrava os ajudantes do alfaiate do lado de fora. A imobilidade do lugar e do ar causava desconforto e o tique-taque monótono de um relógio de pêndulo encoberto em algum canto fazia a ansiedade aumentar. Começou a imaginar onde se encaixaria naquele jogo abstrato que o destino havia armado. Seria ele realmente o salvador daquela gente? Impossível que fosse! Era um cara comum. Torcia para o Santos. Gostava de cinema. Odiava literatura. Era comum. O diacho do doutor adivinhara, ele gostava de assistir o Programa do Ratinho, Jornal Nacional, Os Normais. Gostava de comprar a *Playboy* quando saía uma gostosa, garimpar nas bancas de revistas usadas os velhos números da *Chiclete com Banana*, do Angeli, *Piratas do Tietê*, do Laerte. Alugar filme repetido... tipo *King Kong*, *Star Wars*, *Pulp Fiction* e *Coração Valente*... tinha os brasileiros também... assistira dúzias de vezes: *Sábado*, *A Casa*, *Central do Brasil* e *O Xangô de Baker Street*. Tinha também aquele do Belline. *Belline e a Esfinge*. Cara! Onde tinha uma vídeo-locadora naquela cidade? Bufou, oprimido pela espera. Era um cara comum! Não era herói! Nem religioso era. Como poderia ser santo?! Tinha algo errado. Não sabia nem se seria capaz de erguer a espada para lutar. Era mais natural visualizar-se sendo o primeiro a borrar-se todo na hora da luta e sair correndo sem olhar para trás do que sendo o bravo guerreiro que todos supunham. Salvador? Enviado? Deus! Gostava de cinema e odiava aqueles filminhos que vinham com esse papinho de que fulano era o "escolhido"... justamente o cara que parecia ser o oposto de tudo aquilo que a personagem e a platéia buscavam. Você é o "escolhido". Essa fala era sempre proferida por um cara, um oráculo. Sorriu. Lucas via-se vivendo a mesma situação... estava diante do profeta, do "Bispo". E ele dizia: Você é o escolhido. Você irá nos guiar até a vitória. Bufou de novo. Achava esse tipo de argumento e diálogos uma porcaria. Só poderia ser um pesadelo. Era vendedor de seguros. Isso sabia fazer bem. Ganhava de qualquer um. Esportivo, popular, sedã, hatch, taxista, caminhoneiro, motociclista... não tinha como recusar, sabia fechar o negócio... não desistia até arrancar um sim... mas essa parada de armadura e espada... sem chance. O ponto é que não conseguia

sentir-se especial. Não era mais nem menos que ninguém. Por que agora via-se no centro das atenções? Isso o deixava assustado.

A porta na sua frente rangeu. Foi aberta vagarosamente. Das sombras surgiu a figura de um senhor muito velho, rosto encovado, sendo trazido em cadeira de rodas por Paulo. O alfaiate ajeitou a cadeira da forma que certamente o homem gostava. Soltou a cadeira e contornou-a com cuidado, esbarrando o mínimo possível nos obstáculos no caminho, nas quinquilharias decorativas. Parou de frente para Lucas e ajeitou sua capa. Segurou nos ombros do rapaz e olhou-o nos olhos.

— Vai dar tudo certo, senhor. Pode limpar seu coração de qualquer dúvida. Você está aqui por uma razão, não por um acidente. Fique calmo e fique em paz. — disse o alfaiate antes de retirar-se.

Um segundo depois, Lucas ouvia a porta da sala emitir um "clique" ao ser fechada por Paulo. Ao olhar para o homem na cadeira de rodas, notou que a mesma não estava de frente para ele. Não estava certo se o homem podia vê-lo. O velho, com certa dificuldade, ergueu o braço e indicou o sofá. Lucas sentiu-se burro... é claro, a cadeira estava de frente para o sofá, onde deveria sentar-se. Postou-se diante do velho, sentando-se com cuidado, sempre ereto em virtude da armadura. O sofá era coberto com um tipo de tapete de trançadinhos e estava inteiramente empoeirado. Chegou a temer que o velho principiasse um acesso de tosse. Lucas procurou relaxar diante dos olhos do velho. Estava desconfortável, mas, ao menos, estava agora no mesmo nível do seu possível interlocutor. Olhou para o rosto do Bispo. O homem tinha os olhos fundos nas órbitas e os globos oculares pareciam demasiadamente amarelados, recobertos de certa viscosidade. A pele chegava a impressionar de tantos sulcos e acreditava nunca ter visto antes alguém tão velho. Perto do Bispo, o doutor de oitenta anos parecia um garotão na flor da idade. O velho balançou o queixo fazendo a papada tremer. Era magro, como se estivesse com a saúde extremamente comprometida.

— Não se impressione tanto com a minha aparência, bichinho, eu já estive bem pior. — disse o velho no meio de uma sucessão de pigarros.

Lucas sorriu e pediu desculpas. "Bichinho"?!

— Sua mãe nunca lhe disse que é feio ficar encarando os mais velhos?

Lucas riu um pouco. Achou engraçado o jeito do velho. Apesar da aparência, a voz ganhava força e firmeza e era carregada de um sotaque nordestino. Achou curioso, fazendo-o verdadeiramente relembrar de sua vida passada, o sotaque nordestino era tão presente no dia-a-dia paulistano...

— Gostou da roupa, filho?

— Gostei. Gostei, sim, senhor Bispo.

Os olhos baços do velho ficaram movimentando-se nas órbitas como se analisassem o jovem sentado na sua frente. A cabeça e o corpo continuavam imóveis, somente as pupilas dançavam na figura do interlocutor.

Lucas sentiu-se um tanto constrangido. Não sabia o que dizer para aquele homem. Não sabia o que fazer. Até agora só havia escutado os outros. Sentia-se perdido. Não estava mais em sua cidade, rodeado de rostos familiares.

— Essa sensação vai passar logo, cabra. É assim quando todo mundo acorda. Seja ele um iluminado feito tu, ou um desgraçado feito eu.

— Bispo... eu não... eu estou confuso.

— Todo mundo fica confuso, filho. É difícil abrir os olhos num lugar diferente do lugar que tu dormiu noite passada. Não é fácil, não. É porreta, como dizia meu painho. E olha que eu já vi muita coisa nesta vida, filho. Agora, deve ser pior ainda estar no seu couro. No couro de um predestinado.

— Mas eu não sei se sou mesmo o que dizem que sou.

— Olha pro rosto desse velho aqui, menino. Eu vi cada um dos predestinados passar aqui nessa sala. Todos eles quando acordavam resmungavam a mesma coisa. "Quero não... ser um guerreiro da luz." "Quero não... ser possuidor dessa armadura." "O pai do céu tá enganado, seu Bispo." Todos vieram com a mesma ladainha, meu filho. — o velho tossiu duas vezes e fez um gesto com a mão enrugada pedindo que Lucas aproximasse o rosto, ao ser obedecido continuou num tom mais baixo de voz. — Se tão dizendo por aí que você é bento, é porque é, homem. Assuma isso. Não precisa ter cagaço, não. Nunca ouviu aquela história de que Deus não dá asas pra cobra?

— Eu nunca fui de ir à igreja. Como é que posso ter tamanha responsabilidade? Ser um enviado de Deus?

— Ôche, mas cale essa boca, rapaz! Quem foi que disse que tu é um enviado de Nosso Senhor Jesus Cristo? Tu não é enviado nem de Deus nem do Diabo.

— Eu não entendi, senhor Bispo. O senhor mesmo disse que Deus não dá asas para cobra.

— Tu é um bento. É abençoado, mas não é um enviado. Tu foi ungido, mas num foi trazido. Lucas não encontrou sentido no que o velho disse, mas não retrucou dessa vez.

— Olhe, deixa eu tentar te explicar, filho... tu não ia muito à igreja, mas conhecia a Bíblia, não conhecia?

— Conhecia, senhor Bispo.

— Pára de me chamar de "senhor Bispo", menino. Meu nome é Bispo. Só Bispo. Nem padre eu sou. O povo é que me chama assim, "Bispo", com pompa e circunstância, como se eu fosse capaz de fazer o fogo cair do céu ou dividir o mar feito Moisés. Eu só passei muito tempo pensando e andei tendo muitos sonhos que diziam coisas que iam acontecer. Mas já que o povo

me dá tanta trela e me trata com tanto respeito, eu deixo. Me tratam bem. Cuidam deste esqueleto cansado. Pra mim tá bom até demais, cabra. Lucas riu.

— Mas vamos tentar manter o fio da meada, porque essa minha cabeça cansada, às vezes, esquece umas coisas... eu tava dizendo que quando tu lia a Bíblia, aprendia as histórias do velho e do novo testamento, não é verdade?

— É verdade.

— Aprendia o que tinha se assucedido, o que estava se assucedendo e o que ainda ia se assuocer, correto?

— Certo, senhor.

— Em que lugar da Bíblia tava escrito que o mundo ia acabar assim?

Lucas deu de ombros, sem responder.

— Cabra, eu te juro que em canto algum da Bíblia fala que o inundo ia acabar desse jeito. E é por isso que te digo que não vai acabar. E em canto nenhum do Livro Sagrado dizia que metade dos homens iam cair em sono misterioso e dos que sobrasse, metade ia virar aqueles malignos e o outro tanto sofrer na Terra. Então também não fala de vocês, os bentos. — concluiu o velho, dando uma risada rouca no final, misturada a mais um tanto de tosse engasgada.

Lucas achou sentido em parte do que o velho dizia, mas um outro tanto de palavras soavam vazias. Esse papo de Deus sempre rendeu pano para muita manga.

— Filho, todo mundo maldiz o dia em que essa desgraça começou, mas ninguém agradece pelas veredas que o destino nos apresentou. O mundo mudou depois daquela Noite Maldita. Tu, antes de cair naquele sono misterioso, tu lembra de como era a vida nas grandes cidades? Lembra de como São Paulo e Rio de Janeiro estavam se acabando na violência? Era centenas de vezes pior do que hoje em dia, filho. Nos povoados de hoje em dia ninguém faz seqüestro relâmpago. Ninguém dá tiro na cabeça do irmão por causa de droga. Hoje há união, filho. Todo mundo junto, unido. Dentro desses muros agora só existe gente de bem. Não existe morro ocupado pelo tráfico, não existe rebelião em presídio, porque não existem mais presídios... você não encontra gente passando fome debaixo de ponte. Não existe mais fome assolando um país inteiro. Tá tudo mais igual.

— Mas a violência é da natureza humana, Bispo. Se juntar dez, sai confusão. Sempre tem alguém pensando maldade.

— Agora não é mais assim, seu menino. E não é ditadura, não. É opção do coração. Ninguém é obrigado a ser certinho. Ninguém vai para a forca ou para a guilhotina. Aqui cada um escolhe o que vai ser. Bom ou mau. Se não entra no ciclo da comunidade, passar bem, as portas do muro são serventia da casa, vai se juntar com teus iguais. Todo mundo acha sua serventia na atualidade, bichinho. Quem erra, vai dormir fora do muro. Fica lá por cinco dias. Se achar outro caminho, boa sorte. Se for comido pelos dito cujos, azar. Se voltar, se endireita. Ninguém quer

ficar lá fora, filho. Gente ruim está pra fora dos muros e correndo atrás de gente boa para tomar o sangue ou de gente ruim igual a eles que adoram aquelas criaturas da escuridão. Quem é mau acaba sendo atraído pelos malignos. Quem é do bem é atraído pelos benignos. É isso que a gente tardou a notar. Essa brincadeira que a energia fez foi para separar o joio do trigo. A água do vinho. Bondade e maldade não se misturam. Se tu fosse ruim, não teria acordado bento. Teria sido o outro.

— O outro?

— É. Tu não arrancou o couro de um cabra lá no hospital? Lucas aquiesceu.

— Foi, não foi? Então não precisa duvidar, filho. Tu é um cabra da molesta. É um guerreiro da gota serena. E vai lutar pela nossa liberdade. Para acabar com essa briga do bem contra o mal. Vai açoitar os malditos e preparar a terra para o recomeço. Isso é o que eu sempre digo. Não precisam ficar chorando pelos cantos. Isso não é o fim do mundo. Se fosse, estaria nas escrituras. Isso é sim um recomeço. Uma piscada do Pai lá de cima. Ele fechou os olhos e deixou a energia que rege tudo tomar conta de nosso destino. Pelo que eu sonhei, pelo pouco que essa cabeça velha pôde compreender, bichinho, essa energia não escolhe o lado... ela simplesmente está aqui, soprando no meu ouvido... está favorecendo esse velho. — Bispo mexeu a boca enrugada e piscou os olhos amarelados. — Sem ela saber o que está fazendo, tá me dizendo como fazer os cabra da molesta do lado bom acabar com os cabra malvado. Tá aqui, no meu sangue. Quando essa guerra acabar, só vai sobrar gente de boa fé. Gente de coração puro. Acabou aquela violência descabida que dominava o mundo antes daquela noite. Bendita noite, eu digo. Não existem mais traficantes, não existem mais estupradores, estelionatários... nem políticos feito os daqueles tempos existe mais. Agora é só gente e vampiro. E tu é nosso campeão. Tu será o cavaleiro da justiça. O guia da batalha.

— Eu entendi parte da sua argumentação, Bispo... mas essa coisa de bento? Por que dizem que sou bento? Sou salvador? Sou um messias? Mas aí o senhor me diz que não sou enviado de Deus coisa nenhuma. É confuso demais.

— Deixa teu coração em paz que a resposta vai chegar. Vai ficar claro como água. Tu vai buscar a verdade...

Lucas começou a rir.

O velho Bispo parou de falar. Ficou com aquele rosto enrugado, imóvel, e, novamente, somente os olhos úmidos e amarelados movimentavam-se.

— Desculpe, Bispo. Desculpe, mas não pude conter o riso. Essa coisa de falar sem dizer com clareza... me lembrou algo da minha infância.

— O quê?

— Parece que dormi e vim parar num episódio de *A Caverna do Dragão*. Estou me sentindo o próprio Eric, com essa capa vermelha, sentado de frente para...

— O mestre dos magos?

— É.

Lucas e Bispo riram juntos. O velho voltou a tossir e ficar em silêncio.

— Isso aqui não é *A Caverna do Dragão*, filho. Poderia até brincar com você, derrubar alguma coisa para desviar tua atenção e depois desaparecer diante de seus olhos, mas essa cadeira de rodas é um tanto lenta e barulhenta, he, he, he.

Lucas respirou fundo.

— Não tem confusão, filho. É que demora pra tu se posicionar nessa nova realidade. Tá tudo diferente, mas não tá tudo perdido, nem tudo tão ruim. Você tem sempre que lembrar que agora só existe em e mal e que agora é a hora da verdade. Se você vacilar, nosso lado perde, se você se firmar, ter fé no teu poder, vai virar uma rocha, a rocha mais dura do planeta, vai passar pela provação e seremos Vitoriosos. É simples. É o bem contra mal.

— O senhor mencionou uma profecia...

— Sim. — o velho fez uma pausa e passou a língua pelos lábios, molhando a pele fina. — Eu comecei a sonhar com essas coisas... no princípio não ligava... achava que era só o meu desejo de ver essa sombra maldita sumir do céu e nos deixar em paz, mas, depois, algumas coisas com que eu sonhava começaram a acontecer, num sabe? Sonhava desde coisas simples, como a cena de um jegue fugindo do dono e indo se esconder em tal lugar até coisas mais complexas.

— E quando o senhor acordava, encontrava o jegue? — perguntou Lucas, assombrado.

— Encontrei. Disse ao homem onde o jegue estava e pimba! O bichinho estava lá, num canto da floresta. Isto é só um exemplo bobo...

— Não, pra mim não é. O que mais o senhor sonhava?

— É o que eu ia dizê, cabra. Quando comecei a perceber essas pequenas coisas, sonhar e antever a queda de uma mulher na feira, a invasão dos vampiros pelo muro três, certinho; a hora e o lugar... coisa que no meu sonho só se daria na semana seguinte... eu comecei a anotar os sonhos que eu me lembrava. Fazendo tais notas comecei a montar um quebra-cabeça. Eu via vocês, Lucas. Via vocês cruzando os pastos nessas roupas maravilhosas, via vocês montando tordilhos e arrancando a cabeça dos malditos vampiros. Eu percebi que, de alguma forma, o destino soprava no meu ouvido ventos que a vida ainda não tinha soprado. O destino deixava vazar para cabeça deste pobre velho o que estava por vir. A energia me escolheu, sem eu a escolher. Ela me contou o futuro e, então, com as peças desse quebra-cabeça doido eu escrevi uma profecia mais doida ainda, filho. Eu escrevi o romance que todos queriam ler. A história dos trinta cavaleiros de coração guerreiro. A história dos salvadores. O auto do homem que lideraria esse grupo até a vitória. A sua história, filho bento.

— Mas, se não sou enviado de Deus, por que me chama de bento?

— Lá vem você de novo com essa pergunta, menino. Ô diacho! Parece fixação! Tu é bento porque vai nos salvar. Apesar de estarmos no meio de uma piscadela de Deus, tu é uma bênção, cabra. Abençoado seja o homem que nos livrará do medo da escuridão. Abençoado seja o homem que varrerá os malditos das terras escuras. Não é abençoado por Deus. É abençoado pelo coração, filho.

— E por que o senhor diz que Deus não tem nada a ver com o que está acontecendo aqui na Terra?

— Porque esse período de trevas não tá lá nas escrituras, bichinho. Deus está de férias e deixou que as energias do universo tomassem conta da casa, fizessem uma limpeza. Sonhei com isso também. O universo tá limpando a sujeira espalhada por aí. Não é só aqui na Terra que isso tá acontecendo, não. As energias do universo são as faxineiras mais esquisitas que eu já vi, meu filho. Só querem reduzir a bagunça esparramada por aí. Elas não tão escolhendo amarelo ou vermelho por lógica... só foram com a cara do amarelo, aí, dentro de vocês, guerreiros da gota serena.

— E onde eu me encaixo nessa profecia, senhor Bispo?

— Eu sonhei, filho, que quando trinta de vocês fossem reunidos, quatro milagres iriam acontecer.

— Quais?

O velho suspirou e deixou os olhos passearem pela face do bento.

— Isso não foi revelado a esse pobre velho. Contudo, tá bem claro que quatro milagres vão acontecer. E a soma desses milagres fará com que a vitória sobre os vampiros seja possível. Sem os milagres, filho, vencê-los será impossível... balela. Sem os milagres, estamos fadados a terminarmos escravos desses peçonhentos.

Lucas notou que o Bispo parecia cansado. Respirava com maior dificuldade do que quando entrou na sala.

— Como vamos vencer, Bispo?

O velho balançou a cabeça negativamente.

— Não foi dito, filho. Não foi revelado. Não sonhei com glória nem com derrota... sonhei com o caminho para a entrada do horizonte dos acontecimentos. Esse dom é uma tortura. Nos sonhos, a energia me dá as receitas, não me dá o bolo pronto... tenho que tatear no escuro, misturar as coisas com jeitinho... decifrar o que essa força cósmica tá me soprando no ouvido. — Bispo sorriu e balançou a cabeça. — Sorte a nossa essa energia ter procurado o nosso lado, caso essas receitas tivessem sendo sopradas nos ouvidos de nossos inimigos, restaria a nós cavar um buraco bem fundo para tentar escapar de uma sobremesa bem das amargas.

— Mas... o que eu tenho que fazer? Onde estão esses homens bentos agora?

— Nos sonhos me foi dito que quando trinta bentos estivessem despertos, o trigésimo iria guiar os demais. Iria levar as trinta espadas dos guerreiros ao norte e que os milagres se apresentariam onde repousa o coração do deus Tupã. Que a guerra será dura e muito sangue será derramado até esse dia. Que os números serão importantes. Vão e lutem o bom combate, além disso nada sei.

Bispo inspirou tentando encher completamente o peito.

— Rezarei por você, Lucas. Vocês tem que ganhar. Tem que vencer os malditos. Eu nunca botei os olhos num dos bichos, mas dizem que são feios. Nos meus sonhos são como o capeta, tenho uns arrepios, acordo gritando "Sai de retro Satanás", principalmente quando sonho com aquela de tapa-olho. Tome cuidado com ela. Uns irmãos teus já viram essa peçonhenta na floresta. É bem perigosa. Ver na minha frente, de verdade, nunca vi. Mal saio dessa casinha. Nunca saí dessa cadeira de rodas desde que acordei.

Lucas crispou as sobancelhas.

— Não, não fui um adormecido como você. Não tive essa sorte. É que, uns meses antes dessa benção de mudança começar, eu sofri um derrame. Fiquei em coma por semanas, depois, quando acordei, era um vegetal. Não movia minhas pernas, não movia meus lábios. Não movia nada. Respirava por meio de aparelhos, comia por meio de sonda... estava com a vida perdida. Apesar de ter perdido a visão, minha audição funcionava. Podia ouvir o sofrimento dos meus filhos, da minha esposa. Podia ouvir o drama de ter um marido inválido, atirado numa cama de hospital com o futuro incerto. O pior era ouvir o que os médicos falavam, as piadinhas na UTI... ninguém sabia que eu podia ouvir tudo. E pensar. O pior era isso, amigo. Pensar. Ter consciência de tudo o que estava acontecendo com você. Encarcerado numa cabeça viva, amontoado num corpo morto. Naqueles dias estávamos a poucos meses da grande transformação. A vida corria normal. Ninguém podia imaginar, sonhar o que estava prestes a acontecer, exceto eu. Foi nesse período macabro que meus sonhos começaram. Acho que estive à beira da morte por dezenas e dezenas de vezes. Aquele negócio de túnel de luz... não vi túnel nenhum, cabra, mas por muitas vezes estive fora do meu corpo, sentado ao lado do meu leito hospitalar, olhando para a minha casca inválida. Eu era um espectro, uma assombração no corredor daquele andar de hospital. Não conseguia ir para longe do meu corpo... ficava preso ao meu sangue. Ouvia e via os médicos... os prognósticos eram sombrios. Os médicos não acreditavam na minha recuperação e não davam muitas esperanças para meus familiares, pediam que ficassem preparados. Às vezes, tudo voltava a ser escuridão e sabia que minha parte fantasma estava de volta ao corpo. Os prantos, as lamentações, a raiva, o desespero... tudo me fazia sofrer muito. Comecei a sonhar com a grande tragédia. Milhares de pessoas mortas. Aquelas criaturas medonhas. Desespero. Achei que já estava completamente doido. Doidinho, doidinho. — O velho fez nova pausa, mexeu rapidamente as mãos, dando apertos no encosto da cadeira de rodas. Recostou a cabeça no

apoio da nuca, fechou os olhos e respirou em silêncio por alguns segundos. Sua pele enrugada parecia mais seca e os olhos mais cansados.

Lucas pensou em levantar e chamar o alfaiate, mas antes que o fizesse o velho voltou a abrir os olhos.

— Daí chegou o dia. A bendita noite em que tudo mudou. Muitos tiveram perdas. Muita dor. Choro. Mas eu sabia que aquilo viera para um bem...

— O senhor realmente acha que esse evento trouxe algum bem? O velho meneou a cabeça afirmativamente.

— Tenho certeza, filho. O ser humano tem essa mania de exaltar muito mais as perdas do que os benefícios de uma grande mudança... isso quando o evento tá ligado a mortes dos entes queridos, à perda de pessoas para a escuridão. Desde aquela noite, as mulheres não puderam mais ter filhos... talvez parte do pacote ruim.

— Que pacote?

— Eu tinha 46 anos quando tive o derrame. Tava à beira da morte. Mas agora tu tá diante de um homem de 76. Tô mais acabado que qualquer senhor de 76 anos que tu conhece, pois, por causa da antiga doença, fiquei muito debilitado. Reparou como têm muitos velhinhos andando por aí?

Lucas anuiu. Realmente tinha notado isso. A maioria das pessoas da vila pareciam ter mais de cinqüenta anos.

— As pessoas não morrem mais de doenças, bento. As pessoas morrem de velhice ou por causa de um trauma. Leia-se: confronto com os malditos. As pessoas não morrem. Isso não é motivo para festejar? Não basta para chamar o evento de bendito? Quem tinha câncer, curou. Quem sofria de Alzheimer voltou a desenvolver suas funções com normalidade. Quem andava de cadeiras de roda, as abandonou. O pacote de benefícios é muito mais cheio que o das mazelas. Lucas alterou a expressão.

— Tá perguntando o que eu estou fazendo aqui, não é? Precisava ver como eu tava naquela noite. Já te disse que estive morto por alguns minutos? Pois te digo que estive morto por horas, mas ainda tava ligado naqueles aparelhos... e acho que bastou para o sopro do destino me manter do lado de cá... e talvez tenha sido isso que chamou a atenção da energia. Ela deve ter se mordido de curiosidade com o fato de um morto agarrado na beira do precipício da morte ainda estar respirando... talvez tenha ficado tanto tempo me olhado que ela se engraçou com o meu charme e resolveu dar uma colher de chá para esse esqueleto cansado. Eu fiquei anos melhorando lentamente. O primeiro dos sentidos que voltou foi a visão. Finalmente voltava a ver e ouvir com os meus órgãos de carne. Tava largado num hospital, vivendo de favores de loucos que ainda perambulavam pela cidade. Meses depois, quando os sobreviventes começaram a ser

reorganizar, fui trazido por uma equipe de resgate para cá, para São Vitor, nessa lonjura que Deus me deu.

O velho fez nova pausa na revelação. Os olhos de globos amarelados continuaram em cima do jovem salvador sentado na sua frente. Percebendo que o rapaz continuava calado, boquiaberto com a história que chegava ao seu conhecimento, continuou.

— Ao final de quatro anos podia falar e começar a comer coisas sólidas. Eu tava doido pra comer uma buchada, daquelas bem caprichadas. Coisa boa, bichinho. — o velho fez uma pausa, sorrindo e continuou. — Já consigo, num dia bom, até dar alguns passos, três, quatro, é verdade, mas tenho fé que voltarei a caminhar e a conhecer melhor esse novo mundo, montado no lombo de um bom jegue. Nada mau pra um cabra que já teve morto. E acho que foi muito bom o que me aconteceu. Esse tempo todo de clausura me serviu para meditar. Pra pensar. Pra entender. Os sonhos voltaram e começaram a me explicar sobre as forças do espaço negro, das faxineiras do Senhor nosso Deus. O universo é cheio dessas coisas estranhas. E esses benditos sonhos trouxeram de novo a esperança aos meus irmãos. Os homens têm muito medo da morte e, por isso, lamentam tanto o acontecido. Mas, repito pela milésima vez, nada de ruim aconteceu. Agora sabemos quem é nosso inimigo. A angústia tios tementes tem hora. É a hora em que o sol se põe, porque os vampiros vêm com toda sua fúria e selvageria. É uma gritaria da gota serena quando os bichos conseguem passar as muralhas. São tantos. Vilas inteiras são engolidas nos ataques. Eles fazem a parte deles. Também buscam a vitória e vão fazer de tudo para que vocês falhem. Mas, agora, nos dias de hoje, ao menos temos medo com hora marcada. Não precisamos mais temer andar na rua. Não precisamos mais desconfiar de um semelhante que cruza nosso caminho. Agora quem é bom é bom e quem é mau é mau. Não há mais a agonia e o desespero do dinheiro. Agora temos urgência é em conversar uns com os outros, em sermos unidos e irmãos. Ninguém dá bola pra gerente de banco e contas pra pagar... a gente dá bola pra altura do muro e para o pôr-do-sol. — mais uma vez o velho interrompeu o discurso inflamado para tomar fôlego, parecia esgotado.

— Posso ajudar, Bispo?

— Acho que esse velho já falou demais por um dia, bichinho. Chame o Paulo, por favor. Venha me visitar uma hora dessas, vou te contar mais dessas coisas incríveis que tu perdeu. Vou instruir o Paulo pra te levar aos outros meninos. Seja um bento da moléstia. Não dê descanso àqueles malditos noturnos. O alfaiate e os demais já sabem de cor e salteado o que devem fazer.

— De cor e salteado... — murmurou Lucas, com um sorriso bobo no rosto por reconhecer mais uma expressão de sua época em uso.

Assim que o alfaiate levou a cadeira de rodas através da porta, Lucas viu-se sozinho diante da sala atulhada de objetos. Suspirou fundo. A cabeça cheia de informação. Sentia-se afundando

numa realidade que não queria aceitar de pronto. Não estava preparado. Era muita responsabilidade. Era muita informação. Era muita fantasia. Impossível crer naquilo tudo. Queria virar fumaça e desaparecer. O encontro com Bispo servira mais para confundi-lo do que para esclarecê-lo. O velhinho falante parecia tirado de uma fábula incrível, de uma produção da Pixar. Ao menos soubera da boca do velho que de infarto não morreria. Não sabia se isso era bom ou ruim.

Paulo voltou e indicou a saída ao guerreiro.

— Vamos, bento Lucas. Vou apresentá-lo aos seus parceiros de batalha.

Capítulo 17

O sol mostrava claramente seu perigoso movimento descendente e cadente para os que estavam fora do portão. Mesmo assim, os soldados mostravam-se contentes pois, apesar da gasolina de Marcel ter acabado bem antes do posto de abastecimento, os demais alcançaram a meta e puderam socorrer o novato com rapidez. O posto de reabastecimento era um lugar conhecido apenas dos soldados mais experientes. Uma rocha apelidada de "O Grande Sofá", por causa do seu inusitado formato, indicava a proximidade do local. Parando alinhado com a rocha, era ainda preciso caminhar cerca de cento e cinqüenta metros em mata fechada, sem abrir passagem com facão para não denunciar o sítio estratégico. Guiando-se ainda pela rocha e por algumas árvores características do lugar encontrariam a picada já aberta, bem escondida, que terminaria num encerado camuflado por galhos. Debaixo do encerado, três folhas de madeirite tapavam a entrada para o buraco escavado, onde eram acondicionados dezenas de galões somando centenas de litros de gasolina, que era repostada periodicamente. Depois de reabastecidas as máquinas e recuperado o soldado, os motoqueiros rasgavam pela rodovia. Continuando nessa velocidade, venceriam a descida do sol.

A confiança dos motoqueiros desfez-se quando viram a moto do puxador parada em frente a uma muralha de folhas verdes. Um obstáculo plantado no meio do caminho. Estavam a duas horas de São Vitor e chegavam agora às quatro horas da tarde. Não precisava ser um *expert* em matemática para concluir que a sorte não estava do lado daquele grupo naquela missão. Mesmo sem aquela árvore, chegariam com a noite começando... agora, teriam que rezar para chegar com vida.

Ao encostarem ao lado do líder, um após o outro, foram retirando seus capacetes. Não havia outra palavra melhor para descrevê-los naquele instante do que decepcionados. A camada verde era compacta, mostrando existir ali muito mais do que um par de árvores frondosas cruzando a pista.

Marcel saltou da moto, tão desnortado, que a mil e cem foi ao chão. O novato correu até a muralha e começou a chutar os galhos mais próximos.

— Merda! Merda! Malditos filhos de umas putas!

— O Chorão vai começar de novo... — brincou Joel. Zacarias e Paraná não puderam conter o riso. Ao menos para isso serviu o desatino do novato.

— Cala a boca, novato! — berrou energicamente o líder. Todos olharam para Adriano, espantados com o nervosismo. Marcel parou de atracar-se com os galhos e com os inúteis xingamentos.

Adriano repetiu o sinal de silêncio. Todos entenderam. Um barulho bem alto. Uma máquina. Um zumbido de um pequeno motor. O ruído aumentou de volume como se outra máquina se unisse à primeira, depois mais outra e mais outra, até formar um ronco possante.

Os soldados trocaram nervosos. Reconheciam aquele ronco. Eram motosserras. Adriano sinalizou de novo e o grupo se dividiu. Quatro para a esquerda da pista, três para a direita. Engatilharam as pistolas. No flanco direito, Paraná gesticulou para Sinatra, que era o mais leve do grupo. Sinatra aquiesceu e começou a escalar galhos e troncos das grossas árvores que compunham a muralha verde. Do grupo de Adriano, o escolhido foi o Joel. O jovem negro também era magro e de reconhecida agilidade em escaladas. Apesar do sol ainda iluminar fartamente o céu e impedir qualquer ação dos noturnos, os malditos poderiam ter ordenado que um grupo de mulos fosse até aquele ponto da estrada e improvisasse aquele obstáculo. Os vampiros que haviam deixado o Rancho da Pamonha sabiam que tinham deixado para trás um grupo de soldados vivos. Tentariam a todo custo emboscá-los uma segunda vez. Os escravos de vampiros, em geral, não eram muito habilidosos com armas, mas eram um risco surpresa nas horas de luz, seja plantando explosivos em pontos estratégicos das muralhas pouco antes do sol cair, seja empoleirando-se em galhos altos à beira da estrada com rifles de longo alcance ou fazendo serviços como aquele: derrubar árvores para encurralar motoqueiros às portas da escuridão. As motosserras trabalhando deveriam estar partindo mais troncos de árvores antigas e fazendo-as cair no meio do asfalto, ampliando a dificuldade do obstáculo.

Sinatra atingiu primeiro o topo do muro de árvores. Apesar do ronco ensurdecedor das motosserras, tomava cuidado para não partir os galhos e não chamar a atenção. Quando chegou ao cume e identificou o grupo que cortava árvores abriu um sorriso e praticamente saltou lá do alto de volta ao asfalto.

— Estamos salvos! — berrou.

— São soldados de São Vítor! Tem um bento com eles! — juntou Joel caindo ao lado do amigo, dando as boas novas ao sofrido grupo de Adriano.

Os homens gritaram vivas e, quase que ao mesmo tempo, atiraram-se contra a barreira, escalando o obstáculo.

— Cuidado com isso, porque a gente tá descendo! — alertou o grandalhão Paraná.

Os soldados pararam com as serras, erguendo os óculos de proteção. Os que estavam apenas vigiando o trabalho dos companheiros dirigiram-se ao grupo de Adriano, que saltava os ramos e toras, distribuindo abraços efusivos.

— Como sabiam? — perguntou o líder de Nova Luz.

— O velho Bispo. Ele sonhou que teu grupo precisava de ajuda. — esclareceu Târsio, líder daquele grupo de São Vítor.

— Bendito Bispo! — celebrou Zacarias.

Os soldados, amigos de longa data, ainda trocavam apertos de mãos e abraços com os companheiros.

— O velho nos avisou às oito da manhã... mas você conhece o Bispo e a mania dele de sonhar pela metade. Tivemos que esperar um montão até ele "montar" o sonho, o presságio. — resmungou Társio, tirando um cigarro caseiro do bolso. — Realmente vocês encontrariam problemas com esse amontoado de madeira na pista, mas a gente nada pôde fazer quando chegamos aqui mais cedo. É muito tronco! Se ele tivesse dito que era isso...

Adriano riu e deu tapinhas cordiais nas costas do amigo.

— Metade do nosso grupo teve que voltar até São Vítor para buscar as motosserras. Chegaram há pouco. Tem uns dez minutos. Começamos a cortar agora. Até livrar a pista vai mais de hora e já são quatro e cinco. Felizmente, junto com as ferramentas alguém teve a brilhante idéia de trazer o bento Francis. — explicou, apontando para o guerreiro que também ria e confraternizava com os amigos.

Francis era um dos bentos mais antigos, despertado sete anos depois do evento. Tinha altura mediana, rosto másculo, de pele bronzada, com bigode estilo espanhol e um filete de barba que descia do lábio inferior até o fim do queixo. Da indumentária cabida ao combatente, para bento só faltava a capa vermelha. O peito de prata, com a cruz dourada incrustada ao centro, reluzia abundante, já que o sol da tarde incidia na rodovia. O tilintar característico da cota de malha de prata seguia os movimentos do guerreiro.

Ainda observando Francis andar dentre os homens, ouviu alguém explicando para Paraná que, naquele trecho, a rodovia era muito estreita, parte por culpa do traçado, parte pela ocupação desenfreada da mata, o que havia permitido construir ali aquela armadilha perfeita.

— Com o bento Francis com a gente, mesmo que escureça no meio do caminho, estaremos muito bem reforçados. E duvido que o quartel não mande mais uma patrulha, caso a gente não chegue até às cinco. — concluiu o líder de São Vítor, soltando a primeira baforada do cigarro caseiro.

Terminado os cumprimentos, Adriano reuniu os homens para ver em que poderiam ajudar. As motosserras eram cinco e aproximar-se da área de trabalho com outras ferramentas de corte mais iria atrapalhar do que ajudar. O que poderiam fazer era revezarem-se na operação das motosserras e irem retirando o entulho de galhos e folhas do meio do asfalto.

Adriano notou que uma das motos tinha uma carreta atrelada. Aquele acessório era muito usado quando precisam transportar mantimentos a mais ou, como naquele caso, ferramentas para áreas de trabalho distantes. Olhou para o obstáculo de madeira e ficou contente ao perceber que o equipamento partia galhos e troncos com rapidez. Engenhosamente, os soldados esculpiam uma passagem em "v" invertido, de altura suficiente para que as motos cruzassem os troncos primeiro. Concluiu que deixariam para amanhã a remoção definitiva do obstáculo. O sol

baixava rápido, mas certamente a presença do bento manteria o grupo calmo e seguro. Sorriu sozinho ao agradecer a presença do bento, ao menos com ele por ali seu novato não cairia naquele ridículo berreiro novamente.

Capítulo 18

Lucas tivera seu primeiro almoço farto desde que despertara no hospital de São Vitor. Comera batatas e vagens cozidas, um bocado de arroz e um generoso bife de vaca bastante acebolado. Frutas frescas, doces e succulentas completara a deliciosa refeição. Comera com Paulo e os alfaiates num refeitório coletivo, mas que, àquela hora, estava praticamente vazio. Talvez a grande parte da comunidade fizesse a refeição um pouco mais cedo. Lucas estava contente, pois o estômago não estranhava mais a comida sólida e o organismo parecia ter entrado num funcionamento aproximado do regular. A sede súbita desaparecera, bem como as tonturas.

O refeitório não havia sido o destino imediato após saírem da casa de Bispo. Tinham tentado localizar um bento chamado Francis. Souberam que ele tinha partido com o grupo de Társio para a estrada. Ouviu Paulo perguntar por um outro nome. A pessoa procurada também não estava ali. Depois de recebidas as informações é que caminharam até o refeitório.

Feita a refeição, o alfaiate e seus auxiliares levaram Lucas pela cidade em direção a um dos muros.

— Bento Vicente está no muro da frente. Vou apresentá-lo e ficará com os seus. Eles é que sabem o que vão fazer daqui para adiante, eu sou apenas um alfaiate.

O muro, que à primeira vista parecia bem próximo, exigia uma boa caminhada para ser alcançado. Lucas não cansava de observar o comportamento dos moradores de São Vitor. Sem dúvida um lugar pitoresco. A maior parte da vila que fora um campus universitário, um dia mostrava-se de topologia plana. Podia-se ver longe. Notou, junto ao muro para o qual se dirigiam alguns barracões rústicos e muitos trabalhadores, que só podiam ser agricultores, a existência de diversos canteiros com todo o sortimento de hortaliças e legumes. Podia ver também um campo de futebol de boas dimensões, com traves desprovidas de redes, dotado de gramado baixo e verdejante. Sorriu. Acontecesse o que acontecesse o brasileiro seria um eterno apaixonado por futebol.

— Quando vai ser a próxima pelada? — perguntou Lucas, apontando para o campo.

Paulo sorriu.

— Temos campeonatos disputadíssimos por aqui. O grande clássico é Horteiros *versus* Vaqueiros. Junta gente pra caramba. É difícil, mas, às vezes, aparece aqui o time do Caranguejeira. O Caranguejeira é líder de um grupo de malucos que ficam perambulando de cidade em cidade, rodando pelas estradas em um comboio de carros-fortes. Quando eles aparecerem, a pelada é da boa, todo mundo quer assistir. Você escuta os rojões a quilômetros de distância. É incrível. Uma zuada que não acaba. Quando estamos em tempos de calma até organizamos umas partidas externas ou trazemos visitantes para cá. Chamamos de Copa, mas,

por motivos de segurança, essas copas não tem data para acontecer. As fortificações montam verdadeiras seleções. Cada jogo...

— E um bom Corinthians e Palmeiras? — perguntou Lucas, fazendo graça.

— Ah! Bons tempos aqueles. Sou palmeirense fanático... mas isso a gente não viu mais... nunca mais.

— É... uma pena, não?

— Às vezes, acorda um jogador de futebol conhecido, é raro, mas já aconteceu. Tem uma fortificação perto de onde foi a cidade de São Paulo, chamada Esperança. Sabe quem é soldado lá?

Lucas encolheu os ombros, achando impossível adivinhar.

— O Cafú.

— O Cafú do penta?! — perguntou admirado, a ponto de interromper a marcha.

— O Cafú do penta.

— Grande capitão.

Lucas continuou com o sorriso no rosto quando voltaram a caminhar. Estavam chegando, faltando cerca de cinquenta metros para alcançarem o muro. O sorriso insistia no rosto não só pela satisfação em saber que mais um rosto conhecido e familiar habitava aquela terra dos dias de hoje. Estava contente também por, imediatamente, ter reconhecido o nome e a pessoa. Indicava que, aos poucos, como o restante do organismo, seu cérebro também ia voltando a funcionar. Chegou até a ficar emocionado. Lembrava-se perfeitamente do Cafú. Jogador brasileiro que fora uma grande estrela para o tricolor São Paulo e depois fizera carreira exemplar no exterior. Lembrar do Cafú no final da copa de 2002, erguendo o caneco para bilhões de pessoas. Quem diria, agora era um soldado!

— Nas horas vagas dizem que ele ensina a garotada de Esperança a jogar futebol. — continuou o alfaiate. — Ele despertou dez anos depois do evento. Aposto que foi duro para ele aceitar a realidade... Ele já veio jogar aqui com a seleção de Esperança. Foi um dia divertido.

Lucas percebia saudosismo na fala do alfaiate. Um homem daquele tamanho, forte como um touro, falando feito criança. O rosto sulcado do alfaiate mostrava que, se já não tivesse passado, estava bem perto dos cinquenta anos.. Rosto de homem experiente e vivido. Talvez a constituição física espetacular devesse ao fato mencionado por Bispo, de que as pessoas não ficavam doentes. Realmente tinha visto pessoas de faces coradas e a grande maioria de aparência excelente, vigorosas. Ao que se lembrasse somente o velho Bispo tinha parecido tão fraco, tão débil.

O guerreiro olhou para o muro na sua frente. Daquela distância era obrigado a erguer a cabeça para alcançar o topo. Perto deles observou um imenso portão de madeira e ferro. Correntes de extensão indeterminada, enroladas em rodas de ferro. Parecia diante de uma obra

medieval ou de um cenário de Tolkien. Havia soldados no topo do muro, vigias. Andavam um pouco e paravam, olhavam, olhavam, algumas vezes para ele e o grupo do alfaiate, depois continuavam andando.

— Que altura tem isso aí?

— Primeiro foi construído com sete metros, mas era muito baixo e os vampiros, quando alcançavam o muro, pulavam com facilidade para dentro. Era impossível detê-los. Depois aumentamos para doze metros. Já não pulam com facilidade. Mas demorou um pouquinho para chegarmos a esse resultado. Vê como as faces do muro são lisas? Vamos subir para você ver melhor.

Subiram por um corredor estreitíssimo, passando por degraus rudes. Ficou escuro por alguns metros e logo voltou a clarear com a luz do sol atravessando na boca de saída. No topo da muralha, Lucas encontrou um corredor de três metros de largura. Ao final da escada, pela qual subira, notou uma porta metálica, prateada, que serviria para selá-la, provavelmente na iminência de uma invasão.

— Vem ver. — chamou o alfaiate, debruçado sobre a parte externa do muro.

Lucas aproximou-se.

— Olhe como esta parede é lisa.

Lucas passou a mão. Realmente era lisa e a julgar pela viscosidade aderida em sua mão...

— Isto é óleo vegetal. Quando sobra a gente passa pelo muro nos pontos estratégicos, porque é difícil cobrir o muro inteiro. Mas, só pelo fato de termos alisado as paredes com essa massa, já prejudicou bastante para o lado dos noturnos. Antes, quando a gente tinha deixado no tijolo cru, aqueles demônios subiam isso como se fosse uma escada. Eles têm umas unhas duras, cravam em tudo. Tome cuidado com as unhas deles quando estiver em batalha.

Lucas estava mais impressionado com o baque quente que tinha tomado no rosto quando se debruçou sobre a muralha do que propriamente com o obstáculo de pedra. Por cerca de um quilômetro a visão era de um Saara. A areia branca refletia a luz do sol e provocava aquela sensação de calor. Os olhos doíam com tanta luz. Enxergou dois pontos negros a longa distância. Pareciam duas árvores secas, uma no extremo esquerdo do campo visual e outra no canto direito. Muito além delas começava uma linha verde que deveria ser uma floresta. Logo entendeu a razão de ser daquela desertificação. Não haveria como não perceber a aproximação de alguém bem antes que este estivesse próximo o suficiente para oferecer risco. Aquele deserto era uma proteção. Olhando para a direita, Lucas viu uma parte coberta da muralha que serviria para proteger os soldados do sol. Próximo a eles, havia um homem apenas. Paulo conversava com esse soldado. Nesse instante, saindo das sombras, Lucas viu um outro homem, forte, de rosto rude, deixando o abrigo. Lucas ergueu-se, olhando-o fixamente. Sentiu um arrepio percorrer o corpo quando bateu os olhos na armadura prateada com a cruz dourada no meio do

peito. A capa vermelha daquele homem estava bem desbotada e as bordas inferiores com a proteção marrom de couro já bem gastas. Era um bento!

Lucas sentiu um suor frio brotar da testa. A confusão mental aumentava conforme as passadas do homem traziam-no em sua direção. Um bento de verdade! Lucas sentia-se prestes a ser desmascarado. O homem, bem mais alto e forte do que ele, parou em sua frente e cruzou os braços. Ficou olhando para Lucas, medindo-o com evidente desdém.

Paulo aproximou-se com um sorriso nos olhos e com as mãos juntas.

— Esse é...

— Calado. — interrompeu secamente o bento. — Fale quando eu perguntar.

O bento contornou Lucas, que apesar de portar altura mediana, longe de ser um baixinho, media dois palmos a menos que o brutamontes encapado.

Lucas percebeu no peito do guerreiro uma imagem de São Jorge igual a sua que, por culpa das proporções corpóreas diferentes, a do bento dava a impressão de ser uma peça bem menor do que a que Lucas carregava no traje.

— Então, esse é o tal? O bento que vai nos guiar contra os vampiros. Que vai tornar certa nossa vitória... — o bento fez uma pausa e sorriu. — Essa eu quero ver de perto. — começou uma risada, que só foi acompanhada pelo soldado próximo.

Lucas queria sumir dali. Se na presença de um deles já se sentia impostor e incapaz, como seria quando os outros viessem para vê-lo? Queria virar fumaça e desaparecer.

O bento enxugou as lágrimas nos olhos.

— Ah, essa coisa de profecia me mata. Desculpe minha sinceridade, mas estou surpreso. Esperava um colosso. Um campeão. Mas você é tão pequeno que chega a ser engraçado.

Lucas inclinou a cabeça, nervoso. Tinha uma espada na cintura. Tinha acordado numa terra estranha. Não tinha ouvido falar em cadeia. Mais uma gracinha e iria tirar a arma da bainha. Assim acabaria logo com aquilo. Com alguma sorte, seria esquartejado na primeira briga.

— Meu nome é Vicente. Bento Vicente é como me chamam. — apresentou-se o grandalhão.

— Eu já vou indo, bento Lucas. — despediu-se Paulo, com a voz desanimada. — Deixo-te com teu irmão, que vai te explicar como serão as coisas daqui para frente.

Paulo precisou abaixar-se para sumir pela passagem que dava nas escadas, voltando para seus ajudantes, lugar onde não era hostilizado pelos semelhantes, onde sentia-se bem melhor do que ali, na presença de bento Vicente.

— Você já viu um vampiro, bento? — perguntou o grandalhão.

— Eu matei um vampiro.

— No hospital, lógico. Só assim para dizerem que você é um bento. Às vezes eles erram sabe. — disse Vicente, afastando-se alguns passos. — Mas, um vampiro da floresta... você ainda não viu, não é?

— Não. Hoje é o meu primeiro dia do lado de fora. Fui falar com o Bispo e...

— Os vampiros do hospital não contam. Eles são novos. Não sabem usar as armas que têm. Você precisa ver um vampiro da floresta. Um vampiro antigo, criado no mundo. São o bicho. Esses são de verdade.

— O cheiro ruim é o mesmo?

Vicente encarou Lucas por alguns segundos sem responder. Olhou fundo nos olhos do bento.

— Então você é um irmão, mesmo? Se sentiu o cheiro, sem chance, é um filho da mãe dum caça-vampiros. Agora ferrou. Logo você? Você é muito pequeno. Estamos perdidos.

— Quer saber um segredo?

Vicente olhou para o soldado que estava próximo e gesticulou para que o homem se afastasse. Fez um aceno com o queixo para que Lucas desembuchasse.

— Eu também estou perdido. Não sei o que vim fazer aqui ou por que me meteram nessa roupa. Antes de acordar naquela droga de hospital nunca tinha matado um mosquito sem pedir desculpas.

— Acho que aquele velho tá caducando. Ele nunca errou nessas paradas de sonho. O que acontece é que ele sonha pela metade direto, meu. Sonha pela metade. Mas sonhar errado nunca tinha sonhado. Acho que com você é a primeira vez. Onde já se viu mandar alguém do teu tamanho para guiar um bando de soldados? Ninguém vai te obedecer. Cê nem tem jeito de casca-grossa, parece uma bailarina, ninguém vai botar fé. Não quero nem ver.

— Você pode ter até razão, mas não precisa ofender. Bailarina? Você já se olhou no espelho?

Vicente fechou o rosto e aproximou-se ainda mais de Lucas.

— Escuta aqui, resto de bento, não vem com graça pro meu lado que você não me conhece. O que eu tô falando é coisa séria. O bento Francis tá fora numa missão e quando ele chegar vamos começar a arrumar as coisas para ir atrás dos outros. Tô falando que você não pode ser o cara. Não sei nem se agüenta com essa espada. Quando o bicho pegar quero ter do meu lado alguém que saiba fatiar vampiro. Se você é especial vai ter que mostrar a que veio. Lá na floresta, de noite, não pode nem piscar. Quando os vampiros descobrem um bento, juntam um bando cem vezes maior que o nosso. Nossa carne vale ouro. Sabem que atrasam nosso lado quando matam um dos nossos... e pra reunir essa galera toda que fala a profecia do velho Bispo, vamos ter que viajar de dia e de noite. Se me chamar de bailarina de novo, te quebro a cara.

— Foi você quem me xingou primeiro. Se eu sou um bento vim para somar. Não sei brigar essa briga, mas vocês têm que me ensinar.

— Aqui não tem professor, velho. Espera outro bento chegar pra tu ficar na bota dele, eu não gosto de ficar pajeando recém-acordado. É tanta pergunta que a gente fica tonto. Tem nego que tem paciência. Tem nego que não tem. Eu não tenho. Meu negócio é ficar nesse muro e ficar de olho em quem chega e em quem vai. Se for depois do pôr-do-sol, meu trabalho é furar quem chega, não preciso nem perguntar. Depois do pôr-do-sol, é melhor ficar longe dos muros. É só essa lição que vou te ensinar.

Bento Vicente deu as costas para o novato e atravessou a parte coberta, de onde surgira anteriormente, para alcançar outro corredor da muralha.

Lucas preferiu ficar ali onde estava. Qualquer lugar longe do bento Vicente seria melhor do que em sua companhia. Voltou-se para o lado da cidade. Recolocou a touca da cota de prata sobre a cabeça. O sol estava bem mais baixo e supôs aproximar-se das três da tarde. Lucas observou São Vítor mais uma vez. Sentimento estranho. A cabeça dizendo que ali era sua casa agora. Nada parecido com as movimentadas e congestionadas ruas de São Paulo. A uma hora dessas, se estivesse no trabalho, estaria voltando do almoço, pois deixava para almoçar sempre um pouco mais tarde. Poderia estar dando uma volta no Parque Trianon ou mesmo estar passando pelo vão livre do Masp. O escritório ficava na Pamplona. Apesar do estresse diário, gostava da empresa, dos amigos. Ao tentar lembrar-se do pessoal do escritório, os rostos pareciam embaçados e os que se revelavam não sabia se eram fisionomias reais ou coadjuvantes emprestados pela imaginação, mas sabia que gostava muito do pessoal do trabalho. Odiava o trânsito. Apesar do metrô a uma quadra do prédio, preferia dirigir o próprio carro, contribuindo com o crescente volume de emissão de poluentes. Como reflexo dos pensamentos, olhou para o céu. Nada daquela nuvem cinza-amarronzada no horizonte. Ar puro. Delicioso. Tudo estava diferente de fato. Rostos felizes nas pessoas. Isso também era outra diferença gritante. Em São Paulo de sua época, se parasse na rua para cumprimentar desconhecidos, era capaz de ser tachado de louco. Apesar da breve passagem no meio do povo, esse parecia muito mais fraterno. Talvez a impressão viesse do fato de Lucas ser uma celebridade. Debruçado sobre aquele muro, passou mais de meia hora observando a paisagem. Reparando no trabalho monótono, porém ininterrupto dos agricultores. Ao longe viu o que parecia um rebanho de vacas movimentando-se, pacatas. Lembrou-se da menção que Paulo fizera ao time dos vaqueiros. Viu um prédio imenso que passara despercebido em suas andanças com o alfaiate. Só podia ser o complexo do Hospital de São Vítor. Por que era tão grande e cheio de médicos se as doenças haviam sido erradicadas com o advento da Noite Maldita? Sem doenças não precisariam de médicos! Voltou a olhar para a face desértica. Reparou na estrada que cortava a areia branca. O asfalto terminava justamente nos portões de São Vítor. Voltou para a face interior. A rodovia não terminava! A alameda

principal de São Vitor, por onde andara com o grupo do alfaiate e passara pela praça principal, era rodovia. Sorriu com a descoberta. Engenhoso. Mais algum tempo passou até que dois homens se aproximassem. Um mediano, da sua altura, e outro mais baixo e magro. O mais baixo era o que estivera no muro e fora afastado por Vicente. Estavam com expressões de bons amigos e logo estenderam a mão para Lucas.

— Sou Amaro, líder de um grupo de soldados daqui de São Vitor. Satisfação em conhecê-lo.

— Meu nome é Carlos. Trabalho com Amaro.

— Lucas.

— Não ligue para o jeito idiota do bento Vicente. Ele é assim com todo mundo. Entendemos que ele é especial, pois luta contra os vampiros como ninguém, destemido que só, duro é ter de engolir essa arrogância. — explicou com a voz calma o líder Amaro, que aparentava cerca de sessenta anos e tinha os cabelos completamente grisalhos.

Lucas ia responder quando foram interrompidos por um burburinho vindo do portão, na parte interior da fortificação. Olharam pelo muro. Havia um grupo de trinta pessoas mais ou menos. Um homem surgiu ao final da escada e chamou Amaro.

— Dia de escala é sempre assim. — disse Carlos, vendo Amaro descer pela escada.

— Escala?

— É. Toda terça-feira sai a escala semanal das torres. Lucas acompanhava interessado a explicação do soldado.

— Tá vendo as torres? — perguntou, apontando para o par de espigões negros que Lucas julgara serem duas árvores secas. — Temos seis no total. Duas desse lado. Mais duas no muro dois. E mais duas na parte sul. Abrimos essa faixa de mil metros ao redor da fortificação toda. Com os postos avançados podemos ver tudo que se mexe sobre a areia, de dia e de noite.

— Vocês pensam em tudo. Já teve muita briga aqui em São Vitor?

— Pô! Essa fortificação é um dos centros estratégicos dos sobreviventes. É aqui que concentramos boa parte dos adormecidos. São trazidos para o hospital. Vêm de todo canto. Quase todo dia chega um carregamento. E os adormecidos valem ouro para os sanguinolentos. Eles também caçam os adormecidos e têm um estoque como o nosso. Sabemos onde é, mas é impossível de invadir.

— A fortificação é intransponível?

— Quê? Esses bastardos têm o estoque deles num lugar que não é fortificado. Sabe onde os desgraçados guardam os adormecidos?

— Não tenho idéia.

— No antigo Hospital das Clínicas.

— Hã?! No HC? Na Dr. Arnaldo?

— É. O lugar tá dominado.

— Mas, e se formos de dia? Não conseguimos acabar com eles.

— Meu, São Paulo virou um ninho de vampiros. Graças a Deus estamos bem longe daquela tumba a céu aberto. Se você entra naquela arapuca, tu não sai mais. Tem noção de quantos prédios têm em São Paulo? Cada um deles tomado por trepadeiras e verdadeiros ninhos de vampiros. É medonho. Tu olha para aqueles arranha-céus, todos ocupados por vampiros. Quando cai a escuridão você só escapa por milagre... aliás, quando escurece tu não tem para onde escapar.

— Mas de dia eles não atacam, atacam?

— Não. Mas de dia o HC é vigiado pelos mulos...

— Escravos de vampiros.

— Isso. Os mulos ficam em posições estratégicas. Quando vêm nossas motocicletas ou tropas aproximando-se, abrem fogo sem dó. Eles querem mais é ver o circo pegar fogo. Depois que a baderna começa, tentam acertar a gente só nas pernas. A sorte é que a maioria é grossa na pontaria. Eu já tive numa emboscada dessa. As balas passavam zunindo, mas tudo longe. Os que são bons no gatilho vão para as armas de longa distância, manja aquele lance de *sniper*? Pois é. Eles viram *snipers*. Esses são os venenosos. Pegam bem no olho. Como diria o bento Vicente, com *sniper* é sem chance. E esses mulos, escravos, são doidos para virar vampiro. Dá pra acreditar num treco desses? Cê tem noção? Viver de tomar sangue de gente. Deve ser que nem droga. Vicia. E a maioria dos mulos é um perigo porque a maioria deles foi banida de alguma fortificação por andar fora da conduta. É gente do mal.

— Cara, não dá pra acreditar. Vampiros e loucos dominando as cidades.

— É. E tem mais.

— O que pode ser pior que isso?

— Quando as pessoas fugiram das cidades, deixaram para trás os cães. Cê já parou pra se perguntar quantos cachorros viviam na Grande São Paulo naquela época?

— Milhares?

— Milhões.

— Pode crer. O que aconteceu com os bichos?

— Piraram, bento. Piraram. Não tinha ninguém para cuidar deles e, ironicamente, apesar de viverem nas cidades, tornaram-se selvagens. Comiam o que encontravam pela frente, organizaram-se em matilhas gigantescas, fazendo surgir um novo tipo de flagelo ambulante. As matilhas de cães urbanos. Eles tomaram as ruas, atacam tudo que se mexe.

Lucas balançou a cabeça. Não dava para acreditar.

— Com o tempo, com a comida e as pessoas rareando nos arredores, os bichos começaram a atacar até mesmo os vampiros ou até mesmo as matilhas rivais. Tem hora que é pior topar com uma matilha de cães urbanos do que topar com os malditos, bento. É foda.

— De dia cães e mulos. Que fauna!

— Ih, se eu fosse te atualizar de tudo, você pirava antes de sair daqui. A noite são os vampiros que não dão descanso. Eles são ardilosos. Tramam. Todo dia tem ataque. Se não é em São Vitor é em Éden Novo. Se não é no Éden, é em Nova Luz. É uma guerra, cara. Uma verdadeira guerra. É por isso que tá essa confusão aí embaixo.

Lucas olhou pelo muro. Amaro conversava com a delegação nervosa.

— Sempre que sai a escala alguém discorda e vem ter com o chefe, porque é ele que organiza a programação. Ninguém, cara, ninguém quer ir para as torres.

— É um trabalho de responsabilidade. Tem que ficar de olho aberto.

— É um trabalho ingrato, bento. Você vigia os muros para a coletividade e quando vê o bando dos vampiros chegando tem que dar o sinal. Pronto. Já era. Você tá indo para o sacrifício. Porque quando dá o sinal e dispara os foguetes, os vampiros sabem que na torre tem gente e já era para quem está vigiando. Acabam com a dupla que tiver lá em cima. É quase certeza que vão te apagar, são poucos que escapam nessa situação. Depende da vontade dos vampiros, não da nossa. Eles estão longe demais para a gente ajudar com eficiência. Quando recebemos o sinal disparamos o alarme, vêm todo mundo pro muro. Nossos *snipers* tentam salvar o pessoal da torre que deu o alerta, o resto manda bala nos invasores. Os bentos são nossa última defesa, quando o combate parte para o corpo a corpo. Aí vocês são as feras da guerra. Os vampiros têm o maior cagaço de bater de frente com vocês. Sorte suas. Conosco voam na jugular na hora. De vocês nunca tomam o sangue. É tipo um ácido para os caras. Não sobra nem o pó.

— E os bentos? Não ficam com medo? Não fogem da briga?

— Como se vocês pudessem... — resmungou o soldado. — Vampiro e bento são iguais a gato e cachorro. Vocês querem mais é ver o oco. Nunca vi um bento bater em retirada. É por isso que a gente tem medo quando os vampiros vêm em grande número. Vocês só param depois de mortos. E toda vez que morre um bento, cara, a vila fica ruim por semanas.

— Sêrio?

— Sêrio. Porque demora para acordar um bento. Já chegou a demorar mais de um ano. Teve semana que surgiram dois, mas é raríssimo. Demora meses. E nunca chegávamos no número. A profecia falava trinta. Já vi nego aqui dando a vida no combate para que os bentos não levassem a pior. Graças a Deus você acordou. A profecia cumpriu-se. São trinta bentos. Agora é com vocês.

Pouco a pouco, conversa a conversa, Lucas sentia-se montando o quadro real do mundo em que se encontrava. Era um mundo cheio de sangue e batalhas. O planeta havia submergido novamente na idade das trevas.

— O Amaro dividiu a vila em três grupos. Todo mundo, menos as mulheres e os bentos, vão para as torres. Mulher só se for voluntária. Esses três grupos correspondem a um rodízio trimestral. Então, durante três meses você tá na lista e, cedo ou tarde, acaba indo para a torre. Às vezes, passa o trimestre inteirinho sem ser agraciado, mas pode ter certeza que no próximo turno do seu grupo você vai estar no topo da lista. Com isso você fica três meses tensos, seis meses tranquilos e assim vamos tocando o barco. Esse modelo é copiado na maioria das fortificações. Apesar de ser democrático, sempre tem discussão quando sai a lista da semana.

— Por que o Amaro não prepara a lista do trimestre inteiro?

— Porque já é arriscado pra caramba fazer com uma semana de antecipação. Explico: a gente não sabe quem vai estar vivo amanhã, bento. Quando alguém morre numa invasão, ninguém quer substituir o cara. Dá o maior azar puxar guarita no lugar de morto.

Lucas entendeu o problema. Desviou o assunto quando viu uma série de garrafas de vidro cheias de água empilhadas e amparadas num canto.

— O que é aquilo?

— Água benta.

Diante do silêncio do bento que andara até perto das garrafas, Carlos continuou.

— Água que vocês benzem. Serve para jogar na cabeça dos vampiros. Eles derretem que é uma beleza. Pena que vocês façam tão pouca água benta.

— Quanta água um bento faz?

— Por dia? Dá um barril de quarenta litros. Se fizer mais, ela fica fraca e vai ficando fraquinha até que não funciona mais. E o bento que força a água fica uns dias sem conseguir fazer. Por isso é melhor fazer um pouquinho por dia.

— Como é que eles fazem essa água?

— Vou lá saber. Você que é bento! Não eu. Você que tem que saber.

Lucas sorriu e recolocou a garrafa de água benta no lugar. Um sino soou repetidas vezes.

Lucas colocou as mãos em concha acima das sobrancelhas para diminuir a luz e melhorar a visão. Procurava a torre de onde o sino retinha.

— Onde vai ser a missa? — perguntou, ao notar que algumas das pessoas haviam parado os afazeres e passavam a andar apressadas.

— Não é missa, não. É o sino das cinco da tarde. Anuncia que falta pouco para anoitecer. Depois do bater do sino, os cidadãos, menos os soldados, claro, estão liberados das tarefas. A maioria vai para casa, tranca tudo e esconde-se debaixo da cama. Tem gente que é menos preocupada, tranca tudo e dorme em paz... particularmente, eu não durmo direito. Durmo bem

depois que amanhece. Esses veados nunca vão me pegar sem luta. Quando eles passam o muro, é a pior coisa do mundo. É um deus-nos-acuda, porque nunca passa um sozinho. Passam dez, passam cem, passam mil. Não sei se é sorte ou azar, mas como aqui tem o hospital, a maioria vai para lá. Querem tomar o controle do hospital por causa dos adormecidos. A nossa sorte é que os ataques desses vampiros são muito desorganizados, porque se fossem bem comandados, bento, ninguém ia tá aqui para contar a história. Seriam imbatíveis e tu teria acordado um dia desses dentro de uma caverna escura.

Lucas olhou para o horizonte. O sol caía rápido. A luz do dia ia mudando gradualmente. Amaro subiu as escadas, literalmente, salvo pelo gongo. Com o aviso do sino os reclamantes afastaram-se e deixaram livre o comandante.

— Carlos estava me explicando sobre o rodízio nas torres. Se não tem remédio, por que reclamam tanto?

— A queixa não é tanto pela responsabilidade. Como você mesmo disse, não tem remédio. O problema é que a vigília é feita em dupla, por vinte quatro horas. Começa as dezessete e trinta de um dia e termina as dezessete e trinta do dia seguinte. Os homens reclamam muito dos parceiros. Às vezes, o camarada que caiu com você no sorteio é meio dorminhoco, não ajuda muito ou morre de medo. Por conta dessas diferenças, chegam aqui irritados. É difícil agradar a gregos e troianos, mas vamos levando.

— E quanto a vocês, soldados?

— Sabemos contra o que estamos lutando. Mesmo assim, quando estamos lá na vigia e justamente no nosso turno vemos a mancha de olhos vermelhos chegando, flutuando feito capetas alados... filho, vou te contar, dá um frio no espinhaço. Você está entre a cruz e a espada. Às vezes, os malditos ficam naquela pressão psicológica. Armam as fileiras no limiar da floresta. Você vê aquele mar de olhos em brasa queimando o escuro da mata. É feio. Você não sabe o que vai acontecer. Aí um dos vigias fica olhando, enquanto o outro vai preparando as bichonas. Tem que deixar as armas prontas pra mandar fogo. Já deixa também os fogos no esquema. Rojão de seis tiros avisa que a mancha está indo para a cidade. Rojão de três tiros coloca os guardas de prontidão no muro. Mas aí é que tem homem que vacila lá em cima. Até soldado já deu pra trás. Quando você dá o tiro de prontidão, dá tempo da vila inteira preparar-se, porque aqui dentro fica todo mundo de sobreaviso. Os soldados nos muros e nos postos estratégicos e os cidadãos todos trancados, debaixo da cama, prontos para o combate final se tudo der errado... é raro, mas às vezes dá errado. — o líder Amaro fez uma pausa, olhando demoradamente para ambas as faces do muro. — E ao mesmo tempo em que o vigia salva a vida dos que estão na vila, coloca a própria em risco. Depois do aviso é segurar o cano e rezar.

Lucas e os soldados fitaram demoradamente a torre à esquerda.

— Como eu disse, às vezes, os malditos fazem só uma pressão, uma tortura psicológica. — continuou o líder veterano. — A mancha fica na beira da floresta e depois de minutos, horas, recua e some na escuridão. Quando decidem atacar, vão passar pela torre e em retaliação ao aviso dado, matam os vigias. Uma vez ou outra, a gente garante daqui o pessoal da vigia, mas quando os noturnos são muitos, não tem jeito.

— Como é que se mata um vampiro... aquelas lendas que ouvíamos...?

— Vampiros não morrem, são destruídos. É como na lenda mesmo. Já assisti coisa que até Deus duvida.

— Mas se não morrem, como vocês fazem?

— Tem algumas formas de destruí-los. Decapitá-los com uma lâmina de prata. Já era. Por alguma razão, ferimentos feitos com a prata no corpo do vampiro não cicatrizam. O bicho tá acabado. Mas logo que você arranca a cabeça dele tem que tomar cuidado com o corpo, porque ele não está morto ainda. Mantenha-se longe das garras do vampiro decapitado, pode ser fatal. Tiros de bala de prata também apavoram bem as feras. Usamos balas que se fragmentam quando entram no corpo dos malditos, mas elas não surtem o mesmo efeito que em nós, humanos, danam bem menos os safados, talvez porque internamente eles sejam mais moles que a gente. Vem ver. — convidou Amaro.

Lucas seguiu o líder até a cobertura sobre a muralha.

— Aqui, debaixo do telhadinho, fica o armamento extra. Cada soldado é responsável por sua arma. Quando soa o alarme já vem com o rifle e munição. No tempo de vacas gordas, a gente deixa o municiaador inteiro com pontas de prata. As balas são só banhadas no metal, não carece de ser maciço em prata. No período de vacas magras os municiaadores são intercalados, prata, chumbo, prata, chumbo.

Lucas viu uma parede com duas dúzias de rifles pendurados. Uma caixa com grande quantidade de pentes de munição prontos para uso. Uma arma maior chamou a atenção. O cano de disparo tinha mais de um metro e meio. Parecia uma metralhadora. Apontou para o artefato.

— Essa é nossa "deita-corno". Lucas sorriu.

— É o nosso trunfo. Uma metralhadora ponto sessenta. Derruba até avião. — continuou o líder de voz mansa. — Ela é que ajuda a deitar a maioria dos vampiros no areião. Quatro balas comuns, uma de prata. Um arregaç. Mas, às vezes, nem ela basta. Temos três em São Vitor. Eram dezessete. Como agora estamos na lei da sobrevivência e da solidariedade, levamos as outras para fortificações menos guarnecidas. Temos que dividir tudo, até água benta se for necessário.

— E aquela história de cruz, alho e estaca?

— Estaca no peito funciona. Mas, depois, tem que decapitar com espada de prata porque se alguém tira a estaca do peito do bicho ele acorda de novo. Cruz eles não encostam, mas não tem

medo, não. Alho não funciona. Não bebem é sangue de bento. Parece que é ácido para eles. O melhor remédio mesmo é o sol. A profecia diz que quando os trinta bentos se juntarem, vamos vencer os malditos. Acho que vamos ter sol dia e noite ou melhor, dia e dia. Deve ser isso.

Lucas mirou o horizonte. Uma assombrosa quantidade de pássaros voava em grupos distintos, embelezando o disco rubro que se escondia atrás das árvores. O céu estava vermelho e carregado de nuvens que refletiam ainda mais lindamente a luz minguante. Emocionou-se com a força da natureza. Não se lembrava ter visto pôr-do-sol mais belo em toda sua vida. Contudo, um misto de confusão e ansiedade não o deixava aproveitar o cenário. Era a primeira vez que via o sol mergulhando no horizonte e a noite começando a chegar. Nem mesmo a variedade de aves passando, a visão de grupos imensos de tucanos, garças e mais um sortimento impressionante de aves aplacavam aquela sensação de desalento. Estaria ele aos pés do bento Vicente? Seria mesmo ele um salvador? Difícil de acreditar.

Capítulo 19

Mal o sol caiu no horizonte deixando um rastro de luz vermelho arroxeadado, a temperatura começou a baixar. O vento de morno passou a frio. Lucas ficou contente por estar dentro daquela roupa quente. Podia ver, de tempos em tempos, o bento Vicente na outra seção da muralha, que chamavam de muro dois, com permanente cara de poucos amigos e jeito nervoso.

Lucas fixou o olhar no areião. Tinha visto, cinco minutos atrás, dois homens chegarem na torre da parte esquerda, quase simultaneamente com a dupla que se conduziu para a torre da direita. A guarda rendida encontrava-se agora a caminho da cidade fortificada. Vinham caminhando rapidamente, decididos, em menos de dez minutos estariam dentro de São Vítor.

Amaro e Carlos estavam ao lado do bento e pareciam calmos, sentados em banquetas pequenas, peças rústicas feitas de duas partes de madeira, semelhantes a uma letra "T". Um terceiro soldado veio do muro dois com uma tocha acesa e começou a acender outras tochas espetadas em lanças altas acima do muro. Lucas voltou-se para a cidade e viu o ritual sendo repetido nas residências distantes do muro e notou luz em algumas ruas.

— No hospital havia luz elétrica. Não usam aqui?

— A gente usa luz onde é mais necessário. Temos um holofote no topo da cobertura, que serve aos dois muros, mas não usamos muito. A luz é reservada para o hospital, para a escola, para o refeitório e para o quartel. Atendemos alguns pedidos especiais. Perto da fortificação, subindo o rio, mantemos uma pequena barragem onde geramos energia, mas não seria o suficiente para a vila toda. — explicou o líder Amaro.

Neste instante, alguns soldados começaram a aparecer pela boca da escada. Estavam sorridentes e aproximaram-se em silêncio.

— Sou Matias, líder do terceiro grupo de São Vítor. Vim assim que pude para conhecer o novo bento. — apresentou-se o homem simpático, de olhos puxados e traços indígenas.

Matias não era muito alto, mas bastante forte, como a maioria dos soldados que Lucas tinha observado. Ao menos, confortava saber que lutaria ao lado de homens bem-feitos e que, certamente, seriam habilidosos em combate.

Mais dois líderes apresentaram-se. Um mulato chamado Willian e um oriental apresentado como Chen.

Todos foram simpáticos e mostraram-se contentes em finalmente verem desperto o trigésimo bento e de descobrirem, de uma vez por todas, até onde ia a veracidade da profecia. De acordo com as histórias proclamadas pelo velho Bispo, de agora em diante, os vampiros estariam com os dias contados. A conversa continuou animada. Os soldados explicavam para o incrédulo bento como eram os vampiros e tentavam imbuir-lhe de coragem, dizendo artimanhas e pontos

fracos para derrubar o maior número de feras possível. O clima descontraído por parte dos soldados só foi quebrado quando ouviram o estalar de um rojão de tiro único. Como cães de caça, em um segundo estavam todos juntos ao muro, olhando em direção à floresta. Lucas olhava para a torre de onde viera o disparo, vendo a fumaça de pólvora desfazer-se no ar.

— Um só, bento sortudo. Ainda não era hora de mostrar a que veio. — bradou a voz forte de Vicente, vinda do muro dois.

Lucas espantou-se mais com a possibilidade de ouvir tão bem Vicente, mesmo estando ele tão longe, do que propriamente com a mensagem carregada de maldade.

— Finalmente. — disse Amaro, debruçando-se sobre o muro e sinalizando para os soldados que haviam descido correndo.

— O quê? — quis saber o bento novo.

— Um tiro só diz que o vigia está vendo gente nossa chegando. É a patrulha de Társio. Já não era sem tempo. Willian já estava organizando o grupo para sair atrás do Társio. — explicou Carlos.

Não demorou muito para que o rugido das motos enchesse o ar. Amaro fez novo sinal para os soldados postados ao lado do grande portão. Os homens começaram a girar uma roda de ferro que estendia um cabo de aço que, por sua vez, tracionava o portão. A imensa peça de madeira e ferro começou a deslizar, deixando o asfalto livre para quem quisesse entrar. Notou que os soldados em cima do muro estavam tensos e seguravam as armas de prontidão. Até mesmo um deles preparava a potente metralhadora, baixando uma portinhola de madeira debaixo da cobertura. Dessa forma, o cano da metralhadora tinha na sua frente todo o deserto branco sob a mira.

Olhando para a estrada, o bento viu o surgimento de luzes de faróis. Um comboio com mais de quinze motocicletas aproximava-se em alta velocidade. Duas vinham um tanto mais para trás, mesmo assim desenvolvendo mais que oitenta quilômetros por hora. Lucas não tinha calculado, mas desde que apontaram saindo da floresta, até cruzarem os portões, não havia se passado um minuto.

Carlos conversou rapidamente com Amaro e retornou para o lado de Lucas.

— Vamos até o quartel. Você vai ser apresentado ao bento Francis.

Lucas engoliu a seco. A última apresentação a um bento não havia sido uma boa experiência. Não sabia o que o futuro lhe guardava, mas sabia que se aceitasse aquela missão, se aceitasse aquela realidade, deveria travar bom relacionamento com os bentos.

Chegando ao prédio vigiado, retangular e cinzento, passaram pelo portão principal, que dava imediatamente na garagem. As motos estavam desligadas e as unidades mais próximas ao portão irradiavam calor, indicando que pertenciam ao comboio recém-chegado. Numa delas, uma

Harley, vinha atrelada a um carrinho de eixo duplo e cercado de madeira. Dentro dele, em cima de um cobertor velho, viram um homem maltrapilho, desacordado.

Carlos empurrou uma porta dupla de vaivém e conduziu Lucas pelo corredor. Os soldados que cruzavam com o novo guerreiro cumprimentavam com a cabeça. Alguns, mais animados, demonstrando simpatia, outros meramente formais, dando pouca atenção. Mais uma porta de vaivém e chegaram a um novo salão tão amplo quanto a garagem da entrada. Vários soldados conversavam e riam alto, mas a figura que capturou a atenção de Lucas foi a do homem que trazia uma armadura prateada, semelhante à sua, no peito. Diferindo de seu traje, no outro não existia a capa vermelha, nem mesmo desbotada como estava a de Vicente, e também não havia a touca. Quando o homem de peito prateado viu Lucas também parou com a conversa. Abriu um sorriso largo, de dentes bem cuidados e brilhantes, e caminhou decidido com a mão enluvada estendida para Lucas.

— Então você é o tal? O trigésimo bento? Que satisfação!

— Esse é o bento Francis. — juntou Carlos.

Lucas não poderia ter melhor recepção por parte de um semelhante. Teve uma boa impressão a respeito daquele sujeito. Não era um brutamontes como Vicente, nem mal-humorado. Apesar desse bom sentimento, mais uma vez ficou intimidado pelo vigor físico demonstrado pelos veteranos. Lucas sentia-se raquítico, doente. Talvez, por isso, alguns dos soldados olhassem enviesado para sua figura franzina, pensava. Todos, sem exceções, pareciam bem mais fortes que ele.

Depois do cumprimento de mão, bento Francis emendou um abraço fraterno no recém-desperto, fazendo seus peitos de metal baterem um contra o outro.

— Qual é o seu nome? — perguntou, afastando o trigésimo do peito.

— Lucas.

— Lucas. — repetiu o bento, olhando firme nos olhos do novo bento e colocando as mãos nos ombros do rapaz. — Seja bem-vindo.

O novo bento ficou mudo.

— Com sua chegada, tudo muda. Esta noite, que seria comum como outra, ganha importância histórica. Vamos falar com Vicente mais tarde, temos muitos preparativos para realizar. Amanhã, ao amanhecer, partiremos em nossa missão profetizada. Temos agora que reunir os trinta abençoados para que tenha início a salvação de nossa terra.

— Não sei se estou preparado...

— A preparação é na raça, nenhum bento tem escolha. Antigamente, antes das universidades, os engenheiros, médicos, mecânicos se faziam na prática. Ninguém chega preparado para esse mundo, Lucas. Você será um bento prático. Vai aprender a dominar sua força. Medo não existe, acredite em mim... essa é nossa sina. Bater com os vampiros até a morte,

a mente fica leve e vazia de temores, você fica selado na espada e a única coisa que interessa é arrancar cabeças de malditos noturnos, esquivar dos ataques e arrancar mais cabeças de vampiros, exatamente nessa ordem.

— Não sei se sou o tal salvador...

Os soldados presentes a essa altura já haviam rodeado os dois guerreiros. Francis colocou as mãos nos ombros de Lucas mais uma vez.

— Você é nosso salvador. Você é o trigésimo bento. Isso nunca aconteceu antes, então é você, não tem erro. Está escrito na sua testa: "Eu sou o cara". Você é o salvador, não duvide disso.

— Diga isso para o seu amigo grandalhão, o Vicente.

— Nosso amigo grandalhão, Lucas. Nosso. — destacou Francis, rindo ao final da afirmação, mantendo as mãos nos ombros de Lucas. — Vicente tem aquele jeito mas não pode fugir de nossa sina. Pode até não querer participar, mas quando chegam os vampiros, não tem jeito. Vicente tem muito para te ensinar, já matou mais vampiros que qualquer outro bento. Temos uma contagem para incentivar. Um *score*. Aquele grandalhão carrancudo já abateu mais de seiscentos vampiros nesses anos. É um Pelé da espada.

Lucas sorriu.

— Fique tranqüilo. Todos nós vamos te ajudar. Só precisamos reunir os outros.

Os soldados juntaram-se a Francis em exclamações coletivas de incentivo. A vida de todos estava em jogo.

— Estou indo ao hospital agora. Encontramos um ex-morador de São Vitor no caminho para cá, na beira da estrada. Eu não lembrava do sujeito, mas um dos soldados o reconheceu. Parece que foi mandado embora porque roubava coisas das casas dos outros moradores, isso não é tolerado por aqui... mas como está desacordado, e parece que vinha buscar ajuda em São Vitor, para mim não é correto largar um moribundo na estrada. Fiz votos para tratar os necessitados, não posso negar o que vai no meu caráter. Deve ter passado fome e estar desacordado de fraqueza. Por que não vem comigo? Assim conversamos mais.

Lucas atendeu prontamente e, juntos, mais Carlos, seguiram para o pátio de entrada do quartel. É claro que estava curioso em conhecer mais daquele mundo ao lado daquele que diziam ser seu semelhante. Mas o que logo veio a cabeça de Lucas foram um par de olhos verde-acinzentados e lábios largos e sensuais. Talvez tivesse sorte de encontrar com a sua linda doutora Ana.

Francis pediu que Carlos conduzisse a motocicleta com a carroceria até o HGSV, enquanto caminhava ao lado do novato.

No trajeto que levou quinze minutos de caminhada pelas ruas mal iluminadas por luz que escapavam das frestas de algumas janelas ou por tochas chamejantes espalhadas

aleatoriamente, Francis explicou que sete anos depois da Noite Maldita ter desencadeado os fatos ele despertou num pequeno hospital na região de Cabo Frio, Rio de Janeiro. Naquela época, os sobreviventes já viviam em pequenos povoados fortificados que começavam a montar-se em São Vítor, a dias de viagem dali. Pouco sabia-se sobre os bentos, mas já existiam seis. Os homens viravam lendas vivas por conta de atos destemidos e combates memoráveis contra as investidas vampíricas em suas vilas. Logo Francis ganhou fama igual e da germinal São Vítor chegou uma mensagem. Estavam reunindo os bentos em São Vítor e era imprescindível que estivesse lá em poucos dias. Explicou que foi nessa ocasião que o velho Bispo também começara a ganhar fama por conta de suas previsões certas e por conta do esboço da profecia. Começava a acender esperança entre os sobreviventes. Francis falava pausadamente e, muitas vezes, parava para olhar nos olhos do novato e passar algo com mais emoção ou então ajeitar os bigodes finos e bem aparados, que pareciam dois triângulos com as bases unidas abaixo das narinas do homem de pele morena.

Francis revelou também que foi em São Vítor que começou a lembrar-se de sua vida passada. Parecia que o destino estava colocando-o no lugar certo. Participar da organização do Hospital Geral foi fundamental para reavivar sua memória. Francis tinha sido médico do Hospital das Clínicas, na São Paulo viva. Com o passar de mais alguns meses, lembrava-se quase de tudo. Explicou para Lucas que não deveria ter pressa em recuperar a memória. Era como mágica. Você está amarrando uma pamonha, quando de repente, záz! Vai voltando tudo. O bento veterano explicou também que, em pouco tempo, Lucas poderia ter acesso ao seu prontuário no HGSV. Alguns adormecidos contavam com essa vantagem, graças a um trabalho heróico desenvolvido por uma gangue de motoqueiros, que vivia próxima à distante Osasco.

O relato curioso e vivo de alguém que presenciou e protagonizou passagens sombrias e cruciais na recente história humana foi cortado quando chegaram ao hospital.

Contrastando com as ruas escuras o salão era bem iluminado por lâmpadas fluorescentes e o ambiente dotado de limpeza e harmonia exemplar. Lucas viu o homem desacordado deitado numa maca. Carlos apontou para Francis quando entraram. Uma moça de roupas coloridas deu a volta no balcão e começou a fazer perguntas. Precisava saber onde tinham encontrado o homem, em que condições, nome, coisa que ninguém sabia. Francis explicou o que pôde e disse que, pela manhã, deveriam chamar o pessoal mais velho da vila para reconhecer o ex-morador e, inclusive, fazer chegar ao conhecimento do líder Amaro o exato porquê daquele homem ter sido expulso da fortificação. Disse inclusive que o homem deveria ficar sob vigilância de um guarda o tempo todo, até que o conselho decidisse o que seria feito dele após a recuperação. Francis destacou Carlos para a vigília inicial. O soldado pareceu contrafeito a princípio, pois estava escalado para o muro e não tinha falado com ninguém sobre ficar no hospital escoltando um maluco achado na estrada. Francis disse que precisava resolver coisas com Lucas e que, assim

que retornasse ao quartel, pediria para alguém vir imediatamente substituí-lo. Carlos resmungou qualquer coisa e acabaram chegando num acordo. Quando um enfermeiro levou a maca para dentro, Carlos desapareceu pelo corredor, seguindo a maca. Não deveria desgrudar os olhos do paciente.

Francis virou-se para Lucas.

— Vem. Vou te mostrar o depósito.

— Depósito?

— É. O lugar onde guardamos os adormecidos.

Lucas aquiesceu. Acompanhou por intermináveis corredores o novo companheiro. Alguns trechos menos iluminados que outros. Logo estavam em corredores cobertos do chão ao teto pelos conhecidos azulejos brancos. Um elevador. Lucas ouviu a máquina funcionar e sentiu uma leve brisa escapar pela fresta central da porta. Quase um minuto até que a luz do carro surgisse do outro lado da porta. Entraram. O novo bento notou que no painel havia oito botões. Sensação de *dejavu*. Oito número diferentes... estranho. Não havia oito andares no prédio. Francis apertou o último abaixo. A máquina começou a descer, pareceu acelerar. O elevador era largo e fundo. O suficiente para carregar duas macas. Parou abruptamente, forçando a flexão dos joelhos do homem surpreso. As portas abriram. Ao invés de um caminho livre, uma nova porta de metal. Um painel com um visor de cristal líquido. Francis digitou rapidamente no painel numérico. Um alarme rápido e seco soou. A porta deslizou de cima para baixo. Lucas seguiu o parceiro. As botas estalavam contra um piso metálico.

— Cuidado! — avisou Francis. — Qualquer coisa, segure no corrimão.

Lucas não entendeu a advertência, de toda forma andou com mais cautela. Esperava uma escada perigosa ou uma descida íngreme. Nada disso encontrou. Via só uma luz fraca quinze metros adiante e um vento forte cortante vindo dos pés, que parecia atravessar o piso metálico.

— Aqui é o depósito. Todos os adormecidos recolhidos nessa região são trazidos para cá, para centralizarmos a operação. Como você mesmo viu, não é só gente normal e bentos que despertam do sono. Tem também os malditos. Mesmo desorientados e fracos pelo acordar recente, são bem perigosos... se conseguirem tomar a primeira dose de sangue, então.

Chegaram no fraco ponto de luz. Francis girou um botão. Lucas ouviu um zumbido demorado, como de um *flash* carregando e, de repente, as luzes começaram a acender. Lucas agarrou-se ao corrimão como aconselhara o amigo. Sentiu uma vertigem inesperada. Estavam numa passarela metálica suspensa no topo de um imenso vão. Não podia mensurar a distância até o chão porque a vista não alcançava. Na sua frente, distante uns dez metros da passarela suspensa, um piso repleto de macas e sobre cada uma delas um corpo coberto por um lençol branco, deixando apenas a cabeça descoberta. Eram tantos! Não podia contar e estava olhando

para um andar apenas! O piso repleto de macas repetia-se à sua direita e sua esquerda. Só não existia acesso na parede terminada no elevador, que era lisa até onde a vista alcançava.

— Quantos andares?

— Sessenta andares subterrâneos.

— Sessenta?!

— Sessenta. Aqui vocês são hidratados e monitorados. Capacidade de mil e seiscentos adormecidos por andar. Até o vigésimo subsolo todos estão em macas. Dali para baixo todos estão em cima de colchonetes produzidos aqui mesmo. Somos responsáveis por oitenta e três mil vidas humanas aqui. Tem muito, muito mais gente aí fora ou em poder dos malditos.

— São mortos pelos vampiros?

— Mortos? Você não tem noção... Os adormecidos tratados pelos vampiros são até melhor preservados do que aqui.

— Cê tá brincando?

— Nada. Os adormecidos são fonte de sangue inesgotável aos malditos. Sangue vivo. Credo.

— Francis fez um sinal da cruz sobre o peito metálico.

— Nossa! Tem mais gente aqui embaixo do que lá em cima.

— Tem.

Lucas olhou para o teto. Grandes hélices giravam lentamente provocando a corrente de ar.

— Mantemos um eficiente sistema de ventilação que garante oxigênio abundante dia e noite..

— Nossa... é impressionante. — murmurou o novato, debruçado sobre a grade e olhando para as intermináveis fileiras de corpos deitados. — Com não morrem?

— Ninguém sabe. Ninguém nem quer mais pesquisar. Com certeza está ligado ao fato de não adoecermos mais. Ninguém morre de gripe, de câncer ou derrame. Os corpos definham um pouco, mas você vai ver, logo vai ganhar força como nós, seus músculos voltarão à forma antiga ou até melhor. Os adormecidos não têm escaras, feridas que se formam em razão da imobilidade. Não sofrem infecções hospitalares, não têm infarto, falência múltipla, nada. Só morrem se for por falta de oxigênio. De fome só morrem os despertos. Por isso, contamos com um avançado sistema de vigilância. Luxo destinado ao subsolo apenas, pois não temos abundância em energia elétrica. Usamos câmeras com visão noturna que trafegam em trilhos fixos no teto de cada andar. Voluntários também cuidam da patrulha diária para monitorar esse exército de gente em estado de hibernação. Ao menor sinal de movimento, vêm os enfermeiros remover os recém-acordados para cima.

— É impressionante.

— Você ainda não viu nada, Lucas. É impossível absorver todas as novidades no primeiro dia. Você vai ficar com essa cara de espanto por mais uns seis meses ainda. Estou até estudando

com o conselho formar uma espécie de cartilha para o recém-desperto estudar. É muita coisa, muita informação. Todos se sentem perdidos.

— Põe perdido nisso. Estou até tonto. E o pior é acordar e saber que você é o cara que tem que pôr um ponto final nessa desgraça.

— Nem tudo é desgraça nessa nova vida, meu amigo. Tem muita coisa boa acontecendo também. Talvez eu sinta até saudades quando esse inferno todo passar. Quero que os vampiros acabem, só isso. Nossa vida vai bem assim... sem os dentes deles.

Lucas balançou a cabeça anuindo, mas, pessoalmente, achava difícil que alguém realmente sentisse falta daquela vida, sem os confortos de outrora.

— Vamos. Temos que chamar um guarda para render o Carlos. Ele tem que voltar para o muro. A escala não pode ser quebrada.

Em cerca de seis minutos estavam fora do hospital. Francis explicou mais alguma coisa a respeito do estoque. Todos os adormecidos possuíam um prontuário anexo à maca e uma etiqueta no dedão, como corpos no IML. Os prontuários tinham quase nada de informações médicas, mas sim um histórico a respeito do paciente. Diziam onde foram encontrados, em que condições, o possível endereço residencial e informações de onde estavam os familiares. Em muitos casos, as pessoas conseguiam reencontrar a família. Uma vez a cada dois meses, eram montadas tropas para escoltar os adormecidos que tinham família até as fortificações onde seus parentes deveriam residir. Tinham direito a uma tentativa. Dali para frente deveriam se arranjar com o pessoal da cidade destino. Alguns desses prontuários eram mais recheados, contendo fotografias, documentos, agendas, CDs com arquivos de programas, DVDs, coisas que poderiam ser úteis para a memória do recém-desperto. Esses prontuários "bônus" eram conseguidos por gângues fora das muralhas, como a mencionada anteriormente pelo bento veterano.

Em instantes voltaram para as ruas mal iluminadas. Tinha esfriado bastante. Lucas ergueu os olhos para o céu. Já tinha escurecido completamente e o firmamento encheu gloriosamente a visão do novato.

— Nossa!

— Falei, Lucas. Esse espanto não pára. Vai ser um "Nossa!" atrás do outro.

Lucas sorriu e apressou o passo para acompanhar o veterano. Estavam a meio caminho do quartel quando ouviram em alto e bom som três explosões repetidas. Estacaram.

— Rojão de três tiros... — balbuciou Lucas, com os olhos demonstrando surpresa.

— Vampiros! — bradou Francis, começando uma corrida em direção ao muro.



O horteiro Feijão e o mecânico Ivan tinham chegado ao pé da torre esquerda religiosamente às dezessete e trinta. Traziam uma mochila com mantimentos para as vinte e quatro horas de vigília. A dupla rendida descia rapidamente a escada vertical de madeira. A prática fazia com que os vinte metros de altura não intimidassem mais os homens. A torre, feita uma casa na árvore, era montada no alto de um corpulento tronco de jequitibá. O posto era relativamente espaçoso, cabendo os dois homens de plantão. Enquanto um descansava sobre um colchão fino, o outro ficava sentado no chão de tábuas, atento. Tinha à disposição uma potente luneta, uma moranga de barro para a água fresca e uma rústica peça de ferro fundido, bem estreita, de um metro de altura, terminada na extremidade superior por uma caixinha ventilada, onde tentavam manter brasas acessas para a feitura do café ou qualquer coisa quente para ingerir. Os últimos dias haviam transcorrido com relativa calma nos postos de observação, mesmo assim, as primeiras horas na torre eram tensas, pouco papo e muita reza. A nova dupla sempre chegava quando sol já estava tocando a mata, em pouco menos de uma hora já seria noite fechada e os vampiros poderiam atacar a qualquer momento. Pior ainda era essa sensação para as duplas que cuidavam das torres um e dois. Por razões desconhecidas, os vampiros idiotas preferiam esse caminho. Ou iam em direção ao muro um ou corriam para o muro dois. Eram burros os vampiros, pois os muros do lado sul eram mais baixos, no entanto eram desprezados pelas criaturas. Ser vigia da torre três ou da quatro despertava alívio. Feijão sequer lembrava de ter ouvido falar de morte nas torres sul. Os malditos sempre vinham pela um ou pela dois. Dificilmente também atacavam as duas ao mesmo tempo. Feijão, corpulento, remexeu a mochila. Retirou embornais com frutas. Um com mangas rosas e outro trazendo um bom tanto de jabuticabas negras e roliças como o horteiro e algumas mexericas cheirosas. Feijão também tirou da mochila duas marmitas. Dentro dos refratários o jantar da dupla. O almoço do dia seguinte seria trazido por alguma boa alma pela manhã. Por último puxou um potinho com pó de café. Voltou-se para o braseiro e reavivou as chamas. Primeiro passaria um café do jeito que gostava.

Ivan, um mato-grossense, habilidoso mecânico que fora acolhido em São Vitor junto com o pai e a mãe há dez anos, também foi até a mochila. Dela retirou a munição. Olhou para o canto onde o equipamento de trabalho na torre jazia. Dois rifles e duas dúzias de municidores cheios. Balas não faltariam. Introspectivo, costumava falar somente quando lhe perguntavam, mesmo assim, caladão, gozava de boa fama com os amigos de trabalho, era tido como pessoa agradável e gentil. Uma boca fechada faz muitos amigos, pensava ele. Ivan tinha casado ali mesmo em São Vitor. Cida, sua esposa, viera também do Mato Grosso, mas de uma cidade muito a noroeste de Cuiabá, fazendo quase divisa com Rondônia. Ivan compadecera-se da mulher que tinha perdido uma criança para o lado das trevas. Um menino de nove anos tornara-se vampiro na grande mudança. Cida e o filho caçula adormeceram naquela maldita noite. Ela acordara doze anos atrás. E a alegria só veio a esquentar um pouquinho o coração da mulher quando o filho, o

caçula, acordou do sono inexplicável. Ivan, que havia consolado por conversas seguidas o coração de Cida, viu-se contagiado pela felicidade da mulher. Sentia-se bem ao lado dela e do filho caçula. Não demorou muito até entender que não conseguiria mais viver sem aquelas duas pessoas em sua vida e o casamento veio como consequência natural.

Feijão estendeu um copo com café fumegante para o vizinho, que terminava de checar as armas. Feijão também era uma figura quieta e dava-se bem com o parceiro de cabelos ruivos e pele sardenta. Olhou para a floresta, trezentos metros à frente. A luz minguava rapidamente. O cruzeiro de tochas no areião tinha sido aceso pela dupla rendida. Eram quatro latões cheios de óleo que queimavam e emitiam uma luz flamejante que dançava e variava de alcance de acordo com o vento. Olhou para a torre dois. O cruzeiro da dois também ardia e permitia boa visão do areião. Mas a luz das tochas acabava muito antes da floresta, o que não chegava exatamente a ser um problema para o trabalho, uma vez que os malditos vampiros possuíam olhos que ardiam feito brasas quando se preparavam para o ataque. Era impossível não vê-los. Muitas vezes, os olhos treinados na tarefa detectavam até mesmo um único par de olhos chamejantes correndo pelos galhos, feito macaco esperto, mas que de macaco não tinha nada. Esses bichos eram assassinos empoleirados, procurando um momento de distração ou de fraqueza da cidade para, mais uma vez, investir contra os muros, tentar lograr os soldados e invadir o hospital de São Vítor.

Como não era muito de conversa, Ivan, sentado no chão de tábuas, colocou a caneca de ferro esmaltado e de pintura gasta pelo uso em cima de um banquinho à sua direita. Feijão olhava pela estreita janela de vigilância. Existia uma espécie de varanda que contornava a torre quase que inteira, mas depois do pôr-do-sol a porta de acesso à área interna ficava sempre fechada. Ivan tirou da mochila um estojo de madeira. Era seu equipamento de limpeza. Fazia parte do seu "fazer hora". Como tinha que ficar vinte e quatro horas enfurnado na torre, matava o tempo limpando os rifles. Às vezes, repetia a tarefa três vezes durante a espera. Desmontava e limpava minuciosamente. Deixaria para desmontá-los depois do amanhecer, esse cuidado durante a noite não convinha. Por hora, bastava um lustro para começar a matar o tempo. Espalhou um produto de cheiro forte num paninho velho e começou a limpeza superficial da arma. Esfregava a coronha da arma para tirar a gordura aderida pelo contato com os parceiros menos prendados. Tinha estado no movimento monótono de vaivém com o pano por um bom tempo, desanuviando, quando seus olhos bateram de relance na caneca do amigo negro. A caneca não parava quieta, com respingos do líquido preto indo ao chão. O beijo proeminente do camarada subia e descia sem controle. Ivan sentiu o sangue esfriar nas veias. Feijão estava tremendo dos pés à cabeça. Colocou-se de joelhos e espiou pela janela. O coração disparou e um suor frio brotou na testa. Não no plantão deles! Não podia ser! Engoliu a seco e trocou um olhar com Feijão. O negro parecia ter retomado parcialmente o controle, posto que só a caneca

chacoalhava, derrubando o café pelo assoalho. O horteiro tirou os olhos escancarados da janela e fixou-os em Ivan.

— É agora, irmão. — balbuciou Feijão, voltando os olhos para a floresta.

Pares de brasas rubras dançavam inquietas entre os galhos das árvores. Umas saltavam ao chão, outras pareciam voar. Em poucos segundos, o número dobrou e, no final de um minuto, a floresta em frente a torre um parecia estar em chamas.

Feijão, ainda trêmulo, mas ciente do dever, apanhou o rojão de três tiros.

— Espera, irmão. Espera. Pode ser que eles se vão. — pediu Ivan, segurando o braço do parceiro, que já procurava a trava no teto do cômodo para disparar o alarme.

Feijão engoliu saliva, os olhos não desgrudavam da floresta. Mais um minuto que pareceu levar um ano. O número de brasas crescendo.

— Eles vão invadir, Ivan. Nunca vi tanto vampiro.

— Deus do céu! Cuida do meu filho e da minha mulher, meu Deus. — pediu Ivan, fazendo o sinal da cruz. — O que a gente faz, senhor?

— Calma, homem.

— Eles vão acabar com a gente, Feijão.

— Nunca vi tanto vampiro, Ivan. Se a gente dá o aviso antes pelo menos a vila tem alguma chance... e melhora para o nosso lado também, porque vão começar a atirar neles antes de alcançarem a torre.

— Santo Deus! Faz o que tem que fazer, Feijão. Dispara logo essa merda! Ai, Pai do céu! Nós estamos fritos! — praguejou o mecânico, colocando o cano do rifle através da janela. Os olhos não paravam, acompanhando, arregalados, o crescente movimento dos malditos na mata adiante.

Feijão espetou uma brasa do braseiro e levou até o pavio do rojão. Enquanto ouvia o pavio consumir-se, Ivan recolheu o rifle rapidamente. Retirou a corrente com um crucifixo do pescoço e enroscou na ponta do cano da arma. Estremeceu quando ouviu a explosão do disparo seguida de três explosões. O alerta estava dado. Voltou a colocar o cano do rifle através da janela estreita em altura, mas larga na horizontal. O crucifixo dançava de lá para cá denunciando o tremor da arma.

Feijão apanhou seu rifle também. Estava pronto para o uso. Ivan já tinha deixado o equipamento no jeito. Retirou do saco na parede o rojão de seis tiros. O coração batia acelerado e agora os olhos estavam fixos na mancha. Os olhos negros do horteiro refletiam a floresta envolta em chamas espectrais. Nunca tinham visto tantos vampiros.

Vicente ergueu os olhos para o céu. Três disparos. Vampiros. Sentiu o característico embrulho no estômago que antecedia o combate. O alvoroço começou no muro. Não precisava

gritar ordens. Os líderes de tropa é que comandavam os homens, mas depois de tantos anos de confronto, todos sabiam mecanicamente o que tinham de fazer. Não se passaram três minutos até que um caminhão parasse perto do muro e de lá descessem os guardas extras de muralha. Mais um minuto até que todos estivessem em posição. *Snipers* nas posições mais altas e dois soldados montando a metralhadora "deita-corno".

Vicente já tinha deixado o muro e procurava pelo bento novato. Agora era a hora da verdade. De saber se aquele magricela realmente era quem diziam ser.

Ao passarem em frente ao quartel, bento Francis apanhou uma motocicleta. Lucas vinha na garupa. Pararam bem antes do muro. Enquanto saltava da moto, Lucas teve um braço agarrado por Vicente, que se aproximou com sua capa desbotada esvoaçando.

— Hora da verdade, bento.

— Não se preocupe, Lucas. Isso faz parte de nosso ritual de iniciação. É uma brincadeira entre iguais. Uma espécie de prova final.

Lucas viu os braços agarrados pelos bentos. Foi arrastado até o meio de duas toras de árvore enterradas na areia.

— O que é isso?

— Relaxa, Lucas! — gritou Francis. — Se fosse para o seu mal eu não estaria fazendo isso. Você não confia em mim?

Lucas, desorientado, disse que sim, enquanto via os pulsos serem atados em algemas de ferro. Grossas correntes davam a volta nos troncos de madeira e agora terminavam em seus punhos. Estava preso. Como queriam que lutasse assim?

— Não posso lutar assim! — bradou Lucas.

— Um bento de verdade pode! — respondeu Vicente, rindo no final.

— A profecia diz que você é especial. Então vai ter que nos mostrar porquê. — juntou Francis.

— Eu não posso lutar assim.

— A profecia diz que você vai salvar o mundo dos vampiros.

— Eu não sei lutar contra vampiros. Vocês têm que me ensinar!

— Pára de chorar, mocinha. Se você é especial vai tirar esse batizado de letra.

A argumentação foi quebrada quando ouviram seis tiros espocando. Era o aviso final.

— Rojão de seis tiros, Lucas! Hoje é seu dia de sorte! Lembra o que isso significa?

— Significa que eles estão vindo. — respondeu o novato a Vicente.

Francis colocou-se de joelho e começou a orar. Vicente aproximou-se de Lucas e agarrou-lhe brutaemente o rosto pelo queixo.

— Todo mundo fala que você vai dar um jeito nesse inferno. Quero só ver. Aposto que você não agüenta nem erguer essa espada.

— E se eu não for o tal? Como vou me salvar, preso nessas algemas?

— Se você não é o tal por que deveria se salvar? Se a profecia for uma farsa, é melhor que você seja morto pelos vampiros para pagar a derrota do povo. Para sua sorte esses noturnos são rápidos.

Vicente afastou-se, andando em direção ao muro. Francis terminou a oração e ficou de pé. O peito de prata luzia, refletindo a chama das tochas ao redor.

Disparos esparsos eram ouvidos do muro.

— São os *snipers*, Lucas. Quando começar a ouvir a artilharia pesada do muro é porque eles estão por perto. Se os *snipers* pararem de atirar é porque os caras das torres já eram.

— E vocês, quando vão ajudar?

— Só quando os vampiros cruzarem o portão e o cheiro dos malditos seqüestrar nossa sanidade. Aí vamos nos engalfinhar e só vamos parar quando todos estiverem mortos. Eles ou nós.

Lucas abaixou a cabeça. Um suor frio descendo da testa, escapando da touca de prata. O cheiro. Estava sentindo aquele maldito cheiro. O fedor horrível que Gabriel exalava no hospital. Sentiu os olhos arderem. Chacoalhou as correntes. Queria sair dali. Vampiros duma figa! Tudo culpa deles! Por que tinham que estar ali? Tinha arrancado a cabeça de Gabriel. Tinha colocado as tripas do homem para fora. Ia fazer o mesmo com aqueles desgraçados! Deu um puxão na corrente. Francis olhou para trás. Sorriu para o bento agitado. Lucas passou a respirar pesado, enchendo todo o peito e depois soltando o ar lentamente. Os ouvidos captando as explosões sucessivas. O muro todo começou a atirar. Francis estava falando alguma coisa para Vicente, de costas para Lucas, mas o cérebro do novato não queria ouvi-lo. Os tiros espocando. Os olhos acompanhando os homens do muro que gesticulavam, fazendo sinais, erguendo as armas. Dor de cabeça. Aquele fedor horrendo tomando as narinas. Os olhos ardendo como se pegassem fogo. A escuridão mudou. Um brilho no céu. Os tons mais claros tornaram-se amarelados. Os guinchos e grunhidos das feras. Lucas dobrou os joelhos e também grunhiu. Francis parecia começar também a sentir a aproximação dos vampiros. O bento veterano deu alguns passos para frente. Lucas fechou os olhos e o céu amarelo, por causa da luz bruxuleante emanada pelas tochas nos muros e nas casas, desapareceu. Era como se tivesse perdendo os sentidos.

— Se prepara, Lucas, eles estão chegando!

Vicente fez um sinal da cruz e desembainhou a espada. Ouvia os gritos dos soldados e das feras. Um soldado caiu do muro para a parte interna da fortificação. Duas flechas cravadas no peito. Maldição!

Ivan não parava de atirar. A preocupação estampada no rosto. Atirava e rezava. Se ao menos Feijão pudesse ajudar. O coração quase parava quando a munição acabava e perdia segundos preciosos na substituição do cartucho vazio pelo carregado. Feijão estava imóvel, caído no chão, com uma flecha atravessada na garganta. O sangue cruzava as tábuas e escorria pelos sulcos entre as madeiras. Aquilo só servia para atizar ainda mais a sede daqueles malditos. Por precaução Ivan tinha descido a proteção de madeira da janela estreita. Tinha ouvido ainda meia dúzia de flechas baterem na tábua. Estava com escotilha da escada aberta e metia bala para baixo, tentando, em vão, impedir a aproximação das criaturas. Uma pilha de corpos de vampiros jazia imóvel no areião. Era mais fácil acertar aqueles que tentavam subir do que se preocupar com os que já tinham conseguido e agora saltavam no telhado e no corredor da vigia distribuindo unhas contra as tábuas, tentando descascar a proteção do humano. O mecânico procurava enfiar a bala de prata bem no meio dos olhos das criaturas, isso fazia com que não se levantassem mais e, se não fossem salvos pelos amigos de presas longas e arrastados para as tocas, morreriam definitivamente com a chegada da manhã. Enxugou o suor da testa. Não estava fácil. Os malditos não usavam necessariamente a escada e muitos escalavam enfiando as unhas no tronco do jequitibá, que servia de torre, alcançando o topo sem entrar na sua mira. Vinham rápido, rodeando a pequena casa da árvore, como marimbondos rodeando a colméia. Com os rostos voltados para cima, encarando Ivan, com as bocas escancaradas e sorrisos malditos contrastando contra as presas pontiagudas. Quando a munição terminou pela enésima vez, Ivan notou que as criaturas estavam muito perto. Tampou a escotilha do chão. Arrastou o pesado corpo de Feijão para cima dela. Por baixo não iriam entrar. Recostou-se no fundo da guarita, praticamente sem ar. O peito queimava. Todas as portas travadas. Puxou a caixa de municionadores para perto. Recolocou um pente no fuzil. Respiração entrecortada. Parecia a um instante de cair, vítima de enfarto. Era duro confrontar a morte e saber, saber mesmo, que a passagem para o outro mundo seria em questão de minutos, talvez até de segundos. Ouviu pancadas no teto da guarita. Os malditos estavam lá em cima. Disparou algumas vezes contra o telhado de madeira. Estavam batendo no teto e na porta de acesso à varanda de observação. O corpo de Feijão parecia vivo de tanto que chacoalhavam as tábuas da escotilha do chão. O negro sem vida rolou. A cabeça pálida de uma vampira demoníaca surgiu pela fresta. Ivan ergueu a arma e a cápsula explodiu. A cabeça da maldita se desfez em pedaços, sumindo pela abertura. Três segundos e outra criatura tomou o lugar da primeira. Um homem. Novo disparo. Ivan gritou desesperado dessa vez. Ia morrer! O terceiro vampiro. A arma vacilou. A dedo do homem tremeu. Uma criança. Uma menina. Os olhos vermelhos brilharam enchendo a guarita daquela luz maldita. Ivan superou o bloqueio momentâneo e fez o topo do crânio da menina desaparecer. Ossos ensangüentados cravaram-se na parede oposta. Dessa vez o corpo da criatura demorou a cair, quase forçando o homem a disparar novamente. A zoadinha no telhado só crescia e as batidas

contra a porta lateral da guarita aumentavam. Ivan mantinha os olhos fixos no buraco. Sem chance de eles entrarem por ali. Ia morrer, mas mataria o maior número possível de noturnos. A porta lateral voou para dentro da guarita, derrubando o braseiro. Uma nova cabeça pálida e peçonhenta surgiu pelo buraco da escada. Mais um tiro. Outra cabeça. Um vampiro entrou pela porta lateral. Ivan não errou o disparo, mas o vampiro não caiu. No instante seguinte, quando puxava outra vez o gatilho, uma dor lancinante no peito. Ivan gritou. A dor aumentando. Entendia agora. Uma flecha tinha perfurado sua carne, atravessado seus ossos, prendendo-o à parede. Ainda conseguiu atingir o novo vampiro que entrava pelo buraco debaixo. Ergueu o fuzil na direção do vampiro resistente que entrava pela porta lateral. Fumaça saía do ferimento aberto no pescoço do vampiro, que grunhia enraivecido e injetava-lhe um olhar amedrontador. Disparou, atingindo o inimigo repetidas vezes, fazendo-o tombar bem na porta, com a cabeça para fora. Um novo vampiro surgiu pelo buraco da escotilha e um segundo pela porta lateral. Dor infernal! Ivan puxou o gatilho na direção do que vinha pela porta. Um estalo seco. Nenhuma explosão. Os vampiros franziram o cenho e fixaram o olhar no bravo sentinela. Ivan puxou a arma, não para recarregar, pois não havia mais tempo, mas para retirar a correntinha com o crucifixo do cano quente do fuzil. Mal teve tempo de desenroscar a peça a segurá-la contra a palma da mão, pois foi agarrado e erguido pelo pescoço, ferindo a cabeça ao batê-la contra o teto. A explosão de dor atrapalhou a visão. A cabeça latejando e o sofrimento causado pela flecha aumentando terrivelmente. O vampiro, que tinha entrado por baixo do abrigo, lambia o sangue de Feijão. Mais um entrava pelo buraco do chão, grunhindo e erguendo as narinas, embebedando-se do aroma hipnótico do sangue fresco derramado. O vampiro forte que lhe mantinha preso pelo pescoço exibia-lhe os dentes, anunciando seu final. Ivan apertou o crucifixo. Fechou os olhos. O ar faltando no peito, asfixia. A mão inimiga apertando ainda mais a traquéia. O sangue brotando do pescoço ferido pelas garras afiadas da criatura que penetravam sua carne. A haste da flecha rompida ainda estava cravada no tórax, quase na base do pescoço, sendo arrancada lentamente pela criatura. Quando achou que desmaiaria de dor, notou que os malditos estavam estáticos. Nenhum deles mexia-se. Pareciam esperar alguma coisa. Ivan fechou os olhos seguidas vezes, não porque quisesse, mas faltava-lhe forças para manter-se acordado. Os vampiros tentavam escutar algo. O humano percebeu que o barulho do lado de fora tinha cessado. Ouvia os tiros ao longe, vindos da muralha, mas as batidas no teto tinham parado e parecia ser isso que os vampiros estranhavam. E com razão. Era estranho demais. A casa da árvore estava tomada por vampiros enlouquecidos pelo cheiro do sangue. Os olhos dos vampiros iam daqui para ali, buscando explicação. Ouviram seguidos baques, como corpos caindo. De tanto estranhamento, o agressor chegou a afrouxar a garra e soltar Ivan no chão. Ao cair, a sentinela inspirou fundo, mandando oxigênio para a circulação. Deitou-se. Perderia a consciência. A flechada tinha provocado uma ferida fatal. O sangue abandonava o corpo com

rapidez, agora que a haste de fibra de carbono repousava na mão de seu algoz. Estava frio. Ouviu mais três baques. Corpos indo ao chão. Ivan forçou a visão uma última vez antes de mergulhar nas trevas. Uma mancha vermelha movimentando-se na guarita. Ergueu a mão com o crucifixo pendurado para o santo salvador. — Bento... — murmurou ao desmaiar.

Instantes atrás, Francis via Vicente poucos metros na sua frente, estando o grandalhão mais próximo do muro. Também segurava a espada e a balançava com ansiedade. O combate avizinhava-se. Logo os malditos estariam pulando o muro e seria a vez dos bentos baterem com as espadas. Fatiariam os invasores e lutariam com gana. Saberiam enfim porque a profecia dizia que Lucas seria especial em combate. Dependia daquele confronto colocarem em prática a seqüência do plano. Reunir os trinta bentos. Francis controlou a respiração. O odor intensificando-se. O cheiro das criaturas era inconfundível. Sentiu o suor brotar na testa. Frio na barriga. Era sempre assim. Cada um tinha uma reação. Para ele era como estar a bordo de um carrinho da montanha-russa e aquela era a hora em que o carrinho desprendia-se do cabo do elevador e entrava no trilho para o primeiro mergulho. Os tiros explodindo. Era formidável assistir o trabalho do muro. Os soldados eram bravos e derrubavam um bom número de criaturas, mesmo os malditos usando a velocidade sobrenatural da qual eram dotados. Mais três disparos de sinalizador para o céu. Os foguetes sinalizadores subiam até quase perder de vista, depois desciam vagorosamente, incandescentes, banhando de luz o deserto e permitindo maior sucesso contra as criaturas. Os disparos foram diminuindo de intensidade. Fato estranho. Muitas vezes os soldados conseguiam impedir a passagem dos malditos sem a interferência dos bentos, mas, dessa vez, estavam tão agitados e gritaram tantas vezes que a mancha era gigante. Francis conhecia esse ritual. Sabia que, pelo volume de gritos e movimentos, logo os malditos ganhariam os muros de São Vitor. Teria sido questão de poucos minutos. Alguma coisa anormal estava acontecendo. Os tiros reduziram. Depois veio uma explosão de vivas e festa por parte dos soldados. Francis estranhou mais. Buscou os olhos de Vicente. O bento estava parado, de costas para o muro, com os olhos esbugalhados em direção aos pilares onde Lucas fora acorrentado. O trigésimo bento não estava mais lá! As correntes balançavam soltas diante dos olhos espantados dos dois veteranos. Francis, lentamente virou a cabeça. Não podia ser!

Lucas parou retomando o controle sobre a respiração e sobre o próprio corpo. A luz amarelada do céu tinha desaparecido. O que via agora eram pontos de luz vermelha, descendo lentamente do céu. Sinalizadores... como aqueles usados pela marinha. Olhou enojado para a espada suja de sangue negro, fedorento e podre. Desviou o olhar da espada e olhou para o chão, seus olhos encheram-se de uma visão que só poderia ser a do próprio inferno. Nem Dante desenharia cenário igual. Guardou a arma cortante na bainha e olhou para os braços feridos. As

argolas da algeia ainda estavam presas em seus punhos e, de ambas, pedaços das correntes que lhe aprisionaram momentos atrás pendiam com seus elos encadeados, balançando como pêndulos. Aos seus pés, o corpo moribundo de um sentinela agonizante. O bento estava tonto, mas sentia-se bem. Sentia-se muito bem.

Francis chegou ao topo do muro um. Tinha que tomar cuidado com as cápsulas espalhadas pelo chão, seriam recarregadas. Colocou as mãos na borda da muralha e olhou para o areião, incrédulo. As luzes vermelhas dos sinalizadores desciam sobre um mar de corpos de vampiros aniquilados. A meio quilômetro dali, cercado por corpos decapitados amontoados, podia ver um homem com capa vermelha... um bento... o novato.

— Eu parei de atirar só para assistir. — disse um dos soldados, dando um tapinha no ombro do guerreiro incrédulo.

— Ele é o cara, bento Francis. Ele é o cara. — juntou outro.

Francis trocou mais um olhar silencioso com Vicente, que também chegara ao muro. Nunca tinham visto aquilo. O velho Bispo estava certo. O trigésimo bento chegaria ao mundo para acabar com os vampiros. E já tinha começado bem. Segundo os soldados, Lucas tinha acabado com metade do exército que viera com carga total. Deitados no areião deveria existir mais de dois mil corpos.

Os homens do muro ficaram estáticos, assistindo o bento aproximar-se pela areia, trazendo um corpo sobre o ombro direito.

Ao cruzar o portão, Lucas foi recebido com vivas e muita excitação. Os soldados nunca tinham visto nada igual.

Ivan foi prontamente socorrido e levado com vida pelo caminhão até o hospital. Tinham que agir rápido se quisessem salvar o pobre homem. Bastava estancar o sangue e repor o volume perdido. Aquele mundo onde doenças não existiam estava livre de infecções, inflamações e tormentos que acompanhavam ferimentos daquela proporção.

Lucas ainda conservava um ar de embaraço, perdido no meio da situação. Não tinha bem certeza do que tinha feito. Imagens ocupavam sua cabeça. Estivera de fato no areião. Lembrava-se do momento, investido de puro ódio, tirou a espada da bainha e traçou o primeiro arco no ar. O metal silvou e perpassou o pescoço de uma das criaturas. A cabeça gritante rolou para cima e tombou na areia. A escuridão, oportunamente, tinha abandonado o céu, que assumira uma estranha coloração amarelada. Lembrava-se de subir aquela escada vertical, de madeira. De subir destroçando o que encontrava pela frente. Pedacos de corpos caindo. Queria salvar o soldado e vampiro nenhum impediria isso. Mataria todos aqueles fedorentos. Os vampiros gritando. Via-se parando no topo da casa da árvore. Sua capa esvoaçando, belíssima. Salvando a

sentinela. Descendo com o homem nos ombros. Largando-o no areião, cercado. Vampiros vindo de todos os lados. Alguns atiravam flechas. Lembrava-se de ser melhor e mais rápido. Nesses momentos, quando era o mais rápido, sentia um frio na barriga. A maioria dos vampiros parecia congelada no tempo e ele, feroz, rasgando carne pálida, removendo cabeças do lugar. Manejava a espada como se a tivesse usado a vida toda, como se fosse algo que brotara na palma de sua mão, uma extensão que fizesse parte de seu corpo. Sabia exatamente qual caminho traçar com a lâmina. Sabia como deslizar sobre o osso. Fio afiado. Corpos tombando. Fúria. A capa vermelha dançando, confundindo o inimigo, protegendo o agressor. A medalha de São Jorge sacudindo no peito. Dentes cerrados. Olhos injetados. Fúria. Ossos e restos de vampiro batendo contra seu peito de prata. Abaixava-se e levava pernas e joelhos. Aparava um golpe com a espada. Contragolpe. Precisão. Certeza. Destruição. Desespero nos olhos das criaturas. Opressores vendo-se oprimidos. Girava e a capa vermelha voava. Medo. Respirava fundo. Enchia o peito. Aparava mais golpes. Uma espada em seu braço, batendo contra a malha de metal. Nessa hora, como saindo de um transe, no meio dos soldados, já protegido na fortificação, Lucas olhou para o braço atingido. Doía próximo ao cotovelo. Mexeu o braço. A articulação funcionava bem. Uma ferida muito pequena para quem havia enfrentado e vencido um exército de demônios.

Depois de entregar a sentinela para os soldados, cercado pelos homens que lhe rendiam exclamações de surpresa e imediata devoção, Lucas voltou para o portão. Atravessou novamente a pequena abertura, suficiente para passar um homem por vez. Viu Vicente e Francis a vinte metros de distância. Andavam entre os corpos, separando as cabeças dos vampiros que ainda se mexiam. Outros soldados também se adiantaram e puxavam pelas pernas alguns dos corpos. Lucas alcançou os bentos. Estavam calados. Francis abriu um sorriso.

— Então? O que achou?

Lucas encolheu os ombros sem dizer nada.

— Você é especial. Não restam dúvidas. — tornou Francis. Mais soldados passaram pelos bentos. Os homens puxavam os corpos espalhados, concentrando-os junto ao muro.

— O sol vai dar cabo desses corpos fedorentos. — explicou Vicente. — Quando amanhecer, já era. Viram pó.

Onde estavam, poucos dos vampiros estavam decapitados. A maioria, que agonizava, havia caído vítima das balas dos exímios atiradores de muralha.

— Se ainda existem alguns vivos, por que não estamos daquele jeito, parecendo malucos? — perguntou Lucas.

— Não sei. — respondeu Francis, enquanto descia a espada no pescoço de uma vampira, que sofregamente levantou a mão tentando evitar o golpe. — Sei que quando estão assim, moribundos, não ficamos descontrolados. Mas basta começarem a atacar... querem nos pegar...

— É isso mesmo, bento. Se os vampiros não atacam, não ficamos loucos. Sentimos o cheiro. Sabemos que estão por perto. Mas, se um deles pensar em levantar o dedo para nos pegar, pronto! Parece que o cão atíça a cabeça da gente e viramos marionetes assassinas de vampiro. — completou Vicente.

Lucas franziu a testa com repugnância. Vicente tirava a espada do peito de um vampiro e abria-lhe um talho na barriga. O vampiro era um homem gordo e da ferida escapou um bolo negro e mal cheiroso, revestido por uma película brilhosa. Vicente espetou essa bolha negra e um líquido espesso, e duas vezes mais fedorento, misturou-se com a areia.

— Sangue podre... — murmurou o soldado. Lucas recuou dois passos, enojado.

Olhou para o grupo de soldados que, com cautela, removia um vampiro decapitado de cima de um grupo que ele havia atacado. Retiraram outro corpo e, quando deram as costas, um par de braços brancos e de veias roxas levantou-se do amontoado de corpos, colocando uma flecha no arco que trazia. Um vampiro vivo e armando o ataque!

Bento Vicente e Francis pararam com o trabalho quando ouviram o grunhido escapando da boca de Lucas. Estáticos e espantados viram os olhos do trigésimo bento mudar de cor. Eram como as brasas que queimavam os olhos dos malditos noturnos, mas em vez de vermelho maléfico, os olhos emanavam uma luminosidade amarela viva. Era assustador. Contudo, as estranhezas não terminaram. Num piscar de olhos, Lucas tinha desaparecido diante de seus olhos e ressurgia duzentos metros a frente, a tempo de evitar que a flecha armada por um maldito fosse disparada contra os trabalhadores. A espada zuniu com tamanha agressividade que a cabeça do vampiro subiu dez metros antes de cair ao chão. Viram Lucas olhar para os lados, grunhindo como uma fera da escuridão, ameaçador. Quando o corpo do vampiro desfaleceu sobre a pilha viram os olhos amarelos apagarem-se lentamente. Sinistro. Trocaram um olhar demorado.

— Nunca, nem no céu nem no inferno, vi isso na minha vida. — murmurou Vicente.

— É, Grandão, você vai ter que dar o braço a torcer. Esse cara é o presente de Natal que estava faltando. A profecia não tem erro. Ele vai ser a peça chave da luta contra os vampiros.

— Você acha que com ele conseguimos invadir o Hospital das Clínicas?

— Com ele conseguiremos invadir até a casa do capeta, Vicente. Mas essa história de HC é melhor deixar para mais tarde. A profecia diz que agora é hora de juntar os trinta bentos.

Vicente grunhiu qualquer coisa inaudível, um tanto contrariado.

— Sairemos ao amanhecer. — comunicou Francis.

Capítulo 20

O mais difícil tinha sido esperar a desatenção do guarda do muro para embrenhar-se num amontoado de caibros e tábuas de madeira, onde, futuramente, seria erigido um barracão para ferramentas ou qualquer tipo de depósito. O coração batia rápido. Ainda ouvia os disparos na muralha um. Retirou do saco de pano, o pote de vidro. O líquido ainda estava morno. O velho não tinha dado trabalho. Morrera sem dar um pio. Sorrindo, contente com a perfeita execução da segunda fase de seu plano, o assassino retornou o pote ao saco de pano. Aquele punhado de sangue lhe compraria a eternidade. O vampiro tinha lhe prometido a conversão. Seria uma criatura da noite também. Seria imortal também. A vila de São Vítor lhe pagaria. Amaro pagaria. Todos pagariam. Tinha sido expulso de São Vítor por culpa de um mal-entendido, agora daria o troco. Seria o vilão que todos achavam que era. Daria razão às línguas e julgamentos daqueles cidadãos.

Talvez já tivessem dado por seu sumiço no hospital, mas, pelo que tinha entendido nos diálogos que tinha escutado, oportunamente não fora identificado. Sabiam que ele era um degredado, contudo não sabiam exatamente quem ele era. Caso dessem por sua falta, pediriam uma patrulha comum, procurando um doente enlouquecido. Enquanto não ouvisse a explosão, sabia que as coisas estavam dentro do controle e poderia esperar pelo amanhecer para tentar escapar com maior naturalidade, pois, mesmo driblando o guarda do muro, dificilmente passaria despercebido no areião. A sentinela da torre, por ser noite, por estarem sob ataque de vampiros, poderia até mesmo matá-lo antes que conseguisse esconder-se na floresta.

Tinha plantado um explosivo com detector de aproximação no quarto do velho. Assim que algum curioso, quando desse pela falta do homem, chegasse perto de seu leito, pronto. BUMMM! Poderia ouvir o barulho a quilômetros de distância. Depois desse alarme, não haveria volta. Fosse a hora que fosse, teria de transpor o muro e cruzar o areião. Os malditos soldados não demorariam dois minutos para ligar seu sumiço à explosão na casa do velho. Recostou-se ainda mais na madeira, desejando tornar-se invisível. Torcia para que a casa não explodisse antes do raiar do sol. Com alguma sorte, depois das oito da manhã, quando quase todos na vila já estavam metidos com seus afazeres, andando de lá para cá, um cidadão a mais perambulando no areião não chamaria tanto a atenção das sentinelas.

Capítulo 21

A vermelhidão no horizonte denunciava a chegada do sol. Em poucos minutos, o disco amarelo levantar-se-ia trazendo luz ao novo dia.

Lucas sentiu um cutucão no ombro. Estivera calado por mais de meia hora. Virou a cabeça e viu bento Francis.

— Venha. Veja o que acontece quando chega o sol.

Subiram a escada interna da muralha. Caminharam pelo corredor de manobras. Francis apontou para o pé do muro. Lucas debruçou-se e vislumbrou o amontoado de corpos de vampiros decapitados.

Três grupos de cinco soldados caminhavam pelo areião, cada um dos grupos arrastando atrás de si, atado por cordas, uma extensa chapa metálica.

— O que é aquilo? — perguntou Lucas.

— Você já vai ver.

Na face oposta da cidade, a luz do sol tocava o topo das árvores e avançava. Fora da cidade, os soldados puxando as chapas, afastaram-se cem metros do muro um. Limparam a areia de cima das peças, que deveriam medir dez metros de largura por dois de altura.

O sol ganhou altura e os benéficos raios de luz cruzaram acima da muralha. No entanto, em razão do ângulo da incidência da luz, a muralha de doze metros de altura produzia uma extensa sombra sobre o areião, protegendo o amontoado de corpos de vampiros ao seu pé.

Assim que a luz do sol tocou a areia, distante do muro, os soldados ergueram as chapas metálicas, fazendo com que a luz fosse refletida para o pé do muro.

— Afaste-se. — alertou Francis, puxando o ombro de Lucas para trás.

Uma fumaça branca subiu e foi levada para o alto pelo vento. Era fétida e densa. Lucas voltou a debruçar-se e olhar para baixo, porém a fumaça fazia os olhos arderem e nada podia ver. O cheiro era o mesmo que o tirava do sério quando os vampiros aproximavam-se. Não entendia bem por que não estava enlouquecido naquele instante.

— Por que o cheiro deles queimando não tira a gente do sério?

— Como estávamos explicando à noite, só saímos do sério quando eles querem nos atacar. Quando estão vindo contra as muralhas. Se cruzarmos no meio da floresta com um deles... sentimos o cheiro, mas podemos raciocinar. Ficamos mais ariscos, nervosos, pedindo para que os malditos cruzem nosso caminho, mas conseguimos nos controlar. Mas, se no meio da mata, na escuridão, eles também nos vêm e vêm pra cima... sai da frente! Ninguém segura a gente.

— É mais ou menos como um "sentido aranha"... Francis riu. Lembrava-se do homem-aranha.

— Deve ser. — respondeu.

Depois de alguns minutos, a fumaça dissolveu-se e então Lucas conseguiu enxergar a rés do muro. Uma pilha de estátuas ressequidas, lembrando o formato de braços e pernas esqueléticos. Os vampiros tinham praticamente virado pó.

— Assim que bater um vento mais forte, essa montanha horrorosa vira areia. — explicou o companheiro.

Francis ficou com o olhar perdido no horizonte por um instante. Depois de um longo hiato, virou-se para o novato.

— Vamos embora, Lucas. Temos que juntar os nossos amigos. Não podemos mais perder tempo. Quero descobrir de uma vez por todas que raios de milagres são esses que nos libertarão dos malditos.

Lucas não havia dormido aquela noite, contudo sentia-se muito disposto, como se os músculos não se cansassem da carga constante do traje e do fato de estar alerta há mais de vinte e quatro horas. Talvez o descanso acumulado de trinta anos causasse agora uma in-sônia permanente. Sentia apenas um pouco de fome, nada muito urgente, no entanto.

Ao chegarem ao quartel, Bento Vicente e sua capa vermelha desbotada estavam no pátio.

— Já é hora! — bradou o fortão.

Havia bastante movimentação. Soldados preparando armas. Mochilas sendo carregadas com alimento. Ao que pôde perceber contariam com a escolta de vários soldados.

— Quantos soldados vão conosco?

— Dez.

Francis pareceu avaliar o número. Depois de um breve momento, anuiu.

— Tudo bem. Só não podemos perder muito mais tempo. Serão muitas horas de viagem e muitos dias se passarão até que os trinta bentos estejam juntos. Cada hora perdida nos põe longe da vitória. Não podemos nos deter muito mais tempo.

— Estou aguardando Adriano, que está falando com Târsio. Amaro está preparando nossos cavalos. Os soldados vão nas monta-rias também, nada de motos.

— Você sabe montar? — perguntou Francis.

— Não me lembro.

— Vai ter que lembrar, Lucas. Vai ter que lembrar.

Capítulo 22

Três horas depois de terem deixado a fortificação de São Vítor, os três bentos, acompanhados por um grupo de dez soldados, chegavam ao topo de um aclave. Em seguida adentraram uma planície imensa, com árvores garbosas espalhadas aqui e ali pelo terreno coberto por um tapete verde de tirar o fôlego.

— Nossa! — exclamou Lucas, impressionado com a beleza do lugar.

— O senhor ainda não viu nada, bento Lucas. — acrescentou o soldado que vinha ao seu lado. — Esta terra tá linda demais. Parece que a gente só fazia maltratar esta natureza que nos cerca. Sem o homem destruindo tudo, parece que o mundo está até mais feliz.

O jeito simples do homem falar fez Lucas refletir. O soldado parecia não ser alguém muito instruído, mas era sincero. Falava a verdade. O planeta parecia feliz pelo fato do homem ter reduzido seus domínios, reduzido sua agressão. A natureza poderosa recuperava cada vez mais seu lugar de direito, sua saúde de direito. O verde espalhava-se e tomava os rincões, espalhando vida e beleza pelos quatro cantos do mundo. Mundo. Essa palavra fez Lucas suspirar. Olhou para os outros dois bentos e depois para os soldados. Estavam silenciosos. Avançando montados em cavalos tordilhos. Os animais tinham quase a mesma cor. Pelagem marrom escura, facilmente confundida com negro. Animais belos. Lucas puxou a rédea de sua montaria e fez o cavalo dar meia-volta. Olhou para a paisagem que se estendia morro abaixo. A palavra "mundo" ganhava um novo significado em sua cabeça. Como estariam os outros lugares? Os lugares que nunca tinha estado. Como estariam os outros países? Todos viveriam assim? Entocados. Escondidos durante a escuridão. Unidos no propósito de lutar contra aquela raça maligna. Lucas fez uma pausa nos pensamentos e abriu um sorriso quando uma grande borboleta pousou na crina de seu cavalo. Tentou colocá-la em seu dedo recoberto pela grossa luva. O inseto passou para a mão do bento por breves segundos e retomou vôo, empurrado pelo vento. Ainda sorria quando um barulho surdo e distante chegou aos ouvidos. Algo como uma explosão vinda de muito longe. Um segundo depois, ouviu a reação dos animais. Era como se a floresta morro abaixo ganhasse vida. Bandos de pássaros em revoada deixavam a copa das árvores, tingindo o céu em multicores. Um bando de pombos brancos veio em sua direção, fazendo Lucas curvar-se sobre o torso do tordilho, com medo de ser atingido. Pelas suas costas ouviu o galopar dos bentos e dos soldados voltando. Pararam na beira do morro.

— São Vítor! — exclamou Francis.

Bento Vicente segurava a rédea do cavalo, tentando mantê-lo parado. Os animais também tinham se agitado, andando para frente e para trás, empertigados.

— Vamos voltar? — perguntou Adriano.

— Não. Não podemos voltar. Isto já é o começo. Nossa primeira distração.

Os soldados olharam para Francis. Não sabiam o que ele queria dizer.

— O Bispo me preveniu. Disse que seriam muitas as armadilhas no caminho. Que lutaríamos contra o que não existia antes.

— Lutar contra o que não existia? Que merda isso quer dizer? — perguntou o bento mais truculento.

— Não sei, Vicente. Não sei. Só sei que temos de ser velozes. Vamos continuar. Temos que unir os trintas bentos, os trinta guerreiros. Só assim a vitória contra o mal prevalecerá.

Francis bateu com a rédea nas ancas de seu cavalo e disparou. Os soldados acompanharam o cavaleiro em seu galope.

Bento Vicente aproximou-se de Lucas e golpeou a anca do cavalo, que disparou sobre o gramado, pegando o bento novato desprevenido. Lucas agarrou-se às rédeas, mas, para surpresa do veterano, encaixou-se na sela e encontrou equilíbrio, dominando o animal. Lucas continuou a corrida, aproximando-se da manada em disparada. Vicente ficara para trás. O bento, antes de disparar em perseguição ao grupo, olhava para o horizonte. Um fio de fumaça subia ao encontro das nuvens. Achava que deveriam voltar. São Vítor corria perigo.

Às onze da manhã, o comboio parou na beira de um lago. Lucas, como de costume nas últimas horas, ficou encantado com a paisagem. Um enorme bando de capivaras correndo na margem, em disparada, provavelmente assustadas com a aproximação dos cavaleiros. O sol radiante produzia um brilho encantador sobre a água, ondulando somente sob os pés nervosos dos animais silvestres. Os homens apearam, Lucas foi o último a descer do tordilho. Logo um soldado aproximou-se tomou a rédea do animal, prendendo-o junto aos outros. Os soldados retiraram os calçados e lavavam os pés no lago. Francis e Vicente conversavam, pareciam discutir um assunto tenso. Lucas demorou um instante com os olhos na paisagem. Faltava muito para acostumar-se com a paleta do mundo novo, com o azul assustador do *céu*, com o número de pássaros piando nas matas e o tanto de bichos cruzando o caminho. Percebeu que os soldados que chamavam de Paraná e Joel descarregavam parte dos cavalos. Paraná era *alto e*, igualmente a bento Vicente, muito forte. Mais um amigo juntou-se a eles, este tinha as feições de índio, com a pele morena e cabelos escorridos. Um homem, que apesar da feição madura, na faixa dos quarenta anos, exalava vigor e juventude, atendia pelo nome de Raul. O tal Joel era um rapaz negro, magro e bem mais jovem. Vinte e dois, vinte e quatro anos, no máximo. Ao que pôde entender, estavam preparando um acampamento.

Adriano enxugou o cavanhaque amarelo com o braço. Fitou demoradamente o lago. Não estava em seus planos estar ali. Uma hora dessas estaria voltando para Nova Luz, levando notícias de volta ao lar. Voltando para sua mulher, Carina. Tinha lá seus afazeres. Mas era um soldado. Um líder de pelotão. Não era dono de seu destino. Seu lugar era a estrada e as

aventuras. A briga árdua contra os vampiros. Estar junto aos bentos era um coringa. Poderia significar proteção ou morte. Os bentos eram temidos pelos vampiros, mas, quando eram detectados pelo lado do mal, tornavam-se troféus cobiçados. Alvos ambulantes. Fariam de tudo para derrubá-los. Tudo para fazer com que a profecia não se cumprisse. Para que os bentos não fossem trinta. O soldado virou-se e olhou para o bento novato. Lucas estava afastado, longe de Vicente e Francis, que discutiam alguma coisa. Que ironia! Um dia. Um dia a mais e Gaspar teria vivido para ver aquilo. O trigésimo bento acordado.

Talvez os soldados que conheciam o plano desistissem e finalmente se rendessem à profecia. Se duas noites atrás o maldito plano não fosse mais a coisa importante que era... talvez não tivesse que ter dado aquele tiro no meio da testa do amigo... não tivesse que ter dado um jeito em Gaspar. Adriano baixou a cabeça um instante. Olhou para o lado e viu Gaspar ali com eles, ajudando Marcel e Paraná a prepararem a bóia. Adriano não era um cara de coração mole, mas teve que apertar os olhos que estavam ficando vermelhos. Olhou de novo para o bento. Um rapaz magrelo, perdido no meio dos soldados, parecendo com medo até de pisar na bosta dos cavalos. Se não tivesse visto o estrago que aquele magricela tinha produzido ontem no areião, não acreditaria que ele fosse capaz de empunhar a espada que carregava. Balançou a cabeça. Abaixou-se e encheu o cantil com água. Antes de partir, repetiria a operação. Gostava de carregar água fresca. Caminhou sem botas pelo solo marcado, entremeado por grama e terra seca. Sentou-se no chão e recostou-se em um largo tronco. Paraná assoprava os gravetos empilhados, atizando fogo. Os outros homens também estavam livres das botas e procuravam relaxar. Cumpriam uma espécie de ritual de início de toda jornada. Aproveitavam ao máximo as primeiras paradas, quando ainda estavam incógnitos e em área segura. A partir do pôr-do-sol estariam andando em terreno inimigo. Mesmo que não cruzassem com vampiros durante a primeira noite, poderiam cruzar com mulos pela manhã ou com banidos que viviam na mata e agora serviam aos noturnos. O problema não era a primeira briga. Era o que vinha depois. Um encontro, uma briga, durante o dia ou noite, contra mulos ou vampiros, servia de alerta. Delatava a posição do grupo e era particularmente perigoso quando carregavam bentos consigo. Troféus ambulantes. Seus soldados teriam de lutar com toda a gana para manter aquele magrelo vivo. Precisavam juntar os trinta bentos. Era isso que cada um deles repetia-se, feito um mantra. Só assim manteriam a cabeça no lugar, arriscando o pescoço por um grupo de esquisitos que andavam para lá e para cá com capas vermelhas. Um grupo que, quando fosse posto junto, desencadearia os quatro milagres. Salvação. Era por isso que aquela jornada valia a pena. Era por isso que correr risco valia a pena. O soldado líder de Nova Luz fechou os olhos. Pensou em Carina.

Marcel tinha desembalado todo o equipamento da cozinha. Tirou o lenço da cabeça e esfregou-o no cano de sua arma. Tinha que manter o rifle sempre limpo e pronto para a ação.

O grandalhão Paraná jogou um punhado de carne seca dentro da panela e pendurou acima das chamas. Mexeu com uma colher de pau para as ervas e temperos misturarem-se à carne e ao óleo. Despejou grãos de arroz numa outra peça. Uma panelada de legumes completaria a refeição. A comida não era abundante, por isso fazia questão de caprichar no sabor. Sorriu quando Sinatra começou a cantar. Gostava da voz do amigo, sempre presente nas andanças de soldados. Mexeu mais uma vez na panela da carne. O aroma dos temperos começava a espalhar-se e a abrir o apetite dos companheiros de jornada. A comida era racionada em função do volume a ser transportado. Os cavalos carregavam um bom peso, mas a maior parte da carga era reservada ao armamento. Como poderiam ficar vários dias na mata antes de alcançar a próxima fortificação, era preciso economizar nas refeições. Paraná olhou para Marcel, o rapaz ainda esfregava a arma com o lenço que usava na cabeça. Aproximou-se calado, sem chamar a atenção dos outros.

— Ô, Marcel.

O rapaz negro olhou para o grandalhão.

— Desculpe o mau jeito lá no Rancho da Pamonha, mas foi o único jeito de fazer você parar.

— Minha cabeça tá doendo até agora, mas tudo bem. Fazer o quê? Eu estava fora de controle, não estava?

Paraná anuiu, balançando repetidamente a cabeça.

— Então deixa pra lá, Paraná. Tomara que você não perca o controle numa próxima vez. Se eu tiver que te esbofetear com esse meu muque... acho que você não vai sobreviver. — emendou o soldado, exibindo o bíceps do braço magro, caindo na risada com a própria brincadeira.

Paraná riu de volta.

Lucas, sentindo-se deslocado, juntou-se aos bentos. Ao aproximar-se notou que ainda discutiam calorosamente. Não estavam exatamente aos berros, mas pareciam nervosos. O suficiente para fazer saber que batiam boca, comedidos para não inflar o grupo, mas ríspidos.

Lucas olhou para o soldado que cantava, o que chamavam de Sinatra. O bento sorriu e passou a mão na cabeça. Conhecia aquela canção. Como era o nome? Não lembrava. E o cantor? Era o... Lulu. Lulu Santos!

— Quem disse que o rádio não funciona mais? — perguntou Francis, o bento médico, aproximando-se. — É por isso que a gente gosta de andar com o Sinatra. Um rádio ambulante.

— Eu lembrei o nome do cantor dessa música.

— Você vai lembrar um monte de coisas, bento. Tem gente que lembra a vida toda. Mas com sortudos como você, que dormiram tempo demais, talvez demore um pouco ou até nunca volte tudo.

— Quando acordei não lembrava nem do meu nome.

— É assim mesmo.

— O que vocês estavam discutindo tanto?

— Um pouco demais para você, Lucas. Ainda não é da sua conta. — respondeu Francis.

Lucas ficou surpreso com a resposta atravessada, mas não insistiu. Era um novato. Tinha pouca informação, até mesmo para discutir.

Adriano olhou para o bento mais velho. Sabia que os dois veteranos discutiam por causa do plano secreto, o plano alternativo. Bento Vicente, um dos poucos bentos a engajar-se na causa dos soldados, certamente tentava convencer Francis a empurrar Lucas em direção à concretização do plano desenvolvido por um grupo de soldados inconformados. Mas, o líder dos soldados de Nova Luz sabia que o bento Francis não colocaria em risco a conclusão da profecia em troca da ação ousada que teriam de encenar, caso quisessem botar as mãos na máquina. E ainda contra o plano pesava o fato de não terem certeza de que a máquina ainda funcionaria.

— Temos que comer rápido! — gritou Francis. — Engulam a bóia, nada de soneca, levantamos acampamento e tchau e benção. Temos muito chão para cruzar até Esperança. Lá nosso grupo aumenta. Encontraremos mais dois companheiros: bento Edgar e bento Duque. Pra chegar lá vamos passar duas noites na floresta.

Francis andava sem capa, a armadura cobrindo o tronco refulgia com a luz do sol. O crucifixo encravado no peito fazia lembrar cavaleiros das cruzadas. A imagem de São Jorge balançava presa ao cordão encardido enquanto o bento gesticulava e falava com o grupo.

Bento Vicente, depois da interrupção da discussão, tinha distanciado-se. A capa desbotada balançava levemente, empurrada pelo vento calmo que cruzava sobre as águas do lago.

Fora os sete soldados do grupo de Adriano, compunham o comboio mais três soldados oriundos de São Vitor. O líder Willian e os soldados Carlos e Alicate. Carlos era o mais falante dos três, com um linguajar de malandro e sotaque fluminense. Era também o que Lucas conhecia melhor dentre todos os soldados.

Francis voltou até onde o novato estava. Pediu que se sentasse em um dos troncos ao redor do fogo.

— Depois que chegarmos a Esperança e apanharmos a primeira dupla de bentos, deixamos o sul e começamos a rumar para o norte. E quando eu digo norte, é norte mesmo. Temos bentos espalhados pelo Brasil. Vamos ter de subir, rumo a Bahia. Vamos refazer parte desse caminho de hoje depois de passar por Esperança, mas nos desviaremos de São Vitor. Se conseguirmos manter uma boa marcha, acelerada, acho que no máximo em trinta, trinta e dois dias, teremos todos os bentos reunidos.

— As trinta espadas.

— O quê?

— Como o Bispo falou. Pediu para reunirmos os trinta bentos. As trinta espadas. Só nós, bentos, carregamos espadas.

— É. Como eu dizia, acho que em um mês estaremos os trinta reunidos e teremos o início do prometido. Os milagres.

— Quatro milagres que salvarão o mundo. Francis olhou para Lucas.

— Lucas, eu vi o que você fez ontem. Carlos me disse que contaram por alto. Você derrubou trezentos e sessenta vampiros em um único ataque.

Lucas passou a mão na cabeça e suspirou. Trezentos e sessenta!

— Isso é coisa pra caramba! Nunca tinha visto isso. Para você ter uma idéia, Vicente já abateu seiscentas criaturas, em todos os anos de bento. Se você repetir a façanha, você alcança o placar do bento mais produtivo na sua segunda batalha. Isso é fantástico. Isso é tudo o que precisávamos, mas estou preocupado. — Francis baixou mais a voz. — Não sei se isso será uma constante em suas lutas. Não sei até quando você continuará favorecido. Então, quero que preste muita atenção. Não se exponha a riscos desnecessários. Precisamos de você vivo. O que você fez ontem já te confere o *status* de herói, não precisa fazer mais nada. Quero você vivo até juntarmos os trinta bentos. Precisamos descobrir quais são os milagres que irão nos libertar dos malditos.

— Quatro milagres. — balbuciou Lucas.

— Quatro milagres. É tudo o que precisamos. Os quatro milagres.

— Talvez assim que nos juntemos, os vampiros peguem fogo e desapareçam.

Francis sorriu.

— Não. Esse seria um milagre *premium*. Acho que não temos direito a esse pacote. Bispo disse que, mesmo depois dos milagres, ainda teremos muita luta. A vitória não estará garantida, mas o caminho será sinalizado. — proferiu o bento veterano.

— É muita responsabilidade para nós, não é?

— Você vive uma vida diferente agora, bento Lucas. No passado, naquela terra perdida, com nossos corações cobertos pela poluição e pelo dinheiro, nossos valores estavam também confusos e sepultados. Agora, a verdade e o propósito são claros. Seja bento ou não, todas as pessoas de bem vivem em função do próximo. Todos querem proteger o irmão, ajudar o irmão, viver em comunhão. E é isso que estamos buscando, cruzando essas florestas. Um remédio definitivo contra o mal vampiro. Cuida do próximo que estará cuidando de ti mesmo.

Lucas aquiesceu. Concordava, mas continuava achando que a missão de salvar o mundo era muita responsabilidade para trinta homens.

Os cavalos soltos na planície foram reagrupados. Sinatra e Zacarias cuidaram da parafernália do almoço, enquanto Joel e Marcel carregaram os cavalos. Era hora de deixar para trás o acampamento do almoço e voltar para a floresta. Teriam de encontrar um lugar seguro para o acampamento noturno. Sabiam que estavam numa região que os favorecia. Os ataques

durante a noite a grupos de soldados eram menores naquela parte do trajeto. O que preocupava os mais experientes era a noite seguinte, quando estariam em zona de grande risco. Mesmo estando com os bentos que arrebatavam com as criaturas, o medo insistia em suas veias.

Estavam quase todos montados quando ouviram o galopar. Um cavalo aproximava-se, trazendo alguém em suas costas. O homem gesticulava. Queria que esperassem. Carlos tirou sua pistola da cintura e deixou-a pronta. Da distância que estava não podia identificar o cavaleiro. Pouco provável que fosse um desconhecido, mas o seguro morreu de velho.

— É um mensageiro de São Vítor. — disse o líder Willian, baixando o binóculo.

O cavaleiro precisou de mais um minuto para vencer a distância. Estava agitado.

— Graças a Deus! Graças a Deus encontrei vocês!

Vicente circulou o cavaleiro. Mordeu os lábios. Sabia que aquela explosão que tinham escutado significava problema.

— O que aconteceu, mensageiro?

— Uma desgraça, Willian! Uma desgraça. Uma explosão.

— Ouvimos a explosão, garoto.

O rapaz olhou espantado para bento Francis.

— Por que não voltou, senhor? Estamos em apuros. Todos estão em pânico.

— Desembuche logo, rapaz. O que aconteceu?

— A casa do Bispo, senhor. Ela explodiu. Tudo virou fogo. O *seu* Fernando entrou na casa e nunca mais saiu. O fogo comeu tudo. Os dois morreram.

— Como isso aconteceu? — perguntou Willian.

— Ainda não sabemos, senhor. Mas, graças a Deus, alcancei os senhores. Estão tentando descobrir o que aconteceu na casa do seu Bispo. Precisamos de vocês lá. Estão todos em pânico.

Os soldados sabiam que a morte de Bispo pesaria enormemente. Não só em São Vítor, mas em todo o país. Bispo era uma espécie de guia. Uma luz. Alguém que conhecia o que os olhos humanos não viam. Era o responsável pelo renascimento da esperança. E, justamente agora, quando o trigésimo bento caminhava ao encontro do cumprimento da profecia, os olhos de Bispo iam-se embora, lançando sombras sobre o futuro. A fé seria abalada.

— Ninguém vai voltar, mensageiro.

Todos os olhares convergiram para Francis.

— Ninguém vai voltar. — repetiu. Os soldados ficaram quietos.

O mensageiro de São Vítor permaneceu encarando o bento, como se o guerreiro lhe cravasse um golpe de misericórdia, acabando com o fio de vida em sua esperança. Sua face, de boca aberta, não escondia a surpresa e a decepção. O garoto procurou sustentação no olhar de Vicente e do líder Willian. Aquilo só podia ser brincadeira do bento Francis.

— Devíamos voltar. — disse Lucas, rompendo o silêncio. Francis encarou o novato.

— Não, Lucas. Não devemos voltar. Nosso destino está na nossa frente. Devemos continuar rumando para o sul. Ao encontro dos dois bentos em Esperança. De que serviremos em São Vitor? Somos abençoados, mas não levantamos mortos. Se Bispo está morto, deve ser enterrado. Descubram o que aconteceu. Não conseguiremos fazer o velho Bispo levantar da cova. Isso é só o começo. O próprio Bispo havia me prevenido. O despertar de Lucas não é a garantia da vitória. Esses malditos vampiros e seus mulos plantarão mais armadilhas. Se deixarmos o caminho para Esperança, deixaremos o caminho para o cumprimento do que foi visto. Os trinta bentos têm que se juntar. Só depois disso veremos qual será nosso caminho.

— Devíamos é aproveitar a força desse desengonçado e tentar colocar as mãos na máquina. — resmungou Vicente, aproximando-se do grupo mais uma vez.

O cavalo de Vicente empinou, agitando os demais.

— Já discutimos isso, Vicente. Agora temos o trigésimo bento. Não precisaremos da máquina se formos rápido.

— Deus te ouça. — retrucou Adriano.

Francis olhou com reprovação para Adriano, depois se dirigiu ao mensageiro.

— Vá para São Vitor e diga que nada podemos fazer.

— Coloque os soldados em alerta. Dobrem a segurança. Peça que Amaro investigue pessoalmente o ocorrido. Peça que levem o corpo do Bispo ao hospital antes de ser enterrado. — orientou o líder Willian, mostrando-se preparado para situações de emergência. — Peça que Amaro explique ao povo por que motivo não voltamos.

— Não podemos acordar os mortos. Bento Francis está certo. Temos uma missão de importância sem precedentes em nossa História.

— Sem precedentes em nossa História. — repetiu o mensageiro, vacilante, como se quisesse decorar cada palavra do líder Willian.

— Não percamos mais tempo. Vamos! — bradou o bento. Francis guiou o grupo, circulando na margem do rio, galopando rapidamente.

Lucas lançou um olhar para trás. O mensageiro também galopava. Ia no sentido oposto, retornando a São Vitor. O bento olhou para frente e agarrou-se firme à rédea. Estava acostumando-se com a montaria. A capa vermelha esvoaçava e a espada batia em sua perna ao sabor do galope. Ouvia o tilintar de sua touca metálica, a cota de malha, cobrindo seus ouvidos. Seria um sonho? Aquele novo mundo assustava. Era um escolhido, no dorso de um cavalo numa cruzada inimaginável. Em busca de outros bentos. Em busca de uma profecia. Em busca de milagres e salvação.

Capítulo 23

Cantarzo ergueu as narinas, deixando o vento noturno invadir seus pulmões. Cheiro de fumaça. Em algum lugar distante, na floresta, viajantes acampavam. Soldados, banidos, não importava. Nada queria com eles essa noite. Queria apenas encontrar seu soldado. Seu "pau-mandado". Cantarzo balançava no topo da árvore. O galho fino no cume não agüentaria o peso de um homem daquele tamanho, mas a criatura, há muito, não poderia ser denominada de homem. Era outra coisa. Uma coisa encantada. Um bicho da noite. A criatura, pendurada feito um animal silvestre, era um vampiro. Um vampiro caçador da melhor qualidade. Saltou do cume da árvore para outro. O esplendoroso firmamento refletindo luz branda para a Terra. A sombra do vampiro cruzou o topo de doze árvores na floresta. Curioso. Os cheiro dos viajantes convergia para o ponto de encontro. Talvez depois de tratar com lacaio... talvez fizesse uma visita. Era sua natureza. Caçar, assustar, beber vida. Quem sabe os viajantes pudessem ajudar, dando pistas sobre o paradeiro de um novo Rio de Sangue? Cantarzo saltou, cruzando o ar e parando no topo de um eucalipto. Seguiu o cheiro. Estavam longe, mas logo estaria sobre eles. Colocando suas unhas afiadas sobre a jugular da caça, impingindo medo e dominação. Seduzindo. Fazendo-os falar. Gostava disso. Gostava de sua função. Muito melhor do que viver como Raquel, ora ensinando novatos, ora lambendo as botas dos mais antigos dos moradores das sombras. Raquel cortejava e gostava de ser cortejada. Vivia em prol daqueles parasitas que temiam a mata. Os parasitas que sugavam somente os adormecidos. Ele não queria aquilo. Era um vampiro caçador. Queria a floresta, queria a noite. Queria vento mexendo com as tiras de couro que prendiam seus cabelos. Queria cravar os dentes no pescoço dos desavisados. Tomar energia direto da fonte. Do sangue humano. O mais poderoso e delicioso dentre os animais. Acelerou os saltos. As copas das árvores agitavam-se com sua presença, balançando ao sabor de sua passagem. Os pássaros desavisados disparavam em vôo quando o vampiro batia nos galhos onde faziam ninho. Agitavam outras criaturas. Era como se, em conjunto, dissessem: cuidado, é o vampiro que passa.

Cantarzo desceu pelo tronco largo do *flamboyant* florido. Um trecho do chão ficava sem a cobertura verde e tornava-se de barro. Pegadas. Rastros frescos. Cavalos tinham passado por ali. Talvez seis, talvez mais. Andou pelo gramado. Os olhos de vampiro perscrutando a escuridão. Nenhuma pista adicional. Cavalos. Provavelmente soldados. Só os soldados andavam em bandos naquela região. Banidos, em geral, eram homens solitários. Homens que não se enquadravam nas regras dos acuados. Das pessoas envoltas nos muros. Eram a escória errante, pedindo pelo apadrinhamento de um vampiro, como fizera seu lacaio. Eles sempre chegavam com o mesmo pedido. Doce e maldita vida eterna.

Cantarzo ergueu os olhos, atento. Um estalido. Correu e saltou para o tronco de outra árvore frondosa, escalando com agilidade seus primeiros galhos. Olhou para a floresta. Nada. Talvez um engano. Depois de ter abandonado Raquel e seus estúpidos seguidores à própria sorte no esconderijo dos soldados na beira da estrada, tinha que colocar um olho nas costas. Sabia que a vampira viria como raio atrás de vingança. Cantarzo sorriu. Gostava de irritar a guerreira. Achava-a petulante, sempre cercada por aqueles vampiros grandalhões. Achava-se protegida. Assim que tivesse a chance, Cantarzo rasgaria o segundo olho da vampira. Deixaria cega e perdida nas sombras. Mostraria a ela o que era agilidade na caçada. O que era esperteza. Ela e aquele vampiro Gerson pagariam caro pela arrogância que carregavam. Ainda mais se seu plano concretizasse-se. Um plano que traria a ele a proteção absoluta dos vampiros mais velhos e lhe daria poder fundamental para subjugar de uma vez por todas a raça humana. Dar-lhe-ia poder suficiente para erigir um exército de noturnos. Um exército de irmãos da noite, que mostraria aos mais antigos o quanto ele, Cantarzo, estava certo. O lugar dos vampiros era na superfície, com a raça inferior humana subjugada.

Cantarzo saltou para outra árvore, ganhando altura. Vasculhou as redondezas. Nem mesmo Raquel conseguiria esconder-se tão bem. Raquel estava ocupada. Tinha ouvido um dos vampiros comentar que Raquel havia sido chamada num dos grandes centros vampíricos. Alguma coisa grande acontecia. Alguma coisa importante incomodava os mais velhos. Cantarzo não se interessava. Caso seu plano surtisse o efeito vislumbrado, ganharia poder inimaginável. Poder para açoitara fortificações de forma contundente. Poder para dar-lhes a vitória contra a resistência e lhes garantir o domínio sobre todos os Rios de Sangue da Terra.

Cantarzo ergueu mais uma vez o nariz. O cheiro de fumaça estava mais forte. Tinha uma direção segura. Caso o maldito lacaio ainda não estivesse no ponto de encontro, um pouco de ação para exercitar não seria de todo o mal.



Francis ouviu o som dos pássaros em revoada. Era madrugada. Aquele som queria dizer uma coisa: perigo. Os pássaros estavam fugindo. Fugindo de vampiros!

O bento deixou sua tenda. Os olhos arregalaram.

Aproximou-se dos soldados de sentinela e perguntou:

— Quem acendeu essa droga de fogueira?

Raul, Joel e Carlos estavam vigiando o acampamento e não tinham acendido fogueira alguma. Olharam para as cinzas mortas do fogo que usaram para preparar o jantar e voltaram os olhos para o bento. Estaria louco?

Francis, notando a indagação no olhar dos soldados, completou:

— Não estou falando desta fogueira, diacho! Estou falando daquela fogueira!

Os homens tiveram que esforçar a visão. Finalmente, depois de localizarem-se com a indicação do bento, enxergaram um fio de fumaça subindo ao céu, com uma pequena parte passando ao largo do halo de luz provocado pela lua.

Raul deu de ombros.

— Não tínhamos nota...

— Sssshhhhh! — fez o bento, colocando o dedo na frente da boca. Os homens ficaram em silêncio.

Joel apanhou sua arma.

Ouviram.

Uma árvore balançou. Mais pássaros deixaram os galhos. Alguns passando em frente à lua.

— Silêncio. — pediu o bento.

Raul e Carlos deitaram a mão em seus rifles. Carlos fez o sinal-da-cruz. Mesmo com três bentos, não era a hora certa de cruzar com um bando de vampiros. Se eles fossem muitos... os bentos seriam mortos!

Joel olhou para o bento.

— Eles vão nos pegar.

— Fiquem quietos, que não virão. Estão atrás daquele fio de fumaça que algum idiota acendeu. Eles não nos viram.

— Como sabe que não viram a gente?

— Se tivessem visto, Joel, eu já estaria louco, tomado. Estaria correndo ao encontro daquela árvore agora.

A árvore balançou mais uma vez e a criatura passou para o outro galho. Os homens no acampamento não conseguiam ver o vampiro. Não sabiam dizer se era um ou mais.

Cantarzo agarrou-se ao galho fino. Pendeu o corpo até a ponta, fazendo o ramo vergar. Olhou para a fogueira. Não parecia um acampamento. Havia uma grande pedra debaixo dela, abrigo para um homem só. Saltou da árvore. Seu corpo cruzou o ar com rapidez e bateu no chão sem fazer barulho. O homem dormia. Cheiro de sangue. Cantarzo deixou os olhos vermelhos brilharem. Emitiu involuntariamente um ligeiro grunhido. Suas unhas afiadas dançaram no ar. Seus instintos falavam alto. Queria o sangue. O cheiro tomava todo o seu ser e começava a drenar-lhe a razão. Caminhou ao encontro do homem. Um cheiro familiar tomando as narinas. O homem mexeu-se no seu sono, virando o corpo. Cantarzo viu seu rosto. Exibiu os dentes pontiagudos e grunhiu mais alto. O homem remexeu-se. Cantarzo aproximou-se e agarrou-lhe pelo pescoço, erguendo-o de uma vez e colocando-o contra a parede de pedra.

— Você! — grunhiu o vampiro. O homem gritou aterrorizado.

— O que faz aqui tão cedo? Por que acampa no mato, com fogo aceso? Quer ser morto por outro vampiro?!

— Não, Cantarzo. Não!

— Por que não foi ao ponto de encontro?

— Ainda estava longe! Gasp! Está me enforcando. Cantarzo não deu ouvidos, continuando a segurar o laçaio pelo pescoço.

— Eu consegui! Eu consegui! Trouxe o que me pediu.

— Tão fácil? Não vejo feridas.

— Eles são tolos, vampiro. Disse que eram. Não sei como vocês não conseguem tomar aquela porcaria de cidade. Vocês são tantos.

Cantarzo grunhiu nervoso e soltou a garganta do homem, deixando-o no chão.

— Não tomamos porque não é nossa hora, ainda. Chegará o momento de nossa raça jogar. Jogar para valer.

— Jogar?

— Um dia será nossa vez nesse jogo, mortal, será nosso *round*. Será o fim de sua raça.

— Você prometeu me transformar num vampiro...

— Primeiro cumpra suas tarefas.

O homem passava a mão no pescoço, buscando aliviar a dor do estrangulamento sofrido. Ainda tremia quando virou-se e encarou o vampiro. Tinha medo daquela face espectral, daqueles olhos que banhavam ao redor com luz vermelha.

— Onde está meu tesouro, Lúcio?

O laçaio arrepiou-se ao ser chamado pelo nome pela criatura. Era a primeira vez que o ouvia da boca do vampiro.

Lúcio apanhou um saco de couro e, de dentro dele, retirou um jarro de vidro.

— Aqui está, vampiro.

— Você conseguiu... — murmurou o vampiro com os olhos brilhando.

Cantarzo estendeu a mão para apanhar o pote, mas antes que o alcançasse o humano recolheu o jarro, abraçando-o. O vampiro grunhiu.

— Passei por maus bocados, vampiro. Não ouse me abandonar. Não ouse quebrar sua promessa. Serei o homem mais caçado nesse mundo todo por culpa do meu crime.

Cantarzo urrou e ergueu o mortal mais uma vez pelo pescoço.

Tomou o cuidado de amparar o jarro de vidro, evitando sua queda.

— Como ousa tu, mortal, cobrar de mim alguma coisa? Não tem medo de mim, criatura?

O homem engoliu a seco. Estava apavorado na verdade. Cantarzo era um vampiro terrível. Conhecia a fama do caçador. Era uma lenda na floresta. Os olhos vermelhos da criatura pareciam cuspir fogo.

— Eu temo, Cantarzo. Eu temo. Con... Confio em você. Mas quero ter certeza de que me tornará um vampiro. Não gosto dos homens. Eles só me maltratam.

Cantarzo soltou a vítima. Ergueu o jarro até a altura dos olhos. Encostou o nariz no jarro. Uma velha etiqueta de papel, com a logomarca da Cica suja de sangue humano, envolvia o vidro.

— Como conseguiu?

— Eu fingi que estava desmaiado na beira da estrada quando ouvi as motos. Foi mais fácil do que eu esperava. Quando vi já estava dentro da cidade, sem perguntas, incógnito. Como você conseguiu incitar um ataque a fortaleza, assim que dispararam o alarme e todo mundo ficou louco e preocupado em se esconder dos vampiros, eu me esgueirei do hospital. Sei como as coisas funcionam. Com todo mundo em alerta, os soldados deixaram o quartel e tive tempo de visitar o arsenal. Apanhei um explosivo. Uma bomba com detector de movimento. Entrei na casa do Bispo, degolei o velho e enchi o jarro com o sangue. Essa parte foi fácil, porque o velho não tinha muita força, sabe. Ficou com aquele olhão arregalado, só esperando o que eu ia fazer. Como os homens me maltrataram pra caramba, eu também maltratei o velho. Espetei ele aqui, ali. Depois degolei, como a gente combinou. Plantei a bomba de aproximação e me mocozei num monte de madeira junto do muro. Sabia que ninguém ia até a casa do velho. E alguma coisa me dizia que eu saberia a hora em que encontrariam o corpo do Bispo. Ouvi uma certa explosão, sabe... — comentou ironicamente o assassino, querendo ser engraçado e exibindo um sorriso sádico. — De manhã, quando a casa do velho explodiu, a confusão foi armada toda de novo. Foi fácil passar pelo muro. A sentinela do areião me viu, mas estava tão atônito com a explosão que só perguntou se eu sabia o que tinha acontecido. Falei que foi a caldeira do refeitório que tinha ido pro saco. Ele engoliu. Mas, a uma hora dessas já devem estar atrás de mim. Isso não importa. O sangue do feiticeiro está nas suas mãos agora.

Cantarzo olhou mais uma vez para o jarro. Incrédulo. Ajoelhou-se, segurando o recipiente com as mãos espalmadas. Um troféu. Mais valioso que a cabeça de um bento.

— Se isso for o sangue de um bento, humano. Eu acabo com você.

— Fica calmo, Cantarzo. Juro por Deus que é o sangue do Bispo. Como você acha que ia conseguir degolar um bento? Os caras são fogo. São fortes. O Bispo, pobrezinho, era só um velho indefeso.

Cantarzo abaixou-se e colocou a jarra no chão. Tinha que tomar o sangue conseguido e descobrir se sua trama teria efeito.

— Conta, vampiro. Quando vai me tornar vampiro?

— Silêncio.

Lúcio não ousou abrir a boca novamente. Havia algo de bizarro na voz da criatura.

Cantarzo desrosqueou o pote. O cheiro do sangue de Bispo infestou suas narinas. Era um cheiro bom. Um aroma adocicado... mas havia algo diferente ali. Só o cheiro já dizia. Sangue especial. Safra rara. Cantarzo aproximou o pote da boca. Sorveu o conteúdo todo a grandes goles, fechando os olhos. Baixou o vidro só depois de saborear a última gota. Passou a mão pela boca, manchando sua pele alva com o vermelho-sangue. Arremessou o jarro contra o paredão de pedra. Inspirou fundo, sentindo o cheiro da noite. O sangue do velho estava em seu estômago. O sangue do velho queimava seu órgão. Infiltrava em seu ser. Cantarzo contorceu-se, enovelando-se no chão. Urrou, sentindo dor. O sangue do velho penetrando sua carne de vampiro.

Lúcio permaneceu estático, assombrado pelo espetáculo diante de seus olhos.

Cantarzo apertou os olhos. Uma face. Uma mulher surgiu diante de seus olhos. Era o primeiro presente do dom maldito. Uma mulher de cabelos brancos e olhos mortos. Não era uma vampira. A mulher abriu a boca, articulando os lábios. Não era uma vampira. Cantarzo sentiu seu corpo esquentar subitamente... como se tivesse sangue bombeando nas veias! Como se tivesse um coração pulsando! Abriu os olhos e estendeu as garras para Lúcio.

O laçao debruçou-se sobre o vampiro e aproximou-se.

— O que me deste, Lúcio?

— O sangue do velho, senhor. Dei o sangue do velho. — disse o humano, amedrontado.

— Vá, Lúcio. Vá.

— Para onde, senhor?

— Vá para o norte. Vá para o norte.

— Para onde, senhor?

— Traga Tereza.

Lúcio puxou a mão de Cantarzo, tentando erguê-lo.

— Não morra, vampiro duma figa! Me torne um imortal também.

— Primeiro vá e me traga Tereza. Só conseguirei continuar depois que a bruxa me curar, laçao.

— Onde ela está?

Cantarzo urrou de dor e contorceu-se mais uma vez, sem conseguir levantar-se. Sentiu a cabeça doer, como se cem baionetas cruzassem seu crânio. Apertou os olhos e mais uma vez viu a bruxa. Ela mostrava alguma coisa. Mostrava um lugar. Um rio...

— Vá para onde a serpente engole a tartaruga.

— Onde ela está?

— Eu não vejo tudo, filho-da-mãe. Eu vejo a serpente comendo a tartaruga. Vá para o norte!

Cantarzo gritou mais uma vez e entrou em convulsão. Seu corpo estremeceu sobremaneira que Lúcio afastou-se, assustado. O vampiro parecia um peixe jogado para fora d'água, debatendo-se, agonizando. De repente, tão súbito como começou, o vampiro estacou, inerte, morto... um pedaço de carne amaldiçoada sob a luz da lua.

Capítulo 24

Os cavalos chegaram à beira de uma depressão. Francis apontou para frente. Lucas viu os muros altos e largos fechando completamente o povoado. A visão do dia raiando e a vida começando a mover-se em Esperança era privilegiada. Lucas sentiu a pele arrepiar ao lembrar que ali conheceria mais dois dos homens bentos. Mais dois juntar-se-iam ao comboio, aumentando o número para cinco. Ainda teriam de correr atrás de mais vinte e cinco para juntar as trinta espadas, os trinta homens bentos, para conseguir os profetizados milagres. Quatro milagres para libertar a humanidade das garras das criaturas das trevas. Quatro milagres.

Os soldados de Adriano desciam o morro com cautela. Ainda era recente na memória do grupo o acidente fatal vivido por Gaspar. Ao contrário do grupo de Nova Luz, Carlos e Alicate desciam com mais ímpeto, sendo os primeiros a atingir o descampado que circundava a fortificação.

Lucas demorou um pouco mais olhando para a fortificação de cima do morro. Depois de alguns segundos, tirou os olhos dos muros e mirou o horizonte, sentindo um novo arrepio percorrer os braços. Conforme a luz do sol ganhava força, as sombras, confundidas com as árvores apontadas para o céu, tomavam forma. Prédios. Uma infinidade deles erguendo-se no horizonte, formando uma paisagem conhecida.

Lucas bateu com os calcanhares no tordilho e colocou-se a descer o morro. Perguntou alto para Vicente:

— O que é aquilo?

Vicente olhou para o horizonte.

— Aqueles prédios?

— É.

— Era a porra de Campinas.

Lucas engoliu a seco.

— Aquela cidade agora é um túmulo, uma terra tomada pelos vampiros. Os malditos noturnos. Cada prédio é um covil. Cada bairro uma armadilha. De noite e de dia, um perigo. Lucas desceu calado, ruminando as palavras do bento. Vicente, percebendo a expressão preocupada do bento escolhido, continuou:

— Você não devia se importar com a situação da cidade, bento novo, afinal de contas você é o salvador anunciado pelo falecido Bispo.

Lucas olhou para Vicente. Não sabia se o veterano estava lhe incentivando ou espicaçando. Provavelmente, a segunda alternativa, pois Vicente fazia pouco dele e parecia ter ciúmes.

Um tiro de rojão espocou, anunciando à cidade a aproximação dos soldados.

Uma parte dos cavaleiros ao pé do morro disparou em cavalgada em direção ao portão de Esperança.

Os cavaleiros foram recebidos com muita curiosidade. Bastou cruzar os portões para que fosse de ouvido em ouvido a boa nova de que o trigésimo bento havia despertado e que, de agora em diante, a vitória contra os malditos seria questão de tempo. As pessoas cochichavam e apontavam para Lucas. Sorrisos foram pipocando aqui e ali e logo o povo junto à muralha gritava extasiado, saudando o trigésimo bento.

Francis e Vicente ladeavam o novato. O primeiro sorria para a multidão e para Lucas, empolgado com o momento, contagiado pela emoção. Vicente mantinha a cara fechada, mantendo o cavalo emparelhado ao do novato.

Lucas viu dois homens trajando as armaduras torácicas, com o grande crucifixo em relevo ao centro e os belos dragonetes dourados nos ombros prendendo a conhecida capa vermelha. Os dois bentos que guardavam Esperança.

Vicente parou e desceu do cavalo. Auxiliou Lucas. Juntos com Vicente foram ao encontro dos bentos Duque e Edgar. Duque, de pele muito negra, tinha os braços fortes e o peito largo. Edgar, de pele pálida, contrastando com a do abençoado colega, tinha olhos verdes, era da estatura de Lucas, com braços mais finos, portando aparência menos truculenta que os demais guerreiros. Lucas notou no peito de ambos a medalha de São Jorge. Era uma espécie de tradição, um presente do alfaiate a todos os escolhidos pela profecia. Duque tinha a armadura amassada na parte lateral esquerda e a prata riscada. A capa presa aos dragonetes era desbotada e mostrava um reforço na barra, provavelmente arrastada por quilômetros e quilômetros atrás dos malditos vampiros. A indumentária de Edgar era igualmente "batida", revelando um traço da experiência contida na vida daqueles homens. Ambos guerreiros abriram um sorriso largo ao pararem os olhos sobre o novo irmão. Vieram em direção aos bentos e abriram os braços para Francis.

— É este o homem? — perguntou Duque, pousando a mão nos ombros de Lucas.

O novo bento foi invadido novamente por aquela sensação de intrusão. Apesar do revelador e impressionante episódio perpetrado em São Vítor, quando abatera com a espada que trazia na cintura mais de trezentos vampiros, não se sentia ainda igual aos outros guerreiros. Sentia-se um farsante, desconfortável.

Edgar olhou Lucas de cima a baixo e também pousou a mão no ombro do novato por um segundo. Não disse uma palavra, mas seu sorriso aberto revelava a simpatia pelo novo irmão.

Vicente aproximou-se e deu um tapa nas costas de Lucas, que cambaleou dois passos para frente.

— Este magrelo é o nosso salvador. Não se baseie pelo tamanho e pelos braços murchos deste rapaz, eu vi o que ele fez em São Vitor. O bichinho é rápido na espada. Dizem que vai me passar fácil, fácil no placar... se não morrer antes.

Duque, Edgar e Francis riram.

— Viemos para reunir os bentos, como reza a profecia. — revelou Francis. — Vocês devem nos acompanhar. Vamos fazer uma refeição e dar de beber aos cavalos. Um descanso rápido e partiremos.

— Esperança ficará desprotegida. Temos um número reduzido de soldados e armamento. Quantos homens vão precisar? — perguntou Duque.

— Nenhum por enquanto. Trouxemos dez conosco. O grupo de Adriano, de Nova Luz e mais três de São Vitor.

— O Adriano. — completou Duque. — Ele é metido naquele plano. Não reclamou em ajudar os bentos?

Francis olhou para o líder de Nova Luz. Adriano descia do cavalo e confraternizava com os soldados de Esperança.

— Ele não fez nenhuma objeção. Está estranho. Disseram-me no acampamento que é por causa do Gaspar.

— O que tem o Gaspar? — quis saber Edgar, o bento de olhos verdes e serenos.

— Sofreu um daqueles acidentes estranhos, ao que parece. Aqueles acidentes que só os soldados que estão metidos nesse raio de plano sofrem. — comentou Francis, passando a mão por seus bigodes afilados.

— Os soldados que conhecem o plano só estavam buscando uma garantia, caso nosso trigésimo bento nunca aparecesse. — resmungou Vicente. — E estão certos. Até onde sei não tem nada garantido nessa história, ainda mais agora com a morte do Bispo. Quem irá guiar nosso caminho de agora em diante? Quem vai nos dizer se estamos indo para o lado certo ou não?

Os olhos calmos de Edgar transformaram-se e pararam sobre Vicente.

— Você diz que o Bispo morreu?

— É irmão. É isso mesmo.

— Como aconteceu?

— Não sabemos ao certo. — intrometeu-se Francis, como se quisesse colocar panos quentes no assunto. — Sabemos que houve uma explosão e que o velho Bispo foi vítima desse acidente. É melhor isso não ser divulgado prontamente, deixe a gente sofrida saborear a chegada de Lucas.

Edgar aquiesceu, concordando prontamente. Duque olhou mais uma vez para o novo bento, agora sem o sorriso enfeitando a face, estava analisando o novato.

Vicente balançou a cabeça, como se discordasse.

— Deixar o povo saborear a chegada de Lucas. Bá! Que bobagem! — resmungou.

Os soldados em missão mais os bentos foram levados ao refeitório comunitário de Esperança. O dia na fortificação ganhou ares de feriado. Ninguém queria ir aos afazeres. Todos que acordavam para o trabalho, antes de chegarem ao destino, davam com o burburinho. Uma fila começou a formar-se na porta do refeitório e os soldados de Esperança tiveram trabalho para conter os curiosos. Todos teriam chance de ver o trigésimo bento, mas, a pedido do soldado líder da cidade, dariam tempo para o recém-desperto fazer a primeira refeição do dia, antes de ser atirado aos olhos dos aldeões.

Lucas sentou-se ao lado do soldado Carlos, que atacava as fatias de pão caseiro e bolo de cenoura com cobertura de chocolate. O bento sentiu o encorpado cheiro vindo do bule de café. O perfume não enganava, o sabor do líquido negro era tão agradável quanto o aroma. Depois de uma xícara, deitou também um pouco de leite no recipiente. Adicionou açúcar e mexeu com uma colherinha. Ficou estático por um tempo. A voz de Carlos, gastando conversa com Alicate, ecoava sem sentido em sua cabeça, tornando-se grave e pastosa. Lucas fechou os olhos. A voz do soldado foi desaparecendo gradativamente e o que chegava em sua cabeça, trazido pelos ouvidos, era o grasnar coletivo de um bando de gaivotas. Som de mar. Ondas arrebatando. Lucas sentiu-se angustiado. Estava procurando alguma coisa. Tão repentinamente quanto havia mergulhado naquela vaga lembrança, voltou ao refeitório. Nada de gaivotas, nada daquela sensação de proximidade do mar. Estava de novo em Esperança, uma cidade fortificada próxima a Campinas, com as risadas de Carlos e Alicate nos ouvidos. Estava em um mundo onde lutava contra criaturas da noite. Mexeu mais uma vez o café-com-leite, no fito de ganhar mais lembranças... recuperar aquela sensação. Talvez a memória se refrescasse... Sorveu do líquido morno, sem mais nada voltar a mente. O que fazia perto do mar, tomando café-com-leite? Quando teria feito aquilo? Estava angustiado naquela manhã longínqua. Estava. Sabia disso. Aquela pontinha de lembrança lhe dizia. Estava procurando alguma coisa perdida. Alguma coisa querida. Uma mulher? Uma paixão? Não sabia. Nada mais formava em sua cabeça. Tinha era tristeza. Lucas piscou os olhos e depois deixou a visão vagar pelo refeitório. Estava sozinho. Sozinho e triste. Aquelas pessoas? Por que iria lutar junto daqueles homens? Por que estava vestindo aquela roupa estranha, cavalgando com uma capa vermelha por terras desconhecidas? Lucas sorveu mais café. Vicente estava lhe encarando. Provavelmente, o brucutu nojento tinha percebido sua súbita mudança de estado de espírito.

Logo depois ao desjejum, Lucas permaneceu no refeitório e recebeu a visita das centenas de aldeões que estavam acotovelando-se na porta do galpão. Queriam apenas ver o trigésimo bento, tocar o recém-desperto. Para eles, estar com Lucas já parecia um milagre realizado. Todos diziam palavras de incentivo e, um ou outro, chegavam a pedir benção ao herói aguardado.

Lucas manteve-se calado boa parte da visita. Não sabia o que dizer àquela gente. Distribuía sorrisos, tentando não demonstrar o desconforto que sentia.

Providencialmente, bento Duque aproximou-se de Lucas, tirando-o do refeitório, debaixo dos protestos dos remanescentes que aguardavam sua vez. O negro conduziu Lucas até os aposentos da soldadesca. Sugeriu que o novato descansasse o esqueleto junto com os demais enquanto os preparativos para seguir adiante eram providenciados.

Lucas sentou-se na cama forrada assim que Duque deixou o alojamento. Dois soldados que o acompanhavam na jornada já roncavam, dormindo profundamente. Lucas contou doze camas. As janelas tinham cortinas pesadas. Lucas pressionou os dragonetes sobre a armadura, na altura das clavículas, liberando sua capa. Enrolou-a, colocando-a a seus pés. Seus dedos soltaram as travas laterais do peito de ferro, depois soltaram os fechos nos ombros. O tórax dividiu-se em dois, com a parte traseira caindo no colchão da cama de solteiro e a frontal sendo amparada pelas mãos de Lucas. O trigésimo desvirou a couraça, olhando demoradamente para a cruz dourada que dividia a peça em quatro partes prateadas. O que aquele símbolo significava? Por que carregavam cruces de ouro no peito se Bispo havia lhe dito que estavam vivendo no meio de um cochilo de Deus? Lucas passou a luva de couro sobre a cruz. Símbolos. Juntou a parte de trás da couraça e colocou-a sobre a capa vermelha. Tirou as luvas marrons e apertou os dedos um instante. Soltou as tiras de couro do punho, liberando as mangas da cota de malha de ferro. O tilintar dos elos de prata ganharam volume. Soltou também a tira que percorria a barra da cota e puxou a peça pela cabeça. Foi a vez da tira de couro das costas ser desatada. Essa deu um pouco mais de trabalho, pela posição incomoda e pela largura do couro. Assim que Lucas deu um jeito no obstáculo sentiu o colete de couro afrouxar. A gola alta tinha deixado um hematoma abaixo do seu queixo e a pele tinha ficado dolorida. Teria que se habituar com aquela desconfortável vestimenta. Jogou o colete por cima da cota metálica e por último livrou-se do ridículo saiote verde-escuro. Deitou-se e cobriu-se com o cobertor marrom. Não sentia frio, sentia-se mais confortável, só isso. Era um costume. Sempre dormia coberto, independente do clima. Fechou os olhos enquanto refletia. Como podia saber que aquilo era um costume? Tinha dormido trinta anos no subsolo de um hospital, descoberto, jogado numa maca. Como poderia ter certeza de como é que dormia em seu apartamento? Não poderia. Mas sentia-se muito bem, encoberto numa manhã quente, mesmo assim.

Por volta das onze da manhã, o grupo de cavaleiros cruzava novamente o portão, deixando Esperança com o reforço dos bentos Edgar e Duque. Com exceção de Francis, os outros quatro bentos faziam as capas tremularem ao sabor do vento e da cavalgada. Estavam agora indo para as fortificações ao norte. Estariam cada vez mais expostos aos vampiros e era improvável não toparem com o exército das criaturas nas próximas noites, estavam rumando para áreas de

atividade intensa durante as horas de escuridão. Cedo ou tarde, seriam detectados. Seriam caçados. As espadas de prata não descansariam na bainha todo o tempo.

Capítulo 25

Aproximava-se das cinco da tarde. O sol, ainda amarelo e vivo, avançava rapidamente de encontro ao horizonte. Os bentos permaneciam agrupados no centro, protegidos pelos soldados que iam ao redor.

Bento Vicente conversava com Adriano. Sinatra entoava mais uma canção antiga, fazendo mais cinco cantar o refrão em conjunto. Lucas sentiu novamente o passado inundando sua mente. Fechou os olhos. Um bar. Os soldados fazendo coro para Sinatra. Essa música... era *Andança*, de Caymmi! Lucas viu-se numa mesa, erguendo um copo de chope. Risadas. Duas moças num microfone. Era um *karaokê*.

Vicente afastou-se de Carlos e veio ter com Francis. Conversavam sobre o acampamento noturno. Teriam de encontrar um abrigo, Estavam em território perigoso e um confronto prematuro com as criaturas da noite deveria ser evitado a todo custo. Não temiam tanto um primeiro embate, mas a lamentável situação de ter a posição do grupo delatada. O primeiro combate poderia ser vencido. O problema seria a noite seguinte, quando os vampiros organizasse-iam e viriam em número impressionante para cima da tropa. Não podiam pôr em risco a missão de juntar os trinta bentos. Tinham que zelar pela realização dos quatro milagres.

Vicente, seguido por Adriano e Paraná, disparou na frente do grupo. O campo aberto e de vegetação rasteira permitiu que fossem vistos pelo grupo por um bom tempo. Cerca de trezentos metros adiante, quando suas figuras tinham transformado-se em pontos galopantes, desapareceram na mata que se erguia na frente.

Quarenta minutos mais tarde, quando o sol já batia na linha do horizonte, tingindo o céu de púrpura, Vicente e Adriano ressurgiram. Tinham encontrado um lugar apropriado para o acampamento noturno.

Os cavalos aceleraram, acompanhando a dupla pela mata, chegando ao local escolhido com o céu escuro.

De um casebre colado a um riacho escapava luz tremeluzente. Paraná tinha improvisado um vassourão com folhas secas e tirava o que conseguia de pó do interior da decrepita construção.

— O que é isso? — perguntou bento Francis, ao aproximarem-se.

— Um amontoado de tijolos que o Adriano encontrou. — respondeu Vicente.

Os cavalos rodearam o casebre e, aos poucos, os homens foram desmontando.

Lucas, apesar do longo cochilo da manhã, sentia-se cansado. Os olhos pesavam. Não se lembrava de ter sentido tanto cansaço algum dia em sua vida. Afagou a crina de seu tordilho marrom escuro antes de apear. As botas afundaram no mato alto que ladeava o casebre. Olhou

com mais atenção a construção. Pela primeira vez concordava com o grandalhão mal encarado. Aquilo não passava de um amontoado de tijolos... prontos a desabar. Lucas adentrou o ambiente iluminado por um lampião a querosene. Velhas teias de areia, tingidas de negro pelo pó acumulado, projetavam sombras fantasmagóricas na parede. O casebre era dotado de cômodo único, sem paredes ou qualquer tipo de divisão. Na parede mais próxima ao riacho, um engenho estendia uma haste de cobre através de um buraco pela parede. Certamente usavam a força da água para a moagem de algum produto agrícola. Duas mesas grandes, também cobertas pelo pó dos anos, compunham toda a mobília existente. O teto, igual às paredes, parecia aguardar o sopro do lobo mau para desabar sobre os pobres porquinhos.

— Não é uma suíte do Luxor, mas vai servir de abrigo para o pernoite.

Ouvindo o comentário de Francis, Lucas voltou ao batente da porta. Sinatra, como de costume, cantarolava alguma coisa, enquanto Alicate livrava-se da bota do lado de fora da casa.

— É melhor eu tirar isso aqui fora e ir lavar os pés no riacho, senão vocês não me deixarão dormir aí dentro. — advertiu o soldado.

Lucas sorriu, enquanto Sinatra parou com a música para uma risada. O soldado apanhou as rédeas de dois cavalos e levou-os para perto do riacho, para que tomassem água fresca.

— Quem está com fome? — perguntou Paraná, de dentro.

— Vai ser bóia fria. Não quero fogueira chamando a atenção de ninguém. Comam pães.

Surgiram alguns muxoxos depois da ordem de Vicente. A maioria dos homens estava faminta, torcendo por um bom pedaço de carne no bucho antes de pregar os olhos. Contudo, tinham que concordar com o bento. Já estavam no que consideravam área de risco. Um vacilo e pronto! Estariam na mira dos vampiros.

O trigésimo bento, ainda parado no batente da porta, vendo uma sombra fraca de sua figura ser projetada para a terra de pedriscos na frente, estava calado. Ergueu os olhos para o céu. Quantas estrelas! Lira impressionante. Olhou para o seu cavalo no meio do mato alto, pastando tranqüilo. Pobres animais! Deveriam também estar cansados da corrida constante. Lucas caminhou em direção ao tordilho.

Bento Duque, com sua couraça surrada por batalhas, surgiu do lado de fora.

Lucas afagava o pescoço de sua montaria quando ouviu aquilo. Os olhos de Duque, demonstrando surpresa, viraram para a floresta. Sinatra, ainda no riacho com os cavalos, olhou ao redor. Alicate, descalço, apanhou o rifle recostado na parede do casebre, colocando-se de pé, e destravando a arma.

— O que foi isso? — perguntou Lucas ao bento negro. Duque levantou o dedo, colocando-o na frente do nariz, pedindo silêncio.

O rugido vigoroso ecoou mais uma vez na noite, mais poderoso e mais próximo dessa vez.

— Uma onça, Lucas. E das grandes. — revelou bento Duque. Lucas tirou a mão do cavalo e desembainhou a espada.

— Sshhh! — repetiu Duque.

Zacarias e Joel surgiram na porta do casebre, trazendo suas armas prontas para disparar.

— E se acendermos uma fogueira? Ela não vai chegar perto da gente com uma fogueira acesa. — sugeriu Alicate.

Francis negou com a cabeça. Vicente também deixou o casebre e foi para o lado de Sinatra, junto ao riacho. O bento grandalhão desembainhou sua espada, com os olhos varrendo o escuro.

Ouviram o rugido da fera mais uma vez. Estava nas árvores, para trás do casebre, depois do riacho.

— Onça... — murmurou Lucas.

— É o que tem de monte por aqui. — rebateu Duque, em voz baixa, próximo de Lucas.

— Vocês nunca descansam, não?

Duque sorriu, exibindo sua dentição perfeita.

Os homens voltaram-se para o riacho. Podiam ouvir a grande onça movimentar-se na mata. Estava correndo. Pássaros despertos pela fera voavam em disparada, enchendo a noite de barulhos.

Repentinamente, um vulto saltou do meio das árvores vindo para o leito do riacho, correndo na direção de Sinatra.

Alicate, com mira pronta, disparou. O bicho alcançou o "soldado-cantor", derrubando-o na margem do rio. Levantou-se mais uma vez, voltando a correr. Um segundo disparo do rifle de Alicate fez a criatura tombar. Uma capivara.

Para surpresa de todos, uma onça-pintada imensa surgiu das árvores. O belíssimo animal parou na beira da mata, olhou para os soldados por um momento e esgueirou sua pelagem pintada de volta à escuridão.

Quando o grupo descongelou, Alicate avançou até a capivara abatida e encostou o cano do fuzil no animal. Estava morto.

— Pelo menos a bóia de amanhã tá garantida. Os homens riram, desanuviando um pouco.

— Vamos descansar o esqueleto, macacada. Amanhã temos um dia cheio. Cinco da manhã: cavalgar. Sete da manhã: cavalgar. Nove da manhã: cavalgar. — lembrou Vicente.

— Zacarias e Marcel pegam o primeiro turno. Depois revezam com Alicate e Sinatra. Escorem bem a porta e fiquem de ouvidos atentos. — orientou o líder Adriano, cofiando o cavanhaque. — Onça é o menor dos nossos problemas.

Lucas recolheu a espada. A inesperada visita tinha espantado o sono, mas o cansaço ainda pesava sobre os ombros. Assim que deitasse, escorreria para a terra dos sonhos.

Lucas acordou suavemente. Abriu os olhos tentando enxergar na escuridão. Uma sombra ao seu lado. Ouvia gotas caindo do teto e estalando nas poças. Alguém chamando seu nome mais uma vez. Era por isso que tinha aberto os olhos. Alguém chamando. Um sussurro. Sentou-se sobressaltado, despertando de fato. Não estava no casebre, onde havia adormecido. Estava cercado por corpos empilhados. Corpos ressequidos, cadavéricos. O coração disparou. Lucas ouviu a voz repetindo. O bento levantou-se. Procurou pela voz. Pisou sobre corpos para aproximar-se do homem que lhe chamava. Achou um corredor entre os corpos. Um ser cadavérico estendeu o braço em sua direção. Em vez de seu nome, o monstro, quase seco, balbuciava algo ininteligível. Talvez pedisse ajuda. Olhos afundados nas órbitas. Um "morto-vivo". O chamado tornou a acontecer, vindo de mais adiante, Lucas tateou as paredes de pedra. Gotas desprendendo do teto. Som de goteiras, como se tivesse chovido muito sobre o teto do casebre. As pedras úmidas, o chão liso e viscoso. Limbo. Lucas. A pele do trigésimo bento arrepiou-se. Tocou o peito, sentindo a cruz em relevo, sentindo conforto. Caminhou por todo o corredor. Por fim, um novo canal de pedras. Claridade. Estava chegando ao final. Mais pedras. Respiração entrecortada. A voz chamando.

— Venha, Lucas.

Lucas passou a enxergar o chão. Pedras negras. Musgo nas reentrâncias. Um ar frio percorrendo o corredor. Atingiu a boca da caverna. Escalou três metros para abandonar o buraco. Eucaliptos ao redor. Um vento suave farfalhando os galhos. Folhas caindo. Uma claridade fraca. Estava amanhecendo.

— Onde você está? — perguntou Lucas.

Olhou ao redor. A floresta plena de árvores. Um terreno acidentado. Um pano vermelho sujo e desbotado amarrado ao redor de um tronco. Lucas desequilibrou-se e caiu junto a uma pedra. Os galhos das árvores agitaram-se mais ariscos. Lucas ergueu os olhos. Criaturas. Criaturas saltando nos galhos. Criaturas leves, que transitavam com graça. Ficou imóvel. Uma delas aproximou-se. Saltou do topo da árvore e bateu em cima da pedra ao lado da qual estava caído. A criatura flexionou o tronco e farejou no ar. Grunhiu. Lucas arregalou os olhos. Aqueles seres. Eram vampiros! Posou a mão na espada. Arrancaria a arma da bainha, mas, por alguma razão, sentia-se petrificado de medo. Eram tantos. Em tantos galhos. Como uma tribo silvestre, uma tribo antiga e primitiva. Seres leves como plumas, que, de modo selvagem, preferiam caminhar sobre as árvores do que sobre o chão. O vampiro em cima da pedra ergueu o tronco e urrou. Lucas olhou fixamente para a horrenda criatura. O monstro tinha a pele branca e as veias azuis destacavam-se de maneira gritante. Tinha os lábios ressequidos e olhos vermelhos. Caninos longos, feitos para rasgar a carne da presa. Sede de sangue. As criaturas saltaram das árvores, escondendo seus olhos de brasas ardentes na boca da caverna. O último deles, o que estava

cravado no topo da rocha feito uma gárgula maldita, também deu seu salto e desapareceu pela boca da toca. A floresta voltou ao silêncio e as árvores ao movimento calmo proporcionado pela brisa suave. Lucas levantou-se. O coração ainda disparado. A mão no cabo da espada. A boca da caverna morta.

— Rios de Sangue. — disse a voz.

Lucas sobressaltou-se e virou. No meio das árvores, a imagem de um homem. Caminhou ao encontro da visão.

— É aí que eles moram, Lucas. E são nesses buracos que escondem nossos irmãos. Escondem-nos para servirem-se de sangue.

— Você... — murmurou Lucas aproximando-se, confuso.

O corpo espectral abandonou sua posição também chegando mais perto do interlocutor.

— Você está morto! — espantou-se o bento.

Lucas estava com os olhos arregalados. Não acreditando no que via. O corpo translúcido do velho Bispo estava na sua frente!

— Bispo! — exclamou.

O fantasma andou entre as árvores. Lucas engoliu a seco.

— Meu corpo tá morto, Lucas. Fui vítima de uma cilada. De uma trama maldita. — revelou o fantasma, com voz calma e baixa. — Não sei por quanto tempo estarei por aqui, menino. Mas, filho, tenho certeza de que isso não vai durar, não. Tudo arde e a luta é constante. Tá tentando me digerir, Lucas. Comer minha consciência.

Lucas andou novamente ao encontro do fantasma. Bispo afastou-se antes de ser tocado. Caminhou em direção à boca da caverna e apontou para o buraco.

— Tá vendo, bichinho? E aqui que os cabras se escondem. Viu aquela gente seca lá embaixo?

Lucas aquiesceu.

— São nossos irmãos. São o que os malditos sanguinolentos chamam de "Rios de Sangue". De dia a gente roda para salvar o povo adormecido, de noite eles varrem a escuridão para prender mais gente. Éa guerra, bichinho. Agora que tu tá aqui, isso vai ter um fim.

Lucas abaixou a cabeça.

— Eu estou com medo, Bispo.

O fantasma, com olhos serenos, fitou longamente o bento.

— Ainda tá com medo? Mesmo depois de ter dado conta de uma legião do capeta nos muros de São Vitor? Ôche! Deixa de ser besta, cabra. Tua força, tua energia é tão poderosa que tu tá até aqui comigo. Ninguém mais tá, só tu. Isso não te diz alguma coisa?

— Acho que estou sonhando... deve ser isso.

— O mundo dos sonhos rege o mundo dos vivos, filho. O mundo dos sonhos rege o mundo dos vivos. — repetiu o velho. — Tudo que é sonhado é colocado em prática.

Lucas caminhou até a boca da caverna. O velho bispo andou mais um pouco. Só agora o bento notava que o velho "andava".

— Você está andando... Bispo sorriu.

— Aqui eu ando, filho. Não é bom isso? Lucas aquiesceu.

— Vim para te dar um aviso.

O bento notou que a expressão do velho mudou, deixando o ar leve, chegando a escurecer de seriedade.

— Aqui eu continuo vendo coisas. Não sei até quando, filho. Não sei. Minha essência escorreu pela garganta de um maldito e eu temo que, se ele sobreviver, vai começar a ver o que eu vejo também. Mas, vai começar a ver o que é bom pra ele. Vai querer estragar nossa vitória. Vai melar, Lucas. Vai melar.

— Nós vamos conseguir juntar os trinta bentos? Bispo não respondeu.

— O que você viu, Bispo? Diga.

— Eu te vejo lutando contra o Demônio, bento Lucas. Tu é o escolhido. Tu vai pegar a pior parte do trabalho. É um guerreiro danado de bom, cabra da peste! Mas pra juntar os trinta, tem que despertar aquela tua teimosia. Lembra da teimosia? Obstinação, impaciência. É desse Lucas que teus bentos precisam. O Lucas que procura sem cansar.

Lucas engoliu a seco.

— Tu vai lutar contra a fera, bento. Fogo e fumaça. O inferno, menino. E eles também vão aprender a lutar, Lucas. Vocês têm que correr, menino, têm que ter pressa. Os milagres...

— Você viu? Você viu os milagres? — perguntou Lucas, afoito, interrompendo o espectro. — O que vai acontecer quando juntarmos os trinta bentos?

O fantasma do Bispo mudou o rosto.

— Tu tem que tomar cuidado, Lucas. Tome cuidado. E se apressa. Põe gana nesses homens.

— O que são os milagres, Bispo?

O fantasma falava, a boca movia-se rapidamente, mas som nenhum saía. No semblante de Bispo, estampado o medo. Um vento forte farfalhando as folhas das árvores. O fantasma apontou na direção de um eucalipto.

Lucas sentiu um embrulho no estômago. Olhou para onde o velho apontava. O pano vermelho ao redor do tronco.

— Lucas! — um grito.

Lucas abriu os olhos fitando as teias e as ripas do teto. Um fio de luminosidade entrava por frestas nas telhas de barro. Bento Duque o balançava pelos ombros.

— Sono pesado, irmão. Não pode ser assim. Os malditos podem atacar a qualquer instante. Lucas levantou-se.

— Coloque sua capa. Vamos partir.

Lucas olhou ao redor. Era o último dentro do cômodo.

— Eu tive um sonho.

Bento Duque, que caminhava para fora, estacou e virou-se.

— Teve o quê?

— Tive um sonho. Com o velho Bispo.

Duque parou de frente para Lucas, calado. Passou a mão na cabeça.

— Ninguém tem sonhos, Lucas. Ninguém sonha desde o dia que os malditos infestaram a terra.

Lucas, quieto, apanhou sua espada embainhada, prendendo-a ao cordão de couro. Bento Duque virou-se, agitando sua capa vermelha e caminhando até desaparecer pela porta iluminada.

Capítulo 26

Lúcio olhou para o caixote de madeira. Não sabia o que fazer. Por mais quanto tempo o vampiro permaneceria daquele jeito? Acordaria algum dia? Estaria morto? Não podia ir até algum covil devolvê-lo. Seria morto. Sabia disso. Teria de esconder o corpo inanimado de Cantarzo ou carregá-lo consigo. Lúcio passou o braço pela testa, limpando o suor. Tinha conseguido o caixão e a corda para puxar o maldito. Apesar da lama fazer o caixote deslizar mais fácil, ainda assim o corpo do noturno era pesado. Iria por baixo das copas mais frondosas, assim evitaria o sol direto sob o caixão. Não ia conseguir arrastá-lo por muito tempo. Onde encontraria a cobra engolindo a tartaruga? Teria de abandoná-lo à própria sorte. E se não estivesse morto? Poderia estar em uma espécie de transe. Hibernando. Afinal tinha ingerido sangue. Nunca tinha visto antes um vampiro alimentando-se de perto. Mas sabia que eles não caíam mortos depois de tomar o líquido da vida. Continuavam feito cães urbanos atrás da caça sangrenta. Demônios. Por outro lado, o maldito não tinha tomado sangue qualquer. Fora o sangue de Bispo. Sangue mais especial que aquele no meio dos humanos não haveria. Lúcio raspou as unhas na barba. O sol vinha chegando e nada do maldito acordar. Cantarzo era pesado. Apanhou a casca de árvore e cavou mais entre as raízes, alargando a reentrância. Depois de suar mais de meia hora na tarefa de tirar o barro úmido debaixo do raizame da velha árvore, já tinha espaço suficiente. Arrastou a caixa de madeira, contendo o corpo de Cantarzo, para o fundo e começou a recobrir com o barro revolvido. Para tornar o esconderijo ainda melhor, puxou as velhas raízes para cima e cobriu tudo com uma boa quantidade de folhas velhas. Sol nenhum atingiria a caixa. Curioso algum descobriria o esconderijo. Lúcio passou o braço sujo de barro debaixo do nariz. Demorou para recuperar o fôlego da exaustiva tarefa. Estava com fome. Queria um pedaço de pão. Não conhecia muito bem aquela região, mas, se encontrasse a casa de algum banido, talvez conseguisse comer alguma coisa. Andou entre as árvores e chegou na beira do barranco. Para baixo, mais mata. Para cima, mais mata. Teria que tomar cuidado para não perder o vampiro. Algumas espécies de bromélias jaziam logo abaixo, adornando todo o pé do barranco. Sentou-se em uma pedra para descansar mais e aproveitar para memorizar as particularidades da paisagem. Não sabia se voltaria. Tomaria essa decisão depois. Tinha feito o que o vampiro havia pedido em troca da imortalidade, agora o maldito estava daquele jeito, apagado. Não tinha garantias de que voltaria a ver Cantarzo andando pela mata novamente. Não sabia o que fazer. Começou a descer o morro. Iria procurar água e fumaça. Onde houvesse fumaça, provavelmente haveria comida. Depois colocaria o coco para pensar. Tinha que encontrar uma bruxa, uma serpente e uma tartaruga.

Capítulo 27

— Amanhã, a uma hora dessas, estaremos cruzando os portões de São Pedro, Lucas. Mais três bentos se juntarão à nossa cruzada. — disse bento Francis.

— Menos três bentos até os milagres. — adicionou Edgar. Os cascos dos cavalos produziam um som oco contra o asfalto. A maior parte do dia tinham cavalgado sobre a pista negra.

Lucas olhou para o céu azul e límpido. Pássaros em abundância trocavam de lado nos arvoredos que ladeavam a estrada. Não cansava de notar a exuberância da natureza. Bem diferente do mundo que havia conhecido, o mundo cinza de aparência e atitude. O mundo aglomerado de gente que se trombava na rua sem acenar a cabeça ou dar um bom dia. Entendia cada vez mais as palavras que Bispo havia lhe dito, não no pesadelo bizarro da noite passada, mas aquelas escutadas dentro da casa do velho. Bispo tinha dito que o dia fatídico, que havia separado os vivos dos mortos, havia sido um dia de benção e não de tragédia. Havia sido um divisor de águas. Daquela noite assombrada em diante, os grandes ícones do homem iam ao chão e, agora, restavam dois sentimentos a que os sobreviventes agarravam-se: o medo e a união. O fim do velho mundo fora necessário para lembrar aos homens da real missão dos irmãos na Terra. Proteger uns aos outros. Viver uns com os outros. Todos sob o mesmo sol, sob o mesmo céu. Todos colocando em primeiro lugar o bem-estar do grupo e não a cobiça privada. O deus dinheiro não era mais importante. Os grandes bancos, com suas sedes erigidas e encravadas nos corações das metrópoles, deveriam agora ser ninho dos malditos, ocupados pelos vampiros amaldiçoados pela escuridão e sedentos de sangue. Lucas sorriu com seus pensamentos recentes. Dinheiro. Uma lembrança vaga. Uma pilha de contas em sua casa. O sorriso sumiu. Sua casa. Seu passado perdido. Não conseguia se lembrar de amigos ou parentes. Sorriu novamente rememorando os últimos dias. Dinheiro. Nem uma vez ouvira alguém falar de dinheiro. Os homens falavam em esperança e salvação. Falavam em irmandade e união. As pessoas estavam mudadas. Recebera roupas de guerreiro, cavalo, espada. Ninguém lhe havia pedido dinheiro algum. Pediam só que fosse de fato o salvador. Que fosse o homem com quem Bispo sonhara. O libertador dos humanos. O libertador que bateria os malditos vampiros para os confins do inferno e baniria o medo da noite. Lucas suspirou. Dinheiro. Apertou os olhos. Via uma valise. Uma valise cheia de notas. Muito dinheiro. Tinha tido diante de si muito dinheiro. Uma aflição crescente. Aquele dinheiro representava vida. Abriu os olhos. A luz do sol inundou sua cabeça, varrendo para baixo do tapete da consciência seu fiapo de memória.

— Vamos cortar caminho por ali. — disse Vicente, arrancando Lucas de suas divagações.

O bento olhou para onde o colega apontava. Um caminho largo, aberto na floresta, com chão de barro úmido. Alguns dos soldados iam na frente, averiguando a passagem. Outros cercavam os guerreiros armados.

Adriano aproximou-se com um volume nas mãos.

— Vista isto. Estamos em terreno perigoso.

Lucas apanhou uma peça de pano da mão do soldado. Viu Adriano distribuir peças iguais aos outros. Olhou para o caminho para o qual se dirigiam. Sentiu um mal-estar. O caminho escurecia na medida que as árvores intensificavam-se. O som seco dos cascos de cavalo ia dando lugar ao barulho da lama.

As peças eram grandes capas de cor marrom com capuzes na extremidade. Os cinco bentos puseram as capas e mais três soldados.

— Assim não damos tanto na vista que somos bentos. Evitamos armadilhas por parte dos malditos noturnos.

— Mas a essa hora... ainda tem sol. Eles não podem nos atacar no sol. — argumentou Lucas.

— Mas os mulos podem.

Lucas olhou para Francis. Lembrou-se dos mulos, os escravos dos vampiros. Eles poderiam criar encrenca durante as horas de sol. Poderiam detectar um grupo de soldados em missão e delatar a posição ao inimigo noturno assim que o sol baixasse. Os banidos viviam nas matas e usavam desses expedientes para gozarem de bom relacionamento com os monstros da noite e terem seus pescoços poupados.

— Se algum mulo vê nossas capas vermelhas e armaduras reluzentes, quando chegar a noite os malditos estarão em cima da gente. Bentos são perigosos, mas são peças importantes no jogo dos noturnos. Valem muita coisa para esses desgraçados pularem feito loucos em cima do nosso couro, mesmo sabendo que, provavelmente, serão picados e moídos por nossas espadas de prata.

— Eles devem conhecer a profecia.

— Conhecem, Lucas. Conhecem, sim. Esses banidos, as pessoas más que são colocadas para fora das fortificações, dão com a língua nos dentes. Selam amizade, compactuam com os malditos. Vendem informações. Assim os noturnos sabem onde guardamos os adormecidos. Por que atacam tanto São Vítor? Porque sabem que lá se concentra o maior número de adormecidos de todo o Brasil.

— Por que não descobrem onde ficam esses mulos e não acabam com eles?

Francis puxou a rédea do cavalo e parou o animal. Lucas fez o mesmo. O bento mais antigo suspirou fundo.

— Não matamos gente, Lucas. Mesmo dando vontade... não matamos gente. Essa vida já é tão desgraçada, tão terrível, que fizemos um voto de não matar os irmãos, mesmo os maus, que vivem fora dos muros.

— Mas se eles prejudicam tanto a missão...

— Viver fora da fortificação já é castigo suficiente. Mesmo com os pactos que tecem com os malditos noturnos, Lucas, esses banidos são uns coitados. São vítimas de suas atitudes... e até mesmo seus protetores da noite acabam se virando contra eles. Os noturnos são bestas sem escrúpulos e sem coração. Quando querem sangue só buscam um corpo quente e de coração pulsante. Esquecem de pactos e de relacionamento.

O grupo de cavaleiros afastava-se. Apenas Alicate aguardava a dupla que conversava.

— Vamos andando, Lucas. Temos que percorrer muito chão até São Pedro. E vamos orar também, pois estamos em terreno inimigo. Nessa região, a atividade dos noturnos é constante. Se descobrem um grupo de cinco bentos na mata, juntarão tantos noturnos quantos for possível para arrancar nosso couro.

Lucas arrepiou-se, lembrando-se da visão em seu pesadelo. Dos malditos vampiros empoleirados nas árvores feitos pássaros do inferno. A pele branca com as veias negras e azuladas realçando a aparência demoníaca e asquerosa, exalando pelos poros uma névoa de perigo, alertando aos incautos: fiquem longe de mim.

Cavalgaram vagorosamente por cerca de uma hora. Apesar do ar sombrio que sentira a princípio, o caminho revelara-se calmo e harmonioso ao bento novato. Uma brisa constante refrescava a pele, aliviando o calor proporcionado pela farda de guerreiro.

Bento Edgar aproximou-se com sua montaria, permanecendo ao lado de Lucas. Depois de cinco minutos ao lado do trigésimo, abriu a boca:

— E aí? Como é ser o tal?

Lucas sorriu, soltando ar pelo nariz. Continuou calado. A voz dos soldados conversando na frente e o barulho dos cavalos passando pelo chão úmido. Os cavaleiros balançando sobre as selas, acompanhando o movimento dorsal da montaria.

— Sei, lá. Dá um embrulho no estômago.

Edgar levantou o rosto, olhando para as árvores ao redor. As copas, altíssimas, cerca de vinte metros acima de suas cabeças, peneiravam os raios de sol.

— Já, já vai escurecer.

— Como é que você chegou aqui? — quis saber Lucas.

— Que nem você. Um dia acordei. Fui colocado numa sala e fiquei esperando o que ia acontecer.

— É estranho, não é?

Edgar concordou com a cabeça.

— Dormi como corretor de seguros, acordei como salvador do mundo.

Continuaram em silêncio mais um instante.

— E você? Lembra da sua vida antes de adormecer?

— Ah. Já lembrei de tudo. Faz tempo. Às vezes, demora pras coisas voltarem pra cachola... mas voltam... de uma hora pra outra, sem explicação.

— Tá difícil. Nem do meu nome eu lembrava.

— Eu lembrei tudo. Não sei se isso é bom... às vezes, preferia ficar desmemoriado. Assim o peito não ia doer tanto na hora de lembrar da minha preta e dos meus dois bacuris.

Lucas riu da expressão.

— Eu era policial rodoviário. Morava em Ubatuba e trabalhava em Caraguatatuba.

— Ubatuba?

— É. As praias mais lindas do litoral paulista, lembra?

— Ubatuba... — repetiu Lucas.

— O caso Roberto... o louco do asilo, lembra?

— Lembro... — Lucas puxou a rédea, fazendo o cavalo parar. Edgar também parou seu animal. Lucas tinha a expressão estranha.

— Ubatuba.

— Lembra do caso do asilo? Passou no Fantástico. A Globo deu o maior apoio pra nossa causa. A ação "Desespero que Salva". O policial maluco. Era eu. Lembra?

Lucas apertou os olhos. Um *flash*. O som das ondas. Carros de TV

— Não tenho certeza...

Baixou a cabeça. Tinha um folheto na mão. A foto de um rapaz. Um rapaz conhecido. Olhando para o lado, ouvindo os gritos desesperados de uma mulher. Ela tirava a filha de uma multidão de famintos.

— ...acho que eu estava lá. Edgar abriu um sorriso largo.

— Não acredito!

— "Desespero que Salva".

— É. Foi esse o slogan idiota que eu bolei, mas que deu certo.

— O que foi que aconteceu? Eu não lembro bem.

— É o que eu ia falar. Eu era policial rodoviário, mas nas horas vagas eu dava uma de professor de Educação Física voluntário no maior asilo de Ubatuba.

— Sei. — concordou Lucas.

— Teve uma época que aquele asilo só funcionava na base de voluntários, daí a prefeitura cortou a verba que sustentava o pouco que restara da casa de velhinhos. Eu comecei uma campanha, pedindo aos empresários de Ubatuba e região, pedindo uma contribuição mensal

para manter o asilo. Tinha muito nego que ajudava, mas chegou uma hora que não dava mais. Não tinha luz, não tinha água, tinham cortado tudo.

— Nossa.

— E ninguém tava cagando pros coitados. Sabe, tinha um monte de gente lá que tinha sido pai e mãe de família, tinha criado três, quatro filhos e nenhum filho-da-puta aparecia pra ajudar. Os coitados estavam morrendo à míngua, nem tinha mais sentido eu continuar tentando dar aulas de educação física. Virei enfermeiro na raça. Faxineiro. Minha mulher já tava querendo me largar, porque quando eu não tava no trabalho, tava no asilo. Eu sei lá, eu simplesmente não conseguia largar aquela gente ali.

— Putz. Você não pirou? O que aconteceu?

— Se eu não pirei? Acho que não pirei porque Deus mandou um monte de anjos pra segurar minha cabeça. Graças a Deus mais voluntários apareceram, mas tudo gente pobre, que nem eu. Não dava pra fazer milagres, mas a gente ia levando. Até o dia da merda maior...

— Que merda?

Bento Edgar deu um toque de calcanhar na barriga de seu cavalo, fazendo-o voltar a andar. Lucas acompanhou o bento.

— Chegou uma ordem de despejo. Cara, foi demais. Acabou com o ânimo de todo mundo. Cento e cinquenta velhinhos, que seriam postos no olho da rua. De tanto que eu enchi o saco no fórum, consegui duas semanas de prazo, mas isso não ia adiantar. Não dava pra eu colocar cento e cinquenta velhinhos dentro de um apê de dois dormitórios.

— O que você fez?

— O que eu fiz? Comecei com a ação "Desespero que Salva". Juntei eu e mais três malucos e ficamos sentados na frente do asilo. Começamos uma greve de fome. Mandamos avisar jornais e rádios da região. Em dois dias tava todo mundo sabendo e indo lá pra frente do asilo ver os quatro malucos que não comiam nada.

— E deu certo?

— Não era pra dar... mas no terceiro dia começou a acontecer. Mais dez pessoas se juntaram a mim. De quatro, passamos a quatorze, em uma semana éramos cento e cinquenta grevistas do desespero. Não deixamos passar disso pois queríamos que cada um de nós representasse um velhinho. Tinha nego que trazia bolacha pra gente. Trazia frango, mas a gente tava unido. Não deixei ninguém fraquejar até onde agüentei. Do sétimo dia em diante, só na base da água, eu já não tava vendo mais nada. Veio o Fantástico, o SBT, a Rede TV, todo mundo querendo mostrar os cento e cinquenta malucos. Tinha médico voluntário que vinha atender a gente, vinha hidratar e tudo o mais. Mas só assim pra esses cornos aparecerem. Quando chegou o dia de tirar os velhinhos do asilo, quem disse que tiveram coragem de tirar a gente da frente? Com a televisão lá, não passou um. No nono dia a coisa engrossou. Um monte de grevistas foi

levado para os hospitais. Eu não. Não deixava. Dizia que morria se ninguém desse um jeito na situação do asilo. Dizia que aquilo não podia e que eu sozinho não podia nada. Cara! Lucas sorriu.

— Acho que agora, você falando... eu lembro. Teve uma empresa que assumiu o asilo, não é?

— É. Uma construtora. Pagaram as contas atrasadas, pagaram AS contas nos hospitais dos grevistas. Contratarem médico e enfermeira para os velhinhos de Ubatuba.

— Tá vendo? Tinha gente boa ainda no mundo.

— Tinha. Mas tive que fazer o maior auê. Continuaram atrás do grupo. A luz no céu minguando.

— Depois de um tempo, as coisas voltaram ao normal. Eu voltei a ser um simples guarda de estrada. Até ganhei uma medalha do comando por isso.

— Legal.

— Não sei quanto tempo passou. Uma bela noite eu dormi e alakazan! Aqui estou eu.

— Que história! Você é um cara bastante obstinado.

— Todos nós somos, Lucas. Todos nós temos essa teimosia, essa gana por dentro, é só encontrar a chave.

O novato suspirou mais uma vez.

Depois de completar a curva, Lucas viu bento Vicente e bento Duque apeando os cavalos. Os soldados que iam na frente já tinham descido e buscavam amarrar os animais próximos a um córrego de água limpa e fundo de pedras. As criaturas sedentas baixavam elegantemente a cabeça, deixando a crina encobrir-lhes parcialmente enquanto bebiam água.

Lucas, sem saber o porquê, sentiu outro calafrio. Estava perturbado. Por que aquela sensação crescente de desconforto? Aquele pressentimento de perigo?

Sinatra encheu a floresta com sua voz aveludada, cantando *Exagerado*, de Cazuza, descontraindo os parceiros de viagem.

Bento Lucas parou o animal. O soldado Carlos aproximou-se para auxiliá-lo a descer do tordilho, no entanto o bento já havia se acostumado ao transporte, descendo rapidamente e sem embarço algum. As pernas e a virilha já não incomodavam tanto e não se sentia tão desengonçado sentado ao dorso do cavalo. Carlos notou os olhos de Lucas. Encontrou neles algo diferente. Um semblante preocupado. O bento olhava para todos os lados, inquieto.

— O que foi? Que cara é essa?

Lucas encarou o soldado por um breve segundo, como saindo de um transe. Voltou a olhar para o caminho de barro na frente, igualmente aberto por baixo da copa das altas árvores. Uma floresta de eucalipto, como tantas outras que haviam cruzado.

— Nada, Carlos. Só não estou me sentindo bem. É só uma sensação esquisita. Uma sensação de perigo. — disse, apertando as luvas.

— Huum. Sei. — respondeu o soldado, balançando a cabeça.

Carlos olhou em volta também. Faltava pouco para o pôr-do-sol. Ainda estava junto do bento novo quando ouviram um barulho e em seguida risadas. Os homens estavam na beira do regato. Os cavalos relincharam e ergueram as patas. Carlos correu até o meio dos colegas. Lucas, vindo atrás, viu quando Bento Duque levantou-se da água. Os outros bentos e os soldados faziam gozação.

Duque, irritado, arrancou a capa marrom, empapada pela água. Quando livrou-se do apetrecho, também sorriu. Os amigos que escarneciam não tinham culpa de seu acidente. Tinha pisado em falso ao aproximar-se do córrego e uma pequena pedra tinha rolado, levando seu pé e o resto do corpo ao fundo da água.

— Vai chegar o dia de vocês. Pode deixar. — brincava o negro grandalhão. — Quando tiverem um vampiro nas suas costas, não gritem meu nome. Não vou ajudar nenhum de vocês. Onde já se viu? Rirem de um pobre bento que cai no rio!

Os soldados riram ainda mais alto e fizeram também suas graças.

Bento Duque torceu a capa marrom com a ajuda de Alicate. Estendeu a capa do capuz em cima de uma pedra. A quentura da rocha talvez tirasse a umidade do tecido. Infelizmente, faltava pouco para o sol esconder-se no horizonte.

Vicente olhava para o morro na frente, onde a hóstia rubra começava a tocar.

— Andamos demais, Francis. O sol já vai embora e não encontramos um esconderijo decente para esta noite.

— Vamos descansar mais um segundo, irmão. Os cavalos estão mortos. Com certeza encontraremos abrigo adiante.

— Na escuridão? Sem chance. Conhecemos pouco estes cantos.

— Não assuste os homens, Vicente. Vamos encontrar um abrigo. Somos cinco bentos. Vampiro nenhum vai se meter a besta conosco.

Vicente resmungou qualquer coisa e começou a andar sozinho pela estrada de barro. Ao que parecia procuraria um esconderijo por conta própria.

Lucas, depois das risadas junto ao riacho, livrou-se daquele aperto no peito. Sentou-se junto com os soldados para descansar um pouco da jornada no lombo do cavalo.

O grandalhão Paraná acendia fogo para esquentar água para um café. Marcel auxiliava e já tinha estendido uma toalha no chão onde havia deposto duas broas salpicadas de farinha. Uma refeição ligeira não cairia mal.

Duque ainda ria com alguns dos soldados. Sinatra voltava a cantar, ajudando a distrair os rapazes.

Duque pressionou os dragonetes que vinham nos ombros e liberou a capa vermelha. A peça também estava molhada e ficava colada nas costas de sua armadura e também nas batatas das pernas, causando desconforto. Retirou a capa e depois os coturnos. Com a ajuda de outro soldado, também torceu bem o manto. Olhou em volta à procura de um lugar seguro para secar o tecido.

Vinte minutos passaram-se e todos sorviam em pequenos goles o café fumegante e saboroso preparado pelo cuca Paraná. O pão macio, apanhado em Esperança, confortava o estômago. Conversavam despreocupados. Lucas mais ouvia do que falava. As reuniões, à beira do fogo, eram excelentes para o novato descobrir mais sobre a sociedade atual. Descobrir palavras e integrar-se ao novo vocabulário. Analisava também o jeito de cada soldado. De cada bento. Tentava descobrir que tipo de pessoa existia por trás de cada rosto. Cada vez mais convencia-se que eram pessoas do bem, como Edgar mostrara-se. Gente sofrida que lutava pela sobrevivência. Não que o sofrimento as enobrecesse. Mas sofriam porque queriam sofrer. Estavam na estrada porque queriam trazer mais conforto para os irmãos, mais segurança. Livrar o mundo daquelas pestes da escuridão. Traziam cicatrizes nos braços e faces porque estavam na estrada, batendo-se contra o perigo. Não ganhavam dinheiro em troca. Ganhavam gratidão. Ganhavam irmandade e companheirismo. Esses valores pareciam a Lucas a moeda corrente do mundo novo.

Lucas estava descontraído, observando, com a caneca de café quente na boca, quando se voltou mais uma vez para o horizonte. O disco vermelho já tinha caído para trás do morro, tingindo o céu de tons vermelhos e violáceos. Baixou os olhos vendo o caminho abaixo das copas das árvores. Vicente vinha pela estradinha de barro, onde as sombras da noite já tomavam seu lugar. O bento sorria ao aproximar-se.

— Encontrei uma gruta segura!

Lucas olhou para o córrego. Sobre uma grande pedra, a capa marrom de bento Duque parecia quase seca. Olhou para o bento. Estava sem a capa, caminhando somente com a elegante armadura torácica de prata, trazendo nela as marcas de combates antigos. Procurou pela capa. Não estava estendida sobre pedra alguma. Olhou em volta. A caneca na boca, sorvendo mais café quente. Olhou para as árvores. Engasgou-se com o líquido fumegante. Derrubou a caneca e sentiu o coração disparar. Caiu da pedra em que se encontrava sentado. Abriu os braços ainda desequilibrado. Risadas dos soldados. Bento Francis o encarou com seriedade. Lucas apontou para as árvores. Seu coração batendo tão rápido e tão forte que poderia arrancar a armadura. Olharam na direção que o dedo indicava. Esperavam encontrar um monstro empoleirado na árvore, mas tudo que viam era a capa vermelha do bento Duque amarrada no alto, enroscando o tronco de um eucalipto.

— Uhuh, cuidado com a capa! — escarneceu Vicente. Lucas levantou-se, atabalhoado.

— Meu sonho! — gritou, lembrando-se do sonho na gruta. Durante a visão com o velho Bispo, tinha visto um tecido vermelho enrolado num tronco de árvore.

Bento Francis aproximou-se. Também sentira um calafrio percorrer a espinha, pois o amigo bento havia lhe contado em detalhes o pesadelo e lembrava-se do bento comentar alguma coisa sobre um pano vermelho. Ninguém sonhava desde a Noite Maldita. Pensava nisso quando ouviram uma explosão.

— Todo mundo pro chão! — gritou o líder Adriano.

Os soldados buscaram a proteção das pedras. Tinham o riacho às costas e somente as pedras como barreira. O tiro parecia ter vindo do lado esquerdo da clareira, mas não tinha garantia nenhuma de estarem no meio de um cerco. Teriam sorte se houvesse apenas um atirador.

Adriano rastejou até os cavalos.

Outro tiro. Uma lasca de árvore saltou próxima à cabeça de bento Vicente.

— Mulo desgraçado! — urrou o grandalhão.

Adriano arremessou um fuzil para Paraná. O soldado destravou a arma e apoiou-se em uma rocha fazendo mira na floresta. Se o maldito desse mais um tiro revelaria sua posição.

— Sorte nossa que esses mulos são ruins de tiro. — balbuciou Francis ao ouvido de Lucas.

— A gruta... a gruta que Vicente encontrou...

— O que tem a gruta, Lucas?

— Ela está cheia de gente.

— De adormecidos?

— Gente... gente seca. Tem alguns vivos. Precisamos ajudá-los.

— E vampiros, Lucas? Tem vampiros nela. Lucas levantou a cabeça.

— Está vendo aquela touceira logo ali? Francis levantou-se e olhou rapidamente.

— Ali é a boca de uma gruta. — completou Lucas.

Francis ia dizer alguma coisa, mas uma explosão bem ao lado deles interrompeu a conversa.

— Eu acertei! — gritou Raul.

— Certeza? — perguntou o líder Willian.

— Certeza, cara. Pode apostar.

Raul ergueu o rifle com mira telescópica em sinal de vitória e voltou a se proteger contra a pedra.

Os soldados do grupo de Adriano não questionaram. Sabiam que Raul era o melhor de mira do grupo e, quando estava com aquele rifle, dificilmente perdia um tiro.

Vicente olhou para a árvore lascada e mediu um palmo até sua cabeça. Fez o sinal-da-cruz. Aquela tinha passado raspando.

Os homens continuaram um instante atrás das pedras. Raul olhava para a mata com a mira telescópica.

Willian e seus soldados, Alicate e Carlos, olhavam a outra margem do riacho, procurando indícios de movimentação, sinais de inimigos nas proximidades.

— Tudo limpo. — gritou Raul. — Acho que era um só. Um azarado.

— Se tiver mais gente por perto os tiros vão chamar a atenção.

— Vamos nos esconder na gruta! Lá estaremos protegidos, poderemos nos defender melhor, não teremos que nos preocupar com a retaguarda.

Joel atravessou a estrada de barro e embrenhou-se na mata, buscando o corpo do atirador na direção indicada por Raul. Os soldados levantaram-se e iam em direção a Vicente.

— Na gruta não! — gritou Francis, levantando-se também.

— Por quê? — quis saber bento Edgar.

— Na gruta... tem vampiros.

O silêncio pesou sobre o grupo.

Vicente olhou para o horizonte. Um fino fio vermelho perdia a força, entregando o céu à noite. Repetiu o sinal-da-cruz e pousou a mão no cabo da espada.

— Traga Joel. — pediu Francis ao bento Edgar.

Edgar, o magricela de músculos definidos, saiu atrás do soldado. Um vento frio agitou a copa das árvores.

— Quanto tempo temos? — perguntou Alicate.

— Nenhum. Preparem as armas. Balas de prata. Nós vamos sair dessa. — disse Adriano. — Defendam os bentos. Custe o que custar. Quando os malditos chegarem, eles vão ficar loucos. Não podemos perder nenhum. Ouviram? Nenhum. Os soldados aquiesceram.

— Precisamos juntar trinta bentos. Trinta. Se um morre, bau bau profecia.

Os soldados ouriçaram-se. Partiram para os cavalos, preparando as armas. Marcel retirou três garrafas do meio de suas coisas. Água benta, sua amiga inseparável.

Os bentos também pareciam empertigados.

— Como sabem que tem vampiros naquela gruta? — questionou Vicente.

— O pesadelo de Lucas. Lembra?

O bento balançou a cabeça positivamente.

— Ele sonhou com esse lugar. Sonhou com as criaturas.

— Ele sonhou com esse lugar. — repetiu Vicente, mudando a voz para um tom mais agudo, fazendo graça com a expressão. — Você vai ficar prestando atenção em tudo que esse merda fala?

Um vento mais forte bateu na estrada. A touceira de mato alto agitou-se. Uma sombra sinistra escapou pela boca da gruta e saltou para cima de uma árvore.

— Você vai ficar prestando atenção em tudo que esse merda fala? — repetiu bento Francis, fazendo graça na sua vez.

Bento Vicente sacou a espada.

— Vicente, você tem que aceitar que Lucas é o homem! Ele veio para nos ajudar. Ele veio para nos salvar. Ao invés de ficar fazendo pouco, ponha sua espada ao lado dele. Morra no lugar dele. É o único caminho.

O vampiro parou empoleirado no galho firme do eucalipto. Seus olhos vermelhos varreram a mata. Abriu um sorriso ao avistar quarenta metros adiante o grupo de soldados. Lutar por um pouco de sangue quente no começo da noite seria um bom exercício. Grunhiu chamando a atenção dos irmãos noturnos. As roupas negras da criatura esvoaçaram quando cruzou o ar, deixando uma árvore e partindo para outra.

Bento Duque estralou os dedos e desembainhou a espada prateada.

Edgar cuspiu na luva de couro e sacou sua arma também. As capas marrons com capuz confundiriam por um instante as criaturas.

O vampiro agarrou-se firme ao galho. Parou e examinou melhor o grupo. Um homem negro trazia o tórax protegido pela armadura de prata. Um bento!

Dezenas de vampiros saíam pela boca da gruta. A maioria saltava direto da abertura para um galho de árvore, movendo-se com grande velocidade e agilidade, cercando perigosamente o grupo de soldados junto ao córrego.

Relinchos de cavalo encheram a mata.

— Sangue bento! — bradou o líder dos vampiros, apontando para Duque.

O líder foi o primeiro a abandonar o galho frondoso e cruzar o ar em direção ao grupo de humanos. Os demais vampiros grunhiram, exibindo seus dentes pontiagudos e descendo para mais perto do chão. Assim que o líder tocou o solo, as criaturas saltaram das árvores, formando uma perigosa nuvem de criaturas da escuridão ao redor dos poucos soldados.

Bastou o grito ameaçador da fera para que os bentos fossem tomados pela força estranha que os empurrava de encontro àqueles monstros. Bento Duque gritou e ergueu sua lâmina, indo na direção do vampiro líder.

Bento Francis sacou a espada. Eram muitos inimigos chegando, a luta seria infernal.

— Fogo! — gritou Adriano.

Disparos começaram a espocar ao redor dos bentos. Os soldados tentariam abater o maior número possível de criaturas, antes delas tocarem nos bentos. Tentariam a todo custo salvar aqueles homens sagrados e manter a concretização da profecia em curso.

Assim que o vampiro líder gritou e tocou no chão, vindo de encontro à espada de Duque, Lucas começou a sentir uma queimação interna. O cheiro fétido das criaturas entrava por suas narinas, sugando-lhe o auto-controle. Lucas, com suor escorrendo da testa, abaixou a cabeça. A mão segurou firme o cabo da espada. Um grunhido gutural formando-se em sua garganta. Abriu a capa marrom e retirou o capuz, fazendo sua capa vermelha esvoaçar ao girar o corpo. O círculo de vampiros em torno deles pareceu aguardar um segundo ao perceber mais um bento revelado. Risos partiram da boca das feras. Dezenas delas estavam no chão. Mais um bom número ainda empoleirado nas árvores. Os olhos do bento encheram-se de luz, emanando um espectro amarelado. Lucas arrancou a espada da bainha provocando um chiado metálico.

Marcel que, apesar da tensão do momento, parou para observar Lucas, sentiu a pele arrepiar. Os olhos do bento estavam amarelos! Marcel chamava a atenção de Raul, quando o bento disparou em desabalada carreira, de encontro aos malditos.

O vampiro líder parou o ataque antes de encontrar-se com a espada de Duque. O vampiro, surpreso, percebeu uma sombra prateada e vermelha cruzando seu caminho. No instante seguinte, seu corpo vampírico perdia as forças e sua cabeça escapava do pescoço.

Lucas continuou a corrida, ignorando os vampiros que surgiam ao seu lado. Queria alcançar as árvores.

Adriano deu mais um tiro. Outro vampiro sentiu a carne penetrada pelas balas de prata, tombando aos gritos, ferido gravemente. O líder dos soldados de São Vítor fez nova mira. Mais um desgraçado saía do caminho.

Os vampiros que gargalhavam em cima das árvores, observando a batalha, ficaram tensos quando perceberam o vampiro líder cair decapitado. Notaram que, debaixo daquelas capas marrons, surgiam cada vez mais bentos. No instante seguinte, um deles notou aquele homem de capa vermelha subindo rapidamente na árvore. Não teve tempo de dar o alerta. Quando flexionou o corpo, a espada afiada do bento já o tinha atingido na altura do joelho. O vampiro urrou de dor, a prata sempre exercia essa maldita reação, queimando a carne e comendo os nervos. Viu sua perna rodopiando no ar e indo ao chão. Mais um segundo e a lâmina passava em seu abdome, colocando para fora seus órgãos podres. A fera não teve mais forças e despencou das alturas com os olhos vermelhos fixos num par de gemas amarelas espectrais.

Lucas partiu para o seguinte, saltando, igual aos malditos, de galho em galho, alcançando um a um, evitando a fuga das criaturas. No entanto, teve que voltar ao chão ao notar a massa crescente de atacantes fechando-se sobre os companheiros. Saltou de cima da árvore, cruzando o espaço com a espada acima da cabeça. Ao tocar o solo, o golpe poderoso da lâmina atravessou

de cima a baixo uma vampira, dividindo-a ao meio. Lucas apertou o cabo da espada e com maior ferocidade bateu contra as criaturas que o cercavam. Usava o cotovelo e as pernas para afastá-los e a lâmina afiada para exterminá-los.

Edgar abaixou. O cheiro horrendo que exalava dos malditos o deixava cego. Eram tantos ao redor. Não tinha medo. Queria estrangulá-los, um a um. Mas, o número gigante de criaturas noturnas impedia uma tortura mais severa. Tinha que ser breve nos golpes. O bento cruzou a espada horizontalmente, repartindo ao meio mais uma criatura. Os agonizantes, mutilados, largados ao chão, eventualmente lançavam seus braços, tentando derrubar os guerreiros.

Os tiros dos soldados estavam sendo de grande valia. Impedindo muitas vezes que os guerreiros espadachins fossem agarrados pelas costas. Miravam principalmente na cabeça do inimigo, garantindo, dessa forma, que os corpos dos "mortos-vivos" permanecessem seguramente inanimados.

Vendo os semelhantes caindo um a um com grande velocidade, o número reduzido de vampiros, que permanecia empoleirado nas árvores, adotou nova estratégia.

Aos poucos, bentos e soldados perceberam as brasas circundantes em cima das árvores irem desaparecendo. Os malditos estavam fugindo!

Lucas, percebendo que os bentos estavam investindo pesado contra o ataque em terra, voltou a sua fúria para os vampiros que tentavam fugir. Voltou a correr e atirar-se árvore acima, bailando pelos galhos tal qual faziam os malditos. Empenhava toda sua força e raiva contra as criaturas, alcançando um bom número e fazendo seus corpos caírem retalhados. Em poucos minutos havia se afastado cerca de um quilômetro do acampamento. Os malditos noturnos conheciam bem a floresta e seus esconderijos. Mesmo assim, por conta do odor horrendo que escapava das criaturas, encontrou mais meia dúzia deles, acovardados, entocados em buracos e grupamentos de árvores. Assim que o fedor desapareceu, Lucas não teve mais como perseguir os vampiros em fuga. Seus olhos voltaram à coloração normal. Voltou para o acampamento, onde os companheiros tinham dado cabo do numeroso bando de inimigos. Três soldados estavam feridos, com sangue esvaindo por cortes abertos pelas afiadas garras dos monstros da escuridão.

Os bentos olharam para Lucas.

— Alguns se foram. Não consegui acabar com todos.

— Maldição! — protestou bento Vicente.

— Eles voltarão com mais. — juntou Duque.

— Quanto tempo temos? — perguntou Lucas. Francis, juntando-se aos amigos, respondeu:

— Não dá pra saber. Muitos deles morreram aqui. Não vão querer se bater com nosso grupo sem uma preparação. Por outro lado, acaba de escurecer. Eles terão tempo de sobra para uma segunda investida. Mas creio que levarão, no mínimo, mais quatro horas para se reorganizar. Terão de juntar outros bandos, contar o ocorrido, voltar até aqui. Por que quer saber?

— Dentro daquela gruta... tem gente viva lá embaixo.

— Rios de Sangue... — murmurou o soldado Sinatra. Lucas aquiesceu.

— É isso mesmo. É isso que eu vi no meu sonho.

— Mas não podemos nos deter por causa disso. Temos que levantar acampamento. Socorrer os feridos...

— Vamos abandoná-los? Eu vi esse lugar antes, no meu sonho. Vi gente viva lá dentro! Bispo não deve ter me mostrado isso à toa!

— Seguramente não mostrou à toa, Lucas. — continuou Francis. — Temos uma missão a cumprir. Se esses malditos voltam em número dobrado, como vamos detê-los? Esse primeiro ataque deixou Zacarias, Raul e Willian feridos... praticamente nossos melhores atiradores. Não poderemos contar com os braços deles. Seremos esmagados. E se perdermos um bento que seja, adeus quatro milagres. Mas, se nos mantivermos firmes em nossa meta, com a ajuda dos quatro milagres, com certeza poderemos voltar a essa gruta e a salvar essa gente.

Lucas baixou a cabeça, consternado. Não estava certo. Tinha gente viva lá embaixo.

— Caso fossemos para o fundo da gruta salvar gente, como transportaríamos eles para São Pedro? Como levaríamos essa gente para lá? Nos Rios de Sangue não encontramos uma ou duas dúzias de pessoas. Eles estocam centenas, Lucas! Centenas! Depois de entrar lá, não poderemos deixar uma sequer para trás. Eles matarão todos os restantes e mudarão para outra toca. Não é isso que você quer, certo?

— Não. Não é isso que eu quero.

— Prometo que depois que os trinta bentos estiverem juntos, essa gruta será o primeiro lugar que visitaremos.

Lucas não discutiu mais.

— Vou cuidar dos feridos, Lucas. Um ex-médico ainda sabe dar jeito numas feridas. Ajude os demais a preparem as coisas para nossa partida. Não podemos ficar aqui e essa noite ainda será longa. Andar por esses caminhos com três homens sangrando é chamar confusão, a noite é deles, meu bravo irmão. A noite é deles. — impôs um fim à discussão, referindo-se aos vampiros.

Capítulo 28

Raquel ergueu mais o nariz, farejando. Seu olho bom vasculhou o caminho. Encontrou sobras de uma fogueira na clareira. Olhou para o chão com barro ressequido. Pegadas. Um humano. Cheiro de vampiro. Cantarzo. O maldito tinha desaparecido. Raquel grunhiu e gesticulou. Um par de brasas vermelhas saiu da mata, aproximando-se. Gerson também olhava para todos os lados. Buscavam pistas que pudessem levá-los a Cantarzo. O maldito pagaria pela traição.

Anaquias foi o último a surgir. Era o único não obcecado pela idéia de estrangular Cantarzo. O "caçador-vampiro" não era de todo ruim. Até gostava do velho Cantarzo. Era engraçado. Mas era fiel a Raquel, sua mestra da noite. Por ela arrancaria a garganta de sua mãe, se fosse pedido. Raquel era a senhora da toca. A fera. E a ela deviam respeito, até mesmo Cantarzo.

— Ele esteve aqui... — murmurou a vampira, chamando a atenção de seus dois escudeiros.

— Também posso sentir o cheiro do filho-da-mãe. — emendou Gerson.

Raquel agachou-se ao lado da fogueira. Não havia sangue ali. Sentia o cheiro de alguma coisa. Algo estranho. Encontrou marcas no barro ressequido. Abaixou a cabeça até o chão, cheirando o barro. Cantarzo tinha deitado-se ali. O que o vampiro tinha feito ali, em companhia de um humano? O que estava tramando? Cantarzo não era de travar amizade com humanos. Não gostava de mulos. Era um caçador puro, como ela.

Anaquias caminhou até uma grande rocha que marcava o fim do descampado. Depois dela, a floresta, vigorosa, iniciava. Um odor estranho. Seus olhos acenderam, permitindo que enxergasse ainda melhor na noite. Uma mancha na pedra. Raspou com a unha. Sangue seco. Era dele o cheiro esquisito. Não cheirava sangue de gente... mas era. Anaquias baixou os olhos. Vidro estilhaçado. Encontrou uma peça menor, um círculo que revelava que aquele monte de pedaços já fora um pote. No fundo do círculo, havia mais daquele sangue estranho. Anaquias cheirou mais uma vez. Aquela porção ainda estava úmida. Anaquias lambeu o sangue. Saboroso. Lambeu novamente, com mais gana. Sangue de gente. Feriu a língua no vidro afiado. Arremessou o vidro ao chão, partindo-o em dois pedaços. Raquel estava debruçada sobre a fogueira. Gerson andava vagarosamente, buscando no chão por pistas que levassem ao vampiro.

A "caçadora-líder" continuava sem entender. Não era natural. Alguma coisa estava acontecendo. Não via nem ouvia notícias de Cantarzo há duas noites. Não se incomodaria com o sumiço do vampiro, mas queria, ela mesma, dar cabo do vampiro. Reviraria aquela floresta de cima a baixo para encontrá-lo. Cantarzo sofreria o pior castigo impingido a vampiros inimigos. Seria estaqueado e enterrado. Definharia até que seu corpo vampírico não pudesse mais ser

animado. Seria ferido e desfiado à unha. Pereceria, ciente de sua danação, de sua incapacidade, com um pedaço de madeira enterrado no peito. Nunca mais Cantarzo lhe faria de idiota na frente dos demais, nunca mais lhe diminuiria perante os velhos vampiros. Raquel agachou-se sobre as pegadas do humano. Percebeu as marcas ao redor de onde Cantarzo teria se deitado. Teria o humano dado cabo do caçador? Impossível... mas as marcas diziam isso. O chão, que estivera molhado tempos atrás, deixava claro. A maioria das pegadas do humano estavam sobrepostas por um sulco largo, algo sendo arrastado. Raquel ergueu o olho bom para o caminho. Iria atrás daquele humano. Só ele lhe daria as respostas do que teria acontecido com Cantarzo.

Anaquias caminhava em direção a Raquel quando sentiu uma contração no estômago. Curvou-se. Merda! Como tinha sido dolorido!

Gerson percebeu o amigo dobrado, quase caindo para frente.

Anaquias buscou equilíbrio, cambaleando. Encostou numa árvore. Sentiu um tremor, da cabeça aos pés. Apertou os olhos. Se tivesse um coração humano funcionando, o músculo cardíaco estaria disparado. O que fora aquilo?

— Está tudo bem? — perguntou Gerson, aproximando-se.

Anaquias recolocou-se de pé. A dor, igual veio, desapareceu. O vampiro desencostou da árvore e buscou Raquel com o olhar. A vampira correu e saltou para o tronco espinhoso de uma jaqueira. Subiu e saltou para a árvore vizinha.

— Vamos. — resmungou Gerson.

O vampiro grandalhão acompanhou a "vampira-líder". Anaquias correu para não ficar para trás. Não sentia mais nada. Mas que fora estranho, fora. Uma sensação que nunca tinha experimentado antes. Como se algo cutucasse seu corpo. Como se algo mexesse em sua cabeça. Tinha visto uma coisa... como se outros olhos mostrassem. Estranho. Não sabia o que aquilo significava. Fumaça. Uma serpente, de boca aberta, engolindo uma tartaruga.

Capítulo 29

A noite angustiante passou lenta, mas, finalmente, o sol levantou-se, sem que os bentos e soldados experimentassem novas surpresas. Por volta das oito horas da manhã levantaram acampamento para que os soldados feridos tivessem os curativos revistos por Francis e para que descansassem um pouco da jornada. Com os três machucados, a marcha seria mais lenta aquele dia. Provavelmente não alcançariam São Pedro até o poente. Estavam perto de chegar na estrada novamente. Talvez fosse o caso de mandar um soldado na frente, a todo galope, para buscar ajuda na próxima fortificação e preparar a chegada dos bentos e dos homens feridos. Francis estava certo de que os três feridos não morreriam, mas precisariam, ao menos, de descanso. Willian, principalmente. O líder dos soldados de São Vitor tinha um extenso corte abdominal e não poderia fazer esforços até que a cicatrização estivesse avançada. Do contrário, o sangramento poderia voltar e a hemorragia levar embora a vida do soldado. Em outros tempos, a preocupação maior do médico seria controlar a inflamação e debelar uma provável infecção que se instalaria na ferida.

Com o sol a pino, Paraná pediu uma parada quando alcançaram um regato. Além de água para o bando, o soldado queria descanso para os cavalos com um pouco de sombra e água fresca. Francis concordou e em menos de cinco minutos estavam todos com os pés na água, refrescando-se um pouco do sol ardido. As árvores altas filtravam os raios intensos, mergulhando a comitiva em ladrilhos de sombras e luz.

Paraná tirou a capivara do lombo de seu cavalo e, com a ajuda de Marcel, carregou-a para junto do riacho. Tirou a faca afiada da cintura e rasgou o bucho do bicho. Pouco do sangue que tinha sobrado no corpo da criatura tingiu a água do regato. Paraná, habilidoso, passou a faca por baixo do couro da capivara, tirando a pele do bicho. Em mais alguns instantes aquele pernil gordo estaria servindo de almoço para o grupo.

Joel, vendo os preparativos, começou a juntar pedras de bom tamanho para demarcar o fogo.

Zacarias, apesar dos cortes no corpo, sentia-se muito melhor. Tirou a camisa e a calça e desceu a margem do riacho para banhar-se. O líder Adriano também tirou a camiseta. Aquele negócio de cavalo estava acabando com suas costas e com sua paciência. Queria sua moto. Se tivessem indo pela estrada, torcendo o cabo, já estariam em São Pedro a uma hora dessas. Desceu para junto de Zacarias e molhou os braços. Adriano sentia-se ansioso. Não tinha raiva por acompanhar os bentos, de forma alguma. Esse era seu trabalho. Esse era seu dever. Ainda mais agora, numa missão tão importante. Mas, a saudade de Carina falava alto no peito. De noite, dormindo no meio da "marmanjada", sentia falta do corpo macio e quente da esposa. Dos

beijos quentes. Baixou as mãos em concha e jogou água no rosto. Uma porção da água fresca reteve-se em seu cavanhaque loiro. Entregou água fria nos músculos dos braços. Quantos dias ainda levariam naquele caminho. Quanto tempo levaria para juntar os trinta bentos?

Francis, que acomodava Raul e Willian, que se queixavam de dor nos cortes, fitou o líder de Nova Luz por um instante. Abriu seu embornal e retirou um frasco com comprimidos feitos no HGSV Deu Um comprimido a cada um e estendeu o cantil. Voltou a olhar para Adriano. O soldado tinha uma marca no peito. Não era uma tatuagem... era uma cicatriz, como boi marcado. Então era verdade. Aqueles homens envolvidos com o plano tinham marcas mesmo. Bando de doidos. Tinham era pouca fé na profecia do velho Bispo. Não abriam o bico. Todos sabiam que tramavam alguma ação ousada, mas não revelavam os detalhes a ninguém que fosse de fora do círculo. Francis duvidava, até mesmo, que Vicente conhecesse tudo. Temiam que seu segredo salvador caísse nas garras dos vampiros. Francis desviou o olhar. O soldado Alicate aproximou-se.

— Posso ajudar, senhor?

Francis olhou para o céu, o sol brilhava acima das árvores. Deveria ser quase meio-dia.

— Pode, Alicate.

— Como?

— Você monta bem?

— Só não sou chamado de vaqueiro porque já me chamam de Alicate.

Francis sorriu.

— Depois da bóia, monta teu cavalo e corre sem parar até São Pedro. Vá buscar ajuda. Vamos continuar nessa marcha lenta até o fim do dia... eu costurei as feridas dos homens, mas não podemos abusar. Se acelerarmos no lombo dos cavalos vão sofrer demais.

Alicate olhou para Willian e Raul. Os soldados estavam com os olhos fechados, deitados junto à raiz de uma grande goiabeira.

— Estão mal assim?

— Não vão morrer, mas esses analgésicos de São Vitor não são para isso. Mas nessa velocidade, vamos acabar dormindo fora da fortificação. Vá direto a São Pedro e peça transporte aos feridos.

Os soldados, na beira do rio, começaram a rir. Zacarias contava alguma piada e fazia graça com os colegas.

Lucas tirou a capa vermelha e, depois, o peito de prata para descansar o esqueleto. Apesar do calor, a vestimenta já não incomodava tanto. Bento Vicente aproximou-se e estendeu duas goiabas grandes para o colega. Lucas apanhou as frutas e acenou agradecido.

— Isso, vai enganando a barriga enquanto o grandão prepara a bóia.

— Olha quem fala. — retrucou Lucas. — Você deve dar dois do Paraná.

Vicente sorriu. Coçou a barba.

Lucas mordeu a goiaba. A fruta de interior vermelho estava doce e saborosa.

— O que você fez ontem... sem dúvida você é especial. Lucas quase engasgou com a goiaba.

— Você me elogiando?

— Elogiando o escambau! Não sou viado pra ficar agradando homem. Só tô dizendo que você é diferente. O velho Bispo devia tá certo.

Lucas sorriu.

— Nunca vi gente com o olho daquele jeito.

Lucas terminou o sorriso.

— Que jeito?

— Seus olhos... pareciam duas brasas amarelas... pareciam com as janelas dos malditos, mas, em vez de vermelho... estavam amarelos.

Lucas mordeu novamente a goiaba.

— Eu não tenho muito jeito pra falar com os outros... não sou bajulador... só queria dizer que pode contar comigo.

Lucas parou um instante.

— Você é magrelo feito um grilo, mas é rápido. É que nem o Ali falava... tu parece frágil feito borboleta, mas ferroa como um zangão.

Vicente tirou a capa surrada e soltou também o peito de prata, colocando-o no chão, sobre o tecido.

— Esse é um mundo louco, Lucas... e agora que os milagres virão, só tenho medo de uma coisa.

— Do quê? — perguntou o trigésimo bento, no meio de mais uma mordida.

— De tudo voltar a ser como era. Voltar a ser que nem antes.

— Mas isso não ia ser bom?

Vicente bufou e balançou a cabeça negativamente.

— Se a gente vivesse no mundo de antes, duvido que um de vocês estivesse aqui, parado, falando comigo.

Lucas não entendeu.

— Do que você está falando, Vicente?

— Tô falando que rezo sempre para o mundo não voltar a ser o que era antes. Não sei o porquê que fui escolhido para estar com vocês, nessa missão dos infernos, arrebatando cabeça de capetas, mas não quero que as pessoas voltem a agir como agiam antes dos vampiros.

— Não quer que os vampiros desapareçam?

— Isso eu quero, sim. Mas depois que eles desaparecerem? O que vai ser da gente? Pra que vamos existir?

Lucas deu de ombros. Tanta novidade na cabeça, ainda não tinha tempo de sentar debaixo de uma goiabeira para meditar sobre o futuro. Sua vida era o presente.

Vicente tirou o colete de couro, depois a cota de malha de metal. Por fim, tirou sua camisa de mangas longas, deixando o peito largo e pálido nu.

Lucas olhou demoradamente para Vicente. O gigante virou de costas. Lucas estava impressionando. O bento era coberto por tatuagens, nas costas, no peito, nos braços.

— Deve estar perguntado onde eu descolei esse barato, não tá? Lucas aquiesceu.

— Fiquei sete anos guardado, velho. Puxei cadeia em tudo que é canto. Já matei. Já roubei. Já taquei fogo em malandro folgado, já cortei rola de estuprador. Já fiz de tudo.

Lucas ficou imóvel, boquiaberto.

— Sete anos no xadrez. Era pra eu ter ficado mais. Minha pena era de trinta e dois. Mas aí veio a Noite Maldita. Todo mundo ficou louco. Até as trancas do xadrez os doidos abriram. Teve nego que entrou numa de saquear tudo. De roubar apartamento, de juntar jóias. Mas também teve nego que foi sangue bom. Que arriscou o pescoço e voltou pro xadrez pra tirar os adormecidos do buraco. Foi assim que eu saí de lá. Algum bom samaritano tirou esse sangue ruim do buraco.

— Cara... — balbuciou Lucas.

— Teve cada história, velho. Cada coisa. Se você parar pra falar com cada nego aqui nesse acampamento. Escuta cada coisa. Dá até vontade de chorar.

— Mas você... você é um cara bom... você... Bento Vicente riu alto.

— Cara bom? Há! Há! Há! Sou um cara bom porque acordei bento. Quando os vampiros vêm pra cima eu não tenho escolha. Saio retalhando tudo, sem chance.

Lucas sorriu.

— Como eu arranco cabeça de vampiro, todo mundo gosta de mim. Mas eu me pergunto. E depois? Depois que os vampiros forem exterminados? Vou ser visto como um bento ou vou ser visto como um ex-presidiário?

Lucas levantou-se e ergueu o braço, pousando a mão no ombro do colega de jornada.

— Será visto como um guerreiro, bento Vicente. Isso eu garanto.

Vicente, calado, fitou Lucas demoradamente. Depois de alguns segundos abriu um sorriso.

— Firmeza.

— Firmeza. — retribuiu Lucas, sorrindo de volta.

A noite há muito tinha chegado quando os cavaleiros aproximaram-se de São Pedro. Faltavam cinquenta quilômetros quando ouviram o ronco dos motores rasgando a estrada. Em cerca de um minuto os faróis surgiram na escuridão e mais alguns segundos até os veículos cercarem os cavaleiros. Alicate vinha em cima de uma das motos, trazendo o reforço de São Pedro para escoltar os cavaleiros até a fortificação. Um dos veículos era uma pickup Ford, com

uma "deita-corno" ponto 50 acoplada a um tripé. A escolta decorreu sem aborrecimentos. Apesar das felicitações calorosas ao encontro, a maior parte do caminho foi feita em silêncio. Os cavaleiros estavam cansados do esforço depreendido e acumulado nos últimos dias de viagem. Queriam um pouco de descanso, logo ao raiar do sol voltariam para a estrada.

Ao adentrarem os portões de São Pedro, apesar de passar das nove horas da noite, a multidão que aguardava para saudar os bentos entrou em alvoroço. Os rostos felizes davam vivas e queriam tocar as capas vermelhas dos guerreiros, em especial a do trigésimo, o prometido, o guerreiro salvador, bento Lucas.

A fortificação contava com um refeitório comunitário, muito semelhante ao de São Vitor, para onde os cavaleiros foram conduzidos, recebendo um jantar adequado. A mesa foi colocada com fartura, com um caprichado sortimento de carnes e vegetais a fim de aplacar a fome dos guerreiros.

Francis demorou em juntar-se aos demais, pois deixava o médico da fortificação a par da situação dos três feridos. Explicou bem a situação de Willian, o único que precisou ficar no alojamento médico em separado, recebendo atenção de uma enfermeira. Raul e Zacarias já se encontravam sentados à mesa para o jantar àquela altura.

Depois do breve relatório médico, bento Francis dirigiu-se ao refeitório. Também sentia o estômago queimar e os músculos reclamarem da jornada. No meio da algazarra, notou algo de estranho. As pessoas contentes, ainda saudando e festejando a presença dos bentos e dos soldados. Vicente gargalhando e brincando no colo com um bebê. Mas algo estava errado naquela cena. Demorou até atinar o quê. Era como um jogo dos sete erros. Faltava algo no cenário que não era para estar faltando, algo sutil. Olhou para Duque, que notava a preocupação no semblante do amigo. Francis aproximou-se:

— Onde está o bento de São Pedro?

A fortificação era guardada pelo bento Arthur e sua presença não era percebida no salão.

Elton, um dos líderes dos soldados de São Pedro, aproximou-se:

— Ele partiu esta tarde, senhor. Partiu em missão.

— Missão? Que tipo de missão?

— Acho que a mesma de vocês, senhor. Juntou os outros e partiu em missão de libertação. É por isso que a população está tão efusiva. Ninguém vai conseguir dormir esta noite.

— Espera um pouco... Juntou os outros? Não estou entendendo. — insistiu. — Normalmente conhecemos as missões importantes com antecedência. Apenas esta jornada que começamos hoje não era conhecida e começou de sopetão. Mas se Arthur tivesse uma missão, teria mandado um mensageiro.

— Acho que não teve tempo, senhor. Os demais chegaram hoje de manhã e, ao que pude perceber, chegaram de surpresa.

— Você preencheu um relatório sobre essa saída extraordinária? — perguntou Duque.

— Claro, senhor.

— Quem eram esses "demais"? — quis saber Francis, soerguendo as sobrancelhas e farejando desgraça.

— Cinco bentos e mais um grande grupo de soldados, fortemente armados, senhor. Soldados daqui de São Pedro, de Nova São Paulo e também de São Joaquim. Saíram em missão, rumando para a Velha São Paulo, senhor.

— Quantos soldados? — insistiu Duque.

— Vinte daqui, trinta de São Joaquim e trinta da Nova São Paulo.

— Oitenta soldados... — murmurou o bento negro. Francis empalideceu. Sabia o que aquilo significava. Sabia que, propositadamente, os seis bentos estavam desviando da rota traçada pela profecia. Eram os bentos descrentes. Vicente também simpatizava pela idéia desses fracos de espírito, no entanto permanecia aliado ao grupo que buscava cumprir o que fora profetizado pelo velho Bispo, ao menos era no que acreditava. Lançou um rápido olhar para o bento que ainda brincava com o bebê. Francis buscou Adriano com os olhos. Encontrou o líder de São Vítor de costas, servindo-se de um pedaço de cordeiro assado. Adriano fazia parte dos desesperados que tinham um "plano". Plano bolado pelos bentos descrentes e por líderes da soldadesca descrente. Pessoas que não tinham fé nas palavras de Bispo. Pessoas que estavam colocando naquele exato momento o futuro de todos os sobreviventes dentro de um barril de merda.

O bento caminhou rápido até o soldado e bateu-lhe nas costas.

— Precisamos conversar agora.

Francis deu as costas ao soldado e partiu para a porta do refeitório sem esperar resposta.

Zacarias e Marcel olharam para o líder de Nova Luz. Tinham notado seriedade na voz do bento.

Adriano soltou o pedaço de cordeiro no prato. Levantou-se e seguiu pela mesma porta pela qual Francis saía. Assim que pisou no calçamento externo do refeitório, banhado apenas pela luz oscilante de um trio de tochas pendurado rente à parede, foi abordado pelo bento.

Francis, com o dedo em riste, falava com a voz carregada, visivelmente nervoso, tentando mantê-la em baixo volume para não despertar a atenção dos camaradas dentro do refeitório.

— Nunca pressionei vocês, soldados, mesmo sabendo que tramavam às nossas costas, descrentes de nossa missão. Aconteceu algo aqui, esta tarde e eu preciso saber que merda de plano é esse. Preciso saber agora!

Adriano soltou um risinho baixo.

— Se você acha que vai me intimidar com esse seu tom de voz, você está enganado.

Mal terminou de pronunciar a frase, ouviu o retinir de metal e um reflexo ligeiro cruzou o ar. O fio da espada do bento pressionava perigosamente sua garganta.

— Não quero intimidar, ninguém, valoroso soldado. Tua vida é mais preciosa que a minha. Salvou mais gente nas matas do que eu decepei vampiros com minha espada, mas o momento é delicado e estou disposto a tudo para fazer com que os trinta bentos se juntem, até mesmo encher um cemitério de mártires, se for necessário.

— Por que acha que eu sei de alguma coisa?

— Todo mundo sabe que você é envolvido com esse tal plano. A marca em seu peito. Só os soldados envolvidos com esse plano desesperado, com essa marca, conhecem os detalhes. Se por um acaso eles foram para a velha São Paulo, quer dizer que podem não voltar. Não posso permitir isso.

Adriano, com a lâmina ainda encostada em seu pescoço, permaneceu calado.

— Preciso saber para onde foram, Adriano. Depois que Lucas acordou, o plano de vocês perdeu o sentido. Você não consegue enxergar isso? Vamos dar uma chance à profecia. Foram a São Paulo para quê? Para que se arriscar? Que máquina é essa que Vicente tanto fala? — os olhos faiscantes de Francis queimavam os de Adriano. Francis baixou a lâmina, recolhendo a espada. Balançou a cabeça negativamente e passou a mão no cabelo. Voltou a encarar Adriano. — Precisamos de trinta bentos. Nenhum a mais, nenhum a menos.

Adriano passou a mão no cavanhaque. Estava cansado e estressado. Uma espada no seu pescoço não tinha ajudado em nada. O fantasma de Gaspar morto por sua pistola aparecia em sua mente. Com o despertar de Lucas, esperança enfim. E a morte em vão de um irmão... se soubesse de Lucas, poderia ter tentado salvar o amigo. Engoliu a seco.

— Eles foram para o HC. A máquina está lá.

Francis apertou os lábios. Não haveria pior lugar para se ir na Velha São Paulo. O Hospital das Clínicas, como sabiam, havia se convertido no maior covil que se tinha notícia. Era no HC que os vampiros estocavam sua comida, corpos adormecidos, Rios de Sangue.

— A máquina... que maldita máquina é essa? O que é que ela faz de tão importante para valer a vida de seis bentos e oitenta soldados numa missão suicida?

— Quando eles partiram?

— Elton disse que partiram esta tarde.

— Então vão tentar entrar ao amanhecer.

— Mesmo que partamos agora, não chegaremos até a alvorada em São Paulo, ainda mais até o Hospital das Clínicas.

— Não. Chegaremos de tarde.

— Deus! Deus! Temos que partir agora.

— Eu vou. Eu ajudo vocês. Mas tem que me prometer uma coisa.

— O quê?

— Que nunca mais vai colocar a porra dessa espada no meu pescoço. Eu estou do seu lado.

— Às vezes, as piores surpresas aparecem daqueles que cavalgam ao seu lado, dia e noite.

— É. Deu pra perceber. — retrucou Adriano, passando a mão no vergão formado na altura de seu pomo de Adão.

Depois de falar com Elton, bento Francis avisou aos demais, exceto aos três feridos, que o descanso havia sido suspenso. Tinham uma missão das mais duras pela frente. Teriam que partir de São Pedro, sem descanso, na próxima hora, em uma missão desesperada de resgate. Seis bentos, mais oitenta soldados, estavam prestes a entrar no sepulcro gigante formado pela velha São Paulo. Teriam de correr, encontrá-los e trazê-los de volta a São Pedro. De volta ao curso da profecia. De volta à salvação.

Capítulo 30

O líder Elton, contando com ele próprio, conseguiu reunir trinta homens para a missão de Bento Francis. Não eram todos soldados, pois uma boa parte do contingente especializado havia seguido com Bento Arthur e não convinha deixar a cidade sem a cobertura de homens mais treinados. Mesmo tendo agido com pressa e urgência, o destacamento só ficou pronto três horas depois do pedido de Bento Francis.

Francis gritava, coordenando o regimento. Carregavam os cavalos. Traziam munição. Uma incursão à velha São Paulo era o pior que poderia acontecer a essa altura do jogo. A velha metrópole era infestada por mulos atiradores, soldados dos noturnos e, nas horas escuras, era o maior *playground* de vampiros do mundo. Francis juntara-se com Elton, Duque, Edgar e Vicente. Traçavam estratégias. Bento Lucas ficava à margem dessa tarefa... sem conhecer o cenário do novo mundo era difícil ajudar. Lucas andava perdido no meio da agitação. Sabia que ir à velha São Paulo estava longe do plano dos bentos. Sabia que a jornada corria um risco imenso, uma vez que seis bentos estavam a caminho de enterrar-se naquele inferno infestado de perigos. E se morressem?

Francis soube de Elton que os guerreiros recrutados por Bento Arthur foram os bentos Eliseu, Murilo, Tarso, André e Cosme. Guerreiros da pesada, mas insuficientes para saírem vivos de uma incursão ao Hospital das Clínicas. Se havia alguma sorte naquilo era o fato dos bentos recrutados pertencerem a fortificações da região leste e noroeste, poupando tempo precioso da jornada. Restavam agora os bentos do norte e nordeste do Brasil. Francis estacou no meio do pátio, dos cavalos e da agitação da soldadesca, que andavam para lá e para cá, fazendo os ajustes finais para a partida. O Bento passou os dedos por seu bigode afilado aproximando-se de Bento Duque.

— O que você acha de fazer um passeio diferente do nosso, Duque?

O Bento negro olhou para o amigo.

— O que você tem em mente, xará?

— Os bentos que estão com Arthur são do leste e noroeste. Estão juntos e vão nos poupar um tempo precioso... se os revermos com vida.

— Vira essa boca pra lá, Francis. Vamos alcançá-los a tempo.

— Aprecio sua fé, Duque, mas a jornada até a velha São Paulo não costuma trazer boas lembranças. — Francis fez uma pausa, voltando ao assunto. — Tirando o grupo de malucos que foi à velha capital, a maioria dos nossos irmãos está agora no norte e nordeste do país... isso vai facilitar a coisa pra nós.

— Quer que eu vá na frente?

— Isso. Esse desvio inesperado para a Nova São Paulo vai nos tomar tempo demais. Dois dias ou três.

— Sei.

— Junte um grupo de soldados e busque os cinco bentos do norte. Vamos ganhar tempo. Vamos nos reunir ao norte da velha Salvador, em Santa Maria, fortificação de bento Dimas. Se chegarmos primeiro, esperamos vocês lá.

— E se eu chegar primeiro, espero você lá. — concluiu Duque. Francis pousou a mão no ombro do guerreiro.

— Vá! Que Deus lhe acompanhe!

— Se ele ainda estiver cochilando, como dizia o velho Bispo, que sonhe comigo, ao menos. Que sonhe uma coisa boa. — respondeu o negro, sorrindo.



Lucas estava sonolento. Era a primeira vez que se sentia verdadeiramente exausto depois de ter despertado no hospital de São Vitor. Percebeu os cavalos na frente reduzirem de tamanho abruptamente. Baixou sua tocha, apertando os olhos para ver se não estava sendo vítima de alucinação por causa da fadiga. Mas, longe disso, os cavalos realmente pareciam diminuir. Estavam entrando na região pantanosa, o atalho que bento Edgar lhe falara horas atrás. Os animais afundavam parcialmente, deixando a água muitas vezes cobrir o bota dos cavaleiros. Parte do grupamento tinha vindo em veículos motorizados, trazendo o que havia restado de armamento pesado deixado pela missão suicida de bento Arthur. Como previsto, os veículos não teriam condições de fazer o caminho mais rápido e perigoso. Fugiriam do terreno pantanoso, dividindo o grupo de soldados. Vinte e cinco soldados embarcados em veículos motorizados iriam pela estrada, aumentando brutalmente o percurso até a velha São Paulo. Quanto a Lucas e os cavaleiros, teriam que ter a atenção redobrada de agora em diante. A história do alagado remontava tantas batalhas sangüinárias, onde, ao cair do sol, os vampiros sempre tinham vantagem. As criaturas medonhas da noite, uma vez que não precisavam de oxigênio no organismo, podiam submergir por tempo indeterminado, criando as mais terríveis armadilhas no meio do pântano, ferindo a montaria e os soldados com crueldade e devorando grupamentos inteiros em questão de minutos. Somente em circunstâncias extremas, como experimentavam agora, os bentos cruzavam a região pantanosa durante a noite. A região que, depois do evento, tomara os arredores da gigante metrópole, ainda era vigiada pelos mulos durante o dia. Ali o perigo era constante.

Os cavalos moviam-se habilmente pelo terreno pantanoso, a profundidade do alagado eventualmente variava, com trechos onde a água não alcançava a sola dos calçados, outras vezes

chegando quase aos joelhos. Mesmo assim, fortes, os tordilhos avançavam. Além da escuridão, uma névoa constante varria a região, dificultando a visão dos soldados e impedindo que a luz da lua ajudasse. O clarão traiçoeiro das tochas era um mal necessário. Estrategicamente, o líder Elton, melhor conhecedor da região, puxava a tropa. Em alguns trechos conduzia os amigos soldados por áreas secas, cavalgavam cerca de um quilômetro por cima de mata alta, depois voltavam para a água, sendo circundados novamente pelo líquido gelado e pela névoa esvoaçante. Árvores tortas e agourentas lançavam seus ramos encurvados sobre a cabeça dos soldados. Boa parte dos cavaleiros vinha trajando o manto marrom encapuzado, para que os bentos não ficassem francamente expostos. Os vampiros conheciam aquele artifício, mas a utilização da manobra mantinha incógnito o número preciso de guerreiros abençoados, podendo, eventualmente, intimidar o ataque de um grupo reduzido de malditos noturnos.

A marcha prosseguiu monótona madrugada adentro. Depois das três da manhã, alcançaram uma campina seca. Árvores desfolhadas cercavam a paisagem. O chão era coberto por grama verde e uma neblina intensa varria o terreno seco, carregada pelo vento frio da noite. Como, para evitar chamar a atenção, traziam poucas tochas, era difícil enxergar o grupo todo. Lucas bateu com os calcanhares na barriga de seu cavalo e aproximou-se de bento Edgar e Francis. Ambos os bentos olhavam para frente. O cavalo de Elton foi adiante, desaparecendo na neblina cerrada. Demorou dois minutos até voltar. O rosto aborrecido. Balançou a cabeça negativamente.

— Vamos descansar meia hora. Depois continuamos. — disse Francis, com a voz abatida.

Depois de alguns murmúrios, exclamações de satisfação e um bom tanto de insatisfeitos também, os homens desmontaram.

Lucas desceu com facilidade de seu cavalo. Caminhou até uma árvore e enrolou a rédea do animal num galho. Estava exausto. Precisava dormir... mas Francis dissera meia hora. Isso não bastaria para descansar. Caminhou, com os olhos pesando de sono, até o bento médico.

Francis estava com a cabeça baixa. Os olhos também fundos.

— Por que ficou tão desanimado? — perguntou Lucas. Francis inspirou e soltou fundo. Quando exalou o ar, uma nuvem de vapor escapou com a respiração.

— Esperava encontrá-los aqui. Este lugar é o ponto de descanso. Tinha esperança que tivessem montado acampamento nessa clareira e que pudéssemos evitar uma desgraça. Eles estão marchando e, a uma hora dessas, devem estar à margem da cidade, só esperando o raiar do sol para irem ao Hospital da Clínicas.

— Mas e se eles conseguirem o que querem? Se conseguirem a máquina e derem o fora?

— Você não tem idéia no que se transformou nossa cidade natal, Lucas. Não tem idéia. — murmurou o bento, virando-se de costas.

— Eles devem ter alguma chance, Francis. Se a cidade está tão ruim assim, por que eles arriscariam?

Francis baixou o capuz e tirou o manto marrom, arremessando-o ao chão. Não usava capa. Suas costas prateadas refulgiam a luz lúgubre das chamas alaranjadas. Virou-se para encarar Lucas.

— Porque eles não sabiam que você despertou, Lucas. Não sabiam. Eles foram à velha São Paulo, para aquela merda de HC, porque estão desesperados. Desesperados.

Lucas calou-se e engoliu a seco. Medo. Sentiu uma lufada de medo gelando seu peito. Baixou a cabeça envergonhado. Como poderia ele, um medroso, ser o salvador?

— Vá descansar, Lucas. Deite um pouco. Meia hora passa voando.

Lucas aquiesceu e voltou vagorosamente para junto de seu cavalo. Tirou também o manto marrom e dobrou-o, fazendo dele um travesseiro. Não dormiria. Pensaria. Deveria haver alguma coisa dentro dele que justificasse aquele acaso. Alguma coisa nele o faria útil para aquele grupo de guerreiros. Pela primeira vez não desejava que tudo fosse resolvido apenas com um passe de mágica. Queria ser igual a eles. Queria ser um guerreiro, um soldado, não um covarde. Lucas queria ser um bento.

O cansaço geral havia aumentado após as oito horas da manhã. O sol tinha afugentado a neblina, subindo rapidamente e ardendo contra o grupamento. O descanso de meia hora no meio da madrugada não tinha aliviado muita coisa. Apesar de Lucas desejar parar para uma hora de cochilo, ao menos não ousava colocar obstáculo contra a marcha. Francis explicara bem a situação e cada minuto ganho seria decisivo.

Dez horas da manhã, como ouvindo as súplicas mentais dos cavaleiros, Francis ofereceu uma pausa para que os animais se refizessem e que os homens comessem e tivessem um breve repouso. Estavam cada vez mais próximos dos escombros, do que fora o coração econômico da América Latina. Francis queria seus bentos e seus quinze soldados descansados, alertas e prontos para passar fogo nos malditos mulos que perambulavam pela ex-capital.

Lucas desmontou ágil, cada vez mais acostumado ao mundo novo. Sua capa marrom esvoaçou com a descida da montaria e sua touca de metais rilhou. Queria tirar um pouco a couraça reluzente que cobria seu peito e tomar um banho, mas parecia impossível. Levaria mais tempo tirando e recolocando a vestimenta do que dando um descanso aos olhos e ao esqueleto.

Mais uma vez, Paraná começou a preparar o fogo para o bóia. Os soldados de Adriano juntaram-se para ajudar e bater papo. Ninguém conversava muito sobre a missão adiante. Não estava nos planos de nenhum deles deixar Nova Luz, escoltar os bentos e, de quebra, dar uma passadinha na velha São Paulo para resgatar um grupo de malucos. Adriano sabia que esse dia chegaria, cedo ou tarde, mas sentimentos ambíguos crivavam seus pensamentos. Talvez, o que mais prevalecesse fosse o de frustração. Estava feliz pelo trigésimo bento ter acordado, mas, há

muito, tinha deixado de acreditar naquela profecia. Eram tantas as mortes nas fortalezas. Tantas vezes tinha ouvido das batalhas sangrentas em que os bentos acabavam esstraçalhados pelos vampiros, que já não cria ser possível um dia juntar trinta santos enviados por Deus para livrar a terra daquele mal. Acreditava naquilo que bento Arthur estava fazendo. Na lógica, não na mágica. Queriam deitar às mãos na máquina de alteração genética. Teriam de extraí-la do maior covil do mundo. Mas não daquele jeito! Tinha lutado todos esses anos nas estradas, carregando soldados para lá e para cá, trocando informações, buscando uma estratégia para os comandantes. Tudo sendo jogado fora. Frustração. Uma ação tresloucada seguida de outra. Sabia que estavam indo para a velha São Paulo para, no máximo, servirem de cortejo fúnebre, de traslado de corpos. Seis bentos e oitenta soldados não dariam cabo daquilo. Respeitava bento Arthur, mas aquilo era burrice. Para tomar o HC de assalto e conseguir tirar dali alguma coisa, mesmo uma agulha, teria de invadir a velha São Paulo com, pelo menos, três mil homens. Balançou a cabeça consternado. Mesmo Arthur e seu pequeno Exército entrando na velha São Paulo no alvorecer, levariam algumas horas até alcançar o abandonado e sombrio Hospital das Clínicas. Os mulos já estariam despertos. Teriam de lutar contra os lacaios dos vampiros. Isso seria inevitável. Bastaria um disparo para chamar a atenção de todo filho-da-mãe armado que habitasse a região. Uma vez dentro do HC, não sabia prever quantos perigos aguardariam a comitiva. Um calafrio percorreu os braços do líder Adriano. Talvez, os bentos e soldados estivessem entrando no HC neste exato momento... enquanto pensava naquilo. Talvez estivessem agora descobrindo demônios pelos corredores, demônios que passam dentes afiados nos pescoços dos soldados e capturam os bentos para preparar-lhes uma morte lenta e dolorosa. Apertou os olhos e benzeu-se.

A voz do soldado Sinatra tomou o acampamento. A maioria dos soldados calou-se, ouvindo a aveludada voz afinada do homem cantar *Crying* ao estilo do bom e velho Roy Orbison.

Um jovem aproximou-se de Lucas com bastante cerimônia. O bento desviou os olhos de Sinatra, percebendo que o rapaz queria chegar-se, fez um sinal com a mão. O rapaz abriu um sorriso e estendeu o braço para cumprimentar o guerreiro.

— Meu nome é Matias, vivo em São Pedro, é um prazer conhecer você, senhor.

Lucas fez um meneio e retribuiu com um sorriso, apertando a mão do rapaz.

— Acordei há nove anos, senhor. Nem imagina o desespero que foi para eu aceitar. Não dava para acreditar que o mundo que eu vivia tinha virado isso aqui. — o rapaz fez uma pausa e sentou-se ao lado de Lucas. — Aí eu conheci vocês, os bentos. Cara, que maneiro. Desde então não deixei de rezar um dia sequer para o senhor despertar. O senhor não tem idéia, não é?

— Do quê, Matias?

— Do quanto o senhor era esperado.

Lucas balançou a cabeça negativamente. Ficaram em silêncio um instante.

— Faço idéia... eu também ia torcer pra caramba para uma coisa dessas acontecer, um milagre... — continuou Lucas.

— Serão quatro, senhor. Quatro milagres.

— É. É verdade, soldado.

— Ah, eu não sou soldado, não, senhor. Só vim ajudar nessa missão porque esperei isso a minha vida toda.

— O quê?

— Estar ao lado do libertador. Ao lado do nosso salvador. Queria conversar com o senhor. Ajudá-lo. O líder Elton falou no refeitório que estavam precisando de ajuda.

Lucas olhou para o rifle preso por uma cinta de couro no ombro do rapaz.

— Então você não sabe usar isso aí.

— Sei, sim, senhor Lucas. Hoje em dia, praticamente, todo mundo sabe. Quando a coisa aperta, todo mundo tem que defender o muro, defender a cidade. O bom é que esses malditos, quando querem entrar numa fortificação, parecem que ficam burros, vêm sempre pelo mesmo caminho. — o rapaz fez nova pausa e cuspiu na grama ao seus pés.

— Se você não é soldado, o que faz em sua cidade? — interessou-se Lucas.

— Na verdade eu trabalho no time da memória.

— Time da memória?

— É. Time da memória.

— O que é isso?

— Nosso grupo trabalha depois dos soldados encontrarem adormecidos por aí. Vamos até o lugar onde encontraram as pessoas, às vezes uma ou duas pessoas, às vezes uma família inteira, outras vezes um aglomerado; como os malditos chamam: Rios de Sangue.

— Hã...

— Nós vamos até esses lugares e tentamos resgatar a identidade daquele adormecido. Tentamos deixar alguma coisa pra que ele refresque a memória.

— Tinha ouvido falar desse trabalho... mas não achei que ainda faziam isso. Entendi que isso era feito logo após a Noite Maldita.

— Ainda fazemos, sim, senhor. — continuou o Matias. — Pegamos documentos, fotografias, toda informação que pudermos encontrar no local e vamos colocando dentro de computadores. Assim, alguns dos adormecidos, quando acordam, tem a chance de relembrar algo mais. É ruim lembrar tudo sozinho. Demora demais e, às vezes, a gente nem lembra de tudo.

Lucas pegou-se num *flash* de memória naquele exato instante. Sua mão percorrendo o espelho do banheiro, na tentativa de livrar o vidro do vapor que aderira a superfície e dificultava a visão. Depois, viu-se fazendo a barba. Isso tudo em questão de dois ou três segundos.

— O senhor viu seus pertences? As anotações em sua prancheta? O bento meneou a cabeça negativamente, lenta, como se ainda estivesse sob efeito de lembranças.

— Então acho que não tinha nada. Eles sempre mostram as coisas quando a pessoa acorda. — completou o adolescente.

— Não se incomode, Matias. Eu vou lembrar das coisas. Aos poucos, mas vou lembrar.

— Esse fardo... não te assusta?

Lucas encarou o rapaz. Os olhos do jovem brilhavam de excitação. Que resposta aquele menino queria ouvir? Que estava se borrando nas calças com medo de não ser o tal? Que estava afundando num mar de antagonismos, cercado por certezas recheadas de incertezas? Com medo de não trazer droga de milagre nenhum para humanidade? Não se dê utilidade alguma. Um farsante. Lucas sorriu, dissimulando:

— Assusta, às vezes. Tem hora que sinto um fogo inflamar meu peito... uma certeza. Depois, às vezes, quando estou sozinho e pensando nas coisas e em mim mesmo, sinto um vazio... impotência. Não sei quem eu sou ao certo. Não lembro do meu passado. Fico inseguro. Mas, se me focalizo aqui, neste mundo, nesta nova realidade... é um contexto novo... me chamam de herói, de libertador. Me põem essa couraça no peito, uma espada na cintura. — Lucas baixou a cabeça e fez uma pausa. Estalou a língua e passou a mão no cabelo, continuando. — Isso, às vezes, me dá força. Quando farejo esses vampiros desgraçados eu viro outra pessoa. Não sou eu mesmo. Eu não paro para pensar. Saco a espada da bainha e faço coisas indizíveis. Eu não sou assim. Sou um escolhido. Aceito isso. Mas o que é um escolhido?

O rapaz deu de ombros. Não sabia o que responder.

— Um escolhido é uma marionete na mão do destino, Matias. Um escolhido é forjado pela fortuna e torna-se o que os outros querem. Eu era... eu era mais um na multidão. Mais um imbecil com contas para pagar todo mês. Com fatura do cartão de crédito vencida. Com prestação do carro atrasada. Com contas de água e luz, impostos sufocando, impossibilitando viver. Minha preocupação era com meu emprego e minha aparência. Comprar roupas novas. Comprar presentes para... — um frio no estômago, estava prestes a dizer um nome. — ... comprar presentes para uma mulher. — Lucas baixou a cabeça, como se uma nova lembrança chegasse. — Eu me misturava na multidão. Trombava com milhares de rostos todos os dias a caminho do trabalho... eu ia de metrô. Tinha carro, mas quando precisava economizar combustível ou quando tinha rodízio, acabava indo de metrô. A noite a gente tinha medo uns dos outros...

— É verdade... eu lembro disso, senhor.

— Agora, tudo mudou. O que eu sou? Você disse bem. Que fardo eu carrego? O de salvador. Alguém disse que eu serei o salvador desse novo mundo e que levarei a humanidade aos milagres que nos libertarão dos vampiros. Ufa! — Lucas bufou, arregalando os olhos.

Matias levantou-se. Ia deixar o bento descansar.

— Mas este mundo novo, Matias, tem suas vantagens. Ao menos, quando olho ao redor, não tenho mais medo dos semelhantes. Sei que aqui estão as pessoas de bom coração e que, de alguma forma macabra, o destino separou os bons dos maus. Talvez seja até mais apropriado dizer que o sol separou os bons dos maus. Eu vejo agora gente se ajudando. Gente trabalhando junta. — Lucas olhou para bento Vicente por um instante. — Tudo é bem diferente do mundo antigo, onde trabalhávamos para sustentar nossas contas correntes. Acho que é uma benção o dinheiro não existir mais.

— O senhor tem razão, bento Lucas.

— Ei, pode me chamar só de Lucas. Não precisa dessa coisa de senhor e de bento.

Matias sorriu e afastou-se carregando o rifle.

Lucas reteve o olhar um instante sobre a figura do rapaz. O menino não tinha medo de lutar. Sabia que estava se engajando numa missão difícil e perigosa, mas estava ali para estar com ele, Lucas, na luta contra os noturnos. O bento benzeu-se fazendo o sinal-da-cruz. Que Deus os ajudasse a vencer aquele mal! Que os ajudasse a unir os trinta bentos e desencadear o fim daquelas criaturas!

O bento retirou o manto marrom encapuzado que envolvia sua couraça e, novamente, fez dele um travesseiro. Deitou-se um pouco e cerrou os olhos.

Capítulo 31

Eram mais de duas horas da tarde. Nesse momento, não só o novato Lucas, mas a maioria dos homens, cavalgava com os olhos arregalados e surpresos com o cenário. Há pouco haviam penetrado na velha cidade de São Paulo e viam-se cercados por incontáveis esqueletos negro-acinzentados que subiam verticalmente. O que antes eram prédios comerciais e moradias, agora eram elevações assombradas em concreto armado. As ruas da gigantesca capital do estado estavam desertas e a maioria dos prédios era coberta, em mais da metade de sua altura, por trepadeiras verdejantes. Apesar da aparente solidão, todos carregam a estranha sensação de olhos colados nas costas. Era como se vultos malditos assomassem eventualmente as janelas dos prédios fantasmas. Pressentiam que a qualquer segundo, o primeiro disparo de arma seria dado e o inferno se instalaria ao redor da tropa.

Lucas reteve o cavalo um momento. Sensação de *déjàvú*. O prédio na sua frente era mais um no meio de centenas naquele bairro. Como a maioria deles, estava coberto por uma camada negra de fuligem, mostrando que se consumira em chamas sem que os bombeiros viessem em seu socorro. Por cima da camada negra queimada crescera vegetação. A velha cidade era rica em pássaros. Bandos imensos cruzavam dentre as torres de concreto. Numa loja do piso térreo tinha sobrado a fachada de alguns pontos comerciais. Podia ver restos do que fora uma Drogasil, uma loja da Casa do Pão de Queijo e uma unidade do CCAA. Talvez aquelas logomarcas trouxessem aquela sensação. Talvez tivesse feito um curso de idiomas ali ou comprado um sanduíche tropical. Vai saber.

— Anda. Não fique pra trás. — resmungou bento Vicente, ao passar ao seu lado.

Lucas ergueu a rédea do cavalo e cutucou-o levemente com o calcanhar. Estavam a poucas quadras da Avenida Nova Faria Lima. Dentro daqueles prédios jaziam milhares de corpos adormecidos, abandonados na fuga para as fortificações. Fora os adormecidos, um apartamento ou outro ocupado pelos serviçais dos vampiros, por humanos degredados dos novos centros ou que, por alguma razão bizarra, preferiam a companhia das criaturas da noite que dos semelhantes.

Continuaram cavalgando. Os cascos dos cavalos estalando contra o asfalto rachado. Em diversos pontos do chão escuro, o mato selvagem vencia as brechas e erguia verdadeiras touceiras no meio do caminho. Os soldados tinham que desviar. Francis e Edgar iam na frente, tentando "ouvir" adiante. Estavam atentos. Edgar parecia ter escutado alguma coisa. Um tiro talvez.

Lucas voltou a observar o cenário caótico e inacreditável da cidade morta há trinta anos. Os carros abandonados há décadas tinham perdido a cor original, perecendo, devorados pela

ferrugem ou pelo fogo. Os pneus murchos deixavam o que restara das rodas ao nível do chão. Das sacadas dos prédios desciam samambaias gigantes e toda sorte de vegetação era encontrada.

Lucas parou o cavalo novamente. Fixou o olhar num poste de sinalização de trânsito. Via os dois luminosos que auxiliavam os pedestres na travessia. Sentiu um calor súbito subindo-lhe pelo corpo. Apertou os olhos. Tontura. Um barulho absurdo entrou pelos ouvidos. Buzinas, risadas altas, camelôs anunciando produtos pirateados, cobradores de lotações berrando itinerários... tudo isso vinha aos seus ouvidos. Aquelas ruas, quando as olhou pela última vez, estavam abarrotadas de gente no vaivém frenético do dia a dia, hoje pareciam um cenário de algum filme surrealista, uma coisa à Jonh Carpenter.

O bento voltou a si quando Francis gritou, chamando a atenção da tropa. Puxaram as rédeas freando os cavalos. Lucas olhou ao redor. Estavam no meio de um dos mais tradicionais cruzamentos da cidade. No meio do encontro da Avenida Rebouças com a Avenida Faria Lima.

— Estamos nos aproximando do HC! Cuidado redobrado!

Lucas sorriu. Como se fosse preciso pedir.

Tomavam o caminho liderado por Francis quando ouviram claramente uma explosão. Não fora um disparo. Era algo maior, como uma bomba, uma granada.

Olhando para a Rebouças acima, não viam nada de anormal ou imediatamente preocupante. Continuaram avançando em silêncio. Um minuto depois, viram uma grossa coluna de fumaça negra subindo o céu. O sinal vinha de longe, morro acima. Ainda admiravam a trilha escura, que ascendia além dos prédios, quando viram a estranha figura. Um homem cambaleando em direção ao meio da pista que descia, deixando os escombros queimados do que fora um tradicional restaurando japonês da Rebouças.

O soldado Carlos ergueu seu rifle, fazendo mira, enquanto Edgar erguia seu binóculo.

— Eu derrubo daqui. — o soldado.

— Espere. — pediu Francis.

— Não atire. É um dos nossos. Está ferido.

Ao ouvir bento Edgar, Vicente disparou em sua montaria. A capa vermelha do guerreiro gigante farfalhava presa aos dragonetes.

— Iaaá. — gritou Francis, batendo os calcanhares em seu cavalo e perseguindo o amigo Vicente.

Quando Lucas também atçou o cavalo, os soldados de escolta dispararam atrás do trigésimo bento, como ferro atraído por um imã poderoso.

Vicente alcançou o soldado. O homem estava vazando sangue, mal podendo manter-se de pé. O ferido, ao ver o bento aproximado-se, caiu no asfalto da Rebouças, erguendo uma mão

para o alto. Vicente desmontou rapidamente e abaixou-se, desvirando o homem e encarando-o enquanto os demais também chegavam e cercavam.

— Eles estavam esperando por nós... — balbuciou o ferido. Com o som dos cascos de cavalos ao redor, Vicente precisou baixar mais para ouvir a voz fraca do soldado.

— O que disse?

— Eles estavam esperando por nós, bento Vicente. Eles sabiam.

— Sabiam o quê?

Francis baixou-se ao lado do soldado ferido. Havia bastante sangue descendo da cabeça e uns ferimentos abdominais. A roupa rasgada e chamuscada em vários pontos.

— O que aconteceu? Como ficou assim? — perguntou.

— Estamos lá... desde de manhã. Estão acabando com todos nós. Eu... alguma coisa explodiu... fiquei encoberto por entulho... eles estão nos prédios, só esperando a gente se mexer. Vão acabar com todos.

Francis e Vicente trocaram um olhar grave.

— E quanto aos bentos?

O soldado fez uma expressão de dor, terminando por soltar um gemido, contorceu-se nos braços de Vicente.

— Eles... eles estavam esperando por nós. Eles nos emboscaram. Afunilaram o caminho. Só deixaram passagem pela Teodoro Sampaio... eles colocaram *snipers* lá. Quando nos preparávamos para entrar, eles os mataram.

— Quem foi morto? — quis saber Francis, interrompendo o relato.

— Todos eles. Todos os bentos.

Os rostos dos bentos e dos soldados em volta do sobrevivente esmoreceram. Não podiam crer no que ouviam. Não poderia ser verdade. A atitude precipitada daquele sexteto de bentos havia colocado a profecia abaixo. O desespero e a decepção não tardariam a tomar aquele grupo e, quando a notícia chegasse aos povoados, esses sentimentos seriam multiplicados, levando a esperança e a salvação embora.

— Só eu consegui fugir. Mas eu não consegui voltar... meu cavalo... foi morto. Eu estou ferido... acho que não vou conseguir.

Francis levantou transtornado. Estava tudo acabado. Olhou para o soldado ferido. Mordeu os lábios, consternado. Apanhou seu cantil e ajoelhou-se junto ao homem. Ergueu a camiseta do soldado e espalhou água sobre as feridas da região abdominal. Percebeu outra perfuração no braço esquerdo. Apanhou um pano limpo e tentou remover a maior quantidade possível de sangue. O abdome estava bastante inchado e extremamente dolorido ao toque. A hemorragia era importante. O sangue esvaía vagarosamente, mas de maneira contínua. Pelo ferimento do braço também perdia sangue. Providenciou um curativo e pressionou o ferimento maior.

— Eles estão lá, cercados. Toda vez que tentam abandonar os esconderijos, tomam uma rajada de fogo, os que conseguem escapar da metralhadora são pegos pelos *snipers*. Vão mantê-los naquela ratoeira até o anoitecer. — o soldado contorceu-se mais uma vez, apertando o manto que cobria Vicente. — E quando a noite chegar, estarão liquidados. Os vampiros vão acabar com todos nós.

Lucas engoliu a seco, olhando ao redor. Quantas daquelas criaturas malditas existiriam naquela cidade-fantasma? Quantos vampiros se esconderiam dentro daquele sem número de prédios abandonados? Mesmo sendo empossado de uma força que desconhecia, que o fazia saltar feito uma besta louca para cima dos vampiros, às vezes, tinha vontade de sair correndo. Tinha vontade de voltar ao Hospital Geral de São Vítor e voltar a dormir. Às vezes, um bolo dolorido formava-se na boca do estômago. Nessas horas, perdia a certeza, a convicção de viver num mundo real. Sentia-se refém de um pesadelo horrendo e sem fim. Fechou os olhos e inspirou fundo. Sentiu o peito apertar. Não estava ali para disseminar medo, nem aflição. Tinha que ser o oposto disso. E essa era a hora. A provação. Não adiantava ser apenas uma espada afiada. Tinha sido despertado como trigésimo bento para ser um líder, para guiá-los. Nada tinha a temer. Já estivera quieto, morto e apático por trinta anos. Algo do passado soprava em seu peito. Sabia qual combustível precisava queimar no peito daqueles homens. Esperança.

— Onde eles estão? — perguntou novamente bento Francis.

— Já disse, senhor. Estão na Teodoro Sampaio. Estão sendo arrasados. Daqui a algumas horas vai cair a noite... não vão conseguir fugir.

O bento médico derrubou água nas mãos limpando o sangue, secou-as apressadamente e recolocou as luvas de couro. Olhou para sua tropa. Como ele, a grande maioria tinha o semblante abatido, talvez pela marcha acelerada e cansativa que tinham enfrentado nas últimas horas, talvez pelo fato de acabarem de saber que seis bentos estavam mortos e tinham acabado de voltar a estaca zero com a profecia. Não juntariam mais os trinta bentos. Como, cada vez mais, provações desdobravam-se diante de seus olhos e sua fé rachara, as incertezas represadas há muito começavam a vazar por essas novas frestas. Tinha baixado a cabeça sem perceber. Olhando para o asfalto antigo, coberto por pedriscos, mato em pontos rachados e escombros de alguma coisa que já fora um prédio. Ergueu os olhos mais uma vez e olhou novamente para os homens. Como Duque havia partido em missão, estavam em quatro bentos e mais quinze homens.

O restante dos soldados, vinte e cinco deles, tinham se separado, pois com os veículos motorizados não conseguiriam vir pelo atalho alagado. Ruminava pensamentos. Tentava formar uma estratégia, mas a pressa era demais. Muitos pensamentos ao mesmo tempo. Sentia-se perdido e afundando, como quando despertara sete anos atrás e descobrira que tinha perdido sua esposa e seu filho de cinco anos, quando descobrira que não era mais o médico chefe do

departamento de queimados onde trabalhara. Seu mundo estava se perdendo novamente. O cumprimento da profecia. Era para isso que existia. Era por isso que respirava. Por isso tinha escolhido defender São Vitor. Para estar próximo de Bispo e ouvir de sua boca, diariamente, que havia uma esperança. Com Bispo morto, com a notícia da morte dos seis bentos precipitados... tudo se dissolvia, feito castelo de areia, na beira da praia. Foi nesse momento de aflição que seus olhos viram surgir bento Lucas, do meio dos homens, caminhando decidido e com um brilho diferente nos olhos.

— Eu sei exatamente o que temos que fazer. — disse Lucas, chamando a atenção do grupo.

Bento Vicente, sempre carrancudo, virou-se para Lucas. O que aquele recém-acordado, metido a besta, iria fazer agora?

— Esses atiradores, esses mulos, estão atacando os homens encurralados. Estão preocupados, se divertindo em matá-los. Não creio que tenham visto esse soldado fugir. Temos a vantagem da surpresa do nosso lado. Uma vez li um livro de Szun Tsu, e, acreditem, surpresa é meio caminho andado para se vencer uma batalha.

— O que você tem em mente, bento Lucas? — perguntou bento Edgar.

— Levar vocês até lá e acabarmos com aquele bando de assassinos. Vamos fazê-los se arrepender de terem mexido com a turma errada.

Francis não sabia o que Lucas pretendia de fato com aquele teatrinho, mas talvez fosse justamente aquilo, pois o bento havia transformado o semblante daqueles dezoito homens. Apesar de ser um sujeito invejoso, que não dava o braço a torcer, notou uma mudança até mesmo no olhar do truculento bento Vicente. Lucas estava mexendo com a cabeça deles. Estava lhes dando esperança. E isso era tudo o que precisavam para entrar em terreno hostil, com inimigos escondidos em todos os cantos prontos para massacrá-los.

— Eu vou levar vocês até lá e vou trazer cada soldado que ainda estiver vivo de volta para casa. Eu sou o trigésimo bento e nunca mais se esqueçam disso.

Os homens começaram a gritar, erguendo as armas que traziam, como que ingressando no mundo dos fanáticos, onde bastava a fala de um líder militar e religioso para entregar a vida por um ideal. Estavam embriagados pelas poucas, contudo poderosas, palavras que Lucas proferira. Estavam inundados de confiança.

Lucas pediu que bento Francis e o soldado Elton mostrassem o que haviam trazido de explosivos. Traçariam rapidamente uma estratégia e partiriam para dar fim ao cerco que trucidava os soldados.

Gabriel tinha a respiração rápida e entrecortada. A cada espoco que escutava, seu sangue gelava nas veias. Era isso. Estava acabado. Quantos soldados tinham caído? A metade do grupo formado por bento Arthur? Talvez já fossem mais. Aqueles mulos malditos! Estavam só

brincando com eles. Torturando-os. Mantendo-os apavorados e acuados. Estavam preparando o terreno para os vampiros. Em algumas horas anoiteceria e estariam liquidados. Liquidados. Quando o sol caísse no horizonte, os malditos despertariam do sono hipnótico e viriam sobre eles. Os mulos desgraçados queriam que os soldados remanescentes ficassem vivos. Sangue vivo era mais saboroso. Gabriel apertou os olhos. O soldado estava sentado, com os joelhos flexionados, abraçando seu fuzil. Via mais cinco soldados na sala, igualmente assustados. Olhos arregalados, vermelhos. Desespero. Era isso que via no rosto dos colegas. Desespero. Gabriel era soldado de São Joaquim. Conhecia o plano. Quando partiram de São Joaquim para São Pedro, dias atrás, sabia para onde estava indo, sabia de todas aquelas possibilidades, mas parecia não acreditar que terminaria daquele jeito. Enquanto discutiam com os bentos o plano, tudo parecia favorável. Há anos nenhum humano maluco tentava nada contra o Hospital das Clínicas. Há anos os mulos não temiam invasão à velha São Paulo. Estavam despreparados, rendidos. O plano era bom. A surpresa ajudaria. Era entrar e sair do covil. Só tinham que deitar a mão na bendita máquina. Em sua mente tinha se visto centena de vezes, voltando Vitorioso para casa, com a missão cumprida. Estariam com a máquina a essa hora do dia e ela seria enviada ao hospital Geral de São Vítor. Os técnicos veriam se ela estava de lato funcionando e, conseguindo colocá-la em atividade, dariam uma dor de cabeça nervosa naqueles vampiros filhos de uma puta. Mas não era isso que acontecia. Não via sorriso, nem ouvia vivas. Estava no chão, acuado, com a perna recolhida para não sujar a calça no sangue de outro soldado, estendido na sua frente, com a boca aberta e um buraco no meio da testa. Diziam que os mulos eram ruins de tiro... não que não acreditasse nos amigos, mas para ele, particularmente, aquele disparo lhe parecera perfeito. Não precisavam ser melhor que aquilo para matar gente. Um tiro no meio dos olhos. Via-se agora como um rato, acuado, no interior do que fora uma loja de instrumentos musicais. Quando fechava os olhos via o espectro de bento André tombando ao seu lado. Estava ao lado dele na hora do primeiro tiro. Não houve tempo para reação. Bento André no chão, o sangue jorrando do pescoço. Um tiro no pescoço! Aflição. Gabriel tentara abaixar para ajudá-lo. Não soubera o que fazer na hora, era um tiro no pescoço porra! Não tinha sido um arranhão no cotovelo. Não era médico. Mesmo assim não o deixaria morrer ali, no meio da desértica Teodoro Sampaio. Quando se abaixou, ouviu o segundo tiro. Pressionou com ambas as mãos a ferida no pescoço de André. O sangue insistia espirrar entre os dedos. O bento não falava. Apenas tinha virado os olhos em sua direção e os mantinha horripilantemente arregalados. Gabriel sentiu os olhos marejarem. Tudo estava acabado. Se o lendário bento André afundava nas garras da morte diante de seus olhos, o que seria dele, um reles soldado? Seria morto também. A fé era farelo. Olhou ao redor. Os outros estavam correndo. Eram oitenta soldados, mais seis bentos, e estavam correndo rua abaixo. Gabriel sentiu medo. Tinham que sair dali. Tirou as mãos do pescoço do bento caído. Um esguicho de sangue voou longe, descrevendo um arco escarlata no

céu. Respingos choveram em seu rosto. Gabriel ficou hipnotizado por um segundo com aquela cena terrível. Mais um segundo, mais um batimento cardíaco, mais um arco de sangue escapando do pescoço do bento agonizante. Aquele segundo jato hemorrágico pareceu tirar o horrorizado soldado do transe. Gabriel ergueu o bento para tentar a fuga. Deu dois passos. Mais um jorro de sangue escapando da ferida. Gabriel assustou-se com o jato de sangue acertando em cheio o lado de seu rosto. O sangue entrou por seu ouvido. Escutou uma segunda explosão. Era um segundo tiro, o qual atingiu a armadura prateada de André. Gabriel soltou-a assustado com o barulho de ricochetear da bala na couraça. Deu dois passos para trás e tropeçou. Ouviu mais tiros. Os bentos, que gritavam ordens tentando organizar o batalhão e iniciar um revide, foram tombando, um a um, diante de seus olhos. Os homens começaram a atirar contra os *snipers*, mas não sabiam de onde os tiros dos mulos vinham. Não sabiam onde atirar! Depois de cinco minutos, os tiros diminuíram de quantidade. Seus olhos pousaram no legendário bento André, caído de cara no meio da rua. Podia ouvir os gritos dos soldados feridos, caídos no meio do asfalto da Teodoro Sampaio. Estavam encurralados. Os malditos mulos tinham preparado a cilada e obtido êxito. Mordeu os lábios. Os malditos mulos sabiam. Sabiam que viriam. Como os bentos não perceberam que as ruas bloqueadas com carros destruídos, empilhados, formando verdadeiras paredes de ferro, faziam parte de um plano maldito para exterminá-los? Depois, Gabriel lembrava-se, começara a escutar berros dos soldados, como ele, escondidos em outros estabelecimentos abandonados. Eles gritavam, tentando reger uma reação, mas sempre perdiam mais homens batendo de frente com o mesmo problema, os *snipers* eram muitos e estavam bem escondidos. Não sabiam ao certo para onde direcionar a rajada de fogo, não sabiam quantos eram os inimigos. Com isso perderam munição e mais vidas. Por fim, sobraram os soldados amedrontados demais para arquitetar um estratagema e colocar todos fora dali, a salvo. Para complicar, o tempo nunca parava de correr e o sol ia mudando perigosamente de lugar. Em mais algumas horas, chegaria a escuridão. Estavam fritos. Se não fossem pegos pelas balas dos mulos, seriam pegos pelas garras das criaturas da noite. Gabriel balbuciou algo inteligível. Jamais voltaria a ver a esposa. Essa certeza ia se solidificando cada vez mais e uma angústia sufocante entalava a garganta. Desesperado, largou o rifle e entregou-se às lágrimas. Queria ver Agnes pelo menos mais uma vez. Em seu pranto, colou a testa no chão, fazendo cacos de vidro e sangue colarem na sua pele. Apertou os olhos e inspirou fundo. Voltou a colar-se na parede. Outro espoco vindo dos prédios. Barulho de vidro quebrando. O tiro potente ecoando entre os prédios. Ouviu o farfalhar de asas. Um bando de pássaros voando a curta distância. Estranhou. Não era medo o que sentia agora. Como se a rápida e repentina crise tivesse aliviado seu peito. Do bolso interno do seu colete, retirou a foto de Agnes. Ela segurando Júnior. O filho perdido. Gabriel passou a mão sobre o rosto dos dois. Passou a mão na testa, livrando-se dos cacos e sujando os dedos com o sangue de algum colega. Sentia algo estranho no peito. Um calor

alentador. Sentia conforto. Coragem. Era isso; coragem! Inspirou fundo e colocou-se melhor na porta do estabelecimento. Restos do que fora um Ford Ka jaziam junto ao calçamento. Olhou em direção de onde viera o tiro. Olhou fixamente. Não havia mais vestígios de fumaça no ar. Poderia ter localizado o maldito *sniper* dessa forma. Outro tiro. Buscou a direção com os olhos. Vinha de outra posição. Outro assassino. Dessa vez, encontrou uma trilha de fumaça subindo para o céu. Uma janela quebrada, um cano entre as venezianas retorcidas. Setenta metros de distância. Sexto andar. O disparo do agressor passara longe. Ele não era o alvo desta vez. Ergueu mais a cabeça, no topo de dois prédios via os malditos descontraídos, tinha certeza que um deles ria ao conversar com os demais. Estavam simplesmente mantendo-os ali, naquela jaula, naquele beco construído com carros destruídos e empilhados nos cruzamentos da Teodoro. Não conseguiria acabar com todos, mas, ao menos, um deles seria morto por sua arma. Gabriel fez mira na veneziana quebrada. O cano do *sniper* ainda estava lá. Não apontava em sua direção, do contrário, provavelmente já estaria estirado na calçada. Quando colocou o dedo no gatilho, uma explosão nas suas costas. A parede de veículos ruiu. Um buraco largo surgiu dentro os veículos que foram ao chão. Gabriel recostou-se no carro que lhe servia de abrigo e, assim que a grande quantidade de fumaça foi se dissolvendo, abriu um sorriso. Capas vermelhas esvoaçantes! Bentos! Mais soldados! Reforços!

Elton disparou com uma arma de cano largo. Cilindros fumegantes voaram cento e cinquenta metros adiante, indo parar no meio da rua. Uma densa cortina de fumaça formou-se. Serviria de distração e protegeria alguns deles durante a ação. Bento Lucas havia sido preciso em sua orientação. A estratégia era uma ação de assalto. Evitar o confronto com os mulos e localizar o mais rápido possível os sobreviventes. Dos corpos, deveriam recolher somente os seis bentos, a qualquer preço. E assim fariam. Um explosivo abriu a parede de veículos improvisada pelo inimigo na altura da praça Benedito Calixto. Rápidos e objetivos, os soldados foram invadindo o perímetro.

Da calçada, o soldado Gabriel orientava, gritando e mostrando onde estavam os homens sobreviventes. Em poucos segundos, os soldados acuados foram deixando seus esconderijos e auxiliando os que acabaram de chegar. Os soldados de São Pedro perguntavam pelos corpos dos bentos.

Gabriel, aproveitando a cortina de fumaça, cravou o joelho direito no chão e voltou a fazer mira na veneziana. Um novo disparo escapou daquele maldito *sniper*. Puxou o gatilho e o rifle expeliu uma sequência de disparos. Não poderia afirmar cem por cento que o inimigo estava morto, mas o cano do rifle desapareceu da fresta. Com sorte seria um a menos. Voltou o cano de sua arma para o topo do prédio mais próximo, onde vira o par de mulos rindo segundos atrás. Agora eram sete homens, com os pés no beirai do telhado, disparando rajadas contra o chão. Gabriel puxou o gatilho mais uma vez. Cinco caíram, estourando os corpos no calçamento. Dois

desapareceram. Fez mira no prédio seguinte. Os mulos estavam recuando, buscando proteção para efetuar disparos. Isso significava que estavam com medo. Não contavam com um segundo regimento. Estavam com medo! Agora, vendo os inimigos, os soldados conseguiam revidar os disparos. Os mulos foram surpreendidos e tomavam cuidado. Gabriel puxou o gatilho mais uma vez, fazendo nova vítima. Olhou para o asfalto. Três dos bentos abatidos na operação desciam a Teodoro nas costas de soldados de São Pedro. O rosto inanimado de bento André passou diante de seus olhos. Gabriel sentou-se na calçada e recostou-se no Ka.

Lucas comandava parte do pelotão. Havia distribuído os soldados em três quintetos. Lucas estava ocupando-se do resgate dos bentos mortos. Faltava um corpo. Bento Murilo, de Nova São Paulo. Interrogavam os soldados que escapavam. Bento Murilo tinha tentado avançar. Os mulos pareciam se refazer do susto. As saraivadas de tiros aumentavam e surgiam de forma mais organizada, mais perigosa. Subiram um quarteirão. Bento Lucas chamou oito soldados. Revidavam tiro, dando cobertura um ao outro. Recostaram-se atrás de uma pickup. Lucas sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo. Na rua transversal, quase ao final da nova quadra, um homem de capa vermelha, imóvel. Sua posição era como se sua última atitude fora rastejar, buscando proteção dentro de um sobrado comercial, mas terminara a vida em suas escadarias. Olhou para cima, para o lado oposto da rua. Nenhum sinal de mulos. Adentrou o quarteirão, seguido por sua escolta. Ouvia tiros na rua principal. Teriam de ser rápidos, pois a presença dos soldados e da fumaça distrairia os inimigos, mas, se demorassem, os soldados teriam partido e seria mais difícil escapar com vida daquela batalha. Correu até o corpo. O homem de capa vermelha e couraça metálica no peito estava de bruços, com a mão estendida, tocando os primeiros degraus da escada de mármore, onde pretendia buscar abrigo. Dois soldados mortos do seu lado esquerdo. Lucas desvirou-o.

— Bento Murilo. — disse um dos soldados, fazendo um sinal-da-cruz.

Lucas colocou o homem no ombro e refez o caminho sentido à Rua Teodoro Sampaio. Os soldados dando cobertura. Tiros vindo na direção do grupo. Lucas foi obrigado a abaixar-se próximo à esquina, perdendo o equilíbrio e derrubando Murilo. Arrastou o corpo do bento para perto de um carro. Os tiros ora ricocheteavam, ora arrancavam pedaços das paredes. Os soldados começaram a revidar. Estavam quase na esquina, faltando poucos metros para encontrarem-se com o grupo principal e empreender escapada, descendo a Teodoro Sampaio. Da esquina oposta vinham rajadas de projéteis. O som dos rifles em conjunto era ensurdecedor. Lucas jamais estivera no meio de uma guerra, mas algo em sua cabeça dizia que aquilo não era tão singular em sua vida. Como aquelas lembranças sem hora marcada, a sensação de já ter estado rodeado por fuzis e disparos não lhe era estranha.

Lucas ordenou que permanecessem naquela posição mais uns instantes. Recostados aos veículos, estavam, temporariamente, protegidos. As balas arrancavam pedaços da fachada dos prédios em frente ao grupo, lançando dejetos sobre suas cabeças e enchendo o ar de poeira.

— O que vamos fazer, bento Lucas? — perguntou Domingos, um dos soldados que o escoltava.

— Vamos esperar os nossos amigos abrirem caminho. Eles sabem que estamos aqui e sabem o que têm que fazer.

Bento Francis estava de volta à passagem aberta na parede de carros empilhados. Percebeu o tiroteio intensificando-se duas quadras acima. Lucas estava lá, em busca de Murilo. Só faltava seu grupo. Olhou para cima dos prédios. Havia soldados na esquina à esquerda e podia ouvir mais disparos sendo efetuados da rua onde estava Lucas. Chamou a atenção de seus homens. Elton disparou mais granadas de fumaça. Teriam de subir dois quarteirões, mas o fato é que agora não contariam mais com o efeito surpresa.

As línguas de fumaça providenciadas pelo soldado bloquearam temporariamente a visão dos inimigos que disparavam do alto dos edifícios.

— Procurem proteção e disparem contra os prédios. Mandem bala em tudo que se mexer. Temos que garantir a saída de Lucas! — gritou bento Francis. — Ele precisa escapar com vida!

Os soldados deixaram os corpos dos bentos mortos abaixo da linha de carros empilhados e voltaram para atender a ordem de Francis. Buscaram posições onde houvesse o mínimo de proteção, bloqueando as balas inimigas. Abriram fogo, mas não parecia suficiente. A cada instante mais e mais mulos surgiam nas janelas e não demorou mais de um minuto para que o primeiro deles fosse atingido.

Lucas olhou para os soldados. Atiravam contra o prédio de esquina do outro lado do quarteirão. Continuavam debaixo de fogo cerrado e, a cada segundo, os disparos adversários pareciam aumentar. A lataria do carro que lhe servia de cobertura tilintava a cada novo projétil recebido. Eventualmente um disparo ou outro varava o chassi do veículo, fazendo lascas do cimento da calçada voar para todos os lados. Lucas olhou para Domingos. O soldado disparava repetidamente com o fuzil, tentando conter os adversários.

— Eles são demais! — gritou outro dos soldados ao seu lado.

— Nunca vamos sair com vida!

— Vamos viver, sim! Tenho que juntar os trinta bentos!

— Como vamos passar por eles, senhor? — retornou o soldado, incrédulo.

— Tenha fé! Tenha fé, soldado! Eu vou tirar vocês daqui com vida! Continuem atirando. Não se deixem apanhar.

Mal terminada a frase de Lucas, os soldados escutaram uma retumbante explosão. Diante de seus olhos, espantados, parte do topo do prédio na esquina oposta virou fumaça. Pedaços de

concreto atingiam a calçada com um barulho ensurdecedor e uma nuvem imensa de poeira tomou a avenida.

— É a nossa deixa! Vamos correr.

Lucas colocou Murilo nas costas novamente e abandonaram a proteção dos carros. Um silêncio nervoso instaurou-se momentaneamente. Nem soldados, nem mulos disparavam, como que hipnotizados pela explosão. Lucas lançou um olhar para cima. Do meio da nuvem de fumaça viu surgir um pedaço enorme de concreto. Era um pedaço do prédio! Sabia que aquele destroço não cairia em cima dele e dos soldados, mesmo assim era difícil não se impressionar, não sentir medo. Num relance pôde ver três ou quatro mulos ainda agarrados no que sobrara de janelas do edifício. O choque do concreto contra o asfalto foi tremendo. Lucas e os soldados abaixaram-se, buscando proteção atrás de outro veículo abandonado pelo tempo. Desta vez não se escondiam de balas, mas de uma furiosa nuvem de poeira que varreu o cruzamento da Teodoro Sampaio. Lucas e a escolta foram encobertos pela nuvem de dejetos.

— Corram! — gritou.

O acidente seria o despiste ideal.

Assim que dobraram a esquina, os soldados gritaram rua abaixo, gritaram eufóricos. Viam Lucas e os soldados, vivos, marrons, descendo pelo calçamento.

Seguindo a ordem de Vicente, voltaram a atirar na direção dos edifícios, mesmo ainda sem poderem enxergar claramente por causa da nuvem de poeira que ainda valsava, tampando a visão. Os tiros teriam mais efeito moral que fatal.

Lucas e os soldados tinham entendido o que acontecia. A tropa motorizada tinha acabado de chegar e, com ela, a artilharia pesada também surgira para salvar o restante dos soldados. Nos veículos motorizados, tinham vindo armas de grande poder destrutivo e uma espécie de canhão ainda fumegante deveria ter sido o responsável pelo estrondoso incidente assistido há pouco.

Vendo Lucas se aproximando com o corpo morto de bento Murilo, Francis regeu a retirada dos soldados. Os mulos, ainda cegos pela poeira, voltavam a efetuar perigosos disparos que cortavam o ar sobre suas cabeças.

— Vamos embora! Vamos sair daqui, agora!

Francis tinha pressa. Os corpos dos bentos foram acondicionados nos veículos e, em instantes, retomaram seus cavalos. Apesar de terem escapado daquela emboscada com sucesso, tendo recuperado os corpos dos bentos e salvo doze soldados sobreviventes ao massacre, sabiam que a batalha ainda não tinha terminado. Tinha um inimigo gigante, que descia em sentido ao horizonte. Sobravam poucas horas de sol e, se não tivessem longe do centro de São Paulo e daqueles prédios malditos, seriam atacados por um número inimaginável de criaturas da noite.

Cavalos e veículos começaram a descer os cruzamentos mortos da Teodoro Sampaio, afastando-se rapidamente da aglomeração inimiga. Eventualmente deparavam-se com novos disparos. Mulos escondidos nos apartamentos pelo caminho atentavam contra os fugitivos. Sorte dos soldados e bentos que os *snipers* competentes muito provavelmente haviam sido chamados para a armadilha.

Bento Francis cavalgava ao lado de Lucas. Francis olhou para o novato. Era outro homem que estava montado no cavalo. Não havia traço daquele rapaz franzino, cheio de ansiedade e medo. Quem cavalgava ao seu lado era um herói altivo. Alguém que os conduziria, de alguma forma, para a libertação. Alguém que tomara o comando daquela tropa e salvara a vida de um punhado de soldados apanhados numa ratoeira. Alguém que devolvera esperança ao rosto da tropa que descia a rua naquele momento. Mesmo que seu peito lutasse com a amargura e certeza de que os trinta bentos jamais seriam unidos, posto que carregavam na frente o corpo de seis de seus amigos, uma chama queimava sua alma. Uma grande mudança havia acontecido e Francis não fazia idéia por qual estrada o destino os conduziria dali em diante.

Capítulo 32

O truculento bento Vicente cavalgava mudo. Seus braços fortes vinham na rédea do cavalo, conduzindo a montaria. Seu tordilho de pelagem negra era um dos mais belos animais do comboio. Os olhos do guerreiro vagavam de rosto em rosto. Observava os soldados. Estavam cansados e preocupados. O sol descia, no seu eterno curso natural, indo para o horizonte. O fantasma da escuridão penetrava no pensamento dos combatentes. Vicente sentia-se estranho, perturbado. Lutava contra aquilo. Aquela admiração crescente. Nunca tivera heróis na vida. A infância pobre colocara-o no trabalho aos nove anos de idade. Nunca tivera um pai presente. Os parceiros da mãe iam e vinham, cada qual, feito um joalheiro, feito um ourives, deixando a sua marca na pedra bruta que era a cabeça de Vicente. A violência doméstica esculpira uma jóia rara. Preciosa e perigosa. Vicente conhecera também companhias erradas. Crescera entre bandidinhos, marginais pé-de-chinelo. Não tinha heróis. Nunca antes admirara um homem. Era essa a palavra: admiração. Gostar de um homem. Isso atrapalhava a sua cabeça. Sabia que era macho, que era espada... nunca admitiria, nem para si próprio, que estava seduzido, caído de quatro em admiração. Olhou para trás. Lucas vinha ao lado de Francis. Imponente. Um líder. Vicente mordeu os lábios e voltou a olhar para frente. Como aquele homem conseguia aquilo? Transbordar determinação e atitude. Encher o peito dos homens ao redor com esperança e bravura. Nunca vira aquele bando atirar-se tão cegamente contra os inimigos. E, nesse caso, os inimigos estavam em vertiginosa vantagem numérica. Quando Lucas avançou contra os mulos estavam em dezenove homens, os vinte e cinco motorizados chegaram depois, fazendo o papel da cavalaria. Tinham tido a notícia prévia de que os seis bentos que organizaram a expedição haviam sido mortos. Mas, toda aquela adversidade não foi capaz de ofuscar o brilho e a energia que emanavam daquele bento novato. E ele próprio, que a princípio fizera pouco da figura franzina e frágil de Lucas e fizera questão de exhibir sua arrogância nata e brutalidade forjada pela mão de padraustos bêbados e marmanjos aproveitadores, sentia-se envolvido, atraído por essa nova energia, por esse novo homem. Algo tinha acontecido com Lucas, algo muito bom, que não afetara apenas o bento novo, mas todos ao seu redor. Algo que o velho e falecido Bispo tinha visto antes de todos eles com aquele olho mágico que enxergava o futuro. Algo que escapara à ele na primeira impressão. Sentia-se envergonhado por estar atraído por um homem, mas não havia outra forma de definir aquilo. Lucas atraía a todos e todos, como ele, estariam dispostos a morrer para levar Lucas adiante, rumo à concretização da profecia. Lembrando desse ponto da missão, Vicente experimentava outra sensação. Mesmo olhando agora para o veículo que metros a frente transportava os corpos dos bentos mortos, sabia que podia contar com Lucas. Isso, sim, era esquisito. Como um código secreto, todos partilhavam sem falar daquela sensação. Estavam

abatidos pelo fato dos bentos terem morrido, mas de alguma forma, bento Lucas emanava um elixir calmante. Exalava uma sensação que os fazia crer que tudo se arranjaría. Sabiam que Lucas resolveria aquele impasse. Agora não duvidava nem de que o bento novo fosse capaz de ressuscitar os mortos. Vicente, de repente, viu-se reprimindo um sorriso no rosto duro, coberto por uma barba rala. Sentiu um arrepio cruzar o peito. Bateu com os calcanhares no tordilho e fê-lo disparar. Tomou a dianteira da marcha, postando-se metros na frente de bento Edgar. Não queria que os demais vissem o seu sorriso. Não queria que percebessem que também tinha gostado da batalha e que se simpatizava com a atitude do novo bento. Queria preservar seu ar marrudo e mal-encarado. Era um homem, não um babão que se encantava com outro macho.

Marcharam mais duas horas até chegar à entrada do vale pantanoso. Edgar, novamente na ponta do grupo, parou o cavalo puxando fortemente a rédea. A visão da região pantanosa na frente provocou-lhe um calafrio. Levou a mão à testa e fez o sinal-da-cruz. Ergueu sua touca de malha de ferro, que lhe protegeria o pescoço, e desceu do cavalo. Vampiros não tomavam sangue de bentos, mas procuravam suas jugulares para abrir um talho e tirar-lhes a vida. Os cavaleiros que seguiam Edgar também pararam. Os veículos motorizados aproximaram-se lentamente. Tinham que definir uma estratégia de escapada. Se os cavaleiros decidissem ir pelo pântano, ali seria novamente o ponto de separação. Somente os cavalos conseguiriam avançar naquele terreno traiçoeiro e brumoso. Edgar aguardou até todos se reunirem. Era a primeira vez que paravam desde que debandaram da armadilha. Sabiam que não teriam muito tempo até o anoitecer, mais uma hora de luz, talvez. A temível região pantanosa teria de ser transposta na escuridão.

Francis desmontou do cavalo com agilidade e cruzou o meio do grupo a pé. Parou na margem do terreno pantanoso. Olhou demoradamente para o atalho e respirou fundo. Depois olhou para os veículos motorizados, equipados com a artilharia pesada.

— Acho melhor desistirmos do atalho e avançarmos pela estrada. Ao menos teremos a proteção das armas pesadas. — disse, por fim.

— Não, irmão. — interferiu Lucas.

Os olhares convergiram para o novato.

— Não temos tempo. O atalho nos dará horas de vantagem. Horas preciosas. Precisamos unir os trinta bentos o mais rápido possível. Somente com o auxílio dos quatro milagres colocaremos fim a essa situação. Fim a esse medo da escuridão.

Vicente olhou para o horizonte. O sol derramava a luz derradeira sobre os morros. A velha São Paulo desaparecia nas sombras, sendo dragada rapidamente pelas trevas, trazendo com a noite o desespero, libertando as feras malditas.

Lucas também olhou para São Paulo e seu amontoado de prédios negros. A inexistência de energia elétrica não permitia que as luzes dos postes públicos fossem acesas, agravando ainda mais a má impressão que aquele mausoléu gigantesco podia proporcionar.

A luz enviesada do poente criava sombras extensas que anunciavam a chegada da noite.

A voz preocupada de Francis cortou o silêncio.

— Posso estar enganado, Lucas, mas perdemos seis bentos esta tarde. Perdemos seis irmãos. Se cruzarmos o pântano, podemos perder muito mais. Por que tanta urgência se os trinta bentos não serão postos juntos tão cedo? Teremos que aguardar meses... quiçá anos até que seis novos bentos despertem do sono.

— Não. Não vamos esperar tanto. Temos que cruzar o pântano. Temos que ganhar tempo. Cada minuto é precioso. Sinto essa urgência queimando o meu peito. É um palpito, algo que não vou ignorar.

— Desculpe a intromissão, bento Lucas, mas escute bento Francis. Esse risco é desnecessário. Durante as horas que economizarmos cruzando esse pântano, seis bentos não acordarão, posso te garantir. Se nos mantivermos unidos, teremos mais chance.

Lucas olhou para o soldado Adriano.

— Sei que está preocupado e que preza pela vida de seus companheiros de jornada, soldado, mas te garanto que essas horas serão cruciais. Os vampiros ganharão uma arma poderosa essa noite. Se não agirmos com presteza e caminharmos de encontro à profecia, nossos dias estarão contados... precisamos reunir os bentos faltantes, o mais rápido possível. Indo com os veículos, pelo asfalto, vamos nos atrasar.

— O que serão três ou quatro horas a mais?

— Serão tudo. Temos que ir por este caminho. — disse, apontando para o pântano e depois olhando para os veículos. — Sei que não devemos estar juntos essa noite. Os carros estarão levando os feridos. Não serão tão ágeis. Temos que ir por esse caminho. Os vampiros precisam de uma lição. Precisam temer algo além do sol.

— Os bentos morreram, Lucas. Você é poderoso, mas não ressuscita os mortos.

Lucas encarou Elton. De fato não poderia ressuscitar os mortos. Mas, algo dizia que tinham que ganhar as horas, que tinham que seguir por aquele pântano, e era isso que fariam. Caminhou até a pickup que levava os corpos dos bentos no compartimento traseiro.

— Os seis estão mortos e nosso dever agora é sepultá-los. Eu sou o trigésimo bento e fui escolhido para levá-los de encontro ao que foi profetizado. Vim para as horas amargas e não para as alegrias.

— Sepultá-los? — perguntou, incrédulo e com nítida decepção na voz, Gabriel, o soldado salvo da emboscada por bento Lucas.

— Como Francis disse, os seis estão mortos e nada há para se fazer a esse respeito. Vamos enterrá-los e continuar nossa jornada. — Lucas aproximou-se do veículo com os corpos. Apontou para os três soldados que ocupavam o veículo. — Tirem as couraças, as capas e as espadas desses homens. Isso vai conosco.

Diante do grupo silencioso o trio cumpriu a ordem de Lucas. À medida que as couraças e espadas eram depositadas, Lucas, com cuidado, apanhava as armas embainhadas de duas em duas. Unindo o par de espadas, enrolava-as, usando um par de capas vermelhas. Com as tiras de couro que escapavam das bainhas, fechava firmemente o embrulho. Entregou o primeiro par de espadas para Bento Francis. Com o mesmo cuidado uniu o segundo par e entregou-o a Bento Edgar. O último par de espadas conduziu até Bento Vicente, que permanecia montado em seu cavalo.

— Cuidem dessas armas com a vida.

Lucas voltou-se com serenidade e olhou para os corpos enfileirados.

— Vamos enterrá-los.

Apesar da liderança súbita e arrebatadora que Lucas havia adquirido, os soldados olharam para Francis buscando confirmação. Havia um cerimonioso ritual a ser cumprido antes do sepultamento de um Bento, que tinha o corpo tratado como um santo. No entanto, mediante as circunstâncias e urgência, o ritual deveria ser abreviado.

Francis aquiesceu e, um segundo depois, meia dúzia de pás surgiu dos veículos. O Bento juntou-se aos homens que começaram a cavar o solo, dando instruções e confirmando que não cumpririam a risca o rito de sepultamento. Tinham que correr se não quisessem virar comida de vampiros.

Um silêncio respeitoso cresceu até que só o som dos pássaros na mata e das pás contra o solo tomaram conta do ambiente.

Minutos mais tarde, suado com o esforço empreendido, Francis, com cerimônia, aproximou-se dos cadáveres e retirou do pescoço de cada um deles o cordão com a figura de São Jorge. Segurando as seis imagens, fechou-as na mão e fez uma longa e silenciosa oração.

Quando as covas ficaram prontas, o sol já havia se deitado. A escuridão tomava a mata. As lanternas dos veículos foram acesas, criando uma atmosfera sombria ao redor das sepulturas. Os corpos foram depositados no fundo das covas e cobertos com pressa. De noite, naquela região, era um perigo. Ao final da operação, Vicente surgiu com cajados feitos de galhos das árvores próximas. No cume de cada cova, enterrou metade do cabo improvisado, mantendo-os firmes, cravados na terra. Lucas assistia mudo à ação. Francis passou a Vicente a primeira couraça torácica, que jazia ao pé da cova de Murilo. Vicente fixou o peito de prata com firmeza no cajado, unindo-o à madeira com uma fita de couro. Fez o mesmo com as demais, até que a cova de cada Bento estivesse representada pela respectiva armadura. Ao terminar olhou para os

soldados. Apesar do bento estar calado, todos perceberam a emoção na expressão daquele gigante, que poucas vezes na vida tinha o rosto livre da carranca.

Lucas benzeu-se em frente aos túmulos e acenou para Francis.

Francis aproximou-se de Adriano e estendeu-lhe a corrente de bento André.

— Tome, soldado. Que isto te traga proteção.

Adriano apanhou a peça e olhou-a demoradamente, enquanto a voz de Francis, chamando todos para a marcha, entrava em seus ouvidos. O líder de Nova Luz fechou os dedos, comprimindo contra a palma da mão a pequena imagem do guerreiro São Jorge.

Meia dúzia de soldados reclamou do cansaço, mas não tinham outro remédio, era urgente retomar a marcha. Do contrário, ficariam sozinhos na beira do pântano, com a velha São Paulo na suas costas, guardando um exército sem fim de criaturas da escuridão.

Os motores dos veículos roncaram e as luzes dos faróis vibraram. Enquanto os carros manobravam para voltar à estrada e dividir o grupo, os soldados montavam os cavalos.

— Fogo! — bradou Vicente.

Os soldados improvisaram uma fogueira com rapidez. Nela, tochas foram acesas para que o caminho no pântano fosse iluminado.

Com as tochas prontas, apressaram-se em reduzir a fogueira em cinzas, enquanto os bentos e alguns dos soldados vestiam as túnicas marrons, mais uma vez buscando confundir a visão de possíveis inimigos.

Matias olhou para o céu. Fechou os olhos, uma garoa leve balançava ao sabor do vento, molhando a face. Se aquela névoa se adensasse não seria nada bom. Cavalgar no pântano, com chuva...

A maioria dos cavaleiros benzeu-se antes de adentrar o terreno pantanoso. Tinham a impressão de saltarem do fogo para a frigideira. Pelo menos, os que adentravam aquele temido terreno, estariam acompanhados dos bentos.

Capítulo 33

Anaquias abriu os olhos abandonando o transe. Acendeu-os feito brasas e exibiu as presas afiadas. Estava cercado e seu instinto fê-lo preparar-se para o combate.

Um vampiro voou em sua direção. Anaquias desviou-se com habilidade, deixando o agressor chocar-se contra parede. Estavam na sala do que fora um imenso apartamento em bairro chique de São Paulo. Metade do ambiente estava tomado por vampiros com ares de poucos amigos.

Anaquias desviou-se do segundo agressor, mas sabia que não poderia fazer aquilo a noite toda. Viu Gerson e Raquel, com os braços acorrentados nas costas e presos firmemente pelas mãos de dezenas de outros vampiros.

Quando o terceiro inimigo atacou, Anaquias saltou sobre o agressor e o agarrou pelo pescoço, cessando o ataque. Iniciou uma série de golpes, deixando os atacantes escutarem uma seqüência de "claques" e "crecs". Anaquias empurrou o inimigo para o meio da sala. O vampiro urrava de dor, não conseguindo manter-se de pé. Tinha os ossos das pernas e dos braços literalmente moídos.

— Fui eu quem ensinou isso a ele. — murmurou sorridente a líder Raquel.

Gerson sorriu.

— Pare, Anaquias. Renda-se. Você não pode com todos nós. — disse um vampiro cinzento e de face cadavérica.

— Peça você que seus lacaios cessem os ataques. Vim aqui para ajudar, não para ser trucidado.

O vampiro de face cadavérica andou pelo assoalho de madeira da sala. Suas botas estalavam a cada passo. O semicírculo de vampiros frente a Anaquias manteve-se imóvel. Não atacariam até que o líder novamente ordenasse.

— Sei o seu nome. — disse Anaquias. — Você é o vampiro chamado César.

O vampiro de face sulcada encarou Anaquias.

— Você sabe de muitas coisas. É por isso que estou aqui.

— Eles vieram? Vocês conseguiram?

As perguntas de Anaquias quase não foram ouvidas em razão dos gemidos de dor do vampiro ferido.

César tirou o vampiro com os ossos moídos do chão. Ergueu-o como se não possuísse peso. Aproximou-se da sacada do prédio. Virou-se para encarar Anaquias.

— Como eu disse, você sabe de muitas coisas.

César ergueu o ferido sobre a cabeça e virou-se para a sacada, arremessando-o metros a frente, através da vidraça. O vampiro voou junto com os cacos, caindo quinze andares até a rua. Provavelmente sobreviveria a tal atrocidade, mas, caso ainda estivesse inteiro, levaria meses até que pudesse ficar de pé.

César caminhou até Anaquias, encarando-o demoradamente.

— Você não fede a traidor, Anaquias.

— Eles vieram? — insistiu o vampiro.

César simplesmente meneou positivamente a cabeça. Anaquias abriu um sorriso e virou-se de costas. Fechou as mãos e ajoelhou-se.

— Eu sabia! — berrou, embebedado pela vitória, pela confirmação.

Usando velocidade sobrenatural, César agarrou Anaquias pelas costas e, antes que o grito da vampira pudesse ajudar, arremessou o suspeito contra a parede.

Anaquias tombou, retorcendo-se de dor.

— Sabia? — perguntou César, tirando o cabelo de sua testa. — Por que não nos contou que os outros viriam?

Anaquias ajoelhou-se novamente. Nas suas costas, parte do reboco da parede ruiu. A parede estava afundada onde havia recebido o choque de seu corpo.

— Que outros?

— Como você disse, fechamos a Teodoro Sampaio. Construímos o corredor. Preparamos a tocaia...

César andou para a frente e para trás, olhando para os vampiros amarrados e depois de volta para Anaquias.

— Acontece que convidados inesperados surgiram na festa. Anaquias fez nova careta de dor, tentando erguer-se.

— Então, como sou o responsável pela segurança dessa parte de São Paulo, resolvi vir pessoalmente lhe perguntar se realmente você está do nosso lado. Está?

Anaquias grunhiu.

— Duvida?

— Quem lhe falou que eles viriam, vampiro? Anaquias passou a mão pelo peito. Seus olhos apagaram.

— Quem lhe falou? — repetiu, impaciente, César.

— Foi a voz... a voz na minha cabeça...

A risada de César sobrepôs o murmúrio de Anaquias.

— Ele me disse... disse que eles viriam. Não falou de outros. Disse que viriam seis bentos. Vocês os pegaram?

César parou de rir.

— Foram mortos. Os seis.

— Guardem o sangue deles. Ele vai precisar. Ele viu isso. Viu a bruxa pedindo o sangue dos bentos...

— Ele? Bruxa? — perguntou César, com ar de deboche.

— Guardem o sangue.

— Impossível. Os corpos foram levados com os outros. Os outros que "ele" esqueceu de dizer.

— Mas como? Vocês prepararam o caminho... mesmo que tivessem vindo outros.

César deu uma bofetada com as costas das mãos no rosto de Anaquias.

Anaquias dobrou-se perante o golpe. Baixou a testa no chão.

— Quem é ele? — insistiu César.

Os olhos de Anaquias acenderam-se mais uma vez.

César abaixou-se para agarrar o vampiro pelo pescoço. No entanto, Anaquias foi mais ágil, virando-se rapidamente e agarrando César primeiro. O vampiro, surpreso, arregalou os olhos. Anaquias arremessou-o de encontro ao teto e agarrou-o novamente pelo pescoço.

— A voz... na minha cabeça...

Anaquias segurou a cabeça de César e empurrou-a contra uma coluna no meio da sala, esmagando o crânio do vampiro inimigo.

— ... é a voz...

Colocou César sobre os ombros e deu passos decididos em direção à janela arremessando o vampiro pela sacada.

— ... é a voz do vampiro-rei.

Anaquias virou-se para o bando de soldados vampiros que mantinham Raquel e Gerson amarrados. Todos olhavam estáticos para o vampiro franzino.

Quando o primeiro dos vampiros pensou em avançar contra Anaquias, teve a iniciativa contida por um brado do inimigo.

— Acalmem-se! Nem pensem em me atacar!

O brado foi tão poderoso e cheio de razão que os vampiros sentiram-se minados, incertos. O vacilo de um instante foi suficiente para dar mais solidez ainda à impressão causada pelo vampiro vidente.

— Durante meu sono o vampiro-rei disse mais coisas, disse que vocês viriam. Viriam e junto a mim haveriam de preparar.

Os vampiros se entreolharam.

— O vampiro-rei precisará de nossos braços, de nosso trabalho. A voz diz coisas que estão por vir. A voz nos guiará.

Raquel e Gerson, ainda ajoelhados e acorrentados, olhavam incrédulos para a figura transformada do pacato Anaquias.

— Libertem Raquel e Gerson.

Mais uma vez os vampiros ficaram sem reação. César tinha armado um esquema para capturá-los. Estava desconfiando que Anaquias tinha contato com os humanos... que estava armando alguma tramóia para entregar o covil do Hospital das Clínicas aos bentos. Não deveriam confiar naquele vampiro estranho.

— Libertem-nos! — urrou Anaquias.

Ainda boquiabertos, Gerson e Raquel sentiram as mãos soltas. De alguma forma Anaquias estava controlando aqueles vampiros.

Anaquias caminhou de volta à sacada do apartamento. Uma coleção de trepadeiras tomava a lateral do prédio e ramos grossos espalhavam-se para todos os lados. Olhou para baixo. Na rua encontrou dois corpos. O do soldado arremessado por César ladeado pelo próprio carrasco.

Os lacaios de César afastaram-se de Gerson e Raquel. Trocaram olhares, ainda confusos.

— Tu acabastes com nosso líder. Não devemos voltar de mãos vazias ao covil. Tampouco podemos deixar que vão embora, como se nada tivesse acontecido aqui. — disse um deles, adiantando-se.

Anaquias caminhou pelo assoalho de madeira, encarando o vampiro que lhe dirigira a palavra. Esse era alto e forte, tão forte quanto Gerson. Tinha o cabelo raspado e uma tatuagem tribal subia do pescoço, tomando o queixo.

— Devemos obediência aos anciãos daqui...

— Obedeçam a mim de agora em diante. — retrucou Anaquias, cortando o vampiro. — Jamais arremessarei um de vocês janela abaixo. Não é assim que um líder impõe respeito.

Os vampiros se entreolharam.

— Obedeçam a mim e a voz dirá o que devem fazer.

O grupo de soldados-vampiros, pouco mais de vinte deles, começaram uma discussão em voz baixa. Pareciam conferenciar acerca do pedido de Anaquias. A discussão tomou mais de um minuto.

Raquel aproximou-se do companheiro magro e transformado e sussurrou-lhe.

— Pára com esse teatro, Anaquias. Você deu sorte com César, mas não abuse. Vamos dar o fora daqui. Sabe que ainda quero arrancar o couro de Cantarzo.

Anaquias olhou friamente para o olho bom de Raquel.

— Não estou com brincadeiras, mulher. Esta noite fui visitado novamente pelas imagens.

Raquel sorriu com o canto da boca, debochada. Gerson também ladeou Anaquias.

— Deixa disso, Anaquias. O que está acontecendo com você? Anaquias baixou a cabeça pela primeira vez... como se o velho Anaquias ressurgisse naquele rosto duro.

— Eu escutei a voz... eu vi o futuro...

— O que você viu?

— Vi o futuro, Gerson. O futuro. Vi um caminho para acabarmos com os humanos, para fincarmos nossas garras na terra e tomarmos, de uma vez por todas, o topo da cadeia alimentar.

Os vampiros, que discutiam, cessaram o barulho. O vampiro tatuado deu dois passos para a frente do grupo, encarando Anaquias.

— Se deixarmos vocês partirem, seremos destroçados pelos anciãos. Mas sentimos fé no que disse. A quem devemos obedecer? A ti ou aos anciãos?

Raquel bufou e meneou negativamente a cabeça.

— Nem a mim nem aos anciãos. — respondeu Anaquias. Os vampiros voltaram a cochichar, contrariados.

— De agora em diante, todo vampiro que rasteja pela terra deverá obedecer ao vampiro-rei!
— bradou Anaquias.

Capítulo 34

Élcio aconchegou-se junto ao braseiro. A tarde tinha esfriado consideravelmente e agora, com a chegada da noite e o princípio de garoa, aquele calorzinho viria a calhar. Valdo olhou pela janelinha. Fazia vinte minutos que tinham chegado na torre. Para trás, os muros da fortificação, para frente, uns duzentos metros adiante, a floresta erguendo-se depois do areião. Era o sentinela de plantão daquela noite, protegendo o povoado de Santa Rita contra os miseráveis noturnos.

Élcio espichou a perna que formigava. Tinha ficado muito tempo acorocado. O abrigo no topo da torre era baixo e não dava para ficar em pé, confortavelmente. Também, a culpa não era do abrigo, era de sua herança genética. Tinha dois metros e cinco de altura. Quando abriu os olhos naquele novo mundo custou a acreditar em tanta mudança. Demorou também para lembrar do seu passado. Precisou dar uma boa lida nos arquivos feitos em seu nome. Trouxeram uma caixa. Uma fotografia. Começou a se lembrar. Fora jogador de Basquete. Tinha jogado profissionalmente para a equipe de Suzano. Lembrando disso, nesse exato momento, produziu um sorriso de canto de boca. Élcio coçou o nariz e voltou a massagear a coxa. O formigamento ia diminuindo aos poucos. Ao lado do braseiro tinha uma penca de bananas, um pote com pó de café e um fuzil russo. Aquelas armas, que eram tão comuns nas fortalezas de traficantes na virada do milênio, servindo a pessoas que tiravam a vida por um punhado de químicos e muito dinheiro. As armas continuam servindo para o mesmo fim, defender e arrancar a vida do inimigo, contudo estavam sendo usadas dentro das novas fortalezas, pelos humanos sobreviventes.

Valdo espiou pela vigia. Acionou um interruptor vermelho, iluminando, com poderosos refletores, ao redor da torre de madeira. O areião banhava-se de luz. Via a garoa salpicando a areia, roubando-lhe a cor clara, enchendo-a de manchas escuras. Ficou olhando pela vigia por uns dois minutos, calado, só olhando para os remoinhos de garoa agitada pelo vento. Acabou sentando-se, escorado na parede. Respirou fundo. Há semanas não viam sequer um par de olhos na floresta. Graças a Deus. Há semanas que os escalados para a estressante tarefa de ficar plantado em cima da torre voltavam ilesos. Respirou fundo de novo, puxando a correntinha de dentro da fina blusa de lã. Há semanas que não tinham problemas com os malditos noturnos. Mas isso não era garantia de nada e sua angústia só aumentava. Tentava não fazer transparecer pelas suas feições, não queria que o parceiro de vigília achasse que estava ao lado de um cão, mas, pensando consigo mesmo, quem não tinha cagaço de ficar nas torres? Isso não seria vergonha nenhuma. Apertou o crucifixo na palma da mão. Enfiou-o de novo dentro da blusa, sentindo o metal suavemente aquecido tocar a pele do peito. Enfiou a mão num dos bolsos da calça de tecido grosso. Sacou um maço de cigarros caseiros e uma caixa de munição. Coçou a

barba por fazer e envergou-se sobre o braseiro para acender o cigarro. Deu duas tragadas rápidas e, depois, uma longa. Expirou fazendo bico, lançando a fumaça para o outro lado do cômodo. Olhou para Êlcio. O gigante magrelo estava lendo uma brochura.

— Você não trouxe uma blusa, não? — perguntou para Êlcio. O rapaz só balançou a cabeça negativamente, sem tirar os olhos do livro.

— Vai esfriar mais. — no meio de mais uma tragada longa.

— Sou calorento.

Valdo apanhou a caixa de munição.

— Olha o que eu descolei pra gente. Êlcio ergueu os olhos.

— Peguei com o Negão. Pra quebrar um galho.

O grandalhão magrelo voltou os olhos para o livro.

— Passa aí sua pistola. Vou colocar umas balas revestidas de prata na sua munição.

Êlcio fechou os olhos. Apanhou a pistola no assoalho ao seu lado.

— Você se importa em deixar eu ler em paz por uns vinte minutos, por favor? — reclamou, estendendo a arma para o parceiro.

Valdo sorriu. Era a primeira vez que fazia vigília com Êlcio. Sabia que o gigante era esquisitão.

— O que você está lendo?

— João Ubaldo Ribeiro.

— Ah...

Valdo arrancou o municizador das pistolas e retirou as balas comuns, substituindo todas por balas banhadas em prata. Era hábil e, em poucos minutos, a substituição dos projéteis estaria completa.

Sabrina colocou a mesa. O cheiro da carne assada encheu a casa. Eloísa, a filha de nove anos, desperta há poucos meses, foi a primeira a entrar na cozinha. O pai biológico de Eloísa, marido de Sabrina, havia morrido nos primeiros anos após a Noite Maldita. Havia morrido em combate. Sabrina jamais vira o marido após a Noite Maldita. Tudo o que sabia do marido fora dito por quem cuidara dela. Sabrina passara adormecida ao lado da filha por dezoito anos. Passara por maus bocados depois de acordada. Deixava de ser uma bela adormecida para encarar o novo mundo. Separada da filha, pelo sono incerto dos adormecidos, e do marido, pelo sono eterno dos mortos, vagava sem ânimo pelas comunidades da detestável realidade. Vivia de vila em vila, da caridade de outras boas almas. Levou anos até que retomasse o gosto pelo céu azul e pelo sorriso após as piadas. Parte desse ânimo vinha de Gustavo, seu novo marido. Gustavo apoiara Sabrina e não desistira dela nunca. Não ligava quando encontrava a mulher com os olhos cheios de lágrimas, lendo à luz de vela as cartas deixadas pelo marido, onde o

pobre homem contava parte de seu desespero ao vê-las dormentes como mortas, e as aventuras perseguindo o fio de esperança na organização da sociedade na nova situação, no novo mundo. Gustavo respeitava as lembranças de Sabrina e não sofria de ciúmes por um homem morto. O novo casal, hortelãos, trabalhava junto nos canteiros da fortificação, contribuindo para com a vida na vila. Sabiam a importância de cada par de braços no atual método de vida. Santa Rita não contava com um refeitório central, como em outras fortificações, a não ser o dos soldados. Dado esse fato, era permitido que cada casa preparasse sua refeição. E, hoje, era um dia especial, um dia que merecia um bom pedaço de caça e o melhor tempero e dedicação. Mais dois casais viriam até a casa e, provavelmente, antes da vila dormir, haveria algum tipo de comemoração no galpão de festas. A comemoração poderia até ser na praça, com direito a músicos no coreto, mas a virada do tempo não permitiria. Sabrina abriu mais o sorriso, duvidava que aquela garoa, apesar de fria, atrapalhasse qualquer celebração naquela noite. Estaria mil vezes mais contente, como se fosse possível, caso Gustavo estivesse em casa. Maldito rodízio!

Eloísa rodeou a mesa com os olhos compridos para cima da travessa. Adorava o assado da mãe. Adorava os legumes fresquinhos e coloridos que guarneciam a carne saborosa. Mas os olhos buscam um outro prato. O prato com a sobremesa. Bolo de cenoura com cobertura de chocolate.

Gustavo não jantaria em casa esta noite pois tinha caído na inevitável escala de sentinela. Tinha saído de casa dando um beijo apaixonado em sua Sabrina. Havia lhe apertado a cintura e terminado com um abraço terno e demorado. Como amava aquela mulher!

Sabrina sempre ficava com o coração apertado quando Gustavo tinha que se empoleirar naquela torre de madeira. Fazia tempo que os malditos noturnos não tentavam nada em Santa Rita. O único inconveniente naquela vila prazerosa era o fato de, apesar de pequena, Santa Rita manter um estoque de adormecidos. Todos aqueles corpos guardados, deitados lado a lado, num interminável sono encantado. Os adormecidos ocupavam cinco dos seis galpões de um velho parque industrial. A mulher sentia calafrios quando cruzava aqueles corredores. Até um ano atrás era comum encontrá-la cruzando as fileiras de intermináveis rostos pálidos e corpos magros conectados a bolsas de soro. Aquela manobra, diziam os médicos, servia para evitar desidratação demasiada. Mesmo desidratados, os corpos não morriam, sabiam disso, mas assumiam uma aparência horrível, transformando o corpo num amontoado de pele e osso, tornando-os caveiras recobertas por couro. Era melhor hidratá-los, sem dúvida. Assim seria mais fácil para a procissão de pessoas que tinham que caminhar entre os corpos, como ela fazia, um ano atrás, nas incontáveis visitas à sua filha adormecida. Numa vigília sem data para terminar. Ia toda noite acariciar a face pálida e encovada de Eloísa. Pedira permissão para sempre renovar o soro da menina. Sentia-se mais mãe quando o fazia. Sentia-se cuidando da menina. A pequena bela adormecida. Não eram poucas as lágrimas que desciam em algumas visitas. Muitas vezes a

cabeça ficava bagunçada. Enchia-se de perguntas. Muitas vezes Sabrina deixava os olhos vagarem pelas pilhas de corpos. Como era triste aquilo, Deus! Como Ele deixara isso acontecer com a gente? Era um fim de mundo inimaginável. Depois do desespero, levava horas para se acalmar. A pele negra e empalidecida, porém viva da filha, servia-lhe de conforto. Ainda que convivesse com outro homem, olhar para o rosto sereno de Eloísa trazia boas lembranças de seu antigo marido. Francisco tinha lhe sido um deus negro, nascido e criado em Fortaleza, que a encontrara no Mato Grosso e fizera dela uma princesa. Francisco era forte e inteligente, formado em educação física, tinha prestado concurso e trabalhava como professor na Universidade Federal de Cuiabá. Sabrina era aluna de Francisco, naturalmente atraída por homens negros, não demorou a paixão a chegar. Francisco, na posição de professor, resistiu o quanto pôde. Mas, Sabrina era aquele tipo de garota que não se consegue resistir por muitas horas. Encantadora, deliciosa e cheia de energia.

Naqueles momentos de vigília ao lado da filha adormecida, quando acariciava interminavelmente o rosto doce de Eloísa, tão cheio dos traços firme e belos do pai, Sabrina relembrava o início do romance. As duras discussões com a mãe racista, que não cedia nem aos panos quentes que o pai colocava. O pai tinha se simpatizado de pronto com Francisco, mas a mãe... que dureza! Mal completara um ano de namoro, Sabrina já tinha fugido para a casa de Francisco. Casaram-se no civil contando com os amigos de padrinhos e da família, apenas a presença secreta do pai de Sabrina. Sabrina agradeceria-lhe a vida toda por aquele gesto. Novas lágrimas brotavam sempre que vinha a lembrança do dia do casamento civil. O pai, tão bacana, só tinha pedido para que Sabrina não contasse à mãe que ele estivera lá, para evitar mais atrito em casa. O pai tinha sumido depois da Noite Maldita. Nunca mais tinha tido notícias do velho querido. Depois da fuga de casa e do casamento secreto, a mãe aumentara o amargor. O coração duro e sem propósito impelia a fazer coisas estúpidas, como mexer uns pauzinhos meses depois da união e acontecer de Francisco ser demitido da faculdade federal acusado de algum crime contra a moral, uma vez que tirara uma aluna de casa. Não adiantou advogado, não adiantou "caras pintadas" ocupando a reitoria. Orgulhoso, Francisco arranjou tudo com bons amigos, ex-alunos, que moravam em São Paulo e haviam fundado uma importante empresa de segurança patrimonial. Francisco tornou-se preparador físico dos funcionários dessa empresa, na maioria vigias e seguranças. O salário era melhor que o de professor e via-se rodeado de amigos. Meses mais tarde, Sabrina dava entrada no hospital. A primeira e única vez que entrara feliz num hospital para ser internada. O pessoal do atendimento do Hospital e Maternidade São Luiz era muito simpático, tanto que por alguma razão incompreensível, dado o fato de que Sabrina sentia contrações que davam a ela um novo significado a palavra dor, tinha gravado dois detalhes que, em situações normais, não seriam lembrados depois de tantos anos e tantos fatos bizarros já decorridos. Tinha gravado na memória o nome da mulher que digitava seus dados e os do marido

no computador com a finalidade de preparar sua entrada e lhe garantir um bom quarto. O nome da mulher era Sueli. O segundo fato estranho era o de ter visto sobre a mesa de trabalho de Sueli um atraente livro de capa negra... livro de vampiros... quando os vampiros eram meramente ficção gravada em páginas amontoadas, encapadas e vendidas pelas livrarias do mundo ou alugados em forma de DVDs nas prateleiras das vídeo locadoras. Sabrina entrara no elevador com o nome da mulher e a capa do livro negro, com um olho vermelho queimando e chamando a atenção, gravados no fundo do seu cérebro. Fez uma anotação mental naquele instante de que no futuro iria comprar aquele livro e que iria mandar uma caixa de bombons para a tal da agradável Sueli. Uma contração mais forte a fez soltar um forte gemido e a mão forte de Francisco apertou seu braço. Uma outra funcionária do hospital retirou sua cadeira de rodas do elevador, conduzindo Sabrina para o atendimento obstétrico. Tanta gente. Tanto passado. Jamais comprou o tal livro de vampiros, jamais enviou a caixa de bombons de agradecimento para a bendita Sueli.

Sabrina encontrou-se hipnotizada diante do fogão a lenha, com o creme alaranjado borbulhando e começando a queimar no fundo do tacho. Mexeu rápido com a colher de pau. Secou as lágrimas em um pano de prato e tomou cuidado para que Eloísa não percebesse que tinha chorado. Era sempre triste lembrar-se do antes. Sempre apertava o coração saber que o mundo fora diferente daquilo. Sem aquelas pestes noturnas rondando as casas. Existiam outros males, mas eram humanos. Agora não. Agora o mal era um só. Uma massa pálida, criaturas com dentes afiados e sedentas por sangue humano. Apertou os olhos antes que começasse a chorar novamente. Forçou um sorriso e remexeu o tacho mais uma vez. O doce de abóbora estava demorando para dar ponto. Às vezes, enquanto estava no depósito de adormecidos, acariciando a face de sua pequena Eloísa, chamada carinhosamente de "minha neguinha", Sabrina desejava que ela não despertasse. Que ficasse para sempre com aquele rostinho infantil. Com aquele jeito de criança e que só abrisse os olhos quando os malditos tivessem sumido da face da Terra. Mas, sempre houvera a esperança. Havia a profecia. A história espalhada pelo velho Bispo. A história de que trinta bentos se juntariam para dar fim àquela raça maldita. Em certas ocasiões achava que aquilo era tudo invencionice daquele velho. Mas daí seus ditos vinham e aconteciam. Suas predições eram certeiras. E os bentos. Como ignorar o poder dos bentos? Aqueles homens que surgiam de tempos em tempos e defendiam as fortificações com bravura, às vezes, de maneira insana, batendo-se contra centenas de vampiros, empunhando apenas uma espada. Às vezes, perdendo a vida. Nunca se juntavam os trinta. Mas, hoje era dia para festejar. Era dia para jogar todos os medos num buraco e dar de ombros para as dificuldades. Um mensageiro chegara trazendo uma mensagem para bento Célio. Célio deveria seguir até Santa Maria, ao norte da Velha Salvador, e juntar-se aos bentos. O trigésimo bento havia despertado e os trinta deveriam se agrupar para que vencessem os vampiros. E se a profecia estivesse certa, como todas as

previsões do velho Bispo estavam, quando os trinta estivessem juntos, o mundo se livraria dos malditos.

Sabrina afastou-se do fogão. Eloísa desenhava com lápis coloridos num pedaço de papel. A mãe apertou a bochecha da filha e afagou-lhe o cabelo. Logo os vizinhos chegariam. Queria tanto que Gustavo estivesse ali, reunido com eles...

Era um dia para se comemorar.

Thais respirou fundo. Raspou mais uma vez o canivete arrancando outro filete do toco. Não estava esculpindo uma obra de arte... apenas distraía-se, passando o fio afiado na madeira. Aos poucos, ia surgindo uma ponta longa e uniforme.

Gustavo espiou pela vigia. Queria estar em casa. Se aquelas histórias fossem verdade... talvez esse fosse o último "plantão" que daria em cima da torre de vigia. Atravessou o cômodo e espiou do outro lado. O muro de Santa Puta parecia deserto. Será que os soldados tinham ido para casa para celebrar a notícia da chegada do trigésimo bento? Olhou demoradamente, preocupado. Estava escuro e o muro distava mais de duzentos metros. Com certeza os soldados estavam lá. Só estavam longe demais para seus olhos negros alcançarem algum sinal na escuridão. Voltou para o outro lado e espiou mais uma vez. A floresta negra e calma. Era assim que queria passar a noite. Sentou no chão de madeira recostando-se nas tábuas que formavam a parede. Um vento mais forte balançou a torre. Gustavo fechou os olhos. Um pouco de garoa fria passou pela vigia aberta. Ergueu o braço e arrancou o graveto do lugar que sustentava a portinhola. O pedaço de madeira bateu seco contra a parede, fechando a vigia. Bufou prolongadamente. Quando olhou para o outro canto do cômodo, Thais o estava encarando.

— Tá de saco cheio, é? — perguntou a mulher.

— Queria estar em casa hoje.

— Por quê?

— Você não ouviu a história?

— Do trigésimo bento? — *flap*, mais uma lasca de madeira escapuliu da escultura da mulher.

Gustavo anuiu.

— Ouvi. — disse, dando de ombros. — Mas, fazer o quê? Estamos na escala. Estamos no perigo.

Gustavo levantou-se e ergueu a portinhola de novo. Floresta negra. Tudo calmo. Garoa dançando no fecho de luz projetado pelos holofotes no topo da vigia.

— Relaxa, cara. Parece que esses malditos esqueceram dos adormecidos de Santa Rita. Quanto tempo não atacam nossa cidade? Dois meses?

— Acho que mais...

Thais passou a lâmina na madeira, tirando dessa vez uma pele bem fina que encaracolou enquanto desprendia-se do que fora um galho.

— ... e é isso que me preocupa. Se tivessem atacado Santa Rita ontem, duvidaria que aparecessem hoje.

— Por que apareceriam hoje?

Gustavo deu de ombros. Pela vigia não estava conseguindo ver a torre vizinha, onde estariam Êlcio e Valdo, mas via o facho de luz projetado dela batendo no areião molhado. Baixou a portinhola mais uma vez. Voltou a sentar-se.

— Sabe aquela história de que alegria de pobre dura pouco? Então. Acho que é isso. Recebemos a notícia de que o trigésimo bento despertou... estamos felizes. As pessoas na vila, minha mulher, todo mundo vai comemorar. Vão fazer assado. Vão dançar...

— Pára de falar de comida que eu estou com fome. — reclamou a mulher.

Gustavo sorriu para Thais.

Thais era uma garota bonita. Tinha pouco mais de vinte e dois anos. E era a única mulher de Santa Rita que participava do rodízio... da escala. Era voluntária. E voluntários não eram descartados, independente do gênero. Tinha os olhos amendoados, traços orientais ou índios, difícil dizer. A pele morena e, putz! Como cheirava gostoso! Pesava mais do que uma modelo de moda do tempo que o mundo era mundo pesaria. Tinha um pneuzinho aqui, um gordurinha ali, mas ao inferno com as esqueléticas! Aquilo é que era mulher! Chuchu beleza. Gustavo fechou os olhos, desviando do sorriso hipnótico que emanava da boca bem feita da mulher. Diacho! Era casado! Tinha a Sabrina que era mil vezes mais bonita que a Thais... mas olhar não era trair. E, fazendo justiça... Sabrina era só duas vezes mais bonita, o que fazia Thais a segunda colocada no Miss Universo Fodido. Riu sozinho e balançou a cabeça.

— O que foi?

— Nada.

Thais arqueou as sobrancelhas e abriu a boca.

— Você ri, olhando pra mim e diz: nada! Faz favor, Gustavo! Vai dizer o que pensou.

— Pensei que você é maluca. Poderia estar na vila, num lugar quentinho e a salvo...

O sorriso sumiu do rosto da mulher.

— A salvo?

Foi a vez de Thais levantar e espiar pela vigia.

— Enquanto esses malditos existirem, meu amigo machista, ninguém vai estar a salvo.

— Machista?

— Machista, sim. Aposto que estava pensando que sou uma mulher bonitinha demais para estar encarrapitada aqui em cima com soldados. Que sou maluca por ser uma voluntária.

Dessa vez foi Gustavo que arqueou as sobrancelhas.

O galpão de festas estava efervescendo em agitação. Uma banda tocava clássicos do rock brasileiro conhecidos por todos, fazendo a massa juntar-se em coro. Estavam felizes. Os dias de medo estavam chegando ao fim. Negão, o líder dos soldados de Santa Rita, tinha organizado um bar e servia sem cessar a todos os amigos reunidos, despejando vinho nas canecas. Alguém tinha sugerido preparem vinho quente, com frutas, mas ninguém parecia querer perder tempo no refeitório preparando a beberagem. Estavam todos contentes demais para se preocuparem com o frio repentino.

Dois casais de amigos tinham chegado na casa de Sabrina. A mesa estava cheia, contando com mais duas travessas de assado com legumes. Todos conversavam animados na sala, enquanto Eloísa, depois de muita insistência, já mastigava um pedacinho de bolo de cenoura com cobertura de chocolate falso. Todos lamentaram a falta do animado e engraçado Gustavo, quem normalmente puxava as primeiras piadas e lembranças cômicas dos acontecidos. Luiz Antônio, marido de Fátima, comentava a respeito da fumaça que subia de uma boa quantidade de chaminés mostrando que quem não havia atendido a celebração no galpão de festas, estaria fazendo o mesmo que eles: um apetitoso banquete para marcar a chegada do trigésimo bento.

Uma batida na porta chamou a atenção dos adultos. Sabrina, como dona da casa, afastou-se do quarteto de amigos e foi atender. Uma adolescente aparentando não mais que dezoito anos estava parada do lado de fora, na garoa. Sabrina soergueu as sobrancelhas.

A garota exibiu uma garrafa de vinho e abriu um sorriso.

Fátima chegou à porta e estendeu a mão para a garota.

— Oi, Maria Alice. Pode entrar, menina! — convidou Fátima, puxando a moça pela mão.

Todos acenaram. Sabrina sorriu e abraçou-a, enquanto Luiz Antônio apanha a garrafa de vinho.

— Esta aqui é Maria Alice, pessoal. Ela é nova em nossa vila. É namorada do Élcio, vocês conhecem.

— Ah! O poste ambulante. — brincou Luiz Antônio. Depois das risadas, Fátima continuou.

— Como o Élcio também está de plantão nas torres avançadas...

— O Élcio é uma torre avançada... avançada e ambulante! Mais risadas pela insistente piada de Luiz Antônio.

Maria Alice sorriu encabulada, ainda não estava tão à vontade.

— Pára de graça, Tônico. Deixa-me explicar antes que a menina fique roxa de vergonha. — Fátima fez uma pausa e apertou os ombros de Maria Alice. — Como ela ia ficar sozinha pela primeira noite aqui em Santa Rita, convidei-a para celebrar conosco a chegada do trigésimo bento.

— Seja bem-vinda na nossa vila e na minha casa, Maria Alice. Tudo o que precisar é só pedir ou apanhar. — Sabrina estendeu a mão para um novo cumprimento.

— Vai, Sabrina, abra logo o vinho que estou morrendo de sede. — queixou-se Mauro, marido de Betânia, o segundo casal que participava do jantar.

— Eu não sei cozinhar direito... então eu só trouxe esse vinho.

— Deixa disso. — acalmou Fátima, conduzindo a menina atrás da anfitriã para a cozinha. — Se você aparecesse com outro assado com legumes, a Sabrina nem teria onde colocar outra travessa na mesa.

Assim que Maria Alice viu os três assados sobre a toalha, abriu um sorriso.

Sabrina e Fátima riam enquanto a primeira buscava um saca-rolhas na gaveta. Olhou para a garrafa de vinho. Vinho industrializado. Aquilo mostrava o quanto o pessoal estava dando importância ao mero boato. Boato, pois, apesar do bento Célio ter partido para tal missão de encontro, nenhum pronunciamento oficial fora feito até o anoitecer. Talvez, Negão tivesse encarregando-se disso agora, lá no galpão de festas, mas, até agora, era um boato. No galpão deveriam estar tomando vinho produzido em Santa Rita mesmo. Vinho novo. O que fazia daquela garrafa dos raros vinhos industrializados restantes na face do planeta um presente de elevada estima. Seria uma delícia saboreá-lo, caso encontrasse o bendito saca-rolhas.

Sabrina desistiu do utensílio e apanhou uma faca afiada para primeiro romper o lacre de alumínio que protegia a rolha. Fátima fez mais alguma piada e as três riram na cozinha. O lacre saltou da boca da garrafa, junto com um gemido de Sabrina. A faca havia vencido com facilidade o alumínio e também boa parte do dedo da mulher. Três gotas gordas de sangue pingaram no chão, abrindo estrelas escarlates no piso. Fátima e Maria Alice silenciaram as risadas, dando um passo para trás, surpresas e aflitas com o ferimento da amiga.

Sabrina gemeu novamente levando o dedão à boca, como se aquele procedimento parecesse o mais correto no momento. Ainda mantinha o ferimento junto à língua quando todos na casa silenciaram-se ouvindo o ecoar do disparo de um rojão de três tiros.

Ficaram parados como estátuas, petrificados pelo medo. Estavam felizes demais para acreditar que eles viriam. Estavam felizes demais para pensar em um combate. Era nisso que pensavam enquanto uma lágrima descia pelo rosto de Sabrina... enquanto uma nova gota de sangue ia ao chão da cozinha.

Instantes atrás, Valdo e Élcio riam alto, como se acabassem de escutar a piada mais engraçada do mundo.

— Escapou, Valdo. Foi mal!

— Há! Há! Há! Escapou?! Graças a Deus! Imagine como seria se você tivesse soltado um de propósito.

— Há! Há! Há! — ria Élcio.

— Porra, amigo. Olha que fedentina. Deixa-me abrir essas vigias senão você me mata asfixiado. — brincou Valdo, abrindo a vigia que dava para a face do muro distante. Estava tão escuro que mal poderia divisá-lo se quisesse.

— Foi sem querer!

— Ainda bem que não foi motoquinha, pois foi tão alto que a vila teria confundido seus traques com um rojão de alerta ou invasão! Há! Há! Há!

Valdo abriu a porta dupla que dava para a estreita varanda exterior da torre. Revirou os olhos com o fedor invadindo as narinas.

— Credo, Élcio! Nunca fui vítima de um peido tão fedorento! Deus me livre!

Élcio ria, contorcendo-se, sem conseguir argumentar mais.

— Que horror! — continuou reclamando Valdo, indo para o exterior da torre de vigia em busca de ar fresco. — Parece até que você comeu pão com rato podre! Vai feder assim no inferno!

Estava ventando bastante, fazendo com que a garoa gelada apanhasse o corpo do vigilante. O frio, certamente, não traria um resfriado. Desde a Noite Maldita ninguém ficava doente. Mas, a temperatura baixa incomodava o corpo. No entanto, qualquer incômodo relacionado ao tempo seria melhor do que suportar o fedor da bufa sonora de seu colega Élcio.

Valdo encarou o muro escuro de Santa Rita por um instante. Entrou novamente e cruzou o abrigo, dirigindo-se à vigia oposta ao muro, a que dava para a floresta escura. Ergueu a portinhola na esperança de criar uma corrente de ar fresco que banisse de vez aquele cheiro. Ainda ria da situação inusitada quando fixou os olhos na floresta trezentos metros adiante. A garoa, dançando sob o facho de luz dos holofotes, atrapalhou num primeiro momento. A floresta parecia arder em chamas. Chamas aglomeradas. Mas, Valdo sabia que aquilo não era fogo. Não estavam caindo raios do céu para iniciar um incêndio florestal.

— Ai meu Deus!

Élcio continuava rindo, achando que Valdo ainda fazia graça. Dizendo que fora culpa do almoço preparado por Maria Alice. Um refogado de repolhos, acompanhado de salada de ovos cozidos.

— Ai meu Deus do céu! — repetiu Valdo.

— Sei que o negócio tá brabo, mas também não precisa exagerar. Se eu tiver que te levar pro pronto-socorro da vila, tô perdido. Vão me gozar por dois anos seguidos.

Valdo olhou para Élcio, estendendo a mão trêmula.

— Me passa o rojão de três tiros. Me passa o rojão...

Élcio ficou com os olhos paralisados nas mãos trêmulas do parceiro de vigília. Ele não estava brincando. Ninguém brincava com um treco daqueles.

— Me passa o rojão, pelo amor de Deus!

Um vento mais forte balançou a torre. Élcio, de joelhos (e já quase tocando o teto da guarnição), estendeu os braços apoiando-se nas paredes. Aquela rajada tinha sido das perigosas.

— Passa a porra do rojão, Élcio!

O semi-gigante abriu a caixa de ferro ao seu lado e retirou um rojão de três tiros. O que tinha o anel verde era o de três tiros.

— O verde?

— É, Élcio, o verde. Acende no braseiro.

Élcio tinha começado a tremer. Ainda não tinha olhado pela vigia, mas sabia que não podia ser brincadeira. Não podia. Já tinha ouvido falar tantas vezes... O pavio amarronzado do rojão Caramuru tocava uma brasa, mas não acendia.

— Vai logo!

Élcio soprou o braseiro, enchendo o ar de cinzas. O som da pólvora queimando e correndo pelo pavio chegou aos ouvidos. Ergueu perigosamente o rojão apontado para a cabeça de Valdo.

O homem apanhou o rojão. Outra rajada de vento sacudiu a torre e fez bater as portas duplas, cortando a corrente de ar. Valdo teve que se segurar para não cair. O rojão dançou na mão. O pavio ia sumindo dentro do cartucho de papelão. Ergueu-o em direção ao buraco da vigia. Mas, quando o vento tinha balançado a torre, a portinhola tinha descido...

Um espoco seco.

Élcio gritou quando os três projéteis incandescentes voaram pela boca do papelão, ricocheteando no telhado simples da guarnição no topo da torre. Valdo tropeçou e caiu no outro canto. Os projéteis queimando no chão de madeira. Um rolou para perto da cabeça de Valdo.

— Levanta! — berrou Élcio, junto com a explosão.

Thais, com os braços cruzados e sentada no chão, ergueu a cabeça e encarou o olhar de Gustavo.

— Você ouviu isso? — perguntou o homem.

Ela levantou-se agilmente e foi até a porta dupla. Outra rajada de vento balançou a torre, a porta soltou-se de sua mão e bateu contra o batente. Voltou a mão na maçaneta e puxou. Estavam longe da outra torre, que balançava de forma medonha, jogada pelo vento. Se não fossem os quatro cabos de aço tensos e fixos no chão, dificilmente as torres passariam de pé por aquela provação. A garoa estava se transformado numa tempestade de vento. Gustavo surgiu nas suas costas, o peito do homem contra sua nuca, tocando o corpo inteiro até a bunda. Um calafrio percorreu sua espinha.

— Olha! — disse Gustavo, estendendo o braço.

Apesar da distância, graças aos holofotes providencialmente instalados no topo das torres, podiam ver uma porção de fumaça escapando do telhado da casa de vigia.

— Estão com problemas?

— Acho que foi um rojão. Será que foi um acidente?

Para responder a pergunta do parceiro de rodízio, Thais atravessou a guarnição e espiou pela vigia em direção à floresta.

Gustavo engoliu a seco e olhou para a mulher. A cabeça de Thais tampava completamente o buraco de observação, havia outras vigias daquele lado, mas esperava por uma resposta. E ela veio, segundos intermináveis depois. Não com palavras, mas pelo som estarrecedor da tripla explosão de um rojão. Três tiros, sinal de perigo. A cabeça de Thais saiu da vigia, deixando livre um quadrado aberto diante de seus olhos por onde Gustavo via uma linha vermelha agrupada onde começava a floresta. Os malditos! Os malditos estavam lá!

O soldado ergueu os olhos. Achava que seria só mais uma noite longa na beira do muro de Santa Rita. Merda de vampiros! Parecia que podiam ler pensamentos! Justo hoje. Justo hoje que a vila estava em paz, vibrando com uma boa notícia. Justo na noite em que não contariam com a ajuda de bento Célio para defendê-los dos sugadores de sangue. Correu até o sino preso à torre e começou a badalar.

Luiz Antônio abriu a porta e puxou Fátima pelo braço. Do caminho de barro entre as casas da vila olhou para dentro da casa de Sabrina e partiu.

Antes que a porta batesse contra o batente, foi a vez de Mauro puxá-la, trazendo consigo sua esposa, Betânia.

Sabrina olhava aflita para o ferimento. Tremia. Um corte sangrento, bem agora! Maldição! Azar! Os malditos farejariam o sangue.

Eloísa, choramingando, reconhecendo o perigo alardeado pelo sino insistente badalando na torre não muito longe dali, talvez pela aflição da mãe tentando estancar o sangue com a mão boa ou ainda no medo estampado nos olhos dos homens que tinham arrastado e fugido com suas mulheres dali, correu para a mãe e tentou abraçá-la.

Sabrina repeliu a menina com um empurrão. Eloísa desequilibrou-se e só não foi ao chão porque foi amparada por Maria Alice, a moça nova na vila.

Sabrina vasculhou as gavetas da cozinha de móveis rústicos. Por onde passava, gotas vivas de sangue deixavam uma trilha perigosa.

— Meu Deus! O que vou fazer?

O sino tocando. O barulho de mais gente correndo entre as casas. Certamente, mais soldados acudindo ao chamado do badalo. Sabrina respirou fundo e olhou para cima, como que fazendo uma prece. Arrancou mais duas gavetas. Uma latinha vermelho-alaranjada de chá-mate Leão. Abriu-a com a mão boa. Montículos de gaze. Apanhou quatro e começou o curativo.

— Mamãe... manheeeeê... — choramingava Eloísa.

— Não toque no sangue! Não toque! — berrou a mãe. Sabrina enrolou o primeiro gaze no dedo ferido e olhou para a

filha agarrada à cintura de Maria Alice. A única que não lhe abandonara repentinamente... talvez porque estivesse apavorada demais para fazê-lo ou talvez nem soubesse o que fazer. Fátima tinha dito que ela era nova na vila. Talvez fosse uma recém-desperta e, se fizesse menos de dois meses, em Santa Rita, nunca teria assistido a um ataque de vampiros.

— Há quanto tempo você está desperta, Maria Alice?

— Um ano, senhora.

— Vocês têm um abrigo em casa?

— Temos sim, senhora.

As faíscas desapareceram dentro do cilindro de papelão. Valdo segurou firme o rojão e, em seguida, escutou o espoco surdo com o ouvido bom. Seis brasas riscaram o céu negro e explodiram. Valdo virou-se, zozzo, e bateu contra a parede. Élcio, assustado, pôde ver o ouvido direito do parceiro sangrando. Provavelmente Valdo perderia a audição daquele lado.

Na torre vizinha, Thais puxava a correntinha de dentro da blusinha vermelha por baixo da blusa de moletom que recobria os braços. Beijou o crucifixo e recolocou-o no lugar.

Gustavo abriu as vigias. O coração batia disparado. Pontos vermelhos desgarravam-se da escuridão da floresta e avançavam em alta velocidade pelo areião. Vinham em grupos desiguais, correndo feito loucos.

— Somos a primeira defesa. — murmurou a voz da mulher nas suas costas.

Gustavo olhou para Thais. A respiração da mulher soltava nuvens de vapor diante de seu rosto. O homem engoliu a seco. Thais estava atabalhoada, não se mexia. Ouviram um disparo. O primeiro disparo.

— Santo Deus. Eu nunca encarei esses malditos aqui na torre. — disse.

Thais olhou para Gustavo.

— Eu também não.

Gustavo estendeu o rifle para Thais.

— Sabe atirar com esse aqui?

— Também fui treinada, cara. Só estou congelada de medo. Só isso.

Gustavo destravou o rifle, deslizando a trava e provocando um barulho característico.

— Deixa o medo pra depois. Somos a primeira defesa. Thais meneou a cabeça concordando.

Gustavo abriu a porta dupla de face para a floresta. O número de pontos vermelhos vagando pelo areião tinha triplicado. Eram centenas. Santo Deus! Nunca tinha visto tantos! O

escalado fez mira e puxou o gatilho. O tiro único cruzou a distância e um dos malditos foi ao chão.

Thais também começou a disparar. Sorte que os malditos sempre atacavam daquela forma, com os olhos em brasa. Na escuridão tornavam-se alvos visíveis. Mas a voluntária sabia que a vantagem evaporaria assim que os primeiros estivessem perto demais. Logo estariam rodeados por aqueles vampiros medonhos e seriam vítimas dos dentes e das garras afiadas dos assassinos da noite. De perto os vampiros eram imbatíveis. Somente os bentos tinham coragem de enfrentá-los e, naquela noite, Santa Rita não contava com nenhum protetor. Teriam de detê-los à bala.

Pouco antes do rojão de seis tiros tonitruar no céu, dentro do galpão de festas, a banda tocava alto. Soldados, horteiros, caçadores, todas as pessoas, festejavam a boa nova. Nem Negão tinha escutado o primeiro rojão de alerta. Para eles a noite ainda era de alegria e dança. De vinho e sorrisos. Até que a porta foi escancarada.

Uma dúzia de pessoas notou o soldado que tinha empurrado a porta com tanta energia. O resto do salão ainda ria alto e era envolvido pelos instrumentos da banda. Essa dúzia de pessoas mais próximas da porta de entrada e saída permaneceu estática tal qual o soldado com um pé dentro e outro fora do salão. Os mais próximos da porta podiam ouvir o sino retinindo. Um som tímido, engolido pelo ritmo musical que embalava a festa, mas era o som do badalo do muro. O som que evocava a atenção e as armas. O rosto pálido e assustado do soldado na porta, sua forma estática, o rifle com a coronha apoiada na cintura e o cano de descarga para cima, os olhos aflitos, o sino lá longe... todas essas pistas formavam uma garra que apertava o coração daqueles que interpretavam corretamente os sinais. Sabiam que a festa tinha acabado. E pior que isso. Não seria hora de ajudar os convivas a varrer o galpão e apanhar as sobras de comida. Aqueles sinais diziam de pronto que era hora de apanhar as armas e correr para o muro. As mulheres deveriam se proteger em casa, esconderem-se nos buracos. As que quisessem lutar deveriam munir-se e aguardar um par de olhos em brasas surgir na sua frente e queimar a testa do maldito com um disparo a queima roupa. Teriam de lutar pela vida. E essa noite, a luta seria mais feroz. Santa Rita estava desprotegida e os malditos viriam atrás dos adormecidos.

Finalmente, os olhos do soldado encontraram-se com os do líder. Negão havia negligenciado sua função de líder da soldadesca. Havia o feito de propósito. Puta merda, queria apenas uma única noite de paz e de tranquilidade, sem pensar em passar em visita as sentinelas no muro. Sem se preocupar com os quatro cidadãos nas torres avançadas. Queria uma única noite para embebedar-se e simular prazer em viver atrás daqueles muros, cagando nas calças quando chegava a escuridão e aquele maldito sino rompia o silêncio. Havia negligenciado de propósito. Tinha o direito a uma noite feliz no galpão de festas, mas aqueles olhos atormentados, estacados nos seus, diziam que ele havia cometido um pecado. Um pecado que poderia custar muitas vidas. Estavam despreparados e os malditos viriam. Com força total, como nunca teriam vindo.

Era sempre assim. Depois de uma eternidade, o soldado à porta se mexeu. Fez um movimento que lhe pareceu em câmera lenta. A mão do soldado, quase em concha, balançou duas vezes pela porta, chamando-o para fora, indo e vindo vagarosamente. O soldado não queria gritar que estava acontecendo uma puta duma merda lá fora. Não queria apavorar os festivos cidadãos dentro do galpão, mas isso não tinha mais importância. Um pouco de desespero e urgência não faria nada mal.

Negão cruzou o salão. Metade das pessoas ainda não tinham caído em si e ainda gargalhavam. Um quarto delas começava um zum-zum-zum, de preocupação, de temor. E o último quarto de gente esgueirava-se pela porta, ganhando a rua.

O líder dos soldados passou pela porta chegando à calçada cimentada ao redor dos galpões. A garoa fria cobriu-lhe a cabeça e o espaço sem banda tocando alto provou-lhe uma sensação estranha nos ouvidos. Logo o som do badalo chegou aos tímpanos, junto com uma rajada de vento. Nada de céu estrelado, nada de noite clara. O céu era só nuvens e garoa. Eles estavam vindo. Negão olhou para os galpões nas suas costas. Milhares de adormecidos aguardando o despertar. Era isso que os malditos vinham buscar. O líder militar correu para dentro do galpão e cruzou o salão de novo. Avançou para o palco e tomou o microfone da mão do vocalista bêbado que protestou, brincando, tentando tomar de volta o aparelho. Negão deu a notícia desagradável e pediu o apoio dos homens para defenderem a cidade e os galpões dos adormecidos com unhas e balas. Entretanto, antes que o líder negro de Santa Rita terminasse suas orientações, o salão tornou-se deserto, com exceção dos músicos que pareciam congelados ao seu lado. Os convivas tinham urgência em retornar à suas casas e tentar dar proteção às mulheres e crianças. Não tinham tempo para os adormecidos, nem coragem para ficarem fora de casa com Santa Rita sob ataque sem a proteção de bento Célio. Só pensavam numa coisa: ficarem vivos por mais uma noite.

Maria Alice apertava tanto a mão da menina Eloísa que poderia deixá-la roxa. A garota chorava, não pelo aperto na mão, mas pela mãe que ficara para trás.

A jovem companheira de Élcio abriu a porta de casa, que estava destrancada, e entrou com a menina. Sujaram todo o piso com a lama que ficara grudada nos calçados. Apesar do trajeto curto, as roupas tinham molhado o suficiente para causar desconforto. Maria Alice afrouxou a mão da garota enquanto tateava próxima à janela em busca de uma vela. Foi até o quarto e acendeu outra vela, uma de sete dias, grossa e larga que tinha o propósito de sempre manter uma chama acesa dentro de casa, coisa comum naquelas residências que não contavam com energia elétrica. A eletricidade em Santa Rita era reservada aos galpões de conservação dos adormecidos e ao aparato dos soldados defensores. A chama bruxuleante espalhou luz no quarto. Maria Alice, enquanto roia a unha de nervoso, sentou a pequena Eloísa na cama de casal.

Pediu que ela esperasse e voltou para a sala, trancando a porta da casa e passando uma trave grossa de madeira que dificultava ainda mais a passagem. De volta ao quarto deslizou três travas da porta no batente do cômodo. Mais bloqueio. Aquilo não deteria os malditos, se eles quisessem mesmo entrar, mas ao menos lhes daria trabalho. Puxou a menina da cama e, com muito esforço, conseguiu erguer o móvel. Debaixo dele havia uma tampa de madeira. Deixando a cama em ângulo de noventa graus ao chão, ocupou-se da tampa, suspendendo as pesadas tábuas pregadas nas duas vigas e mantendo um buraco escavado no barro aberto.

— Pula aí, menina.

Eloísa espiou o buraco escuro.

— Tenho medo.

Maria Alice bufou. A tampa de madeira era pesada. Não agüentaria mantê-la erguida muito mais.

— Pula logo, Eloísa, eu já vou atrás.

— É muito escuro.

— Vai logo, Eloísa. Se a gente ficar pra fora a gente vai morrer.

— Eu quero a minha mãeeeeee.... — começou a choramingar a menina.

— Pula, Eloísa, a tia já vai, logo atrás.

— Tô com medo... — choramingou novamente a menina, abraçando a cintura da mulher.

Maria Alice, não suportando mais o peso das tábuas, olhou para cima, fechando os olhos, parecendo fazer uma prece.

— Entra que a tia conta uma historinha. Eloísa enxugou um olho e fungou.

— Que historinha?

— A de quando eu operei de apendicite. Fiquei no hospital quinze dias e quase morri na mesa de cirurgia.

Eloísa ficou muda, encarando a mulher. Por fim, abriu um sorriso largo e abaixou-se na beira do buraco.

— Legal! — exclamou, antes de pular dentro do esconderijo.

— Louvado seja Deus! — respondeu Maria Alice, ouvindo o baque do corpo da criança caindo ao fundo do buraco.

A jovem já pensava numa maneira de se jogar no fosso quando se lembrou de um detalhe. De uma explicação do namorado. Se ela se jogasse agora, a tampa cairia sobre elas, selando-as no buraco. Normal. Mas, e quanto a cama? Ela ficaria naquela posição, levantada a noventa graus ao lado da tampa de tábuas? Que raio de esconderijo seria aquele?

Maria Alice deu uma gingada no corpo e deixou a tampa cair sobre o buraco.

Eloísa gritou com medo.

— Tia!

Maria Alice acalmou a pequena, dizendo que era rápido, que já estava indo, enquanto, desesperada, vasculhava o estrado da cama erguido. Êlcio tinha mostrado. A mão tateou as ripas até que encontrou. Um emaranhado de barbante grosso, preso com um laço no meio, fixo na ponta superior do estrado. A garota desfez o laço e esticou o fio de barbante. Era bem comprido. Procurou um vão na tampa de tábuas e foi descendo o fio. Instruiu Eloísa a ficar longe daquele barbante. Quando já não havia mais o que jogar ao fundo, voltou a erguer a tampa de tábuas e esgueirou-se buraco adentro. O peso das tábuas machucou suas mãos, mas conseguiu pular no fundo do esconderijo. O buraco era profundo por culpa da estatura magnífica do namorado, ex-jogador de basquete. Tateou as paredes úmidas de barro e numa extremidade encontrou um caibro atravessado na diagonal. O artifício serviria para escalamem de volta à superfície. Ouvia a respiração de Eloísa. Estendeu a mão e abraçou a menina. Abraçadas, voltou a esticar a mão diante da escuridão completa, tentando encontrar o barbante. Encontrou o fio grosso e soltou a menina. Puxou com força. Três segundos depois ouviu um sonoro "blam" acima de suas cabeças. A cama tinha vindo abaixo, escondendo sob sua forma a tampa do fosso. Maria Alice voltou a buscar Eloísa, abraçou-a forte e acocorou-se no chão.

— Pronto, querida. Pronto.

Seguiu-se um longo silêncio brutal. As duas respiravam mais calmas. O fundo do esconderijo era frio. Eventualmente, escutavam tiros disparados do muro de contenção. O abraço demoraria a desfazer-se.

— Tia... — reverberou a voz melosa da menininha.

— Que foi, Eloísa?

— A senhora podia ter me dado a vela, não podia?

— Caralho!

— Credo, tia.

— Desculpe.

— Se a senhora falar palavrão de novo, o papai do céu manda um vampiro bem grandão morder sua língua.

— Fica quieta, Eloísa.

— Tinham duas velas lá em cima.

Maria Alice bufou enervada. Abraçou mais a menina. A escuridão era assustadora. Sentia-se uma cabeça de vento. Devia ter pegado a vela.

Laura saltou para o galho mais alto do jequitibá. A garoa fina amolecia a floresta. Ao seu lado, uma centena de irmãos da noite, do outro, outra centena. Os olhos em brasa montavam uma cena maravilhosa. Estavam prontos para atacar, formando uma coluna de fogo, um enxame de morte. A organização daquele ataque tinha vindo de forma diferente. Nunca tinham juntado

tantos vampiros. Nunca tinham sentido tanta urgência num ataque. Havia um boato. Um tal de Anaquias tinha vindo de um covil do interior das florestas. Esse Anaquias havia prometido uma retumbante vitória esta noite. Uma vitória para provar aos anciãos. Provar que era a vez dos vampiros jogarem. Era a vez dos vampiros obedecerem a voz. Era a vez dos vampiros receberem o guerreiro. Vencer os muros da fortificação, alcançar o depósito de adormecidos e trazê-los para o covil. De quebra, poderiam matar tudo o que entrasse no caminho. Os olhos da vampira detiveram-se sobre as torres. Dois espigões, riscando o céu, com homens armados à sua espera. Sorriu, expondo a ponta dos caninos longos. Olhou para os dois lados. Os irmãos da escuridão eram tantos naquela noite. Nem o bento protetor daria conta daquela invasão. Inquieta, a vampira de cabelos longos remexeu-se. As duas torres de colunas finas, feitas cada qual do tronco de uma árvore, balançavam ao sabor da ventania. Aguardavam o sinal da vampira Ludymila, responsável pelo ataque daquela noite. Podia vê-la vinte metros abaixo, com os pés na areia molhada. Ela andava, empertigada, para lá e para cá, feito um general de infantaria. E era isso que ela era naquele instante. Laura saltou para a árvore da frente, caindo mais de dez metros, ficando agora na última árvore antes da areia. Olhou para trás e ergueu os olhos. Que espetáculo! Estava envolta por brasas vermelhas que balançavam nos galhos das árvores, prontas para engoli-lo, prontas para o ataque. Vampiros feito urubus ariscos, empoleirados em galhos, aguardando a presa morrer para lançarem-se sobre a carniça.

Ludymila ergueu os braços. Urros ensurdecedores encheram a noite. Quando a vampira baixou os braços, semi flexionando as pernas, uma onda furiosa de assassinos sobrenaturais voou das árvores ao chão de areia. Centenas de vampiros começaram a corrida. O número de malditos guerreiros da noite estava próximo de mil.

Negão chegou ao muro. O soldado no ponto cinqüenta estava pronto. Os homens com fuzis estavam prontos. Garrafas e garrafões cheios d'água benta estavam prontos. Ah! Como queria que bento Célio estivesse com eles! Nunca tinha visto tantos vampiros num ataque só. A garoa insistente dificultava a visão. O vento forte trazia gotículas aos olhos, forçando os homens mantê-los semi-cerrados. A ventania também fazia o fogo nas tochas formarem ângulo nas hastes incandescentes, fazendo barulho. As torres balançavam perigosamente, tensionando os cabos de aço que as sustinham. Pobres vigias. Não bastasse o terror de terem diante de si a floresta tomada pelos monstros horrendos da noite, tinham ainda que lidar com o temor dos troncos vergando-se a cada rajada de vento. Olhando para a floresta, engoliu a seco. Torcia para que aqueles desgraçados permanecessem no limiar da mata, que ficassem apenas querendo apavorar o pessoal de Santa Rita, como já haviam feito tantas vezes. Ficavam balançando nos galhos das árvores mais altas, feitos macacos do inferno. Negão benzeu-se. Para reforçar, beijou o crucifixo de prata que vinha na corrente. Apertou firme a empunhadura do fuzil que trazia nas

mãos. Foi nesse momento que escutou tudo o que não queria. Seis tiros de rojão espocando no céu. Forçou a visão. Pontinhos vermelhos dançando, deixando as árvores e ganhando o areião. Pareciam brasas sopradas pela ventania, que valsavam sobre a areia, vencendo a garoa insistente. Brasas do inferno que viriam incendiar Santa Rita. Olhou para os homens ao seu lado. Todos quietos, olhos fixos na mesma direção. Olhos capturados pelo medo.

— Protejam as torres! Protejam as torres! — gritou para os *snipers*.

Não demorou muito para o primeiro tiro ecoar no muro de Santa Rita.

Élcio fez mira. O primeiro disparo triplo estourou a cabeça de um vampiro. Eram treinados para isso. Tiros certos na cabeça. Com balas de prata recheando a munição, a estratégia era fatal. Os vampiros tombavam e cessavam o ataque letal. Não comemorou. Não vibrou. Não houve tempo nem, pensamento concreto. Só instinto. O cano do fuzil procurou o próximo alvo. Blam-blam-blam. Mais um vampiro fora do jogo. Eram tantos dessa vez, Santo Deus! O cano correu para o seguinte. Outra rajada tripla. Blam-blam-blam. Outro vampiro tombado na areia.

Valdo, mais seguro, não usava o recurso de disparo triplo. Um tiro de cada vez. Assim economizaria munição. Eram vampiros demais. Sabia que as balas existentes eram poucas para aquela situação. Logo, terminariam as cargas dos fuzis mais eficientes e contaria com sua última defesa, a pistola presa ao coldre da cintura, a pistola com projéteis encapsulados em prata. Se tivesse de ir ao inferno, arrebentaria com um bom número daqueles desgraçados primeiro. Blam! derrubou outro. Os olhos concentravam-se no alvo. A respiração parava por um segundo. O dedo pressionava o gatilho e pronto! Mais um desgraçado fora do jogo. Um desgraçado a menos tentando trepar no muro de Santa Rita. Mesmo mantendo os olhos no alvo selecionado, a visão periférica via a enxurrada de malditos passando pela areia. Quantos deles já teriam passado? Sessenta? Setenta? Talvez mais... Uma vampira com cabelos cor de fogo e olhos em brasa corria em direção a torre. Blam! Não corria mais. Os disparos triplos do fuzil de Élcio ensurdeciam. Valdo sentia sua arma vibrar a cada novo disparo. Um tranco seco. Os olhos buscavam a nova vítima. Entrava em sintonia com ritmo da criatura. Calculava a velocidade. Blam! Desgraça! Tiro errado. Ritmo. Velocidade. Plac! Fim da munição. Valdo recostou-se na madeira do abrigo. Apanhou outro municador do fuzil russo. Descartou o vazio, caindo ao chão. Afundou no orifício de alimentação o novo. Plá! Plá! Destravado. Voltou a vigia aberta. Um estalo. Farpas de madeira voando. Alguma coisa em seu olho. Madeira. Outro estalo. Mais farpas voando.

— Abaixa! — gritou o parceiro.

Valdo foi ao chão com o empurrão de Élcio. Os malditos estavam atirando. Filhos duma puta!

Valdo rastejou até um canto do abrigo. Abriu um garrafão de cinco litros e despejou a água sobre a tampa do alçapão.

— Por aqui não vão entrar.

Os tiros inimigos tinham cessado. Élcio levantou-se e foi à vigia. Enfiou o fuzil e retomou seus disparos.

Thais recarregava pela primeira vez sua arma. As torres estavam cercadas de vampiros. Os malditos não pareciam se importar com as construções, pareciam ignorar. Passavam a toda velocidade, correndo feito loucos em direção ao muro. Normalmente (isso a mulher não sabia se era sorte ou azar), os malditos já estariam encarapitados nos degraus de acesso ao abrigo superior ou desfiando os cabos de aço com as unhas demoníacas.

Gustavo disparava repetidamente. Respiração curta. Acertava tudo que entrava no rastro dos poderosos holofotes fixos no telhado do abrigo. Ao largo do halo de luz podia ver um amontoado que talvez contasse com cerca de trinta vampiros abatidos. Os corpos tremelicavam, mas estavam fora do jogo.

A torre balançou perigosamente. Thais perdeu o equilíbrio e foi ao chão. Sua arma tombou de lado e disparou uma rajada acidental.

Gustavo também foi ao chão. As tábuas molhadas tornavam-se cada vez mais escorregadias. Bateu forte contra alguma coisa, sentindo uma fisdada na costela. Farpas de madeira e estilhaços de telha encheram o abrigo após a rajada perigosa provocada pela parceira.

Fixaram os olhos uns nos outros por segundos longuíssimos. Não pela trovada provocada por Thais nem pelas telhas que ainda caíam aqui e ali, mas por causa do novo balanço do abrigo e pelo som agudo que escutaram... agudo e prolongado. Perceberam algo passando pela janela. Thais arrepiou-se. Gustavo colocou-se de pé e foi até a vigia. Não eram os vampiros. Os vampiros estavam ignorando a sua torre! Mas era um dos cabos de aço que cederá, depois de ter sido entendido ao máximo, partira-se e balançava no ar, voltando a cair e perder a vida efêmera que a física lhe emprestara. Gustavo ajeitou-se na vigia e voltou aos disparos. Olhou para a floresta. Quase nada do incêndio encenado pelos olhos em brasa das feras da noite restava nos galhos das árvores limítrofes. No areião, as bestas corriam como formigas ocupadas, passando direto pela torre. Retomou a carga de disparos.

Entre o intervalo de seus tiros e do parceiro, Thais ouvia as armas da torre vizinha e de armas que deveriam ser inimigas, próximas. Ouvia também, mais longe, os tiros das defesas dos muros de Santa Rita. O ronco potente da ponto 50 que deveria estar deitando cornos. Olhou para a floresta. Um ou outro macaco do diabo pulando de cá para lá. A esteira feita de monstros passava, não se importando com os disparos vindos da torre. Arriscou colocar a cabeça pela vigia e olhar para a torre vizinha. Azar. Azar do caralho! Diferente deles, a torre vizinha via-se às voltas com um bom número de vampiros subindo os degraus. Um bando deles investindo contra o telhado do abrigo e tentando varar as madeiras.

Percebendo a pausa na arma da parceira, Gustavo segurou o dedo. Olhou para o lado. Thais estava estática, com a cabeça para fora da janela. Imaginou um quadro macabro. Haveria um maldito com as garras cravadas no rosto da amiga, mantendo-a com a cabeça para fora? Fazendo-a sangrar até a morte? Gustavo foi até Thais. Dor na costela. Assustou-se quando a colega de vigília voltou com a cabeça intacta para dentro do abrigo.

— Eles estão com problemas.

Gustavo bambeou.

Thais correu até a porta dupla de frente para o muro. Alcançou a varanda externa e olhou para a torre vizinha. Mais vampiros subindo pela escada. Levou a coronha metálica do fuzil ao encaixe do ombro. Fazia mira quando percebeu Gustavo lívido, a pele morena empalidecida, parado no meio do abrigo. O homem mantinha uma mão diante dos olhos. Uma mancha tomando os dedos. Gotas grossas indo ao chão. Thais olhou para a blusa do colega. Um buraco na altura do peito, na parte mais externa. Sangue!

Valdo inspirou e expirou rapidamente, três vezes seguidas. Abriu o alçapão e enfiou o fuzil. Puxou o gatilho, acertando dois a queima-roupa e um terceiro maldito cinco metros abaixo. Cravava as balas na testa e via-os despencar. Continuou disparando contra aqueles que tentavam escalar os degraus enquanto o palito gigante humano tomava conta do telhado. Os som dos tiros entravam pelo ouvido direito. O esquerdo, ainda sangrando, parecia surdo. Sabia que os malditos estavam vindo atrás dele. Atrás do sangue. Tinha que dar um jeito de livrar a cara do garoto.

Élcio podia ouvi-los andando no telhado. Estavam descascando o abrigo com as unhas. Logo conseguiriam arrancar as telhas e invadir. Podia ouvi-los andando pela varanda, arranhando as paredes de madeira. Quantos seriam? A munição seria suficiente? Ouvia o colega gritar e atirar, tentando evitar a invasão pela escada de acesso. Sabia que seria difícil escapar com vida.

Laura estava ao pé da torre. Preparava-se para subir quando a boa garoa, junto ao vento, trouxe-lhe uma notícia. Ergueu os olhos. Não para a torre acima de sua cabeça, mas para a torre vizinha, afastada cerca de cem metros. Alguém também sangrava naquele lugar. O cheiro de sangue era forte. Estalou a língua, exibindo seus dentes pontiagudos. A missão era clara, não deveriam perder tempo, nem mesmo com essas torres idiotas. Olhou para a muralha vencida. Os irmãos da noite saltavam para dentro de Santa Rita, tomando a cidade. O tal Anaquias sabia das coisas. Olhou novamente para a torre vizinha. Deveria abandoná-las e completar sua parte na missão. Deveria ir direto ao rio de sangue e roubar os adormecidos. Levá-los para o covil e garantir sustento de sangue por anos. Mas, o cheiro saboroso que vinha da torre era hipnótico, tirava-lhe a razão. Notou o silêncio acima de sua cabeça. Mais uns oito vampiros haviam

recebido o recado. Pararam a escalada e olhavam igualmente hipnotizados para a torre vizinha. Os que estavam mais para o alto não tinham ganhado a lufada de vento com o cheiro agradável do alimento dos mortos-vivos. Continuavam investindo contra o abrigo dos miseráveis atiradores.

— Eu tenho que te tirar daqui.

Gustavo não ouviu Thais. Ainda estava parado, perplexo.

— Você... você atirou em mim...

Thais apoiou o homem. Não parecia que ele ia desabar, mas mais por não saber o que fazer. O disparo acidental fizera uma vítima mais importante que o telhado do abrigo.

— Você consegue descer?

Gustavo ergueu os olhos, livrando-se do feitiço do sangue e só então mirou o muro de Santa Rita. Os vampiros pulavam livremente para dentro da cidade.

— Sabrina... — murmurou.

Thais viu Gustavo livrar-se de suas mãos e erguer o alçapão. Em seguida ele atirou o corpo pelo buraco e começou a descer rapidamente. Ela ficou parada um instante diante da abertura.

— Bem, isso responde a minha pergunta.

Mais cautelosa, um olho nos degraus, outro nos vampiros na torre vizinha, começou a descer atrás de Gustavo.

A descida era longa e exigia esforço. Gustavo sentia físgadas a cada degrau descido, mas continuava sem parar. Tinha que chegar a Santa Rita. Tinha que proteger Sabrina e Eloísa. O som dos tiros e do desespero na torre vizinha existia em seus ouvidos, contudo, face a urgência em salvar sua família, a agonia dos colegas tinha virado ruído branco.

Negão tinha instituído um *modus operandi* que talvez salvasse o couro dos vigias em situações como aquela. Era obrigação do vigia escalado ser a primeira defesa da cidade. Esse pequeno contratempo na frente dos vampiros rendia minutos preciosos de preparação nos muros e na vila. Às vezes, os vigias venciam a batalha sozinhos, passando de contratempo a heróis. Isso acontecia quando o número de malditos era reduzido, quando faziam ataques suicidas. Não era o caso naquela noite. Eles haviam perpetrado um ataque maciço como nunca visto. Mas, quando a coisa degringolava, como naquela noite, quando os vampiros alcançavam o muro e o grosso da batalha passava a ser as portas de Santa Rita, Negão deixava os vigias abandonarem as torres e tentarem a sorte no areião. Bastava distanciar-se das torres e dos muros. Os vampiros, raramente, num momento de ataque organizado, deixavam de seguir (estranhamente) a trilha habitual. Para a fuga, os vigias vinham em motos preparadas para as condições do terreno. Mantinham-nas cobertas por lonas, escondidas na areia.

Thais descia esbaforida. Gustavo estava fora de controle e, julgava, próximo a um apagão geral. Tirava essa conclusão pela quantidade de sangue deixada nas ripas arredondadas que faziam os degraus daquela escada vertical, pregada ao tronco liso de um ipê roxo, que teve os

galhos da copa decepados para acomodar o posto de vigília. Ele já estava pálido quando se deram conta do ferimento, agora, com aquele esforço... certamente ficaria bem mais fraco. Sentia-se culpada. Afinal de contas, o disparo que acertara o amigo escapara da sua arma, involuntariamente, mas de sua arma. Viu os primeiros vampiros abandonando a torre vizinha. Infelizmente, o vento e a garoa eram arrastados naquela direção. Os desgraçados já tinham farejado a generosa hemorragia. Viriam feito cães atrás de gato... de vampiros atrás de sangue! Não precisava de metáforas àquela altura. Era tudo muito explícito e rápido. Interrompeu a descida. Gustavo estava chegando ao chão. Para ela ainda faltavam dez metros e não tinha coragem de pular. Pensou nisso porque viu uma vampira chegando perto demais. Ergueu o rifle. Com uma mão apenas era difícil firmá-lo, difícil fazer mira. Prendeu-o como pôde e puxou o gatilho. Errou! Não porque o disparo passou longe, mas porque a vampira desapareceu diante de seus olhos. Malditos demônios! Eles podiam fazer isso.

Gustavo colocou o pé no areião. Sentia-se tonto. Ofegante. Parecia ter participado involuntariamente de uma maratona dupla. Não levava o menor pique para *ironman*. Girou, procurando pela lona, procurando pela moto. Mesmo com a claridade dada pelos holofotes, a garoa e o vento (e a porra da hemorragia!) deixavam mais difícil a procura. Sentiu um baque nas costas. Bufou caindo no chão, enchendo a boca de areia. Era um deles. Um vampiro.

Thais gritou desesperada. Fez mira, mas não puxou o gatilho. Não queria abrir outro rombo no amigo. Gritos vindo da torre vizinha. Desespero. Não podia socorrer todos ao mesmo tempo. Iria priorizar seu colega de vigia. Tinha que levá-lo a um hospital. Um hospital. Ele só precisava de uma atadura. De cauterização. Não tinha problema de areia entrar no buraco. Não tinham mais preocupação com germes. Não existiam mais doenças, graças a Deus! Mas, graças aos idiotas, ainda existiam os acidentes. Tiros de merda de acidentes. Soltou-se da escada. Caindo era mais rápido.

Gustavo gemeu. O que era aquela coisa gelada? O maldito... ou melhor, a maldita vampira estava passando a língua em seu tórax. Lambendo seu sangue. Por cima dela viu o vulto de mais cinco ou seis malditos aproximando-se. Merda. Não podia morrer ali, na areia. Tinha que socorrer Sabrina. Tinha que salvar a mulher amada. Olhou para o chão. Escuridão. Sem forças. Tentou alcançar o fuzil. Estava a dois palmos de distância, mas não tinha forças para se arrastar. Dor. A coisa fria e áspera roçando sua pele. A vampira estava sugando seu sangue pela ferida. Maldita branquela dos infernos. Ergueu-a pelos cabelos. Quase gritou de horror. A maldita tinha os dentes mais longos que já tinha visto. O rosto branco e raiado de veias verdes estava manchado de sangue. Seu sangue! Desferiu um soco no nariz da criatura. O golpe pareceu atingir sem força a vampira. A criatura apenas agarrou seu punho, evitando uma segunda investida. Agarrou sua mão e girou seu punho, emitindo um rosnar, ferino. A vampira moveu-se rápido e enterrou os dentes em seu pulso, passando a sorver o sangue da artéria

pulsante. Gustavo tombou a cabeça, vencido. A luz dos holofotes apagando-se. Não havia dor no novo ferimento. Era como diziam. Os malditos sabiam matar. Fora vencido pela exaustão. Pelo cansaço. A última coisa que captou nas retinas foi a sombra de um anjo descendo do céu.

Laura sentiu um baque nas costas. Rolou, contorcendo-se. O que era aquilo que experimentava? Algo que não sentia há anos. Era dor?

Thais ergueu o fuzil e disparou. Carga tripla. A cabeça da vampira desfez-se e o corpo decapitado tombou. Mais três rajadas para frente. Não precisava fazer mira. Estavam perto demais. Cinco vampiros para o chão. Eram perigosos. Os disparos não tinham ido contra a cabeça. Thais aproximou-se. No treinamento repetiam até cansar. Bala de prata na cabeça. Interromper a ação. Foi até o meio do grupo de vampiros que se contorcia em razão das balas prateadas correndo o corpo. Mudou a chave do fuzil para tiro único. Um a um foi abatendo com um tiro na testa. Criaturas horríveis! Deteve-se um instante sobre o último. Expressão familiar. Deus do céu! O vampiro morto tinha a cara do Oswaldo, o pastor batista da igreja que a mãe freqüentava. Podia jurar que era ele. Thais benzeu-se. Olhou para a torre vizinha. Gritos e tiros vindo lá de cima. Os homens resistiam. Os vampiros saltitavam, agarravam-se aos degraus tentando vencer o alçapão e entrar por baixo no abrigo. Outros arrancavam telhas do reto, atirando lajotas ao chão. Ergueu o fuzil e fez mira. Plac! Sem munição. Bateu as mãos no bolso da calça. Nenhum muniçador novo. Tinha que dar o fora dali. Olhou para o muro de Santa Rita. Escuridão. Os vampiros tinham entrado e, há alguns minutos, a briga deixara de ser travada nos limites da cidade. Brigavam na vila, entre as casas. Por fim, pousou os olhos em Gustavo. Estava lívido. Branco feito as criaturas da noite. Estaria morto? Aproximou-se. Ele tossiu. Thais sorriu. Uma chance. Girou sobre os calcanhares, olhando para o chão. Encontrou. A moto. Correu até o volume fora dos fachos de luz. Puxou a lona e ergueu a motocicleta. Sentou-se e tentou a partida elétrica. Nada. Olhou para trás. Os tiros na torre tinham parado. Viu uma dúzia de vampiros descendo pela escada pregada ao tronco de jequitibá. Vinham rápido. Preparou o pedal para a partida mecânica. Deu o primeiro tranco. Nada. O segundo. O motor girou, mas não pegou. Os vampiros estavam na metade da descida. Um saltou do topo da torre, vindo perigosamente ao chão. Bateu na partida de novo. Mais uma vez ouviu o motor e nada de pegar. Olhou para Gustavo. O amigo estava tentando levantar-se. Estava sentando e bambeando o tronco, como um bêbado, buscando apoio no fuzil. Ela deu novo tranco no pedal de ignição. Nada. Lágrimas começaram a molhar seu rosto. O vampiro que tinha saltado corria em sua direção. A outra dúzia de vampiros saltava da escada a poucos metros do chão e começava a correr sobre o areião. Girou o pedal com um novo coice, com fúria e urgência. O motor girou, ameaçando pegar, mas morreu de novo. Morrer a dentadas não era seu destino.

— Não! — gritou Thais, de desespero e dor. O primeiro vampiro chegava perto.

Uma explosão. O fuzil de Gustavo abatera o inimigo.

— Meu Deus, me ajuda! — suplicou a mulher batendo a testa no painel.

No último coice, seu pé havia escapado do pedal, raspando a canela no ferro, abrindo um ferimento dolorido. Com a cabeçada no painel, doía também a testa, que tinha atingido a fronte na extremidade da chave.

Thais levantou a cabeça, ouvindo um segundo e um terceiro disparo. Estavam perdidos. Logo estariam cercados, pois sabia que a munição de Gustavo também chegaria ao fim. Não tinham tido tempo de pensar em munição extra. Incomodando-se com a dor na testa olhou para a chave. Sua boca abriu-se. Mulher idiota! Pensou dela mesma. No afã de empreender escapada, não tinha virado a chave para a posição de "liga". Sem a parte elétrica ativada, o motor nunca funcionaria. Burra! Girou a chave e voltou a bater no pedal. Burra! O motor roncou e funcionou perfeitamente. Soltou uma bufada, satisfeita e aliviada, ao menos por enquanto. Sorte saber pilotar a motocicleta. Sempre gostara de motos e não fora uma das meninas relegadas à garupa. A gafe da chave devia-se aos vampiros correndo para sua garganta. Girou a manopla e disparou na direção de Gustavo, fazendo o pneu traseiro erguer um arco de areia. Derrapou ao lado do amigo e estendeu-lhe a mão para que se pusesse de pé.

— Você consegue...? — quis perguntar o homem.

— Eu é que pergunto. Você consegue subir e se segurar? Gustavo ergueu a perna com dificuldade. Estava cansado e com sede. Estava lutando para manter-se aceso.

— Vambora... — murmurou o homem no ouvido da garota.

— E os dois lá em cima?

Gustavo lançou um olhar para a vigia silenciosa.

— Já eram.

Gustavo falava a verdade. Minutos atrás, o desfecho para a dupla Valdo e Élcio foi sombrio.

Élcio continuava disparando contra o telhado, confiando em sua audição. Ouvia os malditos puxando as telhas e mandava bala na direção do ruído. Segundos tensos passavam-se até a detecção de novos ruídos no telhado e um novo invasor.

Valdo cuspiu fora o cartucho de munição vazio. Rolou sobre as tábuas molhadas de garoa e água benta e apanhou mais dois municidores cheios. Fitou um instante aqueles cartuchos. Eram os últimos dois. Quando entrara na vigia e inspecionara a munição, achou que tinham tantas balas, que nunca acabariam... agora achava-as tão poucas... Enfiou pelo encaixe e deixou a arma pronta para novos disparos. Aquela operação tinha lhe tomado poucos segundos. Era rápido e gostava das armas. Rolou novamente e abriu o alçapão. Os poucos segundos perdidos permitiram um avanço assustador dos atacantes.

Élcio, tão alto que bateria a cabeça no telhado, mantinha-se encurvado. Escutou pancadas na madeira. Atirou contra a vigia fechada. A madeira estourou, abrindo uma fenda perigosa. Viu o vulto de três ou quatro deles. Puxou o gatilho mais uma vez. Mais uma vez surgiu um buraco na parede.

Valdo disparava para baixo. A pilha ao pé da torre aumentando. O ouvido ferido apitando.

Um vento forte sacudiu o abrigo. A garoa entrava em remoinhos, gelando o ar.

Élcio viu dois vampiros despencando do abrigo com o empurrão do vento.

— Venta mais! Venta mais! — gritou.

Valdo ergueu a cabeça. O guri estava ficando doido.

Uma garra de vampiro surgiu no teto. As unhas afiadas balançando para lá e para cá.

Élcio foi preciso dessa vez, fazendo pedaços de braços voarem para a parede. Enfiou o cano de descarga pelo buraco aberto pela fera e disparou. Um urro ferino encheu o abrigo. Braços vampiros surgiram pelas frestas abertas na parede pelo palito humano.

Valdo disparava sem cessar. Eram tantos! Ouviu um grito nas suas costas. Os braços de vampiros invadiam a choupana e tinham feito Élcio de refém, cravando-lhe garras pontudas e fazendo seu sangue escapar da pele. Valdo ergueu o cano de disparo. Poderia ferir o amigo ou, pior, abrir ainda mais os buracos feitos. Agarrou uma garrafa com água benta e arrebatou-a contra as tábuas. A água benta desceu pela madeira e os braços malditos, fumegando em contato com a água abençoada, soltaram o grandão. Élcio foi ao chão, passando a mão em volta do pescoço, puxando o ar para o pulmão. Tinham lhe apertado o pescoço com tanta força que achara que aquela seria sua hora derradeira. Agachou-se e retomou seu fuzil.

— Estou ficando sem balas. Valdo arremessou um pente cheio.

— É o último. Faça bom uso.

Voltou para o alçapão. Quando se preparava para erguê-lo, a tampa voou do encaixe, estourando as dobradiças, batendo contra as telhas do cômodo. Uma cabeça pálida e de olhos vermelhos como sangue vivo surgiram pelo buraco.

Valdo desferiu um chute poderoso. Chegou a sentir os dedos doerem dentro da bota.

O vampiro pendeu a cabeça, ficou imóvel por um instante, exibindo veias esverdeadas subindo pelo pescoço e tomando parte da face e a pele de aparência repugnante. Grunhiu demoradamente, então voltou a encarar sua vítima.

— Você está perdido, cara.

Valdo ignorou a ameaça do vampiro e baixou o fuzil, explodindo a cabeça da criatura. Um odor de podridão esparramou-se pelo abrigo, enquanto o corpo desmembrado do vampiro escorregava pela boca do alçapão e despencava para o areião vinte e cinco metros abaixo.

— Deus do Céu! Que fedor! — exclamou Élcio.

— Fedor?! — espantou-se Valdo. — Isso aqui não chega nem aos pés daquele seu traque nojento!

Se não estivesse com a corda no pescoço, Êlcio teria rido da graça do parceiro.

O vento balançou o abrigo novamente. Ouviram um silvo distante, como o de uma corda de violão arrebatando.

Mais um vampiro surgiu pelo buraco. Valdo retomou os disparos pela abertura. Tentando afastar o perigo. Recostou-se na parede e ergueu rapidamente a vigia de face ao muro de Santa Rita. Escuridão. Não existiam mais soldados defendendo o muro nem *snipers* defendendo as torres.

— Estamos por nossa conta! — berrou, voltando o fuzil ao alçapão.

Êlcio continuava atirando contra os barulhos no teto... onde quase não havia mais telhado, deixando a garoa entrar generosamente.

— O quê? — perguntou.

— Estamos sozinhos. Temos que descer e pegar a moto.

— Descer? Só se você conseguir limpar o caminho...

Valdo olhou para a escada. Um amontoado de corpos. Será que serviriam para amortecer a queda caso pulasse? Descer pela escada não parecia boa idéia. Eles subiam aos montes. Estavam obstinados. Queriam entrar. Queriam bebê-los a todo custo.

Valdo derrubou mais dois. Logo abaixo vinham mais, subindo leito formigas num espeto e eles, os vigias, seriam o torrão de açúcar na ponta, o tufo de algodão doce como prêmio. Fez mira e puxou o gatilho. Nada de tranco. Só o "plec-plec" seco, sem disparo. Fim das balas. Quando o vampiro alcançou a boca do alçapão, enfiando a mão para dentro do abrigo, Valdo girou o fuzil agilmente e agarrou o cano ainda quente. A coronha seria a arma agora. Começou a golpear a cabeça dos invasores, conseguindo bons resultados. Mas, até quando agüentaria? Quando seus braços se extenuariam e parariam de colaborar? Faltava mais de oito horas até o nascer do sol. Não resistiriam tanto.

Os braços das criaturas invadindo pelo teto e as pancadas na madeira ao redor da varanda aumentavam velozmente. Êlcio não conseguiria dar conta de todos. Não havia munição suficiente. Não demorou muito até o "plec-plec" começar no fuzil do jogador de basquete.

— Valdo! — berrou o rapaz.

O homem, às voltas com as cabeças vampíricas assomando pela entrada do alçapão, olhou para o parceiro. Êlcio estava sendo envolvido por um emaranhado de braços. Sua cabeça e pescoço eram apertados por braços que vinham do teto e procuravam içar a vítima, enquanto o peito era agarrado por tentáculos pálidos que nascidos na parede de tábuas.

Valdo sacou seu último recurso. Tirou a pistola do coldre. Dezoito balas. Era tudo. Mesmo ouvindo os gritos e súplicas do amigo, primeiro cuidou dos que avançavam pelo alçapão. Ficou

de pé, tomando cuidado com os braços que pareciam dezenas de lustres fantasmas. Atirou contra os vampiros nas escadas, gritando feito louco. As balas acabando. Recuou a pistola, deu dois passos para trás. Êlcio gritando. As garras penetrando seu parceiro. Logo viriam os dentes. Logo seria sua vez. Valdo aproximou-se de Êlcio. Procurou os olhos do vigia, sem ver que uma sombra esgueirava-se nas suas costas, entrando pelo alçapão. Na verdade não precisava ver. Sabia. Sabia que eles entrariam. Estava tudo acabado. Nem bento, nem milagre. Mirou o peito de Êlcio.

— Vai lá, amigão. Vai lá que eu já estou indo.

Puxou o gatilho, extinguindo com a vida do vigia. Fechou os olhos e, antes de ser abraçado pelos vampiros que tomavam o abrigo nas suas costas, encostou o cano na própria cabeça. Valdo disparou. Desmoronou sem perceber. Não sentia nada, nem ouvia nada. Viu num *flash* os vampiros aproximando-se. No *flash* seguinte viu o abrigo desgraçado encher-se de bolinhas de luz, cada vez mais, até um clarão total tomar conta de sua visão. Expirou... era como se toda sua existência escapasse pela boca... esgueirando-se para longe daquelas criaturas perturbadoras que agora bebiam seu sangue.

Capítulo 35

Lúcio estava exausto. O caixão com o noturno ficava cada vez mais pesado. Tinha voltado atrás. Primeiro, pensara em abandonar a missão dada pelo demônio. Morto daquele jeito, Cantarzo não poderia lhe causar mal algum. Era uma carta fora do baralho. Por outro lado, depois de refletir um pouco, viu-se novamente seduzido pela ambição da imortalidade. Por que tinha se arriscado em São Vitor? Por que tinha acabado com o velho Bispo? Para barganhar com o vampiro. Para ser também um imortal sanguessuga. Somente se Cantarzo fosse feito isso seria possível e, antes de bater com a caçoleta, o vampiro tinha falado alguma coisa de cura. A bruxa cura. Se ele tinha dito, ela, então, haveria de curar. Bruxas faziam essas coisas. Maças envenenadas, aprisionamento de fidalgos, ressurreição de vampiros bestas. O laçao de Cantarzo coçou a barba grossa. Era pegar ou largar. Depois de decidir pegar, voltou ao esconderijo do caixão e, mais uma vez, via-se arrastando aquele esquife provisório pela floresta. É verdade que já estava arrependido de ter tirado o caixão do esconderijo, ainda com as mãos em frangalhos por conta do peso que trazia consigo, mas tinha medo de jamais revê-lo e perder o tesouro da vida imortal. Era por conta desse medo que estava mais uma vez arrastando aquele peso morto. Lúcio riu da expressão literal. "Peso morto". Riu sozinho em alto e bom som. O som só não se sobrepunha ao barulho da chuva. Há um par de horas a garoa tinha virado aquele aguaceiro. Não conseguia enxergar bem o caminho pela frente. Carregando aquele caixão não conseguira manter sua tocha acesa, perdida há uma hora e meia. Por conta disso tinha avançado pouco. As mãos estavam cheias de bolhas d'água, produzidas pela fricção da pele contra as cordas que rodeavam a caixa de madeira e serviam para o homem trazer consigo o fardo. Lúcio agarrou o sisal e voltou a puxar. Tinha descansado um bocado no final da tarde, antes de escurecer. Tinha tido sorte e apanhado um filhote de porco do mato. Ainda sem sal, a carne tinha rendido um jantar saboroso e, no embornal, trazia um bom pedaço de caça para o café da manhã. Mesmo alimentado, Lúcio perdia as forças. A chuva ajudava a manter o corpo resfriado, ajudava mantendo o caminho enlameado e propício a deslizar mais facilmente o caixão. Mas sabia que o destino estava muito longe. Não teria forças. Lutava contra o medo de perder o caixão e a incerteza. Tinha que encontrar um esconderijo seguro e seguir para o norte sozinho, carregando somente o seu próprio esqueleto. Não conseguiria ir muito longe com aquele cadáver maldito. Trazendo Cantarzo nas costas a missão poderia levar anos. Se o abandonasse para buscá-lo mais tarde, certamente encontraria a tartaruga engolida pela serpente mais cedo. Encontraria a bruxa mais cedo. Ela daria um jeito nas coisas. Ela tinha chamado Cantarzo. Mas se esquecesse onde o tinha deixado? E quando encontrasse a bruxa... ela acreditaria num homem de mãos feridas e abanando? Não acreditaria. Precisava manter o corpo de Cantarzo debaixo dos olhos.

Algum outro espertalhão poderia querê-lo para si. Não perderia o vampiro. Quando Cantarzo voltasse a abrir os olhos, Cantarzo seria eternamente grato. Cantarzo faria dele um vampiro eterno. Faria dele um imortal. Lúcio soltou a corda novamente. Ergueu os braços para o céu, festejando antecipadamente sua vitória, rodopiando sobre a lama. Tão feliz estava com suas conclusões que não percebia que se aproximava da beira de um barranco, um barranco enlameado. Lúcio foi girando para a ponta. A escuridão não deixou que percebesse a armadilha. Seu pé dançante pisou em falso no barro, provocando desequilíbrio. Os braços do homem giraram procurando um ponto de apoio. Lúcio caiu de lado, sentindo uma pontada nas costelas. O chão molhado estava escorregadio. A chuva apertou. A água descia vertiginosamente pela beira do barranco. Lúcio fechou a boca para não engolir barro. Seu pé tinha firmado-se numa pedra. Gritou, aflito. Olhou para baixo. Não podia ver quão alta seria a queda, caso o pé escapasse daquele apoio. Não conseguiu ver para a frente. A cabeça voltara para cima. Se conseguisse alguma coisa para içar o corpo, escaparia daquela enrascada. Alcançou. A mão tinha pegado a corda do caixão. Arranjou uma posição menos dolorida para agarrar-se à corda. As bolhas estavam deixando suas palmas das mãos em carne-viva. Cantarzo era pesado o suficiente. Serviria para ajudá-lo. Olhou para o embornal, preso à seu ombro. Tomara que o pedaço de carne ainda estivesse lá. Ia precisar de um bom desjejum depois daquilo. Puxou o corpo para cima. Estava quase conseguindo, quando a caixa começou a escorregar. Lúcio desceu tão repentinamente que o pé não encontrou a pedra que servira de apoio centímetros abaixo. A ponta da caixa surgiu na beira do barranco. O peso de Lúcio escorregando puxou-a pela borda e a física se encarregou do resto. O atrapalhado laçao perdeu a pedra de apoio, mas viu seus pés fixarem-se cada qual num caule de árvore nova. Já tinha aberto um sorriso agradecido ao acaso quando percebeu a caixa passando ao seu lado, deslizando barranco abaixo, empurrada pela lama e pela água da chuva. A corda de tração, ainda enrodilhada em suas mãos. Lúcio gritou palavrões e firmou os dedos no sisal. O tranco foi forte e os gritos de dor estouraram junto com as bolhas doloridas na escuridão. A despeito da tortura, Lúcio manteve-se firme. Perdera o controle da respiração, inspirando e expirando alucinadamente, tendo o corpo todo a tremer. A dor nas mãos era gigantesca, mas não podia perder o vampiro. O que era a dor perante a chance da vida eterna? Segurou firme. Daria um jeito.

Lucas e seus seguidores há muito tinham deixado o pântano. Depois que a garoa virou aguaceiro, uma tocha ou outra continuou acesa. Elton continuava liderando os soldados, tendo escapado com êxito da região pantanosa e conduzido com boa velocidade o grupo de cavaleiros pelos caminhos na mata. O conjunto, cansado, havia pedido descanso. Francis pensou em organizar um acampamento quando alcançassem alguma proteção segura, mas, para sua surpresa, quando as queixas começaram, Lucas foi quem ergueu a voz e pediu que pros-

seguissem. Tinha tido um palpite e não fora à toa. Tinham que ter deixado a Velha São Paulo e vindo naquela direção por um propósito... um propósito que não sabia explicar, algo que não deslindava aos seus olhos. Não era uma premonição. Não era uma coisa clara. Era somente um sentimento de ansiedade. Uma certeza de que não poderiam parar. Não poderiam parar até aquele momento.

A luz lúgubre das tochas atingiram a clareira. Os que estavam mais perto das chamas viam os respingos da chuva contínua sobre as poças d'água.

Lucas ergueu o braço e a comitiva parou. O trigésimo guerreiro olhou ao redor. Seus olhos estavam cansados e pregando. Sabia que o esgotamento era geral. Praticamente não tinham tido descanso desde que deixaram o acampamento onde haviam deparado-se com a onça. Mal tinham descansado e os problemas na jornada tinham começado. Agora aquela merda de terem seis bentos mortos! Lucas olhou ao redor. A escuridão e a chuva não deixavam a floresta mostrar muita coisa. A clareira terminava num barranco à sua direita e o caminho cortado no meio das árvores seguia à frente. Angústia queimando no peito. Não sabia como, mas sabia que toda aquela pressa, toda aquela aflição em deixar a Velha São Paulo e recusar o caminho mais longo e seguro desembocava naquela clareira. Era como se soubesse que tinham que passar por ali. Bateu levemente com os calcanhares na barriga do tordilho. O cavalo moveu-se lentamente. O animal também estava exausto. Enquanto Lucas teimava em examinar ao redor, o bicho baixava a cabeça, tentando alcançar uma poça d'água mais profunda e tomar um pouco do líquido fresco vindo do céu. Lucas remoia seus pensamentos e seus instintos. Por que fora trazido até ali com tanta urgência? O que isso teria a ver com a profecia? O que teria a ver com seu destino? Talvez tivesse que encontrar alguma coisa naquele pedaço do caminho. Mas não tinha nada diante de seus olhos. Não tinha nada na clareira. Só a chuva e a noite. O som da água descendo das árvores. O som de pequenas enxurradas formando-se e descendo e escapando da clareira e descendo o morro. O trigésimo bento, altivo, em cima de seu cavalo imponente, insistia em deixar os olhos vasculhando ao redor.

Os homens permaneceram em silêncio e mantiveram os cavalos imóveis, observando Lucas. Não entendiam o porquê, repentinamente, paravam ali. Tinham passado por lugares tão melhores para aguardar a chuva parar. Aquela clareira era desprovida de abrigo. Talvez até fosse agradável, em dias de sol e estiagem, mas não ali, não agora.

— Acho que esse cara pirou. — comentou Joel para Adriano.

Os soldados de Nova Luz riram baixinho, sem perceber que bento Vicente estava nas suas costas. O bento fez o cavalo ir para a frente, parando entre Joel e Adriano. Os dois ainda riam. Joel continuou espirituoso:

— Acho que tá sendo demais para o novato, Vicentão. Acho que o cara não tá botando uma fé. Pirou o cara. Tá parado aqui no meio da chuva depois de fazer a gente correr feito cachorro, sem parar pra dar um barro se quer... o cara tá louquinho, cara.

Os soldados de Nova Luz voltaram às risadas, dessa vez um pouco mais alto, chamando a atenção do resto do grupo.

Vicente fechou a expressão. Para surpresa dos soldados, num movimento ágil, tirou a espada da bainha.

— Ô! Pera lá, Vicente! — espantou-se Joel.

— Hoje você tirou a confiança de dois homens no trigésimo bento. Amanhã pode tirar a confiança do grupo inteiro. Precisamos de soldados, não de comediantes ou inimigos.

— Desculpa, Vicentão. Foi mau, cara. Eu só tava brincando.

— Guarde suas brincadeiras pros seus amigos de estrada. Nunca mais faça pouco de nossa missão. Não coloque em risco nosso trabalho.

— Pode guardar isso, Vicente. O moleque entendeu o recado. — interferiu Adriano.

Vicente olhou para o líder de Nova Luz, embainhando a espada.

— Cuide de seus soldados, Adriano. Não quero ver o nome de Lucas diminuído por nenhum deles.

— Foi mau, Vicentão. — repetiu Joel.

— Bento Vicente, pra você. — retrucou o guerreiro, girando o cavalo e indo juntar-se à Lucas. Os soldados trocaram olhares indignados. Por fim, olharam para bento Edgar que estava ao lado e parecia ter assistido tudo. Edgar sorriu e ergueu os ombros.

Lucas permanecia andando em círculos pela clareira. A chuva parecia ter aumentado ainda mais de intensidade e ia juntando-se com relâmpagos e trovoadas, transformando-se numa tempestade.

No barranco, ainda aferrado à corda que sustinha o caixão e com os pés apoiados nos caules das pequenas árvores, Lúcio vencia a dor. Com barulho da água que descia pelo barranco e da chuva que aumentava, com as gotas arrebentando na folhagem das árvores, Lúcio não escutou os cavalos. Só foi dar conta de que tinha gente na clareira por conta do clarão provocado pelas tochas.

Lúcio chegou a abrir um sorriso. Poderia pedir ajuda e tirar seu rabo dali, junto com o caixão. Quando pensou no caixão, seu sorriso desapareceu. E se fizessem perguntas? Poderiam querer saber o que tinha no caixão. Poderiam querer tomar-lhe o tesouro. É certo que descobririam que era um vampiro. Iriam querer tomá-lo. Não. Talvez fosse melhor não clamar socorro. Não entenderiam sua relação com a caixa. Virou-se novamente, permanecendo recostado à lama. Foi aí que ouviu um "crec". Seu pé deslizou. O caule não suportou mais o peso

e cedeu. O tranco machucou sua mão pela enésima vez. Finalmente, a corda escapou entre os dedos e o caixão deslizou morro abaixo. O caule cedeu mais e, no instante seguinte, Lúcio via-se perseguindo involuntariamente seu mestre morro abaixo. Bateu as costas numa pedra, soltando um gemido de dor. Depois sentiu o corpo flutuando. Frio na barriga. O barranco tinha terminado, mas a queda continuava em ar livre. Iria esborrachar-se sobre rochas e seria o fim da aventura. Sentiu o golpe duro quando as costas bateram na superfície. No entanto, no segundo seguinte, estava envolto pela chuva. Seu corpo afundava na escuridão. Estaria tendo alucinações após a morte? Não. Não era isso. O peito doendo. Quando abriu a boca, esta encheu-se de água. Subiu à superfície e puxou o ar. A correnteza era poderosa. Seu corpo foi carregado e bateu forte contra uma nova pedra. Agarrou-se. Não era uma pedra. Era o caixão! Deus! Tinha encontrado o caixão na escuridão! O destino queria que o esquife permanecesse em suas mãos! O caixão flutuava! Não morreria afogado! Lúcio riu alto.

— Vão se foder! — berrou para a noite.

Lucas chegou à beira do barranco. Só conseguiu enxergar alguma coisa quando Edgar aproximou-se com a tocha flamejante. A luz alaranjada correu pelas árvores e por cinco metros barranco abaixo, escurecendo rapidamente. Estava muito escuro. Se ao menos não estivesse chovendo. Baixou a cabeça, vencido. Não havia nada naquela clareira. Nada que explicasse a aflição. Estava cansado demais para continuar cavalgando e continuar acordado. Precisavam buscar um abrigo. Buscar um abrigo para descansar dois pares de hora e retomar à jornada. Juntaria o restante dos bentos, custasse o que custasse, e ninguém e nem nada o faria mudar de idéia.

Capítulo 36

Tinham acampado às seis da manhã, quando a chuva voltou a ser uma garoa fina e quase imperceptível. Estavam cansados demais para preparar comida quente. Pães e bolachas foram divididos em pequenas cotas entre os viajantes. Alguns soldados foram para a mata apanhar frutas frescas. Apenas uma distração para o estômago deixá-los em paz para um cochilo.

Adriano e Paraná ficaram responsáveis pelo primeiro turno de vigília. Era manhã e os vampiros não tinham conseguido encontrá-los depois do Vitorioso resgate na Teodoro Sampaio. Contudo, mesmo o sol tendo raiado timidamente, deixando uma suave luz passar por entre as grossas nuvens, tomar cuidado com eventuais mulos não seria precaução demais.

O grupo motorizado havia chegado por volta das dez horas ao ponto de encontro, precisando também de descanso e uma refeição.

Às onze da manhã, as nuvens deram trégua e um sol generoso e revigorante deu vida ao céu, deixando-o azul e esplendoroso. Os pássaros resolveram dar o ar da graça, enchendo de chilreados a mata.

Os soldados que já tinham despertado do descanso trataram de tirar as roupas molhadas, cobertores e todo sortimento de coisa ensopada pela chuva insistente e botá-las sob os raios de sol.

Lucas caminhou até o meio da floresta. Tinha a sensação de ter visto um reflexo ali. Olhou para trás e chamou bento Francis. O amigo não escutou seu chamado. Berrou por Vicente. Vicente estava mexendo um caldeirão sobre as brasas. Paraná e Sinatra estavam preparando o rango do almoço. Ninguém escutou seu chamado. Olhou mais uma vez para a floresta. Novamente viu o reflexo movendo-se. Entrou na mata e desembainhou sua espada prateada. Tinha alguma coisa ali. Aquela sensação de urgência crescendo. A luz do sol penetrava dentre as copas das árvores. Lucas escutou um barulho nas árvores. Olhou para cima. Viu quatro macacos pequenos, saltitando nos galhos altos. Eles começaram a gritar, parecendo comunicarem* se. O bento voltou com os olhos para frente. Novamente viu o reflexo. Alguém se afastando. Começou a correr. O terreno tornava-se inclinado na frente, obrigando Lucas a subir em troncos caídos e tomar cuidado onde pisava, evitando a lama para não escorregar. Quando chegou ao topo do morro, descobriu que ainda estava envolto pela floresta. Tinha que descer. Saltou sobre um monte de folhas molhadas. No segundo passo desequilibrou-se e rolou morro abaixo. A cabeça estava latejando. Quando abriu os olhos, a luz do sol incidiu direto sobre seu rosto, dificultando a visão. Um brilho maior veio de cima das árvores. Sentiu a luz do dia mudar. Apertou os olhos e levantou-se. Devia ter batido a cabeça com muita força, pois um zumbido tinha tomado seus ouvidos e a floresta parecia estranha. Parecia que o céu e as árvores tinham

assumido uma coloração monocromática, acinzentada. Viu mais uma vez o reflexo. Ele agora aproximava-se, não se afastava. Lucas apertou os olhos mais uma vez. O que era aquilo? O primeiro ficou nitidamente visível quando estava a cerca de dez metros de distância. Lucas engoliu saliva, com a espada erguida, imóvel. Era um dos bentos. Um dos bentos mortos. Aquele pelo qual arriscara o pescoço numa das ruas transversais da Teodoro Sampaio. Bento Murilo. O peito de metal do bento era o responsável pelos reflexos que o atraíram até ali. Lucas estava tenso. O segundo estava chegando. Outro homem com os trajes de bento. Um que tinha um rombo na cota de malha de ferro, que revelava um ferimento no pescoço. Bento André. Lucas assustou-se e quase caiu quando outro espectro surgiu ao seu lado. A capa vermelha do novo bento agitou-se com o vento cortante que tomou aquela depressão no meio da floresta. Ficou de olhos arregalados, os seis bentos mortos estavam ali, na floresta, acompanhando o bando. Estavam unidos em espírito. Era isso que significava aquela visão.

Bento Arthur continuou andando até parar a um passo de bento Lucas.

Lucas manteve-se imóvel. A espada abaixada. Respirava com dificuldade. O coração estava disparado. Bento Arthur ergueu a mão em sua direção até tocar sua cabeça. Os dedos espectrais envoltos na luva de couro perpassaram sua pele, afundando em sua cabeça. Lucas sentiu o corpo estremecer e apertou os olhos. Solto um grito quando caiu novamente. O trigésimo bento manteve os olhos fechados por um segundo. Escutava tiros ao seu redor. Tiros de fuzil. Tiros de pistola. Uma guerra. Abriu os olhos. Escuridão. Era noite. Não estava na mata. Via dois casebres à sua frente. Gritos. Gritos de gente. Aquele cheiro maldito. Cheiro de vampiros. Lucas caminhou entre os casebres. Mais casa simples pela sua frente. Um homem acorado, com o rosto abaixado, escondido entre os braços. Tremia. Parecia chorar. Lucas caminhou até ele. Agora era sua capa que balançava, jogada pelo vento.

O trigésimo bento flexionou o joelho da frente e tocou no ombro do estranho. O homem agachado ergueu os olhos para o bento.

Lucas arrepiou-se dos pés a cabeça. Conhecia aqueles olhos. Conhecia aquele rosto. Deu passo para trás, assustado. Era o velho Bispo. O trigésimo levou a mão ao cabelo. Era e não era o velho. Era Bispo, mas com o rosto dezenas de anos mais moço.

— Lucas... — disse a voz chorosa do vidente.

O bento, refeito da surpresa, reaproximou-se de Bispo.

— Eu não quero mais ver, Lucas.

— Onde estamos?

— Mande Adriano voltar. Tá vendo esse inferno? Eles virão pra cá, Lucas. Esse é o futuro de Nova Luz.

O bento ergueu Bispo.

— Nova Luz?

— Sim, Lucas. Esse é o futuro. Eu vi mais coisas. Fogo e inferno, Lucas. Tu terás de ser forte. Eu não vou conseguir... mas tu não pode titubear. Os demônios de bocas maiores virão... eu não posso evitar.

— Eu pressenti uma coisa, Bispo. Eu corri da Velha São Paulo em busca de uma pista... eu sei que perdi... não sei se conseguirei.

Bispo enxugou as lágrimas do rosto. Envergonhava-se de ser visto daquela forma, vulnerável.

— O vampiro está falando coisas pra mim, Lucas. Está corroendo minha fé. Eu tentei te mandar, te mandar para o túmulo do maldito. Ele está num caixão. Está enterrado. Eu não vejo tudo, Lucas. Só vejo o que ele deixa escapar. Ele está vendo as coisas também, Lucas. Você tem que correr. Correr mais do nunca. Tem que juntar os trinta bentos.

— Seis morreram.

— Eu sei, bichinho. Mas não se incomode com a carne deles, pois como viu lá no mato, eles seguirão seus homens.

Lucas reviu num *flash* a face dos seis bentos espectrais ao seu redor. Espíritos.

— O próximo que encontrarão será bento Teodoro. Dois dias de viagem. Vá para o litoral. Nas Minas tua ajuda será clamada e sua espada não deve ser negada.

Mais tiros. Lucas chegou a baixar-se, temendo ser atingido.

— O mundo dos sonhos rege o mundo dos vivos, bichinho. Não esqueça.

Lucas tentava digerir as palavras quando se sentiu caindo. Estremeceu o corpo, procurando equilíbrio. Um clarão atingiu seus olhos. Não era uma lanterna na noite trágica e barulhenta de Nova Luz. Era o sol a pino descendo do céu e penetrando suas pálpebras. Mais uma vez fora visitado por sonhos sobrenaturais. O som dos gritos e dos disparos de armas de fogo foram substituídos pelo gorjear dos pássaros e a relinchar dos cavalos e a conversa animada dos soldados refeitos pelo sono.

Lucas levantou-se. Estava seminu. O corpo fedia a suor e o estômago roncava de fome. Passou a mão pelo rosto áspero, enegrecido por um pouco de barro e pela barba rala que cobria sua porção inferior.

Francis aproximou-se sorridente.

— Revigorado, Lucas?

— Acho que sim.

— Quando partimos?

— Imediatamente.

— Um ou outro ainda almoça.

— Apresse-os.

Francis calou-se um instante. Sentiu a voz do trigésimo alterada. Faltava aquele jeito curioso e surpreso do rapaz acordado há poucos dias. Falava com pressa e autoridade. Parecia querer bancar o chefão de agora em diante.

— Tive outro daqueles sonhos estranhos.

— O quê?

— Adriano. Chame Adriano. Ele e os seus soldados devem partir.

— O que diz? O grupo do cara é o melhor. Vamos precisar deles. Vamos para...

— O litoral.

— É. Elton achou que esse será o melhor caminho para o norte. Apesar da região ainda ser uma das mais belas do Brasil, após a Noite Maldita tornou-se quase desabitada, exceto por pequenas fortificações. Vamos para Angra.

Lucas passou os olhos pelo bando. Procurava Adriano com os olhos enquanto Francis continuava.

— Em Angra encontraremos bento...

— Teodoro. — completou Lucas.

Francis calou-se. Não se enganara. Aquele Lucas amedrontado e de habilidades duvidosas tinha desaparecido. O Lucas na sua frente era uma massa em constante transformação, sendo moldado hora a hora por forças mágicas.

— Chame Adriano e peça que Vicente e Edgar levistem acampamento imediatamente. Apresse as coisas. Não temos tempo a perder. Vou me lavar e colocar minha tralha. É um minuto.

Lucas afastou-se, deixando o bento médico mudo e parado às suas costas.

Francis levantou o dedo, fazendo menção de dizer alguma coisa, mas acabou desistindo.

Foi Lucas quem se virou e acrescentou:

— Quanto aos bentos mortos, Francis, acalme os homens. Tudo será arranjado. Ainda estamos no jogo.

Capítulo 37

Lucas sentiu alívio quando os primeiros raios de luz chegaram ao céu naquele novo dia. Nada de confrontos com vampiros. Tinham tido sorte. Há pouco tinham deixado o estado de São Paulo e cruzavam agora ao litoral sul do Rio de Janeiro. Segundo bento Francis e Edgar, para continuar seguindo ao norte, a melhor rota seria cruzar a Rio-Santos. Segundo os mais experientes, aquela rodovia registrava um baixo índice de atividade vampírica.

Lucas avistou alguns dos cavaleiros parados na subida, junto a uma curva. Havia uma construção pequena ali. Balaústres de cimento formando um mirante. Lá embaixo, envolta pelas brumas da manhã, descansava a antiga Parati. Podia ver a espuma branca formada pelas ondas, avançando para a costa, mas estava longe demais para escutar a arrebentação.

Com a partida de Adriano e seus soldados, o grupo parecia incompleto. A voz de Sinatra não acompanhava mais a comitiva, deixando a marcha um tanto mais triste. Lucas lembrou do rosto do homem. O soldado experiente não duvidara um instante de suas palavras, mesmo sabendo que os homens não sonhavam mais, não perdeu tempo perguntando-se se o trigésimo era um charlatão ou coisa parecida. Adriano tinha dado atenção era para o fato de Lucas ter dito que vira vampiros invadindo Nova Luz. Vampiros promovendo terror e desgraça. Lucas tinha dito que vira o futuro e que ainda haveria tempo de socorrer seus companheiros deixados na fortificação antes da tragédia. Adriano apanhara suas coisas e, junto com seus soldados, tomara o rumo de São Vitor, onde reaveriam suas motos velozes. Que Deus permitisse que chegassem antes dos vampiros!

Despertando das lembranças recentes, o trigésimo bento tornou ao cavalo, cavalcando lentamente em meio ao grupo. Os homens estavam abatidos física e psicologicamente. Sabia que a morte dos seis bentos tinha minado a confiança da maioria deles. E também o fato de ter insistido para cruzarem o pântano perigoso nas cercanias da Velha São Paulo sem que houvesse razão aparente. Dirigindo-se para esses pensamentos, Lucas voltava a encher o peito com aquele sentimento pujante. Naquela noite, naquela chuva, naquela clareira, alguma coisa poderosa tinha escapado a seus olhos. Alguma coisa importante tinha se escondido. Ele tinha sido enviado até ali por um motivo. Ele tinha seguido seus instintos por uma razão. Mas nada havia no barro. Nada havia na lama.

O dia tinha passado rapidamente. Lucas e a comitiva tinham atravessado cerca de duzentos quilômetros de rodovia, fartamente ladeada por Mata Atlântica.

Lucas, muito mais adaptado à nova vida, espantava-se menos com a exuberância da natureza, o que achava uma pena. Tinha ficado alguns minutos parados em dois momentos. Primeiro quando cruzaram o que foram cabinas de pedágio. Os cavalos e veículos passaram

vagarosamente pelas cancelas. Lucas deteve-se quando passou. Mais uma vez um *flash* passando por sua cabeça. Uma sensação de *déjàvú*. Parou ao lado da cabine. Sobre o caixa repousava um esqueleto humano. Os dedos abraçando a máquina de recolher dinheiro. Um amontoado de ossos escondendo-se por baixo de um uniforme de uma empresa privada que cuidava da rodovia.

O bento parou novamente enquanto passavam frente a um posto da policia rodoviária federal. Uma pickup, uma viatura da corporação jazia à beira da pista, abandonada no tempo. Os pneus tinham se fundido com o asfalto e grossos ramos de trepadeira subiam pela lataria, invadindo o veículo e atravessando as janelas, que não contavam com vidros. O pára-brisa estava inteiro, coberto por uma camada grossa de poeira. Suspirou fundo e continuou cavalgando. Quantas histórias curiosas não deveriam ter existido com a chegada da Noite Maldita.

Bento Edgar aproximou-se, avisando que parariam para um descanso e para alimentar os homens e os animais. Edgar também exibiu preocupação acerca da minguante gasolina disponível. Se no próximo ponto de parada não encontrassem reservas de combustível, previa a necessidade de alguns veículos terem de ser abandonados e a gasolina restante no tanque de cada um ser transportada para os carros que continuariam a viagem.

Lucas não objetou quanto ao descanso. Sabia que os homens precisavam parar. Sua vontade pessoal era de continuar. Continuar sem descanso até juntarem os trinta bentos. Não dormiria se fosse necessário. Alguma coisa imprimia urgência em seu coração.

Depois de meia hora de cavalgada e bastante conversa com bento Edgar, chegaram ao ponto onde fariam acampamento. Lucas admirava a construção costeira. Um complexo encravado na rocha, chegando ao mar. Atravessaram uma espécie de alameda, tomada por vegetação rasteira que cobria todo o chão pavimentado.

— Que lugar é esse? — perguntou o trigésimo, curioso.

— Aqui é onde funcionava a Usina Nuclear de Angra dos Reis.

— Huum. — resmungou Lucas.

Chegaram até um prédio baixo e redondo. Os cavaleiros pararam ao lado dessa construção e desmontaram dos animais. Tinham reabastecido os cantis e dado de beber aos cavalos numa mina d'água quilômetros atrás.

— O povoado de bento Teodoro fica há quatro horas daqui, em Angra dos Reis. Chegaremos lá com a noite avançada. — explicou Edgar.

— Não é melhor esperarmos amanhecer? — perguntou o jovem soldado Matias, aproximando-se.

— Não. — respondeu Lucas. — Vamos descansar e continuar viagem. Temos que alcançar Teodoro e seguir viagem. Faltam muitos irmãos para termos a primeira parte da profecia concluída.

Vicente aproximou-se de Lucas. O bento truculento e de cara amarrada nada disse, apenas juntou-se ao grupo que conversava.

Os soldados acenderam fogo para prepararem a bôia. Uma dúzia procurava um canto para descansar à sombra.

Francis juntou seis soldados e aproximou-se de Lucas.

— Aguarde aqui com os demais, Lucas. Vou com esses soldados procurar por um depósito de gasolina. A coisa tá feia.

Capítulo 38

Anaquias despertou do sono vampírico. Durante o transe sua mente havia sido transportada novamente para o mundo do vampiro-rei. O vampiro adormecido. Não via o ser mágico. Apenas ouvia a voz em sua cabeça. A voz que ordenava. O vampiro demandava preparação. Anaquias devia juntar seguidores. Preparar o caminho para sua chegada. A vitória sobre os humanos seria retumbante. O vampiro-rei via o futuro. Reclamava que o futuro era um quebra-cabeça. Que alguma coisa lhe soprava as coisas, dava-lhe peças que compunham uma figura... mas algumas peças não encaixavam e outras não eram fornecidas. O quadro ficava cheio de buracos, mas as visões davam uma boa idéia do que ia acontecer. O que quer que estivesse ajudando o vampiro-rei mostrava coisas, mas não mostrava tudo. Era como um jogo, uma brincadeira. Entretanto o fiel da balança pendia para a escuridão. O vampiro-rei tinha chamado a atenção dos regentes do destino. E Anaquias participava dessa trama. De alguma forma desconhecida, Anaquias fora arremessado para o olho do furacão, onde a calmaria permitia que assistisse de camarote a desgraça. O vento soprou uma peça enorme daquele quebra-cabeça para os olhos de Anaquias. Um pedaço de um mapa. O norte apontado.

O vampiro-líder do novo exército caminhou entre os vampiros que despertavam aos poucos. Havia organizado cem deles ao seu redor. Cem vampiros que propagavam a nova notícia. Pregavam a chegada do vampiro-rei. Os olhos de Anaquias acenderam-se. Seus dentes tornaram-se mais proeminentes ainda. Estava faminto. Há dias não caçava. Caça fresca. Caminhou até a sacada do salão, que fora o escritório central de uma multinacional. Pisou sobre a folhagem da vegetação irritante que insistia em vencer o concreto e devorar os prédios da Velha São Paulo. O céu estava limpo. Nuvens rarefeitas cruzavam o halo de luz rebatida pela lua. Anaquias olhou para trás.

— Vamos ao norte. Vamos acabar com os bentos. O vampiro com o pescoço tatuado aproximou-se.

— E o exército, senhor? Anaquias sorriu.

— Tudo será arranjado, Daniel. Tudo na sua hora. Todo vampiro que cruzar nosso caminho será recrutado.

Raquel, no meio dos vampiros enlouquecidos que pareciam hipnotizados pela presença do novo Anaquias, permaneceu calada. Dissera para Gerson que acompanharia Anaquias e abandonaria aqueles malucos em hora propícia. Tomaria aquele estranho levante a seu favor. A caçada interrompida a Cantarzo seria retomada. Agora queria ver e entender o que o sonso do

Anaquias pretendia. Fosse o que fosse estava ganhando adeptos, seguidores fiéis e fanáticos. Aquela lengalenga de vampiro-rei estava dando certo.

Capítulo 39

Como previsto, a noite ia alta quando se aproximaram da cidade litorânea de Angra dos Reis. Lucas ainda não conhecia aquele lugar. Por culpa da noite avançada e da escuridão não pôde contemplar a beleza daquele pedaço de praia do litoral brasileiro. Nem estava com espírito para isso. Queria encontrar logo o próximo bento e juntá-lo ao bando. Bento Teodoro. Contando com este novo e com bento Duque, que ia a frente, já teriam agrupado seis bentos. O valoroso Duque, já distante, cumpria a missão sabiamente pensada por bento Francis.

Lucas também considerou a baixa dos seis bentos precipitados. Contando com os irmãos derrubados na última batalha, teriam já alcançado doze bentos, quase a metade do número pedido pela profecia para o desenlace dos quatro milagres.

Cavalgaram mais cinco minutos até escutarem um espoco seco. Uma brasa serpenteante subia cerca de trinta metros, riscando o negro do céu. Um rojão de tiro único estourou na noite. Lucas percebeu tochas sendo acesas aos poucos no alto de alguns prédios. Eram construções antigas. Seriam antigas mesmo para quem tivesse estado ali trinta anos antes, quando seus olhos fecharam-se na Noite Maldita. Mais luzes acenderam-se à sua direita, de onde vinha o barulho calmo do mar. Um cais. Pôde ver mais de um barco balançando sobre a água, colados às docas graças a amarras grossas. Lucas estranhou. Olhou ao redor, parando o cavalo. Já estavam no meio da comunidade remanescente de Angra dos Reis. Via soldados balançando as mãos, cumprimentando os soldados que adentravam a cidade. Depois de poucos minutos, um ou outro cidadão aventurou-se no meio da rua, no meio da noite. Lucas olhou para Vicente que vinha ao seu lado.

— Vicente... a cidade... ela não tem muros?

O bento grandalhão aquiesceu.

— Angra é assim. Aqui tem pouco ataque de vampiros.

— E por que um bento fica aqui e não numa cidade onde tenha mais chances de defender o povo?

— Ele quis ficar aqui.

— Teodoro?

— É. Ele era daqui. Quando despertou como bento, lá em São Vítor, quis voltar pra cá. Disse que era a terra dele. Vamos fazer o que com o cara? Dar porrada e obrigar ele ficar onde queremos?

Balançou a cabeça negativamente.

— Não. Mas ele deveria saber que foi abençoado por um motivo. Não para ficar escondido onde não haja perigo.

— Diz isso pra ele. — respondeu Vicente, com um sorriso no canto da boca. — O cara é o bento mais xarope que eu conheço. Não sai daqui nem a pau. Sem chance.

Lucas olhou para os prédios velhos. Mais e mais tochas acendiam-se para clarear a chegada dos inesperados visitantes.

Olhando para o lado do mar via agora mais de dez barcos presos ao atracadouro, cada qual com um jogo de chamas a iluminar o convés e tingir de reflexos laranjas a água do mar.

— Quantos barcos!

Vicente acompanhou o olhar de Lucas.

— O grosso do pessoal da vila fica lá. — disse o gigante, apontando para o mar, além dos barcos.

— O que tem lá?

— A uma hora da costa fica Ilha Grande. O pessoal da vila se protege na ilha. Os vampiros não gostam muito de água do mar. Não se aventuram além das ondas.

— Água corrente.

— Mais ou menos. Deve ter mais a ver com o sal da água. Lucas soergueu as sobrancelhas.

— É que no pântano, pra você ter uma noção, esses dentuços folgados entram na boa. Ficam debaixo da água esperando um trouxa passar perto e záz! Já era o pescoço. Já era o sangue. Rio fundo, com correnteza e mar aberto, os noturnos não encaram não.

— Anda bem que eles não gostam de sangue de bento também. Do contrário a gente tava frito.

— Não gostam? Quem disse que não gostam?

— Em São Vitor me disseram que nosso sangue é ácido para eles.

— Ah! Os malditos noturnos não gostam de tomar nosso sangue, mas gostam de ver ele esparramado por aí. Não botam uma gota na boca. Começam a se contorcer feito minhoca... mas gostam sim de abrir nossas jugulares, sim. — comentou Vicente, mantendo um sorriso sarcástico na boca. — É que quando a gente tá em bando eles perdem os culhões. Não encaram nosso bando nem a pau. Agora, se topam com um dos nossos sozinhos... se enchem de coragem. Um é mais fácil que dois.

Lucas sorriu. Vicente tagarelando ao seu lado. Aos poucos ia vencendo a casca dura do anti-social de São Vitor.

O soldado Elton e o bento Edgar voltaram de uma das casas. Os cascos dos cavalos batiam no chão de paralelepípedos, ressoando longe.

Bento Teodoro estava na ilha. Teriam que esperar até o amanhecer para cruzar o mar.

— Não. — discordou Lucas. — Vejo doze barcos daqui. Um deles deve ser capaz de chegar à ilha.

— Os marujos não gostam de cruzar o mar de Angra durante a noite, bento. Vão nos levar com o maior prazer, assim que o sol nascer.

Lucas girou no cavalo. Estava contrafeito com a negativa e seu nervosismo era transmitido ao animal que ficava arisco e inquieto. Puxou a rédea para imobilizar a montaria. O cavalo empinou uma vez. Lucas, agarrado às correias de couro, não se assustou. Sua capa revooou com o movimento brusco do eqüino e sua cota de ferro tilintou ao redor do seu pescoço. Puxou com maior firmeza. O cavalo parou.

— Não vou esperar o sol nascer. Não tenho esse tempo. Devemos pegar Teodoro e partir antes do amanhecer. Precisamos comer estrada ainda hoje.

Os soldados e os bentos entreolharam-se. Mal tinham chegado. Precisam dar descanso aos cavalos e ao próprio esqueleto. Queriam uma noite dormida num colchão. Lucas estava louco.

— Não vou ficar em Angra. Não vim aqui a passeio, não estamos numa excursão de veraneio. Me arranje um marujo que me leve até a ilha.

— Teodoro não vai querer sair no meio da noite. Ele não gosta de ser incomodado, senhor. — disse Bernardo, um soldado local.

Lucas olhou para o homem barbudo, que pelas feições chegava aos cinqüenta anos.

— Ah, ele vem comigo, sim, senhor.

— Ele não gosta de levantar no meio da noite. Fica com um mal-humor terrível.

— Sorridente ou grunhindo, esse Teodoro vem comigo. Bernardo ergueu os ombros.

— Então tá. O senhor é nosso salvador. Discussão contigo é o que não quero. Arranjo um barco pra ti e pros outros. Venham os bentos. Deixem os soldados em terra.

— Como quiser, senhor. — respondeu Lucas, desmontando o cavalo.

Francis e Vicente trocaram um sorriso. Lucas não conhecia a rabugice de Teodoro.

O motor a diesel do barco batia cadenciado. Vicente e Edgar iam na cabine do capitão. Era um barco pequeno, um pesqueiro com quinze metros de comprimento. Lucas e Francis iam no convés, olhando para o mar escuro à frente. As tochas flamejantes tremulavam ao sabor do vento.

Lucas recostara-se no mastro e fechara os olhos. Não sabia o porquê, mas não se sentia bem dentro daquele barco. Mais uma vez seu peito era assaltado por sentimentos encobertos pelas lembranças perdidas no passado. Procurava manter os olhos fechados, pois enquanto mantinha-os abertos a visão procurava por fantasmas na água. Procurava por alguém que não sabia quem pudesse ser. Alguém que gostava do mar e aguardava ser buscado.

— Você não gosta de barco? — perguntou Francis, aproximando-se com um cigarro caseiro entre os dedos.

Lucas olhou novamente para o mar negro.

— Não. Não é isso.

— Você tá com uma cara.

— Se eu conseguisse lembrar das coisas da minha vida passada. Corretor de seguros de automóvel não tem muito a ver com mar... mas não é medo. É que esse balanço do barco não me é estranho. Parece que fiz muito isso na minha vida.

— Isso o quê?

— Navegar em barcos. Navegar à noite.

Francis fez um cara de estranheza. Caminhou até a tocha acesa na ponta do navio e acendeu o cigarro. Exibiu o cilindro enrolado a mão para Lucas.

— Roubei do Bernardo. Acho que é a segunda vez que falo com ele. Esse Bernardo é gente boa. Já foi a São Vitor.

Francis deu uma tragada longa.

— Não sou de fumar. Só que tem hora que bate uma puta vontade. Nada como uma boa tragada.

— Engraçado ouvir isso de um médico. Essa desgrama arreventa com o pulmão.

— Arrebentava. O Ministério da Saúde adverte: as doenças não existem mais, fumem até o talo.

Lucas sorriu.

— Tinha esquecido.

— Quer dar um pega?

— Não. Mesmo sem o risco do câncer de pulmão, continuo um não-fumante convicto.

Francis sorriu, sentando-se recostado à amurada da embarcação.

Lucas olhou para o alto. A lua nova derramava um pouco de luz sobre suas cabeças. O espetáculo de estrelas era de tirar o fôlego. Às vezes queria ter tido um dia de folga, para conhecer o novo mundo melhor antes de tacarem aquela espada em sua cintura e revelarem que era ele o tal. O salvador do novo mundo. As coisas estavam tão bonitas à sua volta, mas por conta daquela aflição diuturna queimando em seu peito e sua mente e também por causa daqueles pesadelos desgraçadamente premonitórios, não conseguia apreciar quase nada. Não teria descanso enquanto não fizesse o que lhe fora proposto. Não teria descanso enquanto não fizesse o que tinha que fazer. Juntar os bentos vivos... liberar os milagres.

Francis continuava entretido com o cigarro, absorto em seus próprios pensamentos quando Lucas interveio.

— Você tem certeza que quer que isso aconteça?

Francis soltou a fumaça presa no peito. A embarcação chacoalhou, agitada por uma marola. Tentava decifrar a pergunta do parceiro de jornada.

— Você está falando dos milagres?

— É. Tô falando disso tudo. Dos milagres, das mudanças. Francis trouxe mais uma vez. Quando puxava o ar a ponta do cigarro tornava-se mais viva.

— Segundo Bispo, muita coisa vai acontecer depois dos milagres. — continuou Lucas. — E, se lutarmos firmes, se tudo se encaixar, vamos derrotar os vampiros. Vamos acabar com essa raça de sanguessugas.

— Se você está falando disso. Sim. Quero que isso aconteça. Foi a vez de Lucas manter-se calado por um instante. Ficou olhando para a tocha que iluminava a proa. Eventualmente, entre um crepitar e outro, uma fagulha desprendia-se e vinha morrer no convés, aos pés de Lucas.

— Estava me perguntando o que vai acontecer depois. Depois de acabarmos com essas criaturas. — expôs o trigésimo.

— Acho que a vida vai voltar ao normal. — murmurou o bento médico, tirando o cigarro da boca e olhando-o entre os dedos.

Lucas suspirou.

— E isso que eu estou tentando montar aqui na cuca. E como um quebra-cabeça... onde faltam algumas peças ou que sobram outras, peças que não encaixam ou que não quero encaixar.

Vicente riu em baixo volume, deixando o ar escapar mais pelo nariz que pela boca.

— Essa conversa está ficando filosófica demais, Lucas. Você está aqui pra lutar. Pra colocar os músculos para trabalhar. Não está aqui por causa de sua cuca.

— É. Sinto-me como uma marionete, empurrado para a boca de um dragão. Sinto o hálito do bicho na minha cara. Às vezes, quero recuar, mas esses fios não deixam ir para trás. — falou, passando as mãos pelos cotovelos, fingindo encontrar ali fios que subiam e desapareciam no céu negro. — Um fantoche. E sei que vou levá-los, todos, até os quatro milagres. Só não sei se é isso que eu quero. Tenho medo do que virá a acontecer.

— Libertação, Lucas. É isso que vai acontecer. Se acabar com os vampiros do mundo, poderemos voltar a viver em paz.

— Viver em paz é uma bênção. O que temo é voltarmos a viver como antes.

— Onde você quer chegar com essa conversa? — perguntou Francis, colocando-se de pé, para esticar as pernas e olhar Lucas nos olhos.

— Aqui dentro desse barco... olhando para essa água escura e procurando no mar alguma coisa do meu passado, por alguma razão, a porta do medo foi aberta no meu coração. Medo do passado. Medo de tudo ser como era antes.

— Sei.

— Quando acordei aqui, nesse novo mundo, Deus do céu! Parecia um pesadelo. Não sabia quem eu era. Ainda não sei direito como foi minha vida. Mas eu lembro do sentimento do velho mundo. Do medo do próximo. Ter medo de andar na rua de noite por causa do seu semelhante.

Da maldade que tomava o coração de todos. Éramos tão egoístas! E o terror instaurado pela violência nos moldava assim. Infelizes e assustados.

— Qual é a grande diferença hoje, Lucas?

— A grande diferença é que em cada vila que chegamos, percebo o povo unido. Um cuidando do outro. Tem gente que vela o sono dos que dormem. De dia vocês se organizaram de uma forma impressionante. Todos trabalham para o bem comum. Não existe medo entre os semelhantes. Só existe medo dos noturnos.

— Aí que você se engana. — Francis arremessou a bituca do cigarro ao convés e espremeu-a com a sola da bota. — Também temos os problemas com os que não se ajustam, com os malditos mulos, que preferem viver entre os vampiros e servirem de escravos do que viver em comunidade.

— Mas esses são poucos. E talvez seja este tipo de pessoa que irá reacender os vícios do passado.

— Qual é o ponto, exatamente?

— Acho que depois que nos vermos livres do mal dos vampiros, vamos relaxar. Vamos nos voltar para os próprios umbigos, procurar ver o que temos ao nosso redor e como tirar o melhor proveito disso em causa própria. Vamos esquecer que estivemos juntos, atrás de muros, cuidando uns dos outros. Nós estaremos livres para começar mais uma vez a corrida do progresso, restabelecer os confortos e tecnologias. Vamos esquecer a igualdade, vai ser aí, meu amigo, que o caldo vai entornar. Quando voltarmos a achar que uns são mais que os outros, quando começarmos a nos achar diferentes e separarmos os que merecem mais dos que merecem menos, o medo vai voltar. O medo do próximo, o medo do vizinho.

— Acho que eu preciso de um trago. Foi a vez de Lucas rir baixinho.

— Porra! Você vai longe, heim, cara? Acho que vou pular do barco e me afogar por aqui, assim economizo tempo. — brincou Francis.

— Só estava pensando, cara. Só estava pensando.

Uma hora e meia depois de deixar o porto de Angra dos Reis, o pequeno pesqueiro aproximou-se do cais da praia do Abraão. Lucas percebeu o barco alinhando-se à uma fileira de tochas que foram acesas uma na uma. O motor continuou com o "toc-toc" grave, aproximando-se vagarosamente, juntando-se ao murmúrio das águas, batendo suavemente na praia. Um rojão de explosão única espocou no céu, avisando os habitantes de Ilha Grande que amigos chegavam ao porto.

O capitão, um senhor com mais de sessenta anos, encostou a embarcação junto à doca. O pesqueiro tocou o concreto do atracadouro, batendo levemente as fileiras de pneus que serviam de amortecedores amarrados em sua amurada. Bernardo já estava a postos e, quando o pesqueiro juntou-se ao cais, arremessou uma corda a um estaca de madeira, prendendo o barco

à ilha. Depois, puxou uma tábua estreita, com uma dúzia de ripas horizontais pregadas que fariam as vezes de degraus. Ajudou Vicente a firmar-se na tábua, sendo esse o primeiro bento a deixar a embarcação. Lucas foi o seguinte, seguido por Francis e, por fim, Bernardo também chegou ao cais. As primeiras pessoas começavam a chegar.

— O capitão? Não vem? — perguntou Francis.

— Não. Não gosta de deixar o barco. Vai cuidar dele pra nós. — respondeu o acompanhante barbudo.

Alguns dos moradores da ilha chegaram ao cais, riam e conversavam alto.

— Bento Vicente! Que bons ventos os trazem pra esse canto esquecido do Brasil?

A entusiasmada cidadã era Joana, a líder dos soldados de Ilha Grande. Tinha um metro e setenta, corpo magro e pele morena, queimada de sol, como a grande maioria dos cidadãos daquele pedaço.

Os olhos cor de mel foram mostrados pela luz do lampião a querosene que vinha em sua mão.

Lucas sentiu um frio na barriga. Como era bonita!

— Viemos atrás de bento Teodoro, Joana.

— Pra que a pressa? — perguntou a mulher, franzindo a testa. — Os marujos não gostam de cruzar o mar a essa hora.

— Tá vendo aquele magrelo ali? — perguntou, apontando para Lucas.

A mulher pousou os olhos no bento.

— Ele é o trigésimo bento, Joana. Foi ele que o destino nos deu para a libertação.

— Ele? — perguntou a mulher, ainda com as sobrancelhas erguidas.

— Ele.

Lucas aproximou-se, vindo para a luz do lampião.

— Seja bem-vindo, bento. Qual é sua graça? — perguntou a mulher, educadamente, abrindo um sorriso.

— Lucas.

A mulher sorriu abertamente.

— Bonito nome para um salvador. Lucas retribuiu o sorriso.

— Espero que além de predestinado, você seja sortudo e paciente.

Bernardo riu do comentário da mulher.

— Paciente. Sobretudo paciente. — completou o morador de Angra.

Lucas buscou os olhos de Francis e Vicente. Os bentos sorriam e trocavam gracejos uns com os outros.

— Levem-me até bento Teodoro. Preciso continuar meu caminho.

Joana guiou os visitantes, deixando o cais. A luz do lampião juntou-se a outras que iluminavam um pátio de chão batido em frente uma pequena igreja. Atravessaram o pátio.

Bernardo deixou o grupo e foi ter com os soldados da vila. Logo, todos souberam quem era Lucas e o que fazia ali. O comum burburinho começou e muitos soldados que estavam ali correram pelas vielas atrás da igreja. Iam dar a boa nova aos moradores da vila.

Joana parou na frente da igreja e bateu na grossa porta de madeira. Nenhum barulho vindo de dentro.

Lucas começou a ser rodeado por pessoas sorridentes que lhe estendiam a mão, querendo cumprimentá-lo, querendo tocá-lo. O festejado trigésimo bento tentava agradar aos impressionados e felizes moradores da ilha. Retornava sorrisos e apertos de mão. Vicente começou a empertigar-se ao perceber o guerreiro incomodado e acuado, encostado contra a parede externa da igreja.

Joana insistiu, batendo com mais violência contra a entrada da igreja.

A porta rangeu e abriu. Uma garota aparentando menos de vinte anos surgiu no estreito vão. Ela esfregou os olhos vermelhos pesados de sono e encarou Joana.

— Cadê o Teodoro, garota?

A menina loira coçou a cabeça.

— Acho que ele está dormindo. Que horas são, delegada? Joana não respondeu e empurrou a porta. Surpresa, a garota cambaleou pra trás. Lucas e Francis entraram atrás da líder dos soldados. Vicente ficou na porta, impedindo que os curiosos não entrassem e parassem de esfregar-se no trigésimo bento.

Lucas olhou para a garota que se recostara num velho e inutilizável banco de igreja. Tinha o corpo magro e seios pequenos, cobertos por um tecido leve e translúcido. Não sabia dizer que espécie de roupa era aquela. Se era uma camisola ou algo imitando uma batina. Joana caminhou até o meio do salão. A igreja não era grande, portanto a luz da lamparina iluminava boa parte do ambiente. Lucas inspirou fundo. A nave estava cheia de fumaça. Alguém deveria estar queimando um incenso... mas aquele cheiro adocicado... aquilo não era incenso.

— Maconha. — sussurrou Francis em seu ouvido. Lucas levantou um sorriso de canto de boca.

Joana caminhou até o altar, na parede dos fundos do salão existia meia dúzia de velas de sete dias acesas. Uma grande cruz de madeira com Cristo crucificado estava fixada no alto, no chão, de onde o padre haveria de ter dado suas missas enquanto a igreja funcionou. Não existia mais oratório, nem balcão, nada. Tinha um grande colchão jogado no chão onde repousava um homem.

— Teodoro. — chamou Joana.

Nenhuma resposta.

— Teodoro! — chamou mais alto. O homem resmungou.

Lucas aproximou-se. O cheiro da erva ficou mais forte. A luz da lamparina revela uma série de pontas de cigarros no chão. Parecia até mesmo que um resto de fumaça pairava no ar, formando uma nuvem rala. Duas garrafas de bebida ao lado da cama e um cheiro azedo vindo do colchão. Sobre cobertores surpreendentemente limpos, um corpo encaracolado.

Para surpresa dos três visitantes que julgavam que Teodoro estivesse adormecido, de repente, viram o homem desencaracolar-se e colocar-se de joelhos. Abriu a boca e deixou uma grossa cortina de fumaça escapar pela boca.

A fumaça atingiu Lucas e Francis em cheio. Fumaça de maconha.

Lucas abanou a mão livrando o rosto daquela nuvem. Não era um adepto da erva, mas gostava daquele cheiro, só não gostava da situação. O bento que viera buscar lhe parecia um viciado.

— Que zona é essa na minha casa? — perguntou o bento após exalar a tragada.

Teodoro colocou-se de pé. Era um homem magro, com feições de quem já passava dos quarenta anos. Era alto, com cerca de um metro e noventa, parecia mais alto ainda por estar na parte elevada do salão, três degraus acima de Lucas e Francis. Teodoro tinha os cabelos vermelhos enrolados ao estilo rastafari, uma barba cheia e ruiva, com pontas desiguais. Do indumento dos bentos trajava apenas a calça negra e o saiote verde escuro. O peito nu revelava uma série de curtas cicatrizes. Na mão esquerda, em vez da espada, segurava um bastão pardo. Encarou os visitantes mais um segundo e, em seguida, levou o bastão até a boca. A ponta tornou-se incandescente enquanto o bento puxava o ar. Era um baseado gigante!

— Pára de fumar essa merda, Teodoro. Eles vieram buscar você. O bento segurou a fumaça no peito um instante. Seus olhos tomados por um vermelho sangüíneo saíram de Joana e fitaram os dois guerreiros por um momento. Solto mais uma vez a coluna de fumaça na direção do rosto dos dois.

— Que é que vocês estão fazendo aqui? — perguntou.

— Ponha seus trajes, Teodoro, vamos partir.

Teodoro encarou Francis um instante.

— Partir? Partir pra onde? Eu fumo e você é que fica maluco?

— Esse aqui do meu lado é bento Lucas. O trigésimo bento. Os olhos de Teodoro ficaram estáticos um segundo. Arregalaram-se aos poucos.

— Caralho! — exclamou por fim, levando o baseado mais uma vez a boca.

— Precisamos de você no nosso grupo. Um barco espera para sermos levados de volta a Angra. Partimos antes do amanhecer.

— Pra que a pressa? Esse barato me dá uma fome do cão. Lucas olhou impaciente para Francis. Tinham que voltar logo.

— Vivi! — berrou o bento.

A garota loura aproximou-se.

— Vai até o cozinheiro e peça que me faça um bife a cavalo. A loura ficou imóvel, olhando abobada para o bento.

— Sabe que horas, são? — perguntou Joana.

— Tô me lixando pra hora, mulher. Vai, Vivi. Manda fazer meu bife.

— Não temos tempo pra bife. — falou Lucas.

Teodoro tirou os olhos do rebolado de Vivi que saía da igreja e encarou Lucas. Desceu os três degraus que os separavam.

— Você não tem tempo, bicho. Eu tenho todo o tempo do mundo.

— Vamos juntar os trinta bentos, Teodoro, precisamos que colabore. — juntou Francis.

Teodoro girou lentamente sobre o próprio corpo.

— Aqui tem espaço pra juntar trinta bentos. Tem espaço mais que suficiente. Há! Há! Há! — riu o bento ruivo.

Lucas mais uma vez olhou para Francis.

— Pode trazer o resto pra cá. Eu espero enquanto como meu bife a cavalo e fumo meu bagulho. Há! Há!. — bento Teodoro deu outra tragada no baseado, sentando-se esparramado nos degraus da escada para o altar. — Não saio daqui nem a pau.

— Vai sair. — disse secamente, Lucas.

— Hum. Hum. — grunhiu o bento, balançando negativamente a cabeça.

— Tenho vinte e três soldados famintos e cansados esperando em Angra pra continuarmos viagem. Não vou te dar o luxo de fazê-los esperar seu bife a cavalo. Você vai comigo e vai agora.

Teodoro começou a gargalhar, deitando-se nos degraus.

Lucas desembainhou a espada sob os olhares nervosos de Joana e Francis.

Teodoro continuou rindo. Sentou-se e olhou serenamente para o trigésimo bento. Ergueu a mão para outra tragada, mas, antes que o baseado chegasse à boca, a lâmina da espada de Lucas cruzou o ar e atingiu o cigarro em sua mão. O bento viu sobrar um naco do que fora seu baseado. Olhou seriamente para Lucas.

— Encarnado ou desencarnado, você vem comigo. Isso não é uma opção.

— Posso levar bagagem? — perguntou Teodoro, com a voz assustada.

— Pode.

— Joana?

A soldada de Ilha Grande saiu detrás de Francis, colocando-se no campo de visão do bento ruivo.

— Pede pra cancelar meu bife. — Teodoro inspirou fundo, ajeitando as tranças vermelhas, jogando-as para trás dos ombros. Tornou a olhar para Lucas. — Quantas mochilas posso levar?

— Uma.

Teodoro andou para o altar, dirigiu-se até uma porta que levaria ao que teria sido a sacristia da pequena igreja. Voltou com uma mochila velha de lona. Sem cerimônia alguma abriu a boca da mochila e despejou seu conteúdo empoeirado no chão.

Os bentos acompanharam a atitude com os olhos, sem exclamar uma palavra.

Teodoro encarou a todos por um instante e caminhou até um caixote de tábuas pregadas. Ergueu a tampa presa com dobradiças e, do interior, começou a retirar tufo e tufo de erva emaranhada, acondicionando-as na mochila de lona. Repetiu as manobras até que a mochila estivesse estufada, cheia até a boca. Prensou o quanto pôde o conteúdo, a fim de fazer caber ainda mais alguns punhados. No fim, puxou um cordão de lona e espremeu a boca da mochila para que nada caísse para fora. Prendeu o fecho de lona com uma fivela e jogou a mochila nas costas diante dos estupefatos visitantes.

— Tô pronto, mané. Vambora.

Capítulo 40

Elton notou primeiro a coluna de fumaça subindo no meio da floresta. Conduziu seu cavalo até bento Edgar, apontando para o sinal de fumaça. Era um ponto distante mata adentro.

Teodoro, emburrado, notou o dedo do soldado. Colocou a mão em concha sobre os olhos protegendo a visão do sol. O sinal de fumaça negra indicava um incêndio.

Lucas olhou para a coluna negra empurrada suavemente pelo vento, formando um ângulo de 50 graus da linha do horizonte. O bento parou, fazendo com que toda a comitiva parasse na estrada.

Teodoro abriu a mochila presa do lado direito da cela. Da boca da mochila escapou um tufo de erva. Teodoro apanhou um pequeno punhado e voltou a fechar a mochila. Com a mão direita tirou de dentro do forro da luva esquerda um pedaço de papel, onde acomodou a erva e passou a enrolar um cigarro.

Lucas voltou a cavalgar lentamente. O grupo estava cansado. Há quatro dias tinham deixado Angra dos Reis, rumando ao norte, em busca de mais irmãos bentos. O próximo da lista era bento Dimas, guerreiro que guardava uma fortificação a dois dias ao norte de Belo Horizonte. Depois de apanhar o malcriado e metido a besta Teodoro Bob Marley Fuma-Tudo, tinham desviado da capital do estado. Rio de Janeiro não era mais linda, nem cheia de graça. O Cristo Redentor abria os braços sobre outra metrópole tûmulo, abandonada pelos mortais depois da grande mudança. Também não haveriam de aproximarem-se muito da velha Belo Horizonte. A Afonso Pena não contavam mais com a noite borbulhante e cheia de agito dos bares e das casas da noite. Agora era abrigo de malditos, que buscavam humanos para tomarem-lhe o sangue. As metrópoles eram habitadas por seres sombrios que caçavam Rios de Sangue, que buscavam nas velhas cidades, nas velhas casas, gente adormecida, para serem levadas às tocas e estocadas feito gado morto. Sangue para sempre. Lucas já tinha percorrido cerca de cem metros, absorto nesses pensamentos quando ouviu um chamado. Voltou os olhos para os homens do bando. Continuavam marchando. Os veículos motorizados ganhavam velocidade. Lucas ouviu novamente. Não era a voz de nenhum deles. Era a voz de uma mulher. Na segunda vez, era a voz de uma garotinha. Os homens avançavam. Lucas foi ficando para trás. Ao seu lado, bento Vicente, guardando o trigésimo. Foi ele quem reparou primeiro a nova parada de Lucas. Lucas encarou Vicente.

— Vicente, você ouviu essa voz? — perguntou o guerreiro.

— O quê?

— Uma voz. Uma menina... — murmurou Lucas, puxando suavemente a rédea do cavalo e fazendo o animal girar no mesmo lugar.

Alertados, logo a frente, os homens pararam mais uma vez para aguardar Lucas.

Lucas sentiu os pelos arrepiarem-se da cabeça aos pés. Olhou para a coluna de fumaça negra, ouvindo o pedido de socorro mais uma vez.

— Você ouviu agora?

Vicente ergueu os ombros, declarando que não tinha ouvido nada.

— Lá, de onde vem a fumaça. Tem alguém em perigo.

— Nessa terra, velho, qualquer um que tiver pra fora dos muros está em perigo.

— Ouvi alguém, Vicente. Alguém me chamando.

— Corta essa. Estamos rumando para a próxima cidade, sem descanso, sem parar nem pra comer. É por isso que você tá ouvindo voz na cabeça.

Lucas agitou-se sobre o cavalo. Desmontou, colocando a mão em concha sobre os olhos, tentando enxergar para dentro da floresta que cercava a rodovia.

— Vamos até lá, Vicente. Tem alguém em apuros.

O ruivo Teodoro juntou-se à dupla, ouvindo a última frase do trigésimo bento.

— Cê tá maluco achando que vamos entrar nessa mata. — exclamou, dando uma tragada no cigarro.

Lucas nada disse. Olhou para Francis que se aproximava. Francis estava com os olhos fundos da marcha incessante. Estava cansado.

— Ouvi alguém chamando. Vem da direção daquele incêndio. Lá tem alguém em apuros. Estão precisando de nossa ajuda.

— Esquece, ô salvador. Desencana desse negócio de salvar tudo, toda hora.

Lucas olhou para Teodoro, que continuou falando alto.

— Não vou deixar ninguém entrar atrás de você nesse pedaço. Aqui é território dos kongs.

— Kongs? — repetiu, Lucas, confuso.

— É. Tem uma faixa de três quilômetros de mata até chegarmos a uma campina vasta, deve ter sido uma floresta ou sei lá o quê. Depois volta mata novamente, bem perto de onde você vê aquela fumaça subindo. Tem uma cidade lá, não lembro o nome. Aquele pedaço é tomado pelos kongs.

Lucas continuou olhando para Teodoro, sem entender o que ele queria dizer com aquela palavra.

— Deus do céu! Ninguém falou pra esse otário o que os kongs são?

— Não. — interferiu Francis. — Ninguém falou pro otário, porque ninguém é otário pra entrar no território desses bichos. E dobre a língua pra falar do trigésimo.

Vicente também mantinha os olhos sobre Teodoro. O jeito assoberbado daquele ruivo esculachado falar com Lucas lhe fervia o sangue.

— Kongs, salvador, é o jeito que chamamos os gorilas que vivem nas matas. E só chamamos de kongs os bandos assassinos.

— Gorilas?

— É. Gorilas.

— De onde surgiu isso? — insistiu Lucas, confuso.

— Dos zoológicos, cabeça. Quando o negócio espirocou de vez, uns malucos foram até os zoológicos libertar a bicharada que tava morrendo enjaulada. Graças a Deus, uma par de espécies acabou se fudendo mesmo fora do xadrez. Mas outros, feitos os kongs, se deram bem nas matas e se espalharam feito praga.

Lucas olhou para a fumaça. Mais uma vez ouviu uma voz chorosa. Desembainhou a espada. Teodoro deu dois passos para trás.

— Agora não adianta essa sua tática psicopata, não, meu irmão, porque nem desencarnado eu entro nessa porra de mata cheia de pé de kong.

Lucas não deu ouvidos a Teodoro. Os soldados tinham se amontoado na beira da estrada, esperando alguma decisão do trigésimo. Viram o bento descer o acostamento para dentro da floresta.

Teodoro ergueu os olhos para o céu.

— Quem foi que botou esse maluco no comando? — perguntou aos berros.

Vicente aproximou-se. Aquele insolente tinha que parar. O bento grandalhão agarrou a garganta do ruivo e apertou-a, fazendo o baseado cair da boca do agredido. Teodoro gemeu, tentou desvencilhar-se do aperto de Vicente, mas perdeu as forças com a falta de ar.

— Escuta aqui, o maconheiro duma figa, até juntarmos o resto dos bentos, quero que você fique com a boca limpa e sem chupar mais dessas merdas. Se eu pegar você bem louco mais uma vez ou pegar você com falta de respeito para com o irmão Lucas, te arranco o saco fora, à marteladas! Entendeu?

Teodoro, pálido, fez que sim com um rápido movimento de cabeça.

Vicente soltou o bento ruivo, que foi ao chão, tossindo, buscando ar para o pulmão.

Vicente desceu atrás dos demais, sem olhar para Teodoro, pouco se importando se tinha machucado seriamente ou não o bento fumador.

Os soldados que haviam assistido à cena, desceram o barranco do acostamento em direção a floresta, não conseguindo conter uma série de risadas e comentários engraçados.

Alicate, passando ao lado de Teodoro, que se sentava, colocando a mão no pescoço, procurando aliviar a dor na pele esmagada, não conseguiu conter o comentário:

— Tá vendo? Minha mãe sempre dizia que fumar essas porcarias faz um mal danado pra saúde.

Os soldados que tinham escutado o gracejo riram alto.

Teodoro ruminou uma série de impropérios, ficando de pé. Bateu as mãos enluvadas na capa vermelha, tirando as folhas secas, que tinham se agarrado ao tecido. Era o último da fila. Resistente, desceu o morro juntando-se à marcha mata adentro.

Lucas e seus homens tinham transposto a extensa faixa de árvores, chegando a uma imensa campina. O terreno era curvo e contava com uma pastagem verde e exuberante. A vegetação era rasteira, lembrando uma fazenda de pasto bem tratado. A coluna de fumaça negra, subindo inclinada e girando com o vento ia tornando-se mais larga à medida que se aproximavam. A caminhada ainda seria longa.

Os soldados tinham deixado as armas a postos. Carlos e Alicate, caminhando junto do soldado Elton, traziam seus fuzis prontos para disparar. Nunca tinham visto os gorilas, que assombravam aquelas matas na porção sudeste de Minas Gerais, mas as histórias que tinham ouvido eram de arrepiar. Não bastava o medo das criaturas da escuridão, quando cruzavam aquela região tinham de temer também os kongs soltos na mata. Diziam que eles reuniam-se em bandos numerosos e defendiam o território atacando os visitantes incautos. Por hora, Alicate estava satisfeito. Não tinha visto, nem ouvido nada de diferente. O tapete verde estendia-se centenas de metros a frente, depois, bem mais perto da assombrosa coluna de fumaça, a floresta recomeçava. De onde estavam, caso avistassem qualquer gorila, teriam tempo de abatê-lo ou, o que seria melhor, voltar para trás e não xeretar no terreno daqueles bichos.

Lucas estava intrigado. Não ouviu mais nenhum vez a voz da mulher. Mordiscou o lábio. Mulher? Parecera uma criança também. Vozes vindas no ar. Vozes surgidas em sua cabeça. Olhou para trás. Os soldados e os bentos acompanhando sua marcha atrás de algo desconhecido. Estava desviando aqueles quarenta e nove homens do caminho. Contudo, carregando sua espada na mão, lembrava-se da voz de Bispo num sonho que agora lhe parecia distante, apesar de ter certeza que havia sonhado poucos dias atrás, ressonando debaixo de uma árvore. O Bispo, com rosto jovem, tinha falado alguma coisa sobre sua espada não negar ajuda. Raios! Desgraça de mundo maldito! Por que tinha que existir aquilo? Por que tinha que ser pego por aquelas coisas? Vozes na cabeça, feito um maluco. Tinha escutado alguma mulher ou criança

pedindo ajuda. Tinha vindo como um sopro, da direção da fumaça. O guerreiro ergueu os olhos para o céu. A coluna negra parecia tombar sobre suas cabeças, eclipsando uma porção do sol, formando uma sombra fresca sobre o caminho. Lucas olhou pra trás mais uma vez. Os soldados caminhavam atentos, com as armas erguidas. Kongs.

O soldado Gabriel andava com firmeza, fazendo as botas afundarem no pasto, olhando atentamente para o caminho. Detestava aquele tipo de vegetação. Detestava pensar em cobras rasteiras espreitando o próximo passo. Por isso fazia questão daquelas botas altas. A maioria das picadas ofídicas ocorriam abaixo do joelho, na canela, na batata de perna. Tinha também uma faca na cintura. Se alguma peçonhenta pensasse em qualquer gracinha terminaria sem cabeça. Gabriel ergueu os olhos. A capa vermelha dos quatro bentos tremulavam, empurradas pelo vento. O quinto deles, bento Francis, não trazia capa na sua indumentária. Mas seu peito de prata refletindo a luz do sol era igualmente hipnotizante. Suspirou, lembrando-se dos bentos derrubados na emboscada da Teodoro Sampaio.

Levaram vinte minutos para reentrar na floresta. Ali, debaixo das árvores, a temperatura estava bem mais fria e o ar mais úmido. O sol não ardia sobre suas cabeças, mas talvez preferissem permanecer com o astro dourado queimando o coco do que ficar com a visibilidade tão reduzida.

Lucas guiava-se corretamente olhando para cima. A visão passava pelas copas das árvores e seguia o trilho cada vez mais grosso de fumaça.

Os quarenta e nove homens provocavam barulho com o avanço, fazendo pássaros agitarem-se e piarem e amassando folhas sob os pés a cada passo à frente. Qualquer barulho mais suspeito, levava os olhos arregalados dos soldados por entre as árvores. Poderiam topar com tudo, só não queriam bater os olhos num amontoado de pêlos negros, de braços longos e fortes, chateados com a invasão de seu território.

Perseguindo o trilho negro de fumaça, Lucas acabou dando numa estrada de terra, tomada nas beiradas pelo mato alto. Aquela estrada deveria servir de ligação do povoado mencionado por Teodoro com a grande rodovia deixada para trás. O trigésimo guerreiro enxugou o suor da testa. O mormaço fazia o corpo cozinhar dentro daquela armadura. Se soubesse daquela estrada de terra teria vindo com o cavalo. Fora precipitado. Nem ouvia mais a voz. O cheiro de queimado entrava pelas narinas. A largura da coluna de fumaça era surpreendente. Alguma coisa grande tinha se incendiado. Olhou pra trás encarando os homens que se enfileiravam no estreito leito do caminho. O mato passava folgado acima da cabeça de Vicente, funcionando quase como um túnel verde. A crista da vegetação balançava suavemente, empurrada pelo vento leve. Lucas

olhou pra frente e prosseguiu com a marcha, encabeçando o grupo, abrindo espaço no mato com sua espada.

Oswaldo, um soldado baixo e encorpado, era o último da fila. Não se questionava por que diacho estava ali, no meio do mato, seguindo Lucas. Estava era impressionado com aquela coluna de fumaça girando lentamente no ar, sendo carregada por cima de suas cabeças. O que teria acontecido? Essa região era abandonada. Talvez, alguém cruzando de uma fortificação para outra tivesse se perdido e tivesse dado ali. Virou-se para trás abruptamente, empunhando uma espingarda calibre doze. Perscrutou o mato, mantendo o cano da espingarda apontado para onde olhava. Tinha tido a impressão de ouvir passos atrás. O falatório dos soldados caminhando para frente era intenso, cheio de cochichos. Falavam para espantar o nervosismo e falavam baixo para não chamarem a atenção. Não queriam topar com gorila algum a essa altura do campeonato. Idéia besta de terem soltado esses bichos do zoológico. Tinham tido piedade dos animais encarcerados e esquecidos nas jaulas, mas agora os escrotos não pareciam estar a fim de retribuir a gentileza. Já tinha escutado mais de uma história de soldados apanhados pelas feras. Tinha ouvido Jorge contar a história numa festa de São João. O Jorge tinha dito que dois soldados sobreviventes a um desses *rendevouz* tinham dado em sua cidade. Armaram logo uma equipe de resgate, mas quando chegaram, pouco tinha sobrado para resgatar. Jorge dissera que os pedaços dos soldados foram encontrados espalhados por mais de três quilômetros. A coisa mais feia. Um braço aqui. Uma cabeça ali. Talvez um corpo tivesse sido achado naquela estrada de terra. Oswaldo estacou. É mesmo. Arrepiou-se da cabeça aos pés, olhando para trás mais uma vez. Os soldados estavam ganhando distância. Oswaldo não se lembrava direito, mas Jorge tinha dito alguma coisa sobre aquela estrada de terra. Tinha dito uma coisa ruim. Tinha que avisar Bento Vicente. Aquela estrada de terra não era o melhor lugar para estar.

Lucas cortou mais um tufo de mato à sua frente. Os filetes verdes caíram no chão, dando visão do caminho. O mato abrandava e a estrada acabava num descampado de terra vermelha. Um largo poeirento, lembrando um imenso campo de futebol de várzea. Depois desse descampado, surgiam as primeiras construções abandonadas do que fora uma pequena cidade do interior da Zona da Mata de Minas Gerais. Lucas avançou para o descampado. Vicente estava bem nas suas costas, pronto para defendê-lo.

Os soldados foram saindo da trilha, deixando os olhos pousarem na cidadezinha, procurando saber de onde vinha tanta fumaça.

Nas ruas do vilarejo, a fumaça cruzava ao nível do chão, atrapalhando a visão cada vez mais conforme iam adentrando o território. Lucas procurava o foco do incêndio, quando ouviu mais uma vez uma voz feminina gritando, pedindo socorro.

Lucas olhou surpreso para Vicente, que também tinha os olhos arregalados.

— Dessa vez eu ouvi, Lucas.

O trigésimo guerreiro apurou os ouvidos. Mais uma vez, ouviu a voz feminina. Correu na direção do chamado. Os soldados agitaram-se, apertando o passo para seguir de perto o guerreiro.

Lucas cruzou duas ruas de terra em direção à base da coluna de fumaça. Corria apressado, agarrado por aquele pedido de socorro desesperado. Chegou à igreja matriz da cidade. Um prédio grande para um vilarejo daquele tamanho. Em frente à igreja, uma grande praça. Depois da praça, o local do incêndio. Três galpões imensos, desproporcionais se comparados ao que seriam os prédios comerciais que um dia funcionaram naquele lugar desabitado. Dos três gigantes, só havia sobrado o imponente esqueleto de concreto. Sob o esqueleto dos galpões, o resto negro e incinerado de um canavial. Cinzas revoavam pelo céu, atravessando a praça e enegrecendo o chão. Um cheiro peculiar tomava toda a área. Cheiro de melado. A fumaça escura não saía do canavial. Lucas andou mais para a frente. Algum material estranho ardia junto com a cana-de-açúcar. Pareciam antigas embalagens, plásticos e lixo. Os soldados agruparam-se, formando uma linha nas laterais do trigésimo bento. A coluna de fumaça, assim, tão de perto, era impressionante. As cinzas caíam sobre suas cabeças feito flocos de neve. O último a entrar na praça foi Matias, o rapaz que trabalhava no Time da Memória e trocara um dedo de prosa com Lucas, revelando sua veneração pelo Bento. Matias também estava impressionado com a quantidade e com o cheiro da fumaça. Virou-se para comentar com Oswaldo, que vinha por último no pelotão. Franziu a testa. Desde a estrada de terra cercada de mato não via o colega de jornada. Percorreu os outros com os olhos. Oswaldo estava faltando. Olhou para trás, para a rua por onde vieram.

Lucas ouviu mais uma vez a voz. Vinha do meio da fumaça. Avançou em direção aos galpões incinerados. Entre o primeiro e o segundo, num dos rebuliços da fumaça, viu alguma coisa. Caminhou determinado para a beira da cana negra, esturricada. Tinha uma torre atrás dos galpões. Uma caixa-d'água. Era de lá que vinha o chamado de socorro.

Lucas começou a correr para contornar o imenso galpão. Deveria haver uma forma de chegar à caixa-d'água evitando as brasas e o fogo.

Matias voltou alguns passos pela rua lateral à igreja. Nem tinha visto Lucas começar a afastar-se, levando os soldados consigo. Estava com a pulga atrás da orelha. Se Oswaldo não estava logo atrás, deveria estar vindo. Talvez tivesse torcido o pé. Subiu de volta até o fim da rua. Tirando o barulho dos soldados e dos bentos correndo pela praça e o crepitar distante das brasas

e do fogo, não ouvia nada de anormal. O vento soprou de cima para baixo, jogando fumaça negra pela praça, encobrindo a igreja e as casas. Matias virou-se para olhar para os colegas. A nuvem escura diminuía sua visibilidade a pouco mais de cinco metros. Os amigos eram espectros distantes, desaparecendo no nevoeiro. Voltou-se no sentido da estrada de terra. Não via Oswaldo. Via algo. Uma coisa mexendo-se, o vulto de um homem. Mas não era Oswaldo. O amigo era pequeno e magro. O homem que caminhava em sua direção era gordo... gordo e forte. O vento voltou ao curso normal. A fumaça foi sendo arrastada para o céu, desfazendo a cortina diante de seus olhos. Pôde ver com clareza. Recuou dois passos. Seu coração acelerou. A coisa corria em sua direção. Não era um homem! Era um gorila!

Lucas chegou aos fundos do primeiro galpão. Tossia, incomodado com a fumaça, e os olhos começavam a arder. Bento Francis aproximou-se.

— O que você quer aqui, Lucas? Não tem nada no meio dessa brasa toda.

— Você não ouviu a voz?

Francis fez que não com a cabeça e curvou-se num acesso de tosse.

— Vamos sair daqui antes que acabemos sufocados.

Lucas olhou de novo para a torre da caixa-d'água. A estrutura era feita de cimento e uma escada de metal subia pela lateral. A cisterna também parecia feita de ferro. No topo, subia a haste longa de um pára-raios, ligado ao solo por um cabo de aço. O grosso da fumaça vinha de trás da caixa-d'água, afastada uns vinte metros. Quando o vento soprava mais forte ou de cima para baixo, como fizera há pouco, é que a fumaceira encobria a torre e a todos, fazendo a comitiva entrar em acessos de tosse e falta de ar. Lucas embainhou a espada e esperou a fumaça ser arrastada para cima novamente, então disparou a correr em direção à torre. A sola dos pés esmagava as brasas e na metade do caminho sentiu a sola da bota esquentar. Alcançou uma passarela de concreto, livre do lixo e dos restos queimados de cana-de-açúcar. Aproximou-se da base da torre. Não ouvia mais voz alguma, mas sabia que o chamado tinha vindo de lá. Os bentos Vicente e Francis corriam logo atrás. Lucas chegou ao pé da escada de ferro. Estava quente. Começou a subi-la, quando ouviu a gritaria.

Matias correu de volta à praça da igreja. Caralho! Era um kong dos grandes! O animal começou a emitir guinchos nas suas costas. Não parou para olhar para trás para ver quão perto o bicho estava, queria era sumir dali o mais rápido possível. Chegou ao meio da praça e já podia ver os companheiros quando, do meio de uma lufada de fumaça, outro gorila surgiu no seu

campo de visão, vindo do seu lado direito. Matias ergueu o fuzil e deu um disparo único. Mirou o ombro da fera, querendo tirá-la do caminho. Ouviu um urro de dor quando o macaco tombou.

Os últimos soldados pararam e olharam para trás, surpresos com os disparos. Viram Matias saltando sobre o braço peludo de um gorila.

— Kongs! — gritou Alicate.

Os soldados empunharam suas armas, na intenção de proteger Matias. Do meio da fumaça, que lambia o chão da praça, foram surgindo cada vez mais silhuetas escuras, gingando o corpo e avançando com velocidade.

— Não atirem! Corram! — gritava Matias, aproximando-se do grupo.

Os soldados, que esperaram o rapaz em apuros, correram na direção pela qual os bentos tinham ido, juntando-se aos demais. Ouviam os urros das feras vindo rapidamente, logo atrás.

Quando contornaram o primeiro esqueleto de galpão viram a capa vermelha de Lucas tremulando, jogada de lado pelo vento. Estava na metade da escada, com Vicente logo atrás. Alguns soldados subiam, enquanto Francis e Teodoro ajudavam os que ainda estavam no chão a alcançar a escada de ferro.

— Os gorilas! Os gorilas estão vindo! — gritou Matias.

Os soldados e os bentos olharam para trás, para a rua de terra. Assim que Matias e os homens restantes alcançaram o trilho de concreto, viram surgir na rua um bando de macacos. Os gorilas pararam quando viram os homens. Formaram um semicírculo junto ao trilho de concreto e começaram a bater com os punhos nos peitos, urrando nervosos.

— Não atirem! — gritou mais uma vez Matias, ouvindo os homens engatilhando as armas.
— São só macacos!

Teodoro tirou sua espada da bainha.

— Só macacos assassinos, só isso... — murmurou. Matias alcançou o pé da escada.

Os gorilas não subiram nas brasas e mantiveram-se na rua de terra. A cada instante, chegavam mais.

Os soldados foram subindo a escada de ferro. A escada era estreita, talvez o suficiente para que os gorilas não trepassem atrás deles.

Teodoro viu o número de feras crescer. Já devia passar de trinta gorilas, batendo no peito e andando nervosamente na beira da estrada de terra. Mordeu a unha do dedo mindinho. Estava nervoso.

Lucas tinha chegado ao final da primeira escada. A escada dava num cercado que corria ao redor da caixa-d'água. Na face oposta, de onde saiu o bento, encontrou outra escada, que subia até o topo do reservatório. Apesar de ter escutado os disparos lá de baixo, tinha que chegar ao

topo da caixa-d'água o mais rápido possível, guiado por uma urgência sobre-humana. Subiu a nova escada. Ali, o vento soprava com mais força, produzindo um zumbido em seus ouvidos. A fumaça veio em sua direção fazendo os olhos arderem novamente. Mesmo com fumaça, vento e barulho de tiros, Lucas não perdeu um segundo. Suas mãos agarravam cada novo degrau, colocando-o mais próximo de onde acreditava ter ouvido aqueles chamados de socorro. Olhou para o horizonte, tentando enxergar a rodovia onde haviam deixado os veículos. Estavam tão longe. Mesmo que houvesse alguém gritando ali de cima, teria conseguido ouvir? Com certeza, não. Chegou ao teto de zinco da caixa-d'água. A escada terminava num tipo de portinhola, semelhante a uma escotilha.

Matias e os demais estavam ao pé da torre. Os gorilas continuavam juntando-se na beira da rua de terra. Já deviam somar oitenta. Bento Francis percebeu que um deles possuía peitos proeminentes, mamas redondas. Só podia ser uma fêmea. Assim que ela passou e virou-se, confirmou sua suspeita, vendo um filhote agarrado às costas da mãe.

A maioria absoluta era de machos que, hora ou outra, erguiam o dorso, deixando de apoiar as mãos no chão e batiam com os punhos fechados no peito largo. Urravam, deixando ver dentes e presas pontiagudas, adotando uma postura intimidadora.

— Eles só querem dizer que mandam no pedaço. — disse Matias. Teodoro jogou os cachos ruivos para trás da cabeça e manteve a espada erguida.

— Não tô nem azul no barato desses kongs, velho. Podem mandar no pedaço que quiserem, só não quero ver esses loquis tirando pedaço do meu couro. — resmungou o bento de cabelos vermelhos.

— Se acalma, Teodoro. Abaixa essa espada. Eles vão achar que você tá chamando eles pra briga.

— Tô precisando fumar mais um bagulho, cara. Só assim para eu acalmar.

Lucas ergueu a portinhola, deixando um fecho de sol invadir a imensa cisterna. A luz do dia projetou uma círculo de claridade no fundo seco da caixa-d'água. Parecia vazia. Teria fechado a escotilha, se não tivesse visto aquilo. Um pé. Um pé de criança quase engolido pela escuridão. No halo de luz aparecia um pedaço do cadarço do tênis calçado pela menina.

— Espera aqui. — disse Lucas à Vicente, antes de pendurar-se para o lado de dentro da caixa-d'água.

Vicente não teve tempo de advertir o protegido, antes que chegasse à borda do buraco aberto, ouviu o grito de Lucas e depois o som de um estrondoso impacto no fundo da cisterna. Vicente colocou a cabeça pela abertura e viu Lucas caído na parte inferior do reservatório, iluminado pelo halo de sol.

— Lucas! — bradou o guerreiro.

Lucas abriu os olhos e ergueu as mãos para proteger dos raios que vinham direto em seu rosto. Levantou-se, sentindo uma fígada no joelho.

— Estou bem! — gritou de volta.

O trigésimo olhou ao redor. Estava escuro. Procurou pela garota que tinha visto. É bem verdade que não tinha visto uma garota por inteiro. Podia ter sido só um pé de tênis velho. Mas não via tênis nem cadarço.

— Você está maluco? O que está procurando aí? — perguntou Vicente, aos berros.

— Eu vi o pé de uma menina aqui embaixo. Mas está escuro! Não estou vendo nada! — berrou de volta.

Lucas girou sobre o próprio corpo. A caixa-d'água seca em todos os pontos. Sua capa raspou no chão de ferro, recoberto por algum tipo de tinta especial, toda lascada e descarnada. Lucas imobilizou-se. Pensou ter captado um barulho. Desembainhou a espada rapidamente. Ficou em silêncio. Escutou um crepitar, como de pés pisando sobre folhas secas... ou daquela tinta cheia de bolhas. Vozes...

— Eu sabia, tia.

Lucas virou-se. A voz de uma menina.

— Ele é um bento?

— É, tia.

Lucas girou sobre o corpo, debaixo do halo de luz. Os olhos acostumando-se com a escuridão pareciam captar duas sombras ao fundo.

— Você é um bento? Lucas forçou a visão.

— Sou... — afirmou, inseguro.

Ouviu aquele crepitar de folhas ressequidas. Eram passos sobre a tinta seca. Uma mulher alta e uma garotinha caminhavam em sua direção.

— O que aconteceu com vocês? — perguntou Lucas, colocando a espada na bainha.

A garotinha e a mulher entraram no fecho de luz.

— Eu fugi de Santa Rita com ela. — disse a mulher, trazendo a garotinha pela mão. — Os vampiros acabaram com nossa cidade.

— Céus... — balbuciou Lucas.

— Viemos dar aqui. Percebi esse povoado e achei que ia achar gente. Achar comida pra Eloísa. Só encontramos cana.

Lucas notou que a mais velha também era uma garota, não parecia ter mais que dezoito anos.

— Mas aí aqueles macacos apareceram. Queriam nos matar. No desespero eu ateei fogo nas canas, para afastá-los, mas só juntava mais macacos.

— São gorilas, tio.

Lucas passou a mão na cabeça da menininha.

— Tá tudo bem aí? — perguntou a voz poderosa de Vicente. Lucas acenou para o amigo.

— Daí eu trouxe ela cá pra cima. Mas eles vieram atrás. Só quando a fumaça tomou tudo eles começaram a ir embora. Eu tive a péssima idéia de entrar aqui, usando aquela corrente... — disse, apontando para um amontoado de metais. — ... mas ela arrebentou quando eu estava descendo. Achei que íamos morrer de fome aqui dentro. — revelou o azar a garota, enfiando o rosto no peito metálico de Lucas, começando a chorar.

— Calma, calma. Vamos dar um jeito de sair daqui. Tem uma porção de amigos meus lá fora.

A garotinha abraçou a protetora que, por sua vez, continuou abraçada a Lucas.

— Como é seu nome?

— Lucas. Bento Lucas é como me chamam. A garota abriu um sorriso.

— E você, como se chama?

— Maria Alice.

Lucas passou a mão na cabeça da moça mais uma vez, lançando um olhar para a corrente amontoadas.

— Não vai dar pra ficar olhando pra eles sem fazer nada, Matias. Sei que é um bando de macaco selvagem, mas vão acabar com nossa raça. — reclamou Edgar.

— Só estão defendendo o território deles, bento. Se passarmos fogo vai ser um massacre.

— Massacre? Jesus Cristo, homem! Olha pros dentes deles! De que lado você está? — perguntou Teodoro, indignado.

— Tô do nosso lado, senhor. Mas não acho certo dispararmos contra esses gorilas indefesos. Estão agindo por instinto, não é maldade.

— Eles estão esperando as brasas esfriarem para poderem nos apanhar, acender o fogo de novo e fazer o maior churrasco de bento da terra!

— Eu tenho uma idéia. — disse Carlos.

— O quê?

O soldado tirou um amontoado de tubos de papelão atados por um elástico de sua mochila.

— Sempre trago para as emergências.

— Pode crer. A gente nunca sabe quando vai se deparar com uma turba enfurecida de gorilas soltos de zoológicos.

Carlos riu da graça de Teodoro, enquanto soltava os rojões.

— Agora pergunta aí pro dono do *Greenpeace* se poderemos afugentar essa turba enfurecida com os rojões.

Os soldados, rindo, olharam para Matias.

— Manda ver. Só tenta não acertar em nenhum deles.

Depois da oitava tentativa, Vicente conseguiu apanhar a ponta da corrente arremessada por Lucas. A portinhola estava a seis metros de altura e a distância tinha dado trabalho ao bento no fundo do reservatório. Vicente trouxe a pequena Eloísa com facilidade. Depois veio Maria Alice. Pediu para que ambas aguardassem no teto do reservatório, quando começou a descer a corrente. Ouviu o primeiro rojão de três tiros. Vampiros! Olhou para trás. Não podia ser. O sol ia alto no céu. Voltou-se para a boca da escotilha. Providencialmente, chegaram dois soldados que ajudaram içar Lucas do fundo da caixa-d'água. Também serviram para dar explicação a respeito dos disparos feitos há pouco e dos rojões que espocavam ao pé da torre.

— Lá embaixo a saída está cercada pelos gorilas que o Teodoro falou. — disse o soldado.

Lucas surgiu na abertura e foi puxado pelo braço pelo segundo soldado.

Desceram as escadas trazendo com cuidado a garota mais velha e a criança. Estavam fracas e assustadas e, quando viram os gorilas na beira da estrada de terra, entraram numa crise de choro e gritos.

Os três primeiros rojões disparados serviram para espalhar os gorilas. No entanto, as feras não foram embora, apenas afastando-se alguns metros e aumentando a quantidade de gritos e batiques no peito. Matias viu duas fêmeas correrem com as crias encarapitadas nas costas, indo em direção onde as árvores invadiam a cidade.

Lucas sentia o joelho queimando, dolorido. A queda não tinha sido tão grande assim, mas tinha dado um mau jeito na junta da perna.

— Precisamos passar. — disse Vicente, trazendo Maria Alice nos braços.

Carlos distribuiu os rojões entre os companheiros. Tentariam dispersar os gorilas. Tentariam. Carlos sabia que nenhum deles colocariam a vida dos bentos e os próprios pescoços em risco por causa do coração mole de Matias, o recente fundador da infame ONG "Salvem os Gorilas Loucos da Zona da Mata".

— Com licença. — pediu Teodoro, abrindo caminho.

O bento de barbas e cabelos vermelhos andou até a ponta da passarela de concreto, aproximando-se perigosamente da rua de terra. Tragou profundamente o cigarro pendurado nos lábios e levou o pavio marrom do rojão até a brasa viva. Chispas começaram a cair do pavio incandescente. Teodoro apontou o tubo de papelão para o maior gorila do grupo. Os símios aumentaram os urros e começaram a pular, afastando-se do rojão. Mais um segundo para o disparo. Três cartuchos recheados de pólvora voaram para cima do gorila maior. O macaco fugia assustado quando os projéteis explodiram nas suas costas.

Carlos já tinha acendido o seu, para garantir que teria espaço para começar a correr na rua de terra. Os soldados começaram a avançar, com os bentos vindo em seu encalço.

Alicate tinha orientado para que abrissem fogo, caso o plano de distração desse errado.

Correram rua acima, em direção à praça central e à igreja abandonada. A impressionante coluna de fumaça negra continuava subindo ao céu, girando ao sabor do vento. Se não chovesse, em pouco tempo era possível que aquela queimada no canavial se prolongasse por dias e, caso a estiagem durasse, provavelmente, tornaria-se um incêndio de proporções dantescas assim que atingisse a floresta.

Entraram na estrada de terra, formando uma coluna. Os soldados, atentos, olhavam ao redor. O mato alto beirando a estrada gerava insegurança. Tinham sobrado meia dúzia de rojões. Depois desses, caso os gorilas se animassem a persegui-los pelo longo caminho de volta à rodovia, teriam que apelar para as balas. Só assim manteriam-se inteiros e viveriam para contar aquela passagem surreal dentro dos muros das fortificações.

Quando finalmente alcançaram a estrada, retomaram os cavalos e acomodaram as resgatadas em um dos veículos. Serviram as garotas com mais água e pães e um resto de assado. Eloísa devorava a refeição improvisada como se não comesse há dias. Maria Alice tinha a pele do rosto arranhada e um rasgo na calça *jeans* na altura do joelho. Era muito branca e parecia extremamente magra, o que aumentava sua aparência abatida.

Apesar dos chamados e da espera, Oswaldo jamais apareceu. Matias tinha sido o último a vê-lo com vida e relatara ao grupo que deparara com o primeiro gorila, justamente, quando voltou alguns metros do caminho em busca do amigo. Oswaldo era mais um nome que entrava para a lista de baixas durante a jornada.

Capítulo 41

Bento Duque vinha ladeado por mais quatro bentos. Dirigiam-se para Nova Natal, onde encontrar-se-iam com o último bento de sua lista de cinco nomes. Justamente este último bento era o que nunca tinha botado os olhos antes. Mas já o conhecia. Bento Augusto destacava-se pela bravura e desprendimento. Era um guerreiro genuíno. Achavam até que, mesmo que não tivesse acordado bento, seria um soldado destacado e que suas histórias e casos rodariam de povoado em povoado, recheando a imaginação da soldadesca e das crianças. Duque sabia que Augusto já passara por maus bocados, mas sem nunca maldizer sua sina. Era temido pelos vampiros, fazendo da fortificação de Nova Natal uma das mais bem guardadas do Brasil Novo.

Bento Ulisses e Bento Célio cavalgavam à sua direita. Ulisses era mulato, com olhos cor de mel adornando a face longa e bem feita. Agradava qualquer mulher com aqueles olhos serenos e sua fala macia. Era carioca, mas por conta do desenrolar dos fatos após a Noite Maldita, passara a viver nas cercanias de Palmas, Tocantins. Ulisses era homem inteligente e relacionava-se bem com todos à sua volta. Prestativo dentro da fortificação, não se refestelava na condição de bento, só botando seus músculos para trabalhar quando os malditos noturnos batiam à porta.

Do lado esquerdo, Duque era guarnecido pelos bentos Amintas e Justo. Amintas era um senhor aparentando cerca de sessenta anos, com cabelos grisalhos, longos, caídos nos ombros. Era dado a boa conversa, contador de causos e, quando se juntou ao grupo galopante de Duque, veio animar as horas de descanso com seus causos pitorescos e lembranças pré-Noite Maldita.

O quinteto tinha galopado desde a manhã, sem descanso, em direção a Natal. Queriam alcançar a fortificação no alvorecer do dia seguinte. Com a aproximação do sol do horizonte, Duque via-se forçado a interromper o progresso daquele dia e buscar abrigo para a noite. Pediu a Amintas, bento defensor da região de Belém do Pará, que dentre o grupo era de se supor conhecer melhor a região. Amintas argumentou que já tinham entrado no Rio Grande de Norte, portanto estava longe demais de Belém para ser um guia cem por cento confiável. Disse que teriam de confiar em seu faro para descobrir uma boa pousada.

Esse lugar de descanso foi avistado por Amintas uma hora e meia mais tarde. Ao que parecia, haviam encontrado um pequeno centro comercial abandonado na beira da estrada. O lugar, como tantos outros, fora devorado pelo tempo e pela mata. Nada mais era do que uma rua com cerca de quatrocentos metros, tomada por mato alto, trepadeiras de ramos grossos e nostalgia. A rua começava imediatamente colada à velha rodovia, formando um ângulo de noventa graus em relação ao asfalto. Reunia uma dúzia de prédios comerciais. Na esquina da entrada, os restos de um posto de combustível com um restaurante amplo anexo. Do outro lado da rua, bem colada à rodovia, uma fachada amarela com letras em azul-marinho identificavam o

que fora uma agência de correios. Os cinco cavalos adentraram a rua, cavalgando lentamente, fazendo os cascos baterem no pavimento de paralelepípedo que compusera aquela rua singular no meio do nada do Rio Grande do Norte.

— Huum. Até aqui. — balbuciou bento Duque, parando o cavalo e apontando aos amigos um estabelecimento.

Os bentos sorriram vendo o garoto-propaganda-logotipo da rede de lojas, trajando seu característico short azul, camiseta amarela e chapéu de couro típico dos vaqueiros nordestinos.

— Casas Bahia é igual a Bradesco, tem em toda esquina. — comentou bento Justo, com sua voz estridente.

Duque sorriu, olhando para o outro lado da rua, vendo uma agência bancária adornada pelas letras vermelhas garrafais e o logotipo estilizado lembrando uma árvore. Bateu com a rédea suavemente no pescoço do cavalo e seguiu adiante, examinando os estabelecimentos seguintes para depois decidir qual seria tratado para o repouso nas horas escuras. O fim da rua encontrava-se belamente adornado por abricós de macaco em flor, descendo um tapete branco de pequeníssimas pétalas brancas caídas das árvores. Ao fundo, atrás dos abricós, antes da mata fechada começar, Duque contou cerca de vinte pés de jenipapo, todos com cerca de dez metros de altura e carregados do fruto de odor forte e característico. Se tivesse tempo e disposição, apanharia um bom punhado para a feitura de licor quando retornasse a Esperança.

Amintas também sorriu enquanto passava em frente ao banco. O sorriso do bento mais velho fechou-se no instante em que lembrou que no último dia da vida convencional tinha estado numa agência daquelas. Tinha vibrado e festejado, com direito a um beijo estalado no rosto da gerente da agência quando soube que seu financiamento para a casa própria tinha sido aprovado pelo banco. Chamou a atenção de todo mundo dentro do estabelecimento, tamanha a euforia e alegria exalada com a notícia. Amintas pegou-se sorrindo novamente, contagiado por emoções sentidas trinta anos atrás. Tocou a barriga do cavalo com os calcanhares enquanto apagava o sorriso pela segunda vez, seguindo de cabeça baixa e calado por um momento. Nunca tivera tempo de comprar sua casa de fato. Trabalhava de madrugada naquela época. Naquela noite, não tivera um segundo de sossego na porta da Coração, uma disputada boate de Belém, onde homens caçavam mulheres de corpo bem feito e mulheres davam bola para caras com bastante dinheiro no bolso. Quando largou seu posto de leão de chácara, passando das cinco da manhã, foi direto para o apartamento alugado onde vivia com Graça, sua adorada segunda esposa, e com sua mãe. Voltara correndo para casa no seu chevette marrom. Tão entusiasmado com história do financiamento aprovado, só pensava em chegar no apartamento, tomar um banho e seguir com Graça até o banco para assinar toda a papelada. A felicidade que inundava sua cabeça era tamanha que não deixava os olhos estranharem a fila imensa na frente do pronto-socorro municipal ou perder mais de dois segundos de atenção com o caminhão de bombeiros passando

à toda e tirando uma fina do chevettinho. Não percebia a aflição estampada no rosto da maioria das pessoas que estacionavam o carro ao seu lado no sinal vermelho. Não via que os carros levavam gente parecendo morta aos hospitais. Estava feliz demais para tudo isso. Estava feliz demais para notar os problemas dos outros. Queria chegar no apartamento, fazer amor com a esposa, correr para o banco e depois correr para a imobiliária. No entanto, naquela manhã não havia ninguém na imobiliária, não havia ninguém na agência bancária nem nas Casas Bahia. Naquela manhã de terror metade da população do mundo estava sendo arrastada sob o caos para pronto-socorros e hospitais tomados por filas imensas e corredores abarrotados de corpos adormecidos, choro e incompreensão. Amintas não acreditava no que via. Nem os médicos sabiam o que fazer e, quando essa raça de branco que se julga superior a todo ser que rasteja sobre a terra não sabe o que te dizer, isso te assusta. Amintas lembrava-se de como sua velha mãe ficara apavorada com tudo aquilo. A velha falava na casa perdida sem parar. Não entrava na cabeça que o mundo tinha mudado. Mesmo a ele era difícil crer que o velho mundo tinha acabado da noite para o dia. Sua esposa estava longe de aceitar aquela nova realidade, mas, ao menos, havia mantido a sanidade e a capacidade de ajudá-lo. Tiveram que abandonar Belém. Durante a noite, incêndios tinham começado e consumiam prédios residenciais e comerciais inteiros. O que restara do Corpo de Bombeiros não fora o suficiente para controlar o colapso. Lembrava-se de terem pegado a estrada, dentro de seu velho chevette, vendo pelo retrovisor gigantescas colunas de fumaça escura cobrindo o céu de Belém feito as asas negras do anjo da morte. Mal sabiam eles naquele instante que o inferno e o pior pesadelo de suas vidas estavam apenas começando. Na noite seguinte, sem que tivesse pregado os olhos, Amintas, sua esposa e a mãe tiveram o primeiro encontro com um dos vampiros. Naquela noite, nem imaginavam que tais criaturas pudessem existir. Vampiros eram coisa do cinema e da ficção, não perambulavam pelas ruas, atrás de gente para beber o sangue. As mulheres dormiam no chevette, num posto à beira da estrada, bem parecido com aquele abandonado. Ele conversava na porta de um bar com um grupo de oito ou nove homens. Amintas era o mais calado, talvez por causa do sono avassalador que crescia em seu corpo. Os olhos pareciam cheios de areia e começava a não achar má idéia voltar para o carro e juntar-se ao cochilo das mulheres. Prestava atenção na idéia de um dos retirantes quando de dentro do carro de um deles desceu uma mulher. Era a esposa de um dos rapazes, não lembrava o nome dele agora, Agenor, Alfredo... não lembrava... era alguma coisa com "a". A mulher veio cambaleado, pálida feito papel. Como muitas pessoas aquela moça tinha contraído a chamada doença. O tal do "a" alguma coisa berrou com a mulher, ordenando que ela voltasse ao carro. A mulher escorou-se numa coluna, parecendo cansada demais para prosseguir ou voltar ao carro. O marido soltava algumas palavras lamentando o estado da esposa e maldizendo a terrível situação em que todos se encontravam. Um segundo homem apontou para o seu veículo debaixo de um ponto de luz. Todos viram o que suas palavras

explicavam; sua esposa adormecida presa pelo cinto de segurança no bando da frente do veículo e uma criança de dois anos inconsciente ajustada no cadeirão no banco de trás. Cada um deles trazia uma história para contar. A de Amintas seria a infelicidade de aquilo tudo acontecer bem no dia em que iria pôr as mãos na chave de sua tão sonhada casa própria, abandonando de vez o aluguel. Ia começar a falar, quando os homens atropelaram a conversa, voltando ao que discutiam antes, sobre que destino tomar, pois haviam concordado em formar um comboio para seguir ao sul. Dada as circunstâncias, viajar em grupo seria mais seguro. Tinham assistido a muitos saques e tiroteios nas ruas de Belém. Tinham ouvido histórias horrendas de gente que enlouquecera durante a noite e partira com faca para cima de parentes. O mundo todo tinha pirado. Bem... Amintas lembrou-se que tinham esperança de fugir daquela loucura simplesmente indo para outro estado. Lembrou-se da tristeza no coração ao constatarem, cidade após cidade, que a desgraça estava instalada por todo canto que iam. Ali no posto de combustível, junto com aqueles homens, tinha esperança de fugir de tudo aquilo, pois não sabiam que o mundo todo tinha pirado, achavam que apenas o Pará estava daquele jeito. Desde a noite passada, as emissoras de TV estavam fora do ar. Criam que a programação fora suspensa por falta de funcionários, pois era certo que, ao menos, uma parcela deles teria também sucumbido àquele estranho sono, àquela estranha doença. As emissoras AM e FM também estavam fora do ar. Tudo parecia ter parado. Telefone celular não funcionava e as companhias telefônicas tinham entrado em sobrecarga. Já tinha encostado o chevette atrás de caminhoneiros pedindo informações de lugares distantes, mas nem o rádio PX, companheiro inseparável desses profissionais do asfalto dava sinal de vida, deixando-os cegos e mudos. Na sua memória, foi quando os homens discutiam acaloradamente qual seria a melhor rota para o sul, que somente ele bateu os olhos na mulher, esquecida escorada na coluna. Apesar da pele morena estar sendo consumida pela palidez assombrosa, a mulher tinha um ar sensual, de curvas cheias e bem feitas. Parecia um pouco melhor, pois olhava para ele, de pé, firme e livre da coluna. A morena-pálida andou uns quatro passos, então parou de novo e levou as mãos à ponta da blusinha vermelha que trajava. Puxou a peça para cima, passando-a pela cabeça e ficando nua da cintura para cima. Amintas abriu a boca e olhou para o lado. Os homens tinham virado nesse instante e ficaram calados, surpresos com a situação. O rapaz, marido da perturbada, correu até a esposa, agarrando-a pelo braço e abaixando ao mesmo tempo, para apanhar a blusinha do chão. Foi quando Amintas viu aquelas sinistras brasas vermelhas queimando os olhos de um vampiro pela primeira vez. Assim que o homem abaixou-se, a mulher soltou um rosnado, parecendo um bicho e pulou em cima do marido. No primeiro instante os demais permaneceram imóveis, pensando que fosse uma briga na lama de casais. Amintas sabia que eles não tinham visto os olhos vermelhos e satânicos daquela mulher. Só foram escapar da imobilidade quando viram sangue escapando do ombro mordido do rapaz. A moça tinha dentes

ferinos. Mesmo com cinco caras dos fortes agarrando seus braços ela debatia-se feito louca. Foi preciso amarrá-la para que fosse recolocada dentro do carro. Amintas tentava imaginar qual fora a sorte daquele pobre coitado. Envergonhado, o rapaz havia separado-se do grupo, dizendo que ia esperar a mulher que xingava e debatia-se no banco da pickup acalmar-se para desamarrá-la e procurar um hospital que não estivesse entupido para socorrê-la, livrá-la daquela doença. Provavelmente teria morrido, com o sangue drenado do corpo antes que tivesse conseguido curar a esposa. Aquela doença era maldita e não existia cura na face da Terra. Amintas lembrou que também tinha passado aquela noite em claro. O amanhecer do segundo dia chegou com eles na estrada e aquele dia foi ainda pior. A cada hora passada, a população descontrolava-se mais, correndo para todos os cantos com os corpos inanimados dos entes queridos, recusando-se a deixá-los à própria sorte. Foi naquele dia que ouviram as primeiras histórias de gente que desenvolvera um tipo de loucura. Gente que pulava no pescoço das outras querendo sangue. Outros casos falavam de gente ficando alérgica ao sol, gente que sentia a pele queimar e os olhos pegarem fogo ao saírem sob sua luz. Com a chegada da noite, vencido pelo sono e cansaço, Amintas estacionou o carro num galpão afastado e parou para dormir. Suspirou fundo, lembrando que depois de fechar os olhos só tornou a abri-los dez anos mais tarde.

O bento mais velho do grupo bateu com os calcanhares na barriga do animal. O cavalo avançou e Amintas retornou ao presente. Os demais tinham avançado até o final da rua comercial. Voltavam vagarosos, dando uma segunda olhada pelo local.

— Será que é seguro? — perguntou em voz alta bento Célio.

Duque apeou do cavalo e andou até a porta de um estabelecimento sem placa alguma. Não pôde determinar que tipo de negócio aquilo tinha sido no passado.

— Aqui parece tudo abandonado. Nem gente, nem vampiro. Acho que agüenta por uma noite.

Justo agarrou a rédea do cavalo do bento negro.

— Vou levar os bichos para beberem água. Devem estar morrendo de sede.

— Eu ajudo. — juntou bento Célio.

— A gente vê se tá tudo limpeza por aqui.

Ulisses apeou ao terminar a frase e juntou-se a Duque.

— Está escurecendo rápido. Vamos dar uma olhada na redondeza rapidinho, não quero ter nenhuma surpresa depois que o sol se for.

Justo e Célio desapareciam na estrada, levando os animais, enquanto o trio, Amintas, Ulisses e Duque, permaneceu parado no meio da rua de terra, olhando para os prédios vazios tentando justificar qual seria o melhor para o abrigo.

A noite já vinha entrando quando Justo e Célio voltaram com os cavalos. A luminosidade minguava rapidamente já tendo escurecido quando Justo levou o último cavalo para dentro do salão da agência de Correios.

O salão era amplo e serviria perfeitamente como uma cocheira. Usou tábuas encontradas nos restos de uma obra inacabada para estreitar a passagem e impedir que escapassem durante noite.

Amintas e Duque tinham escolhido um salão que estivera vazio desde a Noite Maldita. Amintas supunha tal coisa pelo fato de ainda existir uma faixa plástica presa na marquise, por baixo de trepadeiras, trazendo um anúncio de "Aluga-se".

O calor que avançava noite adentro permitiu que Duque acendesse uma fogueira pequena, apenas para o preparo do alimento. Fez a fogueira em frente ao salão e preparou uma lamparina para o interior do imóvel.

Célio tinha improvisado um vassourão com ramos e galhos secos e deu um trato no canto onde repousariam. Dimas pediu silêncio do lado de fora. Tinha escutado barulho entre o Bradesco e a loja das Casas Bahia. Ficaram mudos. Depois de um instante, viram surgir do meio dos imóveis uma grande e bela loba-guará, acompanhada de dois filhotes. Os animais ficaram parados, olhando por um tempo que pareceu enorme, para os três bentos que estavam do lado de fora do salão.

— Que coisa linda! — disse Justo, rompendo o silêncio.

— Ê, maneiro... — balbuciou Ulisses.

A loba, alta e esguia, baixou a cabeça e farejou o chão. Depois partiu, desaparecendo entre os prédios do outro lado da rua, seguida por seu par de filhotes.

— Deve ter ido beber água no ribeirão e agora está voltando pra mata.

Duque agachou-se junto ao fogo. Cravou uma forquilha no chão, junto às chamas e rodeou a fogueira com um punhado de pedras. Abriu o bernal que trazia na viagem e tirou dele um pedaço de carne salgada. Tirou uma toalha surrada e estendeu ao lado da fogueira. Logo depôs duas broas de milho cobertas com fubá.

— Espera um pouco pra queimar essa carne, Duque. Se o cheirinho do assado subir e o vento soprar pra cima, não demora nada pra aquela guará voltar.

Duque sorriu.

— Volta nada. Quando essa carne queimar um pouquinho, do jeito que minha barriga tá roncando, não vai dar tempo nem de sobrar cheiro pro vento levar.

Foi a vez de Ulisses dar risada.

O vampiro viu o trilho de fumaça subindo ao céu. A noite sem nuvens, com um banho de estrelas brilhantes brindando o manto negro do firmamento, deixava o trilho delator ainda mais nítido. Alex ergueu as narinas procurando farejar. Nada de sangue. Ao menos estava certo que,

ao redor daquela fogueira, encontraria humanos. Tolos desavisados que se arriscavam em seu terreno de caça. Fez um sinal para os companheiros que iam pelo chão. Logo algumas das criaturas também saltaram para os galhos das árvores e alcançaram o líder do bando. Alex apontou para o trilho de fumaça, não precisou dizer mais nada. Avançaram, saltando de árvore para árvore, perigosamente velozes, na direção do sinal de fumaça.

Duque virou-se de lado. Seus olhos estavam pesados e pareciam cheios de areia. Despertou do sono, sentindo frio nos braços. Estava tão quente antes de deitar-se. Talvez não tivesse necessariamente esfriado, poderia ter sido uma lufada de vento. Apanhou sua malha branca e colocou-a, cobrindo o tronco. Justo e Ulisses dormiam com os trajes completos. Olhou para frente, vendo Amintas sentado no calçamento tomado por mato, em frente à pequena fogueira. Fechou os olhos mais uma vez, tomado pelo sono.

Alex parou no topo da árvore de jenipapo. Gesticulou para que os demais se aproximassem em silêncio. Seus olhos estavam ariscos e acompanhando o caminhar do homem no meio da rua. A capa vermelha não deixava margem para dúvida. O maldito bento tinha entrado na arapuca. Era como chamavam aquela rua. Muitos viajantes em busca de abrigo para a travessia pensavam na boa idéia de pernoitar naqueles galpões. Seu bando contava com cinquenta vampiros. Trocou olhares com os mais próximos, pedindo que se agrupassem logo abaixo. Viu o bento voltando para perto do fogo e sentando-se no calçamento. Alex saltou para o chão, sem provocar barulho. Fez mais sinais para os vampiros que vinham atrás.

— Somos cinquenta contra um. Vamos atacar de uma vez só. Com certeza o maluco filho de uma puta vai reagir. Não estou vendo sua espada, acho que a deixou dentro de um dos salões.

Os vampiros ouviram atentamente o líder do bando.

— Não deixem que ele entre em nenhum deles. Vamos acabar com a raça desse desgraçado. Vamos desfiá-lo à unha. — fez uma pausa olhando para um novato. — Não coloque uma gota do sangue desse maldito na sua boca. O sangue deles é que nem ácido. Vai te comer por dentro. Vai acabar com você.

O vampiro aquiesceu.

— Depois de voltarmos com esse troféu pra toca, sairemos de novo em busca de sangue. Vamos precisar... essa luta vai abrir nosso apetite.

Amintas paralisou diante da fogueira. Aspirou o ar mais profundamente. A pele arrepiou-se. Conhecia aquele cheiro forte, aquele fedor horrível. Vampiros!

Levou a mão à cintura. Tinha deixado a droga da espada dentro do salão! Levantou-se e virou. Tarde demais. O bando vinha voando pelos telhados dos dois lados da rua. Quando terminou de ficar de pé e de frente para o salão, sentiu o golpe pesado do corpo de uma das criaturas. Amintas engalfinhou-se com a criatura, sendo levado de costas ao chão e dando duas

cambalhotas, agarrado ao corpo do monstro. Um segundo vampiro aproximou-se pela direita. Amintas conseguiu desferir uma boa cotovelada na fuça do novo agressor, fazendo-o afastar-se um instante. A loucura consumia sua mente. Agarrou o pescoço daquele que o levava ao chão e afastou-o de seu corpo. No entanto, o vampiro era mais forte e não sofria com a falta de ar. Manteve-se agarrado ao bento, lançando um sorriso ferino para o guerreiro.

Dentro do salão, incomodado, Duque virou de lado, voltando ao sono mais uma vez.

Amintas sentiu a garra da fera apertando sua traquéia. O ar começava a faltar e lágrimas involuntárias surgiam em seus olhos. Solto o pescoço do maldito e foi erguido pelos braços fortes da fera. Recuou a mão esquerda e lançou um soco na face do vampiro. O agressor soltou. Amintas recuou dois passos, sendo agarrado pela direita e pela esquerda, tento os braços imobilizados.

Ulisses levou a mão no nariz, inspirando e expirando rapidamente, incomodado, sem despertar do sono.

Amintas recebeu um chute no estômago, fazendo com que perdesse as forças nas pernas por um instante. Os joelhos dobraram enquanto gemia de dor. Amintas baixou a cabeça. Um terceiro vampiro agarrou seus cabelos grisalhos e longos pelas costas, puxando-o com violência, fazendo o guerreiro erguer a cabeça. Amintas respirou duas vezes e recuperou a força. Foi o bastante para obedecer a loucura, para querer esfolar aqueles malditos contra o chão. O vampiro Alex ordenou que mais vampiros agarrassem o velho bento. Um deles puxou sua capa vermelha, jogando-a sobre os próprios ombros. Mais quatro agarraram as pernas do bento, mantendo-o em pé, mas completamente dominado. Mais dois ajudaram aqueles que já prendiam os braços do guerreiro.

Alex parou na frente de Amintas.

O vampiro que segurava os cabelos do guerreiro deu novo puxão. Amintas emitiu um sonoro grito de dor.

— Vamos ver como vou dar cabo de você, bento idiota. — disse o líder das criaturas, tirando um facão da cintura e passando o fio na cruz do peito de prata do guerreiro.

Era aquilo que Amintas queria ver. Uma arma de corte. Assim que Alex afastou a lâmina, o bento juntou uma quantidade de saliva na boca, fez uma breve reza e cuspiu no rosto do vampiro, que segurava seu braço direito. O líquido acertou em cheio a bochecha do vampiro e a pele da criatura começou a fumer. O vampiro novato soltou o braço do guerreiro e rolou no chão, emitindo gritos de dor. Bastou os gritos e a baderna para que se distraíssem um segundo e Amintas conseguisse livrar braços e pernas num esforço sobre-humano.

Alex avançou com o facão na direção do bento. O golpe acertou seu braço em cheio. Amintas absorveu a dor e concentrou-se no mais importante. Agarrou o punho do vampiro e torceu seu braço, escutando um "crec" quando o osso deslocou-se na junta do cotovelo. O bento

agarrou o facão e firmou a mão na empunhadura. Quando o vampiro ergueu a cabeça novamente para encarar o guerreiro, sentiu o fio afiado da própria arma atravessando-lhe o pescoço.

Amintas afundou o facão na garganta da criatura. Sua primeira vítima ainda rolava e fumegava no chão. A experiência de quase trinta anos como guerreiro bento lhe ensinara um ou dois truques para a hora do aperto. Retirou o facão da garganta do vampiro e passou a arma de lado dessa vez, fazendo a cabeça do bicho cair no chão de terra. Amintas percebeu que, nesse instante, os vampiros começavam a se refazer da surpresa e a fechar um círculo perigoso ao redor. Contou mais de trinta. Amintas inspirava e expirava rapidamente. Girou o facão no punho enluvado. Até que a arma do vampiro era boa. Tinha passado pelo pescoço como se a carne do bicho fosse de manteiga. Gostava do fio daquele jeito, bem afiado.

Justo sentou-se sobressaltado. Olhou para o salão. Os companheiros dormiam. Não viu Amintas na frente da fogueira.

O primeiro vampiro destacou-se do grupo. Amintas soltou um urro mais ferino que o do demônio. Passou o facão no ar, de encontro à fera. Cruzou o caminho do atacante e parou. O monstro, do outro lado, interrompeu o ataque. Sentia uma ardência no peito. Levou a mão à pele e descobriu um corte imenso do lado esquerdo.

Os vampiros tomaram coragem e saltaram, todos ao mesmo tempo, para cima do guerreiro. Amintas voltou aos berros e ao combate furioso, esmurrando os que se aproximavam e abrindo tantos cortes quantos fossem possíveis nos inimigos que entravam no alcance do facão. Tomava golpes duros, sentindo o sangue brotar no nariz e na boca, mas não parava de contra-atacar. Se iria morrer no meio daquela avalanche de vampiros, iria morrer feito um gato no saco, louco e esbaforido, debatendo-se até o último suspiro.

Finalmente, uma das criaturas conseguiu arrancar o facão da mão do guerreiro. Amintas foi jogado ao chão e recebeu uma saraivada de chutes, a maioria bem absorvidos pela couraça prateada. Foi mais uma vez erguido e agarrado firmemente por braços e pernas. Seu rosto estava roxo e o olho direito inchado, quase fechando. O vampiro que gostara de suas mechas grisalhas voltou a agarrá-lo pelos cabelos, puxando sua cabeça para trás. Amintas juntou mais uma porção de saliva na boca, dessa vez misturada com seu sangue de bento.

O vampiro, ferido da primeira vez, lançou um violento soco no rosto do guerreiro, esvaziando a boca de Amintas.

— Dessa vez não, seu filho da puta. Não vai ter sorte duas vezes essa noite.

Amintas abriu o olho bom, vendo um revoar de capas vermelhas nas costas das criaturas.

— Acho que vou, sim. — murmurou o bento ferido.

Os vampiros mal tiveram tempo de olhar para trás. Ouviram gritos furiosos e o som de espadas rilhando ao serem desembainhadas. Mais bentos!

Ulisses procurou o par de brasas vermelhas mais próxima. A espada zuniu ligeira, separando a cabeça do tronco da criatura. O segundo golpe de espada de prata enterrou a lâmina na barriga do vampiro. A prata queimou a pele da criatura, que tombou logo que o bento removeu a espada.

Justo aproveitou o vampiro caído e pisou nas costas do demônio, tomando impulso para saltar no meio do bolo de criaturas que cercavam bento Amintas.

Os vampiros, acuados pelo quinteto de bentos enlouquecidos com sua presença, tentavam fugir das espadas.

Duque arremessou a espada de Amintas. O guerreiro apanhou a no ar e girou o corpo, rasgando três vampiros de uma vez. Do abdome aberto das criaturas verteu as entranhas negras e fedorentas. Nenhum deles suportou o golpe, indo ao chão, fora de combate. Amintas, com agilidade impressionante para um homem com mais de sessenta anos, virou uma estrela, apanhando o facão caído no chão. Passou a combater os inimigos com as duas lâminas.

Célio correu no encalço de três vampiros, que deixavam o cerco, acovardados. Os vampiros, desesperados, adentraram a agência bancária, imersa na mais negra escuridão.

Célio, tomado pela loucura, sequer pensou na desvantagem. Dentro do banco, guiava-se pelos olhos vermelhos flutuantes das criaturas, perseguindo-as sem descanso. Dentro do salão escuro os vampiros demonstraram súbita retomada de coragem. Separaram-se e prepararam um ataque covarde ao bento. Célio foi atingido por dois pés em suas costas, cambaleou para a frente e a espada escapou-lhe da mão. Um dos vampiros, dotado de excelente visão mesmo no absoluto breu, avançou para a arma do guerreiro. Só não contava que Célio também tinha seus truques. Sempre antes de iniciar um combate contra os noturnos, o bento unia um cordão de couro atado no cabo da espada a uma tira de couro que vinha em seu punho. Bastou um puxão do braço para que o cabo da espada voltasse para perto de sua mão. Bastou um segundo movimento para que o par de brasas escarlate apagassem. Célio levantou-se quando o segundo demônio pulou em suas costas e cravou um par de dentes em seu pescoço. A providencial cota de malha de ferro e a gola alta do colete de couro impediram que os dentes chegassem à sua carne. Célio agarrou o vampiro pelos cabelos e arrancou-o num golpe só de suas costas. Agarrou o vampiro pela nuca e pela calça, arremessando-o para frente. Correu atrás do maldito e, com um segundo empurrão, jogou para dentro do cofre escancarado da agência bancária. O terceiro e último vampiro iniciou um ataque vacilante, mas tentando desviar-se do bento que, inesperadamente, vinha em sua direção. Célio varreu a escuridão com a espada. Não conseguia ver as brasas do agressor, contudo ouviu um baque surdo e o som de alguma coisa arrastando-se. Os olhos vermelhos vivos do demônio ressurgiram no meio do salão junto com gritos de dor.

— Meu braço! Meu braço! — gritava a fera.

Um companheiro bento assomou a porta do banco, trazendo uma tocha acesa.

Com a luz, Célio pôde ver onde o maldito tentava esconder-se. Agarrou-o pelo pé e arrastou-o para dentro do cofre, onde o outro monstro da noite levantava, cambaleando.

O vampiro, refeito do golpe duro da cabeça contra o fundo do cofre, levantou os olhos para os dois bentos no meio do salão. Arreganhou a boca e exibiu as presas afiadas. Já se preparava para saltar para cima de Célio e retornar à contenda quando ouviu a pesada porta de aço recheada de travas deslizar sobre as imensas dobradiças. Alguém estava fechando a porta do cofre!

Ulisses bateu a porta pesada e girou a grande trava, parecida com as travas de escotilhas. Um sonoro "clanc" estalou na sala. Os vampiros estavam trancados para sempre.

Dentro do cofre o demônio de dentes pontiagudos bateu contra a porta. Não cria no que acontecia. Estava selado dentro da merda da arapuca. Olhou para o parceiro de braço decepado. Baixou a cabeça tomado por um ódio avassalador. Eles eram tantos e os bentos tão poucos! Como conseguiam fazer aquilo? Novamente olhou para o colega machucado.

— Estamos trancados?

Sem responder ao parceiro o vampiro virou-se novamente para a porta e desferiu um chute potente.

— Estamos fodidos. — murmurou o ferido.

Do lado de fora, contemplando a imensa porta, Ulisses suspirou fundo e deu um tapinha nas costas de Célio.

— Vamos dormir que eu ainda tô cansado. — disse o mulato. Célio sorriu e meneou a cabeça. Voltaram para a rua de terra. Os corpos dos malditos estavam espalhados por todos os lados, com pedaços retalhados dos corpos caídos por toda parte.

Amintas embainhou a espada e foi até o meio da rua, parando de frente à fogueira.

— Pô, Amintas! Você queria todos pra você?! — exclamou Justo, com sua voz estridente.

Amintas riu antes de responder.

— Eu já estava quase virando o jogo quando vocês chegaram.

— Eu vi. Só se você fosse virar o jogo no além. — retrucou Duque, aproximando-se e batendo nas costas do parceiro.

Ulisses olhou para o céu estrelado.

— Acho que amanhã vai chover. O céu tá muito limpo.

Duque chutou a cabeça de um vampiro, tirando-a de seu caminho. Olhou para o final da rua. Do meio dos jenipapos, surgiu novamente a mãe loba-guará. O animal esguio e de andar elegante veio ligeiro para perto dos bentos. Célio, por segurança, colocou a mão na empunhadura da espada. A loba veio até perto da fogueira e, sob a luz do fogo, abocanhou o braço decepado de uma das criaturas batidas no combate. Apertou a mandíbula com força e voltou rapidamente para o fim da rua.

Os bentos foram voltando em silêncio para dentro do galpão.

— Cuidado para não ter dor de barriga, dona. — murmurou Amintas, abaixando-se junto a um corpo de vampiro e retirando dele sua capa vermelha tomada no meio da batalha.

— Vou dar uma olhada nos cavalos. Vocês podem dormir, eu vigio daqui pra frente. — disse Justo, tomando pra si a responsabilidade da vigília.

— Valeu. — retrucou Ulisses.

Capítulo 42

O líder Elton entrou na enfermaria para assistir os soldados feridos no inesperado evento que sucedera na noite anterior. A surpresa desagradável acontecera horas mais tarde, depois de terem deixado Maria Alice e Eloísa a salvo, nos muros de uma fortificação. Quando toda a tropa imaginava que pernoitariam para um merecido descanso, após dias de jornada ininterrupta, Lucas fora mais uma vez acometido por sua aflição em prosseguir. Bastou um cochilo para que o bento tivesse mais um daqueles pesadelos recheados de presságios sombrios. Lucas confessara a Francis (que tentara inutilmente dissuadi-lo da tresloucada e insalubre idéia de continuar a marcha sem algumas horas de sono para todos), que a visão durante o sono não fora clara. Balbuciara algo sobre um deus índio, um deus Tupi. Tinha visto fogo e fumaça, mas não havia clareza dessa vez. Mas, a voz soprando urgência em seu ouvido tinha estado lá em sonho. Tinha ouvido Bispo ordenando a partida. Tinham que confiar no profeta morto. Tinham que deixar a vila imediatamente. E, mesmo sobre protestos furiosos por parte de bento Teodoro, que parecia ter se juntado ao grupo para discordar o tempo todo de tudo que Lucas falava, os soldados e guerreiros bentos voltaram aos cavalos. Bento Vicente, com olheiras profundas e cansaço visível seguia na frente, ao lado de Lucas. Foi o único a não expelir um murmúrio de protesto sequer. Cavalgava calado e determinado a não deixar o trigésimo bento dar um passo sozinho, sem a companhia de um semelhante. Infelizmente, naquela noite não passaram incógnitos aos vampiros, pois, graças à teimosia do bento, deram no meio de um numeroso grupo de demônios noturnos. Olhou para os soldados finalmente repousando nas camas da enfermaria. Três de seus homens estavam se recuperando. Ironicamente, graças a Lucas, nada grave. Alguns pontos fechando os cortes e pronto. A maioria precisava mais de repouso do que qualquer outra coisa. A equipe não tivera descanso desde a saída dos portões de São Pedro.

O líder dos soldados sentou-se numa poltrona confortável ao lado da cama de Alicate. O homem de braços fortes e um hematoma no olho esquerdo estava dormindo profundamente, melhor remédio que qualquer química que pudesse entrar em seu corpo por uma agulha. Do outro lado, também dormindo de roncar, estava o soldado Carlos, parceiro de Alicate em São Vitor. Elton sorriu olhando para o companheiro de jornada. Carlos era o que parecia mais machucado, com um inchaço importante no rosto e dois cortes extensos, sendo um nas costas e outro na barriga. Talvez não se restabelecesse até a hora da partida. Talvez assim fosse melhor. O rosto inchado e roxo desencorajava uma nova cruzada. Cansado, sentou-se no meio do leito dos dois soldados e baixou a cabeça

— O que aconteceu lá? — perguntou a voz sussurrada de Carlos. Elton olhou para Carlos. O soldado parecia estar lendo seus pensamentos.

— O que aconteceu comigo? — tornou Carlos.

Alicate tossiu na cama ao lado, fazendo Elton voltar-se um segundo. O valente se mexeu no leito, mas não acordou. O líder de São Pedro voltou a encarar Carlos.

— Você foi golpeado na cabeça e apagou logo no começo. Do que você se lembra?

Foi a vez de Carlos tossir. Levou a mão ao inchaço do rosto, emendando um gemido de dor.

— Da porrada eu lembro e não vou esquecer tão cedo. Como deixei me pegarem?

— Estranho seria você sair sem nenhum arranhão.

Carlos suspirou fundo. As imagens estavam voltando. Cavalgavam na noite. Tinham deixado as garotas na fortificação ao nordeste de Belo Horizonte e tinham deixado a vila resmungado por conta do cansaço. Tinham entrado em outra região pantanosa, muito parecida com a que cruzaram escapando da Velha São Paulo. Durante a madrugada, mortos de sono, andando ao que parecia em círculos, sentiam-se perdidos quando, das sombras, os malditos surgiram. Foram cercados. Estrangulados. Os desgraçados eram tantos, em número que jamais viu.

— Quantos morreram?

— Ninguém.

Carlos pigarreou, franzindo a testa. Tinha algo errado naquela declaração. Se o ferimento não tivesse tomado sua memória podia jurar que foram emboscados de forma tão violenta e imprevisível que tornava quase impossível acreditar na resposta de Elton.

— Perdão? Você... você pulou alguma parte? Meu cérebro ainda está aqui?

Elton sorriu.

— É isso mesmo. Ninguém morreu, graças a Deus. Estão todos costurados e sedados, só esperando o corte fechar e a dor passar.

— Sem infecção?

— Sem infecção.

— Sem gripe?

— Sem gripe.

— Mas... Deus, como estou cansado...

— Durma, Carlos. Durma. Vamos precisar de você bom e pronto pra outra o mais rápido possível. Lucas segue ao amanhecer.

— Pode apostar que vou dormir mais oito horas seguidas, mas não prego os olhos enquanto você não me disser como escapamos todos vivos.

— Nem eu... ai... — gemeu Alicate, na cama ao lado, despertando do sono para acompanhar a conversa.

— Bom. Já que eu tenho uma platéia, vou começar.

Mais dois soldados sentaram-se nas camas ao redor. Um era de São Joaquim e outro de São Pedro, sua cidade. Seus nomes; José Roberto e Eric. Ajeitaram-se para escutar a narrativa.

Elton fechou os olhos por um segundo, querendo evocar as sensações daquela madrugada, reavivando a memória. Não precisou esforçar-se demais. Logo voltou a sentir seu corpo balançando sobre o torço do cavalo, a garoa fria sendo jogada pelo vento contra seu rosto e acumulando-se em seu queixo, onde a barba descuidada teimava crescer. O peso do rifle preso à suas costas, o barulho dos outros cavalos vencendo o lamaçal, tudo isso, vinha vivo, recolocando-o lá, no mesmo tempo e espaço. Grandes corujas com olhos brilhantes girando as cabeças empoleiradas em galhos antigos e livres de folhas. O céu fechado e cheio de nuvens sendo carregadas velozmente pelo vendaval acima de suas cabeças. O lugar perfeito para ser morto por aqueles demônios do mundo. Odiava as histórias de pântanos. Quantos soldados haviam caído em cenários semelhantes? Mais do que as histórias, odiava estar ali. Mas, estavam seguindo o "escolhido". Estavam colados no rabo do trigésimo bento, que lhe parecera, à primeira vista, um magricela perdido, com medo da cauda do cavalo, um sem sal. Impossível acreditar que, em poucos dias, um sujeito que parecia um banana, realmente transformara-se num herói. Mais do que um herói. Lucas transformara-se num líder. Um herói pode ser simplesmente um cara, dentro de uma única situação, que de repente, queima num ímpeto impensado de coragem, burrice e reflexo e, *shazam*, salva a velha gorda, a garota do sexto andar, o menino na frente do carro e a bosta do gatinho na merda da árvore. Pronto! Ele é o herói. Um gato Félix da vida. Lucas estava quilômetros longe daquilo. Deus do Céu! Poucos dias e quilômetros longe de ser um simples herói. Elton lembrava de ter notado, antes da baderna começar, Lucas conduzindo, garbosamente, o grupo. Tinha urgência. Tinha ordenado que continuassem. Que precisavam reunir os trinta bentos. Mesmo com os seis corpos enterrados no limite do pântano anterior, continuava obstinado, continuava perseguindo cegamente o que Bispo lhe pedira. Iria reunir os trinta bentos. Não dissera como ressuscitaria os mortos, mas dizia que conseguiria cumprir o pedido. Elton notara algo mais importante que isso. Os homens seguiam Lucas. Bento Vicente, o mais marrudo e indigesto bento que cruzara o caminho, parecia enfeitiçado. Ele, que demonstrara claramente seu desapontamento e sua antipatia para com o novato, parecia agora sua sombra, seu cão de guarda. Resignado e valente, cavalgava ao lado de Lucas. Os homens acreditavam no trigésimo. Estavam dispostos a cruzar outro pântano durante a noite, pela segunda vez, arriscando, literalmente, seus pescoços. E qual seria o pagamento por aquele comprometimento voluntário? O que esperavam? Esperavam o fim do medo. Era esse o prêmio de ouro por guardar a trilha de Lucas e garantir que o magricela transformado realizasse seu intento. Por isso, talvez, uma dose extra de risco e terror valesse o preço. Os quatro milagres. Os milagres não revelados. O que seriam? As quatro armas com as quais acabariam com o medo. Acabariam com os vampiros. Acabariam com as sombras, Fariam voltar o medo tolo do bicho-

papão, do homem do saco, do papa-figo. Medos de crianças. Medos que não avançavam com a mandíbula arreganhada, cheias de agulhas pontiagudas, doidas para estraçalhar nossas artérias e sugar seu sangue. Os milagres trazidos nas vísceras do trigésimo bento baniriam o medo das bestas da noite. Fariam sobrar apenas os medos de criança.

O líder dos soldados de São Pedro começou o relato. Mesmo sabendo que não era necessário, lembrou aos ouvintes os detalhes. A garoa, os cavalos afundando na lama e na água, deixando os cavaleiros com a água roçando os pés, ora chegando a passar das canelas. Como crianças ao redor do vovô, os homens não deram um pio, acompanhando o "causo". Os cavalos tinham alcançado um platô mais sólido, feito um banco de areia. A maioria dos cavaleiros encontrava-se nesse ponto quando deram conta da aproximação das criaturas. Olhos vermelhos dançando nos galhos. Vultos voando no meio das árvores. Boa parte delas secas e galhadas, balançando ao sabor do vento ou cedendo ao peso das criaturas. Elton chegou a arrepiar-se ao lembrar da cena mais dantesca. Vários dos vampiros surgindo da água, como cadáveres voltando à vida, sombras negras emergindo. Foram cercados num instante. Os bentos sendo tomados pela loucura, não hesitariam em atacar, não poupariam suas espadas. A tensão aumentando como o número de sombras ao redor. Logo, não existia mais pântano à vista. Não existiam mais árvores vazias. Eram centenas. Noturnos vindos de um túnel com ligação direta com o inferno. Grunhiam e praguejavam. Juntavam-se mais e mais. Um ataque perigoso, como nunca visto por aqueles seres humanos. Lucas saltou do cavalo, sua armadura encoberta pela manta marrom, a cabeça coberta pelo capuz. Os bentos sentindo o suor descendo pela testa. Seis deles já estavam mortos e enterrados e agora os vampiros pareciam prestes a aumentar esse placar. Pedras começaram a ser lançadas contra os soldados. Até aí todos recordavam. Foi nesse momento, enquanto Lucas gritava as primeiras e impressionantes ordens, que Carlos tombara, vítima de uma pedrada certa na cabeça. Em seguida lanças zuniram, fazendo novas vítimas. Lucas gritava com os bentos. Ordenava que ficassem imóveis. Ordenava que não atacassem. A loucura patente daqueles homens valentes parecia arrefecer com os brados do trigésimo escolhido. A liderança de Lucas revelou-se mais poderosa do que supunham até então. Seguindo seu comando, espantosamente, os bentos abandonaram a loucura e não se atiraram contra o exército de bestas no primeiro instante. Lucas, usando os cavalos, providenciou um círculo, formando uma proteção precária. Estavam cercados pelas brasas rubras, que valsavam ao redor. Os malditos gritavam enquanto mais pedras choviam. Pareciam farejar no ar a presença dos bentos e, por essa razão, deveriam ter hesitado um instante para caírem de uma vez em cima dos soldados. Outro arrepio percorreu o corpo de Elton quando se lembrou dos olhos de Lucas. Duas bolas amarelas acesas na noite. Era estranho. Era diferente. Era mágico.

Lucas, sozinho, havia rompido o círculo, atraindo a atenção dos vampiros. Algum dos malditos deve ter dado a ordem. Todos cessaram o ataque. Um silêncio medonho cresceu. Dentro

do círculo de cavalos, os soldados ajudavam os desacordados, vítimas das pedradas na cabeça e das lanças a manterem-se temporariamente à salvo. O medo exalava do grupo, alimentando a massa inimiga. O sangue, que pingava no banco de areia, devia atizar ainda mais a gana por morte.

— Entreguem os bentos, soldados! — berrou uma voz rouca, do meio dos vampiros.

Lucas procurou os olhos do interlocutor. Caminhou lentamente, deixando o banco de areia, até que a água chegasse aos seus joelhos.

— Entreguem os bentos e serão libertados!

Lucas desembainhou a espada, fazendo o metal prateado retinir.

— Há! Há! Há! Ah! Cuidado, irmãos, o soldado tem uma espada. O círculo de vampiros, cada vez mais numeroso, fechou-se ao redor de Lucas. Urros nervosos cessaram o silêncio.

Lucas baixou o capuz, revelando a cota de malha prateada e o par de olhos amarelos lampejantes. Puxou o cordão que prendia a manta, fazendo-a cair na água.

Os vampiros retrocederam um passo.

— Então és um abençoado! — gritou o vampiro-líder, surgindo somente agora na beira do círculo, abrindo passagem, montado no cavalo negro.

Lucas encarou o demônio. Algo que deveria ter sido um homem de sessenta e poucos anos quando se tornara vampiro.

— Desembainhar espadas! — berrou o bento.

Os quatro bentos, obedientes feito cães treinados, deixaram o cerco de cavalos e expuseram-se no banco de areia, formando agora um círculo externo. Imitando Lucas, desembainharam as espadas, enquanto livravam-se das capas marrons. Suas armaduras prateadas refletiam a luz das tochas carregadas pelos soldados. Suas espadas em riste, prontas para o ataque.

Enquanto isso, dentro do cerco, rodeado pelos soldados, Elton lembrava-se de começar a sentir aquele estranho comichão pelo corpo todo, como uma brasa queimando suas entranhas. Era como se estivesse sendo possuído por algo ruim. Um calor infernal percorrendo as veias. Chegou a pensar num ataque cardíaco e a amaldiçoar o destino por tão cruel momento. Lembrou-se de ser tomado, ser subtraído daquele lugar, ser transportado. Era como se seu espírito flutuasse, levando sua consciência para fora do corpo. Via agora a cena do pântano como se estivesse a dez metros de altura. Tinha se visto no chão! Deus do céu! Parte das lembranças pareciam surgir somente agora, *real time*! Passara a entender, somente agora, que contava a façanha para os enfermos, como o final daquela peleja se desenrolara. Nesse instante, assistiu seu corpo, como controlado por um mestre de marionetes, levantar-se e tirar do cavalo a capa vermelha que enrolava a espada que pertencera a bento André. Sem titubear, tinha desenrolado a capa e tomado a espada nas mãos. Atravessara o cerco de cavalos e postara-se ao

lado de bento Francis, com a lâmina erguida, segurando o cabo com as duas mãos. Então, desse instante em diante, Elton passou a ver bento André, com um ferimento aberto no pescoço, de pé na areia, ao lado dos demais. Era como se seu corpo tivesse se tornado num mero vasilhame preenchido pelo espírito do bento abatido na Teodoro Sampaio. Um segundo depois, viu mais cinco novos soldados desembulhando as espadas do meio das capas vermelhas e, quando atravessavam o cerco de cavalos, deixavam de ser soldados e a figura dos demais bentos mortos chegavam a seus olhos de espírito flutuante. Daquele instante místico em diante passaram a ser dez bentos no círculo externo do banco de areia. Mesmo assim, número insuficiente para fazer frente àquela descomunal quantidade de vampiros num ataque na floresta. Só estavam habituados a ver tantos quando os malditos organizavam-se de tempos em tempos para tentar contra os muros das fortificações. Nas florestas, o mais comum eram os bandos menores, em ataques rápidos e letais, afinal, ali era seu hábitat, era seu território.

O vampiro-líder deixou os olhos correr sobre o grupo. Estava confiante. Não ordenaria o ataque imediatamente. Queria absorver mais daquele medo que emanava do grupo cercado pelos cavalos. Aquilo era uma delícia. O medo humano era um sub-alimento. Algo tão inebriante quanto o sangue. O que poderiam aqueles dez bentos contra suas centenas de vampiros, lutando na mata, lutando na escuridão, bem distantes dos holofotes dos grandes centros? Logo que ordenasse o ataque, os vampiros voariam feito zangões para cima das tochas. Sem luz, no breu e na garoa, os humanos estariam liquidados em questão de segundos.

— Dez bentos, irmãos! Essa é nossa noite de sorte! Os vampiros dobraram os urros.

Lucas avançou mais cinco passos, aproximando-se perigosamente da linha de frente dos vampiros.

O vampiro-líder exigiu imobilidade de seu bando. Deleite. Queria o deleite.

— Hoje é a nossa noite de sorte! — bradou Lucas, de volta. Os soldados, no cerco de cavalos, passaram a observar curiosos, levantando-se aos poucos.

Os vampiros, sentindo-se insultados pela petulância do bento, voltaram aos urros.

O vampiro-líder ergueu os braços, exigindo silêncio. Abriu caminho entre o bando até estar cara a cara com Lucas.

— Que dizes, rapaz? Que tens sorte de estar aqui? — perguntou a voz rouca e sussurrada do vampiro.

Lucas observou por um instante o líder dos vampiros. Uma criatura de baixa estatura, mas de complexão forte. Careca e pálido, trajando roupas esfarrapadas e escuras. Um bicho estranho. Lucas teve vontade de lançar sua espada à frente e aparar a cabeça da criatura. Lutou contra sua gana, do contrário colocaria tudo a perder.

Os vampiros aglomeraram-se mais, formando um cerco cada vez mais denso. E era justamente isso que o bento buscava. Aguardou até que boa parte deles saltou das árvores.

— Digo que hoje é tua noite de azar, vampiro do inferno.

Calmo, dono da situação, o vampiro-líder abriu os braços.

— És cego, bento duma figa?! Não vês que não há chance de escapada?

— Escapada? Quem quer escapar aqui, vampiro do inferno? O vampiro-líder soltou um riso, estupefato. Alguma coisa de nervosismo escapou de sua garganta. Sutil o suficiente para apenas o trigésimo bento, que mirava a besta nos olhos, perceber.

Nesse segundo de distração, Lucas usou de sua velocidade e deixou a espada cruzar o ar, produzido um silvo ligeiro. A cabeça do vampiro-líder rodopiou, levando consigo os olhos vermelhos das criaturas para o alto. Lucas girou a lâmina, fazendo-a descer e cortar ao meio, dividindo em duas bandas, praticamente iguais, o corpo decapitado do vampiro.

Os vampiros, pegos de surpresa, ficaram estáticos, assistindo o corpo do líder abrir-se lentamente em dois, caindo um pedaço de cada lado de seu cavalo.

Lucas deu dois passos para a frente, abandonando o platô seco de areia e afundando o pé na água do pântano. Girou a espada e cravou-a no barro abaixo da água, enquanto colocava-se de joelhos diante das centenas de vampiros boquiabertos. Levaria mais um segundo para que recobrassem a atenção e finalmente fechassem o ataque sobre o insuficiente grupo de soldados e bentos... mas esse segundo precioso era o que eles não tinham. Uma vez de joelhos, Lucas estendeu o indicador e o dedo médio da mão direita de encontro à testa. Depois, os dedos foram de encontro ao ombro direito, enquanto Lucas começava uma reza ligeira, descrevendo com os dedos uma reta no ombro esquerdo, terminado por levá-los pouco acima do umbigo, completando o sinal da cruz. Em seguida, dentro desse segundo precioso, os dedos mergulharam na água do pântano... enquanto Lucas balbuciava o final da prece, deixando escapar, quase inaudível um "em nome do Pai, amém", transformando, imediatamente, toda aquela água lamacenta, em água benta.

— Mas... mas... sabemos que um bento... um bento faz uns poucos litros de água benta por dia. — interrompeu, Carlos, procurando entender a narrativa.

— Mas não o trigésimo bento, meu amigo. Não o bento Lucas.

— Conte a ele o que aconteceu! — pediu empolgado, José Roberto, o soldado de São Joaquim.

Elton estava tão emocionado com sua própria narrativa que, talvez, nem tivesse percebido seus olhos marejados. Continuou o impressionante relato, revelando que assim que Lucas tocou a água do pântano, transformando toda a água ao redor em água benta, o pântano começou a borbulhar e os malditos vampiros não tiveram tempo de perceber o que estava acontecendo. Foram sendo dragados pela água abençoada, derretendo e queimando, transformando-se em tochas ambulantes. Um ou outro conseguiu saltar para as árvores adjacentes e os que nelas já se encontravam trataram de fugir em retirada, sem sequer lançar um olhar para trás,

abandonando os soldados e bentos, agora rodeados pelos gritos e pelo odor de morte causado pelos corpos que ardiam era contato com a água benta.

Incrédulos, os soldados foram deixando o cerco de cavalos tordilhos. Os olhos vagando pela água ao redor. Alguns deles chegando à beira do banco de areia, erguendo as tochas para a luz ir mais longe, para ter certeza de que os demônios tinham ido embora. Em questão de instantes, os corpos foram sumindo no pântano, deixando para trás somente aquele odor acre pútrido no ar.

Olharam para Lucas, ainda com um joelho afundado n'água e os dedos tocando a superfície líquida.

Alicate interferiu na narrativa emocionada de Elton, lembrando que, nesse instante, destacou-se do grupo, olhando boquiaberto para os bentos rodeando os cavalos e para a figura de Elton e mais cinco desses "possuídos" por sabe-se lá o quê, erguendo as espadas de prata feitos bentos legítimos.

— Fui um bento naquele instante. — soltou Elton.

— Acho que não precisamos juntar os trinta bentos para começar a ver milagres. — repetiu, Alicate, o que dissera no banco de areia, naquela madrugada, mas agora com a voz um tanto mais cansada.

Grupo ficou em silêncio por quase um minuto.

— Quando foi que apaguei? — perguntou Carlos.

— Logo no começo. Na pedrada.

— Droga.

Capítulo 43

Os dias passaram nos lombos dos cavalos. Lucas conduzia a crescente comitiva pelas florestas e rodovias do caminho. Agora, depois de tantos dias, à frente daquele destacamento, era como se sempre tivesse pertencido àquele tempo. Como se fosse um guerreiro abençoado há mais de trinta anos e não há trinta dias. Os soldados, feridos na batalha do pântano, já demonstravam ótima melhora e a maioria não trazia mais hematomas aparentes. Tinham, sim, era o semblante cansado em virtude da marcha sem trégua. Bento Vicente ia sempre ao lado de Lucas, tomando para si o posto de guarda-costas, empertigado e conselheiro estratégico do trigésimo guerreiro no que cabia a escolha das melhores rotas a seguir. Bento Francis, sempre ponderado e divertido, cuidava dos feridos que insistiam em acompanhar o séqüito, sendo também o principal consultado pelo bento salvador no que cabia a estratégia e comunicação com as vilas.

Adriano e seus soldados de Nova Luz não retornaram ao grupo, nem em sonhos sinistros com notícias da fortificação distante nem por algum mensageiro. A voz de Sinatra, hora entoando um Tim Maia dos bons, hora puxando um Los Hermanos, fazia falta na comitiva. Ninguém cantava como o soldado. Não tinha graça tentar.

Os soldados ainda sentiam arrepios quando se lembravam dos olhos amarelos de Lucas e de seus pesadelos, empurrado-os de frente ao perigo, de encontro ao desconhecido. Os soldados não diziam, mas depois do episódio dos gorilas passaram a ter medo das visões do trigésimo bento. O sono do abençoado passara a ser velado num misto de receio e curiosidade, sempre acordando com revelações, por sua vez, nem sempre agradáveis. Visões do mal. Visões da noite. Era como se uma sombra rondasse as horas de sono do iluminado.

Estavam agora ao norte de Salvador, na fortificação de Santa Maria, no estado da Bahia. Tinham chegado tomados pelo cansaço, pela viagem sem trégua imposta pelo desejo de Lucas. A maioria entendia a razão de Lucas insistir em seguir, mas não entendia o porquê que ele negava descanso até nas horas da noite, refutando descanso, impondo a marcha sem trégua. Bradava, comandava, ordenava que continuassem, nem sempre os conduzindo a um porto seguro. Dizia que os dias e as horas estavam contados e que só teriam descanso em Santa Maria. Por isso, a comitiva tinha chegado com sorrisos àquelas terras. Sabiam que era ali que o trigésimo bento daria folga certa aos cavalos e cavaleiros. Sabia que era ali que teriam alívio, teriam repouso e preparariam-se para o encontro com os cinco bentos trazidos do norte por bento Duque. Logo eles estariam por perto. O plano bem pensado por bento Francis, lançado semanas atrás, surtira efeito positivo. Sabiam que o bento negro estava adiantado e já cavalgava rumo a Santa Maria, o que facilitaria a união dos irmãos mais distantes da comitiva de Lucas e, agora, sabiam que

faltava pouco para a junção das trinta espadas, como o escolhido costumava referir-se ao famigerado e esperado encontro.

Via de regra, a comitiva era recebida com grande festa nas fortificações. Velas eram acesas na partida, grupos de orações organizavam-se, pedindo, do fundo da alma, que os bentos tivessem sucesso na missão e que após a união dos trinta, que a profecia revelada pelo finado Bispo concretizasse-se, desencadeando os quatro milagres e libertando os humanos das presas das trevas.

Já passava do meio-dia, quando no dormitório onde repousavam os soldados cansados, bento Vicente acordou com os murmúrios de Lucas. O grandalhão parou um instante, olhando detidamente para o rosto do amigo. O trigésimo bento apertava as pálpebras, como se lutasse contra algo em seus sonhos. Vicente descobriu-se e aproximou-se. Lucas, agora, balançava a cabeça e gotículas de suor começaram a brotar na testa. O bento adormecido começou a tremer e ranger os dentes. Vicente, preocupado, aproximou-se. Nunca tinha visto aquilo. Parecia acometido de uma doença! Pensou em chacoalhar Lucas até que acordasse, mas temeu desencadear alguma reação ruim, lembrando que não devia acordar os sonâmbulos... mas Lucas não estava andando dormindo, ora bolas! Mesmo assim, conteve o impulso de sacudi-lo e disparou pela porta do dormitório, quando Lucas começava a gemer e a debater-se. Vicente sabia o que fazer. Correu pelo corredor de madeira até chegar ao salão. Não estava propriamente trajado para andar entre os moradores da pacata vila, não tinha sequer colocado sua malha, andando pelos cômodos apenas com a calça escura, colada aos músculos de sua perna. Não preocupou-se com isso, Lucas estava em apuros, não tinha tempo para colocar as vestes, tinha que chamar Francis. Francis tinha conhecimentos o bastante para lidar com essa nova crise de Lucas. Nunca tinha visto nada tão forte. Atravessou o salão. Francis estava no meio do pátio, conversando com alegres moradores daquela fortificação.

Francis cortou o sorriso quando viu Vicente chegando tão depressa, com o peito nu.

Ao ser visto, Vicente interrompeu a corrida e fez um sinal para que Francis o acompanhasse.

— O que acontece, irmão? — perguntou Francis, começando a correr atrás do grandalhão.

— Lucas... ele não está legal. Venha ver.

Francis não perdeu tempo com mais indagações e seguiu Vicente até o alojamento. Antes de chegar ao quarto já ouvia a voz de Lucas ecoando pelo corredor. Gritava coisas desconexas... coisas assombrosas.

— Inferno! — gritou o bento adormecido.

Bento Francis debruçou-se sobre o homem e levou a mão à testa.

— O que você está fazendo? — perguntou bento Vicente. Francis sorriu, balançando a cabeça e bufando.

— Foi só um reflexo. Diacho! Queria tomar a temperatura dele, ver se estava com febre! Meus instintos médicos falam mais alto que a razão, às vezes.

Francis forçou a pálpebra esquerda de Lucas, olhando sua pupilas.

— Ninguém mais fica doente... — balbuciou o bento médico.

— Está delirando...

— ... Inferno... precisamos ir. A Barreira do Inferno. Francis e Vicente trocaram um olhar. O que era aquilo? Lucas voltou a tremer.

— Convulsões? O que está acontecendo? — Francis assustou-se.

— Ele está tendo um daqueles sonhos de novo. E é um ruim dessa vez, pode apostar. Está até suando.

Francis passou a mão pelo cavanhaque.

— O que vamos fazer? Vamos acordá-lo?

— Não. Senta aí. Sentaram ao lado de Lucas.

Lucas apertou os maxilares. Soltou um grito.

— Barreira do Inferno! Temos que ir. Fogo! Fogo e fumaça! Temos que ir ao Inferno! Eles estão lá! Eles estão lá!

Os dois olharam-se mais uma vez.

— O que ele está falando, Francis? O que é isso, cacete?

— Eu sei lá, Vicente. Você que virou o cão de guarda dele é quem deveria ter alguma pista.

— Eu não sei o que é isso... eu nunca ouvi um bento falar do inferno. Credo em cruz, velho. — benzeu-se Vicente.

— Nós temos que ir para lá! — gritou Lucas novamente. -Temos que ir para lá!

O bento, delirante, ergueu os braços, tentando lutar contra algo invisível.

— Vamos, abrace-o, Vicente. Vamos segurá-lo, antes que se machuque ou machuque alguém.

Os bentos abraçaram Lucas, mantendo seus braços abaixados e centrando seu corpo na cama, para que não fossem ao chão.

— Inferno! Fogo! Fogo! Vamos queimar! — gritava Lucas.

— Santo Deus...

— Pai Nosso que estais no Céu. Santificado seja o Vosso nome... — começou a rezar bento Vicente.

Francis apertou os lábios por um instante. Não sabia o que fazer e, apesar dele ser o médico, Vicente é que parecia estar empregando o remédio certo.

— O pão nosso de cada dia... — juntou Francis a oração. Lucas continuou rangendo os dentes e a gritar coisas estranhas até o final do Pai Nosso. Era como se tivesse possuído por alguma entidade, por algo ruim.

Lucas só foi despertar do misterioso sono horas mais tarde. Quando abriu os olhos encontrou bento Vicente cochilando na cadeira ao seu lado direito e bento Francis, olhando-o, ao lado esquerdo.

— Temos que ir à Barreira do Inferno. Francis sorriu.

— Eu sei. Você berrou isso para todo mundo a tarde toda. Lucas sentia a garganta seca e dolorida. Tentou salivar, mas parecia sem líquidos no corpo.

— Preciso de água.

Francis apanhou a jarra de barro no criado-mudo e serviu o homem desperto, enchendo um copo com o líquido cristalino.

— O que é isso?

— É água.

— Não... estou falando desse negócio de Barreira do Inferno. O que significa isso?

— Estávamos esperando você acordar para nos explicar. Lucas respirou fundo e colocou-se de pé. Aproximou-se de uma mesa, onde estavam seus pertences. Colocou a cota de malha de prata sobre a blusa de mangas longas.

Francis aproximou-se para ajudá-lo com a couraça de prata.

Lucas apanhou a capa vermelha, não mais imaculada, já batida pela viagem incessante, prendendo-a aos dragonetes. Fechou os olhos. Tinha dormido tanto, mas os olhos ainda assim pareciam cansados.

Francis observou-o calado.

— Temos que ir à Barreira do Inferno.

— Do que você está falando, irmão? Que lugar é esse?

— Fogo e fumaça.

Francis sentiu a pele arrepiando.

— Eu vi fogo e fumaça, Francis. Eu vi a Barreira do Inferno. Temos que ir. Todos.

Francis olhou para Vicente. O grandalhão continuava cochilando.

Lucas desembainhou a espada e examinou o fio detidamente.

— Temos que ir.

O som do metal correndo para a bainha encheu o quarto.

Assim que Lucas passou pela porta, Francis chutou a cadeira onde repousava o brutamontes Vicente. O bento colocou-se de pé às pressas.

— Onde está Lucas?

— Seu protegido acaba de sair, Vicente. Vamos. Encontraram Lucas no pátio, sendo rodeado pelos rapazes e pelas crianças que faziam festa pela passagem do trigésimo bento.

Quando o grupo de cidadãos começou a engrossar, logo um destacamento de soldados circundou o bento, protegendo-o do alvoroço. Depois de tantos dias em companhia do legendário "prometido", estavam acostumados à aglomeração de curiosos.

Bento Teodoro foi o primeiro a aproximar-se de Lucas, logo percebendo o rosto pálido e transtornado do jovem colega.

— O que acontece, Lucas?

— Um pesadelo... precisamos partir.

— Para onde?

Lucas piscou várias vezes. Estava de cabeça baixa.

— Onde?

— Eu vi fogo e fumaça, Teodoro.

— De fumaça eu entendo, Lucas. — comentou o bento ruivo com um sorriso irônico.

Os soldados olhavam de Teodoro a Lucas, tentando acompanhar a conversa, enquanto mantinham os curiosos longe da couraça do bento. Todos queriam tocá-lo. Queriam falar-lhe.

— Teodoro... temos de ir ao Inferno.

O bento estacou, olhando para o trigésimo, boquiaberto. O que era aquilo agora? A provação final? Tinham acompanhado aquele homem nos rincões mais perigosos do Brasil. Tinham passado por florestas e pântanos durante a noite. Havia juntado tantos bentos quantos foram possíveis... tinham ouvido da boca de Lucas a promessa de aguardar ali, em Santa Maria, ao norte de Salvador até a chegada de bento Duque com os bentos do Norte e Nordeste. Que papo era aquele de nova jornada? Que papo era aquele de inferno?

— Inferno! — exclamou, incrédulo, querendo confirmar o que temia.

— Eu vi. Vamos encontrar fogo e fumaça. Precisamos salvar os bentos do Norte.

— Mas disse que esperaríamos aqui, bento Lucas. Aqui em Santa Maria. Você me arrancou de Ilha Grande, me arrancou do paraíso para ir ao inferno? Essa eu passo.

— Se ficarmos, perderemos a batalha. Seremos engolidos. A profecia nunca se realizará.

— Mas para onde vamos? O que esses sonhos desgraçados sopraram no seu ouvido dessa vez?

— Desgraçados?!

— Ah! Desgraçados, sim. Por culpa desse seu ouvido do além fomos parar no meio de um monte de gorilas. Já esqueceu?

Dessa vez o trigésimo bento não respondeu ao ruivo.

Lucas emudeceu mais uma vez. Estava tonto e, novamente, sentia a boca seca. Reconhecia-se um louco bradando: Inferno! Inferno! Era natural que não quisessem escutar. Era natural que não quisessem crer. Como ir ao inferno? Como aquilo poderia ser verdade? Mas ele tinha visto. Ele tinha visto fogo e fumaça. Tinha escutado a ordem. Tinha visto a criatura no meio das labaredas.

Um monstro terrível, de pescoço longo e escamoso. Tinha dentes, vinte vezes em quantidade e tamanho ao dos vampiros. Os bentos do norte agora estavam em perigo. Não poderiam cumprir a promessa. Não poderiam ficar e desfrutar da beleza de Santa Maria. Tinham de partir.

Bento Francis e Vicente atravessavam o pátio de Santa Maria. O sol descia e a sombra do muro da fortificação começava a cobrir as plantações internas e um gramado verde que servia de campo de futebol. As casas mais ao centro gozavam da luz amarelada do poente. O grupo de gente ao redor de Lucas aumentava, dificultando a aproximação da dupla.

— Ele está perdendo o juízo? — perguntou, Vicente, atormentado.

— Não. É só um mal-estar. Um pesadelo, daqueles bem ruins. Está estafado, cansado... o organismo prega peças. Há quantas noites nenhum de nós tem um sono decente?

— Ele falou em inferno... será "inferno" mesmo? — insistiu Vicente.

O líder Elton aproximava-se a tempo de ouvir a resposta de Francis.

— Ele falou em fogo e fumaça. Falou em inferno. Na Barreira do Inferno.

Mais soldados juntavam-se aos bentos, indo em direção a Lucas. Percebiam que algo acontecia.

— Barreira do Inferno? — questionou Elton.

— Sim. É para lá que Lucas quer nos levar.

— Eu sei onde fica.

Francis e Vicente pararam e encararam o líder dos soldados espantados.

— Eu lia muito. Sempre gostei de ler.

— Diga.

— Existe um lugar, aqui no Brasil que é chamado de Barreira do Inferno.

— É um lugar místico? — interrompeu Francis.

— Não. Pelo contrário... eu não consigo lembrar exatamente...

— Lembre, Elton. Lucas estava aos berros por causa desse lugar. Estava alucinado.

— Era um lugar científico... uma base de lançamento.

— Lançamento?

Vicente não conseguia ver ligação no que Elton dizia com o pesadelo de Lucas.

— É... a Barreira do Inferno fez parte do programa brasileiro aeroespacial... servia para o lançamento de foguetes que levavam satélites.

— Onde ficava isso?

— Não lembro. Lia muito "Superinteressante"... sempre fui curioso com o espaço... mas não lembro...

— Você consegue essa informação?

Elton ergueu os ombros e olhou para os soldados ao seu redor.

O alvoroço ao redor de Lucas aumentava. Os brados dos cidadãos subiam de volume e os poucos soldados ao redor do trigésimo demonstravam dificuldade em conter a multidão.

— Tem alguma biblioteca aqui em Santa Maria? Tem algum astrônomo que vive aqui?

Diego, soldado local, respondeu:

— Tem a casa da dona Fátima. Lá é um tipo de biblioteca. Ela era professora e continua professora. Ensina uma porção de coisas para a população que frequenta as aulas e para as crianças despertas, que ainda não foram alfabetizadas.

— Leve-o até essa casa. — pediu Francis. — Veja se descobre alguma coisa, Elton. Voando! Já me acostumei com Lucas, acho que vamos levantar acampamento essa noite mesmo.

Elton disparou com Diego, enquanto Francis tentava vencer a multidão e aproximar-se de Lucas.

Cerca de uma hora mais tarde, com o boato de que bento Lucas não passava bem correndo de boca em boca, a população resolveu dar trégua ao trigésimo. Tinham voltado ao alojamento dos soldados, com os líderes e bentos reunidos numa ampla mesa, formada por diversas tábuas sobrepostas em cavaletes de ferro soldado. O grande salão, tão igual a tantos outros em outras fortificações, servia de garagem, oficina e arsenal à milícia local. Santa Maria não era um centro pequeno. Boa parte dos sobreviventes de Salvador haviam migrado para aquela localidade, mas o grosso dos ex-moradores da capital baiana tinha se dividido, fugindo das cercanias do velho centro, indo esconder-se no interior, em fortificações mais distantes. Salvador havia sido palco de grande desgraça. Centenas de histórias de famílias inteiras devastadas pelas nefastas criaturas circulavam pelos lares dos sobreviventes. Os vampiros tinham dominado Salvador, fazendo do centro um covil gigante, como em tantos outros grandes centros urbanos. As metrópoles transformavam-se num labirinto sem fim, propício à caça e a ao esconderijo dos seres da noite.

Quando os bentos presentes começavam a conversar com Lucas, sobre sua inesperada decisão de abandonar Santa Maria, Elton surgiu. Voltava ofegante, como se tivesse acabado de disputar os cem metros rasos. Veio até junto da mesa, sob o olhar de todos.

— Eu descobri... descobri onde fica a Barreira do Inferno. O grupo permaneceu em silêncio.

— Fica ao sul de Natal. Eu estava certo. Barreira do Inferno foi uma base de lançamento de foguetes.

Elton puxou uma caixa de madeira e sentou-se para recuperar o fôlego.

— Então esse lugar existe... — balbuciou Lucas.

— Não sabemos se ainda existe, Lucas. — interrompeu bento Teodoro. — Esse lugar, como tantos outros, é um nome do passado. Foi um lugar... pode estar infestado de vampiros.

Lucas levantou-se.

— É para lá que vamos.

— Não podemos, Lucas. Precisamos descansar. Estamos exaustos. São dez dias de viagem até Natal. Estamos a cavalo. Os veículos a motor estão sem combustível.

— Quanto mais demorarmos para sair, mais vamos demorar para chegar.

— Você não ouviu Teodoro? — insistiu bento Francis. — Aquele lugar pode estar infestado de vampiros.

— Eu vi fogo e fumaça, Francis. Eu vi o inferno, mas não vi vampiros. Temos que ir. Eu tive esse sonho por alguma razão. Se não nos movermos agora, colocaremos a profecia em risco.

— Colocaremos em risco se sairmos daqui sem uma boa razão. Faltam apenas seis de nós para juntarmos todos os bentos, Lucas. Por que mudar as coisas agora?

— Por quê? Não sei o porquê, merda! — irritou-se Lucas, batendo no tampo da mesa e colocando-se de pé. — Só sei que tenho esses sonhos... só sei que tenho que ir. Nosso futuro está em jogo!

— E os últimos dois nos colocaram com a faca no pescoço. Quase perdemos tudo por causa desses sonhos.

Lucas estava nervoso. Seu tórax de prata subia e descia rapidamente. Sua barba crescida deixava o rosto enegrecido e acentuava o ar cansado. Andou até Francis e apontou-lhe o dedo.

— Eu segui a voz... eu sou o escolhido. Não esqueça.

— Quase nos matou... — balbuciou bento Pedro, o último guerreiro recolhido pela comitiva. Bento Vicente deixou a mesa e postou-se ao lado de Lucas, encarando Pedro.

Lucas olhou para Pedro, sustentando seu olhar acusador.

— Eu matei mais vampiros que qualquer um de vocês. Sei que precisamos estar lá. Precisamos ir para a Barreira do Inferno. Os malditos estão no nosso caminho. Não fui eu quem colocou-os no caminho. Quando abri os olhos nessa minha terra ela já estava assim, infestada de demônios que perambulam à noite.

Pedro não respondeu.

— Acalme-se, Lucas. Somos todos irmãos. Todos nós combatemos os malditos, todos nós. Ninguém é melhor que ninguém. Temos todos a mesma missão e a mesma vontade. — disse Francis, em tom conciliatório.

— O problema, Lucas, é que, de algum jeito, os desgraçados estão fechando o cerco. Pra onde essa voz na sua cabeça nos manda, encontramos desgraça. Assim não dá, rapaz. — interveio Teodoro. — A gasolina acabou, meu bagulho acabou... pra continuar essa andança eu preciso de um aditivo. Preciso ouvir um Bob Marley. O bicho tá pegando. Vamos sentar o rabo em Santa Maria. Quando o Duque chegar com o resto dos caras, a gente vai pra esse quinto dos infernos.

— E se eles nunca chegarem? E se Duque e os outros forem mortos por um bando de vampiros? O que você vai falar pra mim, bento Teodoro?

Teodoro ficou mudo, incapaz de responder.

— Ninguém foi escolhido bento para viver um mar de rosas. — continuou Lucas. — Muito menos para ficar com a bunda no chão, esperando um baseado. — dessa vez seus olhos ficaram em bento Teodoro, que abriu um sorriso malicioso seguido de uma expressão de desconforto quando percebeu o olhar dos demais.

— Cada um tem que puxar a sua sentença. Se a nossa pena é seguir Lucas até o inferno, é até o inferno que iremos segui-lo.

Os olhares convergiram para Vicente. O grandalhão estava com expressão séria. Quase não falava nos últimos dias, quando abria a boca costumava ser escutado.

Lucas andou pelo salão. Sua capa surrada balançando nas suas costas. Olhou nos olhos daqueles homens.

— Eu parto essa noite. Com ou sem vocês. Seguirei meus instintos até o fim dos meus dias. Seguirei meu destino. Minha missão é estar onde devo estar, não é perder tempo com incertezas, nem com um bando de descrentes. Estamos aqui, reunidos em Santa Maria para uma razão. Ficar aqui dormindo enquanto Duque e os outros entram na boca do diabo não é nem de perto nosso objetivo.

— Lucas...

— Não gaste argumentos, Francis. A decisão está tomada. Precicarei de vocês ao meu lado... Não só dos bentos, dos soldados também.

Os soldados que se mantinham ao redor dos bentos, mudos e atentos, trocaram olhares rapidamente.

— Não fui escolhido como o trigésimo bento à toa. Isso aconteceu por um bom motivo. E o motivo é que eu não pestanejo. Eu não paro pra pensar. Vou e faço o que tem que ser feito.

Bento Francis inspirou fundo.

— Santos Deus do céu! Que Você nos proteja, pois esse maluco vai acabar com a gente!

Lucas sorriu olhando para Francis. Depois tornou para Vicente.

— Pegue um mapa. Veja com Elton o melhor trajeto até essa Barreira do Inferno. Partiremos assim que a tropa for reabastecida.

Capítulo 44

Anaquias abriu os olhos ouvindo um eco em seus ouvidos. A caverna escura e úmida abrigava centenas dos seus. A criatura soltou-se da parede de rocha e tocou o chão com suavidade. Com rapidez, transpôs os poucos túneis que davam para fora do covil. O ar, ainda quente, revelava que o astro rei deitara-se há poucos minutos. A claridade residual fazia arder os olhos, mas não impedia o início da caçada. Não queria sangue de adormecidos aquela noite. Queria sangue vivo. Queria o prazer da emboscada.

Anaquias correu alguns passos e arremessou-se ao frondoso tronco de um jequitibá. Escalou vinte metros, ampliando o horizonte. Tinha seguido ao norte, como lhe pedira o vampiro-rei. Os cheiros da mata eram diferentes. As árvores eram diferentes. Mas o cheiro da caça era o mesmo. Sangue. Saltou para os galhos mais altos, iniciando o voo de árvore em árvore. O odor da caça desprevenida era forte. Agarrou-se ao galho da árvore seguinte. Balançou o corpo. Seguiu a trilha. Cheiro de vampiros. Caçadores no caminho. Desceu mais. Seus olhos espectrais varreram a floresta. Vozes. Criaturas da noite ávidas em saciar a fome. A seus olhos eram novos seguidores prontos para serem agregados ao novo exército. Bastaria contar a boa nova, contar que estava em conexão com o espírito da noite. O espírito do vampiro-rei... o único vampiro com alma. O vampiro fantasma. Anaquias fechou os olhos, enebriando-se com a presença de seu deus noturno. O vampiro-rei tocando sua mente e despejando suas vontades. Precisava de mais vampiros. Precisava de um exército glorioso para preparar sua chegada. Precisava de vampiros e de informação. O vampiro-rei projetou uma imagem em sua mente. No grupo adiante teriam que lhe dizer uma coisa. Uma coisa importante. Abriu os olhos vermelhos como brasas, como despertando pela segunda vez do transe de repouso. Esqueceu do cheiro da caça e passou a farejar os vampiros. Estava faminto. Faminto e perigoso. Mas precisava cumprir a vontade do vampiro-rei. Precisava cumprir o desejo do deus da noite. Antes dos humanos encontrou o grupo de caçadores. Estranhamente, reconheceu a vampira de pele negra. O vampiro-rei soprou-lhe um nome. A maldita atendia pelo nome de Santana.

Anaquias expôs seus dentes longos e desceu de encontro ao grupo. Saltou do galho, caindo no centro do círculo formado pelos vampiros. Os confrades ergueram os olhos para o forasteiro, também exibindo seus dentes pontiagudos. Santana foi a única que se esquivou. Aquele rosto... de alguma forma lhe parecia familiar.

O primeiro e mais arisco dos vampiros atirou-se sobre Anaquias. O vampiro do sul cravou as garras na face do atacante, fazendo brotar da pele dilacerada gotas negras de sangue viscoso. Saltou para o ar, desviando-se do segundo atacante. Agarrou a mão do terceiro, produzindo um estrondoso "creck" ao esmagar os ossos do punho do agressor.

— Parem! — bradou a vampira-líder.

A risada de Anaquias alastrou-se pela noite.

— Sabia, Santana. Sabia, Santana.

— O que veio buscar, vampiro?

— Briga, certamente, não foi. — respondeu Anaquias. Santana expôs seus dentes ferinos.

Anaquias deixou os olhos brilharem num vermelho intenso, cobrindo ao redor com um espectro rubro.

— Vim atrás de informação, vampira. Informação importante.

— O que quer saber?

— O que é a Barreira do Inferno?

A vampira permaneceu calada um instante... depois seu rosto abriu-se num sorriso maligno, exibindo as presas mais uma vez.

Capítulo 45

Lucas caminhou entre os homens. Cada qual agarrado ao seu tanto de suprimento e à sua arma. Apesar do espaço vasto sobre o convés do cargueiro, os bentos haviam se juntado em um canto, formando um aglomerado de couraças prateadas, tilintar de cotas de malha e capas vermelhas surradas. A maioria dos soldados dormia. Vicente havia convencido Lucas que descansar seria o melhor antes da partida, pois o melhor caminho cruzava com a velha Salvador e não seria nada sabido querer incentivar os homens a uma viagem à Barreira do Inferno, começando com o inferno propriamente dito. Esperariam a luz do sol e cruzariam a velha capital durante a luz do dia. Os mulos seriam obstáculo menos comprometedores que a legião de vampiros soteropolitanos. Junto com Elton e dona Fátima, Vicente havia descoberto que o caminho mais rápido e seguro seria pelo mar. De navio, subiriam a costa brasileira, mantendo-se afastados dos malditos mesmo durante a noite, e desembarcariam ao sul de Natal, razoavelmente próximos à base de Barreira do Inferno.

Decididamente, a sensação era nova. Lucas não se lembrava de ter feito um cruzeiro em sua vida pré-adormecida, mas, apesar das lembranças reais serem negadas, tinha a nítida sensação de já ter passado por ali, por aquelas águas. Algo dizia que estivera num barco menor... numa embarcação ligeira. Nessa ocasião obscura em seu cérebro só sabia que, como agora, tinha estado sobre o mar seguindo alguma coisa... seguindo um instinto. Baixou os olhos para a água. Não sabia o que procurava nem o que procurar, só sabia que nunca havia estado num navio daquele tamanho. Lembrou-se do capitão dizendo diante de seu queixo caído que aquela fragata era uma das pequenas. Debruçou-se sobre a amurada e vasculhou as águas cortadas pelo casco. Não havia nada ali na água. Desviou os olhos do oceano. Mirar aquele mundão de água só lhe trazia tristeza. Só lhe trazia aperto. Decididamente o mar não era seu lugar. Olhando para o convés do navio, pegou-se, mais uma vez, impressionado com as dimensões da embarcação e olha que, como o capitão dissera, vinha no menor, pois o cargueiro, que tinha o dobro do tamanho, vinha atrás, trazendo os cavalos da tropa. Não que aquilo fosse um pacote da CVC, com direito a cruzeiros num "Queen Isso ou Aquilo", mas até que era interessante estar no navio. Fora muita sorte ter encontrado dois navios em condições de prosseguir jornada, coisa rara nos dias de hoje. Não só pela manutenção do equipamento, mas pela disponibilidade de combustível a bordo. Caso tivessem que procurar pelo diesel, o plano jamais teria dado certo. Levariam dias para juntar tanto combustível. O segundo navio era mais parrudo e lento, deixando aumentar gradativamente a distância entre os dois. A superfície do mar brilhava com o sol forte. As vozes das conversas iam e vinham em seu ouvido, enquanto sentia o vento cruzar o convés e balançar seus cabelos. O avançar do navio era ligeiro, bem apropriado para a emergência, e o casco

rasgando a água provocava um barulho ritmado e gostoso. Pelos cálculos de Elton, Vicente e de mais dois soldados que haviam sido marujos no passado, a embarcação atracaria no Rio Grande de Norte dentro de um dia e meio. Certamente seria mais rápido do que cruzar o nordeste, ao menos dois Estados, nos lombos dos cavalos. Indo pelo mar também evitariam novo confronto com os malditos sugadores de sangue. Mas, mesmo tendo encontrado aquela rota mais segura, os bentos e boa parte dos soldados formavam oposição, seguiam contra vontade para o norte da região nordeste do país. O que fariam lá? Lucas havia prometido uma pausa, um descanso. Os mensageiros haviam partido há vários dias. Os bentos viriam a Santa Maria. Viriam ao estado da Bahia para a junção das trinta espadas, para o ponto de encontro. Não entendiam a mudança repentina nos planos. Aos olhos da intriga que brotava, Lucas agora parecia afastá-los do motivo principal da jornada. Estava expondo o grupo a um perigo desnecessário. As últimas excursões tinham sido atrapalhadas, perigosas. O respeito e admiração dos homens havia se convertido em medo. Mesmo Lucas tendo prestado tão maravilhosa demonstração de poder místico, revelando ter a habilidade de transformar a água de um pântano todo em água benta, mesmo correndo de boca em boca que o líder Elton tinha visto o espírito do seis bentos no banco de areia, o medo germinava e ganhava raízes nos corações acuados da soldadesca. Com medo, começavam a destruir o mito, esquecer as verdades ao redor do trigésimo e colocar em xeque suas virtudes, sua guia e liderança. Começavam a afundar num posso de lamúrias, escusas e acusações... queriam a segurança do muro... queriam descanso. Não queriam os rincões a noite, a mercê das criaturas das trevas. Se poderiam esperar em Santa Maria, por que não o faziam? Seria mais difícil ser morto numa fortificação preparada para a defesa, do que morrer no sertão. Tinham medo. E o medo construía todo o tipo de história. Por sua vez, Lucas tinha certeza do que fazia. Só não tinha certeza do que encontraria. Sabia que tinha que ir à Barreira do Inferno. Sabia que lá encontraria os bentos restantes. Que deveria defendê-los. Defendê-los dos malditos. Sabia que estavam com medo. Aquele incêndio cego de fé e devoção que ardia na alma de seus seguidores arrefecia, bombardeado pelas tempestades dos últimos acontecimentos. O desgaste físico dos últimos dias havia corroído além das fibras de seus seguidores, também suas convicções. Durante as horas sem sono e o avanço sem trégua haviam se distraído e engolido a semente da dúvida e em suas entranhas essa merda germinava. Os cochichos funcionavam como esterco, que alimenta a raiz, que sustenta a erva. Erva daninha. Mas o bento estava determinado a não dar ouvidos às conversas, não dar chance aos argumentos. Até mesmo aqueles argumentos, que quando bem calçados, eram capazes de balançar qualquer fundamentalista, capazes de abalar certezas. Entretanto, Lucas não queria dar essa chance. Tapava os ouvidos. Mantinha sua força de líder, mantinha seu olhar. Tinha que ir e levar seus homens à Barreira do Inferno. Era isso que a voz transformada de Bispo lhe soprara no pesadelo. Era isso que importava. Levar os homens de encontro ao destino, sem vacilo, sem chance para o erro, sem chance para os

vampiros. Tinha que estar lá quando acontecesse. Lucas inspirou fundo e baixou a cabeça. "Acontecesse" o quê? Isso ainda não sabia. Isso o danado do Bispo não conseguira revelar, nem dar resposta. Era como ele havia dito em outra ocasião. Uma peça de quebra-cabeça. Cabia a eles, os escolhidos abençoados naquele navio, sacar as espadas e juntar as peças.

Capítulo 46

Anaquias subiu no galho mais alto. Abriu um sorriso largo quando viu as colunas vermelhas caminhando no solo, dentre as árvores, vindo em sua direção. Em razão de seus últimos sucessos, suas últimas conquistas, nenhum conselho de vampiros ousava dizer-lhe não. A notícia de que o vampiro reunia soldados para uma organização suprema do exército da noite corria de ouvido em ouvido, seduzindo cada vez mais seres das trevas. Anaquias executava diante de seus olhos algo mágico, tão mágico quanto seus corpos mortos e ambulantes. Anaquias SABIA. Anaquias VIA. Anaquias VENCIA. Os líderes vampiros estavam rendidos aos pedidos do vampiro profeta. Por isso Anaquias contemplava abaixo dos seus pés o numeroso exército vampiro marchando a caminho do leste. A caminho da Barreira do Inferno.

Anaquias havia visto o espectro maldito. Anaquias havia visto os bentos unindo-se ao sul de Natal. Anaquias deveria estar lá. Anaquias deveria impedir. Essa era a ordem do vampiro-rei. Do vampiro desaparecido. Anaquias deveria organizar um número de criaturas da noite, haveria de fazer delas um bloco unido, um bloco com propósito. Deveria organizar o ataque. O vampiro-rei lhe soprara ao ouvido. Tinham que vencer. Eram maioria. Do contrário, seriam esmagados pela energia apontada aos humanos. A energia tomava partido. A energia tornava desigual... tinham que tirar partido da ignorância humana. Os olhos humanos não tinham sido abertos, nem pelo mais sábio e receptivo deles, pelo homem chamado Bispo. Bispo via com a energia, mas não lia nas entrelinhas. O velho aguardara mansamente... olhando para um tabuleiro as trinta pecinhas mexendo-se, preparando-se para o turno de jogo... Ah! Os vampiros aproveitaram a piscadela. Os vampiros tramaram contra o sangue de Bispo! Agora aquele bendito trigésimo! Ainda engatinhava na energia. Um cego com um maravilhoso cão guia... mas ainda um cego. O trigésimo ouvia os sussurros agonizantes da energia soprando em seus ouvidos por meio das migalhas de Bispo que mantinham-se conscientes no estômago do vampiro-líder. Mas o vampiro-rei era o oposto de cego levado por um Pincher-guia. Esse não era um cego! O vampiro-rei via tudo e lhe dizia tudo. O vampiro-rei era o verdadeiro portador da libertação. O vampiro-rei jazia com o sangue escolhido nas veias. Tomara para si o destino e passara ele a ser o escolhido, feito lobo sob a pele de cordeiro. Enganara o universo. Enganara as energias. Fazia com que ela lhe soprasse a boas novas. Soprasse-lhe qual passagem diante a bifurcação os vampiros deviam tomar. Unia-se com o mundo místico e trazia receitas do espaço oculto. Um vampiro-bruxo. Era isso. Um vampiro-bruxo. O vampiro-rei. Anaquias não podia parar de recrutar, preparar um exército para a chegada do mestre de todos os vampiros. Anaquias teria de liderá-los, tal qual fazia o maldito trigésimo guerreiro dos humanos. E lá estava, passando abaixo dos seus pés, um rio de brasas, marchando, ordinários, silenciosos, em busca do confronto, no fito de liquidar com

a estratégia dos bentos. Acabar com a esperança dos humanos. Dizimar em um só ataque a maioria dos guerreiros místicos da luz que defendiam os muros das fortificações contra os guerreiros místicos das trevas. A chave para alcançar sem grande perda todos os Rios de Sangue do Brasil Novo. Para alcançar a vitória. Tinham que acabar com os bentos antes que se unissem. Tinham que devorá-los feito dragões famintos diante de carne sangrenta.

Anaquias saltou veloz dentre os galhos, fazendo o cume das árvores oscilarem com suavidade. Abriu mais uma vez seu sorriso maléfico, saltando ao ar e descendo até seu cavalo, carregado pela rédea por outro vampiro. Anaquias tomou as rédeas para si e bateu com os calcanhares na montaria que disparou. Pouco mais a frente, Anaquias virou-se para contemplar, mais uma vez, seu maravilhoso exército de trinta mil vampiros, marchando, silencioso, assustador, magnífico. A superioridade daria cabo do destino.

Capítulo 47

Duque e seus guerreiros chegaram a Nova Natal por volta do meio dia. Logo que adentraram os portões, notaram uma agitação tremenda dentro dos portões. Viram uma fila interminável de caminhões estacionados no meio da rodovia que cruzava a fortificação de fora a fora. A brisa marinha invadia os muros do forte, trazendo um cheiro agradável ao olfato. Amintas apontou para os amigos. Viram homens carregando macas, num entra-e-sai sem fim de um complexo de cerca de dez galpões altos. As macas traziam adormecidos, que eram conduzidos para os caminhões. Bento Justo deixava o dedo dançar no ar, apontando para cada caminhão para não perder a conta.

— Quarenta caminhões. Nossa! O que estão fazendo?

Duque e os demais sabiam que Nova Natal possuía um gigantesco depósito de adormecidos. Ao que parecia os corpos em suspensão estavam de mudança.

Alguns moradores aproximaram-se da comitiva de guerreiros abençoados. Vinham tocar suas capas e pedir proteção.

Amintas foi o primeiro a desmontar e pousar a mão enluvada na cabeça de uma garotinha que aparentava seis anos.

Célio viu um rapaz encapado deixando um dos galpões. Era bento Augusto. Sinalizou para bento Duque. O negro ergueu o braço e acenou. Andaram de encontro ao sexto e último bento. Duque abriu um sorriso largo, não contendo a satisfação. Finalmente havia concluído sua parte. Agora conduziria todos a Santa Maria, para o encontro final.

Augusto caminhava rapidamente, com a capa vermelha esvoaçando para trás junto com seus longuíssimos cabelos negros e lisos. Duque notou uma extensa cicatriz no lado esquerdo do rosto pálido do bento. Nunca tinha visto Augusto, talvez por isso tivesse se impressionado tanto com a vivacidade dos olhos azuis escuros do guerreiro. Azuis feito duas bolas de gude.

— Satisfação em vê-los, irmãos! — disse Augusto, aproximando-se e estendendo a mão. — Seu mensageiro chegou há poucos dias me avisando do encontro. Não imaginam minha alegria em saber que viriam, e mais, que o trigésimo bento estava desperto.

Os guerreiros trocaram abraços fraternos fazendo as couraças repicar ao contato.

Augusto olhou para os caminhões e de volta para os amigos.

— Bem... acreditava que vocês chegariam dias mais tarde. Vieram rápido.

— Sim. Tenho urgência em entregar vocês a bento Lucas. Os vampiros estão mais perigosos a cada lua. O desfecho da profecia chega em boa hora.

— Sigo com vocês, como é sua vontade, mas antes tenho que terminar o que comecei.

Os bentos olharam para Duque. Esperavam que Augusto partisse prontamente.

— O que te prende aqui, irmão? São os caminhões?

— Exatamente, irmão. Concordei com o líder de Nova Natal a trasladar boa parte dos adormecidos desta fortificação para uma nova.

— Nova?

— Sim. Nossos grupos de busca têm encontrado muitos adormecidos recentemente. Estamos voltando das cidades mais distantes cheios de pessoas com sono. Tivemos também sucesso na destruição de um covil de vampiros que mantinha um Rio de Sangue. Estamos ficando sem espaço por aqui.

Começaram a andar em direção aos caminhões.

— Esse comboio irá levar os adormecidos para nossa nova fortificação. — continuou Augusto. — Esse lugar teve uma imensa instalação adequada às necessidades dos médicos em manterem os adormecidos em condições minimamente humanas. As preparações terminam hoje e esta noite partiremos com o comboio para a nova casa.

— Onde fica esse lugar?

— Barreira do Inferno. Já ouviram falar?

— Era uma base de lançamento de foguetes ao sul de Natal, não era?

— Era não. É. Só falta foguete pra lançar. Até tem um lá, abandonado pós-Noite Maldita, mas depois de trinta anos é um monte de ferro-velho. Agora, a base, meus amigos... parece que foi construída ontem.

Chegaram ao fim do primeiro caminhão. Duque achava impressionante a quantidade de adormecidos que passavam nas macas e eram levados às carrocerias dos veículos. Olhou para um dos compartimentos. O interior havia sido tomado por estruturas de madeira montadas de formas geométricas lembrando colméias. Os corpos eram empilhados em grande quantidade, formando corredores por onde os homens andavam. Cada adormecido era separado por uma distância mínima do corpo seguinte. Seguramente contariam com ventiladores ou algo similar para garantir a ventilação adequada para os corpos. De ouvir os médicos em outras ocasiões sabia que aqueles corpos consumiam uma taxa muito diferente do que eles, os despertos. Os adormecidos queimavam o mínimo de energia, exigindo pouco oxigênio no organismo para manterem-se vivos. Mesmo assim precisavam de ar circulando nos pulmões. Olhando novamente para as estruturas onde eram empilhados chegava a sentir ansiedade. Provavelmente Duque sofria de claustrofobia.

— Como a base pode estar tão conservada assim? — perguntou Célio.

— Vive lá um carinha singular. Vocês verão que figura. Apelidamos o sujeito de Franjinha. Parece cientista. Vive inventando coisas. Montou um gerador de energia elétrica para abastecer o centro, sozinho. Tudo funciona na Barreira do Inferno. Os computadores, as fiações. Até a conservação dos jardins e as pinturas dos edifícios é mantida em dia pelo Franjinha.

— O que você quer dizer com "verão" ? Nosso destino é Santa Maria, bento, ao norte de Salvador.

Augusto encarou Duque.

— Não vou abandonar meus homens na reta final, desculpe Duque.

— Temos que nos juntar a Lucas. — insistiu o bento negro.

— Veja. Os caminhões estão quase cheios. Só não partiremos em uma hora por causa do sol. Se fecharmos essas carrocerias com toda essa gente aí dentro, será um massacre. Seremos piores que os vampiros. A temperatura vai subir tanto que eles morrerão no meio do caminho. Só poderemos viajar quando anoitecer.

— Justo no anoitecer. Por que não vamos de madrugada, faltando pouco para o amanhecer?

— O caminho está limpo, Duque. Temos monitorado a estrada há semanas. Faz meses que nenhum ataque acontece por essas bandas, nem aqui, nem em povoado nenhum ao redor. E tem outra coisa.

— O quê?

— Segundo Franjinha, a Barreira do Inferno nunca foi atacada. O cara nunca viu um vampiro na vida dele, cara. Se cruzar com um na mata é capaz de dar boa noite e passar batido.

— Não sei. — refletia Duque, passando a mão na cabeça. — Acho arriscado.

— É seguro. Os soldados vão fortemente armados nos caminhões. Vão carregados em excesso. A viagem dura cerca de quatro horas, no máximo. Nós partiremos agora. Tem um veículo à minha disposição. Eu partiria agora mesmo, pois sou o responsável pela segurança na Barreira do Inferno.

— Partimos agora? — quis confirmar Duque.

— Agora. Nossos cavalos serão levados num dos caminhões. Vamos em um carro rápido. Chegamos na metade do tempo do comboio. Faremos o percurso em duas horas, no máximo. Amanhã pela manhã, como é seu desejo, partiremos para Santa Maria.

Duque estendeu a mão para o bento de olhos azuis.

— Fechado.

Capítulo 48

Lucas segurava firme a amurada do navio. Os motores potentes faziam a embarcação singrar o mar, cortando velozmente as águas. O sol descia de encontro ao horizonte, tirando da terra a luz protetora que manteria os homens livres das bestas. O turno do jogo mudava de lado. Era a vez dos vampiros moverem-se no tabuleiro.

Ao adentrarem o estado do Rio Grande do Norte, o mar mostrara-se mais bravio, jogando o barco para cima e para baixo, num sobe e desce incessante que custou a tripa de muitos dos soldados.

Elton alcançou Lucas e parou ao seu lado.

— Está vendo aquelas falésias? — perguntou, apontando o continente.

Lucas mirou na direção apontada. Via uma extensa faixa branca. Uma muralha de areia.

— De acordo com o que eu li na biblioteca da Fátima, o apelido de "Barreira do Inferno" vem dessa areia. Essa listra de areia branca reflete com intensidade a luz do sol nascente, enganando os olhos dos marujos, que imaginam ver um muro de fogo, não um muro de areia.

Lucas sorriu.

— Barreira do Inferno... — fazia sentido.

— Devemos estar perto do destino. — emendou o soldado. Lucas sentiu um arrepio percorrendo-lhe a espinha. Chegava a hora de descobrir o significado de tão estranho pesadelo. Por que tinham sido carregados para lá? Por que os sonhos lhe imbuíam de tanta urgência e faziam com que arrastassem aqueles homens ao extremo da capacidade, ao extremo da fé no invisível? Os milagres estavam em xeque. Caso algo sáísse errado... sabia que muitas vidas seriam perdidas. Por onde passavam recebiam notícias de ataques de vampiros, que pareciam mais e mais organizados a cada noite. Mais e mais fatais. Alguma coisa estava acontecendo. Podiam sentir o cheiro de algo mudando. Alguma coisa estava favorecendo as criaturas. Era como se eles, os bentos, estivessem perdendo a força. Bento Vicente aproximou-se.

— Lucas, estamos a quarenta minutos da costa. O segundo barco levará mais de seis horas até aqui. Pensamos em ancorar e repousar em alto-mar. Está escurecendo. Será mais seguro para o descanso dos soldados.

O trigésimo aquiesceu em silêncio. Soltou-se da amurada e caminhou para o meio do convés, observando por um longo instante a tripulação composta, na grande maioria, por soldados que faziam sua escolta. Passou a mão pela barba cheia e fitou mais uma vez o céu rubro. A visão de fogo e fumaça tomou-lhe os olhos.

— Assim pode ser, bento Vicente. Deixe os homens descansar. Quanto a nós, os dezoito bentos, devemos continuar nossa jornada. O destino nos reserva um episódio inadiável nas terras do Rio Grande do Norte, esta noite.

Os homens mantiveram o silêncio, mirando a figura incansável de bento Lucas.

Depois de quase um minuto foi a voz de bento Teodoro que ergueu protesto.

— Está louco, homem? A noite está chegando. Não sabemos o que nos aguarda no litoral. Não podemos ir.

Lucas encarou Teodoro, depois os outros ao redor.

— Nada, tema, bento Teodoro. Foi escolhido por alguma razão, do contrário não portaria esse peito de prata, bravura e uma espada afiada na cintura. Fui feito um bento por algum motivo, certamente não para ficar nesse barco enquanto os outros vão de encontro ao destino. Vão de encontro ao que foi visto pelo velho Bispo. Fará parte do meu grupo, por favor, bento Teodoro. Nada tema, mas, se meu pedido é demais, não desperte o temor nos restantes.

— Não é medo, Lucas. Não estou com medo. — respondeu Teodoro, erguendo os braços. — É só a razão. A lógica. Você já nos arrastou até este fim de mundo, às cegas, e agora quer nos tirar do barco com a noite entrando. Deixe-nos descansar. Essa correria de nego na larica não faz sentido.

— Não. Não faz. Nem mesmo acordar preso à uma maca, com um tubo de soro hidratante na veia me fez sentido. Nem mesmo arrancar a espada da bainha e destroçar trezentos e sessenta vampiros no meu primeiro combate fez sentido. Muito menos sonhar com o nome e com um lugar que eu nunca vi e agora tê-lo a minha frente. Os homens mantiveram silêncio.

— Estou num barco, cercado por irmãos, apresentados pouco mais de um mês atrás. Quando o velho Bispo me disse que eu guiaria essa gente até o desenlace dos prometidos milagres, não busquei sentido, Teodoro... busquei a estrada. Alguma coisa me diz que tenho que chegar lá o quanto antes, por isso não ficarei aqui mais nenhum instante. Deixe os soldados aguardarem pela luz do dia, pela segurança do sol, mas nós, os escolhidos para o combate, devemos avançar... agora.

Teodoro emudeceu. Não poderia argumentar contra o líder. Lucas era o trigésimo bento. Era firme e resoluto. Era uma chama que ardia diante de seus olhos. Engoliu a saliva que se juntava na boca. Ajeitou seu cabelo vermelho rastafari. Tinha medo sim. Tinha medo, pois nos últimos dias havia visto mais coisa estranha acontecendo do que em toda sua vida. Lucas agia estranhamente, colocava a todos em perigo e em situações que pareciam desnecessárias. Uma situação atrás da outra. Primeiro o tirara da ilha no meio da noite. Depois aquele encontro com os gorilas, quando ele havia prevenido sobre o perigo. Tinha tido também a travessia do rio, onde

dois soldados foram devorados pela correnteza. Tudo por culpa de uma marcha sem paradas. Parecia mais um ditador do que um salvador. Perdera o ar inocente e também a leveza. Estava duro e incoseqüente. Teodoro tinha medo e razões para tanto. Mas cabia-lhe obedecer. Não seria um covarde. Se o grupo marchava com Lucas, assim marcharia. Não lhe cabia duvidar da escolha. Não lhe cabia duvidar do destino.

— Bento Vicente, providencie nosso transporte. — ordenou o trigésimo, diante do mutismo do bento discordante.

Vicente foi até a ponte de comando, retornando instantes depois com soldados que tinham tido experiências náuticas antes da Noite Maldita. Sob orientação destes conseguiu embarcar os dezoito bentos numa embarcação menor, contando com um possante motor. A lancha verde-oliva, feita de borracha inflada, passou a descer lentamente, atada a cabos de aço, atrelados a um mecanismo controlado do convés. Com o sol baixando do outro lado da embarcação, os bentos afundaram precocemente na escuridão, a qual apanharia a todos em menos de meia hora.

Vicente soltou os cabos, que foram recolhidos mecanicamente, serpenteando em direção ao convés. A embarcação menor ondulava ao lado do casco do grande navio, dando a impressão que seria engolida para baixo da água, caso uma daquelas marolas fosse mais violenta. O bento apanhou um remo e afastou a lancha do velho casco, manchado e tomado por crustáceos que há muito aderiram ao metal fazendo do navio sua moradia. Assim que conseguiram afastar-se cerca de cinco metros, Vicente atravessou com dificuldade o bote cheio e chegou ao motor de popa. Tinha escutado atentamente os ex-marujos e não teve dificuldade para encontrar a partida do motor. Acionou a bateria e injetou gasolina para, em seguida, puxar o cordão que girava o motor de arranque. Na terceira puxada, o motor roncou e impulsionou a lancha num coice inesperado. Os bentos agarraram-se às cordas que rodeavam a lancha de borracha, buscando firmeza. Deram espaço para que Vicente sentasse junto ao motor e, por meio da manopla atada ao leme e ao acelerador, guiasse a embarcação inflável até o litoral.

Os primeiros quinze minutos correram bem. Os bentos iam calados, com o vento farfalhando seus cabelos e capas. Os semblantes estavam longe de mostrar paz de espírito e contemplação da bela paisagem que cada vez crescia mais no litoral. Cada qual imerso em seus pensamentos, criando coragem para seguir Lucas, cada vez mais cegamente, tal qual seguidores fanáticos de um deus que caminhava na terra, submetendo-os às mais duras provações de fé. Lucas tinha dito bem, não cabia a eles julgar a urgência do trigésimo bento. Fosse todo bento agir igual, com total senso, razão e previsibilidade, qualquer um deles poderia ser o eleito. Lucas era diferente. Lucas ia ao encontro dos milagres. Ele ouvia coisas. Ele sonhava coisas. Ele recebia comandos. Alguns chegavam a achar que Lucas, de alguma forma, ainda tinha contato com o

falecido Bispo. Só assim para explicar as visões e os pesadelos premonitórios, situação bem semelhante a das predições do velho Bispo. Temiam o caminho. Temiam a direção. Pois não eram meros expectadores, que ouviriam esses causos da boca de outrem. Eram eles, aquele conjunto de quase vinte cabeças, os peões que desenhariam aquela aventura. Eram eles que dariam nome e forma às fábulas vindouras que seriam eternizadas pelos letrados da ocasião. Suas vitórias, vidas e mortes seriam contadas às gerações vindouras. Suas mortes, sabiam que parte deles morreria, a grandiosidade da missão e a preocupação demonstrada por Lucas em alcançar quanto antes os bentos na Barreira do Inferno davam uma dimensão do perigo pela frente. As gerações vindouras honrariam seus nomes. Leriam num grande livro seus feitos e sua luta contra os demônios das trevas. Haveriam de depositar sobre os mausoléus imponentes onde seus restos mortais descansariam, oferendas e graças pelo sangue dado na luta pelos quatro milagres. Muitos deles ali no bote entreolhavam-se, tentando adivinhar qual deles cairia. Não há grande vitória sem grandes heróis. Não há grande história sem mártires. Não se juntam heróis sem um punhado de cadáveres. Lucas era poderoso. Era uma fera no combate aos vampiros. Mas, apesar de tudo, não era um deus na terra. Não cobriria as costas de todo mundo. E, ao contrário disso, cada homem ali sabia qual era o seu papel. Não era aguardar que Lucas surgisse gloriosamente e salvasse seu couro. Estavam ali justamente para salvar o couro do trigésimo bento. Era ele a chave para a salvação. Era ele o salvador do novo mundo. Ele era o escolhido para banir os sugadores de sangue da face da terra. E assim ele faria, custasse o sangue de quem custasse. Depois dos quinze minutos iniciais e do total silêncio da tripulação, o mar começou a ficar mais revoltado com a aproximação quase completa do litoral. Além das imensas falésias diante de seus olhos, viam agora, em diversos pontos, estreitas faixas de areia. Praias. Vicente escolheria uma onde aportariam. O ronco do motor começou a ser engolido pelo ronco dos vagalhões estourando na praia. O mar agitava-se mais a cada dezena de metros avançado.

— Olhem! — gritou bento Dimas, o protetor de Santa Maria. Os bentos fizeram mira na praia. Mais um chacoalhar perigoso da embarcação. Aferraram-se as amarras para não serem atirados na água.

— Olhem! Aqui! Na água! — repetiu o bento assustado.

Os olhos correram agora na direção correta, na razão de tanto espanto.

O bote, motorizado, estava cercado por centenas de barbatanas!

— Tubarões! — gritou Teodoro.

— Deus... — murmurou bento Francis, retirando a espada da bainha.

— Vejam! — repetiu Dimas, apontando agora para baixo do bote.

Vicente, diante do espanto, reduziu a aceleração, fazendo o bote deslizar mais devagar.

Os olhos dos bentos encontraram uma imensa sombra movendo-se logo abaixo da embarcação.

O sol minguava e com ele a claridade ia embora. Em questão de instantes a mancha negra foi tornando-se mais e mais difícil de detectar por conta do déficit luminoso. Mais uma marola apanhou o bote motorizado. A mancha negra moveu-se rapidamente, facilitando a sua percepção por parte dos homens.

— Uma baleia! — berrou Vicente.

Os bentos pendiam o corpo de um lado para o outro, tornando por vezes perigosa a distribuição de peso do bote, facilitando que adernasse.

— É um cachalote! Só pode ser.

— É imenso... — disse Lucas, quase inaudível.

— É linda! Deus do céu! — exclamou bento Ramiro, abrindo um sorriso e colocando metade do corpo para fora do bote.

Teodoro segurou o bento pelo ombro, mantendo-o na embarcação.

— Calma, lá, ô entusiasmado. Tá parecendo o molenga do Matias *Greenpeace*. Ninguém vai pescar seu bichinho, não. — brincou o ruivo.

— Nossa... — balbuciou Dimas.

Teodoro perdeu o sorriso enquanto olhava para os olhos do colega, novamente acometido por espanto. Virou a cabeça para a esquerda. Barbatanas. Barbatanas de tubarões. Podia ver, pelo menos, vinte deles aproximando-se do bote.

Lucas ergueu o dorso tentando olhar mais longe. A lancha oscilou com o movimento dos homens mais o jogar do oceano.

— Calma! Calma! — berrou Francis.

Os tubarões aproximaram-se da lancha. Tinham aumentado de número. Agora centenas de barbatanas cortavam a superfície em movimentos circulares.

— Rápido com isso, Vicente. Não viemos aqui para virar comida de peixe. Afastem-se da borda do barco, preciso de todo mundo inteiro na praia.

Os bentos obedeceram, tomando cuidado. Fingiram calma, mantendo-se sentados.

— Não estão atrás da gente. — disse bento Ramiro, observando detidamente a água. — Acho que estão atrás daquilo. — disse, apontando mais uma vez para a água.

Para surpresa dos bentos, um filhote de baleia surgiu à tona, logo voltando a afundar. Atrás do filhote formou-se um trilho de sangue. Estava ferido.

Os tubarões, ágeis caçadores do mar, aproximaram-se em alta velocidade.

Vicente voltou a girar a toda a manopla, retomando a rapidez da embarcação.

Em seguida, os bentos deixaram o queixo cair. A sombra abaixo do bote moveu-se para a direita e começou a ganhar volume. Em questão de segundos, o gigante do mar atirou-se ao ar, magnífica e assustadoramente, voltando a água com estardalhaço indescritível, na tentativa vã de salvar sua cria dos caçadores. A baleia cachalote provocou uma onda imensa, que atingiu o bote dos bentos a bom-bordo. O grupo de homens gritou em uníssono, temeroso de serem atirados ao mar e terem a missão encerrada antes de começar. Por sorte o pior não aconteceu. Gotículas lançadas ao ar molharam a face dos homens feito chuva. Vicente manteve-se aferrado ao leme e, em mais alguns minutos, chegaram à arrebentação. O som das ondas era furioso, tal e qual o mar. Dessa vez, Vicente não contou tanto com a sorte, pois nunca havia conduzido um barco e não fazia idéia de como vencer a arrebentação sem colocar todos em perigo. Ao entrar na primeira onda, o barco afundou o bico, erguendo a popa ao céu, quase a noventa graus. Os que puderam, agarraram-se ainda mais forte às cordas laterais. Parte dos mantimentos trazidos foi à água e, no instante seguinte, o barco consertou a inclinação, sendo pego pela segunda onda. Dessa vez, mais mantimentos foram para a água. Os primeiros gritos começaram.

Lucas engoliu água salina. O peito de metal pesava demais para conseguir boiar. Sentiu a água salgada arder nas narinas quando engoliu mais, pelo nariz dessa vez. Sua mão ainda estava agarrada à corda do bote, totalmente tombado, mas ainda flutuando sobre a água. Sentiu um empuxo quando a força e o som de outra onda imensa puxou o bote inflável. A água já estava escura pela falta do sol, divisando apenas sombras ao redor. A capa de um bento ao seu lado enrolou em seu rosto, aumentando ainda mais a aflição. Sem ar, soltou-se do bote de borracha e bateu as pernas, buscando a superfície. Sua cabeça subiu à tona por dois segundos, puxando, nesse tempo curto, todo o ar que pôde. Não conseguiu muito, posto que ainda estava engasgado. Afundou com o peso da armadura. Bateu braços e pernas, mas parecia não parar de afundar. Foi jogado pelo mar para cima e quando abriu a boca para buscar mais ar foi surpreendido por uma nova onda. Lucas pensou que morreria naquele instante. O joelho dolorido desde a queda na caixa-d'água foi machucado outra vez quando bateu na areia do fundo. Impulsionou-se para cima. Puxou mais uma lufada de ar para o pulmão castigado com água salgada. Nova onda na cabeça jogando-o ao fundo e fazendo seu corpo rolar. Bateu as mãos na areia e depois o rosto raspou no fundo. Estava de costas na areia. Virou-se e ficou de pé. A água agora vinha pouco acima dos joelhos. Os olhos ardiam, pela água do mar e pela areia. Quatro passos para frente. Tossiu. Novo tombo com uma onda ainda forte. Rastejou para fora da água, tossindo, sentindo a garganta doer. Quando voltou a si, só ouvia a tosse em coro dos demais. Colocou-se de pé num instante. Firmou a visão. Contou dez bentos na areia. Os demais ainda lutavam na água.

— Vamos salvá-los! — gritou aos demais enquanto desatava o peito de prata.

A noite ganhava o céu e a última luminescência do poente desaparecia. Tinham acima a abençoada luz da lua cheia, que permitia enxergar metros adiante.

Lucas tirava os coturnos, que pesavam uma tonelada cheios de água.

Bento Dimas e bento Edgar já voltavam para a água.

O bote, de ponta cabeça, deslizava rente a areia, só movendo-se quando atingido pela água.

Ouviam gritos desesperados na arrebentação. O mar bravio estava puxando, com a maré alterada, provavelmente pela lua.

Vicente chegou arrastado por uma onda, o corpo imóvel prenunciava a desgraça, mas assim que Dimas aproximou-se, ouviu a tosse misturada aos palavrões que o bento começou a proferir.

Uma nova onda trouxe mais homens de capa vermelha para a praia. Como trazendo um cardume desorientado, deixando-os encalhados na areia.

Para a sorte de Lucas e de seu desejo, os dezoito bentos estavam vivos, longe de estarem todos bem, mas estavam vivos.

Boa parte dos homens ficou prostrada na areia, sem condições de levantar-se e ajudar a recompor o grupo. Vicente ficou de pé, caminhando vacilante, vomitando pequenas quantidades de água salgada, com as pernas bambas.

Dimas, Edgar e Teodoro ocupavam-se recolhendo os sacos de lona que vinham com as ondas, trazendo para a terra os pertences de alguns deles. Sabiam que boa parte das provisões desembarcadas estavam perdidas.

Dimas correu até o bote que ameaçava voltar ao mar. Aproveitando o empurrão de uma nova onda rasteira, puxou a embarcação o máximo que pôde, fazendo-a prender-se à areia. Junto ao motor tombado, com as hélices para o ar, encontrou um galão vermelho atado por um grosso barbante. Correu até sua espada, deixada na areia, e voltou com o fio afiado para o empecilho. O barbante soltou-se e Dimas apanhou o galão.

Lucas ajudava Edgar e Teodoro e juntava as coisas que vinham com as ondas. Agora somente os objetos mais leves, que boiavam, apareciam. Provavelmente, parte das mochilas de lona havia aberto no fundo do mar revolto soltando seus pertences que surgiam como presentes de Iemanjá.

O sol já tinha descido e o vento do litoral açoitava os homens molhados que começavam a tremer de frio.

Dimas, que tinha corrido até a vegetação rasteira, voltava com cascas secas de palmeiras e galhos encontrados no chão. Juntou-os perto do grupo maior que ainda tossia e tiritava com a baixa temperatura. Abriu o galão vermelho e despejou parte do conteúdo. Correu até Teodoro e

pediu-lhe o isqueiro de metal ladeado por bandeiras da antiga Jamaica. Instantes, depois labaredas firmes e a madeira crepitante ofereciam calor aos náufragos.

Vendo que todos pareciam remediados, Lucas aproximou-se da fogueira e parou um instante. O frio incrustava em sua carne, agarrando-se aos ossos. Aos poucos, o calor foi confortando os músculos e aliviando o castigo. Sentia dores pelo corpo, especialmente no joelho. O rosto arranhado pela areia ardia, latejando. Havia sido jogado para o fundo do mar e, talvez, batido contra uma pedra. Passou a mão pelo joelho direito e sentiu-o inchado e bastante dolorido. Passou a mão novamente na região. Olhou para os dedos da luva e aproximou-se da luz do fogo. Não tinha dúvida. Seu joelho estava sangrando.

Lucas respirou fundo ao sentar-se ao lado de Teodoro. Os braços também gemiam. Todos haviam sofrido um bocado. Para aumentar ainda mais sua preocupação, Lucas notou que o sangramento não era um privilégio seu. Bento Ramiro sangrava na testa, enquanto bento Edgar punha um filete de sangue pelo nariz. O mar era daquele jeito. Imenso e poderoso. Para os animais terrestres, um devorador de vida.

Lucas deitou-se na areia e fitou o céu prolongadamente. É certo que queria levantar dali, daquele jeito, e continuar rumo a Barreira do Inferno. Mas os outros não poderiam. Estavam todos cansados. Muito provavelmente estavam cansados não só fisicamente, mas cansados de segui-lo. Cansados de terem o pescoço em risco. Quando se batiam contra as criaturas das trevas, faziam isso sem pensar. Era um ato involuntário, um ato reflexo. Instinto. Agora, seguir atrás de um trigésimo maluco. Um cara que os colocava à prova a cada dia... isso cansava e dava medo. Lucas arfou ao mexer o joelho machucado. O sofrimento físico não era o que mais incomodava. O que incomodava agora era recordar o desconforto ao embarcar no bote. O desconforto que permeou todos minutos infinitos que ficou a bordo daquela pequena lancha. Não entendia isso. Não entendia porque não gostava de pequenos barcos. Seu olhar sobre as águas, buscando algo que não sabia o que era e algo que nunca encontrara. Sentia desespero. Não por estar na água. O mar não lhe dava medo. O mar lhe dava raiva. Sentia urgência. Não queria encontrar o que procurava, mas nunca parava de procurar. Desespero. Perda. Falta. Era só isso que as águas lhe transmitiam. E esse sentimento só fazia crescer olhando para seus homens estirados, cansados, quase afogados. Eles tinham escapado do oceano. Tinham escapado de alguma coisa. Algo do passado. Mas teriam escapado de quê?

Lucas fechou os olhos e apertou as pálpebras. Sentiu mais uma fisgada no joelho. Inspirou fundo e relaxou os músculos mais uma vez. Daria um descanso de vinte minutos para que os bentos recuperassem o fôlego. A areia corria pela ampulheta. Tinham que alcançar a Barreira do Inferno o quanto antes.

Capítulo 49

Anaquias saltou para a janela do apartamento. Suas garras pontiagudas deram firmeza quando inclinou o corpo para frente, mantendo-o fixo à batente. Nenhum sinal deles, mas sabia que estavam lá. O vampiro-rei havia estado em seu transe. O vampiro-rei o impulsionava para o sul. Eles estavam lá. Anaquias via fogo e fumaça. Tinha que impedir o incêndio. Era isso que o espectro lhe soprava. O espectro perambulava ao seu redor, sem ser visto, mas sendo ouvido. Uma assombração. Anaquias saltou do décimo andar, amparando-se na sacada do sexto. Seu exército buscara abrigo na velha Natal. A cidade fora tomada pelos vampiros. Os mulos e exilados que perambulavam pelas ruas foram feitos prisioneiros e tomados como alimento. Os que ainda estavam presos, semi-mortos, seriam devorados agora, com o anoitecer. Mesmo assim não bastavam. Apenas isso tirava a concentração. A fome. O desejo de sangue. E era isso que trazia instabilidade ao seu comando. As feras estavam famintas. Queriam sangue. Queriam uma boa refeição. Os comandantes pediam um Rio de Sangue para saciar os vinte mil enlouquecidos. Anaquias farejou o ar. Juntaria caçadores e iriam em busca de Rios de Sangue. Estava sentado num barril de pólvora e não estava nem um pouco a fim de ver seu rabo de vampiro ir pelos ares, agora que a jornada estreitava-se e a visão alcançava a reta final. Iriam vencer e subjugar os seres humanos. Para sempre. Dariam fim à resistência agonizante daquela raça menor. Para sempre. Tomariam de vez seu lugar no topo da cadeia alimentar. Fariam dos humanos escravos. Cada um deles seria como uma fazenda. Seria como gado. Cultivariam e engordariam seus corpos. Tomariam deles o sangue. O vampiro-rei havia visto isto. O vampiro-rei havia dito. Seriam Vitoriosos. Seriam donos da terra. Mas, por hora, para ver concretizado a visão do espectro, teria de controlar o exército da noite. Teria de alimentá-los.

Capítulo 50

Bento Duque apanhou a luneta. Vasculhou ao redor. A noite ia adentro com a lua cheia brilhando alto no céu. Graças à claridade refletida pelo satélite natural e a altura da torre de vigia, Duque conseguia enxergar longe. A Barreira do Inferno estava calma. Situada em região belíssima, mantinha um vasto campo aberto e conservado, como se a base de lançamento estivesse sempre pronta para a subida de um foguete ou a chegada de um major ou brigadeiro para inspeção. Esse cenário inusitado devia-se a peculiar e incansável mania de Franjinha em manter tudo em perfeita ordem, como se de um dia para o outro, todos os seus ex-colegas aeronautas e astrônomos fossem voltar ao trabalho. Mesmo com aviso de bento Augusto, Duque havia ficado impressionado ao adentrar a Barreira do Inferno, ao chegar a sala de controle e encontrar computadores funcionando naquele lugar que julgara deserto. Ele e seus companheiros de jornada souberam que estavam enganados assim que adentraram os limites da base. Notaram a grama aparada e as árvores cuidadas. Boa parte dos prédios contava com pintura recente e impecável, como se a obra acabasse de ser entregue. O chafariz funcionando no pátio de entrada do prédio da administração dava o toque final. Todo aquele zelo nada tinha a ver com os soldados de Nova Natal. Aquele cuidado com a base era resultado de uma devoção inexplicável de Franjinha. Duque baixou a luneta e sorriu, lembrando da chegada. Apesar de ter sido avisado e ter toda a situação explicada antes de partir de Nova Natal, não esperava aquilo. E aquele zelador? O que era aquilo? Uma figura. Honrava o apelido de "Franjinha". O nome Marco, de nascença, ia sendo esquecido com o passar dos dias. Metido no meio daqueles fios, fazendo soldas, consertando as coisas, mantendo a fiação elétrica e os computadores da sala de controle em ordem, somando à cena aquele rosto de expressões jovens e o cabelo loiro e escorrido caindo pela testa, realmente, não haveria alcunha melhor que a do pequeno cientista das histórias de Maurício de Souza. O queixo caiu de novo quando viu com os próprios olhos o sofisticado sistema de geração de energia elétrica desenvolvido pelo cientista maluco. O destino não poderia ter reservado zelador melhor para o Centro de Lançamento da Barreira do Inferno (CLBI). Que estranha paixão aquela! Por que um homem que poderia ser de utilidade gigante em qualquer uma das fortificações espalhadas pelo Brasil ficava ali? Sozinho, cuidando de uma unidade militar desativada. Um lugar cheio de computadores inúteis e prédios vazios... um lugar distante dos humanos. Sem dúvida, Marco Franjinha era um excêntrico... um maluco excêntrico. Mas, graças a sua extravagante fixação pela Barreira do Inferno, aquela base militar tornaria-se uma fortificação importante no jogo. Um ponto crucial na luta contra os noturnos. Logo um grandioso contingente de adormecidos chegaria, tomando abrigo dentro dos muros recém-erguidos ao redor do terreno. Franjinha dissera aos líderes de Nova Natal como adaptar um dos silos de foguetes inativos transformando-o num reservatório de adormecidos. Disse também que o CLBI nunca

tinha sido visitado pelas criaturas da noite, o que tornava o local altamente qualificado para esconder dos vampiros um Rio de Sangue.

Duque ergueu a luneta e ajustou para a distância desejada. Os novos muros, em sua maior parte ainda formado por tábuas e troncos de árvores e em fase inicial de construção, cercavam totalmente a base. Via pouca gente movimentando-se do prédio da administração até um canteiro de obras iluminado por energia elétrica. Observou a mata além do muro com a luneta. A floresta estava tranqüila. O zelador tarado havia dito algo sobre isso quando o soldado Cássio perguntou. Na Barreira do Inferno a noite era sempre serena, transbordante de calma e marasmo. Em anos que habitava aquele centro inativo jamais topara com um vampiro durante a madrugada. Era um terreno que fora até então desprezado por homens e demônios. Franjinha chegara a dizer que não raro caminhava pelos arredores, mesmo durante a noite e, nas poucas vezes que decidira visitar sua praia favorita dos tempos pré-Noite Maldita, percorrendo o trajeto de trinta quilômetros a pé, chegara a pernoitar na areia, à beira das ondas, sem jamais ser incomodado por criatura alguma. O pior percalço encontrado nos anos de convivência harmônica com o CLBI e os seres vivos ao redor fora uma picada de cobra. Sem soro antiofídico disponível, amargara sete dias de febrões e alucinações, ficando manco mais de um ano. Agora, tanto tempo depois, a única coisa que sobrara do infeliz evento fora a pele marcada por uma crosta grossa que brotara ao redor da picada e uma natural e sadia paura a cobra. Duque sorriu lembrando do jeito de Franjinha contar o caso. Gente boa aquele rapaz. O bento negro limpou a lente da luneta com a beira de sua capa surrada. Levou a imagem de São Jorge até a boca e deu-lhe um beijo. Desejou que o padroeiro dos cavaleiros olhasse por ele e que aquele paraíso de nome tão antagônico continuasse assim por muitos e muitos anos. Sentia urgência queimando no peito. Desejando que os caminhões com os adormecidos cruzassem logo o portão. Assim que os quarenta caminhões estivessem dentro dos limites do CLBI reuniria seus cinco bentos e partiriam imediatamente para Santa Maria, o prometido ponto de encontro, quando, então, provocariam o desenlace da profecia, trazendo para a Terra e para os homens os quatro milagres da libertação.

Duque moveu o instrumento de observação para a esquerda. A poderosa luneta estava fixa num tripé alto, o que facilitava sua operação. Divertia-se com o poderoso alcance que as lentes de aumento proporcionavam quando sentiu a pele dos braços arrepiar-se tomado pela surpresa. Pontos de luz movendo-se na mata. Vampiros! Olhos queimando no meio das árvores! Duque aproximou vagarosamente a imagem, girando o controle da luneta. Melhorou o foco. Sentiu alívio por um instante, mas continuou a investigação. Não eram vampiros. O fogo vermelho vinha na ponta de tochas em marcha. Contou cinco hastes flamejantes movendo-se num caminho da floresta. Olhando melhor percebeu que marchavam pelo veio de asfalto, que vinha em direção ao CLBI. Melhorou a luneta e conseguiu contar cerca de quinze homens... usando capas vermelhas

e couraças de prata! Eram os bentos! Saltou da torre da vigia, descendo perigosamente a velha escada de ferro, tamanha excitação. Correu até o canteiro de obras. Escolheria um dos soldados para apanhar os companheiros e trazê-los o mais rápido possível para a Barreira do Inferno. Pouparia uma caminhada e tanto aos parceiros. Cruzou os dedos, torcendo para que Lucas estivesse com eles e para que aquelas tochas não fossem uma miragem. Se o grupo de Lucas estivesse completo, estariam chegando ao fim da jornada e começando uma nova página na história da humanidade. Os quatro milagres surgiriam para libertar todos os povos das criaturas da noite.

Capítulo 51

Anaquias observou o Centro de Lançamento da Barreira do Inferno. Era para lá que o vampiro-rei conduziria seu exército. As coisas importantes aconteceriam lá, naquele cenário. Uma imensa muralha cercava o centro de lançamento. O que queriam os homens ali? Não cabia a ele entender. Sua missão era destruir. Destruir a Barreira do Inferno e os trinta bentos. Liquidar com a esperança humana por uma resistência superior. E já era hora. Retornou com seu cavalo até a concentração do exército numeroso. Marchariam até o CLBI, destroçariam a muralha e liquidariam com todos naquele lugar. Não importava se encontrariam um ou cem bentos. Anaquias confiava na superioridade numérica. Confiava no desejo de morte que reinava entre os seus. E, além disso, contava com a surpresa... a nova arma que o vampiro-rei mostrara seria colocada em uso esta noite.



Lucas e o seu grupo de bentos exaustos continuavam a jornada em busca da Barreira do Inferno. Vicente deveria ter errado nos cálculos, deixando-os longe demais da base de lançamento. Suas tochas ajudavam a lua a clarear o caminho. Sabiam que estavam na direção certa. Cerca de uma hora atrás encontraram uma placa na estrada indicando a direção para Natal — A Cidade do Sol, e dizendo que por ali chegaria-se ao CLBI, mais conhecido como Centro de Lançamento Barreira do Inferno.

Mas, a marcha prosseguia e o cansaço aumentava sem que tivessem novas pistas. Iam em silêncio, atentos aos barulhos na floresta, atentos ao caminho. Cada qual carregando sua dor, adquirida no recente acidente ao chegarem a praia. Ao menos, com a caminhada, o vento frio deixara de ser um problema e servia para refrescar.

Depois de mais de três horas de caminhada sobre o asfalto, um barulho alcançou os ouvidos dos bentos. Um motor.

— O que será? — perguntou Vicente, pondo a mão no cabo da espada e afastando Lucas do meio da estrada, colocando o corpo do protegido atrás do seu.

— Um caminhão... parece um caminhão. — murmurou bento Francis.

— Será amigo ou um mulo? — perguntou Teodoro.

— Para a floresta, todos vocês. Vou descobrir quem é.— comandou Vicente, tomando pra si o encargo.

— Acho difícil ser amigo, ninguém estava sabendo que estaríamos nesse fim de mundo. Preparem as espadas que o bicho vai pegar. — atçou bento Teodoro.

— Se forem mulos armados... não podem ficar só. — preocupou-se o trigésimo, vendo Vicente sozinho no meio da estrada.

— Vá, Lucas. Eu me garanto.

Os bentos deixaram o leito de asfalto, apagando as tochas e procurando extinguir até mesmo as brasas na ponta dos paus, escondendo-se na margem da estrada.

— Se forem mulos, eu os distraio e vocês caem em cima dos caras. Com um caminhão chegaremos mais rápido à Barreira do Inferno. Não quero passar a noite toda na mata.

Lucas acabou concordando com Vicente e distanciou-se do grupo, escondendo-se mais a frente. Abaixou-se, cobrindo-se com a vegetação, observando a bela fotografia proporcionada pela luz alaranjada vinda da tocha de Vicente banhando tudo ao redor, destacando ainda mais a figura imponente do guerreiro ex-presidiário. Talvez um pouco de ação em terra firme recuperasse a moral dos homens.

Em cinco minutos os faróis do caminhão surgiram ao longe, jogando luz no chão negro. Bento Vicente postou-se no meio da pista, jogando a capa para o lado, deixando o cabo da espada livre para ser desembainhada com rapidez. Apesar da luminosidade poderosa vinda dos faróis, apenas inclinou um pouco a cabeça para baixo e continuou encarando o veículo. Viu surgir e crescer na sua frente um grande caminhão Mercedes-Benz verde-oliva, com camuflagem típica do Exército.

O caminhão verde freou. O motor batendo cadente, junto com o vento passando pelas árvores, era tudo que se ouvia na estrada.

Vicente levou a mão ao cabo da espada. Um estalido acompanhou o ranger da porta do veículo. Vicente apertou a empunhadura da arma.

— Bento! — berrou uma voz.

Vicente viu um rapaz com roupa de sargento do Exército Brasileiro descer ao asfalto.

— Bento!

— Bento Vicente. E você, quem é?

— Sou Odair. Soldado de Nova Natal, senhor. — identificou-se o rapaz prestando continência ao guerreiro.

Os bentos começaram a sair do mato, diante de um soldado atônito.

— São todos bentos, filho. Nova Natal está longe daqui?

— Bem longe, senhor Vicente. Na verdade, não estou mais em Nova Natal. Estamos montando uma nova base aqui no Centro de Lançamento da Barreira do Inferno. Acabamos de fortificar a base e estamos trazendo adormecidos para cá.

— Rio de Sangue... — murmurou Lucas.

Os bentos cercaram o jovem Odair, que sorria, olhando para cada rosto.

— O líder Mariano me mandou até aqui. Viram um clarão na estrada e pela velocidade de deslocamento ele deduziu que eram pessoas marchando. Vampiros não precisam de luz pra andar.

— Nossas tochas. Agora, com os holofotes desse Mercedão, ninguém precisa mais delas. — comentou bento Francis.

— Os outros bentos estão lá... — continuou Odair. — Só estão aguardando os caminhões que vêm do oeste para partirem. Eles vão deixar a Barreira do Inferno ao amanhecer.

— Os outros bentos?! — exclamou Teodoro.

Lucas sorriu para Francis. O bento médico não agüentou a emoção e abraçou o colega. As armaduras encontraram-se, dificultando o abraço.

— Eles estão aqui! — gritou bento Edgar.

— Leve-nos até eles! — ordenou Lucas.

Odair foi para a traseira do caminhão e desceu a porta horizontal. Os bentos subiram apressados, loucos por descanso para as pernas. Percorrer os quilômetros finais daquela jornada a bordo de um motorizado valeria mais que um bom prato de comida àquela altura.

Francis e Vicente foram a frente, junto de Odair, enquanto Lucas foi atrás, junto com os demais colegas fazendo festa com, finalmente, uma boa nova ao final de uma jornada iniciada com um daqueles rompantes pós-pesadelo do trigésimo bento.

Anaquias postou-se adiante do grupo. À sua frente tinha os comandantes das cento e vinte unidades que compunham seu exército de vinte mil vampiros.

— Vamos atacar em sincronia! Não quero nenhum vampiro agindo isolado! Temos que ser um bloco, temos que ser duros feito rocha e afiados como uma navalha. Vamos destruir essa fortificação. Vamos cercá-los e liquidá-los. Contamos quatro bentos dentro dos muros. Deveriam existir mais.

Os vampiros ouviam o líder Anaquias, a figura assemelhada a de um general. A eles fora pedido obediência. E se os vampiros anciãos pediam obediência era porque Anaquias tinha razão. A lenda do vampiro-rei ganhava os covis, as cavernas, alastrava-se dentre as criaturas da noite. O vampiro-rei não tinha rosto. O vampiro-rei era um deus da noite que soprava aos ouvidos de Anaquias. Anaquias deveria ser ouvido, se quisesse vencer os humanos.

— Vamos cercar Barreira do Inferno e vamos lançar sobre eles fogo e fumaça. Assim eu vi a vitória. Quero o grupo de arqueiros à frente. Os demais soldados saltarão os muros. Quero que matem a todos e capturem apenas os bentos. O sangue desses assassinos será guardado ao vampiro-rei... é o troféu de batalha exigido pelo mestre dos vampiros.

Os noturnos, empolgados com a proximidade da grande batalha, começaram a gritar.

— Cada um de vocês conhece seu papel nesse jogo. Vamos destruí-los! Agora! — tornou Anaquias.

Os vampiros começaram a se dispersar, cada um indo em direção à sua unidade.

— Ao ataque!

O caminhão aproximava-se em alta velocidade. Os vidros abertos da cabine permitiam que o vento da noite entrasse. Vicente e Francis não continham a satisfação em saber que Lucas, mais uma vez, estava certo. Os bentos estavam na Barreira do Inferno. O destino punha Lucas no caminho certo. O trigésimo guerreiro, tal qual um cão perdigueiro, não importando o obstáculo, seguia o caminho. Lucas levava os bentos ao encontro da consumação da profecia. Não se abatia, não se importava com o preço. Não se importava que o chamassem de louco. Não se importava com gorilas. Não temia a noite, nem a desvantagem. Lucas era obstinado... beirava a inconseqüência, a loucura. Ele não dava tempo para dúvida e corpo-mole. Ele era o escolhido. Fosse outro, fosse Francis, jamais teriam chegado ali. Francis pensava demais. Pesava prós e contras demais. Lucas não pensava em contras. Lucas enaltecia "prós". Lucas não pensava. Lucas apenas escutava. Escutava a voz da energia. A energia lhe soprava aos ouvidos. A energia corria em suas veias... não sabia por quanto tempo, mas corria em suas veias. Era como se ainda estivesse em contato com o velho Bispo. Como se tivesse os sonhos de Bispo. E graças a cegueira e a surdez de Lucas para as outras vozes, estavam lá. Dezoito bentos, mais seis espadas enroladas nas capas dos bentos mortos na emboscada da Teodoro Sampaio, dentro de um caminhão verde-oliva, sendo conduzidos para o esperado encontro. A união dos trinta bentos. A união das trinta espadas. O desencadeamento da profecia e dos quatro milagres.



Bento Duque ergueu a luneta. Odair estava demorando a regressar. Talvez não tivesse sido boa idéia Mariano ter enviado o rapaz sozinho. Odair era bom no gatilho, mas sozinho... se tivesse topado com algum imprevisto... Duque vasculhou a estrada à frente com a luneta. Nada via. Correu com o instrumento para a direita, buscaria no outro extremo da fortificação, onde continuava a estrada, sinal do comboio que vinha de Nova Natal, com os caminhões repletos de adormecidos. Nada. No entanto, um pouco mais à direita, viu algo que fez seu sangue gelar nas veias. Via brasas queimando na floresta. Via vampiros. Milhares deles. Tantos como nunca vira. Era um exército de vampiros, marchando, marchando de encontro aos muros da Barreira do Inferno.

Mariano conversava com Franjinha na sala de comando do CLBI. Levava uma xícara de café quente e forte à boca quando ouviu três tiros de rojão espocando no céu.

Franjinha, que nunca morara numa fortificação, franziu a testa.

— O que é isso, Mariano?

Mariano, branco feito papel, levantou e apanhou o rifle que descansava sobre um balcão nas suas costas.

— Vampiros!



O sorriso de Francis foi apagando gradualmente. Vicente aproximou-se do pára-brisa para tentar enxergar melhor.

— Vocês ouviram isso? — perguntou o bento.

Odair assentiu. Tinha ouvido um disparo triplo de rojão. Vampiros à vista

— Pisa fundo, rapaz. Pisa fundo. Temos que chegar antes do ataque. — pediu bento Vicente.

Odair não pensou duas vezes. Desceu o pé no acelerador, tirando do motor o máximo em velocidade.

Atrás, talvez por causa da conversa, os bentos não haviam escutado os estouros, entretanto quando a velocidade aumentou inesperadamente, entreolharam-se com expressões de estranhamento.

Na primeira curva Odair deu um toque no freio antes de entrar, descendo para a quarta marcha, ouvindo o ronco do Mercedes. Quando estava no meio da curva, voltou a carga no acelerador, sentindo a traseira do caminhão jogar.

— Segura! — gritou Teodoro lá atrás.

Lucas levantou-se, agarrando as madeiras que passavam na lateral do compartimento. A lona verde-oliva que recobria toda a traseira impedia que pudessem ver o que se passava.

— Uoooou! — gritou bento Elias.

— Cuidado com essa merda aí, o rapa. A gente tem que chegar inteiro! — gritou novamente bento Teodoro.

No meio da indignação geral, uma portinhola abriu-se na frente, dando acesso à cabine do caminhão. Viram o rosto de Francis assomar e dar o alerta:

— Vampiros!



Bento Duque assumiu o muro oeste, por onde chegaria o comboio com os adormecidos. Bento Ulisses foi dar cobertura ao muro sul. Não poderiam assumir o papel de sempre, fazendo as vezes de última defesa, entrando em ação somente quando os vampiros ganhassem os muros. Duque sentiu um arrepio percorrer o corpo. Sabia que aquela batalha não seria uma das corriqueiras. O número de brasas juntando-se nas árvores, o número de criaturas malditas não

parava de crescer, aumentando perigosamente o cerco a semi-deserta Barreira do Inferno. Isso era o que intrigava bento Duque. O que queriam tantos vampiros naquele lugar? Era uma bizarra coincidência estar ali no único ataque maciço de vampiros ao CLBI? Provavelmente não. Segundo Marco Maluco Franjinha, que dissera ter vivido ali desde que despertara dez anos antes em Nova Natal, nunca tinha visto um só vampiro dentro do Centro de Lançamento da Barreira do Inferno. Péssimo momento para estar ali. Péssimo! Lucas contava com a união dos bentos em Santa Maria, ao norte da velha Salvador... haviam tido baixas pesadíssimas na batalha da Teodoro Sampaio... e agora aquele novo episódio. O cenário que se montava ao redor da muralha sugeria um prognóstico sombrio. Nada de vitórias. Nada de viagens ao amanhecer. Caso aquele oceano de olhos vermelhos viesse contra os muros, as pedras romperiam e o muro cederia, tal qual um mar maldito estourando uma barragem. Bento Duque começou suas preces, rezando para que aqueles demônios ficassem na floresta e que o espocar do rojão de seis tiros jamais soasse em seus ouvidos. Rezou para que os companheiros chegassem antes da maré de demônios. Com os milagres, talvez tivessem uma chance. Segurou cuidadosamente a imagem de São Jorge e beijou-a esperançosamente.

— Conto contigo, amigão. — balbuciou.

No centro da base de lançamento, bento Augusto mantinha a mão no cabo da espada. Seus cabelos longos, lisos e negros, balançavam ao sabor do vento. Seus olhos azuis miravam a lua. Que noite gloriosa aquela! Sabia que o destino os colocava no meio da contenda das contendas. Sabia que aquilo não era o acaso. O trigésimo bento fora despertado e não seria estranho que as criaturas das trevas tramassem para impedir o desencadear dos quatro milagres. Teria de lutar como nunca para que esse dia chegasse. Lutaria até o fim, sem medo, sem soberba. Seria um peão de batalha. Um robô destruidor de vampiros. Seria certo e letal. A maioria dos soldados, que deveria estar cobrindo aquele novo centro de adormecidos, estava fora, vindo nos comboios que trariam as pessoas para seu novo lar subterrâneo. Torcia para que os adormecidos não chegassem em má hora. Pelo que sabia talvez já estivessem com mais de meio caminho andado. Talvez aquele bando de vampiros estivesse ali por isso... pelos adormecidos. Talvez algum linguarudo tivesse dado com a língua nos dentes. Alguma pessoa banida de Nova Natal poderia conhecer o plano e ter soprado o segredo nos ouvidos dos vampiros antes de morrer com o sangue completamente drenado das veias. Talvez, os malditos não estivessem atrás de seu couro e do de seus colegas bentos. Respirou fundo e apertou mais o cabo da espada. Que os seis tiros não ecoassem naquela noite.

Cássio e Frederico, soldados de Nova Natal permaneciam sempre juntos, nas boas e nas más horas. Postavam-se agora ao lado de bento Duque por ordem do líder Mariano. Traziam os

olhos esbugalhados e colados no crescente clarão rubro que rodeava a fortificação. A eles parecia que a Barreira do Inferno fora transferida de dentro dos muros para a floresta duzentos metros adiante. Aquele muro flamejante... aquilo sim era uma Barreira do Inferno. Os vampiros moviam-se ágeis, tomando as árvores, como chamas vindas da casa de Satã, varrendo os arredores. A visão era tão impressionante que chegavam a sentir o calor, como se estivessem de frente a um incêndio real.

Cássio baixou os olhos até a caixa de munição aos seus pés. Estava repleta até a boca, com remuniçadores de fuzil. Não sabia quantos deles traziam projéteis revestidos em prata, mas sabia que nem que houvesse duas mil caixas como aquela conseguiriam deter aquele oceano de vampiros. Torcia para que os malditos permanecessem onde estavam, apenas observando, como dezenas de vezes faziam. Apenas mostrando-se, para intimidar. Coisa que tinham conseguido com eficiência brutal naquela noite. Torcia para que logo dessem as costas e sumissem da mesma forma como apareceram, como mágica. Empunhou o fuzil, fazendo mira na muralha em brasa, torcendo para que os seis tiros de rojão não ecoassem naquela noite.

Débora sentou atrás da deita-corno e destravou a arma. A cinta de munição ponto 50 saía da lateral da arma e estendia-se pelo chão. A mancha de vampiros terminava de contornar a floresta na face norte da fortificação. A mulher-soldado era uma amante do bom combate. Mas o bom combate envolvia equilíbrio e, equilíbrio é o que não via ali. Quantos vampiros estariam envolvidos no cerco? Como haveriam acordado da noite para o dia... organizando-se de uma forma nunca antes assistida. Formaram um verdadeiro exército e, de forma assustadoramente ordenada, fechavam a Barreira do Inferno. Os malditos pareciam ter acordado de um sono letárgico. Não haveria como escapar caso viessem de encontro ao muro de uma vez só. Escapar... desejo primitivo e automático numa contenda perdida. Mas não haveria escapatória e, como quem está na chuva é para se molhar, Débora estava decidida a acabar com a raça dos malditos que cruzassem seu caminho. Até o último sopro de vida seria um espinho na sola do pé daqueles putos sanguessugas. Provavelmente a avalanche não encontraria resistência perceptível no conjunto, mas a soldado, certamente, deixaria perceptível para as unidades que entrassem na frente da sua metralhadora. Buracos enormes, fragmentos de crânio bem perceptíveis. Era esse mantra que repetia em sua cabeça ao mesmo tempo que seu inconsciente orava para que os seis rojões não fossem ouvidos naquela noite.

Bento Amintas, postado no ponto mais alto da fortificação, no topo da vigia de observação, varreu com a luneta ao redor. Seus pensamentos afundavam em suposições nebulosas, perdendo praticamente o foco. Estava impressionado demais para ordenar os pensamentos. Foi quando o som da buzina veio ao seu ouvido. Voltou a luneta para o sul. Longe, na tripa de asfalto, viu brotar os facho de luz do caminhão do Exército. O rapaz estava voltando, voando

como bala. Provavelmente tinha escutado o rojão de instantes atrás, comendo o asfalto com medo de estar na mata escura quando o combate começasse. Talvez, permanecer lá fora fosse o melhor no momento.

Ao mesmo tempo que Amintas, os bentos Justo e Célio ouviram as buzinas do caminhão. Os soldados olharam com expressão de indagação. O muro sul guardava um dos portões. De um lado da estrada a mata via-se tomada por brasas vermelhas e vampiros movendo-se lentamente, chegando mais e mais perto da estrada, em questão de minutos bloqueariam o asfalto e completariam definitivamente o cerco à fortificação. Os soldados sustentaram os olhares sobre os bentos. Deveriam dar passagem ao caminhão?

Em resposta, ouviram o brado enérgico de bento Célio.

— Abram os portões! Abram os portões! O soldado está voltando com nossos companheiros!

Bento Francis e bento Vicente debruçaram-se sobre o painel do caminhão. Já divisavam os contornos da Barreira do Inferno e também enxergavam a gigantesca massa de pares de olhos em brasa tomando o chão e os galhos na porção à direita da floresta. A quantidade de vampiros era impressionante. Os bentos ainda não tinham saído da razão em função dos vampiros não terem aberto um ataque franco contra nenhum dos seus.

Inesperadamente, Lucas desembainhou a espada e rompeu a lona que envolvia a traseira do caminhão. Assim que deu a segunda passada com o fio da espada, o tecido rasgou com a força do vento que invadiu o compartimento, deixando uma boa porção do céu à mostra. A luz da lua invadiu o interior e, assim que o vento encarregou-se de rasgar a lona à direita, um espectro de luz rubra iluminou os olhos dos bentos. Vampiros. Tantos que nem poderiam imaginar. Vampiros tomando a mata.

Lucas, com os olhos arregalados e a capa farfalhando por conta da ventania, chegou a abaixar-se quando uma boa quantidade daquelas brasas passou a riscar o céu. Os vampiros estavam saltando da margem esquerda para a margem direita da estrada.

A operação que começou com uma quantidade impressionante, elevou-se de forma inenarrável, a tal ponto de, em certo momento, os bentos terem a lua cheia eclipsada pelos corpos voadores das criaturas, que formaram um sombrio e monstruoso túnel rubro-negro.

— Deus nos proteja... — murmurou bento Ramiro, tomando nos dedos a imagem de São Jorge e beijando a figura.

Uma das criaturas agarrou-se à estrutura metálica da traseira do caminhão, seus olhos vermelhos cintilantes fitaram os bentos no compartimento semi coberto e sua boca escancarada emitiu um rugido, exibindo dentes afiados e pontiagudos.

O caminhão cruzou os portões da Barreira do Inferno em alta velocidade, levantando uma nuvem de poeira ao passar por um trecho de terra.

— Sangue! — berrou a criatura aferrada ao topo do caminhão, emendando um grunhido selvagem.

O som metálico das espadas desembainhando foi uníssono. Antes que a fera terminasse o grunhido, cerca de seis lâminas fatiavam seu corpo morto, animado pelo espírito do demônio. A cabeça do vampiro, arremessada ao ar, caiu a metros de distância, quicando e rolando pelo chão de terra.

Odair, ainda com o pé no acelerador, procurando afastar-se o máximo possível do muro, não teve tempo de desviar do canteiro com chafariz. Puxou todo o volante para a direita, mas a roda dianteira bateu na guia, fazendo o rapaz perder o controle da direção. Os bentos agarraram-se na traseira. Gritos e medo fazendo os corações dos guerreiros dispararem. Não podia perecer agora que tantas vidas dependiam das suas. Odair puxou mais uma vez o volante e enfiou o pé no freio. A parte direita da frente do caminhão bateu contra um amontoado de tonéis de água, amontoados no meio do pátio de frente para a administração. Parte da água entrou pelo pára-brisa esmigalhado, deixando o motorista e os bentos Vicente e Francis ainda mais atordoados com o acidente.

Os bentos no compartimento de cargas foram jogados para frente, amontoando-se, perigosamente, com as espadas desembainhadas.

Lucas sentiu a pressão da lâmina em seu braço direito, só não ganhou um extenso corte, graças à sua cota de malha, que chegava aos punhos, juntando-se à luva de couro.

Bento Teodoro girou sua capa vermelha, adiantando-se e chutando a porta horizontal, que caiu, batendo no pára-choque do caminhão. O ruivo foi o primeiro a saltar.

Duque sentiu pela enésima vez um arrepio percorrer o corpo naquela noite. Via diante de seus olhos, ao menos, uma dúzia de bentos saltar da traseira do caminhão de Odair. Então era verdade! Eles tinha conseguido! Era bento Lucas!

A surpresa repetiu-se nos quatro muros. Bento Ulisses não cria no que via. Os bentos estavam lá! Os bentos estavam reunidos! Não eram cinco, eram dezenove. Eram todos eles!

Amintas desceu velozmente a escadaria da vigia. Arfava. Estava cansado, mas não pararia de correr. O futuro do mundo dependia daquela corrida. Seus sessenta anos não impediriam suas pernas. Deveria unir-se ao grupo. Bendito Lucas! Bendito Lucas! A profecia estava certa. Lucas conseguira. Reunira os trinta bentos.

Não houve tempo de graças nem de vivas. Enquanto Dimas e Célio corriam em direção a Augusto e os demais bentos, ouviram o tonitroar surdo de instrumentos de sopro. Não pararam de correr. Não sabiam o que aquilo era, mas sabiam o que significava. Dimas ouvia a respiração difícil de Célio. Célio ouvia os pedriscos sob seus pés. O som das cotas de prata tilintando. Então

veio. O som cadenciado. O alerta maldito. Um rojão de seis tiros rasgou o céu da Barreira do Inferno.

Agora, junto com a respiração difícil, dos pedriscos e do tilintar das cotas de prata, os bentos Dimas e Célio tinham o som dos disparos de metralhadoras acompanhando a corrida. Bento Augusto e os demais ficavam cada vez mais próximos.

Lucas percebeu a noite clarear num lampejo. Seus olhos foram tomados pela cor amarela, preenchendo toda a órbita do globo ocular. Iniciou os brados e o comando:

— Contenham-se! Contenham-se! Todos aqui! Todos aqui! Agora!

Débora estava com o coração disparado. Nunca tinha assistido nada igual. Tal qual um dique rompido, ao soar daquela cornucópia fantasmagórica, a enxurrada de brasas de vampiro desprende-se da floresta, inundando o espaço entre a mata e o muro. Avançavam em velocidade vertiginosa. O ra-tá-tá da deita-corno começou junto com o disparo de rojão. Débora tinha certeza de que seus tiros eram precisos, varrendo a cabeça dos malditos vampiros a cerca de duzentos metros de distância. Mas, quando os corpos caíam eram engolidos pela onda vermelha e aterrorizante de malditos. Estavam perdidos. Sabia que aquela noite seria a noite dos vampiros!

Os soldados cumpriram seu papel. Os dedos não pouparam os gatilhos. Contudo, por melhor que atirassem, pareciam incompetentes frente a tamanha grandiosidade do ataque vampiro. Os tiros pareciam furar apenas o ar... eles continuavam avançando, na mesma velocidade, com a mesma superioridade.

Os soldados da face norte visualizaram um espetáculo mais tenebroso. Assim que o som surdo do instrumento de sopro ganhou a noite, um bloco assimétrico e coordenado deixou a floresta. Incontáveis vampiros, formando brasas triplas, adiantaram-se alguns metros. O que estavam fazendo?

Os bentos reuniram-se junto ao caminhão. Estavam atônitos, surpresos. Nunca tinha visto tantos vampiros. Precisavam reunir-se. Duque olhou aflito para os lados. Onde estava Bento Ulisses?

— Você nos trouxe para a morte! — berrou Bento Teodoro, histérico.

— Contenham-se! Não partam para o confronto! Temos que cumprir nosso destino! Mesmo que custe nossas vidas!

Bento Francis uniu-se à Lucas. Vicente já tinha assumido seu posto de guarda-costas, com olhar de perdigueiro ao redor. A voz de Lucas bradando para que se mantivessem calmos parecia um elixir contra a loucura, impedindo que suas consciências lhe abandonassem em momento tão crucial.

Ainda estavam embaralhados, alguém gritou e apontou.

Lucas identificou pela indumentária mais dois bentos aproximando-se. O gigante negro, bento Duque estava quase junto do caminhão. Os dois que acabara de ver vinham do norte, corriam desenfreadamente. Soldados empunhando fuzis corriam em direção aos muros.

Viu um terceiro bento surgir na porta de um prédio. O novo bento deveria ser o último a faltar para o encontro.

Bento Ulisses olhou para o caminhão e para os bentos sobre o chão enlameado, tomado pela água que vertia dos tonéis esmagados pela frente do veículo verde-oliva. Ulisses tinha estado com Franjinha no centro de controle. Pediu que o rapaz permanecesse escondido até o último minuto.

— Corre! — bradou bento Duque para Ulisses.

O colega obedeceu, começando a corrida de encontro ao caminhão.

Repentinamente, para desespero de todos, o céu foi tomado por chamas vermelhas. Uma nuvem assustadora cobriu o muro norte, vindo em direção aos bentos, enchendo a noite com um silvo agudo e crescente.

— Protejam-se! — gritou bento Vicente, atirando seu protegido para baixo do caminhão.

Lucas foi empurrado para o chão, seu corpo coberto por outros bentos. Não conseguia ver nada. Começou a ouvir estalos. Num instante começaram os gritos. Bento Vicente aliviou quando os silvos cessaram. Lucas arrastou-se para fora.

Flechas. Os vampiros estavam atirando flechas incandescentes!

Lucas levantou-se. No tempo em que olhou em direção dos bentos ouviu um novo silvo crescer. O céu cobriu-se de vermelho novamente. Bento Ulisses, desviando-se das flechas flamejantes cravadas no chão, continuava a corrida, faltando poucos passos para chegar ao caminhão. A nuvem de flechas começou a descer.

— Agora vem para cima de nós! — bradou, voltando a se jogar debaixo do veículo.

Uma nova série de baques surdos e estalos. As chamas muito mais próximas dessa vez. Se os malditos estavam atirando aleatoriamente, estavam com uma sorte dos diabos!

Lucas e mais um bom número de bentos deixou o abrigo após a saraivada. Sabiam que teriam alguns segundos para observação antes da próxima avalanche.

O barulho nas muralhas era ensurdecedor. As armas disparavam incessantemente.

Lucas deu a mão para Duque, ajudando o gigante a se levantar. Buscou com os olhos os três bentos que se aproximavam. Seu coração quase parou quando viu a cena. O bento maior arrastava o menor, tentando apagar a flecha flamejante que atravessara sua couraça. O bento menor gritava de dor. Mesmo ouvindo o silvo da próxima leva de flechas, Lucas correu na direção dos irmãos. Tinha de socorrê-los.

Bento Ulisses alcançou Dimas primeiro. Ajudou o companheiro a carregar Célio. O bento ferido tinha lágrimas nos olhos e gritava de dor.

Vicente disparou atrás de Lucas. Lucas maluco!

O céu foi coberto mais uma vez por chamas voadoras. Por sorte, o grupo de flechas teve outro destino dessa vez. As hastes incendiadas fincaram num imenso cilindro colado ao muro oeste.

Lucas passou o braço esquerdo de bento Célio sobre seu ombro. Dimas fazia o mesmo sob o braço direito. Continuaram correndo em direção ao caminhão. Ulisses colocou-se a frente de Célio, passando as pernas do bento uma para cada lado de sua cintura. O som assustador da nuvem de flechas chegou aos ouvidos.

— Malditos! — bradou Dimas.

Vicente chegou, ajudando a carregar bento Célio, que gritava de dor. A flecha havia entrado por cima da couraça, provavelmente atravessando a clavícula direita, com a ponta flamejante surgindo no peito do bento, o sangue descia pela couraça de prata e a flecha em brasa fazia subir um terrível odor de carne queimada.

Chegaram ao caminhão, formando uma roda.

— Estamos todos aqui! — berrou Ramiro. — O que fazemos agora?

Os olhares converteram-se para bento Lucas que, por sua vez, olhou para bento Elias.

— As espadas, Elias. Dê-me.

Elias e Edgar desenrolaram cada um seu volume, as capas vermelhas onde repousavam as espadas dos bentos mortos na batalha da Teodoro Sampaio.

— Bispo disse que bastaria unirmos as trinta espadas. Unir os trinta bentos.

Uma explosão feroz iluminou todo o Centro de Lançamento, obrigando os bentos a deitarem-se mais uma vez, quebrando a concentração momentaneamente.

Labaredas monumentais subiam do que restara do imenso cilindro negro, atingido pelas flechas de fogo.

Lucas deixou os olhos sobre o imenso incêndio, como que hipnotizado.

— Fogo e fumaça...

— O que fazemos, Lucas? — insistiu Francis. Lucas voltou os olhos sobre os bentos. Levantou-se.

— Devemos juntar as trinta espadas. Devemos juntar nossa fé. Os bentos levantaram-se, com exceção do ferido.

Lucas ergueu sua espada acima da cabeça, depois desceu com a ponta em direção ao chão, fincando sua arma. A lâmina trepidou, balançando e vibrando.

Os bentos repetiram o gesto.

Lucas encarregou-se das seis espadas dos bentos mortos, fechando uma figura oval. Cada bento ficou de frente com sua espada.

— E agora? — perguntou Edgar, olhando para as espadas vazias. Lucas sentiu uma pressão nos olhos. Diante dos vinte quatro presentes em corpo, seus olhos brilharam amarelos e vivos. Lucas pôde ver, nesse instante, os espectros dos bentos Arthur, André, Murilo, Eliseu, Tarso e Cosme.

Os trinta bentos formavam uma figura oval. O tiroteio nos muros era intenso. Mais uma chuva de flechas incandescentes cruzou o ar, caindo a poucos metros de distância do grupo, sem que um guerreiro olhasse para o lado ou se preocupasse com a segurança.

Lucas sentiu um frio sobrenatural cruzar o corpo. A pele eriçou-se toda. Um zumbido poderoso principiou em seu ouvido, um zumbido agudo e incômodo. Percebeu que o mesmo ocorria com todos os outros guerreiros, pois até mesmo os fantasmas dos bentos desencarnados moviam as cabeças e levavam as mãos aos ouvidos. Os encarnados pareciam sofrer muito mais com o incômodo e repentino zumbido. Duque caiu de joelhos, junto com bento Edgar e bento Elias. Amintas aproximou-se de Lucas com olhos arregalados.

Tão repentino quanto começou, o zumbido simplesmente desapareceu. Os trinta bentos ficaram livres do estranho fenômeno.

— O que foi isso? — perguntou Francis.

— Você que é médico, rapa. Tu que devia explicar pra gente. — rebateu Teodoro, agitando o dedo indicador no orifício auricular direito.

— E agora? — perguntou Dimas.

— Agora... — murmurou Lucas. — Agora esperamos pelos milagres.

Ao mesmo tempo que o bento pronunciava sua frase, a onda de vampiros venceu simultaneamente os quatro muros da Barreira do Inferno. Não demorou um minuto para que os bentos se vissem cercados pelo implacável exército de vampiros.

A loucura invadiu o grupo de bentos mais uma vez, mas antes que entrassem em combate, Lucas conclamou a todos.

— Não toquem nas espadas! Não toquem!

— Vamos pegá-los! — urrou Augusto, já levando a mão na luva de couro ao cabo da arma afiada.

— Não toquem nas espadas! — tornou Lucas.

A intensidade dos tiros foi reduzindo gradativamente até extinguir-se completamente. Cerca de vinte soldados que escaparam ao primeiro instante da invasão, corriam em direção aos bentos unidos, na esperança de serem salvos. Contudo, diante dos olhos dos bentos, esses homens foram engolidos pela onda de vampiros. Pedacos de carne humana voaram pelo ar junto a intensos borrifos de sangue. Os soldados foram estraçalhados em poucos segundos.

Bento Teodoro lançou a mão ao cabo da espada.

Bento Vicente agarrou-o pelo pescoço, tirando-o do chão.

— Não toque na espada! — disse, entredentes, queimando o irmão com os olhos.

— São... são... tantos... — balbuciou Ramiro.

A avalanche de vampiros, vinda de todos os lados, parecia já ter detectado a presença dos bentos inertes e avançava a toda, fechando o cerco perigosamente.

— Os milagres, Lucas... onde estão os milagres? — questionou bento Célio, entre gemidos de dor.

Francis, abaixado ao lado do companheiro ferido, passou a mão em sua testa.

— Eles virão, bentos. Confiem. Eles virão. Mesmo que não estejamos mais na terra para assisti-los, os quatro milagres salvarão a humanidade.

Vicente já tinha baixado bento Teodoro. Avançou até Lucas e postou o trigésimo nas suas costas. Assim repetiu bento Duque, deixando Lucas guarnecido pelos dois maiores homens do grupo.

Lucas afastou os grandalhões, afastando-os suavemente com a mão espalmada.

— Agora somos todos iguais, irmãos. Servi ao meu propósito. Juntei as espadas. Agora somos todos iguais. Teremos todos o mesmo destino.

— Ainda que caminhe no vale da sombra e da morte, não temerei mal algum... — começou a recitar bento Elias, ajoelhando-se sobre o chão enlameado, tocando a testa no fio de sua espada encravada.

Os demais uniram-se à oração do irmão, ajoelhando-se também. Lucas foi o último a abaixar-se.

— Pai nosso que estais no Céu, santificado seja o Vosso nome... — começaram em coro...

Os vampiros já rodeavam completamente os trinta bentos e vinham aproximando-se, gritando palavrões e sentenças de morte. Iriam capturar os bentos, como ordenado por Anaquias. O sangue dos malditos guerreiros do sol seria ofertado ao vampiro-rei para selar e eternizar a grande vitória.

Lucas, ouvindo a prece conjunta, olhava fixamente para o chão. Da sua mão afundada na lama quase não via os dedos, cobertos pela água e pelo barro. Uma gota de suor desprendeuse de sua testa e respingou sobre a água. Lucas respirou fundo. Uma idéia ocorreu-lhe. Poderia ganhar tempo. Poderia repetir o feito.

O bento fez um sinal-da-cruz com a mão direita e desceu-a até a água enlameada.

— Te abençôo. — disse baixo.

Um brilho amarelo cintilante percorreu a água enlameada rapidamente. Depois, esse mesmo brilho tomou com intensidade as espadas prateadas, refletindo raios amarelados, que

acertaram cada um dos bentos. A maioria dos homens gritou ao sentir espasmos elétricos repuxar os músculos.

Os vampiros que iam na frente do cerco e que já se encontravam sobre a lama benta, incineraram imediatamente, forçando um recuo na leva de trás. Os vampiros não sabiam o que acontecia. Cada um deles que tocava a terra misturada com a água abençoada, circundando os vinte e quatro bentos, inflamava imediatamente, iniciando uma série de gritos de dor e carbonizando em questão de segundos. Levaram um tempo para conter os empurrões e cerca de duas centenas deles foram cremados instantaneamente até que controlassem o cerco, ficando à margem do terreno bento.

Lucas permanecia ajoelhado, fitando a cerca viva, composta de demônios pálidos, trajando roupas esfarrapadas e negras, de olhos vermelhos cintilantes, com caninos terrivelmente afiados extravasando seus lábios. Era como observar animais carniceiros, animais selvagens, sem consciência, sem alma.

— Vocês viram isso? — murmurou bento Francis.

Os bentos mudos, respirando com dificuldade faziam as armaduras prateadas subir e descer no peito. Pareceram não escutar a pergunta do bento médico. Os olhos colados nas feras queimavam igual ao dos monstros. O desejo do grupo era arrancar a espada do chão e atacar aquela parede, mas a voz de Lucas tinha o dom de amansá-los e fazer com que aguardassem pela hora certa... mas a pergunta que habitava a cabeça de muitos deles é se tal hora existiria aquela noite.

Os corpos carbonizados dos vampiros tinham comido uma fatia de barro santo. Suas cinzas e ossos esturricados passaram a formar uma espécie de tapete que anulava naqueles centímetros o efeito da água benta. Um círculo de fumaça subia ao céu. Perigosamente, notaram que, caso fosse o desejo dos comandantes, bastava empurrar centenas deles próprios sobre o barro envenenado pelo bento que as cinzas cuidariam de estreitar o caminho.

Depois de alguns instantes, os guerreiros juntaram-se ainda mais ao centro. Sabiam que enquanto a água benta se mantivesse sobre o solo, os malditos não conseguiriam deitar as garras sobre eles. Qualquer minuto a mais fazia diferença.

— Os milagres, Lucas... traga-nos os milagres... — balbuciou bento Teodoro.

Lucas continuava encarando as criaturas. Estavam encurralados, a mercê do destino. Se fosse vontade de Deus que saíssem livres daquela enrascada, veriam o sol nascer mais um dia.

A seguir, os vampiros abriram um corredor naquele mar vermelho. No leito aberto surgiu a figura de uma das criaturas. Um vampiro montado num cavalo negro aproximou-se da borda do campo enlameado. O vampiro parecia ser alguma espécie de líder, pois a sua simples passagem fez a massa de criaturas calar.

Anaquias olhou para os bentos ajoelhados, cercados e subjugados.

— Acabaram seus truques, guerreiros? Vicente colocou-se de pé, protegendo Lucas.

Anaquias bateu com os calcanhares na barriga do cavalo, fazendo dar alguns passos para a frente.

Os bentos assistiram o guerreiro vampiro avançar triunfante pelo campo abençoado.

— Estão vendo? Meu cavalo não é vampiro. Ele caminha por onde quiser.

Vicente levou a mão à espada. Lucas conteve o guerreiro, segurando o braço do gigante.

Uma flecha zuniu, fincando no peito de Vicente e fazendo-o ir ao chão.

— Não! — gritou Lucas.

Anaquias virou o tronco sobre o cavalo, olhando para os vampiros atrás de si. Seu olhar queimou sobre o arqueiro impertinente. Anaquias fez um sinal com a cabeça, o que bastou para que um de seus comandantes arremessa-se o arqueiro ao campo bento. Assim que o vampiro bateu na água, a parte molhada de seu peito e rosto pegaram fogo. A criatura tentou levantar-se, mas foi inútil, no segundo seguinte todo o seu corpo entrou em combustão, tornando o ser animado em um monte de cinzas.

Os bentos silenciaram, voltando os olhos para Anaquias.

O vampiro, por sua vez, voltou os olhos para o grupo de bentos. Seus olhos pararam sobre Lucas. O vampiro sentiu algo queimar em seu interior. Sentiu algo ruim. Soltou um gemido.

Lucas manteve-se de pé, enquanto Francis e os demais buscavam assistir a Vicente.

Anaquias lutava para manter-se ali. O vampiro-rei soprando algo em seu ouvido. O vampiro-rei havia sentido algo ao ver aquele homem. O vampiro-rei queria aquele homem. Queria aquele homem vivo. Lucas era seu nome.

— Lucas. — disse Anaquias.

O bento levou os olhos para o vampiro montado.

— Tu serás o mais precioso troféu. Esse é o desejo do vampiro-rei. Serás aprisionado e levado a seu encontro.

Os olhos dos bentos convergiram para Lucas.

— Se você quer sangue, te digo onde encontrar. Poupe meus homens que lhe darei um Rio de Sangue.

— Do que falas?

— Há um Rio de Sangue próximo daqui. Sei onde encontrá-lo. Poupe meus homens que lhe darei o que mais desejam.

Anaquias sorriu. Fez o cavalo rodar, voltando-se ao Exército Vampiro. Seus olhos viram a imensidão de seu poderio. Os vampiros ocupavam totalmente o território interno da Barreira do Inferno. Depois de alguns instantes voltou-se para o bento.

— Vê o que vejo, humano? Vê? Creio que não está em condição de barganhar. Faço o que quero.

— Se deitar o braço sobre meus homens, não direi onde encontrar o Rio de Sangue.

Os bentos trocaram olhares aflitos. O que dizia Lucas.

— Vos digo que o sangue de teus preciosos guerreiros me vale mais que dez Rios de Sangue.

— Nosso sangue não presta aos da tua raça, vampiro. Anaquias primeiro sorriu, encarando a face de Lucas. Começou uma risada, estendendo-a até uma gargalhada.

— Poupe-os, vampiro. Te darei sangue suficiente para alimentar teu bando.

— Não faça isso, Lucas. — pediu bento Augusto. Lucas nada respondeu.

Anaquias interrompeu a gargalhada. Debruçou-se sobre o dorso nu do cavalo e falou diretamente para Lucas, em voz baixa, como se confidenciasse um segredo.

— Se fala do grupo que vem do norte... creio que nem precisarei procurar. Logo eles estarão aqui.

— Não estarão. Enviamos um soldado para que não chegassem aqui. Para que fugissem.

— Mesmo que o que diz seja verdade, bento, ao norte daqui só encontraremos Nova Natal. É para lá que marcharemos, prosseguindo com nossa conquista.

Os bentos engoliram a seco. Não haveria barganha, nem tempo extra. Estavam perdidos.

— Tragam os corpos! — bradou Anaquias.

Um segundo corredor abriu-se e um número impressionante de vampiros surgiu atrás dele, estes traziam no topo da cabeça os corpos dos soldados mortos nos muros e no território da fortificação.

Quando pararam à margem da lama abençoada, aguardaram instrução.

— Arremessem!

Os vampiros arremessaram os corpos sobre a lama, criando um tapete de cadáveres.

— Vê. Não há razão para barganha. O destino de seu grupo está selado.

— Não! — bradou Lucas, possesso.

Os órbitas dos olhos do trigésimo guerreiro voltaram a transformar-se em brasas amarelas vivas.

Anaquias, surpreso por singular reação, puxou a rédea e fez o cavalo recuar alguns passos.

Lucas baixou os olhos amarelos para o rosto dos soldados mortos. Tantas vidas tiradas por aqueles bárbaros da noite. Levantou-se enfurecido e apontou o dedo para Anaquias.

— Você vai morrer!

Imediatamente após o brado guerreiro um tremor de solo tomou de assalto todos presentes na Barreira do Inferno.

A intensidade do tremor aumentou junto com os gritos dos vampiros. Parte dos bentos foi ao chão. Diante de seus olhos amarelados e incrédulos, bento Vicente via parte dos demônios ser

engolida pelo chão. Era como se o diabo estivesse abrindo a boca embaixo dos pés dos milhares de vampiros e alimentado-se de suas crias.

O inesperado fenômeno desconcentrou os vampiros que, tomados pelo terror por causa do terremoto inesperado e ainda mais por assistirem parte do exército desaparecer engolidos pela terra, começaram a afastar-se, debandando em direção aos muros. Os gritos de Anaquias nada adiantaram para conter seus homens.

Um estrondo intenso ecoou na Barreira do Inferno. Lucas e os demais trocaram olhares assustados, abaixando-se e tapando os ouvidos. O que acontecia fugia da compreensão dos bentos e dos vampiros.

Como mágica o chão se encheu de fogo. Uma massa de criaturas da noite consumiu-se no meio das chamas vermelho-amareladas, aumentando o apavoramento geral.

— O primeiro milagre! — bradou Ramiro, esboçando um sorriso, apontado para a gigante língua de fogo que se esparramava pelo chão.

Lucas caminhou até sua espada. Se aquilo era um milagre, e era justamente o que parecia, a profecia havia se consumado e as espadas estariam livres para a batalha. Lucas arrancou sua arma do solo erguendo-a para o ar.

Os bentos restantes repetiram o ato, tomando as espadas na mão.

Marco Franjinha, encolhido embaixo de uma das mesas do escritório, mantendo-se escondido das criaturas que tinham invadido a sala de controle, tirou a cabeça do meio dos joelhos e ergueu os olhos ao ouvir os diversos bips de alarmes quando, inexplicavelmente, os computadores do monitoramento de missão ligaram-se de forma automática.

— Mas que diacho é isso?

Do lado de fora, os bentos ajudavam Vicente e Célio a colocarem-se de pé. Ulisses avançou dois passos junto com bento Augusto. Assistiam os vampiros debandarem apavorados, grande quantidade deles corria com o corpo em chamas, perdendo-se no meio de fogo e fumaça. O grupo de Lucas subiu no compartimento traseiro do caminhão, dando proteção aos dois feridos.

Anaquias, recuperando-se da surpresa e tirando os olhos da bola de fogo que consumia cada vez mais vampiros, tornou a olhar para o grupo de bentos. Nova surpresa ao notar que o grupo havia escapado do cerco e desaparecia na traseira do caminhão. Voltou os olhos para a bola de fogo. O calor e o clarão aumentavam cada vez mais de intensidade, junto com um rugido de mil onças, fazendo o terror aumentar proporcionalmente no meio dos seus. O vampiro-rei havia calado em sua mente, sem soprar mais nada depois de deitar os olhos no bento que atendia pelo nome de Lucas. O vampiro-rei não estava mais ao seu lado e nem mesmo havia lhe alertado para aquele perigo. Para o perigo da bola de fogo, do sol na terra.

Os vampiros debandavam desordenadamente, afastando-se cada vez mais daquele ponto luminoso da Barreira do Inferno. Seus olhos aterrorizados haviam perdido o brilho vermelho e maligno, dando vez ao medo e ao desespero. Aqueles que batiam os olhos no clarão tornavam-se cegos e corriam desorientados.

O fogo aumentou e uma cortina de fumaça começou a tomar o chão. Os que não eram incinerados estavam loucos, buscando o muro mais próximo para voltar ao abrigo da floresta escura. O desejo de fuga foi tomando a mente de um a um dos milhares de soldados que bateram em retirada, pulando os muros da Barreira do Inferno, retornando para as trevas da mata fechada.

Anaquias chamou os que estavam ao seu redor. Com brados ensandecidos conseguiu juntar pouco mais que uma centena de vampiros ainda lúcidos e fiéis. Encaminhava-se para a traseira do caminhão quando a fumaça começou a cobrir todo o terreno. Graças aos demônios não precisavam mais de oxigênio, do contrário estariam asfixiando e tossindo. Avançavam decididos a liquidar com a vida daqueles miseráveis, mantendo vivo apenas Lucas, como pedira o espectro. Era vontade de Anaquias preservar o sangue de todos eles. O vampiro-rei havia lhe mostrado algo. Uma bruxa. Uma serpente engolindo uma tartaruga. Entretanto, sabia que deveria agir com rapidez. Aqueles malditos eram perigosos demais para serem aprisionados com vida por míseros cem vampiros. Precisaria do seu exército todo para tarefa tão grandiosa. Quando ainda avançavam em direção ao caminhão, Anaquias sentiu o medo aflorar em seu ser quando notou um brilho amarelo intenso aumentar no meio da fumaça e aproximar-se da saída do compartimento traseiro do caminhão. Era o brilho dos olhos do terrível guerreiro. O vampiro-rei tinha lhe alertado sobre aquele perigo. Deveria afastar-se daquele maldito brilho. — Atacar! — ordenou Anaquias.

Lucas saltou da traseira do caminhão. Muita fumaça juntava-se na região. No entanto, seus olhos iluminados, permitiam que visse os vampiros. Não enxergava bem o terreno, mas sabia onde os desgraçados estavam.

Atrás do trigésimo, surgiram os demais, como que formando uma guarda de salvação.

Os vampiros pararam estáticos. Os guerreiros estavam diferentes. Era como se uma energia vinda de outro plano, inflasse seus corpos, transformando-os em espectros amarelados.

Anaquias girou o cavalo e bateu com os calcanhares na barriga do animal. Disparou rumo aos portões norte da Barreira do Inferno enquanto aquele sol invocado pela magia dos bentos subia ao céu, derramando luz e medo sobre o exército da escuridão.

Lucas voou para cima do primeiro adversário. Sua espada afiada silvou, cruzando o ar, encontrando pouca resistência ao partir o pescoço do demônio. Antes que a cabeça do vampiro voltasse ao chão, Lucas descrevia outro arco, enterrando a prata no olho de uma segunda vítima. Retirou a espada do crânio do vampiro atingido e cortou o pescoço da criatura. Garras afiadas

penetraram sua carne. Lucas saltou sobre o corpo do segundo vampiro destruído e desvencilhou-se do terceiro. Sua bota cravou no chão e foi capaz de sorrir ao erguer a espada mais uma vez. Avançou e quando se imobilizou, o corpo do terceiro vampiro ia ao chão.

Ramiro também tinha acabado com três criaturas. Sentia o corpo ágil e leve e a espada cortava o ar sem que fosse preciso muito esforço. Os vampiros pareciam mais lentos que o normal e sua fúria contra as criaturas parecia lhe dar mais e mais poder. Enxergava os malditos dentre a fumaça e, antes que conseguisse apanhar a quinta vítima, metade do grupo de vampiros que ousaram atacar os bentos havia sido reduzida a pedaços, enquanto a outra metade fugia correndo pelo campo da fortificação, seguindo o líder covarde que os abandonara à própria sorte.

Os bentos olharam para o céu. O ponto de luz distanciava-se, ganhando altura com velocidade impressionante.

— O que foi aquilo? — perguntou bento Ulisses.

A fumaça começava a reduzir, dissipando-se e deixando que um bento pudesse enxergar o outro.

— Isso aqui é uma base de lançamentos, não é?

— É. — tornou Ulisses.

— Aquilo só pode ser um foguete. — supôs Lucas. Os bentos olharam para o trigésimo.

— Um foguete? Como isso pode ser um foguete, Lucas? Essa base está desativada há milênios. Ninguém consegue lançar foguetes hoje em dia.

— Isso só pode ter sido o primeiro milagre.

A resposta de Lucas calou o grupo. Permaneceram em silêncio por um instante, fitando o céu e vendo o trilho de fumaça e fogo ganhar mais e mais as alturas com o ronco surdo do foguete diminuindo gradativamente, até desaparecer e a luminosidade expelida pelo veículo espacial transformar-se num brilho assemelhando-se a uma grande estrela. Lucas estava certo. Aquilo só poderia ser o primeiro milagre. O milagre que os havia salvado da morte certa, para continuarem a luta e destruir os malditos.

Capítulo 52

Bento Duque olhou ao redor. O que sobrara da Barreira do Inferno não era nem sombra do bem cuidado Centro de Lançamento, local pelo qual o Marco Franjinha zelara de forma obsessiva. Via dois prédios em chamas e três muros destruídos pelas criaturas da noite. Bento Duque baixou a cabeça. Apesar dos amigos ao redor estarem ainda soltando brados de vitória e abraços entusiasmados, sabia que aquele exército noturno estava lá fora... praticamente intacto. Quantos vampiros haviam morrido no fogo milagroso? Dois mil? Três? Três mil no máximo. Bento Duque havia visto os malditos... eram muito mais que isso. Talvez tivessem perdido dez por cento do poderio, uma grande baixa para um comandante, mas ainda sobravam cabeças demais para comandar. O exército havia se assustado naquele dia, mas assustaria-se na próxima noite? Para onde estariam indo agora? Reorganizando-se? Fariam um novo ataque ainda essa madrugada? Eles já sabiam dos adormecidos vindo na estrada. Talvez...

— Vou para a vigia! — bradou Duque.

Bento Amintas e bento Célio olharam para o companheiro que começara uma corrida em direção ao posto de observação.

Francis, Ramiro e Augusto estavam rasgando a lona da traseira do caminhão para providenciar macas a fim de transportar o gigante Vicente e o pequeno Célio para um lugar coberto. Francis havia estancado a hemorragia de Vicente, que poderia recuperar-se mais rapidamente. Já bento Célio apresentava um quadro mais grave, com queimaduras profundas na região do ombro e pescoço. Temia pela vida do amigo.

Teodoro e os demais começaram uma corrida, entrando nos prédios incendiados, nos escombros encontrados no caminho, procurando por sobreviventes. Mas, horrendamente, tudo o que encontravam era corpos drenados, sem uma gota de sangue, sem a mínima chance de sustentar vida. Estavam secos e mortos, pálidos como as criaturas das trevas.

Bento Ulisses apontou para o prédio do controle, ainda de pé, e sem sinal de incêndio. Lucas acompanhou o guerreiro moreno.

Entraram no prédio da sala de controle. Um pavimento de três andares, cercado de janelas e com o chão coberto por lajotas vermelhas. Lucas notou o interior do prédio que era estreito, mas muito comprido. Os móveis estavam fora do lugar e algumas lâmpadas não funcionavam bem, piscando constantemente, atrapalhando a visão.

Apesar de terem visto o exército negro evadir, fugindo para a mata, mantinham-se alertas. As sombras e o piscar das lâmpadas frias aumentavam a tensão. Lucas caminhava vagarosamente, com sua espada segurada pelas mãos.

— A sala de controle fica por ali. — indicou Ulisses.

Lucas dirigiu-se para a área apontada. No corredor do teto pendia uma placa indicando a sala. Caminharam mais alguns metros, Lucas virou a cabeça para trás quando ouviu um estalo às costas. Faíscas caíam do teto junto a uma das luminárias onde um curto-circuito acabara de ocorrer. Lucas continuou em frente. Chegou à porta dupla da sala de controle. Acima da porta outra placa. Nesta lia-se: "Entrada Restrita. Apenas pessoal autorizado". A direita da porta um aparato eletrônico com um teclado. Provavelmente, no passado, as pessoas deveriam digitar ali algum código para conseguir seguir adiante. Lucas girou a maçaneta, escutando outro estalo. Empurrou a porta e entrou.

Bento Ulisses e Lucas ficaram imóveis por cerca de meio minuto. Estavam pasmos. O centro de controle era impressionante. Ulisses tinha estado ali horas antes, durante a tarde e aquela sala ampla não lhe parecia tão maravilhosa. Parecia sim, como muitos prédios, apenas um museu, cheia de equipamentos e propósitos que só serviam ao passado. Agora tinha diante dele uma sala iluminada por telas de computadores em perfeito funcionamento. A tela mestre, imensa, forrando quase totalmente a parede principal da sala de controle, tinha cerca de quatro metros de altura por oito de largura. Sua atividade provocava um brilho que iluminava a face de Lucas e Ulisses,

Lucas deu três passos adentro. Seus olhos refletiam os gráficos exibidos na tela principal. De joelhos, de frente para ela, um homem permanecia admirando o estranho acontecido.

Ulisses reconheceu a figura de Franjinha, aproximando-se, buscando explicações.

— O que aconteceu aqui, cara?

Franjinha demorou uns segundos para desviar os olhos da tela imensa. Depois de uns instantes fitou o bento com um sorriso. Levantou-se e apontou para uma das mesas, onde havia um número enorme de fios conectados ao laptop do engenheiro maluco.

— Um milagre, bento Ulisses. Um milagre. — os olhos do obstinado zelador da Barreira do Inferno encheram-se de lágrimas.

— Calma, homem. Calma.

Bento Lucas aproximou-se, ainda hipnotizado pela sala de controle em funcionamento. Quase podia ver o espectro dos técnicos atrás de cada uma das telas de computador, sentados em suas cadeiras de couro negro, monitorando o progresso da missão.

— Agora eu sei por que fiquei aqui na Barreira do Inferno. Agora eu sei. Chegaria esse dia e ela precisaria de mim.

— O que foi aquela bola de fogo lá fora?

— Vocês viram? Não foi lindo?

Ulisses riu longamente, olhando para Lucas, ainda boquiaberto, agora olhando com atenção para a tela principal.

— Você foi lindo, Franjinha. Foi maravilhoso. Eu não sei o que você fez daqui, mas aquela bola de fogo salvou nossos pescoços lá fora.

— Eu não fiz, nada, bento. É o que estou dizendo. Eu não pus um dedo nisso aqui. Eu estava escondido debaixo da minha mesa, cagando nas calças... aqueles filhos duma puta estavam pulando em cima das mesas do controle de missão... estavam destruindo tudo... de repente as luzes se acenderam e pimba!

— Pimba!?

— É... os computadores ligaram sozinhos. A tela principal acendeu e começou o programa de lançamento, sozinho... era como se a sala de comando ganhasse vida. Acho que por causa da claridade da tela os vampiros picaram a mula daqui e me deixaram em paz, assistindo a essa maravilha.

Ulisses olhou sério para Lucas que se aproximara dos dois.

— O que significam aquelas coisas? — perguntou a Franjinha, apontando para a tela.

Franjinha levantou-se de trás da tela do laptop e olhou para a tela principal.

— Aquele traço vermelho, deslocando-se continuamente, é o foguete ARIANE-108.

— ARIANE? Você está dizendo o ARIANE? — repetiu Lucas.

— Isso mesmo.

— Santo Deus! — balbuciou Lucas, estupefato.

— Ele está carregando a peça fundamental do último projeto em curso do CLBI antes da Noite Maldita. Está carregando a célula de energia matriz do projeto TUPÃ, peça de tecnologia de ponta naquela época.

— Projeto TUPÃ? — interrogou Ulisses.

— Seria um verdadeiro milagre se o robô conseguisse conectar a célula matriz... e que ela ainda funcionasse... mas já seria impossível imaginar o ARIANE decolando depois de trinta anos de abandono... o combustível não funcionaria... os motores nem seriam carregados... há ainda a questão da janela... procedimentos e manutenção mecânica... é impossível isso estar acontecendo. Acho que estou sonhando.

— É por isso que é chamado de milagre. — completou Lucas. Franjinha parou e fitou o bento.

— É. É por isso que é chamado de milagre. — repetiu o engenheiro, arrumando os óculos num movimento ligeiro. — Desculpe, senhor, ainda não fomos apresentados.

— Bento Lucas.

Franjinha fez uma cara de espanto.

— Você quer dizer "o" bento Lucas. O trigésimo sorriu.

— Isso mesmo.

Franjinha caiu sentado na cadeira de couro e bufou. Era sua vez de se espantar.

— Agora tá explicado. Já sei. Você chegou aqui com os seus outros bentos, não foi isso?

— Isso. A profecia dos trinta bentos se cumpriu.

— Agora tá explicado! — vibrou o engenheiro.

Ulisses afastou-se e foi sua vez de voltar a examinar a tela principal.

— E o que vai acontecer quando o foguete chegar ao seu destino?

— O foguete vai colocar o robô com a célula matriz em órbita, que por sua vez vai voar até TUPÃ e irá conectar à célula matriz. Se a célula matriz funcionar, o projeto TUPÃ entra em funcionamento.

— Pra que isso serve ?

— Esse projeto foi desenhando com alguns parceiros sul-americanos e europeus como uma ferramenta para a agricultura. Não sei para que vai servir agora.

— E isso aqui? O que é?

Franjinha fitou a tela principal. Pequenos quadros subdivididos apareciam na parte inferior.

— Meus Deus!

O engenheiro olhou para o laptop.

— Estava tão embasbacado com o lançamento do foguete que nem notei isso... Como é possível? Tudo bem que é um milagre... mas isso...

— O que é?

— Estamos recebendo imagens de dois satélites de observação. — disse enquanto digitava rapidamente no teclado. Apontou na tela do laptop uma janela onde se via uma figura marrom à esquerda e uma porção de um azul escuro, quase negro, à direita.

— O que é isso? — perguntou o trigésimo.

— Vocês estão vendo a esquina do continente. Esse é o litoral do Nordeste. À esquerda, marrom-escuro, é o continente, a parte azul-escuro é água, o Atlântico.

— Nossa! — exclamou Ulisses. — O resto do pessoal tem que ver isso.

— Olha, dá pra aproximar mais. Esses satélites integram o projeto Tupã. Serviam para mapeamento agrícola. Para que fosse feito um monitoramento preciso depois que começasse a intervenção do TUPÃ.

Lucas e Ulisses viram admirados Franjinha operar o laptop, fazendo com que a janela exibisse ainda mais próximo o solo do planeta Terra.

— Esse é o nosso glorioso estado do Rio Grande do Norte, encravado entre o Ceará e a Paraíba. Mais um toque aqui e poderão ver mais próximo ainda.

— Até onde isso vai?

— Eu só estudei isso nos sistemas, nos livros do controle, nunca usei de fato. O projeto nunca decolou. Fiquei adormecido por vinte anos... mas acho que dá pra ver até...

— Até o quê? Não faz suspense...

— Peraí. Eu vou mostrar.

Franjinha moveu o mouse novamente. Depois de alguns cliques, os observadores passaram a ver a costa com maior clareza. O operador abriu um menu.

— Vamos deixar isso mais interessante. Por esse menu posso realçar o que nos interessa. Vou selecionar o contraste de temperatura...

Dito isso, Ulisses e Lucas viram minúsculos pontos vermelhos surgirem agrupados num determinado território, relativamente próximo ao litoral.

— Vejam. Esses são os incêndios aí fora.

— Nossa! Estamos vendo a Barreira do Inferno...

— Isso mesmo, Ulisses. E podemos ver mais.

Mais alguns cliques e nova aproximação. Agora podiam discernir pontos pretos e retangulares que compunham o que sobrara das edificações. A maioria deles com boa parte tomada pela cor vermelha, indicando que o fogo avançava.

— Consegue trazer a câmera mais para a esquerda? Franjinha obedeceu.

— Tá vendo? Esse retângulo... é o caminhão em, que chegamos.

— É... parece um caminhão. — retrucou Franjinha.

— E esses pontos rosa-amarelados, zanzando próximos aos focos de incêndio, o que são?

— Esses são os homens lá fora. Estranho... — murmurou o engenheiro.

— O quê?

— Tem pouca gente. Cadê os soldados dos muros e o pessoal que estava trabalhando?

Ulisses e Lucas trocaram um olhar rápido. A resposta veio seca.

— Estão mortos. Os vampiros destruíram os muros e devastaram todos. Estamos aqui falando com você só por causa do primeiro milagre.

Franjinha calou-se um momento.

— A profecia dizia que ao nos reunirmos teríamos quatro milagres concedidos, que nos salvariam da maldição dos vampiros. Ao menos já vimos um deles concretizado.

Ulisses aquiesceu, balançando a cabeça.

— Dois.

Lucas olhou para o engenheiro.

— Temos dois milagres acontecidos.

— Como assim?

Franjinha arrumou-se na cadeira para explicar aos bentos.

— O ARIANE 108 ter decolado após tanto tempo de inatividade, sem que fosse feito nenhum preparo, nenhum aquecimento... pode acreditar em mim, bento Lucas, isso é um milagre, dos grandes.

— Continue.

— Segundo... se estamos vendo essas imagens, vindas de dois satélites que fazem parte do programa TUPÃ, temos um segundo milagre acontecendo.

— Esses satélites deveriam estar desativados também? — arriscou Ulisses.

— Não... vamos incluir isso no primeiro milagre. Vamos considerar o projeto TUPÃ em atividade como um milagre único. Um pacote. As imagens, bento... as imagens são transmitidas via rádio. Desde a Noite Maldita as ondas de rádio foram deletadas das regras da física. Nenhum rádio funcionava, nem TV nem tecnologia *wireless*, nada que tivesse radio transmissão envolvida. Se estamos recebendo ondas de rádio aqui... creio que as ondas de rádio voltaram a funcionar.

— Ufff! — bufou Ulisses. — Preciso tomar um ar. Isso é demais pra mim.

— Podemos fazer um teste?

— Como assim? Que teste?

— Esse negócio que você falou, das ondas de rádio, faz sentido. Mas e se somente o rádio ligado ao projeto TUPÃ estiver funcionando? Talvez isso seja parte do primeiro milagre, do primeiro pacote, como você mesmo disse.

O engenheiro levantou-se e atravessou apressado a sala de controle, abrindo uma sala anexa. Lucas e Ulisses ouviram o barulho de coisas sendo reviradas e de objetos indo ao chão. Repetiram o caminho feito por Franjinha e adentraram a sala seguinte. O rapaz abria armários de madeira, buscando alguma coisa.

Quando Lucas abriu a boca para perguntar, Franjinha ergueu uma caixa, com um sorriso Vitorioso, como se tivesse recebido um troféu. O engenheiro colocou a caixa no chão e rompeu o lacre. Tirou dela dois walkie-talkies novinhos em folha. Rasgou a embalagem plástica. Examinou o primeiro deles.

— Graças a deus!

— O quê?

— As baterias destas belezinhas são as mesmas que uso no aparelho de som. São recarregáveis.

O rapaz desapareceu da sala, voltando à sala de controle seguido pelos bentos. O aparelho de som estava na mesa ao lado do laptop. Franjinha tirou o eletrodoméstico do lugar e removeu uma tampinha traseira. A bateria foi cuspidada para fora e serviu para ligar o primeiro walkie-talkie. O recarregador de baterias estava embaixo da mesa. Em menos de um minuto a segunda bateria entrava no aparelho seguinte.

Franjinha, cerimonioso, antes de ligar os aparelhos, olhou sério para os bentos parados na sua frente. Levou o botão dos aparelhos para a posição de "on" e casou os canais. Inspirou fundo e colocou um deles na mão de Ulisses. Atravessou a sala novamente, indo para o corredor.

Franjinha recostou-se na parede. Faíscas desprenderam-se de uma luminária a meia distância. As luzes piscavam alternadamente. Apenas a sala de controle parecia funcionar em perfeito estado. Pressionou o botão de falar e fez sua tentativa.

— Um, dois, três, teste. Responda se estiver me ouvindo.

Franjinha soltou o botão de falar e levou o aparelho ao ouvido. Aguardou segundos intermináveis, ansioso pela resposta no rádio. Mordeu o lábio. Nada. Baixou o aparelho e bateu a cabeça repetidas vezes contra a parede.

— Alto e claro, Franja. O rádio está funcionando! — explodiu, eufórica, a voz de bento Ulisses.

Os bentos ouviram a porta abrir com estardalhaço. O engenheiro voltou sorridente.

— Puta merda! Não dá pra acreditar!

Lucas concordou com o rapaz, meneando a cabeça e sorrindo também. Depois de um breve momento de alegria, voltou a olhar para a tela do laptop. Os pontos róseo-amarelados pareciam ter aumentado em uma dúzia. Lembrou-se dos vampiros que haviam fugido da luz intensa proporcionada pelo lançamento do foguete.

— E os vampiros? Eles fugiram daqui, mas não sabemos onde estão. Pode mostrá-los? — quis saber.

Franjinha voltou para frente do computador, sentou-se na cadeira preta e tornou a clicar. Afastou um pouco o zoom, aumentando o campo observado. Os focos de incêndio diminuíram sensivelmente, os contornos da base de lançamento foram perdendo-se.

— Se fosse dia... talvez pudéssemos ver alguma coisa com isso... mas está tudo escuro.

— Se fosse dia eles estariam liquidados.

Franjinha riu, percebendo a bobeira que tinha acabado de dizer. Se fosse dia, os malditos teriam sido liquidados pela luz do sol.

Os bentos continuavam a observar enquanto Franjinha voltou ao teclado.

— Acho que consigo melhorar o contraste. Os vampiros não produzem calor corpóreo, mas estão em movimento. Um exército grande talvez possa ser visto. Tenho que melhorar os parâmetros para o programa filtrar as imagens que está recebendo. — tentou explicar. — A temperatura corpórea desses assassinos selvagens é abaixo da nossa, devem apresentar algo próximo da temperatura ambiente. Vamos descartar o movimento captado de todo corpo que apresente massa com peso inferior a sessenta quilos... então, acho que teremos nosso Exército. — disse Franjinha, dando um toque final na tecla enter.

Uma ampulheta surgiu na tela, girou rapidamente e, em seguida, a janela de exibição refez-se. Milhares de pontos azuis surgiram na tela, deslocando-se vagarosamente, mas reagrupando-se perigosamente.

— Para onde estão indo?

Franjinha moveu o mouse e reduziu o nível de zoom, abrindo mais campo na tela.

— Estão indo para o norte. — disse Lucas.

— Nova Natal.

— Estão indo para a estrada, Lucas. — disse o engenheiro, apreensivo. — Vão interceptar o comboio. — tornou, apontando para um grupo de retângulos vermelhos que deslocavam em alta velocidade, movendo-se para sudeste.

— Temos que detê-los. — murmurou o trigésimo.

— Não há como.

Franjinha recuou a cadeira e passou a olhar para a tela principal do controle. Dentro de poucos minutos o robô desconectaria-se do foguete ARIANE-108 e navegaria até o soberbo e engenhoso TUPÃ. O engenheiro enfiou os dedos na franja loira.

— Como fui tão burro! — explodiu, ficando de pé.

— O que foi?

O engenheiro olhou para bento Ulisses.

— Há um jeito, bento! Há um jeito!

— Do que você está falando?

— Se o robô conectar-se ao TUPÃ, teremos uma chance de salvar o comboio!

Capítulo 53

O soldado Nivaldo checkou o retrovisor. Liderava o comboio saído de Nova Natal com destino à Barreira do Inferno. A dupla de faróis do segundo caminhão surgiu assim que terminou a curva. Manteve a aceleração. Estava indo a oitenta quilômetros por hora, se aumentasse mais a velocidade, talvez o resto do comboio não acompanhasse. Seu caminhão estava cheio de carga. Carga viva. Pessoas adormecidas, presas em armações de madeira para o transporte. Nos alto-falantes rolava a quarta faixa de um CD gravado por um amigo. Nivaldo tinha comentado com Fernando que era fã do som dos Ramones. Bastou o comentário para que o amigo, com acesso à sala de computadores de Nova Natal, reunisse as melhores faixas da banda *punk* num CD que valia ouro. A "energia" de *Palasides Park* explodia na boléia do caminhão, dando ritmo à viagem.



Anaquias, montado no cavalo, no topo de um morro, via a estrada centenas de metros abaixo. Quando visualizou os faróis brilhando no asfalto, ergueu um dos braços.

A cornucópia foi soprada mais uma vez, repetindo o som grave que tinha assombrado os ouvidos dos soldados da Barreira do Inferno. Mais uma vez os vampiros tinham ordem para atacar. E agora, mais do que uma vitória, segundo tinha sabido dos comandantes, os caminhões na estrada trariam adormecidos. Um Rio de Sangue ambulante, pronto para descer goela abaixo, satisfazer a sede maldita que guiava a mente dos vampiros.

Os bentos tinham logrado vitória no último embate, mas depois que seus milhares de soldados reabastecessem os corpos sobrenaturais com o sangue humano, teriam a força e a disposição dobrada. Voltariam aos muros da Barreira do inferno e terminariam o que tinham começado.



Nivaldo aumentou o som quando *Poison Heart* começou a tocar. Adorava aquela música. As faixas amarelas na pista passavam velozmente, sendo engolidas por seu caminhão. Estava distraído... o que era aquilo na floresta? Um incêndio? Sentiu um arrepio eriçar os pêlos dos braços quando viu brasas voadoras cruzarem o céu, saltando de um lado da floresta para o outro. Deus do céu! Não eram brasas! Eram vampiros! Estavam por toda volta. Não teria tempo de frear e voltar. Não dava tempo de avisar os outros. Tinha que guiar o comboio. Tinha que escapar daquele cerco. Pisou mais fundo no acelerador. Seus olhos encontraram algo na pista. Um único vampiro, branco como a lua cheia, parado no meio do asfalto, com a mão estendida,

espalmada, ordenando que parasse. Nivaldo chegou a tirar o pé do acelerador como reflexo. No entanto, manteve-se firme... não ia parar por causa de um merda de vampiro.

— Vai pro inferno, capeta! — berrou, aferrando as mãos no volante.

O vampiro viu o monstro de metal crescer diante de seus olhos. Imaginou que o maldito intimidaria-se, vendo-se totalmente cercado. Grande erro.

O caminhão acertou a criatura em cheio. O corpo esguio e pálido voou metros à frente, voltando a cair na estrada e a ser apanhado uma segunda vez pelo caminhão. Dessa vez, todos os pneus passaram sobre a criatura, arrebatando o vampiro em cinco pedaços, moendo seus ossos e seus órgãos mortos e podres.

Nivaldo soltou um berro de alegria ao ver o primeiro inimigo vencido. Ainda com o berro escapando pela garganta, veio a retaliação. Flechas flamejantes cortaram a escuridão rumo aos pneus dianteiros do caminhão.

Nivaldo tornou a agarrar o volante. Um barulho rouco começou assim que o pneu dianteiro direito estourou. O caminhão guinou brutalmente para a direita, obrigando Nivaldo a puxar o volante totalmente para a esquerda. Nivaldo prendeu a respiração. Estava perdendo o controle do veículo. Voltou com o volante para a direita, enfiando o pé no freio. Mais flechas flamejantes cruzando o céu. Talvez mirando os pneus posteriores. Talvez indo em direção aos que vinham atrás. Nivaldo puxou ar mais uma vez. A faixa do Ramones chegando ao fim. Nem tinha ouvido todo o CD, caralho. Vampiros filhos duma puta! Torceu a direção mais uma vez. Conseguiu estabilizar, mas não tinha condições de continuar. Com a velocidade reduzida seria presa fácil. Tentava avaliar a condição de prosseguir à toda, mas levando os olhos para a estrada, mesmo que quisesse, não seria possível continuar. Uma maré de olhos vermelhos em brasa tomou o leito do asfalto, impedindo que prosseguisse. Olhou pelo retrovisor. Um a um os caminhões iam sendo rendidos e cercados por uma avalanche de vampiros. Era o fim.



— Quando falei aquela hora... que se fosse dia seria perfeito...

— O que tem?

— Se fosse dia seria perfeito porque a luz do sol acabaria com os desgraçados, certo?

— Certo, Franja, mas o que isso tem a ver com o seu plano? Vai fazer a terra girar mais rápido? — perguntou Ulisses.

— Não. O projeto TUPÃ era um consórcio intercontinental de estudo e apoio ao desenvolvimento agrícola. Com a intervenção humana e a degradação do meio ambiente o clima global estava fugindo do controle. Logo, até mesmo países gigantes e ricos como o nosso começariam a sofrer com a escassez de produtos cultivados. O projeto TUPÃ procuraria minimizar os problemas climáticos, tentando neutralizar os efeitos das geadas fora de hora, da

falta de chuva, entre outros tantos truques possíveis com os recursos lançados ao espaço para que fosse otimizada a produção agrícola em todo o Brasil e América Latina.

— Do que você está falando, Franja? Dá uma olhada no seu laptop. Os vampiros estão cercando os caminhões. Abrevie a conversa.

— O projeto TUPÃ, gente. TUPÃ basicamente é um gigantesco refletor solar, capaz de condensar e direcionar luz do sol para a Terra durante as horas da noite.

— O quê?! — espantou-se Lucas.

— Trabalha como se fosse um espelho gigante, que além de refletir, intensifica a luz solar. Sabendo onde esses putos estão, basta apontar e pau! Fogo nos filhos da mãe!

— Demorou! — exclamou bento Ulisses.

Lucas olhou para a tela do laptop. Os vampiros estavam cercando os caminhões.

— Rápido, Franja. Faça o que tiver que fazer. Em quanto tempo consegue bombardear os malditos com luz do sol?

O engenheiro ergueu os ombros.

— O foguete expeliu o robô agora na órbita de TUPÃ. O robô vai rastrear automaticamente o receptáculo da matriz e vai conectar-se ao grande TUPÃ. Não sei quanto tempo leva.



Nivaldo abriu a janela de comunicação com o compartimento de carga.

— Vampiros! — berrou enérgico.

Os soldados que iam atrás, agarrados às estruturas que empilhavam a carga por causa dos trancos, subiram sobre tal estrutura, ganhando as escotilhas superiores do compartimento.

Sérgio foi o primeiro a livrar-se da tampa. Quando colocou a cabeça para fora, ficou paralisado por alguns segundos. Santo Deus Padre Todo Poderoso! O que era aquilo?

No instante seguinte, mais duas escotilhas saíram e seus colegas assomaram pela abertura, colocando os fuzis para fora.

Sérgio acionou sua arma. Os disparos foram certos. Os vampiros, surpreendidos pela resistência, afastaram-se do caminhão. No entanto, o número de vampiros era imenso. Bastou a surpresa inicial dissipar-se para que iniciassem o ataque.

Um número assombroso de criaturas, também dotadas de armas de fogo, saltou dos galhos das árvores altas, descendo até o asfalto e cercando o primeiro caminhão.

O vampiro sorriu, fazendo mira nos soldados que surgiram no topo do veículo. Puxou o gatilho, acionando sua metralhadora.

Nivaldo, desarmado na boléia, sentou no assoalho na parte frontal da cabina, abraçando os joelhos. Malditos vampiros!



Os três homens assistiam, agoniados em virtude do tempo escasso, a aproximação do robô espacial do complexo TUPÃ.

Nesse instante, cinco bentos, algumas mulheres e soldados remanescentes entraram na sala de controle. Não entendiam o que se passava no grande painel, mas pela seriedade e mutismo dos três observadores, não ousaram importunar, passaram a assistir calados, aproximando-se pé ante pé.

TUPÃ parecia-se com um grande satélite, sendo a maior parte do corpo um cilindro. Como Lucas não conhecia a escala do projeto, não tinha idéia do tamanho do equipamento, mas a julgar pelas imagens vindas da câmera do robô... TUPÃ era algo grande, muito grande.

Mais um minuto passou-se até que viram o robô tocar o metal do equipamento. Estampado no casco do grande TUPÃ havia a bandeira do Brasil. O robô percorreu a superfície do objeto e fixou-se onde deveria inserir a célula de energia matriz. Do robô, uma haste articulada projetou-se até tocar uma espécie de parafuso sextavado. A haste girou rapidamente, até que o parafuso subisse cerca de quinze centímetros. Repetiu a operação num segundo parafuso. Pareciam peças grandes, talvez com o raio de três polegadas ou mais. A própria haste do robô, ao desconectar-se do segundo parafuso, retirou-os do lugar, trazendo-os para junto da câmera até sumirem do campo de visão, provavelmente recolhendo-os a um compartimento em sua unidade. O robô rotacionou o centro de seu corpo 180 graus, permanecendo com as garras fixas ao TUPÃ. A câmera da unidade passou a exhibir, em boa resolução, o nosso planeta azul. A luz do sol aparecia numa das bordas da esfera ovalada, deixando os oceanos sucumbirem gradativamente à escuridão. Repentinamente, a tela escureceu e o robô ativou a segunda câmera, na extremidade oposta de seu corpo, que agora exibía mais uma vez o casco de TUPÃ. A tampa desparafusada correu automaticamente para a direita e do artefato espacial subiu um receptáculo mecânico, uma haste robusta, terminada numa garra cilíndrica. O robô também abriu automaticamente um compartimento em sua extremidade e uma haste com garra semelhante conectou-se à haste do TUPÃ. Numa fração de segundos, os observadores assistiram um cilindro percorrendo as garras, deixando o robô e instalando-se ao receptáculo. A garra vinda de TUPÃ pressionou a célula de energia e recolheu-a para seu interior. A porta deslizou mais uma vez, encerrando a carga no interior de TUPÃ. Ao redor da porta deslizante, um círculo de pequenas luzes verdes acendeu-se. Tão inesperadamente quanto acenderam, apagaram. Em seguida, apenas um ponto de luz verde acendeu. O brilho verde pareceu caminhar, ao passo que o dispositivo acendia e apagava uma lâmpada de cada vez, alternadamente, completando três voltas ao redor da porta. Assim que as luzes apagaram-se, depois de dois segundos, um alarme soou no centro de comando.

Franja correu até seu laptop. A tela exibia uma mensagem de alerta.

— TESTES 1, 2 E 3 COMPLETOS COM SUCESSO. DESEJA ATIVAR A CÉLULA MATRIZ?

Abaixo da mensagem existiam dois botões, um SIM e um NÃO. Franjinha moveu o mouse até o SIM e clicou. A mensagem apagou-se.

A tensão era tamanha que ninguém emitia um pio sequer. Respiravam pesadamente, tomados pela ansiedade. Os olhares convergiram-se para o grande TUPÃ. O robô havia se afastado vários metros, permitindo que os espectadores observassem o grande instrumento espacial em sua plenitude.

O alarme soou novamente.

O engenheiro voltou os olhos para a tela do laptop. Outra mensagem surgiu, dessa vez piscando e revezando com a anterior.

— FALHA NA COMUNICAÇÃO. — então piscou e alternou. — TESTES 1, 2 E 3 COMPLETOS COM SUCESSO. DESEJA ATIVAR A CÉLULA MATRIZ?

Antes que a mensagem desaparecesse, o rapaz clicou em sim mais uma vez. Dessa vez os olhos não despregaram do monitor. Bastaram alguns segundos para o alarme de aviso voltar.

— FALHA NA COMUNICAÇÃO. — alternando para — TESTES 1, 2 E 3 COMPLETOS COM SUCESSO. DESEJA ATIVAR A CÉLULA MATRIZ?



Dois tiros entraram pela porta do caminhão, fazendo espuma do estofamento subir e depois descer lentamente, feito neve caindo. Nivaldo encolheu-se mais. Aguardou a espuma assentar, então arriscou olhar pelo vidro dianteiro. Eles estavam lá. Em número jamais visto. Todos caminhões estavam cercados e, assim que os tiros dos soldados acabassem, seriam aniquilados. Nivaldo respirou fundo. Apanhou a caixinha do CD. Já que ia morrer, que morresse ouvindo seu som preferido. Olhou as faixas descritas numa folha presa no fundo da caixinha do CD.

— Ah! Perfeita! — exclamou ao encontrar na lista uma de suas prediletas.

Verificou o número e, desajeitado em virtude da posição desconfortável, levou o dedo ao seletor do toca CD. Quando as primeiras batidas de *I Belive In Miracles* escaparam, Nivaldo girou o botão de volume até o limite, fazendo a letra de Dee Dee Ramone e Daniel Rey soarem em alto e bom som nos seus ouvidos.



— O que está acontecendo agora? — quis saber Ulisses.

— Não estou conseguindo enviar o comando para TUPÃ iniciar. Eu clico e a célula matriz não é ativada.

— Porra! Ela quebrou?

— Não. Não é isso. Aqui diz que os testes padrão e de segurança estão ok. O problema é aqui. Eu não consigo enviar a confirmação para iniciar o processo. Não sai daqui.

— Porra, Franjinha! Pensa rápido! Os vampiros já cercaram os caminhões!

— Não vou assistir isso daqui! — explodiu Lucas. — Ajudem-no a arrumar essa encrenca. Eu vou até lá.

Lucas deixou a sala correndo.

— Ele nunca desiste? — perguntou Teodoro, erguendo os ombros e olhando para os demais.

Franjinha voltou ao monitor. Pensava. Onde estaria o defeito? Se o robô estava enviando as mensagens, a recepção estava boa. Por outro lado, tinha conseguido enviar comandos para os satélites e todos tinham sido executados perfeitamente. Levou o lápis novamente à boca e mordeu a ponta. Bateu na mesa!

— Já sei!

Lucas chegava ao caminhão quando viu todos que estavam no controle saírem correndo pela porta frontal do prédio. Teodoro, diferente do grupo, veio em sua direção.

— Lucas! Espere! Não há tempo de chegar lá para salvá-los. — disse, começando a arfar e revelar o cansaço físico. — O garoto... acho que ele descobriu o defeito. Espere, brotherzinho, pelo amor de Deus.

O engenheiro atravessou quase metade do Centro de Lançamento até chegar onde queria. A antena de transmissão do projeto TUPÃ era diferente da de transmissão dos satélites de observação. Quando chegou ao local, onde deveria haver a torre, o sangue gelou nas veias. O comboio estava condenado. A torre havia sido tombada pelos malditos vampiros. Com ela no chão, não conseguiria transmitir nada.

A multidão de perseguidores percebeu o desânimo do engenheiro.

Ulisses perguntou:

— Qual é o problema?

— A antena. — disse apontando para os escombros da torre. — Com ela no chão não conseguiremos transmitir.

— Calma, cara. É só a torre que está no chão. Verifique as conexões e o funcionamento. Tem que ter um jeito.

Franjinha olhou para onde ficava a base da torre. Havia um cômodo construído, que abrigava as conexões da antena e seu equipamento de funcionamento e conexões com a sala de controle. Correu até lá, abrindo a porta e entrando no cômodo.

Em menos de um minuto o engenheiro deixou o cômodo sob o olhar de Ulisses e os demais, que aguardavam na porta. Ele nada disse, continuando o exame do lado de fora. Foi até o amontoado de metal que sobrara da torre conferir a integridade do cabo de transmissão. Foi até a ponta da torre checar os componentes de transmissão que, por pura sorte, haviam caído sobre as ramas de arbustos e, com isso, não tinham sofrido danos sérios.

— Vai dar! Vai funcionar! Precisamos colocar essa joça de pé! — voltou confiante.

Ulisses olhou para a torre, um monte de ferro retorcido. Virou-se para as pessoas atrás. Bento Ramiro com expressão de nada entender.

— Vamos pessoal! Vamos ter trabalho! Vamos colocar essa torre de pé. Idéias, por favor! — pediu. Virou-se para o engenheiro e falou baixo com ele. — Vá para o comando e transmita, pelo amor de Deus! Temos que deter aquele Exército. Se eles alimentarem-se do comboio, estaremos perdidos. Vão avançar, acumulando uma vitória atrás da outra. Não duvido nada que o alvo de amanhã seja Nova Natal ou até mesmo que voltem para cá para acabar com o que começaram.

Franjinha meneou a cabeça positivamente. Nunca duvidara da seriedade da situação. Mais uma vez pôs-se a correr, voltando para o controle.

Lucas, Teodoro e Augusto, removiam os tambores de água debaixo do caminhão, atropelados na chegada à Barreira do Inferno. O veículo parecia não ter sofrido dano sério, tirando as flechas incrustadas no capô. Os faróis quebrados na colisão pareciam em perfeita ordem.

Augusto, com seus cabelos negros e esvoaçantes, foi para a cabine. Deu partida e o motor roncou em perfeito compasso. Os bentos, cada um de um lado, apoiaram-se nas portas da cabina e foram de carona no suporte externo nas laterais do caminhão. Num instante alcançaram o prédio da torre e juntaram-se ao alvoroço.

Minutos mais tarde, ajudados pelo caminhão, usando os próprios cabos de aço presos à torre e usando o cômodo de concreto como base de apoio, começaram a tracionar o emaranhado de ferro, fazendo a antena subir pouco a pouco.

Franjinha clicava no SIM de tempos em tempos, fazendo caretas de aflição toda vez que o alarme de erro disparava. A aflição só aumentava quando olhava para a janela de imagens transmitidas pelo satélite. Tinha aproximado ainda mais a imagem e podia ver claramente que os vampiros já tinham cercado e imobilizado o comboio. Um ou outro ponto vermelho indicava que pequenos incêndios tinham começado ao redor dos caminhões. Os vampiros eram tantos que os espectros azuis tomavam completamente a janela de exibição. Com uma aproximação maior conseguia até separar os espectros em indivíduos. Braços de vampiros, saltos e armas empunhadas. Depois de muitos cliques e sonoros alarmes de erro, o desespero aumentou. Agora assistia alguns pontos róseo-amarelados serem retirados dos caminhões. Os vampiros estavam tomando os adormecidos! Estavam apossando-se de um Rio de Sangue!

O rapaz baixou a cabeça, sentindo-se derrotado. Os soldados deveriam ter sido exterminados. Agora, nada deteria o avanço daquele monstruoso exército das trevas. Automaticamente clicou mais uma vez o mouse. Fechou os olhos. Parecia-lhe uma grande ironia ter à disposição um colosso feito TUPÃ e não poder fazer uso daquela máquina, daquela tecnologia que fora desenhada para fins de pesquisa e benefício agrícola e, agora, havia tornado-se a grande esperança da humanidade, trazendo a supremacia sobre os vampiros. Manteve os olhos fechados até que, subconscientemente, notou que não escutara alarme de erro desta vez. Ao olhar para a tela do monitor deparou-se com uma nova mensagem:

— CARREGANDO SISTEMA. AGUARDE.

Abaixo uma contagem regressiva em 28 segundos indicava que logo TUPÃ estaria ativo.

Apanhou o walkie-talkie ao lado do computador e pressionou o botão para falar.

Ulisses indicou para o caminhão parar. A torre estava quase a noventa graus do chão. Teriam que, cuidadosamente, estaquear os cabos de aço ao chão. Surpreendeu-se quando a voz de Franjinha surgiu em sua cintura, saindo do walkie-talkie. Teria de reacostumar-se com aquilo, com aquela possibilidade.

Ulisses respondeu.

— Conseguimos! Conseguimos ativar TUPÃ! — berrava Marco Franjinha.

Ulisses correu para informar os demais. Instruiu bento Ramiro para que os cabos de aço fossem afixados, bem esticados. O caminhão deveria permanecer no mesmo lugar.

Chamou Lucas e correram de volta à sala de controle. Queriam assistir aquilo.

Franjinha teclava o laptop, seguindo as instruções na tela. Solicitou ao sistema TUPÃ que abrisse o prato de reflexão solar. O pedido foi processado e TUPÃ iniciou a preparação. A objetiva do robô que flutuava junto ao colosso espacial mostrou TUPÃ abrindo oito compartimentos ao seu redor. Na tela do laptop, imitando a tela principal da sala de controle, também exibia um gráfico digital com traços verdes do artefato espacial em movimento. Grandes hastes metálicas foram desdobrando-se, miraculosamente, uma conectando-se à outra, formando uma espécie de grade gigantesca. Nos vãos espaçosos entre as hastes, algo parecido com um tecido prateado corria de uma ponta a outra, unindo o esqueleto. Saindo do estágio em que toda a estrutura estava descoberta, segundos depois, parecia um grande tabuleiro de xadrez e, no instante seguinte, o prato gigantesco encontrava-se completamente forrado por aquele material prateado.

Foi nesse momento que Ulisses e Lucas chegaram à sala de controle, assistindo o final da interessante metamorfose da máquina espacial.

Ulisses olhou para a tela que exibia o cerco ao comboio. Os corpos estavam sendo retirados dos caminhões. Já podia ver alguns pontos róseo-amarelados entrando na floresta, carregados pelos vampiros, formando uma fileira, feito formigas carregando alimento para o formigueiro. Em outras áreas do campo visual podia ver o pontos róseo-amarelados esmaecerem, perdendo sua

cor até chegarem ao tom azul-acinzentado, igual aos vampiros e, nesses momentos, o tom róseo que indicava sangue, calor e vida, transferia-se em partes para alguns dos acinzentados. Os malditos estavam tomando o sangue dos corpos, ali mesmo!

— Vai logo com isso, Franjinha! — gritou Lucas.

— Não dá pra ir mais rápido, chefe. Agora é com o TUPÃ!

Nivaldo estremeceu quando tiros estilhaçaram os vidros da cabine. Mais de susto do que de preocupação. A música do Ramones, com a tecla do "repeat" acionada começou mais uma vez. O soldado, apenas aguardando, pressionou o acendedor de cigarros, curvando a mão acima do painel. O banco de couro preto estava infestado de cacos de vidro. Passou a mão no cabelo, livrando-se de alguns cacos. Tirou o maço de cigarros do bolso. Elevou a mão acima da cabeça, tateando o painel mais uma vez. Puxou o acendedor de cigarros. Trouxe o cilindro vermelho incandescente para a ponta do cigarro e deu uma tragada longa. A vermelhidão brasil transferiu-se para a ponta do fumo. Nivaldo afastou o acendedor de cigarro e olhou-o um instante. Como é que aquelas coisas funcionavam? Nunca iria descobrir. Deu outra tragada e uma baforada longa. Depois de um instante, girou o volume do *CD-player* para o mínimo. Fechou os olhos. Tiros dos vampiros. Gritos. Tiros dos soldados. Aumentou o CD para o máximo. Os Ramones apavorando.

Do alto dos caminhões do comboio, os soldados continuavam atirando, na tentativa vã de deter a massa de vampiros que rodeava os adormecidos. Eram muitos, mesmo que estivessem preparados para um ataque, jamais teriam imaginado tantos vampiros. Os fuzis explodiam repetidas vezes, reduzindo as cabeças dos vampiro a pó. Balas revestidas de prata abriam feridas fatais às criaturas das trevas.

— DISPOSITIVO PRONTO. ENTRE COORDENADAS — exibia a tela principal simultânea ao monitor do laptop.

O engenheiro consultou as coordenadas exibidas pelo satélite de observação que mostrava o ataque dos vampiros ao comboio. Copiou-as para o campo de instrução ao refletor solar e deu enter.

— PROCESSANDO. — um segundo depois, nova mensagem. — BUSCANDO ÓRBITA SEGURA. AGUARDE.

— Isso pode levar um tempo. — disse Franjinha.

— Um tempo? Quanto tempo? — urgiu Ulisses.

— Não sei. O equipamento vai buscar uma posição segura para o painel de reflexão. Eles não estão sozinhos lá em cima. Tem uma porção de lixo, de outros satélites orbitando o nosso planeta. Se um meteorito, uma peça perdida de algum outro projeto acertar o refletor, bal, bal... dependendo de onde acertar, pode acabar com o nosso brinquedão. Ele também precisa se

colocar numa posição em que possa colher os raios solares e rebatê-los para a coordenada especificada... e acredite... isso não é fácil.

— E se ele não encontrar raios solares?

— Vai encontrar. Teria dado uma mensagem se estivesse fora do alcance. Basta um pouco de sol para o sistema carregar o intensificador de raios solares. Alta tecnologia, totalmente desenvolvida aqui, no Brasil. Da Europa usamos só o veículo ARIANE.

— E quando ele encontrar o sol e o ângulo? O que vai acontecer? — perguntou Lucas.

Franjinha olhou para Lucas, depois desviou o olhar para a tela principal, observando os caminhões cercados pelos vampiros.

— Quando o sol chegar em TUPÃ, vai arder.

Em coro, com o vocalista do Ramones, Nivaldo cantava a plenos pulmões, acompanhando o refrão de sua faixa predileta:

— *I believe in miracles, I believe in a better world for me and you.* No topo do caminhão líder, Sérgio estava sozinho. Seus cinco

companheiros já tinham dançado, sangrando no piso do compartimento de carga, caminhando para a morte. O fim chegava. Ele sabia disso. Mas por alguma razão, a maioria dos humanos agia daquela forma, lutava até o último segundo, deixando o instinto de sobrevivência gritar, falar mais alto. Sérgio não aceitava a idéia de morrer na noite, no meio de vampiros. De sentir os dentes das criaturas cortando sua pele e levando seu sangue embora. Preferia quando vampiros eram só invenção do cinema e de escritores fascinados pelo lado escuro da literatura. Preferia quando o medo era só na hora de dormir e seus pais deixavam-no, de vez em quando, adormecer no meio dos dois, protegido de qualquer tipo de assombração. No meio dos seus pais, sentia-se protegido por dois super-heróis. No meio deles não existiam vampiros, não existiam múmias ambulantes, nem sacis, nem mula-sem-cabeça. No meio de seus pais dormiria em paz.

A corrente de pensamentos do soldado foi cortada quando ouviu novamente o "tlac-tlac" do fuzil descarregado. Abaixou-se, sentando na armação de transporte de adormecidos. Os malditos ainda não tinham invadido seu caminhão. Provavelmente, brincavam com ele. Esperando que o último soldado fosse morto para entrarem e tomarem todo aquele sangue aprisionado em corpos inanimados, porém vivos. Sérgio apertou o dispositivo que liberava o municionador vazio e puxou o próximo do colete. Era o último pente. Ajustou a arma, puxou a mola e preparou para recomeçar.

Voltou a passar a cabeça pela escotilha. Tinha bastado os segundos para a troca do cartucho para que os malditos tomassem conta do teto do compartimento de carga. Começou a disparar. Projéteis de fuzil arrebatando joelhos e cabeças de vampiros. Estava cercado e seria fodido em questão de segundos, mas lutaria até o fim.

Anaquias, montado em seu cavalo, permanecia no topo do morro, afastado da estrada, assistindo a primeira vitória de seu exército da noite. Mantinha no rosto um sorriso sinistro. Sabia que após alimentar seus vampiros, teriam energia para prosseguir, atacar com poder total Nova Natal. Sabiam que em Nova Natal encontrariam um novo Rio de Sangue. Teriam homens suficientes para destruir os muros do maior depósito de humanos adormecidos do nordeste. Em seguida, desceriam mais uma vez à Barreira do Inferno. Se os bentos fossem estúpidos o suficiente para continuar naquela tumba aberta, teriam o sangue arrancado dos corpos mortais e o líquido da vida seria ofertado ao novo deus dos vampiros: o vampiro-rei.

Evocando a figura do vampiro-rei, Anaquias sentiu desconforto mental. Sentiu-se conectado mais uma vez ao espectro. O espectro estava gritando em seu ouvido. Pedindo que saísse dali.

Anaquias olhou para seu exército de quase vinte mil vampiros. Não! Não poderia abandoná-los!

O espectro gritava em seu ouvido. O espectro pedia que se escondesse, que buscasse abrigo.

Anaquias fez o cavalo girar no lugar. Voltou a olhar para os milhares de soldados. Não! Assistiria a grande vitória até o final. Não sairia dali! O que o espectro gritava era absurdo! Ouvia o vampiro-rei pedindo que se retirassem. A madrugada ia ainda em sua metade. Não existia sol. Tinha assistido aquele fenômeno na Barreira do Inferno. Mas aquilo era um artefato inventado pelos humanos, não era o sol... o sol no meio da noite... isso era impossível! Sentiu os ouvidos tremerem. O vampiro-rei gritando. Sua voz enlouquecida, soava diferente. Tinha um tom conhecido. Lembrava um nome. Lembrava um caçador de motoqueiros. Cantarzo!

Anaquias girou o cavalo mais uma vez. O animal empinou no topo do morro, fazendo pedriscos deslizarem para baixo. O vampiro comandante olhou para o horizonte. Seus olhos arregalaram-se. Alguma coisa... uma luz... uma luz vinha do céu. Um fecho de luz gigantesco devorava a floresta e aproximava-se perigosamente.

— Não! — gritou Anaquias.

Sérgio deu o último disparo. O maldito caiu na sua frente. O soldado baixou o corpo quando entrava pela escotilha. A mão de outro vampiro agarrou o colarinho de sua camisa de tecido grosso, não dando espaço para que fechasse a portinhola. O soldado ergueu os braços, soltando o fuzil, escorrendo por dentro da vestimenta, livrando-se da garra da fera. Bateu com os coturnos no chão da carroceria. Viu surgir a cabeça pálida do agressor. Um som ensurdecedor encheu o compartimento quando os vampiros começaram a socar agressivamente a carroceria pelo lado de fora. Dois deles saltaram pela escotilha. O soldado deu um rolamento, alcançando o fuzil. Mesmo descarregado, serviria de arma. Conectou a baioneta à ponta da arma e preparou-se

para a luta. Ouviu um baque nas suas costas, mais um vampiro havia entrado no compartimento por outra escotilha. Estava cercado.

As duas criaturas da frente emitiram um rosar selvagem, como gatos do mato, e caminharam para frente. O que vinha atrás passou a garra num dos adormecidos, sorrindo ao ver um fio de sangue brotar. Lambeu o braço da mulher adormecida, sorvendo-lhe uma quantidade de sangue.

Sérgio girou o fuzil e empurrou a criatura, espetando-lhe a baioneta de prata. O vampiro urrou e estremeceu na ponta da arma, começando a sair fumaça pela ferida. Sérgio arrancou a faca e chutou-a, jogando ao canto, junto às portas traseiras.

Os dois vampiros que tinham entrado pela escotilha da frente, atacaram. Um deles cravou suas garras no braço do soldado. Sérgio girou, chutando o segundo, e empurrando-o contra a estante central, carregada de corpos, fazendo o primeiro soltar seu braço. Caminhou para trás, tomando cuidado com o vampiro ferido pela faca, ainda no chão, gemendo de dor, e recostou-se na porta traseira. Pelas escotilhas escorriam vampiros, logo cerca de vinte deles estavam na sua frente.

Sérgio destravou a porta traseira. Sabia que sair não era uma boa idéia, mas não tinha mais idéias para comparar.

A multidão de vampiros atirou-se sobre o soldado, percebendo a manobra.

O bolo de agressores voou para fora do caminhão. Sérgio tinha um deles espetado em sua arma. Bateu com força no asfalto. Gritou de dor. Tinha arrebentado o ombro. Colocou-se de pé e girou o fuzil. Sangrava. Os vampiros abriram um círculo. Afastaram-se dois passos. O cheiro do sangue do soldado que lutava entrava em suas narinas. Um deles rebateu a arma do guerreiro, fazendo-a voar para fora da rodovia. Sérgio estendeu os braços para frente e ergueu os punhos, pronto para a luta.

Os vampiros ao redor olharam para o valente soldado. Estava sozinho, contra milhares deles e ainda tinha a ousadia de colocar-se em posição de luta. Começaram a rir. O riso chamou a atenção de outros e o coro foi engrossando até que milhares deles estavam assistindo, de cima das árvores e de cima dos caminhões, o soldado solitário e hemorrágico em guarda contra os tantos vampiros.

Em cima do caminhão líder, um dos vampiros olhou para trás no meio a uma gargalhada. O riso foi interrompido e o sorriso desapareceu gradativamente. O que era aquilo?

Um grito de desespero veio de cima do caminhão, fazendo os vampiros gargalhantes pararem as risadas e olharem na direção do veículo.

Sérgio também desviou o olhar e caiu de joelhos, cansado demais para sustentar os braços erguidos. Se fosse acabar, que acabasse logo.

Sérgio apertou os olhos, com a testa colada ao asfalto, rezava, pedindo uma boa acolhida do outro lado. Alguma coisa ofuscou seus olhos. Abriu. Um clarão cegante. Ergueu a cabeça. A floresta... a estrada... tudo... milagrosamente... era dia!

O soldado olhou para o vampiro à sua frente. O rosto pálido do vampiro foi escurecendo, até que secou e rachou, deixando escapar fogo da boca e dos olhos, virando um amontoado de cinzas. O mesmo começou a acontecer com todos ao redor. O fogo tomou seus olhos, obrigando Sérgio a cair mais uma vez sobre o asfalto e encacarolar-se, procurando proteção contra as labaredas que escapavam das entranhas das criaturas.

Na sala de controle, agora tomada pela maioria dos sobreviventes ao ataque dos vampiros, todos assistiam boquiabertos à seqüência exibida na tela principal. Viam os pontos azuis converterem-se em pontos vermelhos. A floresta em volta tornou-se completamente vermelha, formando um bolsão de várias tonalidade de vermelho num raio de um quilômetro. Os vampiros moviam-se freneticamente, tornando-se brasas vivas quando atingidos pela luz do sol.

Os guerreiros bentos explodiram em alegria ao ver a retumbante vitória sobre o exército vampiro. TUPÃ funcionava e seria ele, o deus indígena que representava a figura do sol, que traria a libertação para o povo da Terra. A noite não seria mais um manto de terror e maldição. A noite seria agora uma armadilha. Uma armadilha para os malditos vampiros. Seriam torrados. Um a um. A libertação da raça humana viria a galope.

— Vamos vencê-los, Lucas! Vamos vencê-los! — berrou Francis.

— Já é! — explodiu Teodoro.

— Quero um rádio transmissor em cada fortificação. Assim, ao menor sinal de ataque, vamos destruí-los.

Todos concordaram com Lucas. Diante da empolgação após a vitória, as idéias começavam a brotar.

Lucas dirigiu-se para o contente engenheiro Franjinha.

— Parabéns, cara. Sem você, não teríamos conseguido.

— É um milagre! É um milagre. TUPÃ funcionando e o rádio funcionando! Estamos salvos.

— Você pode direcionar isso para outro ponto? — perguntou o trigésimo.

— Agora?

— É. Agora.

— Que lugar?

— Conhece um povoado chamado Nova Luz? Franjinha meneou a cabeça negativamente.

— Preciso de uma indicação melhor. Nova Luz ficava próxima a que cidade antes da Noite Maldita? O sistema ainda está carregado com as informações pré-Noite Maldita.

— Chega! — gritou Teodoro. — Temos que parar com isso. Chega de marcar nosso tempo com essa Noite Maldita. De agora em diante, vamos nos referir aos eventos como antes de Lucas e depois de Lucas.

Os bentos riram.

— Não exagerem. — disse o trigésimo. — Sou só uma peça nesse jogo, uma peça importante, mas só mais um componente.

— Modesto. — rebateu Franjinha.

— Francis, dê as orientações para que Franjinha encontre Nova Luz. Passe com esse facho de luz por cima do maior número de fortificações que for possível. Os demais venham comigo. Temos que trazer aquele comboio pra cá.

— Milhares de vampiros! De uma só vez! Nem posso acreditar! — exclamou Vicente, com a voz debilitada e um extenso curativo arranjado por Francis.

Nivaldo abriu os olhos. Aquela claridade. Será que já tinha sido morto por aqueles monstros e nem tinha percebido? Será que aquela era a luz que todo mundo via quando atravessava o caminho? Sentou-se sobre os cacos de vidro do banco e olhou para fora. Baixou *I Believe in Miracles* enquanto examinava a paisagem dantesca. Carvões em brasa estavam deitados na estrada, formando uma massa de centenas de metros à frente. As mesmas brasas entravam floresta adentro, onde via inúmeros focos de incêndio. A noite havia virado dia antes da hora. Um calor intenso começava a subir. Voltou o dedo no volume e colocou a música no máximo novamente. Nivaldo abriu a porta e desceu. Encontrou Sérgio parado no centro de um amontoado de brasas. Provavelmente, não conseguiria sair dali sozinho. Olhou para a estrada. O comboio de quase quarenta caminhões serpenteava pelo asfalto, um atrás do outro. De alguns deles desciam soldados, mostrando que haviam, dadas as proporções do ataque, bastante sobreviventes.

Nivaldo aproximou-se o máximo que conseguiu de Sérgio, trocando um olhar demorado junto com um sorriso.

A luz do sol foi diminuindo de intensidade e os homens assistiram um portentoso e magnífico facho de luz andar pela floresta, descendo a sudeste, afastando-se do comboio. Uma luminosidade vermelha vinda das brasas ao chão e do fogo da floresta refulgia nas laterais dos caminhões, iluminando o rosto e a expressão surpresa dos sobreviventes. Estavam, inexplicavelmente, salvos.

Capítulo 54

Adriano e Sinatra estavam no muro de Nova Luz. Bendito Lucas! Graças ao aviso do bento tinham chegado a tempo para salvar a vila da destruição pelos vampiros. Adriano, com a habilidade de seu grupo de soldados, havia feito as feras recuarem sem que a vida de um cidadão fosse perdida. A briga tinha sido feroz. Sinatra perdera dois dedos da mão esquerda, ficando sem o mínimo e o anular. Ao lado dele Adriano, vigiando o muro, encontrava-se com a mão ferida enfaixada até o punho. O rojão de três tiros tinha sido disparado e os soldados da fortificação estavam de prontidão. Não sabiam até quando aquele inferno iria durar. Desde a noite do ataque fracassado os vampiros voltavam. Fazia oito noites que haviam chegado até a floresta, até perto dos muros, uma vez que Nova Luz não contava com um areião cercando a cidade. Nas últimas noites, a feras faziam apenas vigia a Nova Luz, como aguardando por um instante de fraqueza. Os soldados viam os demônios saltando para os galhos mais altos, com as brasas vermelhas flutuando fantasmagoricamente. Pareciam provocar surgindo nas árvores, querendo que os soldados deixassem os muros e corressem na mata em seu encalço. Queriam que os humanos passassem ao seu hábitat onde seriam dilacerados facilmente. Adriano sabia que era isso que queriam. Estavam pressionando, plantando terror. Mas, o experiente soldado jamais deixaria que seus homens saíssem dos muros. Jogariam o jogo. Não arredariam o pé.

Dentro da vila, dentro das casas, as pessoas estavam apegadas a imagens e velas, fazendo orações e rezas, desejando que aqueles demônios da noite afastassem-se e os deixassem em paz. Mas, esse desejo parecia impossível de ser alcançado, uma vez que os noturnos voltavam crepúsculo após crepúsculo nos últimos dias, esperando uma oportunidade para vazar os muros e atacar os habitantes da pequena Nova Luz.



Bem longe de Nova Luz, dentro dos muros de São Vítor, o alarme de segurança soava no Hospital Geral. Soldados corriam pelos corredores do imenso hospital, trazendo doutora Ana. A médica entrou na pequena cela de triagem de azulejos brancos até o teto. Levou a mão ao peito, assustada com a cena. O grande espelho junto à parede dos fundos fora feito em pedaços. O médico que ficava atrás, na sala de observação dos novos pacientes, estava caído num canto, com um pano na cabeça, protegendo um corte, e com um preocupante fio de sangue seco do lado esquerdo da cabeça. O trilho vermelho descia até o queixo.

Os soldados estavam duplamente agitados. Além do alarme dentro do hospital, há instantes, quase simultaneamente, um rojão de três tiros havia sido disparado, colocando São Vítor em alerta. Vampiros dançavam nas árvores além do areião, preparando novo ataque ao HGSV

Ana pediu ajuda a um dos soldados e saltou através do vidro quebrado da cela para a sala de observação. Saltou os inúmeros cacos de vidro e aproximou-se do colega para acudi-lo. Ana acocorou-se junto ao amigo e levou a mão ao lenço, que ele mantinha na testa.

— Não é nada. Ai. — gemeu o homem, afastando-se da mão da médica.

— Deixa eu ver. Se precisar de sutura...

— Só está dolorido. Já parou de sangrar. Não precisa costurar nada.

Ana tirou o lenço. Tinha sido um corte comprido. Um caco de vidro teria passado por ali.

— Os três enlouqueceram. Ainda estavam sonolentos, por isso tinham três numa sala só.

— Eles que fizeram isso com você?

— É. Eles piraram. Foi logo depois do rojão. Mas eles nem sabem o que isso significa. Foi um negócio que eu nunca vi. Os olhos dos três ficaram amarelos. Pareciam tomados por alguma coisa do mal.

— Amarelos... — balbuciou a médica.

—É. Amarelos... parecendo um fogo. Dá medo. Mais estranho que daqueles capetas da escuridão.

— Eles vieram pra cima de você? Eles que te cortaram?

— Não. Esse corte foi mais um acidente do que qualquer coisa. A culpa é deles, mas não foi de propósito. Ai. Tá ardendo.

Ana deu a mão para que o homem levantasse.

— Vamos lavar isso aí e colocar um curativo.

— Eles piraram, Ana. Começaram a bater contra a porta, depois vieram contra o vidro. Essa merda é blindada, porra! Como é que conseguiram?

— Não sei. O Chen vai investigar. Vou falar com Amaro também.

— Eles devem estar dentro do hospital. Peça para o Chen verificar as câmeras do subsolo.

Amaro estava postado no muro sul. Pediu que os *snipers* ficassem preparados. Caso aquele grupo de noturnos fosse para cima das torres de vigia, queria os coitados salvos. Hoje não contariam com a valiosa ajuda de Lucas para que os escalados nas torres saíssem com vida daquele enrosco.

Társio postou-se na ponto 50, a cinta de munição pendia pela lateral da metralhadora. Via centenas de malditos infestando a beira da mata com seus olhos espectrais. Boa parte deles cairia quando comesse a disparar a deita-corno.

Flávio permanecera dentro do quartel de São Vitor. Era sua função cuidar das armas e munição dentro do regimento. Sempre que o rojão de três tiros era disparado, começava o corre-corre. Soldados chegavam ao seu balcão e apanhavam fuzis e escopetas, carabinas e pistolas. Tinha também que providenciar munição, percorrendo os muros com uma pickup Ranger, levando balas e municiações onde o bicho estivesse pegando com mais força.

Mesmo acostumado ao corre-corre dessas horas, assustou-se quando aqueles três entraram. Estavam nus, vá lá, isso já seria motivo para espanto, mas o mais bizarro eram aqueles olhos soltando um brilho amarelo. Levou a mão à coronha da pistola. Antes que tirasse a arma do coldre, um deles saltou com velocidade incrível, passando por cima do balcão. O segundo agarrou seu punho quando erguia a arma. A pegada era firme e não teve como apontar a pistola na direção do agressor.

— Acalme-se, soldado. Disseram que aqui encontraremos nossas armas.

— Larga meu braço.

O terceiro homem de olhos espectrais também saltou o balcão.

Flávio encarou os olhos daquele homem. Uma onda invadia sua cabeça. Uma sensação de que não corria perigo. Uma coisa estranha. Talvez porque tivesse ouvido que os olhos do trigésimo bento tinham ficado daquela cor na noite em que matara trezentos e sessenta vampiros num combate só.

O invasor de olhos amarelos tirou a pistola do soldado e um canivete de sua cintura, jogando-os no chão.

O primeiro daqueles estranhos passou os olhos na parede atrás do balcão. Metralhadoras, revólveres, rifles e mais uma vasta variedade de armas penduradas na parede.

— Não é isso que eu quero.

Flávio levantou-se da banquetta. O homem que agarrava seu punho afrouxou e passou por cima do balcão, juntando-se a todos do lado de dentro.

Flávio andou devagar, de costas, aproximando-se de um armário de madeira preso à parede bem ao lado das armas de fogo. Era estreito e alto, ficando a meio metro do chão. O homem, tremendo, levou a mão ao bolso, vagarosamente, evitando qualquer movimento brusco. Tirou um molho de chaves e levou ao cadeado que fechava a corrente. A corrente caiu no chão, fazendo um ruído cadenciado. Flávio abriu as duas folhas de madeira revelando o interior.

Os três homens de olhos amarelos abriram um sorriso, ficando de frente para o armário, olhando para as quatro espadas longas e prateadas.



Sinatra ouviu um barulho. Um som estranho. Tinha algo diferente na mata. Era algo muito sutil. Os vampiros continuavam empoleirados nas árvores, aproximando-se cada vez mais dos muros. O soldado olhou para a direita, mirando o horizonte. Deu dois passos para frente, como hipnotizado. Hipnotizado por um facho de luz. Ficou por dez segundos bestificado. Aquilo, fosse o que fosse, estava se movendo. Estava vindo em direção a Nova Luz.

Sinatra voltou para o lado de Adriano, apontou e bateu levemente no ombro do amigo. Adriano demorou para tirar os olhos dos vampiros. Quando virou-se para Sinatra, assustou-se. Estavam por volta de uma hora da manhã, demoraria até o amanhecer.

O facho de luz deveria ter quilômetros de extensão. Movia-se suavemente, descendo do céu negro feito um véu de luz. Lembrava aquelas belíssimas faixas de raios de sol que escapavam das nuvens pesadas quando os dias nublados começavam a mudar de aspecto.

O raio de luz continuou vindo certo. A mata começou a ganhar cor e os malditos agitaram-se, pegos de surpresa. Não houve tempo de fuga. A luz passou pela floresta, chegando aos muros, transformando a noite de Nova Luz em dia.

As criaturas começaram a saltar das árvores, pulando para os galhos mais baixos, buscando desesperadamente por abrigos à luz repentina. Seus corpos começaram a fumer e a pele a escurecer de forma assombrosa. Logo, a grande maioria tinha sido reduzida a estátuas esturricadas donde escapavam labaredas vermelhas. Um incêndio instantâneo principiou-se tomando arbustos e copas de árvores.

Adriano e Sinatra levaram as mãos aos olhos, protegendo-os da claridade excessiva. A noite de fria passou a dia de calor escaldante.

As pessoas assustaram-se quando perceberam tanta luz invadindo as frestas, portas e janelas em seus esconderijos escuros. A luminosidade foi ganhando intensidade numa velocidade impressionante. Não entendiam o que estava acontecendo. As pessoas mais corajosas abriram as portas e olharam para fora. O céu estava azul-celeste e o sol brilhava no meio da madrugada. Muitos que estavam dentro de casa começaram a sentir um mal-estar repentino, talvez causado pela mudança abrupta de temperatura e luminosidade.

Tão rápido quanto veio, o facho de luz passou por cima de Nova Luz e seguiu caminho, voltando para a floresta, rumando e desaparecendo no horizonte.

Em segundos, a escuridão da noite voltou e a temperatura caiu devolvendo o frescor que seria natural naquela hora da madrugada.

Paraná, que tinha cruzado o pequeno povoado correndo, chegou arfante ao muro de Adriano.

— O que foi isso?

Os soldados reuniram-se ao lado do líder. Adriano demorou-se olhando nos olhos de cada um. Sinatra, com a mão ferida, mantinha-a erguida, apoiada na testa, como se sentisse algum tipo de tontura. Joel e Marcel olhavam estáticos e estupefatos para a floresta à frente. Raul e Zacarias também admiravam o terreno na frente de Nova Luz. Agora, as brasas vermelhas vinham do fogo real, não de olhos endemoniados. Eram os restos fumegantes e incinerados dos vampiros que há tantas noites assombravam Nova Luz. Tinham sido pegos pelo sol.

— Isso foi um milagre... — balbuciou Adriano.

— Ele conseguiu! — berrou Paraná. — Ele juntou os trinta bentos!

— É... — balbuciou novamente Adriano, mirando longamente o horizonte.



Amaro engatilhou o fuzil quando o rojão de seis tiros estourou.

Társio empunhou a ponto 50 apontando para a coluna de olhos vermelhos. Mais dois segundos e os primeiros malditos estariam na sua mira.

Os *snipers* foram os primeiros a disparar. Todo vampiro que se aproximava da torre um era abatido pelos atiradores de precisão.

Amaro assustou-se quando o primeiro vulto saltou à sua direita. Não era um vampiro. Era um maluco que pulava de dentro para fora da fortificação. Antes que pudesse entender o que estava acontecendo, mais dois passaram, um de cada lado. Amaro achou que teria de acudir aqueles malucos, achando que quebrariam as pernas após voar doze metros até o areião. Ao contrário do que esperava, assistiu aqueles três homens nus, carregando espadas, correrem feito loucos de encontro a onda de vampiros que se aproximava.

Chen encontrou-se com a Dra. Ana. O líder dos soldados estava apressado. Não gostava de afastar-se dos muros, ainda mais num momento de ataque igual ao que viviam. Antes de entrar na sala da enfermaria, onde a médica cuidava do corte do colega, chamou dois soldados. Ordenou que fossem para o topo do hospital e que um deles tomasse o posto da deita-corno. Os vampiros não deveriam aproximar-se do HGSV

Assim que entrou a doutora, perguntou:

— Onde estão?

— Eles não estão no prédio. Escaparam do hospital.

— Como assim? Vocês tem soldados em todas as portas do HGSV! — exclamou a mulher.

— Primeiro eu queria saber como é que eles deixaram a cela? — perguntou o líder de traços orientais.

— Eles acordaram meia-noite, mais ou menos. — começou a explicar o médico ferido. — Não fazia nem cinco minutos que estavam na cela. É difícil acordar três pessoas de uma só vez. Pedi que os colocassem naquela cela e que ficassem nas macas, não foi nem cinco minutos. Tudo muito rápido. Impossível de acontecer. Assim que estourou o rojão de três tiros, eles abriram os olhos, com aquela luz amarela de dar medo.

— Luz amarela? — interrompeu Chen.

— É. Já falei para Ana. Era estranho. Mais esquisito foi que começaram a bater contra a porta e depois usaram uma maca como ariete contra o vidro, daí deu no que deu. — disse, apontando para o curativo na testa.

— Luz amarela? — repetiu a pergunta o soldado.

— É. — disse Ana, olhando para Chen.

— Você está pensando o mesmo que eu estou pensando? Ana continuou olhando para Chen.

— Eu sei o que você está pensando. — disse a mulher. — Está lembrando da história de Lucas em seu primeiro ataque. Dos olhos amarelos que todo mundo falou.

— É.

— Mas se recuperarem do sono e se revelarem tão rápido... — murmurou o médico machucado.

— Só se...

— Só se for um milagre. — completou Chen.

Os três bentos recém-despertos trombaram com a onda de vampiros. Estavam possuídos e enlouquecidos por aquele cheiro que invadia suas narinas desde que acordaram. Não sabiam quem eram, onde estavam, nem como tinham ido parar ali. Só sabiam uma coisa. Que tinham que ter uma espada na mão. Que tinham que acabar com aquelas criaturas. Era para isso que estavam ali. Matar vampiros.

O bento mais alto, extremamente magro por causa da prolongada inanição e inatividade, foi o primeiro a afundar a espada no peito de uma das feras. Os vampiros movimentavam-se com velocidade sobrenatural, mas os olhos amarelos do guerreiro conseguiam adivinhar seus movimentos, fazendo sua espada descrever caminhos certos, ora bloqueando os ataques das feras, ora amputando pedaços dos demônios.

O segundo guerreiro era o mais baixo dos três e o mais rápido, de velocidade quase igual à dos malditos.

O terceiro tinha uma extensa cicatriz bem no meio do peito, provavelmente sofrera de problemas cardíacos antes da Noite Maldita tendo precisado de interferência cirúrgica. Estava espantado com o céu amarelo, mas sua irritação com a presença das feras não dava tempo para a contemplação. Queria que o fio da espada espedaçasse os malditos fedorentos a sua frente. Queria reduzi-los a carne moída.

Os vampiros, percebendo os três guerreiros com espada, desviaram o caminho, esquecendo-se temporariamente dos muros de São Vitor amontoando-se ao redor dos humanos. Iriam pagar por entrar em seu caminho.

O bento mais alto mutilou cinco vampiros em cinco segundos. Não havia tempo para pensamento. Havia só vontade e ação. A espada entrava numa criatura e a lâmina afiada logo procurava outra. Os inimigos estavam em gigantesca vantagem, não existindo descanso de um golpe para o seguinte.

O mais baixo continuava o mais veloz. Os vampiros embolavam-se ao redor de seu corpo, chegando a subir um em cima do outro na tentativa vã de deitar as garras no guerreiro. No entanto, o bento parecia uma máquina elétrica ativada em sua potência máxima, um liquidificador de vampiros, girando a lâmina sem descanso, esgueirando-se, pulando sobre a carne pálida e fazendo pedaços de vampiro voarem para cima, num balé acelerado e incessante.

O bento de cicatriz no peito não economizava movimentos. Enquanto a espada descia, dividindo ao meio um dos malditos, sua mão limpa agarrava outro pela garganta para que não escapasse e fosse o próximo a ser fatiado. Atravessava mais um com a espada quando sentiu os dentes pontiagudos de uma das feras cravando nas suas costas numa tentativa desesperada de cessar o ataque do humano.

O bento baixinho viu o parceiro em apuros e passou a espada à frente três vezes seguidas. Deu as costas para trucidar outro vampiro sem ter tempo de ver o resultado de seu socorro.

O bento de cicatriz girou o corpo e viu o vampiro cair de suas costas dividido em três pedaços que fumegavam acusando o ferimento da prata.

Do muro, Amaro assistia boquiaberto a massa de vampiros aproximando-se dos três malucos. Os vampiros tentavam detê-los, mas eram incrivelmente feitos em pedaços. O bolo andava, acompanhando os guerreiros, sem que conseguisse fazê-los parar. O som de Târsio, ativando mais uma vez a ponto 50, trouxe-o de volta à realidade. Tinha que ajudar o trio de bentos. Era isso. Eram guerreiros bentos recém-acordados. Normalmente, logo após a triagem, aqueles guerreiros seriam visitados pelo alfaiate Paulo e só então apresentados à soldadesca. Mas não era hora para apresentações nem formalidades. Manteve o seletor em tiro único e puxou

o gatilho derrubando outro vampiro. Com aqueles três rodopiando com as espadas no meio do areião, aqueles noturnos jamais alcançariam os muros de São Vítor.

Capítulo 55

Lucas, com um sorriso radiante, sentou-se ao lado da Dra. Ana. Depois de tanto tempo de jornada era bom trocar os pares de olhos vermelhos por aquele adorável par de olhos verdes. O sorriso da médica que lhe devolvera o nome dava-lhe mais frio na barriga que qualquer vampiro ou gorila surgido das sombras poderia lhe dar. Ao revê-la, assim que adentrou São Vítor, descobriu que estava apaixonado por Ana. E, para sua sorte, a médica mostrou-se bastante receptiva a seus cortejos.

A chegada dos bentos foi uma festa como nunca vista em São Vítor.

Adriano, sua esposa e seus soldados de Nova Luz tinham chegado uma noite antes.

Desde a noite dos milagres, mensageiros haviam sido enviados a todas as fortificações possíveis, espalhando a boa nova. Os enviados levavam mensagens que explicavam a nova situação. Que todas as fortificações deveriam contar com, ao menos, um rádio receptor-transmissor para permanecerem ligados ao novo Conselho de Segurança. Turnos deveriam ser estabelecidos e códigos seriam criados. A principal função do rádio de cada vila seria ouvir sobre os perigos e sobre as ações do Conselho para agirem em conjunto na luta contra os vampiros e promoverem sua total aniquilação. Deveriam também clamar por socorro imediato quando grandes hordas de noturnos se apresentassem a seus muros, para que fossem logo liquidados com o auxílio da arma mais poderosa na mão dos guerreiros humanos, o projeto TUPÃ. Graças ao rádio e a atividade de TUPÃ, muitos covis estavam sendo invadidos em plena madrugada. A volta da operação do rádio trouxera maravilhas para a organização e a luta contra os vampiros. Tinham agora de volta a utilidade de armas teleguiadas, bombas ativadas a distância, via radiofrequência. Podiam, em grandiosas ações coordenadas pelos soldados, invadir covis e plantar toda sorte de explosivos radioativados e detoná-los só depois de terem deixado o terreno inimigo. Conseguiram transmitir som e imagem e manter as vilas em conexão. As idéias não paravam de surgir e vencer os noturnos seria questão de tempo, pouco tempo. Além do milagre de TUPÃ e do rádio ressurgir nas regras da física outro milagre ajudava de forma inacreditável. A partir da Noite dos Milagres em diante, todo ser humano adormecido que despertava vinha como um bento. Mais que isso. Despertava como o trigésimo bento, com direito a seus olhos amarelos brilhantes e sua majestosa habilidade no campo de batalhas. Daquela noite em diante toda e qualquer fortificação poderia contar com um guerreiro bento dentro seus muros e o número de bentos recém-despertos não parava de aumentar.

E para festejar tantas coisas boas, após tantos anos de sofrimento, os protagonistas da grande aventura pré-Noite dos Milagres combinaram de se juntar em São Vítor. A cidade fora alegremente decorada com bandeirolas e a população esforçou-se com grande entusiasmo em

suprir todas as necessidades para celebração de tamanha importância. Caça, frutas e doces foram preparados. A capacidade de fornecimento de energia foi redobrada de forma emergencial e liberada para que refrigeradores fossem abastecidos e conservassem todo aquele alimento.

As alegrias não paravam de chegar. Bento Ulisses havia comentado com Lucas que Franjinha, do Centro de Lançamento da Barreira do Inferno, tinha conseguido fazer contato via rádio com cidades da Argentina, Itália, Rússia, Ucrânia, Egito, Índia, Estados Unidos e Japão. Que recebera notícias de guerreiros bentos despertando nos quatro cantos do mundo, trazendo mais esperança para todos os povos da Terra. Que Franjinha espalhara para todas as nações a incrível história que se desenrolara em nossas terras. Dissera também que as velhas tecnologias, dependentes da radiofrequência, nos mais diversos campos de utilidade, iriam aos poucos restabelecerem-se.

Zacarias surgiu no meio do palco de arena montado especialmente para o espetáculo. Pediu silêncio a todos e avisou que em menos de cinco minutos o grande show de celebração iria começar.

Todos ficaram em silêncio, olhando ansiosos para as gigantescas caixas-acústicas instaladas no centro do palco, que faziam o já baixinho Zacarias parecer menor ainda. Lucas trocou um olhar mais demorado com Dra. Ana. O olhar prolongou-se e emendou num delicioso e apaixonado beijo. Permaneceram beijando-se, sem se preocupar em sintonizar seus radinhos de pilha na estação combinada. Todos ao redor faziam isso. A chiadeira da frequência desapareceu. Estavam na estação certa. Depois de trinta anos, aquele momento entraria para a história como a primeira transmissão de rádio AM pós-Noite Maldita, pós-Noite dos Milagres, D.L. (como alguns insistiam em brincar com bento Lucas). Franjinha tinha colocado seus neurônios pra funcionar e ajustou o equipamento da Barreira do Inferno para que tudo fosse retransmitido via satélite para todo o globo terrestre. Tinha usado seus contatos via rádio para estabelecer um horário e frequência para a transmissão.

Sinatra estava nervoso. Ansiara tanto por aquilo em sua vida que parecia inacreditável que finalmente estivesse acontecendo. Apesar de estar conseguindo manter a garganta azeitada, não podia evitar o suadouro nas mãos, que chegava a gotejar. Puxou a gola da camiseta e ficou de olho na luz do estúdio. Olhou para Amaro através do vidro, que operava o equipamento da sala ao lado, uma das antigas celas do HGSV. Uma luz verde acendeu destacando o letreiro: NO AR. Sinatra ouviu o *playback* que faria o fundo musical entoar os primeiros acordes da música escolhida.

Maria Alice, sentada de mãos dadas, ao lado da jovem Eloísa, de que cuidava como uma filha desde daquela terrível noite em Santa Rita, sentiu os pêlos do corpo eriçarem quando a música começou a tocar.

Franjinha, sozinho na imensa sala de controle da Barreira do Inferno, reclinou a cadeira confortável e fechou os olhos para ouvir a canção em sua plenitude.

Lúcio, que estivera dois dias antes numa fortificação em busca de comida e descanso para prosseguir sua jornada, arrastando aquele caixão vedado à luz, rumando para o norte, tinha escutado sobre a histórica transmissão que seria feita naquela tarde. Tinha conseguido um pequeno rádio de pilha. As baterias eram do tipo recarregáveis e tinha reservado sua preciosa carga para ouvir clandestinamente aquela festa. Quando os chiados pararam e o silêncio absoluto tomou a transmissão Lúcio dirigiu-se para baixo de uma frondosa árvore e parou de puxar o caixão de madeira. Sentou-se na tampa do compartimento, abaixando o volume e levando o alto-falante a seu ouvido. Uma melodia gostosa começou, fazendo os pêlos de seu braço arrepiarem-se. Era sua música favorita.

Sinatra levou as mãos aos ouvidos e pigarreou suavemente, só então aproximando-se do microfone. Inspirou fundo, tomando fôlego:

— Essa aqui vai especialmente para os caras com quem eu cavaleguei esse chão todo, para os soldados e para os caras de armadura no peito. É minha favorita, do Roberto e Erasmo.

O cantor pigarreou novamente. A introdução rolou e a voz aveludada de Sinatra entrou pelo microfone e subiu ao espaço voltando ao planeta, escapando pelos alto-falantes de todo rádio conectado à estação via satélite providenciada por Marco Franjinha.

— *Você, meu amigo de fé, meu irmão camarada. Amigo de tantos caminhos e tantas jornadas. Cabeça de homem, mas o coração de um menino. Aquele que está do meu lado em qualquer caminhada...*

A platéia instalada na praça e nas arquibancadas montadas ao redor das caixas acústicas de São Vitor explodiram de felicidade. A voz de Sinatra chegava linda e gostosa. Bento Duque apertou os olhos emocionado enquanto Sinatra entrava na segunda estrofe.

— *Me lembro de todas as lutas, meu bom companheiro. Você tantas vezes provou que é um grande guerreiro...*

Lucas ainda estava no meio do beijo com Ana quando a melodia chegou aos ouvidos. Sentiu a mulher apertando-o mais forte.

A platéia transformou-se num numeroso coral, acompanhando Sinatra. Nada mais justo que depois de tantos anos o cantor escolhesse uma das composições mais famosas do Rei Roberto Carlos.

Ao final da interpretação a platéia-coro explodiu em vivas. Sinatra emendou outra melodia, agora atacando com *Grand' Hotel*, do Kid Abelha.

Adriano desceu da arquibancada, abraçado com a esposa Carina. Começaram a caminhar por uma das vielas de São Vitor. Joel e sua jovem namorada acompanharam o líder de Nova Luz.

Solange, a esposa do líder Chen, também pediu para descer. Não se sentia bem. Talvez o calor. Pediu que o marido a acompanhasse.

O jovem negro de Nova Luz puxou conversa com Adriano.

— Olha, Adriano, eu achei essa história toda muito louca.

— Quem não ia achar?

— Só tem uma coisa martelando na minha cabeça.

— O quê? — perguntou Adriano, parando e tirando um cigarro do bolso.

Joel sacou um isqueiro e estendeu o fogo para o líder de Nova Luz. Adriano deu uma tragada longa enquanto o rapaz explicava.

— Desde sempre a gente escuta essa profecia. Sempre disseram que quando os bentos se juntassem seríamos presenteados com quatro milagres. Adriano expeliu uma coluna de fumaça. Carina começou a tossir e a abanar a fumaça diante do nariz, fazendo cara de desgosto e saiu, puxando a namorada de Joel pelo braço.

— O que foi? — perguntou a amiga.

Carina olhou para os lados e afastou-se ainda mais, indo para trás de uma das casas da viela. Passou a mão na testa, suando frio.

— É esse cigarro do Adriano. Odeio esse cheiro de fumaça. Ele usa um fumo muito forte, mas nos últimos dias está pior ainda. Às vezes, só de lembrar já me embrulha o estômago.

— Sêrio? — espantou a garota, era difícil ver gente passando mal. Afastados das mulheres, os homens prosseguiram com Joel expondo sua dúvida.

— Se a gente for contar, teve o milagre do TUPÃ, o segundo podemos considerar esse lance das ondas de rádio voltarem a funcionar e o terceiro é essa parada de tudo que é nego que acorda já é bento e pronto. Acordou é bento. Quer dizer, eu contei três milagres até aqui.

Adriano deu outra tragada longa no cigarro.

— O que você acha? E o bendito quarto milagre? Quando vai acontecer?

Adriano meneou a cabeça negativamente.

— Sei lá, Joel. Todos os milagres aconteceram ao mesmo tempo. Só demoramos um pouco para perceber cada um.

— E o que isso quer dizer?

— Quer dizer que o quarto milagre já está aí. Pelo menos é o que eu acho. Uma hora cai a ficha e a gente se liga.

— Tipo, você quer dizer que o quarto milagre já rolou e a gente é que não se ligou.

— Isso mesmo.

Joel ficou olhando para Adriano sem dizer nada. O líder de Nova Luz tragou mais uma vez e soltou outra baforada.

— Que história louca do cacete! — exclamou o rapaz, indignado.

A poucos metros dos homens, Carina dobrou o abdome numa contração involuntária. Foi tão repentino e forte que acabou caindo de joelho no chão de terra atrás da casa. Abriu a boca e pôs todo almoço pra fora.

Dani, a namorada de Joel tentou acudi-la, espantada. Desde que despertara nunca tinha visto alguém passando mal, que dizer de alguém vomitando, pondo as tripas para fora! Estava apavorada. Quando a mulher abaixou-se e soltou o segundo jato, correu para a viela e chamou os rapazes.

Carina disse um palavrão e limpou a boca com as costas da mão. Que merda era aquela? Por que estava sentindo-se daquele jeito? Não existiam doenças, mas no entanto seu estômago estava péssimo há dias, revirando com qualquer cheiro forte. Seus seios estavam doloridos, parecendo desenvolver algum problema interno. Estava apavorada. Não podia estar doente? O que seria? Para aumentar sua preocupação, quando ergueu os olhos, notou que não era a única vítima do estranho fenômeno. A três quadras dali via Solange, apoiada em Chen, também vomitando tudo que tinha comido. Algo estranho acontecia com as mulheres dentro dos muros de Nova Luz.

Adriano alcançou a mulher e arregalou os olhos.

— Vamos levá-la ao Hospital Geral!

Ampararam Carina e caminharam os poucos quarteirões que separavam a viela onde estavam do HGSV. Assim que entraram no saguão da recepção notaram algo diferente acontecendo. Há trinta anos não existiam filas naquele pronto-socorro. Ao menos cinquenta mulheres, acompanhadas de seus homens, eram sentadas e atendidas rapidamente por uma turma de médicos e enfermeiros despreparados. Os sintomas eram os mesmos. Fraqueza, dores nos seios, ânsias e crises de vômito. Não sabiam ainda, mas estavam todas grávidas.

FIM

Fale com André Vianco: andrevianco@bol.com.br visite: www.andrevianco.com